

leYa

Dragões de Eter

CORAÇÕES DE NEVE

Raphael Dracoon

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LeYa

Dragões de Eter

CORAÇÕES DE NEVE

Raphael Draccon

DRAGÕES DE

ÉTER 02

Corações de Neve

4a reimpressão

LeYa

2009

Para José Mário (in memoriam), porque este é o momento em

que o pai se torna o filho, e o filho se torna o pai.

PRÓLOGO

00

Adam Bell caminhou até aquele local com os olhos vendados.

Estava com os pés descalços, e sem uma camisa que lhe cobrisse o peito. O corpo se mostrava marcado com cicatrizes; a saúde, em extrema debilitação. Cada passo que dava naquele dia era tão difícil, mas tão difícil, que parecia exigir toda a força do mundo na manifestação. Talvez porque exigisse.

Talvez porque a culpa faça com que os passos de um homem se tornem mais pesados. E faça com que o fardo de sua existência se torne um fato angustiante demais para a alma e pesada para o coração.

Não importa; a questão a ser observada no caso de Adam era que - fosse qual fosse o motivo das pesadas passadas daquele homem - aqueles eram seus últimos passos.

Porque Adam Bell iria morrer.

Ao redor de onde ele caminhava, escutavam-se gritos.

Barulho de gente; algazarra de multidão. Eram esses os sons que ditavam o mundo, e os passos, e os corações, naquela praça de Mehorlis, capital do Reino de Stallia. Era assim que o povo stalliano encarava o fato de ver um prisioneiro condenado caminhar de olhos vendados para a execução pública, onde seria morta a vida e os ideais que coabitavam o mesmo corpo. Talvez alguém sentisse pena daquela condição, mas é difícil achar quem tivesse pena de um criminoso. Por

isso, a euforia daquele povo naquele dia, vibrava dentro de cada um o desejo por uma justiça que não teria condições psicológicas de discernir se era justa o suficiente, ou não. Pois cada passo que um homem dá em direção a uma morte não natural é um aviso à humanidade em que ele está inserido que toda ela falhou em algum ponto.

E, enquanto ele respirar, sempre, sempre parecerá ainda haver a esperança de que essa falha poderá ser enfim corrigida ou entendida.

Ou que ela não será consertada jamais.

Adam ouviu a marcha de seus executores. Ele tinha medo, como todo homem, mesmo o que não demonstra, tem diante do fato. Mas, com a venda nos olhos, e tendo apenas seus pensamentos para imaginar o futuro incerto - por mais difícil que possa parecer -, ele ouvia uma música em seus ouvidos. Era uma música lírica; poética; tranquila. Talvez a música perfeita para uma pessoa realizar uma boa passagem, se alguém um dia já houver tido a intenção - ou a pretensão - de criar uma música assim.

O sol, detrás de nuvens de tom cinza, estava se pondo ao fundo, e tochas estavam sendo acesas. Tambores começaram a tocar, e se tambores foram levados àquele local, dá para se ter ideia de que aquilo era tratado como *um pouco mais* do que uma simples execução.

Ele subiu degraus de madeira, e caminhou no que parecia um

andar elevado. Escutava a multidão *ainda* mais próxima.

Escutava-a de frente. Sentiu alguém atrás de si segurar o nó de pano que lhe cobria os olhos para destapar-lhe a visão. E o nó foi desfeito. E a venda foi retirada.

E Adam viu.

À frente dele, havia uma multidão de plebeus ansiosos.

Alguns gritavam xingamentos; alguns faziam sinais obscenos; alguns permaneciam em silêncio como legítimos comparsas de Beanshee, o arauto da morte em forma de uma mulher maltrapilha. O condenado estava em cima de um palanque, amarrado com as mãos para trás. Um vento frio, carregado de poeira, soprou e encheu sua vista. Ele gostaria de limpar seu rosto, mas obviamente as mãos unidas não deixaram, e os olhos lacrimejaram. Havia lutado por aquelas pessoas reunidas, mas parecia que todas elas haviam se esquecido disso. Ou talvez jamais houvessem sabido.

Os olhos de Adam continuaram lacrimejando. Nuvens escuras anunciavam um presságio igualmente sombrio. Logo, havia pouca luz do sol naquele momento.

Aliás, havia pouca luz de qualquer natureza naquele momento.

- Adam Bell, você foi julgado e considerado culpado por um tribunal de sábios e justos magistrados, que o julgaram e condenaram à pena de morte em praça pública. Seus crimes incluem crimes contra a monarquia, conspiração, incitação à

rebelião, roubos de posses de *sangue superior*, escárnio de

sangue superior,

assassinato de

sangue superior,

vagabundagem, posse de armas não autorizadas, ataque a

soldados do Rei, assassinato de soldados do Rei, traição e

colaboração com criminosos foragidos. - Uma pausa. - Que

sua alma sofra em Aramis os anos de castigo que sua conduta

em vida impôs. - Quem estava dizendo o discurso era Charles

Daveiz, obeso Primeiro-Ministro de Stallia. - Como prega a

lei justa e honrada do código de Stallia, comandada e

outorgada pelo magnífico Rei Alonso Coração-de-Neve, você

tem direito, testemunhado e ratificado pelo povo dessa nação,

a dizer suas últimas palavras, se for de sua vontade.

E houve silêncio. Havia muito, muito do que Adam gostaria

de ter dito, mas pouca vontade em fazê-lo. Diante do silêncio

que o aguardava, contudo, ele ainda conseguiu dizer:

- Pendurem-me numa garrafa feito um gato... e atirem em

mim... e aquele que atirar em mim... deixem que receba

tapinhas nos ombros... e que o chamem... *Adam*.

Ao fundo, em sua mente, ainda escutava a música lírica que

ecoava apenas dentro de si. Sabia que aquelas pessoas haviam

esquecido pelo que ele lutara; e, se elas não sabiam, ou se

eram jovens demais para terem ouvido sua história, então não

havia nada que ele quisesse dizer. Talvez por isso ele tenha

abaixado a cabeça e escutado a ovação da multidão que veria seu sacrifício.

- Que a justiça seja feita - sentenciou o Primeiro-Ministro.

Dois soldados atrás dele o tiraram dali e o encaminharam até uma parede marcada por centenas de pontas de flechas. As nuvens bloquearam qualquer luz do céu e fizeram o ar noturno ficar carregado. As chamas das tochas refletiram sombras. E uma mulher de cabelos vermelhos e vestido desganhado caminhou pela multidão, na direção dos soldados que se armavam.

De onde estava, Adam viu a parede de homens uniformizados portando nas mãos um arco e uma flecha cada um.

Posicionaram-se testando suas setas nas cordas, esperando um comando. De longe pareciam dez, mas talvez fossem mais.

Ou menos. Qual a diferença em um momento como esse?

O povo que assistia estava posicionado de frente a Adam, e de costas para os arqueiros. Um primeiro comando foi dado, e os arcos se armaram apontando flechas afiadas na direção do condenado. Ele tentou observar o olhar de alguns dos soldados, mas, por mais curioso que fosse, ele só conseguia enxergar o olhar da mulher de vermelho. Ela olhava para ele com uma expressão triste.

E chorava por um dos lados da face.

Adam apertou os olhos cheios de poeira, que ainda lacrimejavam. Em algum lugar bem distante de sua mente,

soldados responderam a um segundo comando militar. Um comando de morte. As mãos dos arqueiros soltaram as flechas afiadas. Adam, no segundo que antecede o impacto, pôde jurar que viu as setas avançarem em sua direção a uma velocidade muito mais lenta do que deveriam ter. A música lírica em seu interior aumentou de volume. Um de seus olhos verteu uma lágrima, e ele descobriu que o lacrimejo não era por causa da poeira, ou ao menos não *apenas* por causa da poeira.

Porque ele também chorou por apenas um dos lados da face. O vento frio soprou de novo, e tocou cada pessoa naquela praça. O coração de cada uma delas sentiu a frieza. No céu escuro, não era possível ver estrelas.

Mas, se pudessem, elas saberiam que, naquela noite, a estrela de McKennitt brilhava mais forte por detrás da escuridão.

Ao longo de toda sua vida, Adam Bell acreditou que haveria esperança em consertar os erros da humanidade. Mas, naquela noite fria, no momento em que sua respiração foi interrompida por setas afiadas que lhe perfuraram o corpo, mais ainda por uma única que lhe perfurou o coração, a impressão que ele tinha era de que esses eternos erros não seriam entendidos nem consertados jamais.

Talvez, talvez um dia até seriam sim entendidos.

Mas consertados, jamais.

ATO I

Corações de Inverno

01

Ainda era *outono* naquela época. Essa palavra, *outono*, não simboliza apenas a época das colheitas; trata-se também de um termo que representa o período da vida em que uma pessoa se encaminha à velhice. Um termo que também poderia ser substituído por *ocaso*. Por acaso, *Ocaso* era o nome daquele continente onde um Rei, ainda longe do período nobre que traz a velhice ao ser humano, iria se consagrar em uma época de *outono*.

Em Nova Ether, no continente oeste, não existia Reino mais importante que *Arzallum*. Era o Reino-sede, a base, o Reino de Todos os Reinos. Seus Reis não eram apenas Reis de seus territórios, eram também os homens que decidiriam quaisquer questões que envolviam todos os outros. O Rei de *Arzallum* seria sempre também o Rei dos Reis. E, com base nessa informação, você poderá melhor entender por que naquele dia daquela tarde de *outono* todos os povos daquele continente, independentemente de onde estivessem, estavam orando a seu semideus *Criador* ou a seus semi-deuses preferidos e pedindo com toda a fé que iluminassem a consagração do novo monarca.

Porque diante das leis dos homens e abaixo das leis semi-divinas, *Arzallum* estava consagrando oficialmente seu novo Rei.

Branford. Sobrenome nascido plebeu, se sagrado nobre e iluminado pelo semi-divino. O primogênito se chamou Primo e virou mito: o Caçador, o Rei que liderou a *Caçada de Bruxas* em uma época em que as bruxas desafiaram as fadas. E os homens desafiaram as bruxas. Lançado ao trono nas graças do povo, Primo Branford hoje descansa com honras ao lado de sua Rainha-fada Terra Branford, com a certeza de que cometeu muitos erros - porque era humano - posto que acertou muitas vezes - porque era herói.

Primo Branford e sua Rainha deixaram na terra dos homens dois herdeiros. O caçula, e por isso ainda príncipe, se chamava Áxel, e era amado pela plebe. O segundo, o mais velho e herdeiro legítimo do trono de Arzallum, se chamava Anísio, e era amado pela nobreza.

Seu pai era amado por ambos.

Anísio sempre fora treinado para o grande momento.

Aprendera a falar como nobre, a montar cavalos, a se portar à mesa, a falar em público e manejar com perfeição uma lança, um escudo e uma espada, não necessariamente nessa ordem.

Aprendera bem matemática, geografia e história militar. Áxel também tivera lições, mas não seria Rei. Anísio seria; então, seu fardo, nesse caso, sempre fora maior. Ainda assim, e por mais tempo de treinamento árduo a que tivesse se dedicado com seriedade, quando se olhou naquele espelho e ajeitou pela quarta vez a base da capa vermelha que lhe pesava sobre

os ombros, o Rei por direito não se sentiu preparado.

De fato, qualquer súdito diria que ele estava. Fora treinado desde o nascimento; não haveria como não. Entretanto, Anísio esperava ainda que seu pai vivesse muito mais anos do que as folhas de um carvalho. Acreditava que o momento havia sido precipitado, mas fosse qual fosse a hora em que aquele momento se desse ele iria se sentir da mesma forma.

Fraquejava por não suportar, como deveria, a perda, mas ninguém jamais suportaria realmente, como deveria, a chegada da morte.

Observara-se mais uma vez no espelho, e desejou que ao menos a mãe estivesse presente. Não morriam fadas todos os dias, ainda mais escolhendo a morte em nome de outras vidas, como um dia foi a opção daquela Rainha. Entretanto, não é a história da nobre Rainha que iremos narrar, mas saiba que se hoje escrevemos Rainhas com erres maiúsculos é porque Terra Branford um dia andou sobre a terra dos homens, e por eles sacrificou muito mais que uma vida.

Anísio Branford então inspirou fundo, buscando a força encontrada apenas na magnificência. Não era o Maior de Todos os Reis. Mas era filho Dele. Pensava nisso quando viu no reflexo no espelho a porta do quarto se abrir.

E uma das princesas mais conhecidas do mundo entrar.

- Está na hora, amado - Branca Coração-de-Neve, a princesa prometida a Anísio Branford ainda no berço, entrou sorrindo

seu sorriso luminoso. Não era a mais bela das princesas, mas era única. Carisma. Branca era dotada do tipo de carisma que conquistava multidões e as fazia ter vontade de fazer coisas por ela que não fariam conscientemente.

- Ainda temo o momento, Branca. Acho que nunca vou me sentir preparado. - Uma expiração. Forte. - Mas sei qual o limite da obrigação.

- É muito bom realmente que saibas. - Uma pausa. - Deves isto a teu pai.

- Achas sem dúvida que sou uma boa escolha, não achas? - Anísio deixou a visão do próprio reflexo para conferir se a resposta viria dotada de veracidade.

- Sem falsa prosa, acho que és a melhor - afirmação sincera, que os olhos não conseguiriam esconder.

Anísio balançou a cabeça uma vez em positivo. Aquela mulher e seu irmão mais novo eram seu novo conceito de família, e em pouco tempo faria daquela princesa sua Rainha e, ao lado dela, governaria Arzallum do jeito mais sábio que julgasse.

- Sabes, Branca, lembrar da imagem de meu pai me trouxe à tona uma história que gostaria de contar a ti um dia.

- Hum... adoro histórias! Outro dia sonhei que contava mil e uma delas para não morrer nas mãos de um cruel senhor, acreditas?

- Mas que sonho estranho...

- Também achei. Mas e esta história que queres me contar? É de amor?

- Também. Mas, antes de tudo, é uma história de esperança. Uma história que nos reforça a ideia de que os injustiçados podem ludibriar a injustiça e enfrentar os injustos. Ela me reforça a ideia de que o que separa um nobre de um plebeu é apenas a roupa que veste. E as idéias que circulam em suas mentes.

Observou-se uma última vez no espelho. Os cabelos estavam cheios, a barba estava grossa no rosto. O fato é que estava parecido com seu pai; conferir isso lhe trazia força. E coragem. Branca entrelaçou seu braço no braço do novo Rei dos Reis, prestes a conferir sua consagração oficial. Anísio Branford a conduziu além daquelas portas do Grande Paço, com a certeza de que duas luzes o iluminavam em cada passo.

- Esta história que queres me contar tem a ver com algum grande príncipe, corajosos plebeus ou dragões alados?

- Não, ela não tem dragões alados.

- E corajosos plebeus?

- O grande príncipe deles.

02

Os salões do Grande Paço naquele dia estavam realmente agitados.

Muito mais do que serviçais em correria, ou que aias desesperadas com fios de fino linho desbotado de um precioso vestido nobre. Tratava-se na íntegra de verdadeira ansiedade, de uma egrégora de sensações universais oriunda de todo um povo. Afinal, aquele Paço havia visto um príncipe engatinhar; andar e cair; andar; falar; correr; até cavalgar.

E naquele dia, de repente, ele se consagraria Rei.

Já fazia algum tempo que Rei Primo Branford padecera em um ritual sombrio comandado por uma bruxa igualmente lúgubre, e embora Anísio já tivesse assumido as decisões de seu Reino nas semanas seguintes a cerimônia oficial de coroamento só estava acontecendo seis meses depois da fatalidade. Esse tempo mais extenso se dava para que todas as comitivas dos quinze Reinos em terras ocidentais, e tantos outros no céu ou no mar, pudessem se preparar e, cada um em seu tempo e em sua necessidade, melhor preparar as providências e os rumos de suas viagens até Arzallum.

Dessa forma, as primeiras comitivas a chegar foram as de Cálice e do Reino do Forte, o que era natural, já que se tratava dos Reinos mais próximos, comandados pelos Reis Segundo e Tércio Branford, irmãos do falecido Rei Primo.

Tércio Branford, naquele momento, estava em seus aposentos, pois sua viagem havia sido a mais cansativa. Já Segundo passeava com o sobrinho pelos corredores agitados do Grande Paço, aproveitando para tomar conhecimento do que tivesse de saber e projetar para o futuro o que pudesse ser antecipadamente vislumbrado.

- Como está Branca? - perguntou Rei Segundo, enquanto caminhavam.

- No início, chorou dias pela morte da mãe. Aliás, chorou tanto, mas tanto, que acreditei que morreria de pranto. A maçã do rosto perdeu as curvas, e a face chegou a ficar esquelética de tanta lágrima derramada.

- Temos de compreendê-la. Chorei menos, mas também chorei a morte de meu irmão, teu pai.

Anísio suspirou forte. E perguntou:

- É possível morrer através do pranto, sábio tio?

- Não. Mas é possível através da dor que vem com ele.

Rei Segundo não perguntava sobre a princesa Branca por acaso. Próximo de Arzallum também estava o Reino de Stallia, lar dos Coração-de-Neve, o que não deixava de ser, naquelas condições, uma incógnita e uma preocupação a mais.

Afinal, por mais que a princesa Branca fosse, em pouco tempo, sagrada Rainha de Arzallum, ninguém sabia mais o que esperar das relações entre os dois Reinos desde que a Rainha Rosaléa Coração-de-Neve havia sido assassinada nas

terras de Arzallum, no mesmo ritual de magia negra

envolvendo o herdeiro de James Gancho, Jamil Coração-de-Crocodilo e uma bruxa canibal que vitimara Primo Branford.

- Tu já estiveste com Alonso depois de... de... tu sabes... - a pergunta partiu do Rei Segundo. Ambos estavam observando a agitação do palácio de uma das muitas sacadas do Grande Paço.

- Ainda não. - Uma pausa, posta pelo desconforto. - Tu achas que pode não haver volta, meu tio?

- Anísio... acredito que Alonso tenha capacidade suficiente para entender que não foi culpa da guarda deste Reino sua Rainha ter padecido nestas terras.

- Não sei se um Coração-de-Neve pode ter tal capacidade de julgamento em tais condições...

- Tua dama já deu pista do contrário? - a pergunta era inteligente.

- Não como parece até aqui nesta conversa. Mas, através de Branca, aprendi que esta família detém sentimentos muito complexos. Eles costumam dar uma vazão sempre mais exagerada aos sentimentos. Como te disse: antes, Branca chorou por dias inteiros e quase não comeu quaisquer migalhas. Nos últimos dias, contudo, anda sorrindo como criança e acreditando que serei um grande Rei! Assim o são nessa família. Eles são diferentes. Se amam, amam com muita intensidade. Se odeiam, odeiam com todas as forças.

- Isso é típico da raça humana como um todo.

- Não para um Coração-de-Neve, insisto. Sabes, existem famílias forjadas no aço. Existem famílias como a nossa, forjadas na pobreza e em duros testes traçados por fadas. Mas os Coração-de-Neve são diferentes. Eles são mais instáveis.

Eles são movidos por outra coisa...

- Tu queres dizer que eles são forjados pelo quê?

- Pelas dores mais profundas e as alegrias mais instáveis de um coração humano.

03

E Reis e Rainhas e nobres foram convocados para o Salão Real. E sinos e cornetas ecoaram. E Anísio Branford tomou posição. E a cerimônia para a consagração do novo Rei de Arzallum se iniciou.

04

Áxel Branford estava sentado no trono à esquerda, e odiava isso.

Detestava estar ali. Já não se sentia bem em cerimônias nobres, mas ter de sentar em um dos três tronos era algo inimaginável há pouco tempo. Justificável; Anísio sempre sentara à esquerda de Primo, afinal era o príncipe herdeiro.

Áxel, nessas festas, podia ficar onde bem quisesse e entendesse, mesmo porque ninguém se preocupava demais com ele quando Anísio, Primo e sua Rainha-fada estavam presentes.

Mas agora ele era o *único* príncipe herdeiro de Arzallum. E mais, se uma fatalidade indesejada acontecesse a Anísio - e bato três vezes no coração para que Beanshee não nos escute - isso o obrigaria a assumir aquele trono. Se houvesse nascido com índole ruim, se desejasse o poder mais do que tudo na vida, com certeza acharia uma forma de tentar assassinar ou enlouquecer ou banir o próprio irmão. Pague a bebida certa e poderá escutar histórias desse tipo aos montes das bocas de

bardos.

Mas não ali naquele Paço. Não ali. Porque Áxel Branford não tinha índole ruim nem sede de poder.

E possuía outras engrenagens em seu coração.

Ocupando a mente do príncipe, obsessivamente, estava uma jovem que não poderia estar naqueles salões, pois não era nobre nem princesa nem Rainha. A menina Hanson. A jovem Maria Hanson. Daria tudo para chamar seu sócia, colocá-lo naquele trono sentado como um ilusionista coletando atenções com jogos de mágica e correr para tomar chá de frutas na casa humilde e modesta de sua nova protegida. Sabia, porém, que seu irmão gostaria de tê-lo ao seu lado esquerdo, e ele ali estaria até o fim. Ainda que houvesse de sucumbir ao tédio para isso.

Corneteiros reais ecoaram seus acordes com maestria. E escutou-se a voz que anunciava:

- Sua Majestade, Rei Anísio Terra Branford, e Sua Alteza, Branca Coração-de-Neve!

Se Branca Coração-de-Neve já houvesse sido sagrada Rainha, naquele momento não teria entrado de braços dados com Anísio Branford. Estaria já sentada no trono vazio, ao lado direito do trono central do Rei.

O vão de nobres parecia um corredor infinito de ilusões. É desse sentimento que vive a política que comanda; seja a dos nobres, seja a do povo. Por debaixo daquelas cortinas de seda

e colunas de mármore, daqueles carpetes e azulejos caríssimos, das paredes rebocadas e lisas, dos imensos e pesados candelabros que sustentavam um número incontável de grossas velas de cera de abelha, de vinho servido em copos de chifres e de toda aquela comida diversificada que rodava o salão em pesadas bandejas e pratos de prata, Anísio Branford tentava segurar o próprio estômago e não vomitar.

Nobres se ajoelharam, e restaram de pé apenas os monarcas ou seus representantes diretos.

Os monarcas estavam na frente, na primeira fila, na dianteira dos três tronos reais. Atrás, havia os dezessete monarcas e os Sete Conselheiros Reais, que agora eram Oito, Senhores da Guerra e das decisões reais, cujos conselhos ajudavam os Reis na famosa Sala Redonda. Vestiam mantos finos com capuzes, cada um com uma cor. O mais novo dentre eles, o oitavo, era um senhor de feições finas, óculos de lentes de baixo grau e um sorrisinho cínico de quem parecia estar sempre no controle da situação.

Apenas dois Reinos não haviam enviado representante algum naquele dia histórico. Um era Oz, Reino sombrio comandado pelo soturno mago-linch Oscar Zoroaster. O outro era Atlântidas, o Reino submerso e avesso à superfície, comandado pelo assustador e medonho Rei Kraken.

Anísio Branford chegou ao limite de seu trono e ficou de pé à frente dele.

Sua princesa foi-se para próximo do pai, o Rei Alonso Coração-de-Neve. Ainda não seria naquela vez que se sentaria ao lado direito do amado. Os nobres se levantaram quando Anísio ficou em frente a todos, de pé. Seus tios, os Reis Segundo e Tércio Branford, se aproximaram. Um trazia nas mãos o bastão; o outro, a coroa.

Rei Segundo Branford entregou com as duas mãos o bastão de puro ouro maciço, que Anísio aceitou.

Depois, o Rei inclinou a cabeça em sinal de humildade, até onde esteja o limite da humildade de um Rei, e Rei Tércio lhe ordenou a cabeça com uma das peças mais preciosas de todo Ocaso: a coroa de ouro e diamantes em forma de estrelas cruzadas de cinco pontas.

Os três fizeram uma reverência. Anísio Branford, com o bastão nas mãos e a coroa real na cabeça, sentou-se no trono central, e os nobres novamente se ajoelharam.

Os corneteiros mais uma vez ecoaram acordes sincronizados.

O Rei limpou a garganta para falar. E todos provavelmente já devem bem saber que, quando um Rei resolve se pôr a falar, qualquer pessoa, em qualquer local, e de qualquer posição social, se cala. Como todos naquele palácio. E como todos nós.

05

- Nós que aqui estamos sabemos bem o porquê. E posso falar que ninguém aqui nesta sala sente mais este momento do que eu, que vivi e me preparei para ele, temendo o dia em que chegaria. E o temia porque sabia sem floreios que, no momento em que chegasse, como chegou, isso significaria, como significa, que iria perder, e perdi, o maior de todos os momentos de minha vida. Pois nenhum momento de minha vida será maior do que aqueles em que estive com meu pai, Rei Primo Branford.

Foi assim que Anísio começou seu discurso. Suas palavras tocaram os corações dos nobres que tinham corações, dos serviçais que tinham o privilégio de escutar tais palavras, mesmo que das últimas filas, e dos monarcas que viram em Primo Branford o ápice de um aliado. Branca Coração-de-Neve mantinha uma expressão irremovível: sem sorrisos e sem lágrimas, escutando cada palavra com atenção e nada mais.

Já Áxel Branford sentia a pele se arrepiar.

- Honra-me profundamente a presença dos monarcas e representantes reais deste continente neste Paço. Honra-me e ajuda-me. Porque não penseis que é fácil ser filho do Maior dos Reis. Não penseis que é fácil sentar-me aqui e dar início ao maior dos fardos, pois quem é Rei, e merece ser Rei, ou

acompanha de perto a vida de um Rei merecedor do título, sabe bem a responsabilidade que carregamos já desde o berço, acima de nosso próprio ego, na moldura de nossa própria vida. - Uma pausa. - Neste momento sublime, diante de minha família, de meus aliados e divergentes e de minha futura esposa e Rainha, eu juro, pelo sangue de um Branford, que não darei ênfase ao fraquejo e serei um canal de toda lição aprendida. Juro que serei enérgico quando for preciso e serei flexível quando for necessário. E, por fim, juro que separarei o justo do injusto quando isso for inevitável.

Alguns naquele salão se olharam da mesma maneira intranquila com que se olham os ressabiados. Perguntavam-se, em profundo silêncio, o que aquelas palavras significavam. A maioria tinha sua própria conclusão e sorria independentemente de qual fosse, menos um. Este compreendia, mas não gostava dos rumos que as coisas estavam tomando. Ferrabrás. Victon Ferrabrás. O Rei que banuiu sua coroa, extinguiu a monarquia de Minotaurus e sagrou-se Imperador, dizem mais pela força que pela lei, observava Anísio com os olhos apertados, como se uma ventania de grãos de areia estivesse lhe cortando a face, e mantinha uma expressão atípica no semblante do rosto sem cabelos.

Em seu interior, apenas uma certeza: no futuro, ainda iria bater de frente com Anísio Branford.

- Pois agora, eu, Anísio Terra Branford, renego diante do Conselho Real e de todos vós o posto de primeiro príncipe real para me tornar o legítimo Rei de Arzallum. E juro por honra cumprir minhas promessas e ser, hoje e em todos os dias que ainda viver, o melhor Rei que possa. - Houve uma forte inspiração. - Pois, senhores, eu não quero jamais que se esqueçam de que eu não sou o maior Rei que já existiu sobre as terras de Nova Ether.

"Mas sou o filho dele."

Aplausos. Legítimos, empolgantes, apaixonados. É um fato: o ser humano se sente bem quando é deslumbrado. Ele passa a dar credibilidade maior e a olhar de forma diferente uma situação quando isso acontece. Mesmo um conteúdo fraco pode ser facilmente disfarçado e bem vendido por uma boa apresentação. Converse com os vendedores de estradas, aqueles que vendem bugigangas em carroças puxadas por burros de cidade em cidade, e eles lhe contarão histórias desse tipo aos montes.

E ali, naquele Paço, o cenário era perfeito. Havia a situação, a plateia, a oportunidade. Mas acima disso havia o instrumento perfeito para o espetáculo. Anísio sabia falar, sabia escolher as palavras, as pausas, o timbre, o silêncio entre determinadas frases. Assim como seu pai, quando se manifestava, era como se uma orquestra invisível e inaudita rufasse seus instrumentos intangíveis para ratificar a emoção proposta

pelas palavras ditas. Acredite, você poderia detestar Anísio, você poderia não se importar nem um pouco com política, você poderia nem mesmo ser deste plano de existência e, portanto, não ter nada a ver com os assuntos reais de qualquer região de Nova Ether. Mas ainda assim você, naquele momento, sem sombra alguma de dúvida, teria aplaudido de pé e com gosto o nascimento do novo Rei de Arzallum.

Afinal, para isso, você até estaria preparado.

Mas não para o que viria logo em seguida.

Maria Hanson havia dispensado sua turma infanto-juvenil. Estava particularmente feliz naquele dia. Desde que resolvera aceitar o conselho de seu antigo professor, Sabino von Fígaro, hoje o oitavo Conselheiro Real da Sala Redonda do Grande Paço, as coisas andavam assim para ela. Felizes. Sabino sempre fora uma inspiração, e isso não era exclusividade. Não era o primeiro professor a despertar em alunos sentimentos de busca maiores, de idealizações e realizações de grandes sonhos humanos.

Sabino ensinou Maria Hanson, e uma penca de alunos, a *raciocinar*. Não lhe importava que soubessem de cor nomes dos antigos Reis há muito falecidos, ou da capital de cada Reino dos continentes, Ocaso ou Nascente. Interessava-lhe fazê-los entender os porquês. Saber por que um nobre era nobre e por que um plebeu era plebeu, mesmo que esse pensamento incitasse certa revolta quando analisado friamente. Interessava-lhe que seus alunos soubessem ler, escrever e contar. Sabia que conhecimento universal era prioritário a conhecimento folclórico, que cada povo poderia e deveria ter sua cultura própria e que isso o enriqueceria, mas com a consciência de que isso não deveria ser a prioridade popular. Pois, em sociedade, ninguém morreria se não soubesse a dança típica de sua cidade.

Mas, talvez sim, se não soubesse ler, escrever e contar.

E Maria observava o horizonte naquele momento, pensando em coisas como *responsabilidade e confiança*, quando seus pensamentos foram interrompidos pelos brados. Gritos infantis, que berravam de um amontoado de vozes em roda.

Dois pestinhas estavam se esmurrando, enquanto seus colegas não só adoravam a situação como ainda incitavam a briga feito cães. Garotos, por mais que os adultos tentem frear esse instinto, adoram momentos como esse em que "saem da rotina". Mas, para a nova professora, aquele momento não era nada comum. Certo, não era a primeira briga que iria apartar entre dois meninos sem juízo, mas, ainda assim, dessa vez ela se surpreendeu de verdade. E era justificável.

Um dos dois meninos era um garoto robusto e grande para sua idade.

O outro, com o rosto sujo de pancadas, era irmão dela.

07

Rei Anísio Branford tinha consciência do risco que viria a seguir.

Eram momentos únicos no Grande Paço; passada a cerimônia de consagração do Rei, os nobres agora se concentravam na conclusão de uma importante tradição que nunca fora quebrada. Rezava a tradição de coroação real que, após a cerimônia, o Rei posto poderia se beneficiar do que se conhecia em Nova Ether como *Os Três Desejos*.

Uma vez, em uma taberna feita inteiramente de rochas encaixadas e telhas resistentes que serviam de morada para ninhos de aranhas, escutei de um bardo gordo e glutão que tal tradição nascera há séculos, quando um Rei foi coroado na presença de um gênio que lhe cedeu tal direito. Os gênios de Nova Ether, contava o bardo, costumam realizar três desejos - e apenas três - de quem quer que consiga o direito do feito.

A tradição assim foi passada, e, obviamente, não havia gênios para realizar desejos de todos os Reis do mundo. Quando isso passou a não ser mais possível, os gênios começaram a sair de cena, mas os desejos continuaram. Hoje, o Rei posto tem direito a escolher, dentre todos os governantes presentes em sua cerimônia, três desejos reais que não podem ser recusados.

E, seguindo tal benefício, Anísio Branford continuou sua

prosa:

- Sabem, ainda me impressiono como Os Três Desejos costumam ser mais esperados e dotados de glamour do que toda a cerimônia de consagração real.

Os nobres riram. Ninguém tinha certeza absoluta de que Anísio havia feito uma piada - e ninguém deixaria de rir da piada de um Rei -, mas riram ainda assim, pois, se o fosse, teriam feito seus papéis.

- Quando era pequeno, lá pelos meus cinco anos, já imaginava o que pediria a governantes tão poderosos.

Obviamente, eu cresci e hoje os pedidos que farei são um pouco diferentes daqueles que teria feito em tal época. E ainda bem, ou do contrário teríamos Reis loucos por aí atrás de Pés-Grandes domesticados, ou galinhas que põem ovos de ouro! E toda a corte gargalhou, dessa vez com certeza.

- Mas o pior foi quando cheguei a oito outonos. Pois aí passei a ter a certeza de que não necessitaria de três pedidos.

Naquele momento, senhores e senhoras, só me bastava um.

Apenas um, acreditem. Eu ensaiava... - e aqui ele fez uma pausa. - Semideuses, por que estou contando isso?... - e todos gargalharam novamente. - Bom, mas perguntem às aias, e elas ratificarão o que estou a dizer. Eu tinha oito anos e ensaiava diante de um espelho o dia em que chegaria até nosso honrado Rei Alonso Coração-de-Neve e diria então: "De tu, meu bom aliado real, quero apenas a mão da mulher mais fascinante que

já andou pelas terras de teu Reino!" - e Anísio apontou na direção de Alonso, levando com seu sinal todos os olhares daquele salão.

Rei Alonso estava com a expressão fechada e o olhar vago de um catatônico, com o pensamento visivelmente distante dali.

Ao perceber, porém, todas as atenções voltadas para si, abriu um largo sorriso para todos os presentes, em uma súbita mudança drástica (e assustadora) de humor. Abriu os braços e bateu com as palmas nas coxas, afirmando:

- Ah, moleque travesso! Estavas achando que eu iria mesmo ceder-te minha esposa? - e todo o salão riu de novo.

Rei Segundo Branford observava bem as mudanças drásticas de expressões de Alonso Coração-de-Neve, mas sorriu com a piada ainda assim, embora compreendesse um certo humor negro contido no comentário. Já Anísio, ignorando esse detalhe, continuou:

- Na verdade, Rei da Neve, pensava que ficarias irritado com minha petulância. E então terminava meu ensaio apontando-te meu dedo indicador e bradando como um menino-homem para todos os cantos: "E pare de se fazer de desentendido que sabes muito bem que falo de tua filha"! - e risos ecoaram e rebateram naquelas paredes uma vez mais. - E o pior... foi que ensaiei tanto meu discurso... apenas para descobrir, dois outonos depois, que Branca já era minha prometida desde o berço! - os risos viraram gargalhadas.

Já Rei Alonso, surpreendentemente, terminou a conversa

dizendo:

- Olhe pelo lado bom da coisa, filho do Maior dos Reis! Tu
ganharas um pedido extra! - e a alegria contagiava com
aplausos e sorrisos aqueles salões.

Eles vinham de todos ali, menos de um: Ferrabrás. Este ainda
permanecia impassível, impertinente e secarrão. Um rosto
desprovido de emoção que a tudo observava desconfiado, em
contraste com a maioria no salão.

- Pois bem, senhores, à parte do que contei, invoco agora meu
direito real da tradição dos Três Desejos do Rei, que irei a vós
pronunciar agora.

E todo um salão de gargalhadas se calou abruptamente.

08

- Mete o dedo no olho! No olho!... Arranca o cabelo dele!...

Ai, na cara! Na cara!... - eram coisas como essa que gritava o grupo de meninos ao redor de João Hanson e Hector Farmer, incentivando a atacação dos dois garotos. Já as meninas próximas, ou gritavam de forma histérica ou apontavam para a briga, cochichando com as amigas e fazendo as caretas mais estranhas.

Maria chegou ao local correndo. Em um único movimento jogou Hector para o lado, movida pela adrenalina da situação, e se colocou no meio dos dois. João ainda pensou em pular para cima do garoto de novo, quando a irmã gritou:

- Nem pense nisso, João Hanson! - e o garoto empalideceu com a ordem como o mais rigoroso militar diante da ordem de um superior.

- Foi ele quem começou - limitou-se a resmungar enquanto abaixava a guarda devagar. Na face, um hematoma demonstrava que a briga havia sido feia antes de Maria se meter.

- Mas que absurdo é esse, vocês dois? Vocês acham que é assim que se resolvem as coisas? Batendo um na cara do outro?

João ficou mudo e fechou a cara. Hector tomou a palavra:

- O príncipe Áxel bate na cara dos outros e você não reclama!

- risos surgiram dos cantos. João voltou a ficar vermelho, doido para a irmã sair da frente.

- É *diferente*, Farmer! Ele luta dentro do ringue. É um esporte, e ele luta para o povo. Ele não fica batendo nos outros no meio da rua como vocês! Deveriam se envergonhar por isso, aliás. Vocês bancam os adolescentes, mas agem como crianças! - aquilo foi forte. Maria cutucara o ponto fraco de um adolescente: ser comparado a uma criança. - Os dois pra dentro da sala, já!

Os meninos caminharam com Maria até dentro da Escola Real do Saber e foram levados para uma sala diferente com um quadro-negro. A cada um foi entregue um pedaço de calcário e dada a ordem de escrever de uma ponta a outra algo como: "Eu não vou mais bater na cara dos outros". Um castigo de criança, que exatamente por isso perfurava a alma dos dois muito pior do que se Maria tivesse arriado suas calças e batido em seus traseiros com um cinto de couro.

- *Cabelo lambido!* - Farmer dizia, enquanto escrevia.

- *Veadinho cute-cute...* - sussurrava João de volta, citando o apelido infantil que Hector Farmer ganhara por causa dele, e que perseguiria o garoto pelo resto da vida.

Enquanto ambos engoliam seus egos naquela sala, Maria conversava com a senhora Farmer, que não estava nada satisfeita em ouvir os relatos da professora. Hector poderia ter escapado do cinto na Escola Real do Saber, mas não parecia

que de punição mais rigorosa, em casa, quando as portas são trancadas e não se usam máscaras sociais.

E quando a senhora Farmer se afastou indignada, e mesmo envergonhada pelo filho, Ariane Narin, que até então apenas observava as coisas, se aproximou da professora.

- Maria, não seja tão dura com o João. A culpa foi toda do estúpido do Hector Farmer.

- Isso não é desculpa, Ariane! O João devia se controlar! Já pensou se tudo na vida...

- Você não tá entendendo, Maria! Os meninos têm essa coisa de honra pra cá e orgulho pra lá, que eles aprendem copiando da nobreza.

- E daí? Só falta você me dizer agora que o Hector Farmer *insultou* a honra do João!

- Não, a do João não...

- De quem, então?

- A sua.

09

- Antes de anunciar meu Primeiro Desejo, gostaria de anunciar minha justificativa. Como todos aqui bem sabem, a cada dia tomamos conhecimento de novos instrumentos e artifícios bélicos que evoluem, e até caminham, para revolucionar os combates e disputas de guerra. - Uma pausa. - Para nós, monarcas, contudo, muito mais fácil se torna nossa posição. Pois, se por um lado somos nós os responsáveis pelas decisões mais difíceis, e se somos nós até mesmo os responsáveis pelas declarações que tais conflitos exigem, por outro, não somos nós que colocamos a maior parte de conhecidos no campo de batalha, ou choramos por ver nossos filhos destroçados por abutres.

- Às vezes, choramos... - disse Rei Alonso, com uma voz fraca, causando um extremo mal-estar no salão.

Anísio mordeu os lábios. Para ajudá-lo naquela desconfortável situação e desviar a atenção para si, Rei Segundo exclamou:

- Vossa Majestade tem razão no discurso que cita, posto que me parece ignorar a tensa prisão que nossa própria consciência nos angustia, quando temos de tomar tais difíceis decisões.

- Rei Segundo, não acredite que todos os monarcas sofram da mesma angústia que cita - disse Anísio.

- Falais por vós? - perguntou Ferrabrás, piorando o desconforto.

- Não - disse Anísio. - Falo pela observação de tais exemplos e de suas atitudes ditatoriais e desprovidas de quaisquer justificativas, senão a da ambição desenfreada, postas acima do cargo que deveriam representar.

Houve silêncio. O clima continuou tenso. Dessa vez foi Rei Tércio quem tentou esfriar os ânimos, mudando a direção daquele diálogo:

- Mas, Anísio, tu enrolaste e ainda não manifestaste teu Primeiro Pedido. - Antes Rei Segundo havia usado o respeitoso termo "vossa", comum ao se referir a Reis.

Entretanto, Rei Tércio agora se utilizava do "tu". O fato era que Reis poderiam falar com outros Reis pelo "tu", por verem-se de forma igual. Qualquer outro, que não um Rei, não.

Anísio modificou a expressão séria e sorriu de forma agradável.

- Vossa Majestade tem total razão. Pois bem, falava sobre os caminhos que nosso desenvolvimento bélico está tomando e admito que isso me preocupa, pois é inevitável que muitos aqui dentro deste Paço continuarão com suas desavenças ao saírem dele, e milhares ainda morrerão em nome dessa falta de entendimento entre nós.

Adamantine, o Rei de Aragon, tomou a palavra:

- Rei Anísio, entendo o que tu queres dizer e, em nome de minha nação, compartilho de tua humanidade. Mas também não posso ser hipócrita ao admitir que, para alguns de nós, não há alternativa. Pois o que farias tu se um intruso viesse até tuas terras, entrasse sem permissão em tua casa, humilhasse tua honra e sequestrasse tua princesa e futura esposa?

O Rei-Fera mostrou os caninos. Os Reinos de Aragon e Rökk eram inimigos declarados desde que Rei-Fera Wöö-r tomou para si a princesa Bella de Adamantine como esposa forçada, e a mantinha como sua princesa-escrava até os dias de hoje.

Essa triste história é contada pelos bardos como o caso conhecido como A Bella e O Rei-Fera.

Todos mantiveram o silêncio à espera da resposta.

- Eu o mataria - disse Rei Anísio, com uma segurança que chegava a assustar. E, antes que alguém comentasse sobre a dualidade da resposta e do discurso anterior, ele concluiu: - A questão seria apenas se eu o faria sozinho ou se levaria milhares de vidas comigo por uma desonra dirigida especificamente a mim.

- A desonra de um Rei é a desonra da nação que ele representa - exclamou Rei Adamantine.

- Se assim o é, por que então existem ricos governantes comandando nações de população tão pobre? Acaso a riqueza de um Rei não deveria provir da riqueza da nação que ele representa?

Olhares entrecruzados se dirigiram a Midas, o Rei de Gordio.

O Rei amaldiçoado, que tinha mãos e toque de ouro e toda uma extensa riqueza que seu povo jamais iria experimentar, vivendo, entretanto, como um inválido sem nada poder tocar, dependendo de escravos até mesmo para lhe dar banhos ou colocar comida em sua boca.

- Majestade... - chamou a atenção do salão Rei Midas. - Nem toda riqueza é uma bênção...

- Ainda assim prefere-se o sofrimento que ela exige do que a paz do desapego... - disse Rei Acosta, líder de Orion, vizinho e desafeto de Rei Midas.

- Acaso não tens de acordar tua Rainha, Rei? - perguntou Midas.

Rei Acosta se preparou para avançar sob a jugular de Midas, mas seu campeão, Begnard, o trouxe de volta à razão. A nação de Orion assumira suas desavenças com Gordio em eventos passados que culminaram com sua Rainha Belluci em coma profundo até os dias de hoje. O sofrimento da família real de Orion foi motivo de escárnio em Gordio, que chamaram o evento de "A Bela Rainha Adormecida".

- Vós todos estais vendo como delimitamos hoje aqui os rumos de todo o Ocaso? - perguntou Rei Anísio. - E como a evolução bélica me preocupa ante tais campos de batalhas preparados por tamanha intolerância e acúmulo de rancor? Pois bem, ratifico e insisto que é nisso que se baseia meu

Primeiro Pedido e digo mais: também meu Segundo.

E Rei Anísio virou-se na direção do Rei de Tagwood. E exclamou:

- Rei Collen, não é desconhecido para nenhum presente neste Paço o poderio militar que teu exército adquiriu após anos de combate à pirataria em teus portos. Procede o que afirmo?

Rei Collen, que já estava surpreso de ter sido o Rei escolhido para o Primeiro Desejo, não gostou nem um pouco dos rumos que aquilo estava tomando.

- Perfeitamente, Rei Branford...

- E tal poderio vem do fato de passar a treinar teu exército para se utilizar da temida pólvora negra, recurso destrutivo de poder imenso, mas não ainda completamente aperfeiçoado por qualquer nação. É digna de admiração a forma como tiraste dos mares e trouxeste para a terra tal recurso bélico, com teus engenhosos criando canhões altamente transportáveis para o campo de batalha.

- Vossa Majestade... - disse com cuidado Rei Collen - ... até agora não compreendo se estais me repreendendo ou congratulando...

- Rei Collen, não tenho condições nem direito de julgar a forma como proteges tua nação. Apenas afirmo que a pólvora negra pode levar tudo o que conhecemos no campo de batalha a caminhos sombrios e sem volta, e por isso gostaria de usar meu Primeiro Pedido para fazer um protesto contra tal força.

- Um... *protesto*? Como assim, Majestade?

- Meu Primeiro Desejo é que Tagwood esvazie em seus mares todos os barris de pólvora negra que existem em seu estoque no atual momento.

Houve um momento súbito de silêncio e choque no salão.

Nenhum maior do que o do Rei de Tagwood.

- Mas... mas... mas... Majestade...

Rei Anísio manteve a pose austera e observou o Rei de Collen em silêncio, diante de uma expressão que aguardava a decisão. O salão estava inteiramente transtornado, e isso tinha um motivo. Afinal, haveria de se ter coragem para acatar aquele pedido.

E de se ter ainda mais para recusá-lo.

- Mas... - disse Rei Collen ainda chocado e quase em sussurro

- isso faria com que Tagwood fosse tomada por todos os lados...

- Sei bem o que te preocupa, Rei Collen - voltou a dizer Rei

Anísio. - Temes que teus vizinhos invadam tuas fronteiras e

tomem tuas jazidas. Pois bem, digo que terás de confiar em

mim. Porque quero que meu Primeiro Desejo seja uma ode à

paz. E faço isso não apenas por Arzallum, mas por todo o

Ocaso. Por isso, declaro aqui, diante de todos, que estabeleço

um acordo entre nações de que qualquer ataque a Tagwood,

no período de um ano a partir de hoje, será tratado como um

ataque também a Arzallum e a todas as nações que se dizem

sua aliada.

Murmurinhos, murmurinhos, muitos murmurinhos. Até mesmo Áxel Branford se perguntava se seu irmão tinha total consciência do que estava fazendo, e para onde tais atitudes poderiam levar as diversas nações. Rei Collen, entre o murmúrio geral, passava a mão na cabeça, tentando visualizar qual seria a melhor opção para seu Reino. Em um ano conseguiria, com certeza, reerguer seu estoque de pólvora negra. A questão era apenas esta: as outras nações iriam obedecer ao acordo *verbal* imposto pelo Rei?

De certo, apenas um fato: estar contra Arzallum também nunca era uma boa opção.

Talvez seja por isso que, após o salão silenciar, e após seu coração parar de bater tão forte, ele conseguiu dizer olhando para Anísio:

- Majestade, vosso Desejo é uma ordem.

O salão voltou à algazarra. Como pregava a tradição, escribas reais traziam pergaminhos em que estavam previamente escritos os termos ditados pelo Rei, em três cópias. Para se ter a certeza de que os desejos seriam atendidos, ao Rei responsável cabia ler e reler os termos e assiná-los na frente de todos, carimbando com seu selo real. Dali uma cópia de tal documento seria enviado ao Reino indicado através de pombos-correios.

A assinatura de Rei Collen, nos três documentos, saiu trêmula.

- Pois bem, é hora de manifestar meu Segundo Desejo.

Senhores, vós todos aqui sabeis que as raças racionais esperam por uma Era Nova que trará não apenas um conhecimento maior a Nova Ether, como ditará os caminhos espirituais que os seres vivos devem seguir. E esta Era estará inaugurada com o lendário retorno do *avatar*...

- Não sabia que Vossa Majestade levava a sério os rumores sobre o retorno de Merlim de Christo - disse Rei Oronte, monarca das terras de Albion.

- Pois não apenas levo a sério, como acredito, assim como meu pai também acreditava, no retorno de Filho do Criador, Rei Oronte.

- E acredita que... dessa vez... ele não irá retornar em Albion?

- Sei que tuas terras tiveram a bênção de ver nascer em tua capital o avatar na Primeira Vinda. Bendito é o Rei que, como Arthur, possa ser guiado por alma tão pura.

- E maldito aquele que padece do mesmo destino de Arthur diante da morte - disse Rei Oronte.

- Engraçado tu falares de tal destino quando foste um dos responsáveis por ele... - disse Rainha Kapella, a Rainha da Língua Ferina, soberana de Mosquete.

- Rei Philipe... - disse Rei Oronte, dirigindo-se ao Rei de Mosquete, conhecido como o *Rei da Máscara de Ferro* - ... cuide da língua de tua esposa. Do contrário, em curto tempo teremos neste salão instruções de croché e educação de

crianças.

O salão explodiu em escárnios.

- Tens razão, Oronte... - disse a Rainha. - Talvez seja melhor eu ensinar crochê a meus filhos. Quem sabe assim eles não me matem...

Mais escárnios; mais algazarra no salão. Rei Anísio voltou a tomar a palavra:

- Senhores, senhoras, por favor! É de uma Era Nova diferente desta que falo! Uma Era em que não teremos tamanha diferença, e entenderemos qual o motivo da *criação* de nossos seres. Entenderemos o que há detrás do véu da Criação, e o que o Criador e seus semideuses esperam de todos nós.

A maioria naquela sala escutava Anísio até com certa admiração. As pessoas realmente acreditavam naquela história. Ou, ao menos, *queriam* acreditar que Nova Ether caminhava para um rumo diferente do que parecia caminhar e que tudo iria mudar quando Merlim Ambrosius renascesse através de uma virgem, como pregavam as escrituras. Outros, como Ferrabrás, porém, mantinham expressões debochadas na face e não escondiam o tédio que tudo aquilo lhes causava.

Anísio se virou para seu tio, Rei Tércio.

- E é a ti, Rei Tércio, que dirijo meu Segundo Pedido.

Rei Tércio parou de conversar com seu campeão e se concentrou no sobrinho:

- Pois não, Rei Anísio...

Rei Tércio poderia ter usado o termo "Rei Branford", mas havia três Reis presentes com o mesmo sobrenome. Logo, optara pelo primeiro nome do Rei de Arzallum.

- Sabemos que um homem dito pelo povo como *santo* caminha por tuas terras.

- Perfeitamente...

- Dizem que é capaz de milagres que o homem comum não consegue e que profere discursos que tocam em partes da alma que bardo algum ainda alcançou.

- É verdade, Majestade...

- Esse senhor, porém, é um antigo sacerdote impedido de exercer seu ofício.

- Não por acaso, um antigo condenado... - disse Ferrabrás, não simpatizando com os rumos das coisas. Outra vez.

- E que cumpriu sua pena em caráter obediente e exemplar - disse Rei Anísio. - Dizem, inclusive, que cumprimentava todos os guardas pelo nome e agradecia cada prato de comida que lhe entregavam.

- E também que muitos presos violentos passaram a acreditar na redenção através de suas palavras - complementou Rei Tércio.

- Pois então... - continuou Rei Anísio - ... sei bem que as leis de Forte não permitem que ex-prisioneiros exerçam funções de chefia, seja ela em caráter político, econômico ou religioso.

- Perfeitamente...

- Entretanto, por meu pedido, quero que abras uma exceção a esse homem. Acredito que a humanidade precisa ouvir as palavras de um homem como este. Com certeza, ele ainda tem grandes serviços a prestar à nossa História.

Murmúrios no salão; não tanto quanto os do Primeiro Desejo, mas murmúrios ainda assim. A soturna expressão de Ferrabrás se mostrava numa única e legítima carranca.

- E meu Segundo Pedido é que o homem conhecido como John Tuck possa exercer seu sacerdócio sobre as terras de Forte...

O mais interessante era que aquele pedido parecia agradar à maioria esmagadora do salão. As pessoas estavam admiradas com a escolha do Rei, e até mesmo o próprio Rei Tércio parecia extremamente satisfeito de poder dar tal poder de redenção a um antigo frei, sem burlar as leis de sua nação para isso.

- Majestade, vosso Desejo é uma ordem.

E o salão até mesmo - quem diria - aplaudiu quando os escribas reais se aproximaram, e Rei Tércio assinou os pergaminhos que seguiriam para o Reino do Forte. E foi assim, aproveitando essa melhora no ambiente, que Anísio Branford seguiu para seu Desejo mais polêmico:

- Há tempos, muitas histórias de luta e coragem nasceram em nossas terras. Muitos homens tornaram-se imortais através de suas obras, ou de suas histórias de sacrifícios em prol de

outros mais fracos, ou mais necessitados. Tenho certeza de que cada um de vós possui em vossa memória um preferido, e posso dizer aqui que em minha própria eu também tomo tal atitude.

Áxel Branford se ajeitou em seu trono. Há algum tempo, Anísio lhe havia confidenciado qual seria seu terceiro pedido no dia em que fosse sagrado Rei. Mas não acreditava que, quando esse dia chegasse, ele fosse levar aquilo *realmente* a sério.

- Senhores, faço parte de uma geração posterior à grande maioria presente e obviamente por isso acabo, pois, por me identificar com heróis mais próximos de minha época, como também o fazem milhares de jovens próximos à minha idade, ou até mesmo da nova geração que formam os jovens dos dias de hoje.

Branca não piscava.

Rei Alonso também não.

- E se hoje estamos aqui em considerável momento de tranquilidade foi porque grandes heróis no passado se uniram a meu pai, Primo Branford, liderando a épica *Caçada de Bruxas*. Todos os líderes desse movimento histórico se tornaram grandes lendas e aumentaram seu próprio mito em suas próprias jornadas. Alguns não estão mais entre nós, como Arthur Pendragon, que se entristeceria ao ver o que se tornou a guerra santa pela terra que defendeu, ou Merlin Ambrosius,

o sagrado Cristo e primeiro avatar de nosso Criador. Alguns levaram sua experiência e justiça ao magistrado, como lorde Wilfred de Ivanhoé. Alguns até hoje estão desaparecidos como o capitão Lemuel Gulliver. Alguns desvirtuaram seu caminho como o mago-linch OZ. Mas, de todos, nenhum teve destino mais ingrato do que Robert de Locksley.

Anísio havia dito o nome.

Imediatamente murmúrios correram por aqueles salões, mas dessa vez eram murmúrios *diferentes*. O caso de Robert de Locksley, o herói julgado como bandido, era o mais polêmico daquelas terras. Para as pessoas, ele era dito nas ruas em sussurros. Para os monarcas, apenas quando as portas estavam trancadas e até as paredes estavam dormindo.

- Robert de Locksley foi um dos maiores heróis do mundo, e muito triste para sua memória é vê-lo apodrecer em uma cela à espera da morte, marcado como criminoso ao invés de herói.

Também complexa é sua situação, afinal, ele e muitos de seu bando foram capturados por soldados de Stallia no Condado de Sherwood, uma região que na teoria pertenceria às terras de Stallia, mas que na prática é uma região neutra por se localizar abaixo do Reino de Brobdingnag.

O salão era silêncio. Tudo o que estava sendo dito era verdade. O Condado de Sherwood ficava abaixo do Reino Gigante dos céus e, portanto, era de comum acordo político, estabelecido por um tratado assinado, ali se reconhecer uma

área neutra, embora constasse no mesmo documento ele também se localizar dentro de um antigo limite das terras de Minotaurus e de Tagwood, e ser de todos esses Reinos a responsabilidade de sua condução governamental. Na prática, porém, essa condução era feita por Stallia, com recursos econômicos próprios. Tagwood não tinha o menor interesse em Sherwood, e Minotaurus apenas queria capturar e punir aqueles que se opunham ao seu posicionamento imperialista. Logo, quando Robert de Locksley - e boa parte de seu bando - foi capturado por tropas militares do Reino de Stallia, Minotaurus solicitou a transferência da prisão do famoso fugitivo para si (o que o teria levado sem demora à execução na forca). Apoiado, porém, no tal tratado assinado por Minotaurus, Tagwood, Stallia e Brobdingnag, que estabelecia o condado como região neutra, e apoiado no fato de Locksley estar sendo procurado por crimes *também* contra as leis de Stallia, Rei Alonso Coração-de-Neve se negou a entregar o fugitivo capturado a Minotaurus e o levou para ser julgado em suas terras sob seu código penal.

Obviamente isso atraiu a ira de Ferrabrás.

Para piorar a situação, depois de julgado pelas leis stallianas, Robert de Locksley foi condenado à *prisão perpétua*, sentença que cumpria até ali. A questão era que, em Stallia, Locksley fora julgado por crimes contra o Estado relativos apenas a *furtos e incitação a ideias de rebelião* na população. Como

nem ele nem ninguém de seu bando jamais havia atirado uma única flecha contra soldados daquele Reino, isso impediu que fosse levantada a hipótese de *sentença de morte*, fato de que já não escaparia se tivesse sido julgado pelas leis de Minotaurus.

A sentença irritou *ainda mais* o já calvo imperador Ferrabrás.

- Não julgo aqui hoje se Rei Alonso Coração-de-Neve agiu corretamente em tomar para si o prisioneiro que capturou, nem se sua sentença pelas leis stallianas foi a mais justa que o antigo herói merecia. Nada disso é questionável, e Arzallum não se manifestará em tal polêmico assunto, que não lhe cabe.

O que está aqui sendo levantado é apenas o direito ao meu Terceiro Desejo, que pretendo dedicar à memória de meu pai. Ferrabrás trincou os dentes.

"E meu último Desejo é que Robert de Locksley seja libertado de sua pena de prisão perpétua, sob a circunstância de *anistia*"

- *Infâmia!* - bradou Ferrabrás, atraindo para si todo um salão em pura tensão. - Apenas a ideia de requisitar a libertação de um prisioneiro condenado já se trataria de algo imoral! Sob a circunstância proposta é algo verdadeiramente inaceitável!

Murmurinhos no salão. Era a primeira vez, na história de Nova Ether, que um governante no Salão Real desafiava publicamente o direito dos Três Pedidos de um Rei posto.

- Entendo vossa discórdia com relação ao meu pedido, pois todos aqui temos conhecimento de como vosso exército

sofrera baixas nas brincadeiras mortais promovidas pelo grupo de Locksley. Mas peço, por favor, Rei Ferrabrás, que compreendais que...

- *Imperador Ferrabrás!* - rosnou o monarca.

Soldados apareceram na entrada do salão, preocupados com os rumos que aquela celebração estava tomando. Anísio Branford, que antes mantinha uma expressão paciente e falava como um aliado, dessa vez mudou totalmente a expressão. Assumiu uma postura séria e disse em tom firme, mudando o pronome de tratamento:

- Já que fazes questão de relembrar a este salão o título auto-proclamado, também acho que esta é uma questão que deveria ser votada aproveitando a presença de nossos líderes das terras do Ocaso. Em particular, acredito que um Reino possa se abster da monarquia como sistema de governo se este for o desejo também de sua nação, mas, seja qual for a decisão a ser tomada, ela deve ser estabelecida ao lado dos líderes que comandam as nações vizinhas.

Ferrabrás deu um passo à frente, e todos aqueles que estavam no caminho entre ele e Anísio Branford se afastaram com receio, deixando um corredor entre eles.

- Quem toma decisões pela nação de Minotaurus é

Minotaurus! Somente ela, e ninguém mais! - Soldados de

Minotaurus se aproximaram de seu Imperador. Áxel Branford se levantou e se aproximou do irmão, observando de longe o

campeão de Ferrabrás, um homem branco alto, e com uma cicatriz de batalha que descia em diagonal do alto da testa até o nariz. Todos os soldados de Minotaurus usavam o cabelo raspado, ou quase raspado, em um corte tipicamente militar. Aquele papel que Áxel estava fazendo também era o de um campeão de Arzallum. Um campeão de um Rei tinha o papel de liderar sua guarda quando necessário, tomar a frente de seu exército quando em estado de guerra e lutar em duelos de honra para os quais fosse convocado. Logo, era comum que quem assumisse esse papel fosse um lorde; um combatente militar experiente em batalhas. Em Arzallum, porém, seu campeão era o próprio príncipe Áxel Terra Branford, que pedira pelo título em uma surpreendente decisão.

Foi a primeira vez que um príncipe assumiu esse perigoso papel.

- Então, além de "Imperador", queres também o título de

"Minotaurus"? - perguntou Anísio. - Ou queres que

"Minotaurus" se transforme em sinônimo de "Aquele

Dominado Pela Tirania"?

- Tu apenas... - Ferrabrás *tentou* dizer.

- Use o termo "vossa" quando te referires ao Maior dos Reis! -

disse Áxel Branford. - Se renegas o título de "Rei", então não

ouses colocar-te no mesmo patamar de um.

Ferrabrás suspirou forte de raiva. Surpreendentemente, o Rei-

Fera Wöo-r tomou a palavra ao dizer em seu altivo pobre:

- Rökk apóia o título de Minotaurus! E reconhece Ferrabrás como Imperador!

No salão explodiram murmurinhos e comentários espantosos.

Áxel olhou para Anísio, consciente de como aquele jogo estava ficando perigoso.

- Pois se tu tomas Ferrabrás como aliado, Rei-Fera, então Aragon não apenas renega o título em votação, como toma Minotaurus como desafeto! - bradou Rei Adamantine, causando mais frisson.

Palmas fortes de Enkidu, campeão do Reino de Uruk, chamaram as atenções do salão disperso para ele.

- Rei Gilgamesh tem algo a dizer... - disse ele.

Silêncio. E som:

- Uruk... - disse de forma lenta e arrastada o Rei Gilgamesh também apóia o título!

Logo que a agitação do salão ameaçou retornar, antes que ela aumentasse, Rei Blunderbore, o Rei-Gigante, falou por cima de todas as outras vozes ao dizer algo em sua língua natal. Sua voz grossa e poderosa lembrava uma corneta tocada. Como ninguém nada entendeu do dialeto, seu campeão traduziu em um altivo ainda mais pobre que o do Rei-Fera, com um tom de voz igualmente poderoso:

- Brobdingnag igualmente apóia o título...

Rei Segundo coçou a cabeça, enquanto os murmurinhos voltavam. Ferrabrás observava Branford com um ar

triunfante. Áxel odiava aquele sorriso.

Rei Anísio tomou a palavra:

- Em algumas linguagens, o título "Imperador" possui o sentido de "Senhor dos Reis", o que nos deixa em uma situação de, das duas, uma: ou modificamos o sentido da palavra, ou renegamos o título proposto por Ferrabrás.

Silêncio.

- Então eu sugiro modificarmos o sentido para "Aquele Que Irá Se Tornar O Senhor Dos Reis" - rosnou Ferrabrás.

Mais soldados de Arzallum chegaram ao local e entraram no Grande Salão, causando mais algazarra. A impressão era de que, se fosse xingada a mãe de alguém naquele momento, estaria estabelecida a Primeira Guerra Mundial.

- E, independentemente das consequências políticas ou militares que pensa ser capaz de impor, eu renego aqui em teu solo teu Terceiro Pedido, Anísio Terra Branford!

Ferrabrás cuspiu no tapete real e, junto de sua comitiva, deu meia-volta e se dirigiu à saída.

Foi quando Rei Anísio fez um sinal com a cabeça, e a Guarda de Arzallum bloqueou a saída. Os homens de Minotaurus tocaram o cabo de suas armas. Os de Arzallum também.

- Antes de partires, Líder de Minotaurus... - disse Anísio, mais uma vez atraindo atenções no ambiente tenso - ... gostaria que assistesses ao desfecho de nosso ato. Afinal, parece mesmo que te esqueces de que o destino e o julgamento de Robert de

Locksley não te pertencem, pois tua guarda foi incompetente e infeliz no que a de Stallia não.

Ferrabrás virou-se possesso; nada irritava mais um minotaurino do que o menosprezo ao seu poderio militar. A raiva queimava em seu interior. No de seus soldados, também. Mas, para o bem do salão, nada foi dito por nenhum deles.

Ali.

- E deixo a consequência de meu Terceiro Desejo àquele que realmente tem o poder de concedê-lo!

Todas as atenções da sala se voltaram para Rei Alonso Coração-de-Neve, que parecia novamente um pouco distante do mundo, alheio ao que acontecia ao redor. Ao ver as atenções de todos em si, contudo, mais uma vez o Rei saiu do mundo próprio em que estava, arregalando os olhos como se apenas ali tivesse se dado conta da importância da escolha que tinha de tomar.

Não era apenas uma questão de conceder ou não o Desejo de um Rei. Era a hora de escolher aliados em um conflito político e militar declarado. Era o momento de dizer se estava do lado de Minotaurus e, dessa forma, contra o sistema estabelecido pelos monarcas de todo o continente Ocaso, ou se estava ao lado de Arzallum e, assim, atestando de forma pública que não apenas não mantinha rancores contra a família Branford, como estava contra as ideias políticas e militares de Minotaurus.

O Rei olhou para a própria filha Branca, posicionada atrás de Anísio

Branford. O coração dela batia rápido; mais parecia que iria sofrer uma arritmia cardíaca. Fato justificável: tudo o que uma princesa prestes a se tornar Rainha menos deseja na vida é ver sua terra natal entrar em desavenças com a terra de seu futuro esposo.

- Majestade... - disse Alonso Coração-de-Neve, com uma voz arranhada e fria - ... vosso Desejo é uma ordem.

Ferrabrás rangeu os dentes e caminhou para a saída mais uma vez. Os soldados olharam para seu Rei e, dessa vez, desbloquearam a saída, observando a orgulhosa comitiva de Minotaurus deixar a sala.

- Aqueles que queiram trilhar os mesmos caminhos de Minotaurus... - disse Rei Branford - ... por favor, que já o façam desde agora.

Rei-Fera, ao lado de seu campeão, o troll-herói Grendel, e de sua comitiva de bestas-feras de Rökk, virou-se e também deixou o Grande Salão, sob o olhar da comitiva de Aragon.

- Nossas pendências ainda não terminaram, Rei-Fera! - disse Rei Adamantine. Rei Wöo-r apenas mostrou seus caninos e continuou seu caminho.

Da parte do Reino de Uruk, Rei Gilgamesh e sua comitiva, liderada pelo campeão Enkidu, também caminharam em silêncio na direção da saída do Grande Salão. Por último, a

comitiva de Brobdingnag, o Reino-Gigante, fez o solo tremer
ao fazer o mesmo.

Quando ao salão se tornou novamente silêncio, diante de
rostos surpresos, Rei Anísio Terra Branford virou-se de frente
para aqueles que restaram no saguão e disse:

- Está consumado.

E todos que ali permaneceram, com exceção dos Reis, se
colocaram de joelhos. Era o final daquela cerimônia e apenas
o início do muito que ainda estava por vir.

"Estão estabelecidos os alicerces para a construção da Era
Nova de Arzallum e de todo o continente do Ocaso."

10

Aquela pendência estava gerando sequelas.

As crianças já estavam saindo da Escola Real do Saber, e saíam em bando, como sempre. Obviamente que naquele dia o único assunto entre elas era João Hanson e Hector Farmer.

Alguns dos diálogos que uma pessoa poderia escutar se andasse por ali, e fingisse não estar prestando atenção no grupo de meninas, seriam:

- Você viu? O João partiu pra cima mesmo do Farmer!

- É, mas ele não aguenta. O Farmer é maior. E é mais velho também. Quem pode com alguém maior e mais velho?

- O príncipe Áxel já derrotou gente maior e mais velha que ele!

- Ah, mas ele é pugilista, né? O João, não.

- Mas o que vocês acham do que o Farmer falou? Vocês acham que a professora e o Áxel já... já... vocês sabem...

- Será? Mas antes do casamento? Isso é desonra!

As meninas riram, como se aquilo fosse uma grande piada.

Mas, realmente, nos dias de hoje, até parece, né?

- Ah, não aconteceu, não, pode acreditar. Ela é muito feia pra ele!

- Deixa de ser invejosa, garota! A Maria é linda...

- Não, isso é tudo ponto de vista...

- Ah, sai daqui!

Já perdidos em suas próprias conversas, o grupo de Farmer ia mais à frente e era formado de uns cinco garotos e nenhuma menina. Farmer era o mais velho. Mais atrás vinha o grupo de João, composto de três meninos e de todas as meninas que sobraram da classe. Os dois haviam trocado mais farpas antes de saírem da Escola Real, mas ambos eram suficientemente espertos para ficar cada um na sua.

Tanto ele quanto seu velho rival haviam sido avisados que ambos seriam expulsos por qualquer sinal de briga, mesmo fora do horário escolar.

- Você vai pegar ele mais tarde? - perguntou Costard, um dos amigos de Farmer.

- O problema é que, se eu pegar aquele baixinho idiota, a estúpida da irmã dele vai me expulsar! E sabe o que vai acontecer com isso? A minha mãe vai me comer vivo, que nem aquela bruxa quase fez com os dois! - os amigos de Farmer riram alto.

Alto o suficiente para não perceberem a aproximação do outro grupo, de onde veio um:

- Vem falar isso na minha cara! - Cortou as risadas, ao fundo, a voz adolescente de João Hanson. Era uma voz que ora era grossa demais, ora escapava umas palavras bem mais finas do que deveriam.

O jovem Hanson se aproximou, acompanhado de seu grupo de adolescentes que incluía Ariane Narin. Era impressionante

como havia crescido de um ano para outro; mais parecia que já havia dobrado do tamanho comparando com o ano anterior.

Hector Farmer, que apesar de tudo ainda era maior do que João Hanson, parou e se virou.

- Ih, o *cabelo lambido* resolveu falar grosso! Tá mudando a voz, é, *juanzinho*? - O "juanzinho" havia se tornado um apelido dúbio entre o mundo plebeu. Na verdade, ele se referia ao clã De Marco, família rival do clã Casanova. Seus dois herdeiros costumavam se envolver em grandes histórias de disputas amorosas, gerando a alegria dos contadores de causos e do povo interessado por *notícias sociais*. Logo, se o rapaz fosse um grande conquistador, mas se sustentasse à custa do pai, era um "juanzinho". Se se sustentasse por conta própria, era um "casanovinha". Não à toa, o primeiro apelido costumava ser depreciativo. O segundo, motivo de orgulho. Além disso, João Hanson usava um corte de cabelo realmente muito parecido com o herdeiro dos De Marco.

- Eu tô é de saco cheio de escutar gente que nem você debochar do nome da minha família!

João parou diante de Farmer. Os dois ficaram frente a frente, na distância de um palmo. Braços para baixo; olhos nos olhos. Como citado, Farmer era um pouco mais alto, mas apenas um pouco. Porém, era mais encorpado, por ser um pouco mais gordo. E também era um ano mais velho. Os adolescentes fizeram um círculo ao redor dos dois e permaneceram com os

punhos fechados, ansiosos por uma possível continuidade da briga interrompida mais cedo.

- Sabe... - disse Farmer - ... eu só não termino de bater em você agora porque eu ia ser expulso daqui!

- Iiiiiiiih! - gritaram os adolescentes ao redor.

- A hora que você quiser, pançudo! - devolveu João.

- Iiiiáááááh! - gritaram de novo. "Ah, eu não deixava..." e "Se fosse eu, metia logo a mão na cara!" eram algumas pérolas que também se escutava no grupo ao redor.

- Você só banca o macho assim na frente dos outros porque sabe que a irmãzinha é a nova professora. E só eu que seria expulso se eu quebrasse você!

"É...", "É isso aí!" e "Pode apostar!" partiam do grupo amigo de Farmer.

- Primeiro... - falou João - ... ao contrário de você, a minha irmã é pessoa justa. Por isso ela iria me expulsar tanto quanto você se eu batesse na sua cara de novo! - "Uuuuh!", gritou o outro grupo. - E segundo: se você quer mesmo saber quem é mais homem... - reparem o termo *homem* - ... tem outro jeito de a gente resolver isso.

Os dois grupos ficaram em silêncio.

- Ah, é? E que jeito?

- Eu e você... - a voz de João saiu grossa dessa vez. - Hoje, na batida das quatro, em uma disputa lá no terreno baldio atrás da Catedral. Com todo mundo aqui de testemunha!

Os grupos se olharam fascinados.

- Uma *disputa*? - Farmer estranhou. - E uma "disputa" de quê?

- *De boxing...*

Os dois grupos urraram de prazer.

11

Era a hora de corações em conflito debaterem.

No salão do Grande Paço, estava sendo servido um imenso coquetel para as comitivas reais que ainda permaneceram no local. Ainda havia no ar um clima de surpresa pelos rumos que as coisas haviam tomado e um sentimento de temor sobre o que o futuro reservava ao continente do Ocaso. Comitivas se banqueteavam enquanto esperavam a vez de seus monarcas conversarem com o novo Rei. Servos reais andavam com bandejas de um lado para o outro, e cozinheiros reais mantinham seus serviços de maneira frenética.

Para se ter uma ideia, na grande mesa montada, havia uma variedade inquestionável de frutas: amoras, groselhas, cerejas, limões, marmelos, romãs. Uma mesa de carnes de porco e uma mesa de carnes de peixes. Havia muito vinho e hidromel para ser bebido. E havia até pratos com especiarias difíceis de serem encontradas, como pimenta, canela e açúcar.

Anísio Branford permanecia sentado em seu trono com a coroa na cabeça, alheio ao banquete servido ao redor. Estava atendendo Reis e monarcas ainda presentes - um por vez - e escutando sugestões, pedidos, justificativas ou reclamações sobre problemas de ordem política entre nações. Ali tratados eram restabelecidos ou ratificados, promessas eram feitas, mesmo sabendo-se das dificuldades de serem futuramente

cumpridas, e alianças eram fortificadas, mesmo com a certeza de que tempos difíceis pareciam surgir.

Branca Coração-de-Neve, ao fundo, observava a rica mesa de frutas, tentando decidir qual seria a melhor opção.

- Posso dar uma sugestão? - disse a voz de Áxel, surgindo ao lado dela com duas taças de vinho nas mãos.

- Ah, mas é claro! - ela sinalizou com a cabeça, aceitando uma das taças. - Tu és meu cunhado, Áxel Branford. Em muito ainda pedir-te-ei tua sugestão.

- Branca, por favor, não use esses termos comigo...

- Que termos?

- Não me chame por "tu", por exemplo. Daqui a pouco me chamará de "senhor". Você vai se tornar esposa de meu irmão, mulher! Por favor, me chame de "você" ou... "Áxel", *apenas* Áxel, ou... sei lá... invente um apelido para mim!

Ela riu. Aquele não era um conselho tão prático para uma Coração-de-Neve. Nobres eram treinados para falar entre si na segunda pessoa. Em momentos íntimos, porém, alguns utilizavam o "você", mas nunca em público, o que seria tomado como desrespeito.

- É estranho para mim isso, mesmo sendo tu... - uma pausa - ... mesmo sendo *você* de minha família agora. Vai contra toda a rígida educação que já recebi.

- Eu entendo, mas insisto que tente. E pelo amor do Criador: não fale em mesóclise! Os escribas *já* deveriam ter abolido

isso da língua altiva!

A princesa riu novamente. E bebeu mais de sua taça de vinho.

- Eu falo sério! - ele também riu. - Eu não entendo por que nos

dias de hoje ainda encontramos algumas figuras que se

apresentam como: "Senhores, eu sou Olaim Rabo-de-Porco

III, filho de Olaim Rabo-de-Porco II, que foi casado com a

senhora Costeleta-Suína IV, e que era neto do... bom... Olaim

Rabo-de-Porco I".

A princesa cuspiu o vinho que estava bebendo. Observou

envergonhada ao redor com medo dos olhares dos outros

nobres. E percebeu que ninguém estava muito preocupado

com suas reações.

- Prometo que farei um esforço... Áxel.

- Não soa bem melhor?

Ela voltou a mexer nas frutas.

- Você... - o termo era tão difícil de ser dito por ela, que mais

parecia que a palavra pesava - ... não disse que ia me ajudar a

escolher uma fruta? O que sugere?

Áxel meteu a mão em uma fruteira e tirou uma maçã

vermelha, gorda e imensa. A fruta chegava a reluzir de tão

perfeita, e ele a estendeu para ela.

- Olhe isso: se essa fruta pulsasse iriam achar que é um

coração.

- Sabes, começo a entender por que algumas nobres costumam

trazer teu nome nas conversas e reuniões particulares entre

mulheres. Tu... - ela limpou a garganta - ... você fala como

poeta de vez em quando, embora tenha a simplicidade de um aldeão.

- E isso me define muito mais do que ser irmão de Rei Anísio

Terra Branford, filho de Primo Branford, e neto de Hams

Branford. Você não concorda?

Ela analisou por alguns segundos. E perguntou com expressão séria:

- Acaso a família também não definiria um homem?

- Os seres humanos nela contidos, não os títulos.

- Um homem não deveria herdar o respeito que seus

antecessores conquistaram? Nem honrar essa conquista?

- Seus atos devem honrar essa tradição; não a exibição das qualificações.

Ela pensou mais uma vez, e dessa vez concordou.

- Não se leem tais coisas escritas em livros, não é?

- Não, porque as pessoas costumam ler os livros errados.

A princesa pegou um marmelo e o comeu. Percebeu que sua

boca ficou um pouco suja, mas dessa vez não ficou

envergonhada por isso. Áxel lhe ofereceu um lenço.

- Pensei que iria aceitar minha maçã... - ele disse, achando graça.

- Não é isso! - ela limpou a boca. - É que não gosto de maçãs.

- Você diz isso porque não conhece as maçãs doces de

Denims! Vou pedir para Anísio lhe servir à noite, quando

estiverem a sós. Você nunca mais irá querer outra fruta...

A princesa corou na hora. Do jeito que tinha a pele pálida, suas bochechas pareciam, elas próprias, legítimas maçãs.

- Áxel...

O príncipe era só sorriso. Ele mesmo mordeu a fruta.

- Por falar em Anísio, vou lhe confidenciar que queria lhe perguntar algo sobre meu irmão, que acho que pode me responder.

- Se não for algo indiscreto...

- Se fosse algo indiscreto, perguntaria diretamente ao meu irmão.

Ela sorriu e concordou.

- Diga...

- Estava observando Anísio mais cedo e percebi que ele está com uma marca estranha no braço. Parece um quadrado em que as bordas se expandem, feito o *jogo da cruz* que as crianças gostam. É um símbolo... assim... - e ele desenhcou no ar com o indicador um #.

- É um símbolo místico. Fui eu que gravei com aço nele.

- Sério? - Áxel até parou de mastigar a maçã. - E ele representa o quê?

- Magia branca.

Foi a vez de Áxel cuspir um pedaço da fruta, antes que engasgasse.

- Princesa... está me dizendo que você conhece... *magia*

branca? - disse, quase em sussurro.

- Conheço muitas coisas, Áxel. Nem sempre leio os livros errados.

- Agora entendo. Anísio não quis me contar como, mas...

- Exatamente - ela anteviu o final da frase. - Ou como você acha que foi rompida a leprosa pele em pedaços de sapo?

Áxel se calou e houve uma pausa. Houve um tempo em que seu irmão havia deixado o Grande Paço e não retornado. Um tempo em que palavras erradas foram ditas, e atitudes inconsequentes acompanharam a reação. Áxel partira com seu guarda-costas troll e sua mítica águia-dragão em uma jornada pessoal atrás do irmão, apenas para encontrá-lo como um bisonho homem dominado por uma bizarra e leprosa pele anfíbia. Anísio se recusara a falar sobre o assunto posteriormente. E ele ainda não fazia idéia do que havia quebrado aquela magia medonha. Até agora.

- Áxel... - a princesa disse em lamento, ao perceber a reação dele.

- Obrigado. - E só então, diante da reação dele, Branca Coração-de-Neve se deu conta dos frágeis sentimentos que uniam aqueles dois. Ela pegou o lenço que ele lhe havia emprestado e limpou o rosto dele antes que uma lágrima escorresse.

Era interessante que já nenhum dos dois estava mais interessado no que outros pensavam ao redor.

- Sabia que as lágrimas de um príncipe são ingredientes

poderosos em rituais mágicos?

- É mesmo, princesa? - ele *tentou* sorrir. - E lágrimas de Reis?

Branca observou ao fundo seu pai, Alonso Coração-de-Neve, e suspirou.

- Essas são capazes até de purificar um espírito...

Áxel percebeu o olhar de compaixão dela.

- Rei Alonso parece que não chora mais, não é?

- Não. Ele agora é o *Rei das Lágrimas de Inverno*. As lágrimas que congelam. As lágrimas que não caem.

Áxel alisou o braço da princesa, sem saber exatamente o que dizer.

E então, de repente, surgiu aquele SOM! Servos reais derrubaram bandejas, uma falação seguida de uma histeria começou a tomar conta de todo aquele salão. Rei Anísio se levantou em um salto de seu trono, e muitos correram para o lado de fora, ou para alguma janela, procurando uma explicação racional para o que estava acontecendo.

Era um som que vinha sabe-se lá de onde, alto e em parte ensurdecedor. Era um som que lembrava o estalar de caudas de dragões e crescia e crescia e crescia. Crescia porque se *aproximava* daquele palácio. Guardas correram para fora e para dentro do Salão Real, gritando coisas para os presentes e, principalmente, gritando coisas para o Rei. Era algo que vinha do céu. E mais do que isso: que não apenas manteria no ar

aquele clima de surpresa pelos rumos que as coisas estavam tomando como também o sentimento de temor sobre o que o futuro reservava àquele continente.

Algo que eles nunca haviam visto.

Algo que eles nunca imaginaram existir.

12

Do lado de fora do Grande Paço, já a alguns quilômetros de distância, as comitivas reais que não permaneceram no palácio se distanciavam cada vez mais. Nenhuma delas iria embora de Arzallum, pois seus representantes lutariam nos dias seguintes no aguardado Punho De Ferro. Entretanto, depois das ofensas sofridas e desavenças estabelecidas, obviamente as comitivas não seriam mais bem recebidas no Grande Paço, tendo de se acomodar em estalagens de grande luxo e pompa.

Era essa a preocupação de todas elas, quando, onde quer que estivessem, escutaram aquilo. E *também* se surpreenderam com algo que não imaginavam existir.

- Meu Imperador... - disse um soldado de Minotaurus, embasbacado.

Ferrabrás saiu de dentro de uma carruagem e tomou posição para observar aquilo que vinha do céu. Até ele, que pouco demonstrava sentimentos, não escondeu a própria surpresa.

- O que é... aquilo, meu Imperador?

- Eu não sei, soldado.

"Mas, se não estiver do nosso lado, então estará contra nós."

13

- Mããããe!!! Mããe! Vem cá! Vem cá! Vem cá, AGORA!

Anna Narin largou tudo o que estava fazendo e correu para encontrar a filha:

- O que foi, meu Criador?

- Você não está escutando... isso?

Anna Narin estava. Tanto que correu com a filha com o coração acelerado, e o mundo em conflito. Ao chegar do lado de fora, encontrou grupos de moradores fazendo o mesmo, todos se olhavam e se perguntavam não apenas o que era aquilo, mas também se estavam novamente em tempos de guerra.

Era triste ver o que um inesperado atentado pirata anterior havia feito com aquele povo, outrora tão seguro de si e, mais do que isso, também um exemplo para todos os povos daquele continente. O mais difícil parecia o fato de ter de aceitar que a paranóia e o medo haviam se instalado não apenas nas casas daquelas pessoas, mas também nos corações de cada uma delas; um local de onde apenas elas poderiam retirar o sentimento, o que tornava tal tarefa muito mais difícil.

Quando aquela coisa passou por cima delas, algumas pessoas se abaixaram com medo de que fosse outro ataque, dessa vez pelo ar em vez de por mar e terra. Ariane Narin, tomada pela sombra que aquilo fazia em sua cabeça, se agarrou forte ao

corpo da mãe.

- O que é *aquilo*, mãe?

Anna Narin, ao longo de sua vida, já havia visto muita coisa em eventos envolvendo bruxas boas e bruxas ruins. Já havia visto magias negras sendo destituídas, como havia visto bruxas canibais tentarem devorar crianças. Já havia visto coisas espantosas e havia visto coisas que seriam ditas impossíveis.

Ainda assim, ela jamais havia visto algo igual àquilo.

14

Maria Hanson observou no horizonte o que quer que fosse aquilo continuar seu caminho até parar acima do Grande Paço. Ao seu lado, Kenny, antiga companheira de classe de Maria e hoje na condição de sua aluna, deixou os pesados livros caírem de suas mãos.

- Aquilo está... *descendo* no Grande Paço? - perguntou Kenny, com a voz lenta.

Maria Hanson tinha olhos arregalados que não piscavam. As mãos, trêmulas e essencialmente úmidas de susto. E um coração batendo extremamente forte dentro do peito.

- Está...

15

Anísio Terra Branford já estava do lado de fora do Grande Paço, ao lado de todos os soldados disponíveis do palácio, principalmente os melhores deles. Aquela coisa havia feito uma imensa sombra sobre o jardim real, transformando o dia em um inesperado momento de eclipse. Todos os presentes observavam de longe, com surpresa nas faces e arrepio nos pelos.

Arqueiros armaram seus arcos e bestas, apontando suas setas para o alto.

- Majestade, é só dar o sinal... - disse o capitão.

- Não. *Ainda* não...

O capitão fez um sinal com o punho fechado, e nenhum arqueiro liberou sua corda.

Pouco a pouco, devagar e meio trêmula, aquela coisa foi parando. Era imensa. Imensa. De longe, parecia um bicho oriundo da raça dos dragões. Mas de perto... de perto era algo ainda mais fabuloso porque já não parecia mais um bicho.

Aliás, sabe-se lá o que parecia. Era como se colocassem um... *navio* em pleno ar, mas essa ainda é uma descrição pobre. Era mais como um... *monstro* formado de madeira e metal, com um rabo metálico que girava veloz o suficiente para lembrar as batidas de asas de um pássaro difícil de se recordar o nome, mas capaz de parar no ar. Em alguns pontos, parecia soltar

fogo pelas ventas. E havia ainda uma base onde se encontrava um retângulo metálico e brilhante no centro, e outros dois menores nas pontas, formando um desenho que lembrava uma cruz. Ao redor do corpo metálico, rodava, de maneira barulhenta, uma espécie de *corrente grossa* de metal, que girava ao longo de toda a parte externa no sentido horário por um vão em que brilhava uma luz rubra.

E era incrível como o rabo metálico havia parado de girar, mas ainda assim aquele imenso peso permanecia *parado* no ar.

Das três placas brilhantes na parte inferior que lembravam uma cruz, o grande retângulo do centro parou de brilhar, permanecendo brilhantes apenas as pequenas placas laterais da cruz. E então, pouco a pouco, o imenso veículo alado começou a descer. Lentamente e, vez ou outra, oscilando e bambeando um pouco, como se não fosse acostumado com o próprio peso, mas, ainda assim, descendo sob o olhar de pessoas que mantinham bocas abertas e olhos arregalados. Logo, ainda durante a descida próxima, se escutou o som de compartimentos sendo desobstruídos, como o som que faz uma grande janela quando aberta de uma única vez, de maneira ríspida.

Os arqueiros voltaram a suar frio e tremeram as armas nas mãos.

- Majestade! - voltou a dizer o capitão, com uma voz mais

trêmula do que deveria.

- *Ainda* não...

Áxel Branford observava a coisa ao lado de seu guarda-costas, o troll Moonwarkston, apelidado entre os homens simplesmente de Muralha. O troll não havia participado da cerimônia dentro do salão, mas agora aquela definitivamente se tornava uma situação em que sua presença se fazia extremamente necessária.

Quatro compartimentos inferiores foram abertos, cada um na ponta daquele imenso casco. Alguns nobres tentaram se esconder ou se proteger, imaginando que daqueles compartimentos revelados sairiam tiros de canhão ou sabe-se lá o quê. As setas ainda acompanhavam o lento movimento de descida. O punho do capitão ainda se mantinha fechado, indicando que ninguém deveria atirar uma única flecha que fosse. Até porque - àquela altura - ninguém mais discernia se flechas serviriam para alguma coisa.

E então, dos compartimentos revelados, em vez de canhões saíram engrenagens com pés em forma de rodas de carruagens, mas com o triplo do tamanho que uma roda de carruagem teria. E com um envoltório que roda de carruagem alguma já havia sido revestida.

E devagar, conforme o bambejar do veículo permitia, as rodas tocaram o chão, fazendo o imenso pássaro-navio gemer engrenagens de metal e suavizar o imenso peso que deveria

ter. Quando a base do monstro de aço tocou o chão e sustentou seu peso, houve um barulho forte equivalente a centenas de armaduras caindo, ao mesmo tempo, de uma gigantesca prateleira. As duas placas ainda brilhantes nas laterais inferiores se apagaram de vez. A nuvem de poeira erguida na descida foi baixando.

E, enfim, houve silêncio.

Uma vez ou outra se escutava apenas o som de armas de soldados se movimentando. Ou de guardas mudando de posição por ordem de superiores. Rei Anísio Branford ordenou que as flechas fossem abaixadas, e os soldados obedeceram extremamente cautelosos.

E, de súbito, o navio-pássaro fez um barulho que lembrava uma porta sendo aberta violentamente. Um soldado, no susto, atirou uma seta no próprio pé e caiu gritando.

As flechas voltaram a ser apontadas trêmulas para aquela coisa.

- Eu mandei abaixar armas! - bradou Rei Anísio, com a voz segura que seu capitão desejava ter.

Todas; todas as armas foram abaixadas.

E Rei Anísio esperou.

Foi quando do novo compartimento aberto pareceu descer uma escada móvel, presa por cordas em suas laterais que se desprendiam com um pedaço da base inferior do casco que tocou o chão, como se fosse um filete de melão sendo cortado

de uma fruta perfeita. Cada vez mais pessoas se aglomeravam naquele jardim, sem saber exatamente se estavam sentindo-se privilegiadas ou não de estarem ali.

E viu-se uma sombra surgir de dentro daquele casco. E depois um pequeno ser descer passo a passo aquela escada improvisada até tocar o chão e ficar frente a frente com Rei

Anísio Terra Branford.

Aquele encontro iria mudar o mundo.

16

Próximo ao cais do porto de Arzallum, naquele momento, um negro solitário observava o mar tranquilo. Era alto e um pouco forte e tinha uma expressão inabalável de quem não teme a vida, seja por muita coragem ou pela própria falta de ousadia diante dela. Nas mãos, uma faca com uma lâmina do tamanho de um antebraço e um artifício de pedra riscada que lhe servia como amolador.

O nome daquele negro era Snail Galford.

- Você andou sumido... - disse uma voz que se aproximava, atrás dele. A dona dela era uma menina de não mais que dezessete anos, de cabelos ruivos até os ombros e corpo de trapezista. Ela era Liriel Gabbiani.

- Eu sei... - ele disse, e então reparou melhor na menina. -

Gostei do novo corte.

Ela sorriu o mesmo sorriso que todas as mulheres do mundo dão quando são notadas.

- Obrigada...

- As coisas vão bem no pula-pula do circo?

- Vão sim. E o nome é *trapézio*.

- E qual a diferença?

- Deixa de ser ridículo! E por que você não vem trabalhar conosco? Abriu uma vaga pra atirador de facas...

Ele sorriu. O riso era irônico.

- Na verdade, Gabbiani, estive sumido um tempo porque andei realmente ocupado.

- E mesmo? E um homem da sua laia andou ocupado fazendo o quê, posso saber?

- Caçando bruxas.

- Saudações, povo do Ocaso, mestres e monarcas deste continente tão promissor. Há muito esperamos esta vinda, e admito que muito prazeroso seja para nosso povo não apenas atestar sua existência, como para nós individualmente fazermos parte deste momento histórico - a voz que emitia tais palavras era de uma tonalidade neutra, nem alta nem baixa. O altivo utilizado era de uma riqueza assustadora para quem observava, e seu emissor tinha uma classe tal para se comunicar que fazia as pessoas parecerem menores do que eram, e esse detalhe é digno de nota, vou lhe explicar o porquê.

Acontece que, quem desceu daquele... navio-que-navegava-no-céu, ou seja lá que nome tivesse uma coisa daquelas, foi um ser magricela de não mais que um metro e vinte, o que logo nos faria pensar em um anão magrelo. O problema era que o rosto... ou, melhor ainda, a *cabeça* do cidadão era do tamanho da de um homem muitas vezes maior. Logo, mais parecia que um engraçadinho havia colocado um tubo na orelha de um anão e assoprado até que sua cabeça inchasse. E mais: o ser ainda se vestia de forma impecável no que pareciam roupas nobres de seda adaptadas para seu tamanho, cordões de ouro ao redor do pescoço e cordões de prata ao redor dos pulsos. E isso sem falar dos anéis esculpidos com

símbolos que ninguém ali entenderia tão cedo.

Rei Anísio limpou a garganta. Suspirou fundo e tomou coragem para perguntar:

- Saudações. Quem és tu, navegador dos céus, que te apresentas hoje aqui para nós?

- Oh, falta de educação a minha não me apresentar primeiramente - e o pequeno ser pareceu embaraçado. - Peço desculpas a todos, mas é que em nossa cultura nos apresentamos apenas depois de manifestarmos nossas intenções, detalhe que na cultura da vossa raça é o contrário.

- Compreendo o que tu dizes, visitante - voltou a dizer o Rei. - Mas agora que sabes em que cultura estás, por favor, peço que nos esclareças o que não podemos concluir.

- Com toda a certeza, Rei Anísio Branford.

- Então sabes o que acontece neste Paço no dia de hoje?

- Absolutamente, Grande Rei. Não por acaso é este o dia calculado para nossa chegada. Estou aqui em nome e a pedido do povo oriental do continente do Nascente e aproveito para trazer não apenas um acordo de cooperação com este Reino e seus aliados como também uma proposta de início de outra Era em todo este continente.

Houve burburinhos em todos os cantos. Alguns se perguntavam se aqueles seres haviam chegado do espaço, o que não seria difícil de acreditar por sinal, já que a gente vê tanta coisa hoje em dia. E não parece haver muita diferença

entre um ser que veio do espaço e um que não, se ambos vêm em um navio que voa no céu...

- Eu sou Rumpelstichen, mestre dos ferreiros-pilotos de Labuta, e trago aqui hoje o futuro que já foi vislumbrado no continente do Nascente e que agora voa com o vento aqui para as terras do Ocaso neste Vishnu - ele apontou para a grande máquina atrás de si. - O que todos vós podeis ver aqui se trata da mais moderna junção entre magia e metal que uma raça inteligente já ousou fundir. Ele dará início a uma Era em que magia e tecnologia caminharão de mãos dadas a serviço de uma civilização mais próspera e rica. Em que os homens não irão temer a magia, mas fazer com que ela sirva aos seus interesses. Em que as distâncias se tornarão menores. Em que o conhecimento se expandirá de forma mais rápida e mais democrática. É essa a Era que oferecemos hoje em Arzallum a todos os líderes que aqui se encontram.

As pessoas voltaram a observar a imensa carruagem voadora, surreal demais para a inteligência humana simplesmente *aceitar* sua existência.

- E, então, o que nos dizem?

Todos olharam para Rei Branford, esperando. A máxima realmente era verdadeira: grandes poderes; grandes responsabilidades. Anísio ponderou apenas alguns segundos.

E disse:

- Visitantes, por mais que jamais esperássemos pela vossa

visita e tendo perfeita consciência de que basta um único gesto meu para que chuvas de flechas eclipsassem o mesmo sol de onde vieram... sejam então, pois, bem-vindos ao Grande Paço de Arzallum.

As pessoas não manifestaram reações positivas ou negativas.

Ainda não sabiam se estavam diante de uma bênção ou de uma maldição.

- Contudo, visitante... - continuou o Rei -... tu disseste que vieste de Oíir, as terras do Nascente, no dia de hoje, para atender a um pedido.

- Com toda a certeza, Vossa Majestade.

- E gostaria de saber: esse... *pedido* se oriunda da figura de quem?

- Do grande sultão de Al-Quadim Badroulbador, Majestade - e as pessoas se olharam espantadas. A figura do sultão que governava o mundo oriental era lendária e rendia histórias tão esdrúxulas quanto fascinantes.

- Senhores, apresento a todos o magnífico guerreiro e campeão oriental Ruggiero - e um homem forte, de cabelos longos e lisos, traços orientais e olhos cortados, apareceu de dentro do veículo alado e observou aquele mundo sem esboçar reação, como se nada ali tivesse importância. - O representante oficial de todo o continente de Ofir no magnífico torneio do Punho De Ferro.

Áxel Terra Branford estava tão estupefato quanto o irmão.

18

- Você vai *mesmo* enfrentar o Hector Farmer mais tarde, João?

- perguntou Ariane, nervosa.

- *É claro* que eu vou - respondeu João, fazendo alguns

alongamentos que pareciam pouco práticos. - Ele vai pagar caro por ter insultado a minha irmã...

- João, tipo... olha, é claro que eu quero que você ganhe, tá entendendo?... mas... assim.. você sabe que ele é mais velho, mais forte e maior do que você, não sabe?

João parou e olhou para ela como se achasse aquele comentário de Ariane um verdadeiro insulto, pior do que os de Hector Farmer à sua irmã.

- Você está querendo me dar *uma força*, é isso?

- Pô, não fica assim! Eu só quero dizer que...

- Você não tem de se preocupar, Ariane - ele disse bastante seguro, trocando seus alongamentos por aquecimentos que davam pulos e socos em inimigos imaginários.

- Mesmo? Mas por que não?

- Porque eu tenho um plano.

19

- Senhores presentes, como dito antes, eu sou o senhor

Rumpelstichen e estou aqui hoje para trazer a vós o futuro de todo o continente do Ocaso.

O salão do Grande Paço estava lotado uma vez mais. Só que dessa vez em absoluto silêncio, fosse esse silêncio oriundo de nobres, fosse de serviçais. Rei Anísio permanecia de pé, à frente de seu trono fundido em prata, enquanto o pequeno visitante, já acompanhado de mais dois... assistentes igualmente bem vestidos, com cabeças desproporcionais e com malas maiores do que as malas de humanos, o ajudavam em seu discurso.

- Vossa Majestade, a história que envolve a Criação e o funcionamento de nosso mundo de éter é conhecida pela maioria e por muito além dessa maioria, tenho a mais absoluta certeza. Entretanto, o que acredito que não seja de conhecimento geral de vossos governantes, e mesmo de vossos governados, é a diferença com que os continentes do Nascente e do Ocaso se desenvolveram em sentidos tecnológicos - ele mudou o foco do olhar. - Para confirmar minha opinião, gostaria neste instante de perguntar aos aqui presentes algo que conheçam, ou julguem conhecer, sobre o que vós conheceis como o *exótico continente*.

Um nobre da comitiva de Aragon, que a maioria nem sabia o

nome, se adiantou:

- Ouvi dizer que lá existem homens magricelas que se deitam nus em camas de pregos...

Com aquele rosto desproporcional ao resto do corpo, o gnomo pareceu sorrir. E, dotado de surpreendente bom humor, respondeu:

- Hum, imaginem a cena curiosa que deva ser um homem desses bebendo água depois de tal feito. Deveriam colocá-lo para regar jardins! - e, até pela surpresa da espirituosidade do comentário, todo o salão do Grande Paço começou a rir.

Outra voz presente, já mais animada, disse:

- Parece que lá há flautistas que hipnotizam cobras e as fazem dançar em plena praça...

- Hum... então já sabemos quem chamar quando nossas ruas estiverem infestadas de ratos... - e o salão começou a rir novamente. Até Rei Anísio.

Uma terceira voz correu pelo saguão:

- Pelo que se conta, existem homens com turbantes que mandam degolar belas mulheres seminuas, quando estas lhes contam histórias ruins ao pé da cama...

- Acredito que todos têm de entendê-los: mal-humorado deve mesmo ser um homem que se deita com belas mulheres seminuas com o intuito de ouvi-las contar histórias! - o gnomo riu. Os ali presentes, também. - E ainda por cima ruins!

O salão dessa vez gargalhou forte. A empatia do orador com a plateia havia sido estabelecida de vez.

- É verdade que lá as mulheres se deitam com gênios? -
perguntou o príncipe Áxel.

Todos se calaram abruptamente, diluindo de imediato a graça anteriormente exposta. Pela primeira vez, ao menos até o presente momento, o pequenino de grande crânio pareceu pouco à vontade.

- Príncipe Áxel Branford, afirmo a vós que muita coisa é mitificada quando oriunda do povo do Oriente. Suas culturas são diferentes e, principalmente, a filosofia que envolve suas tradições. É o povo oriental um povo que dá um valor maior e exacerbado a conceitos como honra e vaidade; seus comércios envolvem produtos que aqui vós não sabeis todo o potencial; seus animais não existem nestas terras, e seus rituais de magia não são descritos nos livros do Ocidente. Suas mulheres são exóticas e se vestem para agradar a sultões tão ricos que comprariam este Paço apenas para servir de apreço para seu harém, sem ofensas na afirmação. Apenas como comparação, sua filha Badoura, a princesa de Jade, talvez seja a mulher mais bela do mundo...

- É... realmente é de dar pena um continente que não conhece Branca Coração-de-Neve - disse Rei Anísio, fazendo a princesa corar, e todo o salão rir. - Branca, querida, acho que mandarei fazer uma réplica tua em cera e a enviarei para

alguns sultões! Fará muito mais sucesso do que uma princesa de jade! - o salão riu forte uma segunda vez. - Pensando bem, acho melhor não. Eles a mandariam lhes contar histórias e degolariam a coitada quando ficasse em silêncio... - e todo o salão dessa vez gargalhou.

O pequenino chamou para si as atenções novamente:

- Pois, por mais diferente que seja aos presentes a cultura do Oriente, digo-lhes que tal cultura prestou um valiosíssimo serviço à humanidade com contribuições envolvendo experiências, ou ao menos o *financiamento* de experiências, que por incansáveis anos trataram de buscar uma forma de fundir a magia com a mais desenvolvida tecnologia das raças inteligentes.

- Imagino que tenhas realmente muita coisa a nos dizer, e mesmo ensinar, senhor Rumpelstichen. Para se ter uma ideia, até hoje acreditávamos que navios eram para ser colocados em cima da água do mar...

Alguns seguraram o riso. Não porque o comentário do Rei fosse engraçado, mas porque ele deveria ser absurdo. Mas não era.

Não mais.

- Pois o que viram ali fora diante de vossos olhos é apenas uma pequenina amostra de poder e de como a nova *magia* desenvolvida no Oriente pode revolucionar todo o

conhecimento ocidental.

Houve murmurinhos. O fato era que quaisquer referências a coisas novas eram sempre mais difíceis de serem aceitas no Ocidente do que no Oriente. Mais ainda quando se tratava de assuntos envolvendo magias, espíritos ou novos semideuses.

- E que nova magia seria essa? - perguntou um Rei curioso.

- *A magia vermelha, Majestade.*

Anísio Branford começou a temer os rumos daquela conversa.

Ali ele entendeu que o mundo iria mudar.

20

- É sério mesmo aquele papo sobre caçar bruxas? - perguntou

Liriel.

- É sim.

- E para *quem* estava fazendo isso?

- Para o Rei.

Liriel Gabbiani ficou muda um tempo. Era impressionante a "ascensão" meteórica - se você não se importar de chamarmos assim - daquele negro insolente, de marujo de navio pirata e ladrão pé-de-chinelo a homem de confiança de capitão, agente duplo da Coroa e sabe lá mais onde já estava agora...

- Mas você ainda está fazendo esse trabalho?

- Não. Pedi demissão.

- Por que maldição fez isso?

- O pagamento não era tudo o que eu esperava.

- Eu duvido que a Coroa pague mal. Ainda mais para esse tipo de serviço...

- Não, eles não pagam realmente.

- E então?

Snail olhou de lado para ela, como que já cansado de tantas explicações exigidas. Mas suspirou, porque sabia que aquela curiosidade excessiva era parte inseparável da alma feminina.

- Na verdade, as ameaças andam correndo de forma mais intensa do que se previa. Intensa, a ponto de Anísio Branford

querer, mais uma vez, *realmente* profissionalizar essa atividade...

- Como é? - Liriel fez uma careta surpresa. - O que quer dizer isso? Que ele pretende trazer de volta os *antigos*? Você só pode estar de brincadeira!

- Estou dizendo apenas o que escuto! Além do mais, não importa se ele manterá seus *caçadores* de forma amadora ou profissional. Eu ganharia menos do que eu sei que posso ganhar em qualquer instância...

- Hum... e o que pretende fazer... sócio? - ela arriscou.

- Ah, você se lembra da minha proposta...

- Por que outro motivo você viria me procurar?

Eles ficaram se olhando. Um tempo longo demais para qualquer um dos dois não se sentir constrangido.

- É o seguinte, Gabbiani: antes de o seu grupo ser exterminado, você era uma Fantasma e, antes de o meu grupo ser dizimado, eu era um Sombra, correto?

- Correto.

- E eles eram duas organizações criminosas que disputavam poder com a...

- Dá pra você me dizer algo que eu não saiba?

- O fato é que antes de eles se perderem no caminho... quero dizer... antes de a *guerra* começar... e ninguém mais se lembrar de como tudo começou... você se lembra do que eles eram? Antes de se tornarem duas sociedades criminosas?

- Eram duas sociedades secretas.

- Então...

- *Então o quê?*

- É assim que nós vamos ganhar dinheiro...

- Ainda não entendi.

- Nós vamos *renascer* essas sociedades secretas, Gabbiani - e

o queixo de Liriel quase caiu diante da ousada proposta. - Só

que, dessa vez, elas renascerão como uma só...

Se o mundo iria mudar, aquele parecia ser mesmo um bom

dia.

21

- Senhores, como vós sabeis, gênios são as entidades mais próximas entre seres humanos e seres imateriais - disse Rumpelstichen, em meio ao silêncio. - São eles entidades *criadas* com o intuito de fazer essa ponte mística e liberarem, quando autorizados, determinados conhecimentos para a evolução do nosso mundo. Em Mecha, capital de Labuta, nosso Reino natal, por muito tempo trabalhamos com eles ao nosso lado e descobrimos mais do que qualquer raça poderia ousar. Descobrimos sobre a inversão da gravidade que os fazia levitar tapetes, sobre a vitória ante a matéria que os fazia alterar seus tamanhos e até a fonte de suas aptidões, tidas pela maioria de vós como inalcançáveis...

- Pelo que queres dizer, gnomo... - disse Rei Tércio - ... descobriste a fonte de poder... de gênios?

- Na verdade, Majestade, nós não a descobrimos. Ela nos foi *revelada* por eles quando autorizados a isso...

- *Autorizados?* Por parte de quem, ou de... quê?

- Desculpai a falta de precisão, sábio Rei, mas nós, gnomos, entendemos de magia e ciência, não de hierarquias etéreas.

Houve mais murmurinhos. Rumpelstichen emitiu um sinal, e um de seus assistentes se aproximou e abriu uma valise com um sistema engenhoso. Com certeza até mesmo Snail Galford teria de fazer um curso para abrir um negócio daquele, acho.

De lá, Rumpelstichen retirou um cristal vermelho como rubi.

Parecia, porém, tão cristalino que era possível ver seu interior como se fosse vidro. E algo em seu interior.

- Senhores, esse é um cristal *yin* - o gnomo ergueu o braço e mostrou aos presentes o que trazia. - É um cristal diferente de outros quaisquer que qualquer um de vós podeis já ter visto um dia. Suas propriedades são diferentes, bem como sua composição. Ele é forte e sólido por fora como todo cristal, mas é impossível negarmos que por dentro ele é muito mais *sutil* do que outras pedras.

- E no que um cristal desses modifica nosso atual conhecimento?

- Modifica a partir do fato de nenhum cristal conhecido até hoje possuir a capacidade de absorção de energia desse poliedro.

- Quando dizes *energia*, tu te referes à energia luminosa? - perguntou Rei Segundo.

- Não, Majestade. Refiro-me à energia etérea.

O salão voltou a ficar agitado. Era uma questão difícil: aceitar alguém entrando na sua casa e lhe dizendo que tudo o que você conhece já não lhe serve tão bem quanto você acreditava há pouco tempo.

- Como um cristal pode absorver energia tão sutil, gnomo?

Estamos falando de uma energia emanada por semi-deuses!

Uma energia muito acima da nossa compreensão! - disse Rei

Anísio, recebendo burburinhos de concordância do salão.

- Rei Branford, concordo com vós quando dizeis que esta é uma energia que nunca compreenderemos por completo. É uma energia que nos dá criação e da qual nunca teremos controle, ou, do contrário, seríamos criadores, e não criação.

Entretanto, vivemos em um mundo onde os primeiros dragões eram formados de éter. Falamos dos mesmos elementais que nos ligavam - e ainda nos ligam - aos nossos sonhos e aos sonhos de nossos sagrados semi-deuses. E isso faz com que nossa terra seja uma terra instável, onde a magia só é destrutiva para aquele sem disciplina para estudá-la.

- Ainda assim... - disse Rei Collen - ... tu precisas nos dizer como tal energia sutil como o éter pode ser concentrada em objeto aparentemente tão frágil...

- É possível com a descoberta que dá base à magia que nomeamos *magia vermelha*. O líquido que podereis melhor observar ao colocar o cristal sob uma boa fonte de luz.

Rei Anísio, ao lado de Áxel Branford, observou o cristal próximo a um serviçal que segurava um candelabro. A textura do cristal *também* lembrava vidro, mas era possível perceber que seria preciso mais do que uma marretada para parti-lo.

- Parece que algo realmente *corre* no interior desta pedra - disse Anísio. - Mas é algo mais... denso do que água, e ainda assim suave o suficiente para não se tornar pedra aqui dentro.

- Perfeitamente - disse o lorde gnomo. - Os senhores estão

diante da maior descoberta de todos os tempos...

- E o que, afinal, é esse fluido, senhor Rumpelstichen? -

perguntou Áxel Branford.

A resposta os deixou boquiabertos.

"Éter líquido".

O salão virou um pandemônio. Rei Anísio teve de pedir silêncio três vezes, o que era algo a ser notado, já que um Rei não costuma repetir ordens, nem deveria.

- Como... - perguntou perplexo o Rei - ... *como* vocês podem concentrar energia tão sutil não apenas dentro de cristais mas em substâncias líquidas?

- Estais vendo como vossas culturas andais em passos separados? No Oriente, tais experimentos já são conhecidos, e há muito eles estudaram tais propriedades sem conseguirem, contudo, a perfeição do que aqui apresentamos.

- Não pareceis ter respondido à minha pergunta, senhor Rumpelstichen... - continuou o Rei.

- Mais uma vez peço vossas desculpas, grande Rei.

Acompanhem: o éter é o que dá origem ao fantástico, e é através dos *gênios* e de suas revelações para a construção da Era Nova, que está sendo iniciada, que aprendemos a adquiri-lo. Foi assim que construímos pequenos *tanques* de éter líquido, onde mergulhamos os cristais *yin*.

- E o que descobriram?

- Que tais cristais são capazes não apenas de absorver éter

líquido como também necessitam disso para *gerar força*, da mesma forma que vossa pele absorve água e enruga quando muito tempo dentro de um lago, e ainda assim não podeis viver sem ela dentro de ti.

Mais uma pausa. Mais burburinhos. Rei Adamantine tomou a palavra:

- Tu dizes que tais cristais necessitam ser banhados em... éter líquido para gerar... *força*. A que tipo de "força" te referes?

- Uma força para a qual não tínhamos um nome há alguns anos, mas hoje já foi batizada pelo sultão de Al-Quadim.

- E com que nome o sultão a batizou? - perguntou Rei Tércio.

- O

Etherpunk. - Obviamente, houve mais alguns

murmurinhos e falatório, antes que o próprio gnomo

continuasse. - É com ela que geramos uma força altamente original, que movimenta mecanismos criados por nós para todo tipo de máquina que nossa imaginação conceba, como esta que aqui nos trouxe dos céus no dia de hoje.

- E podes nos revelar o que gênios vos ensinaram sobre tais *formas* de se extrair éter em estado tão puro? - insistiu Rei Adamantine.

- Isto, infelizmente, é algo que *ainda* não posso revelar a vós.

Eu o farei apenas a Rei Branford, quando estivermos a sós, caso nossos povos cheguem a um acordo de cooperação que agrade a ambas as partes.

- E do contrário? - perguntou Rei Anísio.

- Do contrário, Majestade, iremos voltar aos céus e oferecer tal acordo a outros que possam nos oferecer o que esperamos...

O Rei não pareceu contente com o comentário, embora entendesse as motivações propostas. Já ia fazer uma observação, quando o gnomo disse:

- Mas, se for do vosso interesse, podemos fazer uma demonstração dessa força vermelha e de como ela modifica tudo o que sabemos sobre a quintessência. Isso seria do agrado deste Salão Real?

E todo o salão fez onomatopéias de aprovação. Pareciam crianças diante de um espetáculo apresentado no palco do glorioso Majestade, e bendito é o homem que cresceu, mas que mantém dentro de si a alegria de uma criança, e que vive cada dia como um grande dia.

O nobre gnomo recebeu de um assistente um segundo cristal, dessa vez tão branco que chegava a ser translúcido. Se o outro já parecia vidro, esse era completamente indissociável, ao menos de longe.

- Senhores, este cristal que vos apresento agora se trata de um cristal *yang*. Assim como o outro, ele tem uma capacidade de absorção do éter líquido, mas com uma propriedade diferente e oposta à do cristal *yin*.

- Então se trata de duas forças opostas? - perguntou Rei

Branford.

- Na verdade, é como se fossem a mesma força, só que vista em lados extremos. Elas não se opõem, na verdade. Elas se complementam.

Mais falação no ambiente.

- A diferença é que descobrimos que o cristal *yin* tem de absorver o éter líquido em temperaturas elevadas, enquanto o cristal *yang* tem a necessidade de absorvê-lo em temperaturas frias. E é isso que torna tudo muito mais interessante...

O outro assistente - que não precisava tomar conta da valise - dessa vez trouxe ao salão uma espécie de *geringonça*, que mais lembrava uma pequenina chaminé de vidro. Havia uma base que lembrava um balde, com a largura um pouco maior do que o quadril de um homem. Ele tinha uma altura que ia mais ou menos até os joelhos de um homem médio. Esse balde estava preso por sua vez em uma base em forma de estrela, onde havia quatro encaixes para quatro objetos do tamanho de um ovo poderem ser alojados.

- Senhores, este é um aparato que denominamos *Sandman*.

Um captador de energia etérea que criamos e que aprendemos a manipular com física aplicada.

O salão novamente era silêncio.

- Logo, reparem que a força vermelha estabelecida neste campo energético é tão forte, que se os prendermos nesse *Sandman*... - e ambos os gnomos abaixaram-se e prenderam

os cristais na base da geringonça.

Houve um barulho que lembrava o som de um vento forte entrando pela brecha de uma porta, arrastando poeira e folhas com ele.

O salão exclamou assustado. Ninguém piscava. Ninguém.

E ambos os gnomos soltaram os cristais, que pareciam brilhar mais forte do que deveriam. O senhor Rumpelstichen fez um sinal, e outro assistente correu para pegar uma grande bolsa, amarrada por uma corda. Enquanto isso, exclamou para o salão:

- Senhores e senhoras, e agora, para concluir nossa demonstração, gostaria de poder contar com algum voluntário que se apresentasse neste salão...

As pessoas se olharam. Olhos afoitos procurando o primeiro que fosse capaz de ter coragem de saciar tal curiosidade obsessiva dentro daquele compartimento. O silêncio começou a ficar angustiante, até que alguém deu um passo à frente, e o salão aplaudiu.

O voluntário era Áxel Branford.

- Por favor... - Rumpelstichen estendeu o braço para o príncipe, na direção do mecanismo. O gnomo levou Áxel até o cume da estrela que formava a base onde havia o balde e a pequena chaminé de vidro. Áxel se manteve ali de pé, e seria mentira dizer que ele também não estava apreensivo.

- Príncipe Áxel Branford, insisto para que um de vós observe

de mais perto porque tenho certeza de que o que irão ver se trata de algo tão *fantástico* na concepção dos presentes, que a maioria achará ter sido oriunda de uma alucinação ou truque difícil demais para se descobrir o mecanismo de ilusionismo.

Áxel ainda era apreensão. O resto do salão, também.

O gnomo desamarrou a grande bolsa entregue anteriormente pelo assistente. Havia areia ali dentro.

- Será que as velas de alguns candelabros poderiam ser apagadas um pouco? Digo não todas, apenas algumas poucas.

O gnomo despejou todo o saco de areia no centro da pequena chaminé de vidro, rodeado pelos quatro cristais. Candelabros foram apagados.

E, imediatamente, todo o salão ficou boquiaberto com o que viu.

22

O sino das três horas tocou, e o coração da menina ricocheteou com ele.

Ariane Narin agora já estava uma pilha de nervos. Faltava uma hora para a disputa de honra entre João Hanson e Hector Farmer, e João continuava se aquecendo e se alongando na maior calma.

Ela jurava que queria ficar calma também, mas aquele sentimento estava subindo pela sua coluna, contorcendo seus dedos, fazendo-a roer as unhas e crescendo dentro de seu peito até que ela tivesse de...

- João!!! - ela gritou, enfim. Ele parou de se esquivar de ataques imaginários e virou-se para ela, curioso:

- Que foi, garota?

- Para tudo! Pelo amor do Criador, eu não estou aguentando mais, cara! Fala a verdade, vai: você tem *mesmo* um plano pra daqui a pouco diante do Hector Farmer?

- Tenho sim.

E o pior é que ele tinha mesmo.

23

Primeiro, houve o assobio.

Imagine, ou melhor, crie o som do vento varrendo e levantando poeira em uma sala sem móveis. Imagine que esse vento só exista dentro dessa sala na sua mente. Ele gira e gira, e a poeira da sala sem móveis gira com ele. Agora, transforme essa sala em um largo recipiente de vidro. E transforme essa poeira em areia. Mas mantenha o som.

Foi assim que aconteceu.

As partículas de silício começaram a dançar um baile inacreditável para os olhos humanos, enquanto um sopro indelével e extenuante tomava forma. Era um show baseado em fantasia e sentimento; um baile que não podia ser entendido com a mente, pois apenas corações lhe dariam credibilidade. E emoção.

Ao redor, do lado de fora do recipiente, com areia tomando formas, o ar em agito balançava as roupas e os cabelos do príncipe de Arzallum, boquiaberto.

E, então, as partículas de areia erguiam-se, rodeadas por um campo de forças de atração impossível de ser visto com olhos humanos, mas igualmente impossível de ser ignorado. Os pelos se eriçaram. Os olhos se arregalaram, e a adrenalina correu por corpos que viam partículas de areia tomarem um contorno que se colocava de pé, como se a imaginação fizesse

sentido na realidade e moldasse o conceito de realidade. Pois, bendito não é apenas o coração que sonha como também a mente que vê existir um sonho nascido da imaginação.

As partículas de silício viraram formas, que desenhavam pernas, que desenhavam troncos, que desenhavam braços, que desenhavam seios, que desenhavam a figura de uma extensa cabeleira e de um rosto tão bonito, mas tão bonito, que até mesmo na marca da areia era possível se admirar tal criação.

Uma forma feminina. Uma forma semi-divina.

Uma forma humana.

Rei Anísio arregalou os olhos. Corações pulsaram juntos naquele salão, até mesmo os corações de inimigos. A boca de Áxel Branford não fechou, e ele sentiu areia entrar nela. E, no momento em que o avatar de areia em forma de mulher começou a se mover e a se comunicar como se fosse um ser vivo, o gnomo Rumpelstichen começou a ler um pergaminho, ao lado do assistente que segurava um pires com uma vela:

- Saudações, povo do Ocidente. Eu sou Badoura, herdeira de Oíir, a princesa do Reino de Jade. - O gnomo lia os diálogos do pergaminho em sincronia com os suaves movimentos da mulher de areia. Uma sincronia que com certeza já havia sido treinada antes. Quando eia falava, de vez em quando grãos de areia escorriam de seus movimentos, para logo depois se erguerem novamente e voltarem aos seus lugares, puxados pela força desconhecida e anti-gravitacional que movia a

energia contida no mecanismo daqueles cristais. - Gostaria muito de estar presente neste dia de hoje, no qual tenho o conhecimento de que um novo Rei de Arzallum se coloca no trono, uma vez mais.

Era possível perceber olhos grandes e cabelos negros longos, além de túnicas folgadas que provavelmente eram de tecidos caros e finos. Parecia ficar descalça, com adereços de pulseiras e argolas e brincos em muitos locais, inclusive nos tornozelos e no pescoço. Áxel observava bem tais particularidades. Estava tão próximo que via detalhes que não deveriam *existir* mesmo em uma escultura de areia, ainda que viva. Ele via... *cílios*, que caíam em movimentos mais bruscos e retornavam ao lugar. Ele via sobrancelhas. Até mesmo o cabelo de areia de vez em quando balançava, enquanto era possível acreditar que a princesa de areia piscava os olhos de tempos em tempos.

- Sei muito bem, porém, que muito mais surpreendente será minha presença em tal cerimônia da *forma* como se dá agora e imagino que esteja a surpreender todos os presentes. O fato é que estou enviando a vosso continente no dia de hoje o futuro visualizado por meu pai, sultão e Imperador Badroulbador, e por nosso continente, e esperamos poder dividi-lo com nossos irmãos do outro lado do oceano, para que possamos viver em um mundo cada vez mais consciente de sua jornada de evolução espiritual.

A princesa parou e colocou o cabelo atrás das orelhas.

- Posso continuar? - ela perguntou segundo a leitura do gnomo e se pôs a esperar.

Houve murmurinhos de aprovação no salão. Até mesmo Rei

Anísio respondeu:

- É claro.

- Hã... - Rumpelstichen pareceu sem jeito. - Senhores, neste momento na verdade a princesa estava falando comigo. Vós todos aqui não estais vendo-a neste exato instante, mas no momento já passado em que ela disse tais palavras, semanas atrás.

O salão voltou a gerar murmurinhos. Naquele momento, começou a ser levantada até mesmo a hipótese de bruxaria no salão, minimizada pelas pessoas mais cultas. A maioria, porém, falava sobre hipóteses envolvendo tempo e espaço e estudos de ciências de temáticas fantásticas demais que nunca haviam sido dominadas.

A princesa fez um aceno com a cabeça, como se alguém em sua realidade lhe tivesse autorizado a continuar.

- Pois bem, neste momento o senhor Rumpelstichen eterniza minha existência em um bloco de éter, através de uma ciência aqui desenvolvida conhecida como *magia vermelha*. Uma ciência que gera uma força conhecida entre o Oriente como *Etherpunk*. Essa ciência irá modificar tudo o que conhecemos em nosso mundo e até mesmo nosso conhecimento e conceito

sobre o real e o *imaginário*. Afinal, é um fato que estamos lidando com a mesma energia que nos dá criação através de semideuses maiores do que nós; uma energia infinita que está muito além de qualquer definição por completo. - Uma pausa. E um belo sorriso. - Por isso, gostaria de dar minha bênção à ascensão do novo Rei Branford e dizer que Ofir espera que hoje seja parte de um novo ciclo na história da vida de Nova Ether. Junto com nossos engenheiros-gnomos estará acompanhando a comitiva nosso guerreiro e campeão Ruggiero, para representar nosso povo no torneio que vós nos enviastes tão agradável convite pela primeira vez. Espero que nosso campeão possa fazer jus a vossas expectativas e que se saia muito bem. - Uma reverência, que derramou bastantes grãos de areia do avatar quando a cabeça se abaixou, e que logo foram repostos. - Agora me despeço e mais uma vez deixo em vossas mãos minha bênção por todo esse dia tão importante. Meu nome é Badoura, filha de Badroulbadour, a princesa de Jade. - A princesa então uniu as duas mãos em sinal de prece, na altura do coração. - E a semideusa que habita em mim saúda todos os semi-deuses que habitam em cada um de vós. Namastê! - e a cabeça foi abaixada com as mãos ainda unidas na altura do coração.

Algumas pessoas ainda assustadas do salão tentaram copiar o gesto de volta, como se a princesa estivesse presente. Áxel, de tão perto, ainda ficou observando a princesa erguer a cabeça

com um sorriso e desfazer o gesto. O sorriso daquela princesa de areia já era capaz de parar uma briga; em carne e osso, provavelmente interromperia o marchar de exércitos. O tipo de princesa pelo qual soldados adoram ter motivo para morrer.

E, então, a princesa esticou a mão direita, como se quisesse tocar em alguém na frente dela, que ninguém podia ver. No reflexo, ainda boquiaberto com aquele espetáculo, Áxel Branford esticou também seu braço direito. E, no momento em que a mão do príncipe de carne e a da princesa de areia se tocaram, os cristais pararam de brilhar com intensidade, e o corpo de areia se desfez diante de um príncipe sem palavras para descrever a angustiante sensação de impotência que era ver aquele ser tomar forma e depois se desfazer diante dele.

Áxel aproximou a mão direita de si e observou a palma. Havia areia nela. Servos reais acenderam novamente candelabros que iluminaram melhor o ambiente. Áxel deu dois passos para trás, ainda extasiado. E, em um movimento lento e suave, despejou uma linha de areia à sua frente como se fossem sementes atiradas ao vento.

Olhou para Rumpelstichen e sorriu, aplaudindo o espetáculo. Todo o salão, incluindo Rei Anísio, acompanhou os aplausos que se tornaram cada vez mais fortes, acompanhados de assobios, enquanto os gnomos cumprimentavam a todos como atores ao fim de uma peça.

Pouco a pouco, a agitação local foi diminuindo, e escutou-se a

pergunta:

- Mas que... aparato surpreendente é este? - sussurrou alguém entre aquela algazarra.

- Senhores, o que viram hoje é uma revolução. Mostramos aqui a vós apenas uma parte do que queremos trazer a este continente. Mesmo aqui nestas terras, é sabido que a energia com que se constrói um universo não pode ser destruída, apenas transformada. Baseado nesse princípio, nós cientistas-gnomos compreendemos que, o que quer que seja, jamais se perderá no universo de Nova Ether. Tudo o que dissermos, ou toda atitude que tivermos, jamais será esquecida ou perdida.

- Senhor Rumpelstichen, o senhor quer dizer que podemos agora vencer a eterna luta do homem contra a morte?

- Na verdade, Rei Adamantine, a morte não existe. Ao menos, não como pensais. Porque ratifico: tudo o que fazemos neste universo fica gravado, e qualquer semideus poderá dar vida novamente a tais momentos pelo resto da existência. No momento em que Nova Ether tomou forma, todos nós aqui neste salão, e até muito além dele, nos tornamos eternos.

- Então... - disse Rei Anísio, raciocinando - ... afirmas que até mesmo semideuses que ainda nem existem poderão, no futuro, quando bem entenderem, retornar a este momento em que estamos agora e dar vida a ele novamente?

- Perfeitamente. Afinal, mais uma vez: a energia de um universo não pode ser destruída, apenas transformada. Pelo

resto da existência, semideuses poderão voltar a este momento, ou a qualquer outro que já tenha tomado forma em Nova Ether, e fazer a leitura deles, assim como fizemos a leitura de um momento da princesa de Jade já passado. E digo mais: tais momentos eternizados no Tempo nunca serão os mesmos para semideuses diferentes.

- Interessante o termo que usas: *leituras* - disse Rei Anísio. -

De onde o tiraste?

- Das escrituras sagradas, porque dizem tais escritos que na história da Criação primeiro houve o Verbo. - E o salão voltou a cochichar. - O que quero dizer, senhores, é que eles mexem sim com a mesma energia etérea para dar *criação* às nossas vidas, mas cada um deles tem tanta individualidade quanto cada um de nós. E isso se reflete na forma como cada um deles nos vê, a ponto de o Criador não ser senhor absoluto do próprio universo responsável por criar.

- Isso é uma blasfêmia! - disse um nobre da comitiva de

Orion. - Quereis agora vos considerar semi-deuses?

- Pelo que estou a entender... - disse Rei Segundo - ... nossos visitantes, na verdade, têm o interesse apenas de compreender como tais semideuses pensam.

- E isso não seria a criatura querer entender a criação? - o nobre insistiu.

- Perfeitamente - disse Rumpelstichen. - Mas não com o objetivo de tomarmos o lugar deles. Mas de nos tornarmos

servos melhores.

- Ainda me cheira a heresia...

- Não - disse Rei Anísio, com olhos em brasa. - Isso cheira ao ápice da evolução mais fantástica que poderíamos almejar.

O salão voltou a fazer murmurinhos. Se alguém estivesse em dúvida de que aquilo tudo fosse bom ou ruim, depois de uma opinião do Maior dos Reis, essa dúvida com certeza já não existia mais.

- E, senhor Rumpelstichen... - continuou o Rei. - Disseste que tal força oriunda de uma *magia vermelha* aqui apresentada pode ter outras funções, além de fazer *leitura* de momentos já gravados no éter?

- Perfeitamente, Majestade. Através de nossos estudos, demos gênese a uma força de atração para a qual não temos ainda um nome, mas que aprendemos, porém, a utilizar como força motora. Sabendo utilizar tal força, podemos até mesmo mover moinhos sem depender do estado do vento. Ou fazer girar hélices que empurrem navios.

- Ou fazê-los flutuarem nos céus...

- Isso já é algo que necessita um pouco mais até do que *apenas* essa força motora agora apresentada. O mais importante a ser aqui ressaltado é que Nova Ether terá suas bases de conhecimento modificadas para sempre, e estamos aqui para saber se Arzallum e todo o Ocaso desejam fazer parte ou não dessa evolução.

Houve mais agitação de nobres e monarcas excitados. Como citado, é difícil para o ser humano aceitar o novo, mas muito mais fácil a tarefa se torna após um deslumbre, pois há de nascer raça que adore mais ser deslumbrada do que esta.

- Senhor Rumpelstichen... - tomou a palavra Rei Anísio, após rápida ponderação.

- Pois não, Vossa Majestade?

- Poderia eu te fazer uma última pergunta?

- Quem sou eu para negar-vos um direito legítimo, Rei Branford...

- De onde vós conseguistes os cristais apresentados? A mim parece que a maioria de nós nunca os viu...

- Majestade, provavelmente esta sensação venha oriunda do fato de que só conseguimos tais cristais *diretamente* de gênios.

Mais agitação e falatório.

- Gnomos conseguiriam o impossível? Nos tempos de hoje já se *negocia* com seres planares? - perguntou Áxel.

- Sim, no continente Nascente isso já é uma prática comum.

Gênios já não concedem mais Desejos de forma altruísta, mas os negociam por preços distintos. Não é à toa que as experiências que desenvolvemos envolvem altos custos, e buscamos sempre os melhores parceiros, como estamos aqui mais uma vez fazendo, inclusive.

- E o que gênios poderiam pedir como moeda de troca? É

difícil imaginar algo que não possam ter... ou *gerar*... -

continuou o príncipe.

- Com toda a certeza, Alteza. Essas entidades poderiam gerar tudo de material que precisamos comprar. Logo, suas moedas de troca envolvem sempre necessidades que seus planos etéreos não podem suprir...

Áxel ficou chocado. Arregalou os olhos e não sabia se queria perguntar o que perguntou:

- Está dizendo que eles trocam tais mercadorias por...

- Como podeis ver, Alteza, gênios nem sempre se deitam com mulheres à força. Na maioria das vezes, podem ser apenas negócios. Achastes que sultões mantinham haréns para si próprios? Nem em sua jovialidade máxima seriam capazes de cuidar de mulheres tão belas...

O salão dessa vez se agitou tanto, que até Rei Anísio percebeu que não conseguiria mais restabelecer o controle total. Era muita informação e muitas emoções diferentes para um único dia.

- Senhores gnomos, por favor, convoquem o resto de sua comitiva e tomem seus lugares como convidados do Grande Paço. Todos vós permaneceréis conosco ao longo desta semana, e irão tomar lugar nos locais de honra da Arena de Vidro. Não posso desejar sorte a vosso campeão de Ofir, pois nenhum arzallino irá ter outro nome senão o de Áxel em seu coração durante o torneio, mas posso bem recebê-los e

acomodá-los. Sejam bem-vindos; sejam muito bem-vindos a
Arzallum.

Rei Anísio acompanhou o cientista e seus assistentes sob
cumprimentos e sorrisos. Áxel ainda permanecia assustado
com tudo o que escutara. Já Anísio não sabia se temia ou se
encorajava o sentimento que vinha diante daquele futuro a
princípio tão incerto e diferente. No fundo, achava que o que
sentia por aquele futuro era um pouco de receio. Mas também
talvez um pouco de excitação. Já Branca Coração-de-Neve,
próxima ao pai, ao fundo, tinha muito, mas muito mais medo
desse futuro incerto, rodeado de corações aquecidos em
invernos que pareciam querer tardar para passar. E mal sabia a
princesa de neve o quanto ela deveria temer mesmo.

24

O sino das quatro horas soou.

Atrás da Catedral da Sagrada Criação havia um terreno baldio, que um dia fora usado para plantação de girassóis de um antigo clérigo, mas que hoje era apenas um terreno de terra que ficava enlameado nos dias de chuva. As crianças gostavam de usar o lugar para brincar, principalmente aquelas que não eram chegadas às ladainhas dos clérigos nas missas e que iam obrigadas pelos pais.

E, bom, diziam que fora ali também que morrera Jamil Coração-de-Crocodilo, derrubado do alto daquela catedral pelo príncipe Áxel Terra Branford. Nenhuma delas, porém, havia visto o corpo ou sabia se aquilo era mesmo verdade. Mas, desde que a história havia se passado, ou desde que os boatos haviam corrido na boca da população, nenhum grupo de crianças ousou voltar a se reunir ali.

Até aquele dia.

- Ok, pessoal, e agora mãos para cima! - gritou uma surpreendente e mega-animada Ariane Narin com a voz mais enfática que conseguia, parecendo uma dublê de artista circense, em cima de um tablado improvisado com caixas velhas de madeira.

E o grupo de adolescentes e crianças naquele lugar (que era muito maior do que a classe inteira de João Hanson,

aumentado pela "propaganda boca a boca" da disputa) ergueu as mãos, e começou a agitá-las.

- Pra trás! Pra trás! - ela continuou. As pessoas se afastaram, deixando um espaço que definia uma área de ringue para João Hanson e Hector Farmer, devidamente sem camisas e com ataduras ao redor dos punhos. - E me digam... éééé!. me digam: o que é que eles vão fazer agora?

Houve silêncio.

O grupo de adolescentes e crianças ao redor - que nunca haviam visto uma disputa de *boxing* ao vivo - se observou procurando alguém que soubesse o que era para ser dito.

- Ai... - Ariane suspirou, abaixando os braços e botando as mãos na cintura. - Prestem atenção...

25

- Mãe, cadê o João?

- Ele saiu. Disse que ia resolver algumas... "pendências".

Maria se calou, desconfiada. E então concluiu:

- Ele saiu carregando alguma coisa? Um pedaço de pau... ou uma corrente... ou...

- Não, claro que não, o que é isso, minha filha? Parece que ele só ia cuidar de algum animal ferido, ou coisa assim..

- Por quê?

- Ele me pediu ataduras...

26

- Muito bem... senhoras e senhores... vocês *agora* sabem do que é hora (espero)!

Ariane Narin mais uma vez comandava o espetáculo com a competência de uma artista circense. João Hanson gingou de um lado para o outro, observando seu adversário nos olhos feito predador diante de uma caça confiante no escape. Hector Farmer era mais velho, maior e mais forte. Mas, naquele momento, ninguém diria que o garoto parecia se preocupar com isso.

- Joguem essas mãos para cima! - gritou Ariane.

O público ergueu os braços, agitando as mãos. João, com o peito e os braços magros, estava tão concentrado no andar que nem podia escutar alguns gritos de "lindo" para ele, por mais esdrúxulo que isso pudesse ser. Caminhou para o centro do ringue, sentindo alguns cumprimentos de incentivo lhe tocarem os ombros enquanto caminhava.

Do outro lado, Hector Farmer, com sua gordura caindo pelas bordas da bermuda apertada, sorria para ele.

- Inspirem, inspirem... - continuava a animada juíza. - E agora soltem o ar! - era interessante que o povo a obedecia. - Agora pra trás! Pra trás! - e todos se afastaram em círculo, estabelecendo novamente o espaço do ringue. Os dois se posicionaram como boxeadores, um em frente ao outro,

ambos com a mão esquerda armada para socar. - E me ajudem! Vamos, me ajudem! Me contem o que é que eles vão fazer agora!

- *Boxe... boxe... boxing!* - gritou a plateia, e se seguiu um BAM!

As pessoas viraram o rosto em caretas de dor. João sentiu como se tivesse socado uma parede que lhe devolvia a intensidade do soco aplicado, chegou a ver coisas piscarem perto dos olhos. Não sabia dizer como Farmer havia sentido aquela rodada, e...

- *Boxe... boxe... boxing!* - e já se deu um segundo BAM!

Ariane franziu a testa, preocupada. João trincou os dentes para evitar morder a própria língua. Ou gritar de dor. Uma linha de suor desceu devagar pelo rosto.

E a platéia prosseguiu:

- *Boxe... boxe... boxing!* - e um terceiro BAM!

João manteve os dentes trincados. As coisas que estavam piscando perto de seus olhos dessa vez explodiram. A mão fechada travou no reflexo e parecia que nunca mais iria abrir.

Ele se sentiu tonto. A respiração ficou pesada; o corpo, também. Uma lágrima de dor desceu da face fechada. Os olhos se apertaram tanto, que pareciam fechados.

Houve então a primeira pausa, que acontecia a cada três socos, e os dois competidores se afastaram.

- *Ih!* - voltou a comandar Ariane. - *Mãos pro alto, pessoal!*

Parece que as mãos deles estão doendo!

O grupo ao redor ergueu os braços de novo e começou a vaiar:

- Não estamos nem aí! Não estamos nem aí!

- Então, parceiro... - voltou a dizer Ariane, com sua estridente voz adolescente. - Quem será que agora tá dentro, e quem será que agora tá fora?

João sentia areia no lugar dos ossos das mãos. Pensava na séria possibilidade de arrumar uma fratura grave naquele embate. Pensava na possibilidade de quebrar ossos; de fazer um papel de idiota na frente de sua turma e, principalmente, de Ariane; e de deixar um sujeito estúpido, e que insultara a honra de sua irmã, sair ileso da ofensa com motivos para chacotear sua família ainda mais.

Entretanto, havia um último, porém, que o fazia pesar aquela decisão, acima de todos aqueles: qual seria a reação de seu pai, um lenhador rústico que sustentou aquela família pobre como legítimo homem, quando soubesse que seu filho recuou feito uma criança diante de alguém que insultara uma Hanson? O senhor Hanson era um homem rude, muitas vezes mais violento do que a natureza dos filhos precisaria, mas João havia adquirido o código de honra e a filosofia de vida daquele lenhador. Dissessem o que dissessem, Higor Hanson para seu filho era um herói.

E foi por isso. Foi por isso que, mesmo sem saber se sua mão estava fraturada, João Hanson voltou ao centro do ringue e

gritou entre respirações pesadas:

- Eu estou dentro!

O grupo ao redor urrou!; bateu palmas!; pisou forte no chão!;

pulou de forma alucinada!; fez um verdadeiro pandemônio!

Gritaram o sobrenome dele, e agora sim ele escutou até mesmo alguns gritos de "lindo!" que as meninas berravam.

E logo foi a vez de haver silêncio e de todas as atenções correrem e se fixarem em Hector Farmer. E foi ali, ah, foi ali naquele momento que aconteceu. Pois foi então que João Hanson enfim observou com atenção as condições de seu oponente. E percebeu que o garoto do outro lado era mais forte, mais velho e maior, mas não *mais resistente*. Pois ele viu o olhar de Hector Farmer; e viu ali também um reflexo de puro susto e de pura dor.

E João Hanson percebeu então que Hector Farmer estava com *medo*. E, por mais difícil que seja admitir isso, ele *adorou* aquela sensação.

Pois foi quando o menino de 14 anos se sentiu no topo do mundo.

Farmer segurava o punho esquerdo com a mão direita e tentava esconder a dor. Havia socado com a mão canhota, assim como João, pois era canhoto. Lábios estavam apertados, e ele estava agoniado ainda mais com aquele silêncio geral que esperava sua resposta. Havia passado bem pelo primeiro soco. Havia *sentido* o segundo. Mas o terceiro... o último soco

havia acertado em cheio seu dedo anular; em cheio o suficiente para sentir o dedo latejar e travar para trás. Se recebesse uma pancada daquelas de novo naquela mão, sabe-se lá o que poderia acontecer.

Mas, bom, se você já foi moleque e teve de passar por alguma prova de masculinidade diante de um grupo de outros moleques, sabe que ele não poderia dar outra resposta que não a:

- Eu estou dentro... - disse com uma voz bem mais desanimada que a de João anteriormente.

O público gritou satisfeito de novo.

- Está certo, pessoal! Continue rodando, parceiro! - gritou Ariane.

O público se posicionou. Os adversários também.

Foi quando Farmer estranhou ao perceber que João Hanson estava mudando a posição para socar, armando dessa vez a mão direita.

- Ei, você não pode mudar a mão do soco! - gritou Farmer.

- Juíza... - João disse, sem tirar os olhos do oponente.

- Ele pode sim... - disse Ariane. - Isso é pouco comum, mas um competidor de *boxing* pode mudar de mão para socar se quiser, foi o próprio Áxel quem me disse. É que a maioria só consegue socar com a mão boa...

E foi então, e só então que Farmer entendeu o que estava acontecendo. Os olhos se arregalaram. As sobrancelhas se

ergueram. A boca abriu. A expressão travou.

E Hector Farmer se lembrou enfim de que João Hanson *não* era canhoto.

- Mãos pra cima, pessoal! E mais uma vez: me ajudem!

Vamos, me digam, me digam o que é que eles vão fazer agora!

- *Boxe... boxe... boxing!* - e um BAM! O dedo anular de Farmer fez um ESTALO! A mão do garoto dobrou.

João Hanson, suado e excitado com toda aquela situação, era pura vibração.

- *Boxe... boxe... boxing!* - e um segundo BAM! Dessa vez, o dedo de Farmer fez um CRACK! O garoto caiu de joelhos, segurando a mão, e lágrimas começaram a surgir na face.

Ariane, estupefata, puxou o coro para a contagem de nocaute:

- Um, dois, três! Dois até o seis! Um, dois, três; dois até o cinco! Um, dois, três; dois até o quatro! - a platéia contava junto.

João permaneceu ali, de pé, gingando de um lado para o outro. Dentes ainda trincados. Olhar ainda fixo. Pensamentos ainda compenetrados.

- Um, dois, três; dois até o dois! Um, dois, três; dois até o um!

O grupo de Farmer gritava e gritava e gritava para que ele se levantasse, mas todos sabiam que era tarde demais.

- Um... dois... três! - e a plateia invadiu o ringue e começou a erguer João Hanson para o alto, como se fosse ele um

campeão de arenas. Ariane se uniu ao coro feminino que chamava João de "lindo", e até de outras coisas que não pretendo citar. João sorriu para ela.

Ajoelhado, Hector Farmer tentava evitar, mas não conseguia parar de chorar de dor com o osso do dedo quebrado. Alguns amigos - que ao menos eram amigos também na derrota - o ergueram e o ajudaram a caminhar para sair dali. Sentia-se mal, sentia-se humilhado, sentia-se vingativo.

E foi assim, em um lento passo após o outro, ouvindo gritos extasiados para o outro e amparado pelas mesmas pessoas de quem ele se envergonhava de precisar do amparo, que Farmer saiu derrotado daquele terreno baldio, jurando vingança e um dia de troco e volta ao jovem desafeto.

João Hanson, naquele momento, estava tão extasiado, mas tão extasiado, que nem percebeu.

Começou a anoitecer no Grande Paço, mas a escuridão, porém, ia muito além de onde a luz das tochas não conseguia chegar. As diversas comitivas haviam sido alojadas, mas serviçais reais tinham de ficar à todo momento para lá e para cá para resolver problemas e exigências que envolviam culturas diferentes e formas diferentes de lidar com travesseiros, tamanhos de cama ou barulhos pouco agradáveis para quartos vizinhos.

Rei Anísio estava no antigo quarto dos pais, sentado em uma cadeira de onde observava o quarto inteiro. Nada havia sido mexido - por ordem dele - naquele cômodo. Tudo estava exatamente como havia ficado desde a última vez que os pais haviam saído no *último* dia. Os lençóis empoeirados estavam fora de lugar. Chinelos ocupavam o lugar de botas. Roupas no armário permaneciam à espera de quem as escolhesse.

Era como se ali o mundo não houvesse parado, e o quarto ainda estivesse à espera do retorno de seus legítimos anfitriões. Nada ali parecia que iria voltar a ter vida um dia.

Mas a porta se abriu.

- Irmão...

Anísio olhou na direção da entrada. Havia muito tempo que ele e Áxel não se encontravam frente a frente, sem ninguém por perto. Sem sócias; sem obrigações sociais; sem pronomes

de tratamento diferenciados. Sem máscaras; sem peles de sapos; sem ataduras nas mãos.

- Áxel...

Houve silêncio entre eles. Nenhum dos dois sorriu.

- Eu... - *tentou* dizer Áxel.

- Você... - continuou Anísio, observando-o com a mesma expressão fria demonstrada por um homem diante de uma ofensa. Áxel olhou para baixo, pensando no que dizer.

Desejou que Branca Coração-de-Neve surgisse de repente naquele quarto, *simplesmente* para que ele tivesse uma desculpa para deixar o cômodo.

- O que você acha, Anísio?

Houve uma pausa. O Rei sabia a resposta, mas ainda assim perguntou:

- Sobre o quê?

Áxel encostou o ombro no umbral da porta e cruzou os braços, demonstrando o desconforto. Seus olhos fixos nos olhos do irmão.

- Você acha que poderemos... recomeçar ainda?

- Arzallum precisa de nós. O nome Branford ainda é base de...

- Você sabe que eu não me refiro ao futuro de Arzallum.

Houve silêncio. Anísio tirou seu olhar do irmão e pareceu pensativo em meio ao olhar que lembrava ofensa.

- Eu... não sei.

- Não digo agora, Anísio. Digo... *um dia*.

- Talvez. Quem pode falar sobre o Destino, além dele próprio?

- O Criador.

- Não acredito que o Criador tenha tanto controle sobre nós como se pode pensar. Na verdade, acredito que, muitas vezes, nós O surpreendemos com atitudes que Ele jamais esperaria...

- Mas não é aí que está nosso livre-arbítrio?

- É... - ele suspirou como se aquilo fosse uma grande piada

- ... nosso *livre-arbítrio*, não é?

Áxel resolveu que, ao menos naquele momento, não conseguiria tirar nada de bom daquela conversa e virou-se para se retirar.

- Áxel...

Ele voltou. E disse:

- Irmão...

- Quando você vai me dizer o *porquê*? - a expressão de Anísio era gélida.

Houve mais uma pausa.

- Isso faz *mesmo* diferença?

- Faz. Para mim, faz...

Áxel queria uma resposta, mas não tinha ideia sobre a melhor maneira de se expressar. Não tinha mesmo.

Anísio, para incentivá-lo, continuou:

- Eu quero saber, *irmão*, porque... depois de tudo o que foi dito... ainda assim você se meteu no meio de uma jornada. Por que foi às Sete Montanhas, Áxel? Por que não me deixou lá

em meu triste destino, se você mesmo disse que...

Áxel inspirou fundo, antes que aquela conversa continuasse a cortar seu coração.

- Era o que o Criador esperava de mim. - Ele sabia que não era aquela a resposta. - Era meu Destino.

- Não... foi algo mais.

- Você é minha família, Anísio!

- Mais...

- Era minha obrigação!

- Não tente me fazer de idiota! Você bem sabe que não tinha obrigação *nenhuma!* Aliás, você nunca teve obrigações...

A velha conversa retornava. A velha conversa que só era dita em sussurros e portas fechadas por anos e anos, quando as velas do Grande Paço já estavam apagadas. Os serviçais não caminhavam. E até os cães de guarda estavam dormindo.

- Você é meu irmão, Anísio! Só esta já seria a maior justificativa.

- Não, esta talvez seja *uma* delas. Se você me disser que foi até lá por *culpa*, então esta até será outra. Mas nenhuma delas será a *maior* justificativa...

- Eu não vou lhe dizer o que quer ouvir, irmão.

- Você dirá...

- Sinto lhe decepcionar, mas insisto que não direi.

- Não digo agora, Áxel. Digo *um dia*.

Áxel virou-se de costas. E falou por cima do ombro:

- Você não acredita, não é verdade? Você não acredita que

nossos destinos ainda estão unidos...

- Sinceramente?

"Eu não sei."

Áxel Branford partiu daquele quarto. Havia um sentimento de

fúria diante daquela situação; um sentimento destrutivo que

ele ainda não estava preparado para lidar.

Já Anísio Branford não parecia nem um pouco se importar.

- O que nós estamos fazendo aqui? - perguntou Liriel.

O local era um velho galpão de ângulos tortos, desses retirados dos contos das piores histórias de horror de acampamentos. Ficava em um local um pouco isolado, próximo ao cais de Andreanne. Já era noite, e aquilo não ajudava Liriel a se sentir melhor dentro do lugar. Ela sentia na verdade uma *energia* pesada e concentrada ali. Uma energia de violência. De crueldade. De coisas ruins.

- Sabe, eu estou acostumada a invadir lugares barra-pesada, mas ainda assim esse aqui me arrepia...

- Relaxa. É que você sente coisas por aqui.

- Uau, você sabe mesmo aonde levar uma mulher.

Eles entraram pelo saguão. Havia móveis cobertos com lonas extremamente empoeiradas, cortinas pretas grossas nas janelas e tábuas que rangiam a cada movimento, mesmo o mais leve. Some isso ao vento que sussurrava entre frestas de janelas que pareciam fechadas e a gotas de água que pingavam do teto com a infiltração de água da chuva e você entenderá por que ninguém entrava naquele lugar.

- Por que estas tábuas rangem tanto?

- Para denunciar invasores. Ninguém entra aqui sem fazer barulho.

- Se eu quisesse, eu entraria.

- Não, você iria *tentar*.

Ela pareceu ofendida.

- Vem cá: dá pra me explicar que lugar é esse?

- Aqui é o *Reformatório*. Antigamente, esse lugar servia como uma espécie de... internato. Eles traziam os jovens para cá e...

- Reformatório pra quem?

- Bom... jovens.

- De que tipo? Delinquentes? Ia ter superlotação só aqui em Andeanne...

- Não digo nesse sentido - ele parou sem saber como se expressar. - Sabe, era um local de reformatório... ao longo da *caçada*...

- *A Caçada de Bruxas*? - ela perguntou surpresa.

- É por aí...

- E *quem* eles traziam aqui?

- Os filhos das bruxas mortas.

Os pelos dela se arrepiaram uma vez mais.

- Então era para cá que os caçadores traziam os *órfãos*...

- Traziam. Aqui os moleques sofriam horrores. Eles eram obrigados a aceitar o fato de que as mães cometiam bruxaria e que deveriam negar o nome delas. Deviam renegar o sobrenome familiar e se tornar meninos sem rosto. Deveriam virar garotos sem identidade.

- E os que se recusavam?

- Você poderia escutar os gritos lá de fora. Carrascos não

trabalham apenas em dias de execução. Eles sabem ser ruins em todos eles...

Snail a guiou para um novo cômodo. Dessa vez não havia lonas empoeiradas. Apenas cadeiras velhas caídas pelo chão em frente a um palanque improvisado, com um pedestal que segurava um livro aberto. A luminosidade era fornecida por um candelabro que segurava três velas e que o próprio Snail havia acendido.

Liriel, entretanto, só prestava atenção ao fato de que a voz dele trazia segredos que não eram tão fáceis de reconhecer. E assimilar.

- É impressão minha ou você sabe o que aconteceu por aqui por experiência própria?

- Eu não teria idade pra saber.

Ele olhou para baixo. Ela notou e perguntou:

- Mas...

- Mas meu pai, sim.

Liriel se calou. Ele também.

- E por que você nos trouxe aqui?

- Porque foi aqui que tudo começou.

Liriel andou devagar, juntando as peças. Um rato correu por entre as tábuas de madeira, e até o bicho fez ranger um pouco a madeira com a corrida. Bem pouco, mas fez.

- Como... *tudo* pode ter começado por aqui?

- Imagine que você é um garoto cuja mãe foi queimada como

bruxa, certo?

- Certo.

- Imagine alguém lhe batendo com hora marcada, alguém lhe surrando todos os dias, colocando sua cara dentro de um balde com água barrenta, alguém lhe deixando dormir nu todo machucado em um chão molhado, ajoelhado ao lado de dezenas de outros como você, em celas que não cabem nem um terço do número que por acaso está lá...

- Certo...

- Agora imagine que, todos os dias, eles tenham uma ideia criativa para lhe forçar a aceitar o que eles lhe propõem. Imagine ficar acorrentado enquanto lhe arrancam unhas. Uma de cada vez. E lhe servem comida em tigelas de cachorro. E queimam o seu cabelo com velas, só pra você sentir o cheiro, e saber que ele é seu.

- ... certo.

- Aos poucos, Liriel, você vira um bicho. Você deixa de ser humano, compreende?

- E essa deveria ser só a primeira etapa.

- Sim, essa era apenas a primeira fase. Quando os meninos perdiam a identidade, era a hora de eles lhes darem uma.

- Você sabe como acontecia?

- Aos poucos, eles dividiam os garotos em grupos. Os que tinham a mãe morta na fogueira eram chamado de *fantasmas*.

Os que tinham as mães enforcadas eram chamados de

sombras. Obviamente, em condições normais, nenhum ser humano aceitaria tal imposição dos mesmos opressores responsáveis por seus tormentos. Mas quando está se tornando um animal, qualquer hipótese de manter uma *identidade* é agarrada. E participar de um grupo em que todos estão no mesmo barco, por mais grotesco que possa parecer, é uma forma de manter uma identidade...

- Você me parece culto demais para um ladrão pé-de-chinelo.

- Eu não sou culto. Eu apenas... aprendi coisas. Meu pai era muito melhor do que eu.

Liriel balançou a cabeça.

- Continua...

- Daí que havia homens que faziam... experiências. Para reforçar esse espírito, os grupos dos jovens eram separados nas celas. Eles colocavam propositadamente mais *sombras* em uma cela e mais *fantasmas* em outra.

- Eles geravam *facções*...

- Sim. E imagine então o que acontecia? Nessas celas, aqueles que estavam em menor número acabavam *exterminados* pelos próprios jovens em maior quantidade! Você compreende o que faziam com a cabeça desses garotos? Se o cara era um *fantasma* e estava numa cela de *sombras*, então ele deveria ser exterminado! Entretanto, o que determinava o que era um ou outro? A forma como a mãe foi morta pelas próprias pessoas que os incentivavam a agir assim!

Houve silêncio entre os dois. Até ela cortar, perguntando:

- E como foi que nasceram as *sociedades*?

- Um dia, a guerra estourou aqui dentro. Um dos carrascos vacilou, e um dos grupos conseguiu tomar as chaves e abrir as celas. Surpresos, e sem saber como deter sozinhos aqueles moleques treinados pra matar que eles próprios haviam criado, a única solução encontrada pelos carrascos que sobraram foi abrir as celas do outro grupo e deixar que eles se matassem enquanto tentavam correr para pedir ajuda.

- E quem viria se meter nisso? A Guarda Real?

- Talvez; talvez se fosse outra época. Mas eles estavam em tempo de guerra, e ninguém iria retirar exércitos de batalhas por causa de bastardos fora de controle.

- Então os próprios soldados viraram as costas para o que eles próprios haviam criado...

- Foi por aí. O fato é que muito garoto morreu nesse dia, sem saber direito nem por que motivo estava brigando. E os que sobreviveram, os *poucos* que sobreviveram, saíram pela noite adentro. E assim começou o *recrutamento*...

- E nasceram as sociedades secretas.

- Na verdade, eles meio que recomeçaram um culto de onde as mães haviam parado. Mas sem treinamento em magia.

Nenhum deles fazia ideia de com que estava lidando. E a coisa foi ficando cada vez mais perigosa. Foi assim que a *Caçada de Bruxas* acabou por dizimar um problema e

construir outro no lugar...

- Mas quando começou a guerra civil?

- Eles haviam sido treinados para se odiar. Havia sido preparados para se destruir. A primeira geração, e até mesmo a segunda, levou isso adiante. Mas a terceira... os novos associados já não tinham vivido o que eles haviam vivido, não tinham o mesmo *ódio*. Aos poucos, eles não sabiam mais nem mesmo como a guerra havia começado...

- Entendo o que diz...

- Claro que entende. Você faz parte dessa geração! A geração que já entrou na história quando o que começou como duas *sociedades secretas* já havia se tornado duas *sociedades criminosas*! E aí sim passaram a chamar a atenção do Rei, mas tarde demais para poder dizimá-las tão facilmente.

- E o que você pretende fazer aqui, Galford?

- Nós somos os *últimos sobreviventes*, Gabbiani! Os últimos de uma guerra de décadas! Isso tem de ter um motivo! Eu quero resgatar as origens disso tudo. Eu quero *refazer o exército jovem* que foi construído neste lugar.

- O que você anda bebendo em tabernas, negro? Com que intuito quer fazer um negócio desses?

- Eu quero resgatar o espírito das sociedades secretas nascidas aqui! Com os testes de seleção dos mais fortes, com os rituais de iniciação, com a filosofia que envolve o culto!

- Você quer então...

- Eu quero relembrar aos escolhidos de uma nova geração,
Gabbiani, como foi que toda a maldita guerra começou...

29

Catedral da Sagrada Criação. Uma noite de céu estelífero e romantismo juvenil. Quem, já tendo amado uma vez na vida, poderia resistir a uma combinação explosiva desse tipo?

Bom...

- Fale-me mais sobre estrelas... - disse Maria Hanson naquela noite de poucas estrelas no céu. Ela estava deitada de costas na cobertura do local.

- Não sei se estou com espírito para isso hoje...

Áxel Branford, deitado ao lado dela, mantinha os olhos nas mesmas estrelas, mas o pensamento muito além do que qualquer uma delas poderia alcançar.

- Eu estou aborrecendo você? - ela perguntou. A pergunta não era irônica, era sincera.

- Não. Meu problema não é com você...

- E eu posso lhe ajudar, seja com quem for seu problema?

- Gostaria, mas não. Não esse problema...

- É uma pena. Não gosto de ver você neste estado...

Ele olhou para ela, mas não parecia enxergá-la. Seu pensamento ainda estava mais distante do que qualquer pessoa poderia alcançar sem a permissão do pensador.

- Como anda sua relação com seu irmão? - ele perguntou, tentando mudar o assunto.

- Boa. *Sempre* foi boa. É esse o problema?

- Que problema? - ele apertou as sobrancelhas, voltando aos poucos àquele lugar.

- O *seu* problema.

- Como assim?

- Você está com problemas com seu irmão?

Áxel pareceu acordar de um sonho vívido e retornar de vez a Nova Ether. De repente se deu conta do quanto aquela garota pensava rápido.

- Deus do céu... se não conhecesse sua inteligência, acharia que é uma bruxa...

- Bruxas são feias. Eu não sou tão horripilante assim.. - e de repente, como toda mulher de vez em quando, Maria Hanson teve um ataque de insegurança, e perguntou com uma voz invocada, trazendo no tom o aviso de que o homem perguntado deveria responder àquela pergunta *com muito cuidado*: - Eu sou??

Áxel, como todo homem nessas situações, riu. Alguns o fazem antes da resposta. Ele o fez depois.

- Não, claro que não, Maria. Você teria de nascer de novo para ficar horripilante...

Ela sorriu. Sabia que não era uma pessoa horripilante, longe disso. Mas é um fato: toda mulher simplesmente precisa escutar isso de um homem de vez em quando. E o sorriso, que costuma acompanhar a recepção da resposta, faz com que todo homem sinta que sempre vale a pena repetir um elogio.

- E qual o problema com seu irmão? - Maria Hanson mal se dava conta de que qualquer resposta que fosse dada não era uma simples resposta. Ela estava com um primeiro príncipe e pedindo que ele lhe revelasse detalhes da política interna da família real. Se visse a situação por esse lado, jamais faria pergunta nenhuma.

Mas não via.

- Alguma vez você já disse coisas que gostaria de não ter dito?

- ele perguntou.

- Claro! Como na primeira vez em que nos conhecemos e conversamos, e eu não percebi que era você! E não apenas critiquei a política do seu pai, como ainda disse que deveria haver alguma coisa errada com a família real! Ai, que vergonha!

Áxel riu alto.

- Rá! Você ainda se lembra disso? Eu mesmo já havia esquecido. Você não devia se envergonhar daquilo, senhorita Hanson! Foi um barato...

- Aquilo foi um *embaraço*, isso sim...

- Você foi espontânea...

- Eu fui... *idiota!*

Áxel parou, dessa vez segurando o riso. E disse:

- Tá certo, aquilo foi mesmo um vexame...

- O quê??? - ela disse, enchendo o coitado de tapas e obrigando Áxel a fechar a guarda com os braços, como se

estivesse sendo atacado no ringue. - Quer dizer que você

concorda, né, seu sem-vergonha?

- Ei... ei... eu desisto! Eu desisto! Eu tava brincando! Foi brincadeira!

Ela parou e sorriu. Ele a abraçou, antes que o humor dela variasse de novo. Ela - vá entender... - adorou o abraço.

- Mulheres...

- E você está mudando de assunto só para não me dizer o que houve entre você e seu irmão!

- *Eu* estou mudando de assunto? - ele perguntou, surpreso. E então, suspirou, já convencido de que talvez a culpa fosse realmente dele. Ou talvez porque soubesse que seria bom *realmente* falar com alguém: - Está certo. Sabe, eu tive problemas com Anísio. Problemas *sérios*.

- Antes ou depois?

- Do quê?

- Da viagem. Você não foi às Sete Montanhas atrás do seu irmão?

Era interessante como eles falavam do caso como se não estivessem falando do Rei de Arzallum, o novo Maior dos Reis. Como se fosse um simples problema envolvendo dois irmãos, e cujos problemas internos afetassem apenas uma família, não milhares delas.

- Fui. - Houve uma pausa. - Eu fui sim..

- Você fraquejou nesta frase...

- Com que raios você anda aprendendo essas coisas?

Ela riu.

- Com professor Sabino...

- Ah, tinha de ser. O Conselheiro mais estranho da Sala

Redonda...

- Ele não é estranho, poxa! Ele é... excêntrico.

- Pra mim, isso é ser estranho!

- E pra mim, você continua mudando de assunto!

Ele suspirou. De novo.

- Será que eu ganho uma hoje?

- Me diz, Áxel: o que você disse de tão ruim para Anísio?

Ele *tentou* falar. Tentou de verdade; só que a voz não saiu. Ela respeitou o fato.

- Você não precisa me dizer se não...

- Eu disse a ele que ele poderia ir embora. Eu disse a ele que nós não éramos mais irmãos e que não me importava com mais nada que viesse dele.

"E disse a ele que, por mim, eu gostaria que ele morresse."

30

Snail Galford estava diante do pequeno palanque armado.

Havia afastado muitas das cadeiras velhas que estavam à frente, fazendo um círculo malformado com apenas três no centro. Uma na frente da outra. O candelabro que ele havia trazido estava em cima da cadeira do meio. Havia apenas duas velas acesas agora. Liriel não fazia a menor idéia do que ele pretendia com aquilo, o que não era algo anormal em se tratando de com quem ela estava lidando.

- Eu já disse que este lugar dá arrepios?

- Já sim.

- Impressionante que já você não se incomoda nem um pouco com isso, né? - insistiu Liriel.

- Você diz com o fato de o lugar me dar arrepios ou de você se sentir assim aqui?

- Com os dois.

Snail parou o que estava fazendo. E balançou a cabeça.

- É, realmente eu não me incomodo nem um pouco.

- Você não pode ser assim tão... *frio*. Deve haver algo que mexa com você!

- Sempre existe. Mas seria uma fraqueza se eu deixasse que você soubesse o quê.

- Claro...

Liriel continuou a observar o ambiente. Snail soprou a

segunda vela e, se antes o ambiente já era sinistro, com apenas uma vela, cuja chama dançava entre tábuas rangendo, ele piorou.

- Negro, você está realmente me deixando arrepiada... - ela disse, observando os arredores. Aos poucos, o que antes pareciam sombras, de repente pareciam vultos.

- Você se acostuma com elas...

Liriel deu um grito de susto, pois a voz veio de trás de si. Ela virou-se contorcendo a coluna feito um gato e deparou-se com Snail atrás dela.

- Cacete! Quer me matar de susto?

- Seria uma morte bem besta pra uma ladra astuta... Ela estava assustada demais para rir.

- O que você quer com tudo isso?

- Eu já lhe disse o que eu quero: eu quero recomeçar a filosofia das sociedades secretas que nasceram aqui...

A chama de uma única vela ainda dançava.

- E quando você pretende começar com isso?

- Agora.

Houve um grito. Nenhuma chama continuou a dançar. E o mundo de Liriel Gabbiani se tornou escuro de vez.

31

- Queria saber o que dizer a você... - lamentou Maria Hanson, ainda em choque. - Nem sempre algo precisa ser dito...

Ela não sabia se o que brilhava nos olhos dele eram reflexos do piscar de estrelas ou lágrimas nascidas que se recusavam a morrer.

João Hanson e Ariane Narin estavam do lado de fora da casa da menina.

Haviam comido arroz com feijão, e era interessante que Andreanne era o único Reino do Ocaso em que o arroz era um produto popular, afinal era um dos poucos lugares que o produzia, já que se tratava de um dos locais mais quentes de Nova Ether. Devoraram doces feitos à base de amoras, enviados pela senhora Hanson. E, durante todo o tempo, beberam hidromel sem álcool, popular mistura envolvendo uma dose de mel para duas de água. Na verdade, crianças o bebiam com água; adultos, com álcool.

- João... - Ariane disse, deitada na grama e observando estrelas. Era engraçado como os dois pareciam uma versão *um pouco mais* adolescente de Áxel Branford e Maria Hanson, naquele mesmo instante na cobertura da Catedral da Sagrada Criação.

- Fala.

- Tipo... é que... bom, deixa pra lá!

Ele olhou na direção dela.

- Fala, pô!

Ariane, detrás de toda sua complexidade feminina infantil, estava realmente embaraçada.

- É que... sabe... eu tô a fim de falar um negócio, mas eu não

sei como dizer isso...

E ela não sabia *mesmo*.

- Você tá me deixando preocupado, Ariane.

- Não, é que...

- Você aprontou mais alguma coisa, é?

- Não, não! - ela disse, contagiada com sua própria falta de paciência. - Não é nada disso! Ah, esquece...

João levantou o tronco e se sentou. Ariane fez o mesmo. O rapaz então começou a falar, mas...

- Me fala de uma vez o que... - A voz dele falhou e saiu fina feito a de uma menina. Ele apertou os punhos de raiva. - Ai, que saco! - a voz voltou ao normal.

Ariane riu.

- Por que você de vez em quando fala fino assim?

- Eu... não sei.

Ela sentiu o embaraço dele dessa vez. Sorriu, e deu-lhe um beijo no rosto.

- Não precisa se preocupar. Você é um fofo...

Ele se encabulou, sem jeito. Ao menos uma vez na vida aquela voz, que insistia em alterar sem explicação o timbre, lhe serviu para alguma coisa. O coração começou a bater diferente, os pelos se arrepiaram, e ele ficou com medo de ficar vermelho na frente dela.

- Mas me fala, vai. O que você queria me falar? - João continuava pensando apenas que ainda conseguia sentir o

frescor que ficou no rosto no local beijado. E que não podia ficar vermelho.

- Tá bom, então! - ela respirou fundo. E resmungou mais para si própria que para João: - Quer saber? Vou mandar na cara logo!

"Você quer ser meu namorado, João?"

O ritmo estranho no coração do garoto não diminuiu.

33

Liriel abriu os olhos quando uma chama foi novamente acesa.

Na verdade, ela estava já com os olhos abertos, mas na escuridão em que seu mundo estava isso não fazia a menor diferença. Até aquele momento. - Onde eu estou?

- No mesmo lugar.

Liriel percebeu que estava sentada. Tentou mover os braços, mas não conseguiu.

Ela estava acorrentada a uma das cadeiras.

- O que você pensa que está fazendo, seu desgraçado? E você... você me *bateu*? Você perdeu a...

- Eu a estou *iniciando*.

Ela ficou em choque. Diante do silêncio, ele continuou:

- Liriel Gabbiani, você foi *convocada*. Você será a primeira e será meu braço direito. Mas, para isso, existem situações em que você precisa... se aprimorar. E nós faremos isso através da sua iniciação.

- Você está malu...

- Se você dobrar seus braços, poderá verificar que, com seu antebraço dobrado ao máximo, as suas mãos tocam sua boca.

Você provavelmente não deve ter comido nada nas últimas duas horas. Contando o tempo em que ficou desacordada, essas horas passam para três. Devido à situação de perigo, você não deve estar sentindo fome neste momento. Mas

quando começar a relaxar, você vai sentir...

Houve silêncio. Ele esperou a reação dela. Ela pensou em resmungar mais alguma coisa. Mas desistiu e apenas perguntou:

- E daí?

Ela viu o vulto de Snail surgir à sua frente. Impressionava como ele e as sombras pareciam irmãos siameses. Uma bandeja, portando uma maçã, foi colocada à frente dela.

- Esta bandeja, como *ainda* pode ver, possui uma maçã. Se você não conseguir pegá-la, a sua fome vai piorar...

- E como eu vou pegar a maçã se eu estou presa, seu idiota?

- Não banque a esperta comigo, Gabbiani! - a frase foi dita de forma feroz. Feroz o suficiente para assustar quem já estava assustado. - Nós dois sabemos que você... *mexe* coisas. Eu não sei o nome dessa habilidade, mas sei que você é capaz de fazer coisas usando sua mente.

- É um truque... é só um truque...

- Não. É um *dom*.

Liriel começou a se sentir nervosa e agitada. Aquelas correntes privando-lhe de movimento incomodavam. O ambiente pesado a deixava tensa. A fome, desnorteada. Aquela... sombra, observando-a como se fosse um bicho, tirava seu raciocínio. Ela começou a se agitar como se tivesse forças suficientes para se libertar sozinha das correntes.

- Por que... por que você está fazendo isso comigo? - ela disse

com voz trêmula, começando a chorar.

- Porque você é fraca, Liriel! Porque você não merece o dom que tem!

- Eu pensei que... - ela sussurrou, entre choro.

- Porque aqui hoje, garota, ou você vai aprender a evoluir ou você vai morrer! Você me escutou, Liriel? Ou você... vai... morrer!

- Eu pensei que nós fôssemos parceiros... - ela continuou a sussurrar.

- Tá vendo aquela vela? A cera já está no fim! E quando ela apagar, não vai mais haver luz neste ambiente! E nós dois sabemos que você *não* consegue mover coisas que não vê!

Então, me diz: você quer morrer de fome, Gabbiani?

- Eu pensei que nós fôssemos... amigos.

- Então para de chorar feito uma criança inútil e pega a porcaria daquela maçã! - ele gritou próximo ao rosto dela, embora ela não soubesse mais de que lado ele estava.

- Está bem, seu maldito desgraçado! - ela gritou para a escuridão, enquanto esticava a mão esquerda. A força mental que acompanhava aquele ato físico era tão forte, mas tão forte, que a maçã fez a bandeja mexer.

Nas sombras, Galford não manifestou o encantamento de ver *aquilo* novamente. A matéria atraída por uma força manifestada pela mente humana, incompreendida por qualquer um que não igualmente capaz do feito.

Liriel agarrou a maçã de forma instintiva, e a levou rapidamente à boca, mordendo um grande pedaço. Quando foi morder o segundo, porém, sentiu a fruta arrancada violentamente de si.

- Não! Não! Você disse que...

- De novo.

Houve silêncio. O vulto dele surgiu à frente dela mais uma vez e colocou a maçã mordida outra vez em cima da bandeja afastada.

- De novo.

Ela mordeu o lábio inferior. Era *raiva*, estava furiosa de estar sendo testada como uma cobaia e, principalmente, estava furiosa por saber o quanto estava impotente naquela situação.

Ela esticou o braço. E a maçã mais uma vez, como metal próximo de um ímã, correu até ela. Ainda que a fome estivesse na mesma intensidade, houve muito mais controle no movimento desta vez.

- Eu posso comer agora?

Snail foi até ela e retirou a fruta de suas mãos uma vez mais.

- *Ainda não.*

Ela olhou para ele com o pior olhar do mundo. Ele não se importou, dizendo:

- Pelo visto, você realmente precisa *observar o* que irá mexer antes de fazer, não é?

Ela não respondeu.

- Estou errado?

- Vá pra Aramis!

Snail se aproximou. E o coração de Liriel acelerou quando ela escutou o roçar. Os olhos se arregalaram e refletiram o brilho de uma lâmina de um facão mais afiado do que muitas espadas de guerreiros experientes. A lâmina chegou próxima de seus olhos, e apenas o mínimo toque diante de seu nariz fez um corte de onde escorreu sangue.

Havia poucas coisas com que Liriel Gabianni tinha dificuldades de lidar.

Violência era uma delas.

- Estou errado? - ele voltou a perguntar, alterando a voz.

- Não - ela respondeu em choque.

Ele balançou a cabeça, satisfeito, e foi até a bandeja. Colocou a maçã ali mais uma vez e disse:

- Memorize o que está vendo agora. Você consegue?

Ela balançou a cabeça duas vezes, com os olhos ainda arregalados. Ele colocou a imensa faca na mesma bandeja, ao lado da maçã.

- Agora, memorize assim...

- O que você quer?

- Você consegue perceber que se levasse até você a faca no lugar da maçã, a lâmina deceparia seus dedos?

O coração dela bateu forte de nervoso. O ar não existia nem circulava mais.

- Você consegue mexer a maçã, ao lado da faca?

Ela ainda estava assustada demais para pensar de forma correta. A cada momento estava mais e mais envolvida naquele maldito jogo psicológico, mas também não via escape para quebra-cabeça tão perigoso.

- Eu consigo...

- Bem, nas atuais condições, não duvido. Mas vamos ver como você se sai... assim.

A faca foi colocada em cima da maçã. A pouca luz dançou no brilho da lâmina afiada. Houve um sopro.

E a chama que dançava a pouca luz foi apagada.

- Sabe por que as cortinas deste lugar são pretas, Liriel?

Porque a luz não chega aqui. Você pode gritar, e ninguém lhe escuta. O tempo passa, e você não percebe. Logo, se você não pegar aquela maçã, você *vai* morrer de fome, porque ninguém vai vir aqui lhe dar mais nada para comer. Mas eu aconselharia a você mexer *apenas* aquela maçã. Ou do contrário, bom, eu não sei como você fará para segurá-la...

O coração dela batia tão forte, que ela não conseguia nem escutar o que ele dizia direito. O fato era que, naquele instante, Liriel Gabbiani estava com os olhos bem abertos.

Mas, na escuridão em que seu mundo estava, isso não fazia a menor diferença.

- Mas você acha que esses... seres vieram mesmo em paz?

perguntou uma Maria Hanson ressabiada.

- Quem vai saber? *A princípio*, parece que sim. Mas de uma coisa tenho certeza, Maria...

- Do quê?

- Anísio é a pessoa mais preparada do mundo para lidar com a situação.

- Mas... você estava dizendo que eles trouxeram um lutador do outro continente. É verdade isso?

- Também. Ele representa Ofir. A Federação de Pugilismo sempre reserva nesses torneios uma vaga para um campeão estrangeiro, representante de alguma nação convidada, que não seja filiada oficialmente. É a primeira vez que cedem a vaga a alguém do outro continente...

- E... *como* ele é?

- Quer saber a verdade? Assustador e fascinante ao mesmo tempo! Ele tem os olhos... *rasgados*, sabia?

- Como assim?

- Eles são... *puxados* para o lado, é diferente de qualquer coisa que já tenha visto. Você verá! Mas, na verdade, qualquer coisa que venha daquele continente me assusta. As histórias que são contadas são surreais demais até para pessoas acostumadas com magias.

Maria ponderou. E mudou de assunto:

- Áxel, o torneio de pugilismo começa em três dias! Você tem certeza de que tem condições de lutar?

- Com os conflitos que andam sobre mim nos últimos tempos, lutar nesse torneio é tudo pelo que mais anseio...

- Mas ainda assim: não lhe dá... sei lá... *medo* de entrar no ringue? O povo todo vai estar lá olhando pra você, são pugilistas do mundo todo...

A garota estava com uma expressão assustada. Áxel viu a preocupação com ele naquelas palavras e achou-a ainda mais adorável por isso.

- É claro que eu tenho medo, Maria. Como poderia não tê-lo?

- ele inspirou fundo e concluiu: - Mas também tenho coragem.

- Isso não é um paradoxo?

- Por que seria?

- Coragem não significa agir com ausência do medo?

- Não. Coragem significa agir ainda que na presença dele.

Maria ficou sem palavras. Lembrou-se de seus primeiros encontros com Áxel, quando sua timidez a fazia perder todos os diálogos para o ainda segundo príncipe.

- O que anda lendo, Áxel Branford?

Ele riu *muito* alto com a pergunta.

- Você se surpreenderia se soubesse...

Ela também riu, e eles ficaram se olhando pelo que pareceram séculos. Ele esperava que ela lhe dissesse outra coisa, mas

para surpresa de ambos, ela disse com o coração acelerado:

- Você... me surpreenderia?

Os olhos dela brilhavam, mas eram olhos frágeis. Olhos que brilhavam uma insegurança juvenil de quem nunca sabe se está tomando as decisões corretas, mas ao mesmo tempo sabe que existem certas decisões que terão de ser tomadas, e não adianta pensar muito sobre as consequências que a envolvem.

Áxel se sentiu um privilegiado apenas de estar ali. Mais ainda de ser o escolhido para aquela pergunta insegura.

- Hoje, você diz?

- Um dia.

Ele sentiu o coração amolecer. A garota à sua frente era tão especial, mas tão especial, que ele sentiu medo de não ser capaz de ser a pessoa certa, simplesmente de *merecer* estar ali.

- Assim que você estiver preparada - ele disse, devagar.

- Eu não quero estar preparada. Acho que nunca vou estar preparada. Por isso, eu quero que você me surpreenda...

O coração dele também bateu acelerado. Pelo sagrado Criador, aquela menina era linda! Era uma beleza simples, mas ao mesmo tempo profunda. Era uma beleza que refletia no exterior o que o interior tinha de melhor.

- Sabe... eu sei que vocês...

- "Nós"? - ela perguntou, desconfiada.

- É... "garotas"...

- Certo - ela relaxou.

- Eu sei que vocês acreditam que nós...

- "Garotos"?

- É... - ele riu. - Eu sei que vocês acham que nós costumamos ter o total controle nesse tipo de situação e sei que nós até mesmo gostamos de *parecer* que temos esse controle, mas nem sempre nós podemos nos mostrar tão seguros quanto parecemos querer demonstrar...

- E depende do quê, essa insegurança?

- Do valor da outra pessoa.

- Bom, "nós"... - ela sorriu - ... sonhamos com príncipes e cavalos brancos. Sonhamos em tocar estrelas e, assim como semideuses, jamais sermos esquecidas...

- Eu sei. É isso que nos dá receio...

- Você tem... *receio* com relação a mim?

- Muito.

- Então... isso quer dizer que eu... tenho valor pra você?

Ele balançou a cabeça duas vezes, olhando um pouco assustado para ela. E nos olhos dele ela via a confirmação da resposta, o que era muito mais importante do que as palavras que não eram ditas. E o mais interessante daquela cena era que, na insegurança dele, ela ganhava a segurança que toda mulher sonha encontrar em um homem.

Ele concluiu:

- Tanto valor que em alguns momentos não sei se sou digno...

- Sabe, às vezes, fico pensando que, ainda que você fosse o

plebeu mais pobre do mundo, ainda assim você seria um príncipe.

- Eu acredito. Você não é a plebeia mais pobre do mundo, mas vejo em você nobreza.

Maria Hanson abraçou forte Áxel Branford para não chorar na frente dele. Áxel, como todo homem diante de uma expressão pura de sensibilidade feminina, sorriu um riso diferente. Um riso de satisfação, mas um riso de quem acredita que vale a pena viver apenas por momentos como aquele.

Os rostos dos dois roçaram um na pele do outro, e ela sentiu a barba rala dele. Ele inspirou fundo e sentiu o bom cheiro que vinha dela. Lábios se tocaram, e o mundo daqueles jovens parou para eles por um instante.

No alto... bom... no alto, a velha e romântica estrela de Blake, como sempre, pulsava forte e excitante como um brilhante coração.

35

João Hanson estava em choque.

- Peraí, você tá me deixando confuso! - Para ele, como para todo garoto, e digo também todo homem, e até todo idoso, era difícil absorver a forma direta como a psicologia feminina encarava aquele tipo de situação. - Tipo... dá pra você repetir?

- Ora essa, João! - disse a sem-paciência. - Qual foi a parte que você não entendeu?

- Cara, você tá falando sério? Mas... do tipo sério mesmo?

Ariane estava visivelmente constrangida por tudo aquilo ter de estar partindo dela, e pelo modo como João prolongava aquele constrangimento. Na cabeça dela, era *ele* quem deveria ter feito a proposta, e com um buquê de flores nas mãos, inclusive!

- Ora, se você não quer, então diz logo! - ela disse invocada.

- Ei, calma! Não precisa ficar nervosa! Eu só perguntei se...

- Não tem ninguém nervosa aqui! - ela gritou, bom, extremamente nervosa. - E quer saber? Esquece o que eu disse...

Ela seguiu irritada na direção da casa. Abriu a porta escutando ainda ao fundo o jovem Hanson dizendo:

- Ariane, espera, pô! Ariane...

E bateu a porta violentamente enquanto ele dizia em um sussurro que só ele podia escutar:

- Mas eu quero...

E João Hanson ficou ali olhando abobalhado para a porta fechada, assustado mais do que qualquer outra coisa.

Assustado com os sentimentos dentro de si. Assustado com as reações que esses sentimentos provocavam.

Assustado com as reações que eles ainda iriam provocar.

36

- Por que você está fazendo isso comigo? - Liriel perguntou, em choro.

- Porque eu preciso que você desperte.

- Eu não consigo... por favor...

- Gabbiani, o que você é capaz de fazer só tem duas explicações: ou você é uma bruxa ou você foi *tocada*.

Ela balançou a cabeça negativamente. Não porque não concordasse, mas porque não tinha condições psicológicas para concordar com qualquer argumento que a impedisse de ser solta.

- E você não é uma bruxa... - ele continuou.

- Eu não consigo...

Ele foi até próximo a ela e disse em seu ouvido:

- Então você vai morrer de fome...

- Por favor...

- Para de se fazer de pobre coitada, Gabbiani! Para de ser vítima da circunstância!

- ... por favor...

A maçã com a faca em cima tremia. Snail sabia que ela poderia mexê-la, apenas seu receio a impedia. Um receio que ela *precisava* perder.

- Traz aquela maçã, Gabbiani!

- Eu não consigo, seu maldito!

Snail sentiu a cadeira onde ela estava presa *tremar* com o grito dela. Depois reparou que as cortinas se movimentaram.

Pouco, mas se movimentaram. Talvez fosse mais um sussurro do vento.

Talvez não.

- Você vai mexer aquela maçã com aquela faca, e sabe por que você vai, Gabbiani? Porque se você não fizer, você vai envergonhar essa sociedade secreta que a escolheu para reiniciá-la! Você vai envergonhar sabe-se lá qual seja a entidade que lhe tocou!

Snail percebeu que os vidros das janelas começaram *também* a balançar. As cadeiras próximas começaram a ranger. As correntes, a estalar.

- E você vai mexer aquela maçã porque, do contrário, você vai envergonhar o sobrenome que tem! - o tom de voz ia aumentando gradativamente de intensidade. - Você vai mexer aquela maçã, Liriel Gabbiani, porque se não fizer, esteja onde estiver, o infeliz do seu pai... vai sentir... ainda mais... vergonha... de... você!

- *Chega!*

E Snail foi arremessado para trás com a violência de um encontro com um mamute em movimento. Cadeiras velhas arrastaram-se pelo chão. Vidros se espatifaram. Cortinas subiram e desceram, como se alguém as tivesse estendido.

Uma delas se soltou e deixou entrar a luz do luar no ambiente

escuro. A maçã e a faca foram parar do outro lado, próximos ao palanque improvisado. Mas o mais impressionante foi que uma parte da corrente que prendia Liriel se PARTIU, feito vidro.

Snail estava caído no chão, assustado com a intensidade da força que ele próprio havia provocado.

- Nunca... - ela disse com uma voz que não parecia a dela.

Ainda era dela, mas não parecia. - ... *nunca* cite a lembrança de meu pai! Ele era homem grande demais para estar nas palavras de outros menores como você!

- Eu acredito. E você só prova que precisamos um do outro.

Eu preciso de você para me ajudar a reestruturar essa sociedade, você precisa de mim para atingir o potencial máximo que possuiu...

- Eu não preciso de você!

- A última vez em que disse isso, eu tive de cortar um bufão pintado com um olho na testa para impedir que você fosse morta...

- Por que, depois do que você fez comigo hoje, eu confiaria em você?

- Porque eu lhe revelei minha fraqueza.

- E qual seria?

- A mesma que a sua.

Houve uma pausa. Liriel mexeu a maçã até si e mordeu um grande pedaço. Depois, balançou a cabeça positivamente duas

vezes.

Enfim ela havia compreendido.

Áxel Branford suspirou fundo, enquanto molhava o próprio rosto em uma bacia com água. Estava em seu quarto e observava o nascer do sol através da sacada. Sabia que aquele dia era um dos mais excitantes de toda sua *criação* e esperava que estivesse não apenas pronto para ele como também capacitado para a responsabilidade que carregaria. Era o dia em que descobriria o adversário que enfrentaria em pouco tempo. Mal havia dormido, o que não deveria ser um bom sinal para um pugilista, mas também não se sentia cansado, pelo contrário. Sentia-se afoito. A tensão, e a adrenalina que vinha com ela, já percorria seu sistema interno, e ele aos poucos já se movimentava de um lado a outro para descarregar um pouco aquela sensação.

O fato era que Áxel sabia o que estaria em jogo. Não se tratava apenas de um campeonato de pugilismo; tratava-se de uma disputa de poder. Uma Era Nova estava sendo iniciada no Ocaso, e algumas digressões políticas já haviam se desenhado. Podia-se esperar muitas coisas dessa Era que estava surgindo, mas a paz não parecia uma delas. Reinos iriam disputar o poder de poder ser o mais forte; líderes teriam de provar que *ainda* tinham poderio para manter sua liderança; sistemas de governos seriam questionados e ideologias seriam postas em embate.

Aquele torneio seria uma prévia. Não seria um torneio que testaria a força dos melhores homens. Seria um torneio que testaria a força das melhores nações.

E Áxel Branford era Arzallum.

Enquanto pensava em coisas do tipo e se exercitava por conta própria, bateram na porta duas vezes.

- Entra... - ele disse, sem se voltar para a entrada do quarto.

A porta abriu, e um imenso troll colocou uma parte do corpo para dentro, o que é um comentário muito substancial em se tratando de trolls. Observou Áxel agitado, movimentando-se como se estivesse dançando passos que lembravam o pugilismo, com uma toalha ao redor do pescoço, e os cabelos molhados.

- Pronto? - perguntou o troll em seu altivo pobre.

- Desde o dia em que dei meu primeiro soco...

Muralha concordou e saiu. Estava acostumado a ver seu protegido sempre sorridente e bem-humorado. Até mesmo durante as lutas, por mais arriscadas que fossem, aquele rapaz costumava se manter descontraído diante da vida. Mas não naquele dia. Ali ele estava diante de um jovem centrado, concentrado e confiante. Um jovem que havia passado por muitas coisas recentemente; situações fortes, que aumentaram a força de seu espírito e aceleraram seu amadurecimento como ser humano e como representante de uma nação. Era um jovem que buscava força - e confiava nessa força - para um

amadurecimento.

Um jovem que era o exato reflexo da nação que representava.

Áxel observou um imenso quadro pintado com o rosto do pai na parede. Permaneceu segundos observando o olhar da figura. E, então, bateu forte três vezes no peito. Apontou para a tela. E saiu.

O salão de refeições já estava agitado naquele início de manhã. Não era apenas o primeiro príncipe que havia se posto de pé muito mais cedo do que precisaria, praticamente quase todos os representantes de seus Reinos, ou ao menos os que *ainda* estavam hospedados no Grande Paço, fizeram o mesmo. As serviçais serviam pão, cereais, hidromel e sucos de diversas frutas.

Apesar de estar relativamente cheio o local, poucos se falavam naquele dia. Áxel mordeu um pedaço de pão enquanto se lembrava da luta que o fizera chegar até ali. A luta contra Gnoll. A luta em que havia subido ao ranking A e se candidatado como representante de Arzallum à disputa do Punho De Ferro. Seguindo as regras, qualquer outro do mesmo ranking poderia ter também se candidatado à vaga, o que geraria uma disputa interna entre os candidatos. Quando Áxel Branford conseguiu o ranking e se candidatou, porém, todos os outros candidatos retiraram a candidatura.

Todos, menos um.

A história desse imenso brutamontes que ousou desafiar o

príncipe, eu prometo que um dia ainda contarei a você; apenas não posso parar este momento para isso. O que importa neste momento é que, enquanto Áxel se preparava, Melioso, treinador do príncipe e antigo campeão, hoje um senhor de respeito e competência, juntou-se a ele na mesa, enquanto o pugilista mastigava seu pão e bebia um concentrado suco à base de uva.

- Andei observando ainda pouco um de seus possíveis oponentes...

- Qual deles?

- O tal pugilista de Brèe.

- Eu nem sabia que existiam pugilistas em Brèe.

- Nem eu.

Os dois riram. Acontecia que Brèe era o Reino da beleza e das artes. Para quem vinha de fora, realmente era muito mais fácil pensar em encontrar músicos, pintores e poetas, principalmente poetas, saindo pelas gavetas de lá, mas não guerreiros, arqueiros ou pugilistas. Para se ter uma ideia, a família real de Brèe era composta de doze princesas. Todas elas damas que repudiavam qualquer coisa que não vislumbrasse beleza e que sonhavam com casamentos que lhes trouxessem artistas em vez de guerreiros.

- E o que você achou do sujeito?

- Ensinaram o cidadão a proteger apenas um lado do rosto, ou é só isso que sua inteligência consegue, acho. Não sei, acho

que em Brée um homem que consegue erguer os braços já

deve ser considerado um pugilista.

- Dá um desconto pro cara. Ele deve ser escritor...

- Acaso já viu algum escritor entrar em ringues de lutas?

- Bom, deve existir algum...

- Talvez, mas não hoje.

Áxel balançou a cabeça. Não estava preocupado com seus oponentes iniciais. Estava preocupado com os oponentes que enfrentaria nas finais do torneio. Os fracos seriam eliminados logo de cara. E o que dava o frio no estômago era a dúvida de saber se realmente merecia seu lugar dentre os fortes.

- Eu vi sua luta...

Áxel saiu do transe em que estava e notou um jovem pugilista na sua frente, olhando para ele enquanto também mastigava um pedaço de pão, mas que bebia com leite. O rapaz não deveria ter mais do que sua própria idade, exibia a saúde típica de um pugilista, mas tinha a pele bronzeada e os cabelos mais escuros.

- Perdão...

- Eu disse que vi sua luta. A que o trouxe até aqui...

- Ah, você me viu nocautear Gnoll?

- Não. Eu vi a *outra* luta...

Áxel, quando entendeu o que o rapaz estava lhe dizendo, arregalou os olhos e abaixou o tom de voz, falando quase em sussurro:

- Está falando sério? Você estava lá?

- Estava. A luta foi para poucos espectadores, mas... você sabe... pugilistas sabem dessas coisas...

Melioso balançou a cabeça. Havia simpatizado com o rapaz.

Todo treinador gosta de conversar com praticantes *de verdade*.

- Eu não sei se já fomos apresentados antes... - disse Áxel.

- Não fomos. Eu sou William. Represento o Reino de seu tio Tércio Branford.

- Você é o lutador de Cálice? - havia surpresa da parte do príncipe.

- Sou. Me candidatei antes que enviassem o bichano com botas... Os três riram.

- Já pensou em um negócio desses? O que mais faltaria trazerem para um ringue?

- Mulheres - disse o treinador.

Áxel ergueu as sobrancelhas concordando. William aproveitou a deixa:

- Interessante o senhor citar isso. Sabe que ando pensando em idéias malucas como essa?

- Mulheres no ringue? Quem pagaria para ver um negócio horroroso desses? - perguntou o treinador.

- Mas aí é que está! Elas não lutariam no ringue...

- E lutariam onde?

- Em trajes mínimos, na lama.

Os dois se olharam pensativos um tempo, com aquele olhar de "por que ninguém nunca pensou nisso antes?" e balançaram a cabeça.

- Hum... eu pagaria uma fortuna para ver um negócio desses! - disse Áxel.

- Rá! Escutem o que eu digo: deem seu dinheiro para ver mulheres fazerem coisas mais interessantes! Está para existir mulheres que mereçam campos de batalhas... - afirmou o velho treinador.

- Você diz isso porque não conhece o novo capitão da Guarda Real - disse Áxel.

- Não me diga que é uma... - disse William.

- Linda! E lhe cortaria a garganta antes que pudesse iniciar um insulto. William fez uma expressão de dúvida. E voltou a mastigar o pão.

Áxel, que havia terminado o seu, levantou-se.

- Bom... William, né?

O rapaz concordou. Áxel concluiu:

- Eu vou me encaminhando agora, pois nós dois sabemos que não é aconselhável pugilistas se conhecerem antes de um torneio, não é?

- É verdade. Mas não se preocupe com o meu lado, Alteza. Se nós nos cruzarmos durante o torneio, não tenha dúvida de que vou deixar seu rosto irreconhecível para as damas que lhe tratem depois.

Áxel riu alto, quebrando um pouco aquela expressão fechada que mantinha desde o amanhecer.

- Não, meu amigo. Você apenas vai *tentar*...

Áxel esticou um punho fechado. William tocou seu punho no dele, em um comprimento de pugilistas. O príncipe e seu treinador já estavam saindo do lugar com expressões bem-humoradas, quando Áxel avistou Anísio Branford entrando no salão. Eles cruzaram olhares. E a expressão bem-humorada do príncipe voltou a se fechar.

Ariane estava se olhando de frente no único espelho que tinham naquela casa.

O espelho, aliás, deveria estar no quarto da mãe, mas ela havia trazido para o seu. Era um espelho pequeno, quadrado, do tamanho de um rosto. A menina, naquele momento, virava o espelho em diversos ângulos para ver melhor detalhes de seu próprio corpo. Vestia apenas um curto vestido já velho e desgastado, que batia acima de seus joelhos e que ela usava apenas para dormir.

As expressões da menina eram meio difíceis de traduzir; por algumas vezes pareciam satisfeitas, mas na maioria delas, não.

Algumas vezes, parecia impaciência; outras, irritação. Outras, frustração. Ela puxou um pouco a parte que lhe cobria o tronco e olhou para baixo para ver os próprios seios.

Foi quando Anna Narin entrou no quarto.

- Querida, eu... - Anna se surpreendeu com a posição de Ariane observando o próprio corpo. - Está tudo bem, meu amor?

Ariane escondeu o espelho colocando o braço para trás, como se estivesse praticando um crime com o dito-cujo.

- Está, sim. Por que, mãe?

- Nada, querida. Eu só estou perguntando...

O humor de Ariane, que já não estava nada bom, parecia

piorar a cada momento.

- Na verdade, mãe, já que você perguntou, não está não!

- Não? - a mãe ficou surpresa. - Mas por quê, minha filha?

- Porque eu não concordo mais com esse negócio de você

abrir a porta do meu quarto sem bater antes!

Anna Narin ficou muda. *Aquilo* era algo completamente novo

e inesperado para ela.

- Como é? - perguntou a mãe.

- É isso que eu disse! Eu acho que eu preciso ter o meu

espaço...

Anna Narin estava com os olhos arregalados, diante daquele

ser pouco humorado e de firmeza nos argumentos. Foi quando

Anna percebeu então que o embaraço de sua filha estava no

fato de estar... *envergonhada* diante dela. A sua filha, aquela

que ela havia vestido, calçado, doutrinado e alimentado, de

repente... sentia-se embaraçada diante dela.

- Mas, minha filha, você não precisa ter vergonha da sua mãe!

Eu sou sua amiga!

- Não é questão de ter vergonha, mãe! Não é isso! A questão é

que eu não sou mais aquela criança que você dava banho

quando era pequena. Você tem de aceitar que eu *cresci!*

- Mas... mas...

- Eu já fiz treze anos! Sabe o que isso significa?

- Que eu acho que, se eu já tenho direito de ser *iniciada* em

um *coven* de bruxas, mãe, então eu também tenho direito a ter

a minha privacidade!

Anna Narin abriu a boca, e, se não existisse a mandíbula, seu queixo teria caído no chão. Estava imóvel e com os olhos arregalados, parecendo uma estátua de mármore. Usando toda a força do mundo, ela se recompôs, engoliu a saliva com dificuldade, concordou lentamente com a cabeça uma vez e disse com um sorriso forçado:

- Mas é claro que você tem, minha filha.

Anna Narin saiu do quarto. E, do lado de fora, sem saber se deveria se sentir ofendida ou orgulhosa, a dedicada mãe cruzou os braços e começou a rir, sem saber também qual o motivo do próprio riso.

39

Lenhadores costumam se levantar bem cedo, mais até do que pugilistas de noites mal-dormidas. Isso não era exceção na família Hanson, onde Hígor Hanson também cumpria essa tarefa. Naquele dia, porém, ele tinha uma companhia inusitada: seu filho João Hanson havia insistido para ajudá-lo em sua tarefa.

- Aaaah! - gritou João descendo o machado em um pedaço de tronco colocado em pé, em cima da base que sobrara de uma árvore derrubada. A lâmina desceu até o meio do toco.

- Respiração.

João olhou para o pai com uma expressão insatisfeita. Hígor jogou o tronco acertado fora e colocou outro em pé no lugar.

João nada disse, apenas observando-o.

- O seu problema é a respiração errada.

João continuou calado, observando o pai. Hígor sabia que seu filho falava pouco e observava muito. Admirava aquele jeito do filho; sentia um orgulho danado, aliás. Evitava demonstrar esse orgulho para não amolecer o garoto. Mas tinha noção do potencial daquele menino.

- Fica do meu lado...

João ficou. Hígor ergueu o machado.

- Quando você fizer este movimento, você deve inspirar...

João copiou o movimento com o machado e encheu o pulmão.

- Agora você prende um pouco e *sente* o ar correndo dentro de você. Isso é força...

João prendeu a respiração e fechou ainda mais a expressão, concordando.

- E então você fixa seu ponto e expira em uma só! Assim! - e Hígor desceu o machado com tanta violência, que a lâmina bateu no tronco da árvore que servia de base, separando o toco de madeira em dois.

João buscou outro toco de madeira para tentar de novo.

- Pai, é impressão minha ou você perdeu seu *anel de lenhador*?

O anel de lenhador era dado a todo novo lenhador aceito em um grupo formado. Era como o adereço de um sindicato; era um símbolo de força de um grupo e do que aquele ser humano era parte. Sempre eram dados em dupla, para que a segunda jóia fosse presenteadada a uma alma gêmea e reforçasse o significado de *família* que ele trazia.

Obviamente, naquela família, Erika Hanson possuía o outro.

- Não, ele está... *emprestado* apenas.

Hígor se afastou e sentou-se ao pé de outra árvore. João estranhou a resposta, mas, antes que perguntasse algo mais, o pai se antecipou dizendo:

- Mas então... - disse, enquanto se sentava e acendia um cigarro improvisado de palha. - Quando você vai me dizer afinal?

- Dizer o quê? - perguntou João, tentando disfarçar o óbvio.

- O motivo de você ter vindo me acompanhar hoje.

- Eu sempre acompanho você quando não tem aula...

- Ah, isso com certeza. Mas no dia em que se inicia o sorteio das chaves do Punho De Ferro? Não, aí não...

João Hanson riu, sem jeito.

- É tão óbvio assim?

- Eu conheço você há quantos anos, João Hanson?

- Catorze.

- Catorze anos. O suficiente para saber que você me acompanhou hoje porque quer me dizer alguma coisa. E se você teve o trabalho de vir até aqui para me dizer alguma coisa, é porque não queria dizer na frente da sua mãe e da sua irmã. Isso me leva a duas conclusões: ou você fez alguma besteira das grandes ou você quer conversar assuntos de homem...

João Hanson ficou embasbacado com o raciocínio do pai. Era um homem rústico, analfabeto e, na maioria das vezes, ríspido e bastante duro na criação dos filhos. Mas ainda assim, naquela rigidez, era um homem admirável.

João não tinha dúvida de que, se era um garoto de raciocínio rápido, era porque teve a quem puxar.

- Tá certo, pai. É meio que os dois...

E João ergueu o machado, tentando se concentrar na respiração.

- Papo de homem unido a grandes besteiras? - disse Hígor, após uma baforada. - Já sei então o que é... - o pai riu. - "Mulheres".

João Hanson desceu o machado tão surpreso, que errou o toco.

- Acertei, né?

O jovem Hanson suspirou.

-É...

- Manda então...

- Bom... sabe... é que... pô, pai! Eu não entendo as mulheres!

Eu não consigo entender como funciona a cabeça delas!

Caraça, uma hora elas elogiam você, sorriem, até lhe beijam no rosto! Aí no outro, elas choram, mandam você embora e até batem a porta na sua cara! E não é nem de um dia pro outro! Elas mudam de humor de uma hora pra outra! Me explica isso, pai!

Hígor Hanson riu alto, mas muito alto mesmo com o pedido do filho.

- Ai... ai, meu Criador... - disse, recuperando o fôlego. - Quer dizer que você acha que vai *realmente* entender isso tudo um dia?

- Não vou? - perguntou João, bem surpreso.

- *Nunca*. Você vai morrer sem saber.

- Mas... por que é assim, pai?

- Porque a graça é essa. Passar a vida tentando descobrir. Você

já pensou que mundo tedioso seria se elas fossem como nós?

João apoiou o peso sobre o machado, usando-o como uma bengala improvisada.

- É... pode ser.

- Se só existissem homens no mundo, garoto, o mundo já teria acabado. É preciso a sensibilidade feminina. Elas são mais sensíveis mesmo, sabe? Nós somos brutos, usamos muita força, queremos resolver tudo no tapa.

- Ah, nisso elas também! Elas puxam cabelo e metem a unha na cara e...

- Ah, mas nada que se compare com espadas, flechas e canhões. E elas geram vida. Você já pensou como deve ser isso?

- Nem imagino.

- Nem eu, porque nós homens parecemos ser capazes de só gerar morte. Além do mais, não se preocupe com o mau humor delas. Tem... dias em que elas ficam assim, sabe?

- Não entendi.

- Bom, eu bem que gostaria de lhe explicar melhor, mas também não sei explicar como funciona isso. Simplesmente existe uma semana em que elas *precisam* estar mal-humoradas, sabe? Acho que se não for assim, sei lá, elas... morrem, entendeu?

- Eu não! Que troço maluco! Por que alguém iria precisar ficar mal-humorado todo mês pra não morrer?

- Se eu soubesse o porquê eu seria uma mulher, cacete!

Os dois riram. João ergueu o machado. Inspirou. Depois desistiu do golpe, para falar:

- Mas... sabe... eu tenho mais dúvidas... - ele continuava a parecer embaraçado.

- Manda...

- Tipo... pô, pai, por que a minha voz fica falhando de vez em quando? Que saco! Eu tento falar grosso, e ela sai fina, várias vezes! - e João, já que havia começado a falar, resolveu chutar o balde de vez. - Por que eu não tenho barba igual a você? E por que diabos demora tanto para nascer cabelo embaixo do meu braço? O Albarus lá da Escola já tem o dobro! O dobro que eu!

Hígor voltou a rir. Era interessante observar de fora dúvidas que se tornaram tão importantes em épocas passadas.

- Isso vem sozinho, garoto. - Repare que Higor nunca chamava João Hanson de "filho". Ele preferia usar termos como "garoto", "rapaz" ou usar o nome próprio de João. - Já reparou seu maldito tamanho atual, comparado com o do ano passado? Parece que você dobrou de tamanho em um ano! Eu também não sei como funcionam essas coisas, mas é assim! Você simplesmente cresce, e vem com tudo isso junto.

- Então os pelos embaixo do meu braço vão crescer?

- Mas é claro! A sua voz vai engrossar, seus músculos vão aumentar, vão crescer pelos até no seu peito!

- Ah, eu sabia! Eu sabia! Eu disse pro Albarus que isso ia acontecer! Eu disse! Mas ele disse que só iam crescer pelos na minha mão!

- E por que cresceriam pelos na sua mão, rapaz?

- Porque... ora, porque... bom, deixa eu cortar a madeira, que você está me desconcentrando toda hora, eu, hein! Parece que não quer que eu consiga...

Hígor Hanson balançou a cabeça, satisfeito, e voltou a fumar seu cigarro de palha. Tossiu um pouco. João ergueu o machado e inspirou fundo.

- Mas quer saber o que eu acho? - perguntou o pai, enquanto o garoto ainda estava com o machado erguido. João sentiu o ar preso, correndo por dentro de si. Observou o toco de árvore, traçou sua meta e escutou a voz do pai: - Você devia parar de enrolar e conversar sério de uma vez com Ariane...

O machado desceu com tanta violência, que a lâmina dividiu o toco em dois e se cravou na base da árvore cortada com uma intensidade que seria até difícil puxar depois. João permanecia assustado. Uma parte pela potência do golpe. Mas a maior parte pelo conselho do pai.

- Ei! - João protestou. - Eu não disse que meu problema era com ela... - disse, tentando demonstrar segurança.

Hígor apenas sorriu mais uma vez.

- Catorze anos, João Hanson. Catorze anos...

O mundo já era Arzallum.

O centro de Andreanne começou a se agitar. As horas estavam se passando, e a multidão se encaminhava para o local onde aconteceria o sorteio das chaves de lutas do espetáculo mais aguardado do ano. Para comportar a multidão local e os visitantes de outros locais, o lugar escolhido fora a Arena de Vidro. Ninguém sabia por que motivos a Arena fora batizada com esse nome, afinal, de vidro não tinha nada. Na verdade, eu sei sim o motivo, mas, como não me lembro e não vejo por que ele seria relevante, podemos seguir para o que realmente interessa.

O local era grande e servia de arena para torneios, como os de pugilismo e de justas, ou outros objetivos festivos que interessassem aos planos reais. Sua arquitetura era arredondada, composta de diversos degraus de concreto que serviam de arquibancada. Estimava-se que a Arena, uma das maiores do mundo, possuía capacidade para abrigar cento e cinquenta mil pessoas. Dentro da arena, ou apenas nos poucos degraus acima, localizavam-se as arquibancadas nobres, que seguiam o mesmo esquema de qualquer lugar. Além da posição geográfica, o diferencial desses lugares era que possuíam proteções superiores, afinal, ninguém iria querer ver um Rei e seus convidados torrarem em um sol de rachar ou

saírem espirrando da arena após um dia de chuva, não é?

Dependendo do espetáculo, crianças eram permitidas.

Naquele dia, não. A não ser, claro, com autorização especial ou arrumando um jeito de burlar os guardas na entrada, coisa que algumas sempre conseguiam, mas a maioria, não. Havia outros eventos para elas, porém, principalmente em um anfiteatro montado em outro setor fora da arena principal, mas dentro da própria Arena de Vidro.

Do lado de fora, o mercado informal plebeu fervia com a chegada de milhares de estrangeiros; pessoas que vinham de todo lugar do continente, e que traziam prata e ouro. Havia barracas armadas que vendiam comidas locais típicas, ou nem tão típicas assim. Havia barracas que vendiam lembranças de Andeanne. Havia mulheres que seguravam os pulsos dos turistas com mãos que pareciam garras e juravam pelo Criador que conseguiam ler o futuro nas linhas das mãos das pessoas.

Havia até mesmo desocupados que cobravam um princês ou dois para observar os cavalos ou carruagens dos visitantes.

Bom, na verdade, eles não cobravam, eles "pediam uma colaboração", mas era melhor dar alguma coisa a eles do que encontrar no final seu cavalo marcado com alguma lâmina aquecida em fogo, não é?

A cada hora o trânsito de pessoas parecia dobrar. O tempo estava colaborando, e fazia um dia de sol forte. O comércio, e dessa forma o povo, estava feliz, e isso era bom depois dos

tempos sombrios que Arzallum havia passado e que esperava ter deixado para trás. Os guardas estavam a postos, e a segurança estava sendo bem-feita na medida do possível pela Guarda Real. O porto de Andreanne continuava a receber pessoas que vinham por mar, e o culto ao brasão de Arzallum - o culto que nasceu com Primo Branford e continuava a ser incentivado por Anísio - estava lá.

Esse culto tinha um nome: Áxel Terra Branford.

A responsabilidade daquele rapaz de dezessete anos era grande. Para que você tenha uma ideia dessa responsabilidade, aliás, me dê a sua mão mais uma vez e confie em mim. Vamos nós dois para o centro da praça, em frente à Arena de Vidro, para que você se sinta lá dentro e entenda o que Áxel Branford significava para Andreanne, e dessa forma também para Arzallum, naqueles tempos.

Abra a mente, imagine e visualize comigo. Vamos no seu tempo. E um. E dois.

E três.

Uma praça com chão de terra. Você está no centro dela, e eu estou ao seu lado. Não se preocupe, eu estou ao seu lado. Você escuta o murmúrio das pessoas. Existem vozes e mais vozes. Muitas vozes. Existem pessoas querendo vender coisas. Querendo vender comida. Querendo vender serviços. Querendo vender até a si próprias. As pessoas passam ao nosso redor, agitadas. Todas elas seguem na direção da Arena,

que está atrás de você. São centenas de roupas diferentes: algumas se vestem de modo simples; outras, com mais posse, de modo sofisticado. Em algum lugar, uma criança chora nos braços de alguém. Adolescentes riem. As pessoas andam e conversam e conversam. Você escuta as solas se arrastando no chão de terra. Você percebe crianças sem camisa e descalças correndo uma atrás da outra em brincadeiras infantis. Você vê um grupo de meninos sem camisa, com ataduras nas mãos, simulando lutas de pugilismo. Você escuta o crepitar de algo sendo cozinhado ali, na hora. Você escuta pessoas fazendo apostas.

Agora você se vira e, em vez da praça, você olha para a Arena. Vê como ela é imensa e como você se sente pequeno diante dela. Perceba como aqui - quando nós não construímos, mas *tocamos* no éter - ela é muito maior do que você poderia ter imaginado. Ou, pelo menos, é do tamanho da sua imaginação. As pessoas formam longas filas para conseguir suas entradas para as lutas, enquanto guardas tentam manter o controle do fluxo de pessoas. Repare que cada ingresso é formado por um pedaço de papel com um carimbo real, e aqueles que já o conseguiram o agitam como se fosse um troféu. O sol toca na pele das pessoas e toca na nossa, e a esquentam com vigor. O suor escorre na testa delas e escorre na nossa. Você sente a pele úmida de suor. O ar mais ofegante. E se sente vivo como nunca.

Mas estamos aqui dentro para perceber a importância de Áxel Branford. Por isso, concentre-se agora só no que vou dizer. Mantenha as imagens em segundo plano. Eu vou isolar o resto dos sons e movimentos neste momento e vou rastrear apenas o que tiver relação com o príncipe pugilista. E um. E dois. E três.

Em algum lugar, um garoto diz que quer ser Áxel Branford quando crescer. Duas adolescentes dizem que gostariam de ter seu primeiro beijo com ele. Três garotas mais velhas gostariam de fazer mais do que apenas um primeiro beijo. Um garoto de catorze anos exibe um corte de cabelo igual ao do príncipe. Na verdade, concentrando-se melhor, esse número sobe para quarenta e três garotos, só naquela praça. Uma senhora animada possui uma faixa na cabeça com o nome "Branford". Seus oito filhos também. Uma jovem de vinte e cinco anos exibe uma tatuagem com o nome completo do príncipe. Outra exibe o rosto dele na própria pele. Um artista está posicionado em um canto da praça, exibindo quadros que pintara do pugilista. Ao redor dele, dezenas de pessoas admiram o trabalho e comentam sobre como as pinturas lembram - ou não - o herói nacional. Duas senhoras na casa dos setenta anos cochicham sobre a relação de Maria Hanson e Áxel Branford, e a opinião sobre ambos já terem dormido juntos ou não. Duas crianças de dez anos relatam a um casal de turistas sobre o orgulho de terem aula *com a namorada do*

príncipe. Quatro jovens entre quinze e dezesseis anos, antigas companheiras de sala de aula de Maria, comentam sobre o que será que o príncipe viu na garota e sobre o quanto suas próprias qualidades são melhores que as dela. Uma sopa de uma verdura verde, que criança alguma gosta de comer, está sendo vendida como o grande motivo pelo qual o príncipe ganha força para vencer suas lutas. A sopa está vendendo que nem água.

E isso tudo nós podemos ver apenas em uma primeira busca. Se eu ou você nos concentrássemos ainda mais, descobriríamos o dobro de situações. Caso queira, faça-o e depois me conte o que mais descobriu sobre Áxel Branford naquele momento. E, quando estiver pronto, toque mais uma vez em minha mão e sonhe comigo novamente. Vamos, é hora de retornarmos ao mundo linear.

E um. E dois.

E três.

41

Maria Hanson foi pega de surpresa. Estava dentro de casa, planejando as aulas que voltaria a ministrar na Escola Real do Saber, logo que os três dias de competição do Punho De Ferro acabassem e a vida em Andreeanne voltasse ao normal.

Gostava de dar aulas para crianças e até para os pré-adolescentes, pois *aprendia* com eles. Aprendia a manter a pureza, a crescer sem perder a curiosidade infantil pelo mundo e a valorizar coisas simples que o ser humano mal continua a perceber a existência ao longo de seu amadurecimento.

Estava envolta em seus pensamentos, quando escutou a voz de Ariane do lado de fora:

- Mariaaaaa! Mariaaaaaaaaaaaaaaaaa! Mari...

A porta da casa dos Hanson foi aberta rapidamente.

- Mas que gritaria é essa, meu Criador? - perguntou uma Maria assustada.

- Vem! Vem ver o Áxel!

O *nome*. Ariane havia dito o nome que fazia as pernas de Maria Hanson bambearem, o que a fazia acreditar que aquilo era amor, talvez paixão, mas talvez *também* amor, e provavelmente com razão.

- O Áxel? Onde?

- Na praça! Ele tá chegando na Arena!

Maria ficou ali pensando no que fazer. E como não se decidia,

Ariane foi até ela, a pegou pela mão e saiu carregando-a:

- Vamos lá, Maria! Você tá toda lerda hoje, eu, hein!

E Maria lá foi guiada pela menina, pensando se estava bonita

o suficiente, ou bem vestida o suficiente.

- Mas... eu tenho de me trocar ainda!

- Não, pô! A gente só vai ver ele passar...

Maria foi seguindo Ariane, ainda sem saber se estava pronta

para o que quer que fossem fazer. E foi ainda ao longo do

caminho da casa dela até a praça que a adolescente lhe

perguntou de uma forma insegura, capaz de mexer com um

coração:

- Maria... se eu fizer uma pergunta... você vai ser sincera

comigo?

- E algum dia eu deixei de ser?

Ariane pensou. E pensou. E disse, olhando para baixo:

- Não.

Maria sorriu.

- Conte pra mim qual o problema, Ariane. Eu sou sua amiga, e

agora sou também até sua professora! Se você não confiar em

mim, vai confiar em quem?

- E você é "minha ídola" também..

- Como assim? - Maria perguntou, extremamente confusa. E

curiosa. - Por que você seria minha fã, menina?

- Ora essa, Maria, você *pegou* o príncipe! - Ariane exclamou,

como se aquilo fosse *óbvio*. - Não existe ninguém neste Reino

inteiro... digo até mais: não existe ninguém no *mundo*

inteiro... acima dele!

- Ariane, o que é isso? Como é que você fala assim de... e... e do... do... - Maria começou a ficar vermelha.

Ariane começou a rir.

- Ai, ai, você é uma graça, sabia? Eu quero ser que nem você quando ficar mais velha...

O comentário fez Maria parar de corar um pouco. E agradecer ao Criador pela vida que lhe dava momentos como aquele.

- Não, *você* que é uma graça, Ariane.

- Não... não sou - ela disse, desanimada. - Tipo... eu acho que até as minhas amigas gostam de mim, sabe? Mas são só elas...

- Como assim? Todo mundo gosta de você!

- Ah, Maria! Pô, você entendeu! Eu não tô falando de meninas...

- Ah...

Maria repreendeu a si própria pela demora para processar, agora sim, algo tão *óbvio*. O que meninas na pré-adolescência, na adolescência, na juventude e também na fase adulta, e, hoje em dia, até mesmo na velhice, pensam? Em meninos, ou rapazes, ou homens, ou senhores de respeito e com boa índole, ora essa! Algumas, até nos sem isso...

- Vai lá: faz a pergunta que você queria me fazer.

- Tá, tá bom. É que... tipo assim... você acha que eu sou

bonita?

- Ariane, é claro que você é bonita! De onde tirou essa pergunta?

- Não, pô... eu quero dizer... não bonita do tipo "bonitinha", sabe? - e aqui ela fez uma careta de nojo. - *Bebês* são "bonitinhos", sabe? Eu quero dizer bonita como... gente grande, entende? Do tipo... bonita *para meninos*, tá me entendendo?

Maria podia perceber que havia tanto receio da resposta dela, que aquele olhar arregalado e inseguro de Ariane não deveria ter sido muito diferente do olhar dela diante de um lobo gigantesco que havia lhe estraçalhado a avó.

Ela parou de andar e se agachou para ficar frente a frente com sua pupila.

- Ariane, olha pra mim! Você... é... linda! Não deve existir um garoto na sua idade que não deseje estar com uma menina como você.

- Mas aí é que está! - a garota cruzou os braços, emburrada. -

Se isso é verdade, então por que eu não tenho um namorado?

Pô, Maria, tem garota lá na sala que tem até mais de um!

Tipo... não são *namorados-namorados*, sabe? Mas são...

tipo... *ficantes exclusivos*, sabe?

- Ah... é? - Maria estava com uma expressão *muito* esdrúxula.

- Antigamente as pessoas achavam que eu era esquisita, sabe?

Hoje em dia eu acho que elas não acham mais, mas... eu acho,

às vezes, entende?

- E por que você seria esquisita?

- Ah, olha pra você, Maria! O seu cabelo é lindo, você tem um jeito meio... tímido, que eu acho que os homens gostam. Você fala bem, você tem o maior pernã! Agora, olha pra mim: eu tenho coxas finas, eu não sou alta, e, pô!, eu mal tenho peitos! Você sabe o que é isso pra uma garota?

- Claro que eu sei, Ariane! Eu *sou* uma garota!

- Ah, mas não dá pra comparar! Você, depois que começou a sair com o príncipe, ganhou roupas lindas dele, que só a deixam mais bonita. As minhas são esfarrapadas, com tecido vagabundo! Aquela jóia que o Áxel deu pra você é... tipo... caraca, a *supremacia máxima do universo*, tá me entendendo?

Já os meus brincos são de madeira, são pesados, são tipo... a visão do último círculo de Aramis, sabe? - Sim, Ariane era exagerada. Mas que garota na idade dela não o é? - Pô, Maria... se você botar um decote, todo mundo vai olhar pra você! Se eu colocar, vão rir de mim...

Maria estava percebendo que Ariane iria começar a chorar se ela não fizesse alguma coisa. E rápido.

- Uma vez eu perguntei ao Áxel o que ele havia visto em mim. Sabe o que ele me respondeu?

- O quê?

- A minha inteligência.

- Ah, tá bom! - ela começou a bater o pé no chão. - Eu já

aprendi que eles gostam de dizer isso na nossa frente. Quando

chega na taberna, aí eles falam de tudo das mulheres, *menos* disso.

- Certo. - Maria riu. - Mas normalmente o que um homem diz como segunda opção no que chamou a atenção dele, você deve levar a sério...

- E o que foi que ele disse?

- O olhar.

Ariane mudou a expressão rabugenta para uma expressão mais sublime.

- Ai, que bonito! Mas o seu olhar é bonito mesmo.

- Não, dessa vez eu não estava falando de mim...

- E de quem você tá falando?

- Do que chamou a atenção do João em você...

O mundo de Ariane mudou a velocidade de rotação por um momento.

- Maria... muita calma nessa hora, ok?

- Ok... - Maria ria. Tinha vontade de apertar as bochechas daquela menina até arrancá-las. Mas ficou na sua.

- *Quando* ele disse isso?

- Ele não disse, na verdade. Ele escreveu. E quer saber? Eu nem deveria estar contando isso pra você...

E Maria pôs-se a andar sem olhar para trás. Ariane deu um grito, apertando os olhos e saltitando:

- Maria Hanson!!! Nem pense em se fazer de sonsa!!!

Maria sorriu. Há um ano, mal havia dado o primeiro beijo.

Agora, já bancava o cupido. A vida era mesmo capaz de se modificar muito rápido.

Ariane correu até ela e começou a puxá-la pela blusa.

- Vai, vai: fala mais! Tipo... onde ele escreveu isso? E quando?

E dizia o quê? E por que você nunca me contou?

- Ei, você acha que eu vou dedurar meu irmão assim, é? Eu já te disse muito...

- Não, você não pode fazer isso comigo! E covardia, pô! Um negócio desses deve ser até contra a lei!

As duas começaram a rir.

- Posso te dar um conselho? - perguntou Maria.

- Fala.

- Faz essas perguntas pra ele.

Ariane ficou muda. E olha que, falando de quem estamos falando, isso era um comentário extremamente digno de nota.

Áxel Branford dirigia-se à Arena de Vidro para acompanhar o sorteio das chaves. Ao redor dele havia um número incontável de guardas com o emblema de Arzallum, sem contar seu guarda-costas troll Muralha. Áxel não caminhava como os outros; estava erguido sobre uma base formada por uma carruagem sem teto improvisada. Distribuía sorrisos tímidos e se mantinha abraçado a uma imensa bandeira de Arzallum. Ao redor, diversas - dezenas e dezenas - crianças corriam junto da comitiva. As pessoas no caminho paravam o que quer que estivessem fazendo para aplaudi-lo, gritar frases de incentivo ou arremessarem flores no caminho da carruagem. Era possível saber onde ele estava só acompanhando os gritos das pessoas. Algumas adolescentes gritavam tanto, e se esgoelavam tanto, que desmaiavam em seguida, fosse pela insolação, desidratação ou pela emoção de estarem tão próximas a ele.

Áxel preferiria seguir para a Arena de maneira discreta, sem todo aquele clamor. Mas sabia também que ele não era apenas um lutador, e aquilo tudo não era apenas um torneio. Seu povo estava feliz, seu pai deveria estar também. Ele era um símbolo, e isso poderia deixá-lo orgulhoso. Mas havia aprendido com fadas tempos antes sobre o quanto o ego poderia estragar uma jornada e não se deixava envolver - ao

menos, não mais - na sedutora sensação de poder da qual poderia ser tomado.

Grupos de meninos gritavam:

- A-xel!!! A-xel!!! A-xel!!! - com as mãos enfaixadas como as dele.

Já grupos de meninas, bom...

- Vamos lá: um... dois... três... e... já! - disse uma menina para um grupo com mais de duas dezenas delas.

- Lindo!!! Tesão!!! Bonito e... - bom, elas repetiam incessantemente com todo o poder de suas goelas.

Áxel reconheceu aqueles gritos. Virou-se e não se espantou nem um pouco quando viu Ariane exibindo uma faixa com um coração e seu nome escrito à mão com tinta vermelha.

Outras exibiam a faixa: "Comunidade Áxel Branford no meu quarto". Aquele era um fã-clube, criado há pouco tempo, formado por meninas que adoravam o príncipe. Ele não estranhou nem um pouco quando descobriu que a fundadora do fã-clube era Ariane Narin. Áxel acenou para ela, e a menina começou a beijar o coração que trazia pintado na faixa. Ele acenou para as outras, e a gritaria não parou. Era um escarcéu tão vibrante e impossível de ser ignorado que, quem não estivesse nas ruas, saía para ver o que estava acontecendo. E passava a gritar ou a aplaudir também.

E Áxel então viu Maria Hanson, próxima ao grupo de Ariane.

Como sempre, ela estava com seu jeito tímido, querendo

passar despercebida no meio da multidão.

- Olha! Olha, Maria! Ele tá apontando pra você! - disse

Ariane, eufórica.

Do alto, Áxel bateu três vezes no peito e, com a mesma mão, apontou seu indicador para Maria Hanson. Ela, sem jeito, diante de tantos olhares, repetiu o gesto. Ao redor dela, as meninas do fã-clube haviam se ajoelhado e erguiam e abaixavam o tronco em reverência à Maria, como se fosse ela uma legítima semideusa.

- Que é isso, gente? Parem com isso, pelo amor do Criador... - ela voltava a ficar vermelha. Crianças foram até ela e...

pasmem... pediram autógrafos para a "namorada do príncipe".

Maria Hanson só então se deu conta de que, definitivamente, havia alcançado o auge de seu status de *celebridade em Andeanne*.

Para se ter uma ideia do que foi dito, posso citar um detalhe em que você já irá conseguir ter a noção dessa popularidade, e, se não o conseguir, é porque não deve ser o orgulho dos seus pais: naquele ano, Maria Hanson havia resolvido pentear seus cabelos de uma maneira mais... original. Costumava sair prendendo seu cabelo para trás em um rabo-de-cavalo longo que lhe tocava as costas, mas o detalhe curioso era que sempre, em uma das laterais do rosto, ela deixava um pouco de fios para prender uma mecha bem fina, que ia um pouco além do queixo.

Às vezes, ela trançava esse fio lateral. Na maioria das vezes, ela apenas o prendia.

Não importava, fosse uma forma ou a outra, o estilo estava se tornando febre entre as adolescentes de Andreanne.

Áxel Branford avistou ao fundo a Arena de Vidro e sentiu um frio na barriga. A auto-confiança fora testada, e ele se questionou se era mesmo a melhor opção para representar Arzallum naquele torneio. Não chegou a nenhuma conclusão extremamente positiva sobre a resposta. Mas sabia que era tarde demais para desistir.

43

- De novo.
- Deixa eu entender, novamente: você me amarrou, me torturou, me deixou com fome e testou meus limites até o ponto máximo. Por que você acha que eu receberia *mesmo* ordens de você de novo?
- Porque, se você não fizer, nunca vai saber qual o seu limite.
- E quem disse que eu *quero* saber meu limite?
- As suas atitudes.
- Que atitudes?
- Gabbiani, você herdou um circo falido de um pai com o sobrenome nobre em desgraça. E, com o tempo, você não apenas assumiu os negócios como reestruturou o circo e tornou-o novamente lucrativo.
- E isso quer dizer...
- Que você fez tudo isso pra limpar o sobrenome do seu pai. Para que as pessoas se lembrem bem dele, não como um traidor, mas com um bom sentimento.
- Ainda não entendo qual a relação.
- Uma garota capaz de desafiar os piores tipos da nobreza, de negociar com mercenários, de arriscar o pescoço em roubos impossíveis e ainda administrar um negócio típico de homens por uma causa dessas, é uma pessoa, sem sombra de dúvida, com muita auto-confiança. Você é uma pessoa que traça

metas, Gabbiani. Uma típica cabeça-dura, que não desiste fácil...

Liriel ficou quieta.

- Você é uma pessoa que se leva ao limite máximo todos os dias. Mas, como toda garota, você tem elementos que a deixam frágil. Violência é uma delas. A principal, aliás.

Liriel permaneceu quieta.

- Logo, é compreensível que você não explore o dom que tem, por *receio*. Que você tenha medo de se ferir, ou de ferir alguém. Mas a oportunidade que você está tendo agora é diferente...

- Por quê?

- Porque eu estou aqui para garantir a você a *proteção* que você nunca teve nesse caso. E além do mais, ainda existe um fator em que você deveria pensar...

- Que seria...

- Se você, sem querer, acabar machucando alguém, sem sombra de dúvida (com trocadilhos, por favor), esse alguém serei eu...

Liriel Gabbiani começou a gostar daquela proposta.

Maria Hanson tentava não entrar em colapso.

Havia ingressado na arena da Arena de Vidro, ao lado de seu eterno professor Sabino von Fígaro. Os camarotes onde ficavam as famílias reais tinham poucos assentos, e os convidados do Rei e das comitivas tinham de participar do espetáculo da segunda visão mais privilegiada: dentro da própria arena ao redor do ringue armado e ao lado das pessoas convidadas, ou que pagavam ingressos mais caros. Maria olhava para o alto, observando as arquibancadas cada vez mais cheias, e tudo aquilo a assustava um pouco. Naquele dia, como se tratava de uma cerimônia de sorteio de chaves apenas, os portões foram abertos ao público, e por isso a Arena não parava de encher.

- Nossa, professor! Nunca imaginei que coubesse tanta gente na Arena.

- *Senhorita Hanson, não é à toa que devemos não acreditar em nada do que se escuta e apenas na metade do que se vê.*

- Ai, professor...

- O que você tem?

- Não sei. Eu estou... nervosa.

- Por você?

Pergunta capciosa. Maria ficou sem jeito, mas como todo mundo já sabia de seu relacionamento mesmo, não tinha por

que negar.

- Pelo Áxel.

Ela percebeu que Sabino mudou a expressão. Ficou mais...

sério, talvez até mais pensativo, mas este comentário nunca é tão relevante, porque Sabino sempre está pensativo.

- Maria... - e aqui ela notou que a mudança de expressão tinha significado. Para Sabino não chamá-la de "senhorita Hanson", era porque o papo era sério. - Você sabe que você é uma jovem que o Criador tocou dentre milhares que gostariam de estar no seu lugar, não é verdade?

- Sim. Eu sei.

- Claro que você passou por muita coisa, que a maioria não teria conseguido. Você sobreviveu a uma bruxa canibal, senhorita Hanson - e aqui ela percebeu a mudança de tom e tratamento mais uma vez. - Eu conheci homens experientes na época da *Caçada de Bruxas* que não foram capazes do mesmo feito...

- Por que está me dizendo essas coisas, professor?

- Porque você *merece* tudo o que está acontecendo na sua vida, neste momento. E eu quero que você tenha consciência disso! Você ter sido escolhida pelo príncipe mais cobiçado de todo o continente, estar servindo à sua pátria na formação de jovens na Escola Real do Saber e ter a popularidade instantânea que adquiriu entre a população dessa cidade...

Maria continuou tentando entender aonde aquele senhor

astuto queria chegar. Sabino nunca, nunca dizia nada sem sentido. A maioria das vezes até parecia, mas ele sempre tinha um local para chegar. E incomodava não saber aonde aquilo chegaria.

- Sabe, professor... apesar de eu não conseguir ver o Áxel com todo o deslumbre que ele causa, ao menos *não mais*, é bem melhor ser reconhecida como *a garota mais sortuda de Nova Ether* do que *como a garota da macabra Casa de Doces*.

- Não duvido disso. E por isso estou aqui ratificando tudo isso. Você não deve se sentir culpada por estarem acontecendo tantas coisas boas na sua vida.

- Eu não sei por que estou cada vez mais temerosa de onde vai estar o "entretanto" de todo esse raciocínio...

Sabino suspirou.

- Certo. Bom, senhorita Hanson, estou dizendo tudo isso para constatar que você, apesar da cabeça boa e de todo esclarecimento que possui, tem consciência ainda de que, por mais maravilhoso que tudo esteja a parecer, você é uma menina da plebe e Áxel Branford é o primeiro príncipe de Arzallum, o Reino dos Reinos.

Maria ficou em choque.

- O que quer dizer, professor?

- Que você tem de estar preparada para tudo.

- O Áxel gosta de mim.

- Não é difícil gostar de você, senhorita Hanson. A questão

não é essa.

- O Áxel gosta do estilo de vida da plebe!

- Assim como a plebe gosta do estilo de vida nobre.

- Aonde você quer chegar afinal, professor? - perguntou Maria Hanson, começando a ficar... furiosa.

- Ao fato de que quero que você esteja preparada para qualquer coisa, Maria. Você é uma boa menina. Uma das melhores desse lugar. E, bem, as pessoas costumam ser contaminadas pelo contato com a nobreza. É um mundo fascinante de fora, mas, de dentro, ele envolve traições, inveja, cobiça, luxúria e muitos, muitos segredos.

- Que... tipo de segredos?

- Se soubéssemos, não seriam segredos. Mas são mistérios que, quando trazidos à tona, fazem com que as coisas nunca mais sejam as mesmas. Alguns são capazes de quebrar corações. Outros, de rasgar tratados. Ambos sempre serão capazes de verter lágrimas. Mas o grande fato é que nada permanece o mesmo depois que eles são revelados.

- E se eles nunca forem revelados?

- Aí seus descendentes continuarão a carregar o fardo.

- Ao longo de toda a vida?

- Ou até a próxima revelação.

Maria Hanson estava um pouco chocada com toda aquela conversa. Sua cabeça girava, e o pensamento não fixava um ponto. Ela ainda tinha centenas de perguntas para fazer a

Sabino, mas a multidão tanto de fora quanto de dentro da arena começava a fazer uma algazarra tão alta que mal se podia ouvir a si próprio.

Ela buscou o motivo da gritaria e não soube traduzir o que sentiu ao descobrir.

Rei Anísio Branford havia chegado à Arena de Vidro.

45

Aquela era a hora de separar os homens das crianças.

João Hanson e Ariane Narin estavam se olhando afastados, na área dedicada ao público infantil e adolescente, ainda dentro da Arena de Vidro, mas fora da arena de combate. O local já estava começando a ficar bem cheio de jovens na faixa dos treze a quinze anos, todos de frente a um palco onde, em pouco tempo, um apresentador iniciaria uma curiosa competição de *performances*.

Ninguém sabia exatamente onde essa competição havia começado, mas era fato que sua origem tinha ares circenses. Nela, havia uma competição individual e outra em grupo. Os jovens, então, se fantasiavam das lendas mais conhecidas de Nova Ether, ou mesmo das lendas locais das cidades, e efetuavam as tais *performances* em cima do palco. A resposta do público era que definia o vencedor. No início, era mais uma brincadeira, mas pouco a pouco a coisa estava começando a ficar cada vez mais séria. As fantasias eram cada vez mais caprichadas, e até os prêmios já eram cada vez mais interessantes.

Naquele dia, o prêmio era uma espada esculpida em madeira, réplica da espada usada pelos cavaleiros de Andreanne em treinamentos.

Ariane *sempre*, sempre odiou essas *performances*. O motivo

era óbvio: não havia uma única apresentação em que alguém não tivesse a *original* idéia de vestir um capuz branco manchado de tinta vermelha, enquanto outro simulava um lobo gigante, uma avó esquartejada ou um caçador herói, ou até todos os três juntos. Uma vez, houve inclusive uma grande confusão quando a organização teve de chamar a Guarda Real após uma infeliz resolver se apresentar com um capuz *realmente* manchado de sangue. No fim, descobriram que o sangue era de um coelho.

João Hanson passava pelo mesmo problema, mas ele nunca o levou tão a sério quanto Ariane. Era compreensível; apesar de sofrer o que sofreu, e de ver sua irmã ser feita escrava por uma bruxa decrépita, ele e Maria Hanson voltaram vivos daquela história sinistra.

Ariane Narin viu a avó sendo devorada.

Naquele dia, contudo, eles não pensavam em nada disso.

Naquele dia, eles só pensavam um no outro.

- É... oi - ele se aproximou dela, abrindo caminho entre outros adolescentes.

- Oi... - os joelhos dela estavam bambos. E ela estava se sentindo estúpida por isso. Aquele na frente dela era João Hanson. O João Hanson. O mesmo garoto que ela já havia visto por anos, basicamente todos os dias. Qual era a diferença de uma hora para outra, pombas?

- Tá tudo... bem? - ele perguntou, sem jeito. Da parte dele, o

garoto se recriminava sobre sua escassez de palavras. Ele era um *homem*, caramba! Como podia ficar sem saber o que dizer para uma... garota?

- É... tá sim. Por quê? - Ariane estava sendo ríspida. E por dentro se perguntando por que maldito motivo estava sendo ríspida com ele.

- Ah... por nada... - "Idiota. Idiota. Idiota!"

Ambos ficaram em silêncio. E olharam para o palco ainda sem a apresentadora, que se ajeitava em um canto com uma fantasia que lembrava a armadura usada antigamente por Primo Branford.

E, então, João sentiu algo começar a queimar dentro de si.

Começou no estômago. E subiu, subiu feito vapor. Chegou no peito e agitou seu coração. E, quando começou a subir para a garganta, João Hanson sabia que se não falasse alguma coisa iria *explodir* como um vulcão, ou desejar se tacar de um penhasco mais tarde.

- Ariane, a gente precisa conversar! - a voz não saiu fina.

Aliás, muito pelo contrário.

Ariane trincou os dentes para mandar as pernas *não* se dobrarem. O coração batia forte. Suor escorria ao lado da testa. E ela *amou*; ah, meu amigo, ela amou quando ele tirou um lenço do bolso e limpou o suor da testa dela.

E... bom, tudo bem que ele até havia assoado naquele lenço dias antes, mas acreditava que já havia secado. E que tinha

limpado o suor dela com o *outro* lado; esperava. De qualquer forma, ela não tinha como ter conhecimento disso e adorou o cuidado.

- Você quer conversar sobre o quê, João?

- Sobre nós dois - ele disse com a firmeza de um pré-adolescente que havia, definitivamente, se tornado um adolescente.

Ele a pegou pela mão - como já havia feito dezenas de outras vezes -, mas dessa vez foi *diferente* para Ariane Narin. A menina foi seguindo atrás dele como um zumbi, sem saber direito o que pensar ou como agir. Estava acostumada a falar pelos cotovelos, mas não sabia o que dizer. Não naquele momento. Não sobre aqueles assuntos.

Ele a levou para trás de um pinheiro e a colocou de frente para ele. Ambos ficaram em silêncio de novo, se olhando, mas não era mais um silêncio constrangedor. Era um silêncio... particularmente excitante.

- Fala pra mim...

Ela ficou olhando para ele com aqueles benditos olhos arregalados que só ela sabia fazer. Ele perguntou de novo:

- Fala pra mim: é verdade?

- O quê?

- Que você *gosta* de mim.

Putz-grila! Ariane estava preocupada se João conseguiria *ouvir* o coração dela batendo daquele jeito afobado que

estava.

- É claro que eu gosto de você, João. Que ideia!

- Não! Sem enrolação, Ariane! Eu conheço você! Eu quero saber se você gosta... *gosta* de mim! Mas de verdade. Pra eu não fazer papel de idiota. Não desta vez...

Ele também estava assustado. Ela podia ver nos olhos dele. E para Ariane aquilo era tão... lindo, que ela tinha vontade de chorar. Está certo que ele não era nenhum príncipe Áxel Branford, mas... ora bolas, que se danasse! Ela também não era nenhuma Maria Hanson!

- Eu... - ela *tentou* dizer.

- Você disse que eu era *fofo*. Você me deu um beijo no rosto e me disse isso!

Ele lembrava! Caraça, ele lembrava! Ariane tinha vontade de sair correndo, encontrar uma *melhor amiga* qualquer e começar a gritar e a dar pulinhos e a agitar as mãos como se elas estivessem pegando fogo, contando todos os detalhes que *ainda* estava acontecendo ali.

- E eu não me lembro direito do que aconteceu comigo naquela catedral há algum tempo... eu não lembro direito de como aconteceu exatamente, mas eu sei que... se hoje eu *ainda* estou vivo, é por sua causa, Ariane! E... tipo... você é muito importante pra mim, e eu preciso saber, deu pra entender?

Ariane engoliu em seco. Respirou fundo e disse:

- Eu... gosto... *gosto* de você, João - ela tomou coragem para dizer.

João estava nervoso. Nervoso pacas! Mas agora tinha de ir até o fim, afinal, ele era homem! Ele já tinha catorze anos, não era mais aquele garotinho de... treze, da metade do ano anterior! Ele já sabia até o que mulheres gostavam nesse caso.

E, assim, abriu o colete surrado que estava usando por cima da camisa e buscou um dos bolsos que ficavam por dentro. Arregalou os olhos desesperado quando não encontrou nada.

E aí, acalmando-se, se deu conta de que estava procurando no bolso errado, sentindo-se idiota. Havia treinado aquilo sete vezes naquele mesmo dia e, na hora, errara o bolso. De qualquer forma, ele foi até o bolso certo e puxou a chave de ouro daquele momento.

Pois foi quando Ariane viu a rosa, vermelha como um desenho de coração.

- Você quer ser minha namorada, Ariane?

E dessa vez a menina não aguentou e começou a chorar.

Está certo que a flor estava um pouco amassada, mas - pô! - você acha que ela iria reclamar? Ela estava nas nuvens!

Ariane Narin estava nas nuvens! Aquilo era perfeito; *perfeito* demais para que uma menina de treze anos não se derretesse como pedras de gelo no sol.

- Eu quero, sim! - ela disse com firmeza.

Eles continuaram se olhando. Ele sorriu. Ela achou o sorriso

maravilhoso. Haviam chegado ao ponto em que, qualquer coisa que um fizesse, o outro acabaria tendo aquela opinião.

Mas o silêncio - por mais que houvesse sorrisos entre eles - estava começando a ficar longo demais.

- E o que a gente faz agora? - ela perguntou.

- Ah, sei lá. Tipo... acho que a gente beija, né?

Ela balançou a cabeça concordando. A questão básica apenas era: como, pelo amor do Criador, se fazia aquilo? Ariane fechou os olhos e fez um bico desengonçado esperando por ele. João, que também era o garoto menos experiente do mundo naquela situação, fez outro bico esquisito e fechou os olhos com força demais.

E os dois se aproximaram. Como os olhos estavam fechados demais, eles erraram o alvo e acabaram encostando os lábios nos cantos das bocas um do outro.

O resultado foi... estranho.

- O que você achou? - ele perguntou, coçando a cabeça, um pouco temeroso, mas também confuso.

- Ah, sei lá, cara! Tipo... achei que seria diferente...

- Quer tentar de novo?

Ela concordou. Dessa vez, ele acertou o alvo. Os lábios ficaram unidos um bom tempo e depois se desgrudaram.

- E agora? - ele perguntou.

- Ah, foi melhor, né? Pelo menos eu já posso dizer que não sou mais boca virgem de beijo longo!

- Pois é...

- E nem você, tá? Que eu sei!

João ficou sem jeito. Não é fácil para um garoto de catorze anos admitir uma coisa daquelas.

- Mas eu gostei, tá? - ela disse. - Não se preocupa. Foi lindo tudo o que você fez...

Ele sorriu, satisfeito. Começou a ficar mais confiante.

- Tá pronta pra beijar de língua? - ele perguntou, mais animado.

Ariane se afastou dele de forma brusca.

- Ei, calma aí, né, João? Tá pensando que eu sou o quê? - ela emburrou a expressão, ofendida. - Acabou de me pedir em namoro e já quer me beijar de língua? Eu sou uma garota de respeito, tá me escutando?

E ela virou-se de costas e começou a andar invocada de volta para o local onde estavam montado o palco das *performances*.

João Hanson ficou ali, boquiaberto e estático, pensando se um dia - apenas em um único e inesquecível dia - ele iria compreender a cabeça do pensamento feminino.

À frente dele, sem que ele pudesse ver, Ariane Narin sorria.

Segurava sua rosa, e as pernas ainda continuavam buscando forças. Não havia unicórnios. Não havia ninfas. Não havia príncipes nem cavalos brancos.

Mas havia magia. Ariane Narin, pelo resto da vida, se recordaria daqueles momentos, e veria magia em cada

detalhe.

Pois, para ela, aquela era a sua grande epopeia. Sua máxima fantasia.

O seu legítimo conto de fadas.

Estavam reunidos dentro do ringue os dezesseis lutadores que representavam o Punho De Ferro.

Seus monarcas os observavam. Milhares de pessoas de todos os cantos possíveis do planeta, também. Pessoas que haviam viajado por dias, até semanas, para estarem ali. Em uma plataforma, com um sistema engenhoso de suportes de placas, havia dezesseis placas móveis com o nome de cada Reino e o primeiro nome de seu representante embaixo.

O presidente da Confederação Real de Pugilismo estava de pé diante de uma mesa com o nome de cada Reino dentro de um copo escuro virado. Esses copos eram divididos em dois grupos de oito nomes. Durante o processo, o presidente misturaria os copos e desviraria aleatoriamente dois deles. As placas com os nomes dos escolhidos seriam colocadas e erguidas no mecanismo, para que todo o público soubesse quem seriam os adversários, de uma forma clara que evitava que acusassem a Confederação de beneficiar algum lutador.

Um corneteiro real começou a soar acordes, que calaram uma parte da algazarra. Tambores rufaram, e até mesmo os monarcas se agitaram, nervosos por conhecerem *seus* adversários. O presidente começou a embaralhar cada um dos oito copos. Parou, desvirou o primeiro, depois o segundo, e alguém informou a alguém, que informou ao pessoal das pla-

cas. Logo, escutou-se a primeira algazarra quando subiram os

nomes pelos quais os pugilistas se anunciavam no ringue:

ALBION x ORION

Caradoc Menoto

Era interessante como, a partir do momento em que as placas

eram erguidas, os sentimentos entre os monarcas se

modificavam, ainda que fossem aliados em questões políticas.

Aquele momento foi um exemplo: bastaram as placas subirem

para que Rei Oronte, de Albion, olhasse para Rei Acosta como

se ambos fossem antigos desafetos que veriam campeões

realizarem duelos de honra na arena.

A segunda rodada se revelou um futuro confronto entre:

STALLIA x OFIR

Gilberto Ruggiero

Na arena, todas as atenções se dirigiram ao lutador oriental.

Maria observou melhor os tais *olhos rasgados* que assustavam

Áxel e sentiu a pele se arrepiar. Reparou na cor da pele mais...

dourada do que o normal e não sabia se estava assustada ou

fascinada com aquele homem misterioso. O povo ao redor

aplaudiu, sem muito entusiasmo.

Revelaram-se os próximos oponentes:

MOSQUETE x ARAGON

Hartas Dimitri

Mais uma vez houve aplausos, mas sem o entusiasmo que se

esperava, devido à grande massa predominantemente local.

Pouco se escutava dos fanfarrões de Mosquete, conhecidos pelo barulho e excentricidades de seu estilo de ser. Ao redor, naquela multidão, a cada três frases uma delas ou tinha o nome "Arzallum" ou "Minotaurus".

No ringue, Áxel se movimentava, de tanta ansiedade. Na arquibancada, Anísio tremia uma das pernas em um tique nervoso.

A quarta rodada foi anunciada depois do rufar dos tambores:

RÖÖK X URUK

Giott Devlin

O povo foi à loucura. Aplaudiram com a certeza de que aquela seria uma das lutas mais destruidoras da primeira fase. Rei Collen, de Tagwood, observou o Rei-Fera, e torceu para que seus lutadores se cruzassem.

E, então, toda a arena tremeu. Esse tremor vinha tanto de gritos eufóricos quanto por uma intensidade tão forte de vaias da massa maior. O sorriso despreocupado de Victon Ferrabrás demonstrava quem havia sido anunciado:

MINOTAURUS X TAGWOOD

Radamisto Etto

Áxel observou o pugilista de Minotaurus; era o imenso careca com a cicatriz da testa até o nariz, e que também era o campeão de Ferrabrás. O gigante branco andava no centro da arena com os braços erguidos, forçando músculos em um visual assustador. O lutador de Tagwood, um pugilista já

quase na casa dos trinta, tentava passar a mesma segurança, mas era notável que ele estava suando frio diante da visão do adversário.

Áxel questionou-se se seria capaz de vencer aquele brutamontes. Mas a dúvida desse pensamento teve de ser interrompida porque dessa vez, bom ouvinte, ah, dessa vez sim a Arena de Vidro parecia que iria quebrar (ah, é esse o motivo do nome!). Os pés do público agitavam e balançavam o chão. As pessoas se esgoelavam até perderem a voz. Rei Anísio aplaudiu com um sorriso triunfante no rosto. E, entre aquela onda de gritaria que impedia até mesmo de se pensar, até Áxel achou graça do que viu. O coração foi à boca devido à adrenalina. E Maria Hanson parecia que iria desmaiar de nervoso.

No alto, era anunciado o adversário de Arzallum.

A maçã ainda estava com a faca afiada acima. Liriel estava com os braços acorrentados, mas dessa vez à frente, no próprio colo.

- Concentra... e mexe a maçã! - disse Galford, ao lado dela.

Liriel inspirou fundo, focou a fruta e *forçou*. Era difícil aquilo; ela nunca havia tentado algo tão específico daquele jeito. A fruta tremeu, e tremeu também a lâmina acima.

Liriel suspirou, e tudo ficou normal de novo.

- De novo.

- Eu...

- De novo.

Ela inspirou e *forçou*. Tentar fazer aquilo de maneira tão específica parecia ter um preço. Era como se tivesse alguma coisa pontiaguda sendo forçada de dentro da cabeça, com alguém tentando furar sua testa pelo lado de dentro. *Doía* aquilo.

A maçã tremeu... e tremeu... e tremeu...

- Isso... machuca.

- Vai, Gabbiani! - berrou, irritado, Galford. - Para de se fazer de fraca e mexe a porcaria... da... maçã!

Liriel, que já estava estressada, ficou tão fura da vida com aquele sujeito antipático berrando em seu ouvido, que *forçou* com pressão, ignorando a dor que acompanhava o ato. O

resultado foi uma maçã e uma lâmina voando em direções diferentes, com uma energia cinética inexplicável. A maçã voou na direção de Liriel e acertou-lhe o peito com a violência de uma pedrada. Já a faca voou giratória como uma serra na direção de Snail Galford, que virou de lado enquanto a afiada lâmina rasgava uma parte do ombro e se cravava na parede atrás.

- Filha da... mãe...

Liriel estava suada, ofegante e nervosa. Observando-a estava um sujeito assustado, com olhos arregalados e a mão em um ferimento no ombro que sangrava.

- Eu... quero parar. Eu quero ir embora... - ela disse, quase em choro.

- Não. Você não pode. Você tem de aprender.

- Por quê? Eu ainda não entendo o porquê...

- Porque, sem você, eu não vou conseguir.

- Por que você quer tanto reviver essa sociedade secreta, seu ralé? O que você não está me contando?

- Porque *ele* vai depender de nós.

Liriel estranhou aquela entonação. Quantos, quantos segredos aquela sombra humana ambulante ainda teria?

- Quem é "ele"? - ela perguntou.

Snail Galford se levantou e foi até a lâmina cravada na parede. Com um certo esforço, dificultado pela dor no ombro machucado, ele arrancou a faca e foi até ela.

- Quem é ele? - ela repetiu.

- Essa resposta não importa agora. Neste momento importa o que temos de fazer para chegarmos até ele.

Ele pegou a fruta no chão. Foi até a bancada e colocou mais uma vez a maçã e a lâmina em cima dela. O sangue escorria do ombro, e ela se impressionou como ele ignorava, ou fingia ignorar, a dor.

- Mas eu não compreen...

- De novo.

Uma flecha foi arremessada do arco de Robert de Locksley no traseiro de um soldado de Minotaurus.

Para diversão geral, a flecha tinha uma ponta de borracha, e tanto Robert de Locksley quanto o pobre soldado não tinham mais do que catorze anos. E o clima era de risos em geral. O soldado acertado, naquele instante, retornava ao palco, para receber aplausos de uma plateia de adolescentes, que se divertia como nunca naquela tarde.

- Locksley é o máximo, né, João?

- Mais do que o príncipe Áxel? - ele perguntou, sem resquícios daquele ciúme que tinha um ano antes, ou ao menos sem *tantos* resquícios. Era como se, agora que Ariane Narin era *sua namorada*, o príncipe não fosse mais um concorrente, embora essa disputa jamais tivesse acontecido a não ser na cabeça do garoto.

- Ah... - impressionante também aquela mudança. Há um ano, Ariane Narin responderia por pura provocação: "claro que não, né, cabeça? *Ninguém é*", sabendo que isso tiraria o jovem Hanson do sério. Mas, naquelas circunstâncias, por incrível que pareça, ela disse: - Menos do que você...

João Hanson não conseguia saber se a alegria que existia dentro dele era possível caber dentro de um corpo humano. Ele estava de mãos dadas, alguém escutou? Ele estava de

mãos dadas com Ariane Narin, e não era como amigo! Ele observava os arredores e sorria com orgulho para qualquer um que olhasse para os dois.

Seria mentira dizer que ela *também* não fazia o mesmo.

No pátio da Arena de Vidro, aconteciam as *performances*. No alto do palco armado, a apresentadora da "cerimônia" perguntava quem na plateia gostaria de ser o próximo a se apresentar. Um garotinho de não mais que dez anos, vestido de Áxel Branford, subiu ao palco, fez a pose de combate do príncipe, imitou alguns socos, cumprimentou o público e saiu, recebendo aplausos.

Em seguida subiu ao palco uma dupla de moleques que já foi ovacionada antes mesmo de se apresentar. Não era para menos: os moleques haviam tido tanto trabalho com aquela fantasia, que já mereciam o prêmio. Eles se apresentaram um sentado no ombro do outro, e uma fantasia que tapava os dois.

- Caraca, olha isso! Já ganhou! Já ganhou! - berrava Ariane.

Enquanto o de baixo andava com todo o cuidado, sem ver direito

aonde estava indo, o de cima mexia os braços de um jeito meio truculento, o que tornava a cena cômica. O detalhe da roupa nobre, mas ao mesmo tempo um pouco suja e apertada.

A máscara com a cabeça achatada, o pouco cabelo atrás da nuca, os olhos construídos com fundo de garrafas, os dentes protuberantes que saíam da boca. Até o chinelo nos dedos.

Tudo era muito engraçado!

Aqueles moleques eram uma perfeita caricatura de Moonwkston, o troll Muralha, segurança pessoal de Áxel Branford. Se o próprio príncipe estivesse ali, com certeza estaria rolando pelo chão diante daquela sátira. E a apresentação terminava com uma espécie de boneco dentro de um carrinho de mão com um pouco de feno, e - com todo o cuidado e sincronia - o "troll" se abaixando e se erguendo do meio do feno, com um único dedo, o tal boneco de pano vestido com um suspensório improvisado.

O boneco tinha um grande cartaz escrito "João Hanson".

As gargalhadas foram gerais, enquanto todos apontavam para João, que levou na esportiva. Ariane, que lembrava bem daquela cena durante o inesquecível primeiro encontro de Áxel e Maria, ria tanto, que abraçou o namorado em consideração.

João adorou que todo mundo visse aquilo.

Os moleques tiraram a fantasia e foram aclamados pelo público. Eram dois irmãos gêmeos, chamados Albarus e Andreos Darin, de não mais que treze anos. Albarus era companheiro da mesma turma de João na Escola Real de Saber; Andreos, da mesma turma nas aulas de xadrez. Ambos haviam escutado do próprio João como o garoto havia descoberto que sua irmã estava saindo com o príncipe do Reino, uma cômica história que, obviamente, correu

rapidamente entre os outros adolescentes.

A apresentadora Simony - uma jovem de mais ou menos vinte e cinco anos - perguntou se mais alguém iria se apresentar naquele dia, ou, do contrário, ela já entregaria o prêmio de Melhor Fantasia para os gêmeos, depois de tamanha aclamação.

- Nós vamos! - disse uma voz atraindo atenções.

João e Ariane, como todos, olharam naquela direção. E fecharam a expressão.

Subia ao palco Hector Farmer com mais dois. E o sorriso patife daquele garoto não parecia um bom sinal.

- Eu odeio esse garoto... - disse Ariane.

- Calma. Pode ser que ele fique na dele...

- Ficar na dele nada! - ela disse, raivosa, como se fosse João o culpado de o outro garoto estar subindo no palco. - No ano passado, ele se vestiu de mulher, colocou um capuz branco e fez o amigo dele jogar suco vermelho nele no palco! Caraca, sabe como eu me senti? Ele devia ser proibido de participar de novo!

- Eu sei. - João sabia. Em outros anos ele assistira ao garoto exibindo uma versão do próprio João correndo da Casa de Doces com trejeitos efeminados, enquanto outro, vestido de mulher, imitava uma versão de sua irmã correndo gorda e retornando para a casa à todo momento para encher os bolsos com mais doces, enquanto um terceiro fazia uma bruxa que

não sabia mais o que fazer e tentava escorraçá-la como uma cadela.

Ali subiram três. Era óbvio que Hector Farmer estava vestido de Áxel Branford. Seu companheiro, um menino de família de boas posses chamado Paulo Costard, colocou uma peruca e, como colocou diversos enchimentos na roupa para simular uma grande barriga de onde tirava toda hora um doce de algum bolso, era de entender que simulava sua tosca versão de Maria Hanson. O terceiro ficava próximo, sem que se soubesse direito o porquê.

- Eu vou subir lá agora pra dá porrada em todo mundo! - disse João, tentando se desvencilhar de Ariane.

- Não, João! Não faz isso! Assim você vai se rebaixar ao nível dele!

Albarus e Andreos perceberam a agitação de João. Como metade daquela plateia, não simpatizavam com aquilo. A outra metade, porém, que nunca está mesmo nem aí e adora uma execração pública, entrava na onda. O terceiro ajudou o que estava vestido de Maria e colocou um cartaz no peito escrito "VIRGEM". A plateia, no início, riu bastante.

O terceiro esticou um lençol escuro no chão, à frente dos outros dois fantasiados, que fingiram estar deitados observando as estrelas, com atuações bem teatrais:

- Ai... ai... - disse Paulo, o que se fantasiou de Maria Hanson, forçando uma exagerada voz fina. - Áaaaaaxel, você é tão

forte e bonito e gostoso e romântico...

- E você ainda não viu naaaada... - disse Hector Farmer,

forçando a voz para uma exagerada voz grave. Uma parte da plateia riu.

- Ai... ai, Áxel... pra que serve essa boca tão grande?

- E pra beijar você...

Escutaram-se risadas. Ariane trincou os dentes de raiva.

- Ai... pra que servem esses braços tão grandes?

- É pra carregar você no colo...

Mais risadas.

- Pra que serve esses músculos tão grandes no seu abdômen?

- E pra você lavar roupa...

Mais e mais risadas.

- E pra que serve esse...

- É pra isso mesmo!

O terceiro integrante no palco ergueu o lençol escuro tapando

os dois para a plateia, e Hector Farmer e Paulo Costard

começaram a agitar o lençol, enquanto gritavam:

- Ai... que isso... ai... Áxel... eu sou pura... e inocente... não!...

para!... não!... para!... não para, Áxel, não para! Ai, que

loucuuuura!

Boa parte do público delirava, e risadas viraram gargalhadas.

Ao mesmo tempo em que os dois fingiam estar se atracando

atrás do lençol, coisas iam sendo jogadas para fora do palco,

como as tais balas, os enchimentos de "Maria Hanson", e

claro, por último, a placa de "VIRGEM".

João continuava tremendo, com uma careta furiosa. Ariane alisou o braço dele, tentando acalmá-lo.

O número terminava com o lençol ainda erguido, de onde se escutava a voz de Hector Farmer:

- E aí?... Gostou?

- Ai, Áxel... - vinha a voz fina forçada do outro garoto. - Se eu gostei...

E o lençol escuro caía, revelando a "garota" colocando a mão na cintura e dizendo:

- Só assim pra eu ficar magra!

Uma parte do público começou a rir e até mesmo a aplaudir.

Uma outra, menor, achou de mau gosto o número com Maria Hanson, que carregava a fama de moça de família e o respeito como nova professora.

- Esse cara...

- João... o segredo é não ligar. Senão, aí mesmo é que as pessoas vão ficar lembrando e...

- Ariane, o cara tá zoando com a honra da minha irmã! E ainda tiraram um sarro com a cara da minha namorada! Você sabe o que é isso pra um... homem? Assistir a uma coisa dessas em público? Eu *tenho obrigação* de fazer alguma coisa!

- Se preocupa, não, João - e uma mão tocou o ombro do garoto. Ele se virou e viu Albarus ali. - Esse cara é um idiota

mesmo. Mas não liga, não - e o garoto mostrou a João o irmão

Andreas esperando-o em outro canto.

"O troco vem agora."

49

Áxel estava sentado no vestiário dos lutadores. William Gamewell, o pugilista de Cálice, sentou ao seu lado, secando os cabelos com uma toalha.

- Fale a verdade: você pagou quanto pros juízes lhe darem a maior moleza da competição?

Áxel riu.

- Eu não menosprezo meus adversários.

- Ah, calma aí! "Brée"? Vou repetir: "Brèè"? Tá de brincadeira...

- Ei, você vai enfrentar o pugilista de Gordio. A tradição de pugilismo lá também não é tão forte.

- Tá bom, mas os pugilistas de Gordio não fazem poesias! Em Brèè, eles praticam pugilismo nas horas vagas, provavelmente entre o chá das cinco!

- Deixe de ser maldoso.

William sorriu. E suspirou:

- É muito louco, né?

- O quê?

- A tensão e a coisa toda. Digo, lá dentro. Você viu a loucura que foi quando anunciaram seu nome? A arena, literalmente, tremeu!

- É sim. Aquele público berrando, o seu treinamento todo passando na cabeça. A gente se torna... sei lá... um...

- Instrumento.
- "Instrumento"?
- De algo maior.
- Fala de "maior" no sentido de ideais?
- Falo no sentido de "maior do que nós".
- Sabe... entenderia melhor seu ponto de vista se fôssemos... sei lá... como os caras de Brèe: artistas.
- E nós não somos?
- Pessoas se esmurrando podem ser consideradas artistas?
- Depende do motivo.
- O motivo de se esmurrarem?
- O motivo pelo qual se dedica uma vida a isso. Áxel ponderou sobre o assunto. E perguntou:
 - Existem artistas *marciais*, não é?
 - Existem.
 - Mas, pelo que me disseram, existe toda uma filosofia por trás das artes que eles praticam.
 - Do pugilismo de Nova Ether, também. Você apenas não a conhece.
 - E *você* a conhece?
 - Quem me dera. Para isso, é preciso um mestre. Mas um verdadeiro; daqueles que não se sabe mais onde encontrar.
 - Mas você já viu um artista marcial praticando arte?
 - Já. Uma vez, em Stallia. Um discípulo de Locksley...
 - Locksley é um mestre marcial? - havia muita surpresa nos

olhos do príncipe.

- Sim. Em arqueirismo. Um dos últimos vivos.

- Mas... então é possível existir uma filosofia espiritual por trás de um arco-e-flecha?

- Muito mais do que você poderia imaginar.

- Mas como pode haver tanto conteúdo atrás de um ato tão simples quanto atirar uma flecha?

- Acaso já viu uma flecha lançada retornar? Áxel permaneceu calado.

- Pensar sobre isso lhe faz respeitar cada flecha que lança na vida. "E mais do que isso: lhe faz entender toda a responsabilidade que a escolha de lançá-la sempre carregará."

O jovem Albarus Darin havia subido no palco, junto do irmão Andreos, e mais a jovem Taruga (simpática abreviação de "tartaruga"), uma das integrantes do fã-clube que Ariane criou para Áxel Branford, e que ultimamente, depois de Maria Hanson, era a melhor amiga da garota. Como os três estavam reunidos em roda no centro, enquanto o público aguardava, era fácil perceber que eles estavam bolando o número na hora. Albarus e Andreos tiraram a camisa, e algumas meninas gritaram por brincadeira. Albarus começou a andar pelo palco de forma caricata, fingindo exhibir os músculos que não tinha. Enquanto isso, Andreos amarrava ataduras improvisadas nas mãos, emprestadas pelo menininho que havia se apresentado como príncipe Áxel.

- Aí, galera, bate palma assim, ó! - e Albarus começou a chamar a platéia de adolescentes para ele. O mais incrível é que ela ia junto com ele. João e Ariane se olharam, abismados com o carisma daqueles dois.

- Cara... tipo... esses dois são dois artistas natos! - disse João.

- É, um dia a gente ainda vai ver os dois no Majestade...

Quando o público todo começou a aplaudir no ritmo cadenciado e acelerado que Albarus pedia, o garoto começou a entoar poesia improvisada, mas em um ritmo que ninguém, mas *ninguém* mesmo jamais havia visto igual em nenhum

local de Nova Ether:

- Eu sou Hector Farmer! E meto porrada! Eu dou porrada! Eu enfio a porrada! Só ando com a turma e bato nos mané! Mas, quando eu tô sozinho, eu nem sei o que é mulher!

À loucura. O público definitivamente foi à total loucura com aquilo que estavam vendo. Todos começaram a gritar e apontar para Hector Farmer, que perdeu a cor. Quando o público parou de berrar, Andreos entrou na poesia ritmada ditada por aquela batida constante do público, mas dessa vez acelerando ainda mais as pronúncias das frases:

- Eu sou João Hanson, e aqui algo não se ajusta! Escapei da Casa de Doces, mas esse cara me assusta! Acho que é porque ele é mais feio que aquela bruxa!

O público voltou a gritar. O ritmo se mostrava tão contagiante, que o público começou a dançar com o próprio ritmo que ditava nas palmas. Andreos voltou a cantar, apontando para o mesmo Paulo Costard que havia feito o papel de "Maria Hanson" minutos antes:

- Aquele é o Paulinho, e o Paulinho é um cara mau, se tirar pau do Paulinho, Paulinho fica sem pau! Se o Paulinho pega um pau, ele vira muito mau, Paulinho pega você e bate que nem animal! Mas se não tirar o pau do Paulinho, o Paulinho se sente mal!

O público gargalhou. Era tanta algazarra, que estavam chamando a atenção até mesmo de adultos que passeavam

pelo lado de fora das arquibancadas, e que correram para ver o que estava acontecendo.

- Eu não entendo de bater nem entendo de dar porrada!

Porque, na minha cabeça, atacar o fraco é coisa errada! Não humilho ninguém pra aparecer pra mulherada! O cara tenta me zoar, mas não arruma namorada!

Os garotos começaram a emitir gritos como "iááá!" e "uuuuhh" no ouvido de Hector Farmer e sua turma. Aquela era um rima inteiramente pobre para os padrões da poesia erudita, mas... quem ali gostaria de escutar poesia erudita?

Andreas voltou a atacar de "Hector Farmer", dessa vez encurtando a rima para fazer uma *escada* para Albarus "João Hanson":

- Escuta aqui, moleque, você só fala do que dizem! Mas só pra você saber: eu nem sou mais boca virgem!

- Esse cara *por inteiro* ainda não entendeu como é que é!

Quando eu falei em beijar, estava falando em mulher!

O público voltou a berrar como nunca. Aquele massacre público de Hector Farmer era melhor do que uma luta de pugilismo. Andreas, no palco, imitou um orangotango andando na direção de João Hanson:

- E melhor parar com isso; não vai ser bom pra sua saúde!

Albarus abriu os braços, apontando pro público, com uma cara debochada:

- Falou grosso pra galera o *veadinho cute-cute!*

O público começou a bater os pés em êxtase, mais parecendo uma versão contida da multidão dentro da arena propriamente dita, que havia estremecido tudo ainda havia pouco. João e Ariane tapavam a boca e enxugavam lágrimas de tanto rir. E, então, Andreos e Albarus Darin ficaram frente a frente, como se fossem pugilistas. E era enquanto o público ainda aplaudia naquele ritmo cadenciado de palmas que escutaram a igualmente jovem Taruga dizer o mais alto que podia, satirizando a própria amiga Ariane:

- Eééé! E quem é que tá dentro? E quem é que tá fora? Então me digam, éééé, me digam o que é que eles vão fazer agora!

E a plateia de adolescentes (e já com alguns adultos também) gritou em resposta:

- Boxe... boxe... boxing!

Os garotos simularam o primeiro soco. Andreos exagerou a dor de seu "Hector Farmer", agitando o pulso e assoprando as mãos.

- Boxe... boxe... boxing!

E o segundo soco. Andreos agitava a mão como se estivesse pegando fogo.

- Boxe... boxe... boxing!

O terceiro soco. Andreos caiu de joelhos, simulando choro exagerado feito uma criança. O público aplaudia de pé, como se houvesse presenciado aquela luta. Hector Farmer fazia tantas caretas entre olhos arregalados, que mais parecia um

porco com os sons que emitia. Albarus, passeando pelo palco como o vitorioso "João Hanson", pegou distância, correu e se jogou na plateia. Dezenas de braços não apenas evitaram a queda como o jogaram para o alto diversas vezes. O público gritava tanto "já ganhou!", que ninguém mais tirava o prêmio dos dois.

E, quando o garoto retornou ao palco e cumprimentou o público ao lado do irmão Andreos e da sensível Taruga, apontou para o casal no meio do público e disse, diante de um Hector Farmer vermelho de raiva:

- Senhoras e senhores: João Hanson e Ariane Narin!

E todos se viraram para os dois e os aplaudiram. Forte, como se as duas antigas *aberrações* daquela cidade, de repente, houvessem se tornado um símbolo de orgulho e simpatia.

Ariane Narin se perguntou se existia no mundo alguma pessoa mais feliz do que a pessoa que ela era naquele instante.

Já João sentiu *medo* daquilo tudo, pois, em seu âmago, bem aprendeu na própria pele que quando a vida dá a um ser humano uma felicidade tão plena quanto a que ele estava vivendo é porque ela irá exigir um alto preço por isso mais tarde.

E ali o jovem Hanson ainda não tinha como saber. Mas ele estava certo.

51

Os portões rangeram quando os trincos se movimentaram.

Havia dois guardas, seguidos por mais três. À frente de todos eles ia mais um, segurando alguns molhos de chaves suficientes para confundir um homem sóbrio, que ia abrindo outros portões barulhentos entre corredores claustrofóbicos e de pouca luminosidade. O homem entre os uniformizados deveria estar algemado nos pés. Mas não estava. Deveria estar algemado nos punhos.

Mas não estava.

Era um homem alto na casa dos quarenta anos, com uma barba crescida no rosto e grandes olheiras abaixo dos olhos.

Ainda assim, ele passava a impressão de manter algo que *parecia* um sorriso no rosto. Seus músculos estavam extremamente doloridos, mas ele caminhava sem demonstrar a dor. Seus ferimentos, principalmente nas costas, cortavam, e ainda assim ele se recusava a curvar sua postura mesmo que apenas um pouco.

Os guardas que o acompanhavam passavam por momentos de conflito naquela última caminhada. Cada corredor, cada cela por onde eles passavam, emitiam o nome daquele prisioneiro.

E eles deveriam inibir e silenciar aqueles gritos.

Mas não inibiram. Nem silenciaram.

Alguns dos próprios guardas tinham o nome daquele

prisioneiro tatuado em alguma parte do tronco que o uniforme cobrisse. Outros haviam lido réplicas de algumas de suas oratórias. Os mais antigos já haviam contado alguns de seus feitos para a geração mais nova. Todos conheciam a história. E nenhum deles sabia dizer se seu coração queria combatê-lo ou se aliar à sua luta.

Ainda assim, eles caminhavam. Caminhavam ao lado dele; caminhavam com ele entre eles. Caminhavam em passos constantes na direção do último portão. Entregaram a ele, a apenas alguns passos antes do fim, uma sacola com os pertences com que ele ali havia chegado: somente uma muda de roupa e um cordão composto por uma ponta de flecha.

Ao fundo, ainda era possível escutar os aplausos dos prisioneiros. E os gritos do nome. Eles batiam nas grades; eles pisavam firme no chão. E, ainda que seus corpos permanecessem atrás daquelas grades, eles choravam. Porque seus espíritos iam livres, junto com aquele homem, cedidos por vontade própria.

Afinal, era isso que aquele homem era: um coletor de espíritos.

E quando o último portão foi aberto, e quando os primeiros passos para fora dali foram dados, muitos espíritos caminharam junto e se tornaram livres com ele. Tornaram-se *novamente* livres com ele. Porque espíritos vivem em ideais. E aquele homem representava o maior ideal para um ser

humano.

Era por isso; era por isso que, quando ele partiu, atrás de si
ainda se continuava a escutar os aplausos. E os choros. E os
gritos.

Os gritos que o chamavam, como se tocassem em seu ombro,
e dissessem o nome.

Locksley.

ATO II

CORAÇÕES DE GELO

01

Áxel Branford acordou mais cedo do que muitos criados do Grande Paço naquele dia. Estava naquele instante em seu próprio território; esmurrava um boneco de madeira em que adorava bater no recinto transformado em centro de treinamento. Escutou passos entrarem ali. Mas não interrompeu seu aquecimento.

- Deveria poupar energia. Pode ser que precise dela mais tarde. Ele interrompeu os socos e se virou. Suava bastante já.

Observando-o, estava o lutador do Reino do Forte.

- William.."

- Will.

Áxel fez um movimento de cabeça que parecia expressar um "que seja". Preparou-se para recomeçar os exercícios, mas travou os movimentos. E desistiu.

- É... - disse suspirando - ...acho que você pode ter razão,

Will!

- Você está nervoso, não é? Tem todos os motivos do mundo pra isso...

- E você, não?

- Também. Mas menos do que você.

- E como pode saber?

- Eu tenho menos a perder.

Áxel achou o comentário curioso. Pegou uma toalha e se pôs

a enxugar os cabelos.

- Pensei que, como representante de Forte, você estaria mais motivado.

- Eu estou. Mas as minhas responsabilidades são menores do que as suas.

- Por que sou um príncipe?

- Porque você é uma nação.

- Acaso você também não deveria ser?

- Não. Porque eu estou representando a minha nação em um mero torneio de pugilismo.

- E eu?

- Você é uma bandeira viva em uma simulação do que pode vir a ser a primeira guerra de proporções mundiais.

Áxel se manteve em silêncio.

- Você, Áxel, vai dar ao mundo uma prévia de quem será o governante desse continente na próxima Era. Você definirá a moral do seu povo. Você ou irá fracassar retumbantemente e assim afundará Arzallum com você ou irá ter um sucesso inacreditável e assim avisará ao mundo que é Arzallum que ainda comanda as nações.

Áxel *ainda* mantinha o silêncio.

- E então, Branford? Qual será o destino de Arzallum na Era Nova? Áxel jurava que queria responder à pergunta. Mas ele não sabia a resposta.

02

Ariane havia acordado suando. Estava um pouco trêmula; arrepiada até. A mãe havia entrado no quarto sentindo a agitação da filha e, naquele momento, sentava ao seu lado.

- Outro sonho? - a mãe perguntou.

- Outro.

- E como era esse?

- Assustador.

- Me conta.

- Havia... havia um homem e uma espada tipo... mística, sabe?

E o cara cavalgava uma espécie de lagarto verde que lembrava um dragão!

- Ele era um homem mau?

- Não. Ele combatia um monte de gente-monstro, e um Rei, acho que era um Rei, mas sem pele.

- Um Rei sem pele?

- É! Havia só um pouco de pele, mas você via o... *esqueleto* dele, sabe? E tinha coisas que voavam, como aquela coisa que a gente viu ontem! E tinha um castelo sombrio formado de pedras grandes em forma de caveira! A ponte fazia um barulho horrível e, quando ela abria, o portão parecia uma... *boca*, entendeu? Tipo, parecia que ela *comia* a nossa alma, sabe? Muito sinistro, cara!

- Você *entrou* no castelo?

- Entrei.

- E o que havia lá?

- Havia uma bruxa, muito bonita, que parecia uma fada de Nova Ether. Só que ela não era só humana...

- Por quê?

- Ela era *meio* humana, entendeu?

- Não.

- E que ela era... meio humana e meio... águia. Isso é muito louco?

- Não importa.

- Pode ser que ela estivesse só *vestida* de águia, sabe? Mas...

tipo... era um sonho, né, pô? Então como é que eu vou saber?

Só sei que ela me viu... - a voz tremulou. - Ela me *viu*, mãe!

Você me entendeu? Ela *sabia* que eu estava lá!

A mãe não comentou.

- O que poderia ser tudo isso, mãe?

Anna Narin continuou em silêncio. Ela achava que sabia a resposta; na verdade, ela *sabia* a resposta. Mas não seria ela quem a daria a Ariane Narin.

Não; não naquele momento nem daquela forma.

Talvez, em pouco tempo, até em outro momento. Talvez, de outra forma. Mas, com certeza, quem explicaria aquilo não seria ela.

Seria a outra.

03

A faca acima da maçã girou várias vezes e tombou no chão, enquanto a fruta era puxada até Liriel Gabbiani. A jovem dessa vez estava sentada, mas não estava presa. Dessa vez, ela tinha o *livre-arbítrio* de continuar ou não tudo aquilo, e, por mais que não quisesse, ela continuava.

Ela pegou a maçã no ar que veio até si.

- Satisfeito, cabeçudo? - ela perguntou, até bem-humorada demais para o momento.

- Não - ele respondeu, mais mal-humorado do que se esperaria. - Você consegue fazer melhor.

- Não consigo, não.

- Você consegue.

- Como sabe?

- *Você* precisa.

Liriel fez uma cara de desgosto e mudou de posição na cadeira.

- Por que *ele* vai precisar, né?

- Sim.

- E quem é "ele"?

- Você vai saber.

- Pois então, enquanto você não me disser o nome, eu não faço.

Snail deu um SOCO irritado na parede, que a fez dar um pulo

e se arrepiar. Observou-o com olhos arregalados de susto. Ele *realmente* parecia furioso, mas nada disse. Olhou para o outro lado e parecia pensativo além da conta sobre se deveria contar a ela. Ou não.

Houve silêncio. E então, som:

- Ok, eu vou lhe dizer.

E Snail Galford enfim disse à Liriel Gabbiani o nome de quem era *ele*.

E, após entender do que é que estava fazendo parte, ela não apenas voltou a se concentrar além do que achava ser possível, como passou a dar o máximo; mas o máximo *mesmo* de si em cada nova tentativa.

04

João Hanson ajudava a irmã a limpar a casa, mas sua mente não estava ali. Ele varria a casa com uma vassoura velha. Ela usava um balde para limpar alguns compartimentos de barro que serviam de pratos para a família, com uma touca improvisada nos cabelos.

João, pela primeira vez na vida, varria a casa com um sorriso tão grande na face que mal cabia nela, deformando o rosto.

Mexia, porém, a vassoura de uma maneira esquisita, que parecia tudo, menos uma pessoa que pretendia varrer alguma coisa.

- Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, uma finta, embaixo, direita - ele dizia quase em transe para si próprio. E, então, recomeçava: - Esquerda, direita, esquerda, direita...

- O que é isso, João? - Maria não aguentou mais ficar olhando para aquela cena sem saber o significado.

João pareceu sair de um transe.

- O que foi, garota?

- O que é isso que você está contando de "esquerda pra lá" e "direita pra cá"? Tá tendo aulas de dança agora?

João pareceu embaraçado. Maria poderia jurar que ele ficou até mesmo vermelho.

- Não, pô! Isso é da aula de... xadrez.

- Jogadas de tabuleiro? - O xadrez de Nova Ether envolvia simulações de guerra em um tabuleiro e jogadas de dados ocultas. De vez em quando, um jogador poderia andar menos casas do que sua jogada de dados permitisse. Essa jogada era chamada de *uma finta*.

- Por aí...

- Impressionante como você sempre gostou dessas simulações de guerra, não é? As crianças de Andreanne costumam ser fascinadas pela história de Primo Branford. Você era a única que sempre se interessava muito mais pela de Arthur Pendragon...

- É, eu gosto. Um dia vou me tornar cavaleiro.

- Eu vou sempre lhe apoiar nos seus sonhos, João. Pena que cavalaria é para nobres...

- Você é uma plebeia e está namorando um príncipe...

Maria continuou olhando para ele, surpresa com a resposta inteligente. Ainda assim, João parecia estar em qualquer lugar do mundo, menos naquela casa varrendo aquele chão. E ela tinha idéia do motivo.

- Você parece feliz hoje, não é?

Ele continuou sorrindo. Sabia que ela não aguentaria e perguntaria de novo, de uma forma um pouco mais direta dessa vez.

- Você também não vai me dizer o porquê? - ela até parou de enxugar o que estava enxugando, para ver se ele lhe dava

atenção.

Ele continuou sorrindo. Sabia que ela própria responderia à própria pergunta.

- Você falou com ela, não foi?

Ele parou de varrer e olhou para ela. Mordeu os lábios tentando evitar outro sorriso. Mas não dava; não dava para esconder aquilo. Porque ele *não queria* esconder aquilo.

- Foi...

Maria arregalou os olhos e largou tudo, enxugando as mãos e se aproximando dele, como se a maior notícia do mundo tivesse sido revelada. Uma notícia, aliás, que ela mesma já tinha concluído, inclusive.

- Caraca, garoto! Me conta! Como é que foi?

João voltou a varrer como se aquilo não fosse de grande importância para nenhum dos dois.

- Ah, garota! Cuida da sua vida, que eu cuido da minha!

- João Hanson!!! - ela disse com a autoridade de irmã mais velha. - Pode contando tudo. Agora!

- Ei... - ele achou graça. - Eu me meto nas suas coisas com o *principezinho*?

Ela achou graça da alcunha. Era o apelido que ele usava, com traços de ciúme, já há um ano para se referir a Áxel.

- Mas é claro que se mete! Ou você se esqueceu da vergonha que me fez passar no meu primeiro encontro?

João mordeu os lábios. Nossa, como ele era... *infantil* um ano

antes.

- Tá certo. Mas é só dessa vez, pra compensar.

- E aí? E aí? Onde foi que você falou com ela? Foi na porta da casa dela ou foi na praça ou...

- Foi na Arena. Atrás de um pinheiro.

- Um pinheiro? Que perfeito...

- Por quê?

- Pelo que eu li, eles simbolizam a fé e a esperança, além de servirem como metáfora para a *Árvore da Vida*. Alguns locais o chamam de pino.

- Se você diz, cabeçuda...

- Mas termina de contar! - ela reclamou, como se não fosse ela quem o tivesse interrompido. - E aí? Você falou pra ela ir até lá?

- Não. Eu peguei ela pela mão e levei ela até lá!

Maria sorriu o sorriso gostoso que as mulheres sabem sorrir diante do valor desses detalhes simples em tais situações, para elas duas vezes mais importantes que para os meninos, que se concentram em *outros* detalhes.

- E ela?

- Parecia nervosa.

- E você?

- Eu não.

- João!!!

- Muito. Não sei se fiquei mais nervoso na vida diante da

bruxa canibal ou diante dela ali!

- Que comparação horrorosa, João!

- Bom, se você não quer ouvir, eu vou voltar a varrer...

- Deixa de ser chato, *juanzinhol*

- Tá bom, bestona! Primeiro eu limpei o rosto dela com o meu

lenço. Depois eu tirei uma rosa do meu colete e fiz o pedido!

Maria, em um ato completamente desastrado de surpresa,

derrubou, com estardalhaço, o que ainda sobrava do balde. A

água se espalhou pelo chão, mas ela nem se importou.

- Você... você pediu? Você pediu? Mas... pediu, pediu *mesmo*?

- Pedi. Fiz que nem ela. Mandeí na cara logo.

Maria abriu a boca o máximo que conseguia e a manteve

aberta enquanto dava pulinhos. João se sentia no topo do

mundo.

- Caraca, caraca! E ela? E ela? Hein, e ela?

- Ela aceitou.

Maria, ainda com a boca aberta, o máximo que conseguia,

começou a mexer os braços para a frente e para trás, agitando

os cabelos, mais parecendo estar correndo no mesmo lugar

que qualquer outra coisa.

- E depois?

- A gente se beijou.

- De língua? - olhos arregalados.

- Foi sim.

- João!!!

- Tá, pô! Foi selinho; você conhece como ela é doida. Mas, bom, daqui a pouco eu consigo! Eu já sei que tem semanas em que vocês são *estranhas!* É só eu conseguir beijar ela em uma semana *normal*, você vai ver só.

Maria pegou um pano e começou a enxugar a água derramada no chão. Ela também sorria como nunca antes na tarefa.

- Então... foi bom, né, moleque?

João suspirou, antes de voltar a varrer a casa. E sorriu.

- Por inteiro, *cara*.

"Por inteiro."

Ao fundo, em outro cômodo, João Hanson não sabia, mas seu pai o escutava. E também sorria. Ele nunca, nunca diria aquilo ao filho, mas ele estava orgulhoso daquele garoto.

Ele estava orgulhoso o suficiente para toda uma vida.

05

Anísio Branford caminhava, com um punho segurando o outro e os braços para trás, por corredores de muitas belezas naturais e sons agradáveis aos ouvidos. Ao seu lado, o gnomo Rumpelstichen o acompanhava pelo passeio matinal.

- Como se daria teu título em tuas terras, comparados com os nossos, senhor Rumpelstichen?

- Vossa Majestade, em Mecha, capital de Labuta, seria o que aqui vós considerais um "barão".

- Usa o "tu" comigo em ocasiões particulares como estas.

Permito-te. Guarda o "vossa" para situações em público, de maior pompa.

- Só tenho a agradecer a bondade, Vossa Majestade.

- Me surpreende que tenhas um título abaixo de "duque".

Aliás, tu pareces um ser de surpresas fáceis. Ontem, tu me surpreendeste com tua chegada dos céus. Mas muito mais me surpreendeste por tuas propostas, tu podes supor o quanto?

- Provavelmente.

- E podes supor por que motivos tuas propostas me fascinam tanto quanto preocupam?

- Provavelmente porque Vossa Majestade até o momento, por mais que comamos da mesma comida ou caminhemos por belos cenários trocando sorrisos e elogios, não podeis afirmar se nossa sinceridade é verossímil ou não.

- Tu és tão inteligente quanto pareces, senhor Rumpelstichen.

- Obrigado, Rei Branford. Muito me honra tal comentário.

- Mas ainda não sei o que concluir a respeito da questão que tu mesmo levantaste.

- Vossa Majestade, é verdade quando dissemos que tudo o que conhecemos terá de ser revisto. Que Nova Ether inicia uma Era Nova não apenas no plano imaterial, como no de conhecimento e evolução. Que nós descobrimos a força de gênios e que negociamos com eles. E que estamos aqui para propor uma parceria a Arzallum, posto que também poderemos expor a mesma proposta a qualquer outro que se mostre um parceiro mais vantajoso para meu povo.

- O que me faz pensar até onde vão os limites da lealdade do povo gnomo, mesmo dentre aqueles que se tornam seus aliados.

- Não vou mentir, Rei Branford, que nós, gnomos, mantemos nossa lealdade nos limites de nossos interesses. Entretanto, como podeis ver, não mentimos sobre nenhuma circunstância, e acho isso uma vantagem a ser considerada.

- E por quê?

- Porque prefiro como aliado um interesseiro assumido que me diga verdades do que um interesseiro enrustido que finja agir por empatia ou altruísmo, mas me diga embustes.

- Teu povo nunca mente?

- Talvez, vez ou outra, ele possa até, sim, omitir, é verdade.

Mas mentir, mentir não. Mentir não.

- Para trazer a Arzallum a evolução que prometes e para fazê-lo sob os termos de trazê-la até aqui primeiro do que aos outros, imagino que cobres um preço alto, não, senhor Rumpelstichen?

- Com toda a certeza, Vossa Majestade.

- Um preço em moedas de Reis?

- E muito mais, Majestade.

- Falas do preço dos gênios?

- E de muito mais, Majestade.

Rei Anísio observou o jardim de flores coloridas, espalhadas entre estátuas de alabastros, mas não reparou em nenhuma cor. Estava pensativo e tenso; não era fácil para um homem ter o poder do mundo nas próprias mãos.

Ainda pensativo, ele perguntou:

- Até onde vão os limites da ambição gnoma?

- Em terras próximas de onde toca a ambição humana.

Rei Anísio ainda era um conjunto de dúvidas. Mas, a cada dia, menor do que no dia anterior.

- Faremos assim: tu irás me contar tudo o que preciso saber, para que eu possa pesar tudo o que preciso acatar. Mas tu o farás sem mentir, ou mesmo omitir, quaisquer revelações, por mais difíceis que elas sejam. Se nossos povos vão dar as mãos, quero que ambos o façam com as mãos limpas.

Estamos de acordo?

- Não há maior prazer para um ser como eu do que negociar com um sábio como vós, Rei Branford.

E homem e gnomo, Rei e barão, sentaram-se diante de um belo cenário natural, enquanto um relatava ao outro tudo o que o outro precisava saber. Cada vez que um falava, o outro permanecia em extremo silêncio. Para ouvirem um ao outro e para ouvirem a si mesmos. Pois cada palavra que cobria cada som naquele jardim aquele dia trazia com ela o destino de muitas vidas e de muitas raças, muito além de seus próprios povos. Muito além de suas próprias vidas. Ou de seus próprios sonhos.

Ali, naquela conversa, o mundo já começou a mudar.

06

Ele havia andado por alguns quilômetros, e era tempo de saber se fora o suficiente. Por outros, conseguira carona nas costas de charretes. Era fácil para ele conseguir carona; era fácil para ele conseguir qualquer coisa. Fosse água; fosse comida; carona; hospedagem; até mesmo lealdade. Ao menos quando se tratava do povo da plebe, aquele homem conseguiria qualquer coisa, até mesmo suas almas. Bastaria a ele apenas pedir.

Ele chegou a um bairro da periferia e andou pelos caminhos menos movimentados para não ser reconhecido. Passou por becos e cumprimentou indigentes. Passou por bares, mas não entrou em nenhum deles. Cada parede decalcada, cada muro sujo com pichações de frases que diziam ser suas, o fazia repensar a própria vida, a própria jornada e os próprios conceitos. Um grupo de adolescentes brincava de um jogo com uma bola de meias e parou para observar o sujeito barbudo que passava. Apontaram para ele e cochicharam entre si. Quando um homem que tem metade de si transformada em mito aparece em nossa frente, é difícil acreditar em sua existência. Pois um homem - ou mulher - que tem em metade de si um mito, não tem tanta diferença assim para um semi-deus.

Pessoas humildes se aproximaram dele e sorriram sorrisos que

não lembravam que sabiam sorrir. Eram pessoas de vida, de
tratos e de sonhos humildes. Eram pessoas de vidas simples;
de vidas tristes; de vidas enclausuradas por limites além de
seus controles, pois mesmo o mais humilde pode ter um
coração de grandes sonhos. Elas sorriam e agradeciam. E
diziam o nome, com a entonação de um mantra sagrado.

Locksley.

Ele continuou seu caminho, na direção de uma fazenda.

Alguns caminhavam com ele feito fiéis, como se fosse ele

Merlim Ambrosius, o Christo de Nova Ether. E ele permitiu

que eles caminhassem ao seu lado e que contassem a ele suas

histórias e o atual estado de suas vidas diante da atual

realidade daquelas terras. Permitiu, mas até chegar àquela

fazenda rústica. Ali, ele fez um sinal aos que o seguiam, e

todos entenderam.

E permitiram que, a partir dali, ele caminhasse só.

Locksley caminhou na direção daquela fazenda, e seus pés se

sujaram de lama. Ele ouviu o barulho de porcos. Ele sentiu o

cheiro ruim de estrume e não percebeu tanta diferença do

cheiro que sentiu por tantos anos enclausurados na prisão.

Passou direto pela entrada da residência, com o coração leve.

Ele iria bater na porta de madeira carcomida, mas *sentiu* que a

pessoa que procurava não estava lá dentro. E, então, o homem

contornou a casa.

E a viu.

Ela estava usando roupas que apenas homens deveriam usar.

Estava fazendo serviços que apenas homens deveriam fazer; não porque o sexo feminino seja frágil demais para se igualar ao sexo masculino, mas porque mulheres são seres fantásticos demais para utilizarem suas energias em trabalhos que não são dignos de suas sensibilidades.

Ele caminhou na direção dela, e ela não ouviu. Os porcos continuaram se alimentando e ignoraram o homem que se aproximou. Mas a sombra dele a avisou, e da sombra, que só existia porque havia luz naquele momento, o olhar dela encontrou o homem. A luz do sol iluminou os dois, e os corações de ambos pulsaram vivos. Ela largou o saco de ração que tinha nas mãos. Ele largou o que quer que estivesse nas dele. Ela tirou as luvas pesadas que vestia. Ele soltou toda a bagagem, quase nenhuma, que carregava. E houve silêncio; do tipo que precede o sonho, ou a realidade que caracteriza a realização de um sonhar. Pois muito fácil é saber o que sonha o homem que ama. E, mais ainda, a mulher que vive tal sonho.

Ela correu, e havia lágrimas que deixavam marcas na corrida. Foram dezessete anos à espera dele. É claro que teve outros homens nesse tempo, mas nunca outro amor. Eles entraram em sua vida e sabiam que tinham data estabelecida para sair, pois o coração que sente o que eles sentiam é um coração pleno.

E bendito é o coração frio aquecido por amor.

Ela pulou nos braços dele com a roupa suja de lama, e ele só conseguia ver a beleza que existia nela. E que emanava dela.

Em nenhum momento ela disse algo; nem mesmo o nome que lembrava um mantra. E por muito tempo eles permaneceram abraçados, sem dizer uma palavra sequer. O silêncio que se fazia existia não porque um não tivesse mais o que dizer ao outro após tanto tempo, mas porque, para duas almas que se reencontram, não há nada que precise ser dito, não importa quantos dias, quantos anos ou quantas vidas se passem.

E então, do silêncio que precede o beijo, nasceu o primeiro som, que veio dele. O som que dançava entre suas palavras, entre seus pensamentos e entre seus sentimentos. O motivo. O destino. A motivação.

Marion.

O nome havia sido dito como um mantra.

Existem poucas, bem poucas coisas pelas quais vale a pena viver e morrer.

O amor é uma delas.

07

Ariane estava com a mãe em um casebre isolado. Estavam ali as duas, mas não estavam sozinhas. Havia mais uma. Havia outra.

- Desde quando isso acontece? - a senhora perguntou.

- Desde... desde quando mesmo, querida? - perguntou Anna.

- Desde a minha *iniciação*.

A senhora abaixou a cabeça, concordando. O nome da terceira era Madame Viotti, e ela era uma bruxa. Uma das *melhores*.

- Isso é normal, madame?

- Talvez, se levarmos em conta o potencial dessa menina.

- O que são estes sonhos, madame? - perguntou Ariane.

- Viagens.

- "Viagens"?

- Planares.

- Ah, sim, agora explicou tudo...

- Ariane! - repreendeu a mãe. - Fale direito com a madame...

Ariane emburrou a cara, não gostando de ser repreendida na frente de outra pessoa. Madame Viotti fez um sinal de "tudo bem" para Anna e sorriu para Ariane, como sempre .

- Querida, eu quero que você imagine uma noz, certo?

- ... - ela não respondeu, ainda emburrada com a mãe.

- Certo? - Viotti insistiu.

- Certo.

- Se eu lhe dou uma noz fechada, o que você faz? Você coloca na boca e come?

- Dã! É claro que não. Nozes têm casca!

- Ariane... - voltou a dizer a mãe, com uma voz grave. Ariane resolveu não piorar o estado de humor dela e tentou levar a sério a conversa.

- Então o que você faria primeiro?

- Eu quebraria a casca.

- Por quê?

- Porque não se pode comer a casca!

- Por quê?

- Porque é horrível!

- Conheço animais que a comeriam...

- Mas não é pra isso que serve a casca!

- É pra quê?

- E pra proteger o que está *dentro* dela, entendeu?

- E o que está dentro dela?

- A noz!

- Mas a casca *também* não faz parte da noz?

Ariane estava começando a ficar nervosa. Já era impaciente por natureza; aquelas perguntas só a deixavam ainda mais agitada.

- Tipo... é assim, ó: a casca faz parte da noz só porque *protege* a noz, sacou? Mas ela não é a "noz-noz", entendeu? Ela só faz parte. Mas a noz de verdade está *dentro* da casca, tá me

entendendo?

- Hum...

Madame Viotti pareceu muito mais satisfeita. Balançou a cabeça algumas vezes e voltou a sorrir.

- Querida, imagine agora assim. Imagine que nós somos formados de energia semidivina, mas que somos parecidos com essa noz que você pensou, certo?

- Tá. - Ariane começou a prestar mais atenção naquela conversa. Até se esqueceu de que estava emburrada com a mãe.

- Imagine que, assim como você mesma explicou, nós tivéssemos uma casca ao nosso redor que nos *protegesse*. Uma proteção um pouco mais... forte, que nos envolvesse.

- Hum... hum...

- Mas, ao mesmo tempo, imagine que essa casca fosse a gente, mas ao mesmo tempo não fosse *exatamente* a gente. Que o que quer que nós sejamos só pudesse ser realmente encontrado *dentro* dela. E que essa proteção fosse só uma casca que protege a noz de verdade, entendeu?

-Tá.

- Se você plantar uma noz com casca, o que vai acontecer?

- Ora essa, não vai acontecer nada!

- E se a gente a tirar mais tarde de debaixo da terra...

- Vai estar a mesma coisa.

- E se você plantá-la sem a casca?

- Vai nascer, sei lá, um pé de nozes!

- Então ela vai evoluir para algo melhor.

- Tipo... acho que sim, né?

- E nisso que devemos pensar.

- Como assim?

- Imagine que esse corpo de carne que você tem, com todos esses olhos bonitos que você tem, fosse apenas a casca de uma noz...

- ... e que quem quer que você seja *de verdade* esteja dentro de você, protegida por essa casca.

- ... beleza.

- Se você acreditar que você é apenas essa casca ao seu redor, a sua vida vai ser como a noz que é enterrada com casca, entende? Ela não vai mudar nem vai evoluir. Não importa o que aconteça, no fim, quando a casca apodrecer, ela vai ser a mesma.

- Tô entendendo...

- Mas se você entender que você na verdade é o que está *dentro* da casca, então você vai ser capaz de evoluir, como a noz plantada sem ela.

- Certo. Mas o que isso tem a ver com os meus sonhos?

- Quando a gente dorme, a nossa casca se *abre*.

Ariane ficou em silêncio. Apesar de seu raciocínio juvenil ainda ser limitado perto do daquela senhora experiente, *alguma coisa* passou a fazer sentido.

- Então... quer dizer que a gente...
- Quero dizer que é um dos modos de a gente ativar a nossa noz *de verdade*.
- E por que a gente nem lembra direito dos sonhos?
- Porque a maioria acredita que a noz é a casca.
- E por que eu sou diferente?
- Porque você já entendeu que não é.
- Mas você acabou de me explicar isso tudo. Como eu poderia saber disso antes?
- Porque você já plantou a noz. A de verdade.
- ... plantei sem a casca?
- Por isso é no sono. E ao longo dele.
- Então nasceu um pé de nozes?
- Então você *evoluiu*.

Anna observava admirada aquela senhora e sua forma de colocar as palavras. Ela sabia que não estava diante apenas de uma profunda conhecedora dos grandes mistérios.

Ela estava diante de uma verdadeira mestra.

- E, madame... - Era notável como Ariane voltava a falar com aquela senhora de uma maneira não apenas respeitosa como sincera, por um respeito conquistado em vez de imposto. - ...o que vai acontecer daqui para a frente?
- O "pé de nozes" vai dar frutos...
- Mas o que são esses lugares que o meu *eu de verdade* visita?
- São outros planos.

- De quê?

- De éter. Locais como Nova Ether, nascidos da essência de um Criador e outros semideuses que os mantêm vivos.

- Uau. - Ariane estava assustada. Todas aquelas informações davam medo à primeira vista. Mas também era de admitir que, ao mesmo tempo, eram extremamente excitantes.

- E esse é só o primeiro passo...

- Como assim, madame? - perguntou dessa vez a mãe, também um pouco assustada.

- Por enquanto, Ariane precisa do sono, porque ainda não foi treinada. - Ariane mantinha seus típicos olhos arregalados. - Mas, no futuro, ela não ficará presa a essa condição. - Olhos *ainda* surpresos.

"Logo, ela vai aprender a quebrar a casca sempre que quiser."

Os olhos arregalados não diminuíram. Mas havia nascido um sorriso abaixo deles.

08

O estrangeiro ainda era intimidador. Áxel encaminhou-se até uma área isolada do extenso jardim do Grande Paço, com uma fonte no centro que deixava no ar aquele barulho agradável de água correndo. Lá, entre posições meditativas que mais pareciam uma dança lenta, o pugilista oriental que viera representar outro continente se exercitava. Ou ao menos parecia se exercitar.

- Isso é uma espécie de... dança?

O homem não respondeu. Áxel foi tomado por bom senso e não o interrompeu mais, até que o outro *parecesse* ter terminado.

- Desculpe por interromper...

O oriental fez um sinal com a cabeça. E o príncipe perguntou:

- Você fala o altivo?

- Eu... estudar um pouco.

- Como é mesmo seu nome, estrangeiro?

- Ruggiero.

- É um nome... diferente.

- Assim como o seu.

- Não aqui nestas terras.

- Assim como não o meu em minhas.

Áxel se sentiu idiota com a conclusão óbvia.

- Seus olhos são diferentes, Ruggiero. Nunca havia visto uma

pessoa com olhos rasgados como os seus.

- Já eu achar que os olhos aqui ser grandes demais.

- Em suas terras todos têm olhos assim?

- Até as mulheres.

- Elas devem ser muito bonitas...

- Tanto quanto as daqui.

Áxel deu-se por satisfeito. Movimentou-se em alongamentos.

- Mas... vocês enxergam normalmente com esses olhos fechados?

- Tanto quanto vocês fazer bem tantas perguntas com bocas pequenas. Áxel riu, se dando conta do que fazia.

- Desculpe. É que fico curioso sobre a cultura oriental. Isso que estava fazendo ainda há pouco, por exemplo. Que movimentos eram aqueles?

- São movimentos de respirar.

- Por que não melhorar a respiração com exercícios aeróbicos?

- O que ser isso?

- Os exercícios... sabe?... de esforços físicos, de movimentos rápidos.

- Ah, sim... "aeróbicos".

- Isso. Por que não usar esse tipo de exercícios para melhorar a respiração?

- Porque exercícios de movimentos rápidos fazer bem ao corpo. Mas não toca em espírito.

- Pugilismo é corpo.

- Pugilismo é espírito.

- No Ocidente, o pugilismo é uma forma de combate.

- No Oriente, um caminho de vida.

Áxel parou tudo, surpreso. Largou seu alongamento para lá e ficou eufórico. Aproximou-se.

- Espera! Está falando de artes... *marciais*? Artes *marciais de verdade*? O homem aquiesceu.

- Você as conhece?

- Nós as vivemos.

- Elas devem ser... fascinantes.

- Elas ser o que são.

Áxel parecia uma criança para quem alguém dizia possuir um novo brinquedo. Não sabia nem direito o que fazer.

- Aquilo... aquilo que você estava fazendo... os... movimentos de respiração... - o homem aquiesceu mais uma vez para o príncipe, compreendendo o idioma. - ...aquilo é arte marcial?

- Tudo ser.

- Não compreendo.

- Artista marcial compreender que ter dentro de si uma energia maior. Uma energia extraordinária.

- Éter.

- Não importar nome. Se eu disser a você que aquela rosa se chama "formiga", ela não deixará de ser flor. E ser bela. Logo, a importância está em que olhe para ela e não pense nela como rosa. Mas pense nela como flor. E como bela.

- Não colocar nela um rótulo...

- Eu não entendo essa palavra. Mas acho que você entenda a mim. Se você pensar em uma flor como flor, todas as flores serão flores. E você as respeitará da mesma forma, não importa qual seja o nome, ou qual seja a cor que elas tenham.

Compreender?

Áxel estava fascinado; fascinado demais. Ruggiero concluiu:

- A energia de que falo é o mesmo caso. Não importa que nome tenha. Não importa o que você ler sobre ela. Importa que a sinta. Importa que a compreenda. E que a respeite.

- Você sente a energia naqueles movimentos, não é?

- Eu a sinto em todos os momentos.

- E... *como é* essa sensação?

- Plena.

Áxel *ainda* era fascinação.

- Você acha que um dia eu poderia aprender e alcançar esse estágio, Ruggiero?

- Você precisa primeiro descobrir como calar seus pensamentos.

- Como você cala os seus?

- Não penso nisso.

Áxel ponderou e começou a rir sozinho da resposta.

- Isso é uma espécie de sarcasmo oriental?

Ruggiero sorriu amigavelmente.

- Não entendo a palavra...

- Pois eu acho que você a compreende sim, muito bem.

Ruggiero fez um cumprimento de reverência, curvando o tronco com um gesto estranho de mãos. Já ia se retirando, quando...

- Espera.

Ele se virou. Áxel o observava concentrado.

- Me mostre.

- O quê?

- A energia.

- Já lhe dizer que não ser assim.

- Ora, que se dane! Não importa como seja! Eu estou lhe pedindo que me mostre de algum jeito como é essa energia de que fala! Se existe mesmo em nós uma força tão poderosa quanto vocês pregam, tem de haver uma forma de poder manifestá-la!

- Senhor Branford, haver, sempre há. Mas só quando existe motivo.

Áxel estava fascinado demais com aquilo; fascinado a ponto de não conseguir pensar em estar tão perto e não *ter* aquilo.

- Eu *quero* que você me mostre.

- Seu ego não ser motivo.

- Por favor...

Ruggiero não esboçou reação. Para o príncipe de Arzallum, a indiferença dele era pior do que a recusa, pois intimidava a continuidade da reação hostil.

- Por favor... - Áxel insistiu. - Minha humildade não poderia ser um motivo?

- Triste deve ser o homem que faz força para ser humilde.

Áxel suspirou. Era um jovem em conflito, lembrando de passagens em que já errara outras vezes.

- Sabe... uma vez uma fada me deu uma lição parecida. E parece que eu não aprendi.

- Uma boa fada?

- Sim. Ela tinha a pele negra, uma linda voz e era bela; eu nunca havia visto uma fada como ela antes. O nome era...

- Não importar que saiba seu nome. Não importar a cor nem a beleza. Importar que a perceber como avatar, simplesmente.

- Mas eu não a rotulei como pode parecer...

- Mas só ao se concentrar nas características erradas você já esquecer as lições aprendidas.

O príncipe abaixou a cabeça e coçou o cabelo atrás do crânio, embaraçado. Como que com pena, Ruggiero cortou o silêncio:

- O que ela ensinar a você?

- Que a fé pode mover sete montanhas.

- Ela testar você?

- Sim.

- Você passar?

- Sim.

- Se você passar em um teste de fadas, por que ela precisar então lhe ensinar humildade?

- Porque eu me senti orgulhoso com a aprovação.

O oriental sorriu e balançou a cabeça, compreendendo.

- Ela me disse que sou um príncipe e não posso errar porque preciso ser exemplo. Que o pensamento é mais perigoso que uma espada. E que o Criador só olhará por mim enquanto eu honrar minha *criação*.

- Então a fada entender a arte marcial.

- Ela *praticaria* arte marcial?

- Ela *entender a* arte marcial.

- Como alguém pode entender algo que não pratica?

- Se, da onde eu estou, eu apontar para aquela flor, e da onde você está, você apontar para a mesma flor, quem observar para onde apontarmos não verá a mesma flor?

- Com certeza.

- Então qual a diferença do dedo que aponta?

Áxel ponderou e aquiesceu algumas vezes, mordendo os lábios. E concluiu em voz alta:

- O importante é para onde ele aponta...

- O importante é *entender* para onde ele aponta.

- Compreendo.

- E tanto o dedo que ter jóias quanto o dedo que ter calos...

- Será visto simplesmente como um dedo - concluiu o príncipe, balançando a cabeça. Mantinha uma expressão satisfeita. E Ruggiero voltou a sorrir.

- Você conseguir o que queria.

- ...

- Você não quer sentir um pouco da plenitude que a energia
trazer?

“É assim”.

09

João Hanson voltava da feira da cidade apressado. Levava frutas pedidas pela mãe, e levava *rápido*. A urgência não esbarrava no desejo incontrolável da senhora Hanson por fazer mais algum doce, como pode dar a parecer, mas porque a hora de início do Punho De Ferro se aproximava, e ele não iria perder aquilo por nada. Por nada.

Corria por uma trilha que conhecia bem e ouvia pessoas conversando, que gravavam no ar palavras em que ele esbarrava enquanto corria. A maioria dessas palavras fazia referência ao evento dali a algumas horas. Mas nem todas. Algumas delas eram bem diferentes e traziam violência e agressividade no tom, como se alguém as tivesse gravado no ar em **negrito**.

Mas o mais curioso era que corria por causa da preocupação com o pai.

Bom, vou falar a verdade: João não estava correndo só por causa da aproximação do torneio. Por isso também, mas não somente. Corria porque há tempos algo martelava em sua cabeça e ele precisava descobrir o motivo. O fato é que há tempos vinha percebendo que uma vez por mês seu pai saía de casa sem motivo e voltava... diferente. Às vezes, voltava mais sério; outras, parecia preocupado; outras, taciturno. Não importava; sempre voltava diferente, e quem é filho que se

importa sabe reconhecer essas coisas nos pais.

Havia tentado sondar algo com a mãe, já aviso antes que alguém pergunte. Entretanto, sentiu que a mãe desconversou. E de uma forma um tanto *estranha* também. Logo, começou a imaginar que seu pai tivesse uma amante, e só esse pensamento já parava seu coração. Pensou em conversar com a irmã, mas ao mesmo tempo ficou com receio de colocar coisas na cabeça dela que se transformariam em preocupações, antes mesmo de saber se havia motivo para tal.

Já vira isso acontecer antes; quantas versões não descobriu sobre os casos macabros que envolviam ele e sua irmã, e os sobre Ariane? Quantas versões que variavam das originais?

Uma vez observou o caminho que o pai fazia nesses dias esquisitos. Seguiu-o de forma competente, mas desistiu no meio do caminho por peso na consciência. Sentiu-se mal por estar agindo nas costas do pai; por *desconfiar* dele. Era uma... *criança* de treze anos e tinha o direito de pensar assim.

Mas agora não. Agora ele era um adolescente de catorze, prestes a fazer quinze anos, e precisava zelar pela integridade de sua família, mesmo porque, se alguma coisa acontecesse ao pai, seria ele quem se tornaria o homem da casa. E se seu pai tivesse outra família que eles não soubessem? E se estivesse tirando dinheiro de casa para sustentar algum vício? Eram muitas hipóteses que sua imaginação concebia, e aquilo estava lhe corroendo. Era por isso que ele corria aquele dia naquela

trilha, a tempo de alcançar o pai, descobrir o que tinha de descobrir e voltar para ver o início do Punho De Ferro.

Ao fundo, uma grande fazenda, morada de um sombrio conde.

Ele sabia que era ali que dava a trilha seguida pelo pai nos *dias estranhos*, e isso só piorava a ignorância sobre os motivos, porque aquele lugar lhe arrepiava a alma. A questão era que aquela fazenda não era uma fazenda qualquer. Era a *Fazenda de Esqueletos*. O lugar onde nem os nobres de títulos próximos gostavam de visitar, por mais dinheiro que aquele homem pudesse parecer ter.

Aproximou-se devagar e escutou a voz de Hígor ao fundo.

Estavam nos arredores da fazenda, em uma clareira, que, apesar das pouquíssimas árvores, ainda assim servia para ele observar quieto de longe seu sinistro anfitrião.

Conde Edmond Dantes. O Conde de Ódio. Um homem sombrio, que pingava ira. Diziam que a vingança corria em seu sangue e que sua paixão não tinha limites. Muito mais diziam as pessoas: falavam sobre magias escuras e pactos com entidades sombrias. Diziam que já havia sido preso e escapado da prisão disfarçado do corpo do amigo morto, ou escapado *no* corpo do amigo morto. Gastara o resto de suas energias em vingança; fizera acordos com bruxas para enviar a alma de seus desafetos para Aramis em sofrimento eterno.

- O que, pelo amor do Criador, você tá aprontando, pai? - ele sussurrou entre arbustos.

João não podia escutar o que diziam. Estavam ali o pai, o conde sinistro e um homem com a mão no cabo de uma espada embainhada.

O homem com certeza era responsável pela proteção do nobre, e João se perguntou por que ele precisaria ficar de prontidão, como se seu pai fosse um homem muito perigoso.

O garoto observou melhor o conde com quem seu pai conversava. Era magro; esquelético. Tinha a pele pálida, branca, anêmica como a pele do homem que não come, ou come muito pouco. Tinha olhos vermelhos de veias estouradas e uma postura de peito estufado, de quem faz o próprio orgulho sempre chegar primeiro. O homem que cuidava de sua proteção parecia em forma, mas tinha um olhar desagradável, de quem parece estar constantemente mal-humorado. Usava um bigode que João invejou, não porque gostasse de bigodes, mas porque ele não tinha ainda a opção de tê-los ou não.

Percebeu que o pai argumentou alguma coisa. O conde pareceu recusar. Ele argumentou novamente, e dessa vez o conde aquiesceu. Então, Hígor Hanson retirou uma faca de sua cintura, e o coração de João bateu rápido, mas muito rápido com isso. O guardião de Edmond não retirou a mão da cintura. Já ao redor do pescoço de conde Edmond, preso por um cordão, o menino percebeu o anel. O anel que representava tudo o que seu pai era; representava toda a

energia que vinha dele. O anel que tinha uma contraparte no dedo de sua mãe. Um anel para aquela família *quase místico*, que *prendia* a energia de Hígor Hanson.

E João Hanson, chocado, viu seu pai fazer algo que sua capacidade de raciocínio ainda não conseguia entender.

Aquilo era absurdo. Aquilo era surreal. Era repugnante e assustador.

O que João Hanson viu era sórdido; obscuro demais para um garoto de catorze anos entender o motivo.

10

- Eu... preciso descansar.

- Tudo bem.

Liriel olhou para Snail como se houvesse escutado a coisa mais absurda do mundo, embora, pela primeira vez em sabe-se lá quanto tempo, ele houvesse concordado com ela em alguma coisa.

- Mas... por que você disse isso?

- Você não quer descansar?

- Quero.

- Então...

- Mas... por que você aceitou assim tão fácil meu pedido pra descansar?

- Eu não deveria tê-lo aceito?

- Deveria!

- Então...

Snail observou Liriel com um olhar esdrúxulo, como se ela fosse uma alienígena canibal. Provavelmente, se conhecesse João Hanson, os dois teriam muito que falar do que sabiam sobre mulheres, ou, mais provavelmente, do que não sabiam dizer sobre elas.

- Mas... você até agora não aceitou *nada* do que eu falei! Por que essa mudança de repente? - voz desconfiada.

- Porque você *merece*.

A frase bateu de modo profundo. Liriel se sentiu mal de estar perguntando aquilo tudo, embora em seu complexo pensamento feminino ainda não estivesse plenamente satisfeita com a aceitação fácil.

- Certo. Mas que é esquisito é...

- Por quê?

- Porque você não é assim.

- E como eu sou?

- Grosso, mal-educado, arrogante e agressivo.

Snail ergueu as sobrancelhas.

- É assim que você me vê?

-É...

Snail pareceu um pouco... chocado. E não era fingimento, quero dizer... não dava para fingir aquilo. Liriel se sentiu mal outra vez de ter dito o que disse, mas não podia mais voltar atrás. Além do mais, era tudo verdade mesmo! Esperava que o negro aceitasse suas palavras até mesmo como um elogio; aquela reação dele era um choque também para ela.

Snail, sem dizer uma palavra, saiu do casebre.

Liriel o esperou um tempo. Mas ele não voltou.

11

- O que você quer *tanto* conversar, João? - perguntou Maria Hanson.

- Papai está envolvido com magia negra.

12

- Ei, tudo bem? - Liriel perguntou. Havia ido atrás de Snail e o encontrado observando o porto com um olhar muito, muito longe dali.

- Não.

- Por que não?

Ele fez que não com a cabeça.

- Não importa.

- Você ficou... *chateado* com o que eu disse?

- Não importa.

- Eu não sabia que palavras o incomodavam.

- Elas não incomodam.

- Você parece incomodado...

- Não importa. Liriel ferveu.

- Ai, você sabe ser irritante, sabia? Ele pareceu quase sorrir.

- Sabe... - um suspiro - ...ao longo da minha vida, eu já fiz coisas que seriam consideradas *ruins*, me entende?

- Entendo.

- Eu sei que você me entende.

- Isso foi uma ironia?

- Só um comentário.

- Sei...

- Mas, bom, então! Nesse pouco tempo de vida, eu conheci pessoas ruins. Digo pessoas ruins *mesmo*; não apenas pessoas

de *atos ruins*, entende?

- E qual a diferença?

- Não sei se sei explicar. Mas acho que você saberia...

- Por que eu saberia?

- Porque você é mais inteligente do que eu.

- Isso não é verdade...

- É sim.

- Tá: eu sei que você sabe que é.

- Isso foi uma ironia?

- Não importa. Os dois riram.

- Bom, eu diria que o que você quer expressar, negro, é que existem pessoas que cometem atos ruins pelas *circunstâncias* em que são colocadas. Uma forma de sobrevivência.

- Por aí...

- E já outras pessoas cometem atos ruins por índole. Pessoas que tenderiam a agir assim não importando em que situações estivessem.

- Viu como você é mais inteligente?

- São seus olhos.

Ele riu. Ela emendou:

- Você vai se desculpar comigo por ter me tratado daquela maneira agressiva?

- Por que faria isso?

- Porque você não tem uma índole ruim. Não... é?

Snail apertou os lábios, ao perceber como havia sido colocado

na parede. Aquela menina era mesmo inteligente. Mais até do que ele gostaria que fosse.

- Gabbiani, juro que gostaria, mas não posso. Porque, se for preciso, tratarei você novamente daquele jeito.

- É tão importante assim?

- O quê?

- A missão em que você se colocou. E *nos* colocou.

- Você diz comparado a quê?

- A ponto de você evitar a única amizade que tem em prol dela...

Snail apertou o punho, com vontade de dar outro soco em uma parede. Odiava a inteligência daquela garota. *Odiava* a sua própria admiração pela inteligência daquela garota.

Odiava a sua admiração por aquela garota.

- Ela é importante a esse ponto... - ele respondeu, com uma voz fria.

Liriel balançou a cabeça e apertou os lábios. Ele lia a decepção em cada gesto facial dela.

- Tente ser gentil da próxima vez então - ela disse. - Garotas gostam disso...

Ela virou-se, constrangida, e saiu, deixando-o sozinho. Snail a observou voltar ao galpão e sentiu a garganta seca. Ele não podia se desconcentrar da missão a que fora designado com aquela menina. Era um soldado das ruas; até um soldado do mar, e soldados *precisam* obedecer a ordens. Mas só o coração

que nunca teve um amigo sabe o esforço que é negar uma amizade.

- Ela é importante a esse ponto... - ele repetiu para si, solitário
- ...mas eu gostaria que não fosse.

13

Lady Marion estava vestida com um roupão velho e encardido, mas que ainda assim lhe ficava bonito. Não era uma mulher vistosa, ao menos não mais. A idade havia diminuído a formosura; a vida difícil, o brilho que a alma feliz reflete. Na realidade, Marion nunca havia sido uma mulher de beleza inegável; tratava-se de uma mulher normal, mas de temperamento tão admirável e independente que a destacava das outras damas ao redor.

Não era à toa, pois, que o homem deitado em sua cama fosse Robert de Locksley.

- Sabe, tenho medo de conversar com você depois do nosso reencontro - ela disse, trazendo duas canecas pesadas e cheias de amassados, com leite dentro.

- É mesmo? E por quê? - ele perguntou, pegando uma delas.

- Tenho medo de que seja outro sonho...

- Sonhou com nosso reencontro?

- Mais vezes do que poderia acreditar.

- Isso me surpreende, por vir da mulher que você é. Você quer dizer que, em todo esse tempo, não apareceu nenhum outro em sua vida suficientemente bom para lhe fazer me esquecer?

- Para isso, eu precisaria *querer*.

Ele ficou observando-a, e ela podia jurar que ele suspirou.

Mas isso não seria uma atitude típica daquele mito; Robert de

Locksley era conhecido por ser orgulhoso como um tronco de árvore.

Ela se sentou ao lado dele.

- E agora, Robin?

Robin. O apelido dado por ela. Escutá-lo novamente daquela boca era uma viagem aos mais sombrios porões de um coração. Ele não respondeu, porém, à pergunta. Aquilo era difícil para ele.

E, não por menos, para ela.

- Você continuará a fazer parte de um sonho?

- Eu represento um sonho.

- Você é um mito.

- Eu sou um ideal. As pessoas acreditam nesse ideal por minha causa. Marion deixou sua caneca cair de forma afoita e barulhenta. Sorte que havia já acabado de beber seu leite.

- Sabe há quantos anos eu o espero? Quase vinte anos, Robin!

- ela alterou a voz. - Quer que eu repita para você? Pois bem, eu vou repetir: por quase... malditos... vinte... anos!

- Eu não lhe pedi por isso...

- Ora, vá se danar, seu desgraçado! Eu o esperei porque eu amo você!

Ela ergueu-se irritada e deu as costas para ele, apoiando-se na janela. Locksley também se ergueu, vestido apenas com uma calça.

- E, se você me ama como eu a amo, sabe que eu tenho de fazer isso...

- Ora, lá vamos nós de novo... - ela riu um riso debochado. - O senhor "eu tenho de fazer isso"! Você tem de fazer o quê, cabeçudo? Ser o grande líder da nação? Ser o novo Merlim Ambrosius, ditar os caminhos como o novo Cristo?

- Não faça isso, Marion.

- Eu diria o mesmo para você, seu egoísta, arrogante, metido a salvador do mundo! - ela gritou na cara dele. - Eu também diria a você: "não faça isso!" Eu poderia implorar a você por isso! E você deixaria de fazer isso por mim?

- Você sabe que isso é maior do que nós dois. Não se trata de você e eu, se trata de...

- Se trata *apenas* de você! Você sabe o que é nascer na nobreza e terminar alimentando porcos? Você sabe o que é ver o nome da sua família ser arremessado na lama e se tornar uma pária entre o meio social em que cresceu? O que é ver suas terras tomadas; seus bens confiscados; seu noivo preso e ainda ter de agradecer por ele não ser enforcado?

Ela começou a bater no peito dele enquanto falava, e ele se manteve quieto. Sabia que ela precisava desabafar tudo o que estava dentro dela. Sabia que ela até mesmo *merecia* isso.

- Sabe o que é ver seus antigos amigos virarem as costas quando passam por você na rua? Ser apontada pelas pessoas como se fosse uma vulgar? Sabe o que é ver toda a sua vida

ser tirada de você e não poder fazer nada, porque os ladrões são as mesmas pessoas para quem você deveria pedir ajuda para prender?

Mais socos. Mais silêncio. E lágrimas.

- Sabe o que é, Robin, deitar em uma cama sem saber se você está viva ou morta? Ou sem saber se você *quer* estar viva... ou morta? Sabe o que é esperar quase vinte anos pela pessoa que você ama?

Ele a olhou no fundo dos olhos em choro. E disse:

- Eu sei.

Ela o abraçou forte e soluçou junto ao corpo dele.

- Não vá. Por favor, não vá. Não de novo... não de novo...

Ele manteve-se abraçado a ela, até que ela se controlasse novamente. Ou ao menos se controlasse um pouco. E, então, a sentou novamente na cama rústica, pulgenta e barulhenta.

- Marion, por favor, me escute.

- Não... por favor, não...

- Entendo quando diz que carece de maior entendimento sobre minhas atitudes. Entendo e não a culpo. O que quero que perceba é que, diante do mesmo cenário que você acabou de me expor, seria um absurdo e uma calamidade se eu me calasse e aceitasse essa situação...

- Se eu mesma me conformei com meu destino, por que você não pode?

- Porque nenhum homem pode admitir a vida sem liberdade.

- E por que tem de ser você?

- Porque tem de ser alguém.

- E o que você quer fazer, Robin? - ela exaltou-se mais uma

vez. - Quer vestir novamente roupas verdes colantes e ficar saltitando pela floresta como se tivesse dezenove anos? Você

está com quarenta anos, homem! Quarenta! Você não é mais

aquele garoto tolo, fazendo brincadeiras mortais e sem limites

com um bando de desocupados!

- Você está sendo injusta.

- Com você?

- Com eles.

Ela suspirou.

- Que seja...

- Marion, você tem razão em tudo, em tudo o que diz. Eu não

sou mais um garoto de dezenove anos sem responsabilidades

ou noção do tamanho de brincadeiras perigosas. Não se trata

mais do caso de garotos rebeldes que querem desafiar a lei.

- E se trata de quê?

- Se trata de um homem que quer colocar sua gente

novamente de pé.

- Eu o odeio, sabia?

- Não. Você me ama.

- E qual a diferença?

Locksley se levantou e começou a buscar o resto de suas

roupas.

- Essa é uma pergunta para poetas.

- É verdade. Você é apenas material para seus poemas. O

"príncipe dos ladrões".

- Não, eu sou o *príncipe da plebe*. Os ladrões são de outra classe. Marion levantou-se e manteve-se agitada, sem saber onde buscar argumentos. Na verdade, sabia que não havia argumentos. Não com ele.

- E o que você pretende fazer? Lutar sozinho por Sherwood?

- Eu vou atrás *deles*. De cada um deles. O queixo de Marion quase caiu.

- Você vai juntar... seu antigo grupo?

- Cada um deles.

- Eles formaram *famílias*, Robin! Eles seguiram com suas vidas, como você deveria fazer. Você não pode pedir a eles que vistam roupas camufladas e máscaras mais uma vez...

- A máscara está na vida que eles têm de fingir viver.

- Eles amadureceram!

- Não, eles estão esperando pelas condições necessárias para isso. Marion estava com tanta raiva, pela impotência de suas palavras, que pegou um dos únicos vasos da casa e ESPATIFOU na parede.

- Pelo amor do Criador, será que você não percebe os milagres que aconteceram em sua vida? Você deveria ter sido enforcado e acabou condenado à prisão perpétua! Um Rei foi posto e o sucessor lhe tirou de lá da única forma que a lei

permitiria: com o Desejo de um Rei! Será que você não pode ser grato por suas bênçãos?

- Eu sou. E por isso que sigo os sinais.

- Os sinais lhe dizem que é hora de parar.

- Não, os sinais me dizem que *ainda* não é hora de parar.

- Existem homens mais jovens que você para fazer o que você quer fazer...

- Não, existem homens mais jovens do que eu esperando que eu os lidere no que eles querem fazer.

- DROGA! - e outro vaso se partiu na parede. Era o último daquela casa. - Você quer morrer, é isso? Se você quer morrer, então morra! Vá, vá e morra!

Ele parou e, dessa vez sim, suspirou. Já havia se vestido.

- Desculpe...

- Como você pretende fazer isso? - ela disse com uma voz menos descontrolada. - Pretende reunir um bando de vagabundos barrigudos e assaltar Casas Reais de Moedas? E depois subir em telhados de pobres e jogar moedas de Reis pelas chaminés?

- Não. Isso não. - Ele apertou os lábios. - Isso foi inútil.

- Enfim concordamos em alguma coisa.

- Eu era jovem, impulsivo e arrogante. Aquela foi a forma que encontrei de desafiar o sistema, mas foi a forma errada.

- Por quê?

- Porque não adianta tirar poder econômico de uma classe

social favorecida e transferir a uma carente, já que o sistema se autor reestrutura. E só uma questão de tempo para tudo voltar a ser como antes, pois o pobre não se repõe por si só, enquanto o rico recompõe a riqueza. Não adianta mexer em algumas bases do sistema. Não adianta transferir responsabilidades. E preciso mexer no sistema como um todo. De dentro para fora.

- Você parece ter repensado muita coisa.
- Isso é o que um homem mais faz na prisão. O fato, Marion, é que eu dei peixe ao homem, e isso mata a fome em curto prazo, mas a fome volta.
- E como se mata a fome de vez?
- Ensinando o homem a pescar.
- Tornando-o auto-suficiente...
- E independente.
- Você quer dizer...
- Livre.

Marion tampou o rosto com uma das mãos.

- Pelo amor do Criador, Robin. Você está querendo dizer que dessa vez, em vez de tirar de ricos, vocês está querendo...
- Eu vou liderar a *revolução*.
- Você vai então...
- Eu vou dar a independência a Sherwood.

Houve silêncio. Eles ficaram um tempo se olhando, e aquele momento deveria ser uma difícil despedida. Do lado de fora,

um porco grunhiu. Marion mordeu um dos lábios e fez uma careta irritada.

- Está certo - ela se mostrou contrariada. - Eu vou fazer a minha trouxa... - disse, suspirando.

- Não, eu não estou lhe pedindo para fazer isso.

- E desde quando você precisa me dizer para fazer alguma coisa?

Ele sorriu. Poderiam ter se passado quase vinte anos, mas aquela ainda era a mesma menina que ele conhecera por metade de sua vida.

- O fato, *garoto feliz*, é que eu não vou ficar olhando o *meu* homem libertar a minha terra, enquanto eu alimento porcos - e ele a viu socar roupas maltrapilhas em uma trouxa improvisada. - Eu não vou ficar olhando você ser capturado mais uma vez, porque lhe falta um amigo que lhe mostre onde estão as falhas dos seus planos estúpidos!

Ele se aproximou. Ela não quis olhar nos olhos dele e continuou socando as roupas.

- O fato é que eu não vou... - e enquanto ela falava, ele a pegou pelo queixo e a obrigou a olhar em seus olhos - ...eu não vou perder você de novo. Não de novo.

Robert de Locksley beijou Marion e o coração de ambos bateu como um só.

"Não de novo."

E ali, naquele entardecer solitário, o fato era que a alma

daquele homem vivia no coração de milhares de pessoas.

Mas o coração daquele homem vivia no de uma única mulher.

14

Os portões da Arena de Vidro se abriram, e a multidão entrou.

Eram centenas; centenas que viravam milhares de pessoas.

Milhares de fãs, de homens que deixavam de ser homens e

viravam gritos. Viravam pontos em movimento no meio de

uma massa humana. Viravam sentimentos encarnados em

corpos que já eram de formas-pensamento. Viravam o que de

melhor existe no homem que vibra unido, e que se descobre

nessa vibração.

Havia a entrada do povo, onde um empurra-empurra sem-fim

tomava conta de todos os lados, enquanto soldados reais

tentavam manter a ordem, de vez em quando, até de forma

violenta demais. Havia emoção em cada caminhada, porque

havia orgulho em cada respiração. Aquele era o momento em

que o homem diferente de outro se tornava igual, porque

ambos se tornavam instrumentos de um mesmo canal.

Em pouco tempo, as arquibancadas já estavam tomadas por

milhares. E as pessoas faziam barulho e gritavam frases de

guerra que haviam criado, ou faziam coreografias que

aprendiam na hora, envolvendo movimentos de braços,

palmas, pulos e batucadas em instrumentos de bumbo. E

apenas quem já entrou em uma arena com milhares de pessoas

unidas dessa forma sabe como é a sensação de arrepio que

percorre o corpo. E transborda o coração.

A outra entrada, a nobre, também estava frenética. Carruagens e mais carruagens chegavam, a ponto de causar transtorno tantos cavalos. Damas desciam ajudadas por cavaleiros e cavaleiros, soldados reais indicavam caminhos a serem seguidos, Reis e Rainhas cumprimentavam nobres que raramente tinham a oportunidade de se encontrar com seus Reis.

A maioria daquelas mulheres nunca havia visto um combate de pugilismo de verdade na vida, e, logo, era de imaginar o que não se passava em sua imaginação.

Já do lado de dentro, quando Rei Anísio Branford entrou na arquibancada nobre com a princesa Branca Coração-de-Neve de braços dados, a arena foi *absolutamente abaixo*. A impressão que se tinha era de que Áxel Branford havia já nocauteado alguém, pois o frisson daquele povo foi tremendo; imenso a ponto de ninguém escutar mais nada.

Bandeiras de Arzallum foram agitadas; gritos de guerra e trechos do hino, ecoados.

- Anísio... - Branca teve de gritar - ...esse povo está enlouquecido! - disse entre expressões assustadas.

Rei Anísio sorriu.

- Sim... - ele disse orgulhoso, enquanto cumprimentava sua multidão. - Ele está, não é?

Na área ao redor do ringue, dois Hanson deveriam estar eufóricos, mas pareciam ausentes daquela convulsão humana ao redor de si. Estavam ainda um pouco afastados do ringue,

porque os soldados reais haviam estendido uma faixa para impedir que o público daquele setor tomasse os arredores do ringue ainda. Haveria antes uma cerimônia de abertura oficial do torneio, e orgulhos de Arzallum desfilariam por ali.

- Maria... o que nós vamos fazer, Maria?

Maria Hanson ainda estava chocada; chocada demais para saber o que dizer.

- João...

Ela se calou, e ambos voltaram a ficar apenas com o barulho que a multidão fazia. Naquele lugar ainda havia muito barulho, mas não tanto quanto para quem estava na arquibancada, com as pessoas gritando ao seu lado.

- Fala, pô! Grita! Mas fala alguma coisa!

- João... - ela disse no ouvido dele para que pudessem se ouvir

- ...eu não sei o que fazer! Mas...

- "Mas" o quê, pombas? "Mas" o quê?

- A gente precisa de provas pra acusar o papai! A gente não pode chegar e apontar o dedo na cara dele sem poder provar!

Afinal... ele é o nosso pai, né?

- "Provas"? Você quer "provas"? - o garoto explodiu. - Eu vi, caramba! Você quer mais o quê?

- João, você não sabe direito o que viu...

João apertou os olhos e trincou os dedos quando entendeu.

Respirou fundo e apertou os olhos quando compreendeu que sua irmã estava *duvidando* dele.

- Eu *sei* o que vi.

- Mas você não pode ter tanta certeza assim!

- O que você quer dizer com isso? Que eu *inventei*? É isso?

Fala, fala na minha cara que é isso!

- Não é que você esteja inventando, João! Entenda: eu não estou dizendo que seja mentira, ou que você não... *acredite* no que está dizendo. - João continuou olhando para ela com cara de poucos amigos. - Eu só estou observando todas as... *hipóteses*, entende?

- Entendo. Entendo que você já está até *falando* como o professorzinho! E que você tá me tratando como se fosse eu que tivesse cometido um crime!

- Não é isso, João! O que eu quero dizer é que... sabe... você... ai, meu Criador, como eu posso dizer isso?... Olha, você... *sonha* com coisas assim, não sonha? E isso é normal, por tudo o que a gente passou! Digo, com as coisas *ruins* que a gente já passou. E, de vez em quando, com sonhos a gente realmente...

- Ah, vai pra Aramis! - João Hanson gritou furioso para a irmã. Maria e as pessoas ao redor que escutaram o xingamento ficaram chocadas com a reação daquele adolescente. - É isso que você acha? Que eu não sei diferenciar meus sonhos da realidade? Eu vim até você lhe pedir ajuda, Maria! Pedir ajuda porque *eu não sei* o que fazer! Só que, pelo visto, você está mais perdida do que eu!

Se João estivesse falando com Ariane, a garota com certeza já

estaria xingando-o de volta, e um apontaria o dedo na cara do outro até daqui a pouco estarem rolando no chão. Como falava com Maria, a reação da menina foi de choque, de quem nunca vira o irmão falar com ela de tal forma. Maria ficou calada, com o rosto assustado, absorvendo aquelas palavras como se fossem lâminas que cortavam o peito, mas cortavam *por dentro*.

- Você acha que o pai não pode cometer atitudes ruins? Você acha que o príncipezinho ama você e vai lhe transformar na princesa deste Reino? Isso sim é sonho, Maria Hanson! Sabe quem estava do seu lado quando uma bruxa que comia gente acorrentou você? Fui eu! Sabe quem passou fome e babou sangue embaixo de uma escada enquanto chorava não por causa da dor, mas por ter de escutar os seus gritos sem poder fazer nada? Fui eu! E isso foi um *terror* real! E quando eu venho lhe pedir ajuda, você vem dizer na minha cara que eu não sei diferenciar um pesadelo de um horror *de verdade*? -

Maria Hanson ainda era choque. - Faz assim, Maria: fica com a sua nova vida cor-de-rosa! Fica mesmo! Porque eu cansei, e cansei *por inteiro*!

E João Hanson sumiu no meio da multidão. Maria queria gritar o nome dele. Mas, infelizmente, estava chocada demais para isso.

Rei Alonso Coração-de-Neve sentou-se ao lado da filha.

Mantinha sua expressão séria, com um olhar frio e muito,

muito distante dali. A face mais parecia um boneco de cera com uma pele pálida, de onde nasciam veias verde-escuras. Havia olheiras e havia alienação, ou ao menos parecia haver. Vestia-se com roupas quentes, não importando a temperatura. Ao seu lado, havia um assento vazio. Aquele assento permanecia vazio de forma simbólica, em referência à falecida Rainha Rosaléa. Branca olhava o assento vazio deixado pelo pai e afagava a mão dele. Ele não devolvia o afago, e ela não se importava. Sabia que seu pai havia perdido sentimentos com a morte da esposa, que havia se tornado um Rei de coração gelado e de expressões indiferentes. Um Rei que não chorava nem...

- Com licença... - disse uma doce voz feminina, que fez a princesa e seu pai virarem os rostos na direção dela - ...esse assento está ocupado?

Ao lado deles estava uma mulher visualmente nobre. Talvez uma condessa; uma baronesa até. Era alta, e como era alta. Tinha a pele clara e os cabelos mais escuros. Os olhos verdes e um corpo sem muitas curvas, mas que chamava a atenção pela quantidade de jóias bem distribuídas por ela. Branca olhou para o pai e reparou o velho Rei observando a mulher com sua típica expressão distante. Ela inspirou para explicar os motivos da indisponibilidade daquele assento, quando sentiu a mão do pai tocar na sua. Foi quando o queixo da princesa quase caiu. Rei Alonso havia dado dois tapinhas

leves na mão dela.

E sorriu.

Áxel escutava os gritos do lado de fora e tentava se manter concentrado. William se aproximou dele, gingando. O rapaz também parecia estar fazendo o máximo de esforço para se manter centrado.

- A sensação da espera é angustiante, não é?

- Não imaginei que você ficaria nervoso neste momento - disse o príncipe. - Pensei que só eu tivesse algo realmente grande a perder...

- Não, todos nós temos algo assim.

- E o que você tem a perder nessa arena, Will?

- No meu caso, o que tenho a perder não está nesta arena.

Áxel ponderou, se esforçou, mas não compreendeu. Também não quis perguntar novamente, afinal, havia coisas mais importantes com as quais se preocupar. Observou aquela sala rodeada de pugilistas. Alguns se aqueciam, alguns conversavam, alguns se alongavam; todos se mantinham em movimento de alguma forma.

Todos, menos um.

Áxel observava Ruggiero, o lutador oriental, e via o homem sentado, com as pernas dobradas, e as mãos descansando sobre os joelhos com as palmas para cima e os indicadores unidos aos polegares.

E ele não sabia o porquê, mas aquele homem quieto e imóvel

naquela sala lhe trazia mais temor do que todos os outros em movimento.

Ariane entrou puxando a mãe pela mão, sem se importar muito com as outras pessoas em seu caminho.

- Anda logo, mãe!!! Vai começar, pô!

- Calma, Ariane! O que importa é que nós já entramos!

- Tá vendo o João ou a Maria por aí?

- Isto aqui está lotado, filha! Nós não vamos encontrar algum deles nunca nessa...

- Maria!!!

E Ariane saiu mais uma vez puxando a mãe e ignorando qualquer coisa que ela dissesse, ou qualquer outra pessoa no caminho.

- Maria! - ela repetiu, abraçando a amiga. Percebeu que o abraço não foi retribuído. - Maria, deixa de ser sem educação!

Estou falando contigo!

Maria tentou mudar a expressão ainda em choque que tinha, mas não teve muito sucesso.

- Ah, oi, Ariane!

- Ih... da última vez que eu vi você com esse olhar de peixe morto foi porque você estava apaixonada! Como você não é maluca de terminar com o Áxel, então o que que é, hein?

- Ariane! - disse a mãe. - A Maria também tem direito à... *privacidade*, sabia?

- Ah, mãe, fica quieta aí que isso é papo entre amigas!

"Privacidade" só funciona para pais, entendeu? Não para *melhores* amigas!

E a mãe mais uma vez abriu a boca, sem saber quem era aquele E.T. que havia trocado de corpo com a sua menininha de tão pouco tempo antes.

- Maria, o Áxel não brigou com você, né?

Maria não conseguia entender do que é que Ariane estava falando nem sabia se queria entrar na imaginação da menina naquela hora. Ainda estava assustada com a *revelação* do irmão e, mais do que isso, com a *reação* do irmão com relação a ela.

- Não, ele não...

- Ah, sabia! Ele não seria nem doido de terminar com você também!

Anna Narin, percebendo que alguma coisa estava *muito* errada com Maria, passou um braço ao redor dela e a abraçou, dizendo:

- Maria, minha querida: eu posso ajudar você em alguma coisa?

- Ah, não. Não, *tia* Anna. É que eu estou preocupada com o João...

- Que tem o João? - Ariane perguntou, preocupada.

- Ele sumiu no meio da multidão aqui.

- Maria, o que é que aconteceu com o meu *namorado*? -

Ariane perguntou, colocando as mãos na cintura.

- Hein? Que história é essa de namorado? - perguntou uma

Anna Narin (mais uma vez) estupefata.

- É, ué! O João agora é o meu namorado!

- E por que você não me contou isso, meu Criador?

- Ah, mãe, tipo... é que começou agora, sabe? A gente *está se conhecendo* ainda...

- "Se conhecendo"? Mas vocês se conhecem por quase a vida toda!

- Mãe, quer parar de fazer drama? Eu ia contar hoje, é que eu não tive tempo...

- Mas nós estamos juntas o dia todo!

- Ah, eu esqueci, pô! E você não tá deixando a Maria me dizer o que aconteceu!

Anna voltou a suspirar. Por mais que ainda estivesse surpresa, deu razão a Ariane. Ambas olharam para Maria.

- É que... a gente *está* com alguns problemas lá em casa... coisa de família...

As duas perceberam que ela não queria falar sobre o assunto.

Anna virou-se para a filha e disse:

- Vai procurar ele...

- Mas como eu faço pra encontrar o João no meio desta multidão?

- Da mesma forma que encontrou a Maria. Se concentra e *pensa* nele. Tenta *sentir* onde ele está. Aí, depois, deixa seu instinto lhe guiar até ele...

Ariane pensou um pouco e balançou a cabeça concordando.

Antes de ir, fez sua última pergunta:

- E se a gente se perder de vocês?

- Aí eu *chamo* você, entendeu?

- Hum... por inteiro.

Trombetas soaram. Soaram forte, cadenciadas, em acordes militares.

A multidão se calou, na medida do possível, e ouviu-se o rufar de alguns tambores. Esse som aumentou de intensidade, e aumentou. E aumentou. Bateram-se pratos, que fizeram um rápido som agudo explosivo. E mais uma vez houve silêncio.

A multidão cochichava coisas entre si e segurava a respiração com os olhos bem abertos, na expectativa de não perder nenhum detalhe.

Foi quando veio o som.

Era o som do trotar de um cavalo treinado, nascido da entrada principal daquela arena. Um corcel entrou por aqueles portões correndo e erguendo poeira; erguendo com ele também seu público. Era lindo, com sela onde se prendiam brasões de Arzallum. Acima dele, um cavaleiro segurando uma corneta pequena, que podia tocar com uma mão. Ele correu por toda aquela arena, ecoando o som militar. E, a cada lado da arena em que passava como um raio, a multidão se erguia e aplaudia e assobiava e gritava.

O cavaleiro deu duas voltas completas pela arena e cavalgou

até o centro, onde colocou seu corcel sobre duas patas.

Novamente se escutaram seus acordes militares. Novamente se escutaram os tambores e os pratos. E eles entraram.

Um grupo de aproximadamente cinquenta homens entrou na arena marchando, com gordos tambores presos por uma faixa ao redor de seus pescoços. Tocavam e marchavam, sob aplausos. Vestiam um uniforme cinza com detalhes em amarelo e dragonetes nos ombros que, curiosamente, não seguravam nenhuma capa. Marchavam e caminhavam, e, a cada intervalo que davam em suas batucadas, escutavam-se os pratos, cada vez mais altos.

E então, atrás dos cinquenta homens com os tambores, entraram os donos dos pratos. Eram trinta homens, cada um com dois pratos em cada mão. E que marchavam. E marchavam. Quase todos eram bem jovens, e seus uniformes eram como os anteriores, mas sem os dragonetes. Marcharam logo atrás dos homens com tambores, se dirigindo ao lado esquerdo da arena, onde pararam em fileira militar e continuaram marchando sem cessar no mesmo lugar.

O homem do corcel e da corneta, no centro da arena, colocou seu corcel novamente em duas patas e mudou os acordes.

Ainda eram acordes militares, mas eram bem diferentes dos anteriores. O público sentiu vontade de aplaudir, mas não o fez. Estavam hipnotizados. Mas, logo que viram o que veio em seguida, se colocaram novamente a aplaudir.

Na arena, pela mesma entrada principal, eles entraram devagar. Eram aproximadamente sessenta homens vestindo uniformes leves, com saiotes que iam até a altura de seus joelhos. Aljavas presas nas cinturas. Flechas presas dentro das aljavas. Arcos pesados, leves ou compostos, presos nas mãos.

Eram eles, os arqueiros de Arzallum. Representavam uma parte do exército daquela nação, e representavam bem. Eles não eram considerados os melhores do mundo; os arqueiros de Minotaurus tinham essa fama, mas em Minotaurus se usavam bestas e não arcos, logo, os arzallinos os consideravam os melhores arqueiros do mundo.

Os arqueiros marcharam, e marcharam, até o lado direito da arena. E, assim como os homens dos tambores e dos pratos, eles continuaram marchando no mesmo lugar.

E entraram na arena os cavaleiros, e aí, sim, quem estivesse ainda sentado se levantou. Vestindo a armadura cinza, com detalhes em vermelho e dragonetes que prendiam extensas capas, eles entraram, segurando seus elmos de ferro polido com uma das mãos. A frente deles, uma única mulher; uma das mais belas que Arzallum já conhecera. Era loira, com cabelos cacheados presos por uma fita e olhos tão verdes que uma pessoa podia se ver refletida neles. Bradamante era o nome dela; a Guerreira Preferida. A Bela Beanshee. Aquela Por Quem Os Homens Querem Chorar. A nova capitã da Guarda Real de Arzallum, promovida após o afastamento do

antigo capitão, que não protegeu com competência os Coração-de-Neve em território arzallino. A primeira mulher a liderar uma tropa militar na história daquele Reino.

Atrás dela, homens que aprenderam a respeitá-la na ponta da espada e na rotina da guerra. Eram homens sérios, em excelente forma física. Olhares fundos; expressões serenas.

Alguns até sorriam, mas não todos. Todos, porém, marchavam. Espadas guardadas em bainhas de couro enrijecido com salgueiro. O símbolo de Arzallum estampado no peito. O brasão que você iria encontrar nos cantos do Majestade; e iria encontrar no peito da armadura de qualquer Rei Branford.

O símbolo do dragão alado, acima de uma espada e um escudo cruzados.

Eles marcharam para o lado direito da arena, à frente dos arqueiros, e continuaram a marcha no mesmo lugar. E então, com mais um acorde do corneteiro, o som parou.

E outra vez houve silêncio.

E som. Dessa vez, o corneteiro não colocou seu corcel em duas patas. Ele apenas inspirou fundo e assoprou em sua corneta um acorde militar triste e sombrio, que fez a arena mergulhar em murmurinhos. As pessoas se olharam assustadas, com os olhos arregalados, a boca seca, o coração acelerado. Era um misto de medo e admiração. De temor e excitação.

Elas haviam ouvido que aquilo estava acontecendo em Arzallum, mas você sabe: ninguém leva muito a sério um boato até que alguém tenha tido a oportunidade de confirmar com os próprios olhos, ou fingir que teve essa confirmação. Os corações bateram ainda mais acelerados. Eles escutaram o marchar deles. Rei Anísio Branford em seu camarote sorriu. E eles entraram.

- João!!!

Ariane correu até o garoto, se jogou em cima dele e o agarrou forte. João estava observando os cavaleiros e não retribuiu o abraço em que foi afogado. Apenas, ainda mantendo os braços para baixo, olhou para Ariane e disse:

- Ah... oi.

Ariane ficou *furiosa* com aquela recepção. Ser recepcionada com aquela *animação* por Maria Hanson, tudo bem, agora o irmão era o namorado dela, pombas!

- "Oi"? Como assim: "oi"? Poxa, eu pensei que você ia ficar...

tipo... um pouco mais feliz de me ver, né?

João suspirou.

- Desculpa. Não é com você que eu estou desanimado não...

Ariane tirou as mãos da cintura e assumiu uma postura de maior compaixão. Perguntou com a voz mansa:

- Você brigou com a Maria, é?

- Não importa.

- Como assim "não importa"? Eu, hein! Você ouviu o que eu

disse? Você brigou com a Mariaaaaa! A sua irmã! É claro que isso importa!

- Por quê?

- Ora... "por quê"? Porque... tipo... se a gente tivesse brigado, era uma coisa, já que a gente briga mesmo há... sei lá... uns dez anos de vida! - e ela riu e mordeu a própria língua. - Mas, pô, você e a sua irmã não! Qual foi a última vez que você brigou com ela?

- Ah, sei lá. A gente vive discutindo.

- Discutir é uma coisa. Estou perguntando quando você *brigou* de verdade com a Maria.

- Nunca.

- Então!?

João continuou olhando para a frente, sem demonstrar muito entusiasmo pelo que falava Ariane. Havia visto os arqueiros entrarem marchando, e aquilo já foi um momento de excitação. Ver os cavaleiros entrarem em seguida fora puro êxtase. Olhava para aquelas armaduras e para aquelas capas, e acreditava que aquele era o mais alto ápice que um ser humano poderia chegar nessas terras.

Quando o corneteiro ao centro tocou o acorde triste e sombrio, e a energia do ambiente se modificou, João Hanson descobriu que o ápice que tanto almejava estava acima do que imaginava ser. Pois, quando o último grupo entrou marchando, os pelos do garoto se eriçaram, o coração foi a

mil, e, assim como todos os presentes, ele não sabia se deveria aplaudir ou temer aquela entrada triunfal.

- Então é verdade - disse João, meio abobalhado. - Eles voltaram *de verdade*...

- João... - disse Ariane, assustada. - Quem são eles?

- Os caçadores de bruxas.

Eles entraram tremendo. Alguns traziam bumbos, que ditavam um ritmo muito, muito mais forte que os tambores anteriores.

Dois estandartes traziam suas próprias bandeiras. A única tropa militar do mundo que ostentava uma bandeira diferente da bandeira de seu Reino. Seu símbolo fazia referência ao símbolo de Arzallum. Porém, com algumas diferenças.

Pois a espada que cruzava o escudo tinha a lâmina de fogo e lembrava uma fogueira. O escudo, que cruzava a espada, tinha a Cruz de Merlim desenhada nele. E o dragão acima dos dois não era um dragão comum.

Era um Dragão de Éter.

Suas armaduras eram vermelho-escuras, em uma tonalidade que lembrava sangue. Seus homens não mostravam os rostos; entravam, todos eles, com os capacetes em suas cabeças, o que lhes cobria a maior parte deles. Aqueles eram os melhores dentre os melhores do mundo. Eram homens que vinham de todos os lugares e tentavam ser aprovados nos rigorosíssimos testes físicos e mentais, que normalmente terminavam em morte, já no processo de seleção. Seus líderes eram homens

que haviam servido ao lado de Primo Branford na *Caçada de Bruxas*. Seus soldados eram jovens que provaram seu valor em campos de batalha.

Quando a *Caçada de Bruxas* terminou, Primo Branford havia extinguido o grupo. Seus integrantes voltaram a servir nos exércitos de seus Reinos, fosse esse Reino Arzallum, fosse outro. Nenhum deles, porém, conseguia se tornar novamente um soldado comum, depois de chegar à elite maior. Na verdade, todos eles sabiam que estavam apenas cumprindo um período de ausência, enquanto Nova Ether não precisava novamente de seus serviços.

Ninguém sabia quem eles eram. Seus integrantes poderiam ser o rapaz com quem você jogou dardos em uma taberna dois dias antes ou o novo namorado de sua filha. As idades eram variadas e, em suas identidades civis, eles poderiam ser qualquer um, inclusive aquele rapaz para quem a sua sobrinha revelou ser simpática à bruxaria outro dia, um dia antes de ter a casa queimada e o *coven* que frequentava, destruído.

Só havia ali uma identidade conhecida: a do coronel que caminhava à frente da tropa. Não à toa, um estrangeiro: Athos Baxter, o temido conde de La Fére, antigo herói de guerra da tropa de elite de soldados de Mosquete, hoje coronel a serviço de Arzallum.

Outrora um herói de guerra em plena forma e espadachim formidável e matador, hoje Athos se tratava de um homem

gordo, com cabelos e barbas brancos, temido não apenas por suas exigências como por sua truculência, principalmente depois que fora abandonado por sua condessa Carlota Baxter, a Milady de Winter.

Como Athos era um estrangeiro, era conhecido como o líder da tropa, já que nenhum arzellino, mesmo nos altos escalões, poderia revelar sua identidade oficialmente.

A existência daqueles cavaleiros rubros tinha um incômodo. Isso gerava uma paranóia na sociedade em que se inseriam, pois gerava medo. Os caçadores de bruxas não precisavam de burocracias; não precisavam levar uma pessoa a julgamento. Caçadores de bruxas julgavam qualquer pessoa na hora. E tinham permissão real para matar. Logo, havia sempre a questão: deveriam aqueles homens ser adorados como heróis ou temidos como as piores bruxas?

Era difícil julgar tal questão. Para Anísio Branford, porém, a questão era clara: seu pai havia sido assassinado em um ritual sombrio de uma bruxa canibal. Sua mãe havia partido daquele plano de forma diferente, mas pela mesma causa. Sua pele humana havia dado lugar a uma pele de bicho por conta de um macabro avatar sombrio. E todos já sabiam que bruxas haviam voltado a se instalar em Nova Ether. Sabiam que reuniões voltaram a acontecer quando as portas eram fechadas, e as crianças, postas para dormir.

E bastou um decreto. Uma única assinatura diante do quadro

com a figura do pai. Pergaminhos foram escritos e carimbados. Pombos-correios cruzaram os céus. Soldados de elite foram convocados.

E os caçadores renasceram.

- Vossa Majestade é cheio de surpresas... - disse Imperador

Ferrabrás, que estava nos lugares dos Reis.

- Nosso auto-proclamado Imperador nem imagina o quanto...

João Hanson não piscava. Estava boquiaberto; estava sentindo um certo temor, mas a excitação diante daqueles homens superava todos os outros sentimentos. E sentiu uma corrente elétrica subir pela espinha quando, ao sinal de coronel Athos, três comandantes gritaram juntos, da forma mais potente que suas gargantas permitiam:

- Cavaleiros de vermelho, qual é vossa magia?

E toda aquela tropa vermelho-escura de aproximadamente setenta homens respondeu de forma uníssona:

"É a cruz do meu escudo; minha espada é minha guia!"

- Cavaleiros de vermelho, qual é vossa missão?

"É partir vassoura em dois e derrubar caldeirão!"

- Cavaleiros de vermelho, por que vamos cavalgar?

"Porque queimo feiticeira e depois destruo altar!"

- Cavaleiros de vermelho, como é a guerra suja?

"É achar esconderijo e cortar pescoço de bruxa!"

Eles bateram o pé no chão, e tudo pareceu tremer.

- Cavaleiros de vermelho, por que viveis desse jeito?

"Porque honro esse dragão de éter vivo no meu peito!"

Eles bateram o pé novamente, e houve silêncio. Era a hora de o povo decidir o que aqueles homens seriam para eles.

E eles decidiram.

Milhares de pessoas começaram a aplaudir e urrar, de uma forma até mesmo descontrolada, e extremamente emocional.

As pessoas pulavam, jogavam coisas na arena, assobiavam.

Era um completo pandemônio, em uma completa e afoita loucura diante da força daqueles homens, como não se via há muito tempo.

Sabino von Fígaro, entre a multidão, olhava a figura sorridente do hoje velho Athos e observava preocupado tudo aquilo, pois lembrava bem daquele tempo. Tempos de guerra. Entretanto, por mais triste que sejam tempos de guerra, Sabino não poderia ser hipócrita de não admitir para si que *gostava* deles. Pois eram os tempos em que mais *precisavam* dele. E ele estava de volta à guerra.

Na verdade, toda Nova Ether parecia também estar.

Os soldados haviam parado de marchar.

O corneteiro, ao centro, tocou quatro acordes que todo arzallino era obrigado a conhecer e reconhecer. O povo ficou quieto e, se alguém havia sentado, ali se pôs de pé. As pessoas mantiveram sua expressão mais séria.

E colocaram-se em postura. Aqueles que não eram de Arzallum sabiam o que aquilo significava e se calaram em

respeito ao território onde eram visitantes.

Os tambores foram ritmados nos primeiros acordes.

Seguiram-se os bumbos. E, quando o primeiro prato ecoou, todo arzallino inspirou fundo e colocou a mão direita à frente do peito, na altura do coração.

E, da forma mais profunda que conseguiam, cantaram em uma única voz o hino de Arzallum.

Áxel Branford estava parado na entrada que levava à arena.

Sua mão direita ainda estava à frente do peito. Os pelos estavam eriçados. E havia lágrimas em seus olhos.

- É bonito o hino de Arzallum... - disse William, se aproximando.

- É bonito Arzallum.

Ao fundo, os soldados deixavam a arena, e a área ao redor do ringue era liberada para que o povo invadisse os arredores da arena de maneira eufórica. O falatório e o barulho de todo aquele mundo de pessoas e emoções voltaram a vibrar. O corneteiro voltou a comandar o espetáculo.

E, logo, o povo começou a berrar, mas berrar muito.

- É, Branford - disse William, sentindo um nó no estômago que parecia torcer suas entranhas. - Agora não há mais volta.

Áxel concordou com a cabeça. Estalou quatro dedos em um único movimento. E pareceu sorrir.

Do lado de fora, os mastros erguiam as bandeiras de Cálice e Wherons, convocando seus pugilistas para o espetáculo

começar.

- Ai, no meio da cara! - disse João Hanson, um pouco mais animado do que anteriormente. Ariane, ao seu lado, também estava bem excitada com a competição.

- Caraça, João! Esse gordão de Cálice tá trucidando o outro!

- O outro cara é bom. O problema é que o gordo não sente os golpes dele.

Guille Clain, o guerreiro de Wherons, mostrava na arena muito bem o que o jovem Hanson dizia. Hermanno Gonta, o lutador de Cálice, era um lutador de mais ou menos cento e vinte quilos, e boa parte deles devido à gordura no corpo. Era um alvo fácil, muito fácil de acertar, e sua agilidade era quase nenhuma; em compensação, sua força física era descomunal.

Cada soco parecia um tiro de canhão. Até mesmo quando o imenso pugilista defendia os golpes aquilo doía! E por mais que Guille batesse e batesse e batesse, o imenso adversário parecia não sentir e ainda bater mais forte de volta.

- Ai... - lamentou João Hanson - ...outro bem no meio da cara!

Na sala dos lutadores, Áxel Branford se alongava. Era possível escutar o povo comemorando um nocaute, e ninguém precisava ver para acreditar que o lutador de Wherons deveria ter sido derrotado.

- O que viemos fazer aqui? - perguntou o treinador Melioso, entre um alongamento e outro de seu pugilista.

- Vencer - respondeu Áxel, feito soldado.

Outro alongamento.

- O que viemos fazer aqui?

- Vencer.

Um representante do Punho De Ferro entrou na sala e gritou:

- Stallia e Ofir!

O lutador de Stallia, Gilberto Alliano, era um pugilista que mais parecia um galã de peça de teatro do que um pugilista.

Era alto, de cabelos negros. O tipo de pugilista com carisma suficiente para chamar uma boa dose do público feminino

para uma arena de pugilismo. Do outro lado da sala,

Ruggiero, que ainda se mantinha sentado de olhos fechados, abriu os seus olhos puxados.

A sala toda parou tudo o que estivesse fazendo.

Ruggiero ergueu-se com a expressão séria e retirou seu roupão. Quando o roupão caiu, ele revelou uma imensa tatuagem que possuía nas costas e fez a sala inteira arregalar os olhos. Era um desenho em preto-e-branco, mas era um desenho... lindo. Era um dragão; parecia ser. Mas não um dragão qualquer, era um dragão em uma forma que eles nunca, nunca haviam visto. Parecia um lagarto, ou uma serpente, ou um cavalo-marinho. E havia ideogramas próximos a ele, que ninguém ali imaginava o que poderiam significar.

Sob aqueles olhares curiosos, Ruggiero caminhou na direção da saída, enquanto Gilberto observava assustado aquele ser

tão curioso e diferente de todos naquela sala.

Ninguém disse uma única palavra.

Assim que o guerreiro oriental deixou a sala, tudo voltou ao normal.

- O que viemos fazer aqui?

- Vencer.

- O que espera dessa luta, senhor Rumpelstichen? - perguntou Rei Collen, de Tagwood.

- Com todo o respeito ao lutador de nossos honrosos Coração-de-Neve aqui presentes, acredito que a luta não durará um único round inteiro.

Os Reis ao redor se surpreenderam. Menos Rei Alonso, que parecia alheio à conversa, embora fosse seu pugilista quem estivesse entrando na arena. Branca, vendo a reação do pai, ou a falta dela, tomou a palavra:

- Senhor Rumpelstichen, com todo o respeito a Ofir, mas Gilberto já derrotou homens que disseram ser invencíveis, em situações completamente adversas. Uma vez, ele derrotou um antigo campeão debaixo de uma nevasca que colocou a temperatura a um frio abaixo de zero!

- Vossa Alteza, futura Vossa Majestade, com todo o respeito, mas vosso lutador irá conhecer hoje o que é adversidade...

Branca olhou para Anísio, que ergueu as mãos abertas, sem saber o que dizer.

Já os olhos de Alonso Coração-de-Neve continuavam apenas

na interessante figura da mulher ao seu lado. E o sorriso daquela misteriosa mulher também era notado pela princesa.

Um sorriso *estranho*. Um interessante sorriso capaz de aquecer um Coração-de-Neve e, ao mesmo tempo, congelar outro.

Na arena, o juiz ordenou o início da luta.

Gilberto, de Stallia, gingou um pouco, esperando uma aproximação. Seu oponente exótico manteve-se quieto, à espera dele. Aquilo era estranho para o stalliano; pugilistas não costumam se manter serenos dentro de um ringue, mas sim eufóricos e hiperativos.

O povo estava adorando aquilo. Ruggiero, para toda aquela multidão, era uma atração à parte. Era o Homem Que Veio dos Céus. Aquele Dos Olhos Rasgados. O Guerreiro Amarelo.

E aquele desenho de um dragão diferente em suas costas era algo tão fascinante quanto assustador. As pessoas conversavam sobre a figura, e adolescentes recebiam negativas dos pais quando sondavam a possibilidade de terem uma daquelas tatuagens em suas costas também.

E então Gilberto, cansado de esperar e com a adrenalina a mil, partiu para cima do adversário. Normalmente, um pugilista ocidental se esquiva de golpes em sua direção e tenta responder em contra-ataques comparáveis com o ataque recebido, ou em uma escala um pouco superior em velocidade e força.

Surpreendentemente, o pugilista oriental, não.

Para desespero de Gilberto, ele não desviava dos golpes em sua direção. Ele os *aparava*. Um atrás do outro. Um atrás do outro. Movia-se como uma garça; leve, como se fosse um bailarino se apresentando. Gilberto socava e socava e socava.

E o guerreiro, com as palmas das mãos, desviava seu braço para um lado ou outro, de uma forma que o Ocidente nunca, nunca havia visto.

A multidão foi ao delírio com aquilo.

Até mesmo os soldados que estavam controlando a multidão ao redor da arena se espantaram com a movimentação daquele guerreiro. Era como se ele... previsse os movimentos do outro.

Como se ambos fossem parte de uma única luta, de uma única coreografia, de uma única dança. Como se ambos fossem parte de um grande todo, e tudo o que existia ali passasse a ser também.

E, então, o primeiro *round* parecia quase no fim. Gilberto havia *tentado* acertar seu adversário por dezenas de vezes, e sua energia parecia se voltar contra ele. O pugilista oriental não havia desferido um único soco ainda, mas Gilberto sentia os músculos doerem.

E, então, ele escutou o grito.

Ruggiero aparou seu último golpe, o que se acreditava que seria o último soco daquele round que tanto o havia desgastado, e ele viu o oriental armar um soco com o punho

virado de lado, na vertical. Ruggiero inspirou com força, e o mundo pareceu congelar, enquanto tudo o que pulsava com a vida humana era concentrado naquele punho.

E, então, se ouviu o *kiai!*

Eu não faço a menor ideia de como reproduzir um negócio daqueles. Se fosse tentar, acho que sairia algo esquisito como:

"Gréééééaaaaah!!!" ou um grunhido do tipo, só que muito, muito mais alto e intenso do que um grunhido. Um som que lembrava um som de um animal. Mas não qualquer animal.

O som que lembrava o som de um dragão.

O soco acertou Gilberto no peito com tanta força, mas com tanta força, que o pugilista de Stallia cruzou todo o ringue, e foi arremessado para fora. Seu corpo foi parar no meio da multidão ao redor, que o segurou, impedindo que caísse de cabeça no chão. A capitã Bradamante e mais três soldados correram até lá, e as pessoas abriram um círculo com medo do estado do derrubado. O rapaz estava com os olhos arregalados de um ser humano que entra em choque. E, então, ele inspirou forte, como se tivesse saído de dentro d'água, e colocou a mão no peito para ter certeza de que ainda estava vivo. Sentou-se, enquanto uma equipe médica corria até ele para atendê-lo.

Quando as pessoas perceberam que o guerreiro estava vivo, voltaram a relaxar um pouco de toda aquela tensão que havia se instalado. E, então, suas atenções se voltaram para o guerreiro no centro da arena, ainda parado na posição de seu

último soco, com o punho direito tremendo na posição do soco.

Logo, o punho parou de tremer. O guerreiro se recompôs, e olhou na direção de Gilberto.

E, pela primeira vez em toda a história, Ruggiero viu Bradamante.

O pugilista de Ofir juntou um punho fechado a outro aberto e fez um movimento de reverência na direção do adversário derrotado. Bradamante quase jurou que a reverência parecia para ela.

O juiz, tão assustado quanto todos ali, também se recompôs e foi até ele para considerá-lo o vencedor do combate. No momento em que o braço do oriental foi erguido, o povo enfim saiu do choque em que estava. E começou a urrar, em uma intensidade ensurdecadora. Berrando como lobos.

Rosnando como dragões.

Ruggiero não era mais apenas o Guerreiro Amarelo. Não era mais apenas o Homem Que Veio Dos Céus nem Aquele de Olhos Rasgados. Ele agora era o Homem Que Gritava Como Dragões.

Ruggiero agora tinha um nome para aquele povo.

E, debaixo de uma ovação impossível de ser esquecida, havia nascido o Dragão Oriental.

- Quantas lutas ainda faltam para o Áxel entrar? - perguntou

Anna Narin.

- Três - respondeu uma Maria Hanson tensa.

- Ainda faltam três? - insistiu Anna.

- Só faltam três...

Na saída da sala dos lutadores, os pugilistas Pablo Hartas e Detre Dimitri estavam apenas esperando a autorização para entrar na arena. Hartas, com um sorriso cínico no rosto, típico do jeito debochado e provocativo dos mosquetenses que costumam irritar seus adversários antes das lutas, perguntou:

- Desculpe a ignorância... é que em Mosquete a geografia não é o nosso forte, mas... de onde mesmo você é, pugilista?

- De Aragon - respondeu Dimitri, irritado.

- "Eragon"? - Hartas apertou os lábios, em mais uma careta irônica. - É... aqui nós nunca ouvimos falar disso não...

- Eu disse *Aragon!*

- Ah...

A escuridão começou a tomar conta da Arena, e tochas foram acesas em diversos pontos. O espetáculo, iluminado pela luz do fogo, deixava o ambiente bonito. E quente. A luta entre os pugilistas de Mosquete e Aragon se iniciou. Mas ninguém parecia percebê-la. Ninguém queria percebê-la. Seus pensamentos estavam distantes dali.

Na arena, uma luta até de certa forma violenta se dava, mas seus corações estavam ansiosos à espera de outra além daquela ali.

- Teu representante parece nervoso, Rei Adamantine - disse

Rei Collen, sentado ao lado do Rei de Aragon.

Rei Collen suspirou.

- Sei que pugilistas de Mosquete costumam provocar seus adversários. Dimitri apenas parece alterado.

- Na verdade, ele parece estar é levando uma bela surra...

Mas nem mesmo os Reis pareciam estar prestando mais atenção àquele combate.

Na sala dos lutadores, o treinador do pugilista Hermanno Gonta entrou apressadamente no recinto e disse a seu campeão de Cálice:

- Mosquete venceu! Amanhã você enfrenta Hartas.

O obeso pugilista apertou os dois punhos, estalando diversos dedos ao mesmo tempo, com um sorriso satisfeito. Do outro lado, observado pelo tímido pugilista de Brée, Áxel Branford ainda se mantinha em constante movimento.

- O que viemos fazer aqui? - perguntou Melioso.

- Vencer.

Um dos representantes do torneio voltou à sala e convocou:

- Albion e Orion.

Os pugilistas já estavam de pé, a postos. Caradoc, de Albion, era de altura mediana e usava um corte militar, com postura de soldado. Begnard, de Orion, já era mais alto, usava uma barba crescida, cabelos crespos cheios e um corpo de quem parecia passar a maior parte de seu tempo em tabernas quando não estava trocando socos. Ou que trocava socos até dentro

delas.

Quando os dois saíram da sala, o treinador disse a Áxel:

- O próximo é Minotaurus.

- Eu sei.

Ao fundo, Áxel trocou olhares com o soturno Radamisto. O gigante branco mantinha uma expressão fechada e não dizia nada. De vez em quando, socava uma parede ou uma pilastra e fazia o salão tremer.

- Tomara que teu pugilista não durma na arena, Rei Acosta - a provocação vinha de Rei Midas, de Gordio.

Alguns presentes sorriram. Rei Acosta sentiu o estômago ferver, ao segurar a raiva que lhe trazia toda provocação daquele desafeto mesquinho em relação à sua Rainha amada.

Rei Anísio, para evitar que aquilo progredisse, tomou a palavra:

- Qualquer um que vencer esse combate deve se preparar psicologicamente. Afinal, o vencedor enfrentará o pugilista de Ofir.

- O... como a arena o está chamando mesmo?... "Dragão Oriental"? - perguntou, com seu eterno desdém, Ferrabrás.

- Algum problema com a figura de Ruggiero, Imperador Ferrabrás? - perguntou o senhor Rumpelstichen, sem saber se a utilização do termo ofenderia alguns presentes.

- Nenhuma. Nenhuma.

- Ferrabrás confia muito em seu guerreiro Radamisto, senhor

Rumpelstichen.

O barão-gnomo balançou a cabeça, compreendendo.

- Todo Rei deveria confiar em seu pugilista, não é? -

perguntou o pequeno ser.

- Eu não sou um Rei. E não trouxe um pugilista a essa arena.

Não *apenas* um pugilista.

- Ah, não? - perguntou o senhor Rumpelstichen, curioso.

- Não. Assim como o senhor, eu trouxe o futuro da nossa civilização.

- Não compreendo por completo. O senhor trouxe um pugilista que acredita ser superior a todos os outros, é isso?

- Eu trouxe um homem que *sei* que é superior a todos os outros.

- Uma evolução de guerreiro?

- Uma evolução da raça humana.

O senhor Rumpelstichen ficou pensativo. Os outros presentes, ao menos os Reis *humanos*, sorriram de ironia, mas nada disseram.

- Para nós, gnomos, juro que é extremamente interessante tentar entender a forma de vossa raça pensar. Para o meu povo, uma evolução da raça jamais seria mostrada com punhos, mas com ideias e livros.

- E é por isso que, quando precisam de poder para concluir o que escrevem, vossa raça tem de voar por aí até onde o poder realmente está.

O barão-gnomo se calou. Era a primeira vez, desde que aquele pequeno havia chegado, que alguém conseguia deixá-lo sem resposta.

- Ih... - disse Ferrabrás, com seu ar despreocupado e debochado. - O pugilista de Albion caiu...

- Caraça, João, o barrigudo derrubou o pugilista bonitinho!

- Também. Depois desse porradão, acho que ele não vai ser "bonitinho" nunca mais!

- Ah... - ela mostrou a língua para ele. - Você tá com inveja...

- Ô... agora você me pegou...

- Pô, João! Reage, pô! Hoje você tá todo... sei lá... parádão.

Você não é assim!

- Nem sempre as pessoas são como a gente pensava que eram, Ariane.

Ariane se calou, tentando entender a colocação.

E, então, uma parte da Arena de Vidro começou a fazer muito, muito barulho. Todo o resto começou a vaiar aquela minoria barulhenta, mas isso não inibiu nem um pouco aquele grupo significativo. Justificável. Duas bandeiras haviam sido erguidas no mastro.

Era a hora de Minotaurus entrar na Arena.

Maria Hanson estava preocupada com seu irmão. Mas o sentimento que mais a corroía era que *também* estava preocupada com Áxel Branford. E a preocupação com o príncipe de Arzallum, por mais que ela odiasse admitir para si

própria, estava à frente nas prioridades de suas preocupações.

- Maria...

- Só falta mais uma...

- Minotaurus e Tagwood.

Etto, o guerreiro negro de Tagwood, ergueu-se. Era alto, mas

ainda assim era mais baixo que o gigante branco. Quando

Radamisto se ergueu, o pugilista de Tagwood prendeu a

respiração e engoliu em seco. Mais uma vez, todo o salão

parou tudo o que estava fazendo, inclusive Áxel Branford. E

esperou que os dois se retirassem.

Radamisto não emitiu uma única expressão em seu rosto sério

e sem vida.

Um representante do torneio se aproximou de Ruggiero,

sentado em sua posição de lótus:

- Senhor Ruggiero, o vencedor do combate anterior, e que o

senhor enfrentará no dia de amanhã...

- Não importa.

O homem travou, assustado. Ruggiero completou:

- Eu irei enfrentar amanhã quem estiver no meu *dharma*. Não

me importa quem tenha sido escrito nessas linhas.

Tão curioso e confuso quanto todos os presentes, o

representante da Confederação Real de Pugilismo concordou

com a cabeça e deixou a sala, seguido por Etto e Radamisto.

- O que viemos...

- Vencer.

- Putz-grila! - exclamou Ariane. - Olha o tamanho do lutador de Tagwood.

- O de Minotaurus é ainda maior...

Maria Hanson estava com a pressão arterial tão alta, que parecia prestes a entrar em colapso.

- Maria... - sussurrou Anna Narin. - O pugilista de Minotaurus é um monstro!

- É... - disse uma Maria Hanson com o olhar esbugalhado e uma voz irreconhecível.

Da sala, Áxel escutou o início da luta. Sua adrenalina parecia que iria afogá-lo dentro de si, enquanto ele se movimentava como um bicho.

- O que...

- Vencer!

E a Arena de Vidro *tremeu* com um direto de direita, que fez as estruturas se mexerem.

Do lado de fora, era possível montar um cenário fictício do que estava acontecendo lá dentro, apenas seguindo os gritos.

Eram gritos eufóricos; brados que traziam um misto de prazer ancestral com ufanismo exacerbado. Um espetáculo que mexia com todos os sentidos e instintos humanos, tantos os mais visíveis quanto aqueles mais ocultos.

Etto estava representando bem seu Reino. Estava resistindo o que podia diante de socos que lembravam o som de trovão. A cada soco que recebia e sentia o corpo dobrar, a cada osso que

estalava pelo rachar, em um canto daquela arena, Ferrabrás sorria. Radamisto batia e batia e batia. Etto, com dentes e nariz sagrando, socava de volta, e as pessoas fechavam os olhos quando viam o rosto do guerreiro branco se deformando e se perguntavam por que diabos ele parecia ignorar qualquer dor.

E então Radamisto batia de volta, e Etto perdia mais uma costela, ou mais um dente. O treinador do guerreiro negro olhava nervoso para onde se sentavam os Reis, sem saber se deveria parar a luta ou continuar assistindo àquele trucidamento. Dentro de si, porém, sabia bem que Rei Collen iria preferir ver seu pugilista arreventado dentro do ringue do que dar o prazer a Ferrabrás de vê-lo passar pela humilhação de pedir a desistência do combate.

- Honra & Glória! Honra & Glória! Honra & Glória! - repetia em brados a eufórica torcida de Minotaurus.

Haviam comparecido em bom número e ocuparam a ala direita das arquibancadas. Minotaurus tratava-se de um povo muito vibrante e com um culto à bandeira da própria pátria, o que era traduzido na figura daquelas pessoas fazendo tanto barulho, embora fossem minoria perante toda a arena, que ainda lhe vaiava. Infelizmente, essa euforia costumava ser acompanhada de uma torcida que não era apenas fanática por sua bandeira, mas também violenta. Qualquer competição que contasse com algum representante daquele povo, já contava

com uma segurança que deveria esperar por seus torcedores sem limites.

Jab. Direto!

Dois movimentos rápidos do gigante de cabelos raspados.

Etto ficou temporariamente cego de um olho, viu estrelas e mal soube dizer quantas pessoas passou a enxergar dentro do ringue.

- Honra... Glória... Honra...

Radamisto correu e armou um *uppercut*. Percebendo que o combate já havia chegado ao fim, para desespero de seu Rei, o treinador do pugilista de Tagwood arremessou uma toalha no chão. O juiz chegou a *tentar* fazer a sinalização.

Radamisto não interrompeu o golpe.

O soco atingiu o queixo de Etto com uma violência tão grande, mas tão grande, que todos os dentes da frente do adversário racharam e o maxilar ESTALOU. O corpo do atacado subiu um pouco e tombou como um saco de batatas.

Os minotaurinos nas arquibancadas urraram feito lobos, e seria mentira dizer que não eram um pouco assustadores aqueles uivos.

No centro do ringue, Radamisto ergueu um dos braços e manteve-se com sua típica expressão fechada.

No lugar dos Reis, Rei Collen precisava segurar a raiva de ter visto seu pugilista ter pedido a desistência e ter sido nocauteado por um mino- taurino. E foi de lá que Ferrabrás,

sentado a apenas dois lugares de Anísio Branford, sorriu.

- Teu lutador tem grande força física, Ferrabrás... - disse Rei Tércio.

- Radamisto foi treinado para obter as mesmas características de um carvalho, Rei. Ele não é apenas o campeão de uma nação; ele é seu símbolo.

- Um símbolo de força? - perguntou Rei Segundo.

- Um símbolo de perfeição. Radamisto está acima de outros, porque foi preparado para estar acima de todos eles.

- Tal superioridade autoproclamada se baseia em uma auto-confiança excessiva ou no já conhecido ufanismo exacerbado de Minotaurus?

- Em nenhum dos dois, Rei Collen. Inclusive, afirmo a Vossa Majestade que não é vergonha alguma vosso representante sair sobre uma maca. Radamisto, insisto, foi preparado para ser tudo que o ser humano almeja.

- Achas que o espírito humano almeja apenas tornar-se mais imponente, Ferrabrás? Se assim o fosse, deveríamos queimar pintores, enforçar atores e algemar poetas.

- Rei Segundo, na verdade *deveríamos* fazer isso. Pintores só nos servem para eternizar o busto dos vitoriosos. Poetas enfraquecem a alma humana. Atores distraem a mente que guerreia.

- E quando a mente do guerreiro não está em guerra?

- A mente do guerreiro *sempre* está. O corpo pode não estar na

guerra momentaneamente, mas a mente sempre está.

- Deve ser triste viver para a guerra... - disse Rei Tércio.

- Não, deve ser triste não saber viver para ela. De que adiantarão artistas quando um exército de verdade resolver tomar Brée? Suas doze princesas serão feitas escravas e dadas como cadelas a soldados de verdade. E o que farão os poetas? Descreverão o ato com belas palavras?

Loki, o Rei de Brèe, mordeu o lábio inferior, tentando buscar uma resposta à altura.

Infelizmente, não encontrou.

- Da minha parte... - continuou Ferrabrás - ...se estivesse no lugar de Rei Loki, em um momento de guerra arremessaria corpos de artistas em catapultas e usaria suas cabeças como balas de canhão.

- Então... - tomou enfim a palavra Rei Anísio Branford -
...realmente não acredita na paz, Ferrabrás?

- Apenas quando uma nação reinar soberana sobre todas as outras. Sem nenhuma que lhe escape nem lhe desafie.

- Não me refiro à paz embaçada pelo vislumbre de um Império. Refiro-me à paz alcançada pelo espírito humano.

- Falamos do mesmo estado de espírito - insistiu Ferrabrás.

- Não, não falamos.

- Só existe um tipo de paz.

- E, pelo visto, tu não o conheces.

Houve um silêncio. Parecia que cada palavra tornava o clima

mais constrangedor. Os homens mais importantes do mundo estavam reunidos em um pequeno espaço, e o mais perigoso disso tudo era que uma ofensa entre eles não era resolvida com alguma briga apartada pelos outros.

Era resolvida com mortes de soldados e inocentes de duas nações.

- Por que foi mesmo que chegamos a essa produtiva discussão? - perguntou Ferrabrás. Na arena, serviçais estavam abaixando as bandeiras de Minotaurus e Tagwood.

- Porque tu afirmaste que Radamisto era um ser superior aos homens das outras nações - lembrou Rei Tércio.

- Oh, sim. Por favor, não tomem tal comentário como ofensa pessoal. Estou apenas compartilhando convosco o futuro...

- O "futuro"...? - perguntou curioso o senhor Rumpelstichen.

- O futuro que o Criador espera do ser humano. A evolução que nos tornará uma raça mais forte.

- E da qual acreditas que é quem guiará a humanidade?

- Acaso nosso saudoso Rei Primo, e cito aqui o primeiro nome apenas para o diferenciar dos irmãos e de seu sucessor, não soubera que deveria ser o filho de um moleiro quem deveria liderar a *Caçada de Bruxas*? Quem de vós aqui o teria escutado em tal época de pobreza?

- Interessante saber que meu pai servira de exemplo a ti em algo, Ferrabrás...

- Na realidade, ele me *inspira*, Rei Anísio. Todo líder que sabe

tomar pulso e liderar exércitos em uma guerra exerce em mim tal poder, e vosso pai não é diferente. O que não me impediria, claro, de manter nossas divergências, ou mesmo dizimar vossos escudos no campo de batalha, se um dia tais divergências tenderem ao fato.

Os serviçais que retiravam as bandeiras prenderam nos mastros as bandeiras dos próximos pugilistas.

- Imperador... - e aqui ninguém soube dizer se Anísio estava falando com seriedade ou com deboche - ...imagino como será para vós se um dia descobrires que vossa nação não é dotada de tamanha superioridade em que fazes vosso povo acreditar.

- Rei dos Reis... - também não era possível identificar a característica na menção do título por Ferrabrás - ...imagino o que será para vós se um dia descobrires que ela é.

Houve outra pausa súbita.

Na arena, os serviçais receberam autorização para erguer as novas bandeiras.

- Até o final do terceiro dia, poderemos ver então se Radamisto comprovará a regra - disse Rei Anísio.

- Ah, sim. Ele irá comprovar.

- Não, minotaurino - continuou Rei Anísio - Ele irá *tentar*.

E a Arena de Vidro começou a VIBRAR tanto, mas tanto, que era possível sentir do lado de fora a terra tremendo. O motivo era mais do que compreensível.

No alto, vibrava a bandeira de Arzallum.

Áxel Branford estava sentado em um banco de madeira, de olhos fechados, esfregando uma palma na outra, quando escutou os gritos e sentiu a terra tremer. A adrenalina estava lhe agitando tanto que ele estava tendo tiques nervosos, tremendo determinadas partes do corpo para não se manter parado.

E enfim escutou seu treinador dizer:

- É a sua vez...

Ergueu-se com a expressão fechada. Mordeu o lábio inferior e apertou os punhos. Precisava entrar naquela arena. *Precisava*.

Estava com medo, mas ao mesmo tempo estava se *alimentando* daquele sentimento.

- Arzallum e Brèe! - anunciou o representante, enquanto trazia Radamisto de volta para a sala.

Posicionou-se na saída para a arena. Seu adversário, Menoto, o pugilista de Brèe, ficou ao seu lado, observando-o temeroso.

O último adversário que gostaria de enfrentar era o campeão local, o pugilista que lutava não apenas para o seu povo, mas também para a fama que conquistara. O pugilista que mais tinha algo a provar naquele maldito torneio.

Áxel não olhava para ele. Não importava o rosto de seus adversários. O inimigo *nunca* tinha rosto. Na arena, só havia ele e o *outro*.

O povo de Arzallum começou a batucar e a gritar o nome dele. A pele se arrepiou.

Ele fez uma oração pedindo proteção ao Criador. Respirou fundo.

E entrou.

Ariane Narin estremeceu e deu um pulo, agarrando João

Hanson:

- Caraça! Caraça! Você tá ouvindo isso, João? Tá parecendo que a terra tá tremendo!

- Cara... - ele disse meio em êxtase, saindo um pouco da apatia anterior - ...eu nunca vi nada igual a isso na minha vida.

- Isso só pode dizer que...

- Que ele tá entrando...

Maria Hanson era uma pilha de nervos. Estava rodeada não mais de pessoas, mas de sentimentos. Estava eufórica, receosa, excitada, temerosa. Eram sentimentos que deveriam até mesmo se contradizer, mas partilhavam do mesmo corpo ali. E de centenas e centenas de corpos.

Como relembrando rituais primitivos de homens à espera da evolução, aquele povo batia o som de guerra a que estava acostumado para incentivar seu príncipe. Palmas ecoavam, tambores eram rufados e até mesmo centenas de pés se agitavam e pisavam firme na arquibancada acompanhando o ritmo, enquanto Áxel Branford entrava com uma expressão fechada.

Era um som tribal, que repetia em uma cadência explosiva dois sons graves, seguidos de um agudo.

Tum... tum...

Como dois bumbos, seguidos de um prato. Um som tribal.

Um som inesquecível.

Tá.

Um som semi-divino.

No alto daquela noite, pulsava mais forte uma estrela diferente. Ninguém sabia exatamente o nome dela, mas era ela quem abençoava a entrada do príncipe. E, então, a chamaram Prince, a Estrela do Príncipe.

Áxel andava dançando sob aquele som tribal cadenciado. E caminhava na direção do ringue, sob a estrela de um príncipe.

Aquilo também trazia seus instintos primitivos à tona, e isso, naquele momento, era *bom*. Era ótimo. Era tudo com que ele poderia sonhar. Seu adversário estava assustado com aquele espetáculo. Aquele povo enlouquecido, vibrando como uma só nação, e observando-o como se estivesse sendo jogado aos leões, dava *medo*. A arena inteira balançava, enquanto pessoas, que mais pareciam soldados, gritavam para o pugilista assustado:

- Uh, vai morrer! Uh, vai morrer! Uh, vai morrer!

Era um espetáculo; aquele povo e aquela torcida eram um espetáculo que arrepiou até mesmo Ferrabrás. Anísio Branford tentou se manter neutro, mas aquilo era forte; forte demais. Era como se Arzallum estivesse relembrando a todos os monarcas presentes porque era aquele Reino, e não outro,

que liderava aquele continente.

Áxel subiu ao ringue e tirou seu capuz, revelando uma bermuda com as cores da bandeira de Arzallum e as ataduras de pugilismo ao redor dos pulsos e cotovelos. E um corte de cabelo diferente dos dias anteriores: os cabelos estavam muito curtos, quase que raspados com navalha.

O povo enlouqueceu *mais*.

Maria gritou o nome dele diversas vezes, mas ele não escutou nenhuma delas. Milhares de pessoas fizeram o mesmo, e ele também pareceu ter a mesma reação. Ele só olhava para o adversário. O inimigo sem rosto. O derrotado antes de pisar no ringue.

O juiz de combate chamou os dois. Ele teve de gritar para ambos o escutarem.

- Eu quero uma luta limpa... sem golpes baixos... sem agarrões... sem se aproveitarem das cordas...

Áxel continuava agitado, e se agitando. A boca seca. O estômago queimando. A respiração ofegante. Ele *precisava* daquele início. Ele precisava daquilo.

- Eu quero uma luta que mereça... este.... espetáculo!

Os dentes trincados. Os dedos espremidos entre ataduras. As pernas trêmulas. A adrenalina a mil. Se aquele maldito juiz não ordenasse de uma vez que...

- *Lutem!* - berrou o juiz, se afastando rapidamente.

Áxel partiu rosnando como um bicho.

Jab. Jab. Direto. Jab. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto.

Uma no estômago. A segunda no estômago. *Uppercut!*

O corpo do lutador de Brée subiu e fez um arco para trás, que, para milhares de pessoas, pareceu uma imagem imensa em velocidade lenta de um mundo momentaneamente sem som.

E, então, o corpo tombou violentamente no chão, e o adversário tossiu sangue.

O juiz foi até o pugilista de Brée e, ao ver as condições do caído, desistiu até mesmo de abrir contagem, fazendo o sinal de término de combate e apontando para Áxel Branford.

Áxel demorou para *compreender* o que estava acontecendo, em choque pelo término prematuro do combate. Seu sangue ainda fervia. Ele *ainda* queria mais. Mas aquele povo enlouquecido gritando seu nome como louco possuído, e fazendo a terra tremer por uma noite, lhe servia um pouco como catarse de sentimentos acumulados e que tomavam vida própria dentro do ringue, como formas-pensamento que nasciam ali, e dali.

E então, quando o juiz ergueu seu braço direito, e ele escutou mais uma vez a ovação de milhares de pessoas em êxtase diante de um homem adorado como um novo avatar, seu raciocínio pôde sair do combate terminado e buscar os camarotes. Milhares de pessoas ainda gritavam o nome dele, e o mundo não parecia exatamente *real* em tal situação.

O fato era que Áxel Branford havia batido o recorde do

nocaute mais rápido da história do Punho De Ferro, mas nem havia percebido ou se importado.

Seu olhar, dali de onde estava, só percebia naquela noite empolgante o irmão Anísio Branford e seu desafeto Ferrabrás.

E o mais interessante era que o príncipe *ainda* não sabia distinguir para qual dos dois ele tinha mais a provar.

15

Em Andreeanne havia um local isolado, onde grupos de jovens que sobreviviam nas ruas se encontravam. Ele se localizava no subúrbio, não muito distante do cais. Havia um beco, que dava em antigo casarão de um alfaiate falecido. Diziam que o alfaiate havia sido assassinado; mas o que importava era que ele havia falecido, e ninguém viera tomar posse daquela casa até hoje.

Logo, todos os dias, garotos na faixa etária entre treze e vinte anos se reuniam ali no final de cada dia. Alguns contavam sobre o modo como escaparam de guardas reais naquele dia. Outros tripudiavam de nobres que haviam sido vítimas de seus ataques. Outros contavam histórias sobre tragédias, envolvendo pais alcoólatras, mães adúlteras, irmãos mortos e coisas do tipo. Quase todas histórias reais.

Algumas vezes aconteciam desentendimentos, que culminavam em surras ou cortes. Se um ser humano vive da violência, também será essa a única forma pela qual saberá se comunicar. Entretanto, ainda que a princípio pareça não haver afeto em convivência tão violenta, ali havia o mais próximo desse sentimento a que aqueles adolescentes poderiam chegar. Porque, de certo modo, aquele era o único conceito de *família* que eles conheciam.

Um triste conceito, é verdade, mas é melhor um ser humano

agarrar um conceito triste do que conceito de identidade nenhum.

Para uma pessoa de bem, porém, caminhar por aquele lugar cortava o coração. Era mais do que triste; era doloroso observar dezenas de jovens destruindo suas vidas, principalmente por não saber o que fazer com elas. Jovens viciados com tão pouca idade, usando drogas que até mesmo adultos pensavam duas vezes em utilizar.

A principal delas, o terrível *pó-de-fadas*.

Essa droga era um pó branco, que havia surgido na década anterior em Nova Ether. Diziam que navios piratas a trouxeram de uma terra que não deveria existir, mas o fato é que ela existia, e sabe-se lá como eles descobriram tal fórmula para transformar o que deveria ser uma desnecessária descoberta passageira em um negócio ilícito extremamente lucrativo.

O pó-de-fadas era inserido no corpo através das cavidades nasais: o usuário inspirava aquilo, normalmente com tanta força que o efeito era quase que imediato. Diziam nas tabernas aqueles que já o haviam utilizado (e esse número é sempre bem maior do que se pensa a princípio) que uma pessoa era *capaz de voar* sob o efeito de tal substância.

E, ali naquele triste lugar, o que se via eram dezenas de jovens sob tal efeito. Alguns permaneciam deitados, e havia sorrisos em seus rostos. Sorrisos de crianças. Suas mentes, porém,

pareciam muito distantes dali, viajando por mundos etéricos que só alcançavam através de tal artifício. Como dito antes: tudo esbarrava na ignorância sobre o sentido da vida e o conhecimento do mundo. Pois o preço daquele vício era a abertura de buracos e destruição no próprio cérebro; a mesma chave para a mente que poderia fazê-los tocar em mundos muito mais ricos e seguros se eles soubessem outras formas - muito mais fantásticas - de fazer isso.

E imaginem o que era para um grupo de adolescentes violentos como esse ver sua porta escancarada e a entrada de um estranho. Na verdade, de dois. Snail Galford entrou naquele ambiente vestindo seu sobretudo de muitos bolsos falsos e com uma expressão fechada de poucos amigos. Liriel Gabbiani mantinha uma expressão parecida, mas não tinha nem um terço da segurança de seu parceiro.

A reação de todos os que não estavam viajando em outra órbita foi correr para pegar suas...

- Guardem as facas - disse Snail.

Os garotos se olharam, pensativos. Snail não parecia um guarda real, mas isso nada significava também. Olharam para Liriel e continuaram sem saber o que pensar. Um dos garotos, que estava no meio do caminho entre o mundo *real* e o mundo em que estava prestes a entrar, fungou e correu para pegar um facão enferrujado no chão.

Foi quando uma lâmina girou tão rápida e tão violentamente,

que cruzou aquele salão até se cravar na parede. Alguns

adolescentes deixaram cair suas facas de susto.

- Eu disse: guardem... suas... facas.

- O que você quer? - perguntou um garoto de franjas e roupas surradas, com não mais que quinze anos. Snail percebeu que, se aquele não era o líder do grupo, pela coragem de ser o primeiro a falar em pouco tempo teria essa função.

- Como é o seu nome, filho?

O garoto fechou a expressão, como se tivesse sido ofendido.

- Não interessa!

Ele fez um sinal a um segundo, que correu para pegar o mesmo facão enferrujado no chão. No momento em que o garoto iria tocar o cabo, a faca se *afastou* dele, como se tivesse vida própria.

O garoto gritou. A maioria deles também.

- Essa garota aqui presente é uma bruxa - disse Snail. Aquela frase fez qualquer um com consciência suficiente para entendê-la tremer. - Se ela quiser, ela pode dizer palavras obscuras e incendiar isso aqui antes que vocês pensem em correr. Ela pode urinar nos seus ossos e, com isso, impedir que vocês entrem até mesmo em Aramis e fazer com que suas almas fiquem vagando por aí sem corpos, como servos das bruxarias dela. Ela pode cortar seus cabelos e enfeitar bonecos de vodu com eles. Ela pode dar um beijo em qualquer um e depois arrancar a língua de vocês com os dentes. - Até Liriel

sentiu arrepios. - Vocês querem saber como é a sensação de ver uma pessoa arrancar seu couro e dar de alimento a cães famintos de um olho só?

Nenhum deles respondeu.

- Como é o seu nome, filho? - ele perguntou para o mesmo garoto.

- Twist, senhor - disse uma voz trêmula.

- Twist... - disse Snail, entre suspiros. - Me diga, garoto: como vocês conseguem pó-de-fadas?

- Através de...

Sentindo o receio do garoto em continuar, Liriel se aproximou, mostrando os dentes em um sorriso macabro.

- Através de "trabalhos"! É o nosso *pagamento*...

- Que tipo de trabalhos?

- O que nos pedirem pra fazer.

Snail aquiesceu. Sabia do que eles estavam falando:

traficantes. Traficantes que se utilizavam de trabalho quase infantil para manter um sistema que se iniciava com piratas e terminava na alta corte. E ele sabia porque já havia vivido aquilo. Uma vida que ele cada vez mais queria deixar para trás.

- Certo. Vamos fazer o seguinte: eu vim aqui hoje para oferecer a vocês uma nova forma de vida. Talvez vocês gostem do que eu tenha a dizer; talvez não. De qualquer forma, a única coisa que eu peço é que vocês me escutem e,

depois, decidam por si próprios.

Os garotos voltaram a se olhar, pensativos.

- Temos um acordo?

Como ninguém dizia nada, o jovem Oliver tomou à frente do grupo e disse:

- Pode contar...

Snail Galford se sentou com as pernas cruzadas, como se todos ali fossem de uma única família, e começou sua narrativa.

E, pouco a pouco, em cada palavra, em cada detalhe da história que Snail começou a contar, aqueles adolescentes começaram a prestar uma atenção cada vez maior. Liriel, que não conhecia aquela narrativa, juntou-se ao grupo. E ali, no meio de dezenas de adolescentes perdidos, Snail Galford tocou-lhes o coração de uma maneira profunda, que violência alguma jamais será capaz de conseguir encostar.

Adolescentes sorriram ao descobrir uma forma muito, mas muito mais fantástica de tocar em mundos de éter, melhores ou piores do que aqueles em que viviam. Porque descobriram que o ser humano é dotado de sonhos tão poderosos, que são capazes de manter mundos vivos dentro de si. E muito além de dentro de si.

Existem histórias que podem mudar o mundo.

16

Branca Coração-de-Neve caminhou na direção do quarto onde estava alojado o pai, no Grande Paço. Estava um pouco preocupada. Havia visto o pugilista de Stallia ser massacrado pelo pugilista oriental de Ofir, mas não se importava muito com isso. Na verdade, admitiria até mesmo a uma melhor amiga - se tivesse uma - que se sentia muito mais ligada ao sentimento de êxtase que foi ver Áxel Branford vencer no primeiro dia por Arzallum. Afinal, ela era a princesa de Stallia.

Mas, em pouco tempo, seria a Rainha de Arzallum.

Entretanto, sua preocupação esbarrava em seu pai. Rei Alonso já havia se tornado distante e mostrava uma psique abalada.

Tornara-se recluso, desmotivado, desconcentrado. Um homem desprovido de alegria; um homem triste o suficiente para se tornar incapaz de chorar. Ver seu representante ser eliminado no primeiro dia por um pugilista vindo do outro lado do mundo e se tornar motivo de escárnio entre seus iguais não iria ajudar em nada uma possível recuperação.

Era nisso que Branca pensava quando entrou preocupada naquele quarto. E seu queixo quase caiu.

- Branca... oh... olá, Branca - disse um Rei ainda distraído, mas muito mais agradável do que nos últimos tempos.

Branca não respondeu. À sua frente, seu pai postava-se diante

de um espelho e passava alguns nós por uma gravata que acompanhava um surpreendente traje de gala. Assobiava enquanto a amarrava, observava-se orgulhoso e tinha uma expressão jovial no rosto marcado.

- Pai...

O Rei continuava assobiando sem olhar para ela e, sem explicação, desamarrou o nó que havia dado anteriormente na gravata. E então, de repente, virou-se na direção da filha e disse:

- Branca! Oh, olá, querida! Não a tinha visto aí ainda...

Branca continuava embasbacada. O Rei voltou a assobiar e refez o nó, dando-se agora por satisfeito, embora de longe parecesse exatamente idêntico ao anterior.

- Pai! Por que o senhor está vestido assim?

O Rei parou o que estava fazendo e a observou com expressão surpresa.

- Como é, querida? Vestido assim como?

- Do jeito que você está vestido, pai! - exclamou a princesa, perdendo um pouco a compostura.

O Rei se observou no espelho surpreso. Era a mesma expressão que um homem teria se percebesse que estava nu e de repente se visse, no segundo seguinte, bem vestido.

- Ei, olhe que belas roupas! Eu fico bem em roupas como estas, não é verdade?

- Pai...

- O que acha do nó desta gravata, querida? Está um pouco esquisito, não está?

O Rei já ia mais uma vez desfazer o nó, quando Branca engrossou o tom de voz para ver se a mente dele ao menos se mantinha *concentrada* nela.

- Pai! Por que você está vestido assim?

- Ora, querida, acaso um homem poderia aceitar um convite de jantar mal-vestido?

- "Jantar"? - exclamou Branca, ainda mais surpresa. - Mas jantar com quem, pelo Criador?

- Comigo - disse uma voz, fria como um vento matinal.

A mulher entrou, em um longo vestido de gala, requebrando os quadris. Em saltos altos. Branca a reconheceu de imediato. Era a mesma mulher que vira se sentar ao lado de seu pai durante o Punho De Ferro. Ela caminhou na direção da princesa e a pegou de surpresa ao segurar sua mão e encostar seu rosto no dela, como um beijo de cumprimento entre parentes.

- Condessa Helena Bravaria, com muito prazer.

Branca não disse nada, ainda surpresa.

- Seu pai lhe contou sobre o jantar que temos hoje, querida princesa? - ela disse, com o sorriso mais falso que Branca já havia visto em toda a vida.

- Ele estava *tentando* me dizer...

- Ah, olá, querida condessa! Doce, doce condessa. Já te

disseram que esse vestido só entendeu sua existência quando tu o vestiste?

O Rei pegou a mão da condessa e a beijou. Branca mal reconhecia o pai, ou ao menos o que ultimamente *estava* sendo seu pai.

E foi assim, estupefata, que ela viu Rei e condessa saírem de braços dados daquele quarto, enquanto Alonso Coração-de-Neve lhe dizia:

- Branca, querida, não me espere para jantar hoje, está bem?

Branca Coração-de-Neve parecia que há tempos já não sabia mais o que esperar de seu pai.

17

Rei Anísio Branford estava em seu quarto, lendo manuscritos com conhecimentos que ele poderia precisar saber. Bateram na porta duas vezes, e ele interrompeu sua leitura para autorizar a entrada do visitante.

- Com licença, Majestade...

Anísio se surpreendeu com a entrada de Sabino von Fígaro, seu Conselheiro Branco.

- Professor Sabino?

- Peço desculpas pela falta do protocolo, Rei Branford. Pela surpresa, vejo que deveria ter pedido para me anunciarem antes.

Rei Anísio mudou a expressão.

- Não te preocupes, Conselheiro. É que achei que se tratava de princesa Branca.

- Compreendo; admito que, para uma pessoa que espera ver alguém como a princesa dos Coração-de-Neve, ver outra tão menos afeiçoada deve ser realmente um choque.

Anísio sorriu.

- Mas o que te traz aqui, Conselheiro?

- Majestade, espero que tenhas consciência do quanto a amizade entre mim e teu pai foi importante na vida de ambos.

Anísio travou. Sempre travava quando o assunto era o pai.

- Eu tenho sim, professor. Tenho consciência não apenas da

boa amizade entre vós, como também da contribuição que ambos exerceram na *Caçada*.

- Perfeitamente. É por isso que gostaria de aproveitar este momento de calma para vir aqui pessoalmente dizer a Vossa Majestade que és filho de um dos melhores amigos que tive em vida e que minha lealdade e minha vida para contigo são da mesma intensidade que para com teu pai.

- Isso significa muito para mim.

- Majestade...

Sabino fez um sinal com a cabeça e já estava se retirando, quando:

- Professor...

- Pois não, Majestade?

- Estavas com ele quando... *aconteceu*, não estavas?

Foi a vez de Sabino travar. O franzino e magricelo professor apertou os lábios, em lamento, e balançou a cabeça.

- Eu estava naquela Catedral, sim.

- Sabes, eu gostaria de ter estado lá.

- Eu acredito. Mas acredito que Vossa Majestade não deveria sentir culpa por tal acaso. Afinal, se lá estivesses estado, provavelmente não estarias esperando a entrada da princesa Branca com vida nestes aposentos.

Anísio ponderou.

- Sabes... até hoje, desde a... cerimônia pública, jamais consegui retornar ao túmulo de meu pai. Não *sozinho*,

entendes? - Sabino achou que o Rei *quase* chorou na sua frente. E, então, os olhos do Rei olharam para os dele: - Achas que eu teria conseguido salvá-lo se houvesse feito outra escolha?

- Não, Majestade. Assim como teu irmão tentou e também não conseguiu.

Anísio fechou a expressão e ficou sério.

Sabino percebeu.

- O que achaste do desempenho de Áxel hoje? - disse com uma voz que não expressava orgulho nem depreciação.

- Eu achei soberbo. O povo está orgulhoso. Acredito que Vossa Majestade, também...

Anísio não respondeu. Apenas balançou a cabeça, pensativo.

- Áxel tem um papel importante para a nação...

- Dizeis moralmente ou estrategicamente?

- Espiritualmente.

Sabino aquiesceu. Anísio concluiu:

- O que me leva a pensar nas *distrações* do caminho que ele tem de seguir.

Sabino suspirou. Pesado. Posição delicada a sua naquela questão.

- Acredito que, para um jovem como ele, deva haver muitas pelo caminho, com certeza. É por isso que, com todo o respeito, considero uma dádiva quando tais distrações não o desvirtuam, mas, pelo contrário, não apenas enobrecem seu

caminho como o fortalecem e o complementam.

- Tu a conheces bem, não é? - o Rei perguntou de forma direta.

- Ela foi minha aluna e hoje toma a cadeira de professora em meu lugar na Escola Real do Saber.

O Rei tentou se esforçar para parecer simpático.

- Entende, Sabino, não é nada pessoal...

- Nada em política parece ser.

- Eu temo estarmos em tempos de pré-guerra. E temo que Áxel não compreenda o que está em jogo. E qual o papel de cada um de nós no tabuleiro.

- Com todo o respeito, Vossa Majestade, depois da exibição que vimos hoje, eu acho que ele compreende sim.

Anísio ponderou novamente. Sabino pensou em se retirar novamente, quando:

- Professor?

- Pois não, Majestade...

- O que achaste de meu Terceiro Desejo em minha posse como Rei?

Sabino ficou completamente sem jeito.

- Não sei se deveria julgar um Desejo de um Rei...

- Não deves. Apenas quando teu Rei permite.

Sabino engoliu com dificuldade. Por mais que aquele à sua frente fosse um descendente de um Branford, ele não era Primo. Fora treinado para ser, é verdade, mas não era.

Faltava-lhe a experiência. Além disso, Anísio Branford tinha algo... *sombrio* dentro de si, que assustava Sabino von Fígaro.

Um tipo de olhar sinistro que não seria visto nos salões reais, mas que provavelmente seria real na Sala Redonda, quando estivesse diante de seus Conselheiros em tempos de guerra.

- Majestade... acredito que teu Terceiro Desejo foi como chutar uma colmeia de abelhas, depois de lambuzar o corpo nu com mel.

- Se fosses tu em meu lugar, tu terias agido diferente?

Pergunta difícil e capciosa.

- Com toda a certeza, Rei Branford, teria honrado a memória de teu pai e agido da mesma forma.

- Tu achas que Locksley conseguirá ficar quieto? Ao menos por um tempo?

- Acho que um homem como Locksley não nasceu para ficar quieto. Ouviremos falar dele novamente, mais rápido do que gostaríamos.

- E se ele *tentar*, Sabino?

O velho professor sabia o que o Rei queria dizer e aonde queria chegar. Uma encruzilhada que reunia Locksley, Ferrabrás e os Coração-de-Neve.

- Será complicado. Vossa Majestade deu liberdade a ele. Para ser coerente com tal atitude, deverias apoiá-lo até o fim.

- Não posso duelar com Stallia por Locksley.

- Talvez; talvez realmente não possas nem devas duelar com

Stallia por ele...

"Mas talvez possas ou devas com Minotaurus".

18

Hígor Hanson entrou exausto em casa naquela noite. Maria e Érika Hanson estavam sentadas, jantando sozinhas.

Cumprimentou de forma sucinta as duas e sentou-se à mesa para comer.

- Cadê João? - perguntou, mordiscando um pedaço de pão com a mão suja.

- Ainda não chegou - respondeu a mãe do garoto. Maria ficou observando minuciosamente cada reação do pai. Aos poucos, começou a se dar conta do que o irmão e Áxel vinham dizendo; cada vez mais se parecia com seu professor.

- Quê? Como assim ele "ainda não chegou"? Nós estamos falando de um jantar em família!

- É, ele parece estar mesmo repensando seus costumes... - disse Maria, sem encarar o pai.

Hígor a ficou observando de lado.

- Maria Hanson, tem alguma coisa que eu deveria saber?

Ela olhou nos olhos do pai.

- Não sei. Tem alguma coisa que eu deveria saber?

Hígor voltou a mordiscar seu pão. Erika observava os dois, sem entender exatamente o que estava acontecendo naquela casa.

- Você conseguiu ver Áxel lutar hoje? - perguntou a mãe.

- Consegui. Foi um pouco... assustador.

- Soube que ele destruiu o cara de Brée - disse Hígor,

enquanto mastigava.

- É. Ele...

Escutou-se o barulho da porta se abrindo. Todos se calaram e

observaram João Hanson entrar taciturno.

- Boa noite.

O menino passou em direção ao quarto, sem olhar para o pai.

- João, você não quer se sentar pra jantar conosco? -

perguntou a mãe.

- Tô sem apetite! - ele disse, já virando na direção dos quartos.

- Ei, garoto, quer me dizer onde você estava até esta...

BAM! A porta se fechou bruscamente, deixando Hígor

Hanson estupefato.

- Mas... mas... mas *quem* esse garoto está pensando que é? Eu

vou...

- Deixa o menino, Hanson - disse Erika.

- Ele está chateado - disse Maria.

- "Chateado"? Chateado com o quê?

- Bata nele com um cinto. Talvez ajude vocês dois a terem um

bom diálogo - disse Erika.

Hígor parou, um pouco chocado. Afinal, quem era o homem

daquela casa? A impressão que estava tendo era de que toda a

sua família ou estava se voltando contra ele, coitadinho, ou

ele estava perdendo as rédeas daquele lar. Nenhuma das duas

situações o agradava.

Ele levantou-se irritado e abriu a boca para gritar com todo mundo naquela casa para colocar a ordem de vez no lugar. E então, ao observar sua mulher e filha o observando desafiadoramente e ver o lugar onde seu filho deveria estar sentado vazio, ele simplesmente calou-se, pegou um cigarro de palha e saiu do casebre para fumar.

E, então, arremessou o cigarro violentamente no chão, abriu a porta da casa em um estrondo que assustou as duas mulheres e seguiu furioso na direção do quarto dos irmãos.

- Hanson, o que você... - *tentou* dizer Erika.

- Cala a boca!

O grito chocou tanto mãe quanto filha.

A porta do quarto foi aberta tão violentamente quanto na primeira vez. Hígor Hanson esperava ver o filho deitado, olhando para o teto e se considerando o adolescente com os piores problemas do mundo, como todo adolescente. Mas, para sua surpresa, ele viu João Hanson com uma mochila nas mãos, jogando suas roupas lá dentro.

- O que demônios você *pensa* que está fazendo?

João ignorou a pergunta e continuou o que estava fazendo.

Irritado, o pai se aproximou e apertou a manga esquerda da camisa do filho, obrigando-o a se olharem.

- Eu perguntei o que demônios você pensa que está fazendo,

João Hanson!

- Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa... - houve uma pausa

considerável -... *pai*.

Um tapa. O rosto do jovem Hanson virou quase cento e oitenta graus, violentamente.

- Você vai falar assim com os seus amigos vagabundos! Não comigo, garoto!

João apertou os dentes. Trincou-os com força. Aquilo era raiva.

Raiva.

- Eu vou perguntar pela terceira vez: o que você pensa... que está... fazendo?

- Me afastando de você.

Olhos nos olhos. Hígor Hanson chegou a armar outro tapa.

João Hanson nem piscou olhando fundo nos olhos dele. Hígor Hanson, ainda na posição armada, mordeu o lábio inferior, fechou o punho contraindo todo aquele sentimento e abaixou a mão, respirando pesado.

Na entrada do quarto, mãe e filha observavam assustadas.

- Você acha que não precisa mais desta família? - o pai perguntou, com uma voz rouca por causa da fúria contida.

- Não, eu acho que não preciso mais de *você*.

Houve silêncio. De todas as partes. Tanto da parte que sempre falava quanto da que sempre obedecia.

- Então pega as suas coisas e sai - respondeu o pai. A mãe derramou duas lágrimas que traduziam o desespero. Maria, mais uma vez, estava tão chocada com tudo o que estava

acontecendo ultimamente com sua família, que não teve reação.

Sem dizer nada, João Hanson terminou de socar suas roupas na mochila velha e a colocou nas costas. Saiu, sem parecer querer dizer nada. A voz do pai o interrompeu por pouco.

- Um dia você vai descobrir quantos sacrifícios são necessários para se manter uma família. Sacrifícios que nos cobram preços altos. Sacrifícios que não podem ser julgados nem impedidos - a voz ainda saía rouca e baixa. - Sacrifícios que nos modificam para sempre.

João Hanson, ainda em silêncio, continuou seu caminho.

Abraçou a mãe e disse o nome do amigo "Albarus" no ouvido dela, para que o coração dela fosse um pouco apaziguado naquele momento. Passou pela irmã, que se recuperou do choque, mas ainda não sabia como agir. João ficou olhando para ela, como se esperando uma decisão.

Maria olhou para o pai. E olhou de volta para ele.

João esperou mais um pouco. E viu a irmã baixar os olhos, sem saber se era embaraço ou tristeza. Talvez, nem mesmo ela soubesse. O garoto balançou a cabeça e seguiu seu caminho.

Quando a porta principal da casa se abriu e se fechou, o silêncio que ficou para trás era um silêncio que jamais seria perdido. Pois era um silêncio que se entranha nas paredes de um ambiente e que não se limpa. Porque vem de dentro. Os pratos vazios e a cadeira que não fora usada no jantar seriam

para sempre lembranças de um dia que ninguém poderia tentar esquecer. E nada poderia voltar a ser como antes.

João Hanson, em nenhum momento, retornou para aquele jantar. Ele e o pai jamais voltariam a se falar de novo.

19

O dia amanheceu.

Áxel Branford havia dormido em uma cama de madeira dura, em um quarto pequeno. Isso não se tratava de uma imposição de seu treinador, mas de uma escolha própria. Se um homem decide testar seus limites dentro de um ringue, ele não pode viver em condições de luxo. Ele precisa percorrer o caminho da dor e viver como um lutador.

E, ainda assim, estar em paz.

Áxel não sabia se estava. Mas estava visivelmente disposto a testar.

- Cansado? - perguntou o treinador, após bater duas vezes e entrar.

- Nem um pouco... Você viu a última luta, depois da minha?

- Vi.

- Eu não consegui, fiquei tremendo de tantos sentimentos juntos após aquela luta.

- É compreensível. Você bateu o recorde do torneio.

- É... - ele disse pensativo. - Eu bati, não foi?

- Mas claro que não será lembrado se você perder o torneio...

Áxel suspirou.

- Está certo, treinador. Eu não vou perder o foco, não.

- Eu sei. Eu sou pago pra isso.

- E, afinal, como foi a luta depois? Soube que o lutador de

Uruk venceu o de Rök!

- E verdade. Giott, de Uruk, era maior e mais forte. Mas era lento.

- Giott está longe do que poderia se chamar de *lento* em um pugilista.

- Certo. Mas ele era, perto do outro.

- Uau. - Áxel até se sentou para escutar melhor. - O rapaz de Uruk então...

- O nome é Devlin. Ele possui uma pele avermelhada como a dos índios. Alguns amuletos esquisitos, que retira antes da luta. E uma tatuagem macabra na coxa.

- Que tatuagem?

- Não sei direito. A mim, mais parece um ser de Aramis. Estou dando ouvido aos boatos que dizem que o rapaz faz magia escura para manter o *corpo fechado*.

- Ele assusta?

- Um pouco. No ringue, porém, a única coisa que assusta realmente é que ele me parece ser tão rápido quanto... você.

- Ele é especialista em sequências? - sobrancelhas erguidas.

- Pois é. Não é à toa que ele tem uma segunda tatuagem nas costas, com o que parece uma mata pegando fogo.

- Árvores pegando fogo?

- Não seria essa uma perfeita metáfora para uma devastação?

O príncipe ergueu-se, ainda pensativo. A maioria dos lutadores teria motivos para se manter extremamente

cautelosa com as informações que lhes eram passadas. Outra parte poderia sentir medo.

Áxel Branford sorria como uma criança.

- Acho que esse Devlin e eu faremos uma boa exibição.

- O Punho De Ferro não é uma exibição.

- Você me entendeu. Deixa de ser chato...

- Trate esse torneio com a seriedade que ele exige, Áxel. Já vi melhores do que você terminarem suas carreiras naqueles ringues.

Áxel parou surpreso. Não porque outros já houvessem sucumbido nos ringues daquele torneio. Mas porque...

- Você já viu *mesmo* outros melhores do que eu?

Melioso jogou uma toalha na cara dele, desistindo da conversa. Saiu rindo e balançando a cabeça daquele quarto:

- Fanfarrão...

Áxel pegou a toalha e a colocou ao redor dos ombros.

- Falando sério: gostaria de ter visto a luta desse pugilista. Ele se machucou?

- Muito pouco. Não vai estar em condições muito diferentes das suas. Vai ser questão de qual dos dois vai ter mais fôlego pra chegar no fim.

Áxel segurou cada ponta da toalha ao redor do pescoço e forçou contra a nuca, enquanto mordida o lábio inferior em um sorriso confiante:

- Gostei...

Melioso percebeu o sorriso.

- Mais cautela quando pensar nessa luta. Até hoje você nunca enfrentou alguém que pudesse competir com você em velocidade e fôlego. Você sempre ditou o ritmo.

- É verdade...

- Será a primeira vez em que talvez você tenha de se adaptar ao ritmo de um adversário.

- Ou vice-versa.

- Ainda assim, gostaria que já tivesse passado por tal situação anteriormente ao torneio. Não gosto de pensar que só saberemos na hora como você irá reagir.

- Ainda assim, temos de admitir que há emoção nisso tudo.

- Sim. Vai ser um teste de aço.

- É... - e houve mais um sorriso. - Vai ser uma *prova de fogo*.

20

Delphim era um local conhecido por abrigar marceneiros e outros especialistas em obras e construções. Havia muito serviço para mão-de-obra especializada nesse tipo de trabalho, mas havia campo para toda a estrutura que dá suporte também a tal profissão. Homens que cortavam madeira, homens que carregavam, homens que distribuía. Empreiteiros, contratados, contratantes. Havia de tudo por ali. Você caminharia pelas ruelas daquele bairro e sentiria o cheiro de serragem no ar. Escutaria o som de *coisas* sendo cortadas, esmagadas, prensadas. Era assim que funcionava Delphim, e era assim que iria funcionar provavelmente pelo resto dos tempos.

Talvez por isso, por essa facilidade, o local atraía muitos que queriam mudar de vida. Ou recomeçar suas vidas. Faziam-se poucas perguntas, pagava-se razoavelmente bem e era um sistema de emprego organizado, com até mesmo a criação do primeiro Sindicato de que já se ouvira falar em Stallia.

Naquele dia, havia uma obra de reparos em um estabelecimento em que se construía carruagens. O local havia pegado fogo em uma parte, mas o estrago foi impedido rapidamente, o que obviamente não impedia de ter de haver uma reconstrução. Um grupo de dez homens trabalhava no local, ajudados pelos contratados do próprio estabelecimento.

Um desses contratados, que seguia as ordens de um sujeito de um metro e meio com uma prancheta nas mãos, era um ser assustador. Tratava-se de um gigante negro, de aproximadamente dois metros e dez, com uma massa muscular que o faria pesar, por baixo, uns cento e dez quilos.

Os braços pareciam troncos de árvores esculpidos, e o tamanho das costas poderia tapar a visão de duas senhoras juntas na poltrona de um teatro. Seus dentes eram de um forte branco selvagem, que contrastava visivelmente com a pele bem escura cada vez que ele os mostrava. Mas muito pouco ele os mostrava, pois para isso seria preciso sorrir.

Um homem barbudo entrou no local e foi falar com o da prancheta. O baixinho acreditou que se tratava de mais um funcionário e indicou para onde ele deveria seguir. Ignorando a instrução, o homem caminhou na direção do gigante negro, que se preparava para erguer e mover de lugar uma viga queimada, que necessitaria de três homens fracos para erguê-la do chão.

- Quer uma ajuda? - ele perguntou para o gigante, que estava de costas, preparando-se para erguê-la. - Eu sou novo por aqui...

- Precisa... não... - ele disse antes de soltar um grito e erguer aquela monstruosidade para o lado, sozinho. A viga caiu em um canto afastado, levantando poeira e fazendo muito barulho.

Agora o caminho estava livre para que outros pudessem utilizá-lo no transporte de equipamentos. O gigante negro bateu as mãos para limpá-las e virou-se na direção do homem que pretendia ajudá-lo:

- Mas obrigado por oferecer sua ajuda, novato. Eu sou...

E o mundo parou, pois foi só então que o gigante negro reparou com quem falava.

- John Pequeno - respondeu Robert de Locksley.

- Pelo amor do Criador... - o negro disse com voz fraca, tentando acreditar no que poderia ser até uma ideia intangível, mas dificilmente uma realidade.

- É, se não fosse por ele, realmente eu nem deveria estar mais aqui...

John Pequeno se aproximou, ainda incrédulo. E tocou o antigo amigo como se estivesse diante de um fantasma trazido de volta ao mundo.

- Locksley? - A boca aberta. Os olhos esbugalhados. - É mesmo você, seu maldito filho-da-mãe?

- E quem mais procuraria por alguém do seu tamanho em meio a esse fim de mundo?

- Mas... mas... seu maldito desgraçado!!!

John Pequeno foi até ele e o abraçou forte, quase estraçalhando suas costelas. Locksley não se importou com a dor.

- Eu pensei que você já tinha morrido, seu desgraçado!

- Não, Aramis vai ter de esperar...

- E o que... o que... o que raios você está fazendo aqui?

- Vim rever um amigo. O melhor deles.

Eles apertaram um o punho do outro, afoitos e agitados, como se fossem crianças ou estivessem em uma brincadeira de cabo-de-guerra.

- E que negócio é esse de terminar construindo carruagens para nobres? - perguntou Locksley. - Acho que essa é a maior decepção que já tive na vida. Você deveria combater esse sistema social; não fazer parte dele!

- Ei, você sabe como é difícil para um ex-prisioneiro arrumar emprego?

- Não. Ainda não tentei.

Os dois riram. Por mais que ambos houvessem estado separados por tanto tempo, e por mais que a vida trouxesse tamanho sofrimento ao espírito humano de cada um, ali era como se ambos de repente voltassem a ter dezessete anos e a felicidade que reside na irresponsabilidade dessa fase.

- E que diabos de nome é esse? "Vladimir"?

- Bom... - John Pequeno pareceu sem jeito - ...ajudou a ganhar o emprego. Sabe que comerciante rico contrataria alguém do nosso antigo grupo?

Nosso antigo grupo. Locksley adorou aquele detalhe.

- Pois está na hora de eles voltarem a temer...

- Como é?

- Eu estou reunindo todos nós de novo. É um recrutamento.

- Fala sério? Você procurou os outros?

- Você é o primeiro. Óbvio que seria.

Eles ficaram em silêncio por um breve momento. E John

Pequeno perguntou:

- Não somos velhos demais para vestir colantes?

- Não usaremos colantes.

- Não somos velhos demais para pularmos em galhos de florestas?

- Não guerrearemos mais em florestas.

- Não envelhecemos o suficiente para perder o sentido de nos indispor com os ricos?

- Nossa guerra com eles será de ordem política.

- Não iremos lhes tirar dinheiro?

- Não, iremos lhes tirar tratados.

- Pelo Criador, você quer a utopia...

- A *nossa* utopia.

- Sherwood. Você quer libertar Sherwood!

- Assim como vocês.

John Pequeno passou a mão sobre o rosto. Há uma hora era um ex-prisioneiro trabalhando em um emprego que detestava, tentando não chamar a atenção com uma vida ordinária.

Agora, seu passado lhe batia à porta e o chamava para partilhar uma revolução.

A vida podia mesmo mudar em um minuto?

- Se formos capturados de novo...

- Iremos acreditar que vivemos uma vida que valeu a pena ser vivida.

Pequeno puxou o amigo junto de si e o abraçou forte uma vez mais.

Bateu com um punho fechado nas costas de seu irmão de criação e disse com bravura:

- Iremos. Iremos sim...

Locksley sorriu. John se afastou dele e perguntou excitado:

- E quando é que a gente começa?

- Agora!

O sujeito de um metro e meio, que cuidava da reforma daquele estabelecimento, se aproximou com uma expressão de poucos amigos e limpou a garganta o mais alto que pôde.

- Hã-hã. Senhor Vladimir, eu não pago o senhor para o senhor ficar de conversa-fiada durante o serviço! Lugar de vagabundo é fora do meu estabelecimento...

O comum seria o contratado, até mesmo aquele negro de dois metros e dez, abaixar a cabeça e dizer com voz mansa: "sim, senhor". Obviamente, isso fazia o ego do senhor de um metro e meio subir a três.

E imagine então o que foi para ele ver o negro gigantesco se aproximar com olhar furioso, exalando fúria naqueles olhos poderosos e bufando:

- Vladimir é o *#\$*#@! Meu nome agora é John Pequeno,

#\$&%*!

Quando o pequenino entendeu quem ele havia contratado e quem era o visitante que confundira com outro subordinado, já era tarde demais. John Pequeno o pegou pelo pescoço, como se fosse uma cesta de feira, e o arremessou ao lado da viga de madeira queimada, que voltou a espalhar poeira.

Todos os contratados pararam seus trabalhos e aplaudiram com vigor. E, ainda sob aplausos e urros, Pequeno e Locksley se posicionaram no centro do local, e Robert bradou em alto som:

- Aquele que quiser ser livre, me escute!

Pouco a pouco, os homens se aproximaram. O coração de John Pequeno bateu forte, pois ele reconhecia aquilo tudo.

Aquela magia que Locksley provocava. Tanto no homem livre quanto no homem que o quer ser.

- Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros...

As pessoas pararam para escutá-lo. Ou, até mesmo, para escutá-lo novamente. John Pequeno mostrou seu sorriso de dentes muito brancos, e foi difícil, muito difícil, retirá-lo daquela face sofrida. Enfim, havia voltado a ter motivos para sorrir.

21

- Como era dessa vez? - perguntou Madame Viotti.
- Estranho. *Sempre* é estranho...
- Por que você diz *sempre*?
- Porque já é a terceira vez que eu sonho lá.
- Então conta - disse Anna Narin.
- Era uma... vila. Uma vila que só tinha assassinos!
- Uma vila de assassinos?
- É, pô! Eu *acho*...
- Por que "assassinos"?
- Porque eles cobriam os rostos. E quem cobre o rosto e fica se escondendo nas sombras só pode ser assassino!

Anna Narin estava assustada.

- É... pensando pela sua cabeça, faz sentido... - disse Anna Narin.

- Como assim "pela minha cabeça"? Tipo... o que significa *na sua cabeça* um bando de gente que cobre o rosto e se esconde em sombras, mãe?

- Gente que caça bruxas.

Silêncio. Madame Viotti tomou a palavra para continuar conduzindo aquela conversa:

- Concentre-se no sonho, querida. O que essas pessoas encapuzadas faziam?
- Bom... elas *perseguiam* outras.

- *OUTRAS* bruxas?

- Não, não, não! Não tô falando de bruxas! Não tinha nenhuma bruxa nessa história! Pelo menos não até onde *eu* saiba! Quem tá falando de bruxas toda hora são vocês!

As duas mulheres se olharam e sorriram. Deram-se conta de que a mais jovem das três tinha total razão: eram elas quem estavam influenciando a narrativa.

- Certo - disse Viotti. - Sem bruxas...

- Mas, então, deixa eu falar! Aí as pessoas corriam no meio de um matagal e fugiam dos encapuzados. Mas os encapuzados pegaram eles e botaram capuz na cara deles também! E tomaram as armas deles!

- Como eram as armas deles?

- Como a do Herói!

- Que herói? - perguntou Madame Viotti.

- Ariane fala do... caçador, madame. O que matou o lobo *marcado*.

- Oh, sim, claro! Que cabeça a minha, me desculpe outra vez.

- Pô, vocês querem saber ou não o final?

- Conta - disse Anna.

- Bom, eu já me perdi. Vocês ficam fazendo esse monte de perguntas e me complicam. Eu vou começar de novo. Tipo, da primeira vez, sabe? Quando eu sonhei lá, eu lembro que tinha um homem e uma mulher. E antes que vocês duas perguntem, a mulher era loira, um pouco alta e magricela. Já o homem era

diferente. Ele tinha um cabelo meio... cheio, encaracolado, ele era bonito. Ele tinha barba e bigode tipo o do herói, mas o cabelo, não. E eles tinham medo de mim.

- Como assim? - perguntou Madame Viotti, atenta e concentrada.

- Eu não sei o porquê! Eu sei que eu tentava falar com eles, mas a voz não saía. Sabe como é isso em sonho? Quando de vez em quando a gente tenta falar, ou se mexer, mas a gente não consegue? É uma droga quando isso acontece!

- E, além de não conseguir falar, você também não conseguia se mexer?

- Bom... é. Eu conseguia falar e até me mexer. Mas tudo era muuuuito lento, sabe? Muito mesmo. Eu tentava falar, mas a voz saía... macabra!

- Como *macabra*? - assustou-se a mãe.

- É que eu não conseguia falar corretamente. Era um idioma estranho, mas eu conseguia falar, sabe? Eu só não conseguia falar *corretamente*.

- Você trocava as palavras?

- Não, eu falava as palavras ao contrário...

Anna Narin e Madame Viotti engoliram em seco.

- E por que você não se mexia direito? - a senhora perguntou.

- Porque eu estava molhada.

- Você havia saído da água...

- Não, a água é que saía de mim. Como suor, mas muito pior.

As duas voltaram a engolir em seco.

- E eu não era uma menina...

-Não?

- Não.

- Você era o quê?

- Eu não sei o *que* eu era. Eu só sei que eu não tinha essa...

casca, sabe? Era eu, eu sabia que era eu, mas as pessoas que me viam, não. Elas tinham... medo de mim. Elas me viam de outra forma. Elas me viam como outra pessoa...

- Elas nunca viam você como uma garotinha?

- Elas *sempre* me viam como outra pessoa. E me chamavam de outros nomes. E nunca entendiam direito o que eu tentava dizer.

- E como você sabia o que dizer a elas?

- Eu dizia apenas o que *estava escrito*.

- Escrito onde? - Madame Viotti estava *realmente* estupefata.

- Eu não sei explicar. Eu apenas sei que eu conseguia dizer o que estava escrito...

Madame Viotti ficou muda. Anna Narin percebeu e não sabia dizer se aquilo era um bom sinal ou não.

- Madame... a senhora está bem?

- Essa menina é muito especial. Muito, muito especial.

- Sério? Pô, que bom que mais alguém além da minha mãe e do meu namorado acham isso também!

Anna fez um sinal para Ariane se calar e levar aquele assunto

a sério. A menina se ofendeu, afinal, em sua cabeça, ela estava falando sério.

- Sabem... - continuou Madame Viotti - ...vocês duas sabem bem que somos formados de éter, a essência divina, trazida até nós através de semideuses. Correto?

- Perfeitamente...

- Entretanto, não importa de que mundo de éter estivermos a falar, todo mundo de éter que já foi ou será criado, antes de nascer, é *escrito*.

- Escrito, tipo, pela Criadora?

- Sim. E por isso que existem frases que dizem que "o que é nosso está guardado". Ou que "o futuro já está escrito".

- Peraí, então a gente não manda nada na nossa vida? Tipo, *tudo* o que a gente faz já estava escrito?

- Não. Entenda: o nosso destino quando nós somos *criadas*, Ariane, tem um motivo. Nós somos *criadas* por um motivo.

Entretanto, nós temos algum livre-arbítrio. A Criadora nos permite surpreendê-la em muitos momentos. E, de vez em quando, os planos iniciais que estavam escritos *mudam*, entende?

- Mas continua escrito?

- Ou talvez Ela esteja escrevendo-o neste exato momento, como nós poderíamos saber? Teríamos de ser semi-deuses para entender o que existe acima de nós.

- Como você acredita que funciona a cabeça da Criadora,

madame?

- Anna, querida, particularmente eu acredito que determinados eventos e determinadas pessoas foram criadas com uma missão que não pode ser interrompida, entende? Ariane não pode ser tão especial por um capricho semi-divino.

Entretanto, muitas vezes nossas atitudes diante da vida, nossa postura diante do mundo, pode modificar linhas que talvez estivessem traçadas, mas ainda não tinham sido escritas, compreende?

- Peraí, madame! Deixa eu ver se entendi essa parada que você está dizendo. Você quer dizer que a gente nasce com uma missão, mas nem todo mundo é obrigado a seguir essa missão.

- Isso.

- E que muitas vezes a gente pode até modificar o que estava escrito.

- Não, não o que estava escrito. O que *seria* escrito. Eu quero dizer que, muitas vezes, um homem que seria mau pode modificar sua essência e merecer uma segunda chance. Eu quero dizer que homens medíocres, que deveriam passar por esse mundo em branco, são capazes de feitos extraordinários, que os destacam da multidão. Eu falo que casais que não foram *criados* para ficar juntos podem se mostrar almas gêmeas. E casais que foram *criados* para tal podem se dissolver em uma estrada sem volta. Ou talvez uma estrada

correta, mas escrita por linhas tortas demais para que

pudéssemos lê-las, compreende?

- Madame... - voltou a dizer Anna - ...mas, voltando a falar de

Ariane, o que ela quer dizer quando diz que estava escrito?

Mesmo em se tratando de uma projeção astral em outro

mundo de éter, o que isso significa?

- Que Ariane pode compreender a ciência por trás da criação da vida.

Mãe e filha se olharam em choque.

- E... tipo... isso é bom? Ou quer dizer que eu vou voltar a ser esquisita? - Havia um receio de dar pena na pergunta da menina.

- Isso quer dizer que você tem o dom de um *oráculo*, querida.

Anna arregalou os olhos, entendendo o que para ela deveria ter sido

óbvio desde o início da explicação. Ariane percebeu a reação da mãe:

- É... parece que só eu continuo boiando, e isso nem é *por inteiro*...

- Um *oráculo*, filha... - explicou a mãe - ...é alguém especial que consegue prever eventos que ainda não aconteceram.

- E eu vou poder fazer isso?

- O dom que você possui, Ariane... - disse Madame Viotti - ...é concedido apenas a pessoas especiais. Muito especiais. São pessoas que a Criadora escolhe como porta-vozes Dela neste

mundo.

- Tipo as fadas?

- Sim, mas as fadas ainda são entidades responsáveis por manter a ordem de suas leis semi-divinas. Entretanto, elas ainda são distantes de nós, mortais. Pessoas como você são enviadas para nos lembrar o quanto somos maravilhosos, o quanto somos em parte semi-divinos e o quanto somos parte de uma Criação que não apenas se renova em nós como aprende conosco. Assim como os deuses aprendem com eles.

Ariane ficou quieta, pensativa. Aquilo estava *ficando sério*.

Sério demais. Era uma garota que, como toda adolescente, sonhava ser adulta, ou parecer o mais próximo de uma adulta.

Entretanto, daí a querer também receber a responsabilidade de uma vida adulta ia bem longe.

- Mas... e se eu não quiser ser um oráculo ou fazer parte disso tudo? Eu poderia? Ou... sabe... tipo... eu sou *obrigada*?

- Você não é obrigada a nada, Ariane. É como disse: você foi criada com esse propósito, mas não quer dizer que você chegará ao fim da sua criação exatamente como foi traçado a princípio. Porque a sua história, assim como a de todas nós, ainda está sendo escrita, compreende?

Ariane compreendia. Madame Viotti finalizou:

- E a questão apenas sempre será: você confia plenamente na sua Criadora ou você acha que deveria modificar as linhas em que a sua vida está sendo escrita neste exato momento?

Ariane Narin tentou, juro que tentou.

Mas ela não conseguiu enxergar a resposta àquela questão.

No galpão de cortinas negras, algumas dezenas de jovens acordaram e foram alimentados com frutas roubadas de armazéns. Liriel escolheu alguns daqueles meninos para servir como "supervisores", e apenas esse título já gerou uma espécie de segregação entre os outros garotos que viviam sob a mesma lei das ruas. Ser um "supervisor" não tinha nada de mais; apenas a função de ajudar a levar a comida e supervisionar a limpeza ou execução de algumas tarefas. Mas já parecia ter um grau acima de importância.

Logo, o cargo seria, a cada semana, trocado de pessoas. O objetivo disso era que cada um experimentasse um pouco como era estar um degrau acima na escada social. E um ser humano, quando consegue ascender socialmente um degrau na sociedade em que está inserido, muitas vezes é capaz até mesmo de *morrer* para não descer novamente.

- O que iremos fazer com esses garotos, Galford? - perguntou Liriel, observando os meninos se alimentando como se fossem cães há dias sem comer.

- À noite iniciaremos seus treinamentos e, depois, sairemos para aumentar as fileiras da nova sociedade.

- E durante o dia?

- Aqui, neste galpão, *sempre* é noite.

23

E Áxel Branford partiu para a Arena de Vidro no segundo dia de competição.

O Punho De Ferro não era apenas o torneio de pugilismo mais importante do mundo; era também o torneio de pugilismo mais difícil do mundo. O vencedor daquela competição mereceria o título realmente e seria lembrado como alguém capaz de ter um punho de ferro, afinal, uma das dificuldades maiores da competição estava exatamente nesse pouco espaço de recuperação entre uma luta e outra.

No pugilismo tradicional, o espaço entre duas lutas oficiais é imenso. É comum até durar meses esse espaço. No Punho De Ferro, não. A segunda luta ocorria um único dia após a primeira. Não importava se o pugilista abria o supercílio no dia anterior nem se houvera fraturas no punho ou se sentia os ossos moídos. Torcedores mais antigos já viram guerreiros entrarem na arena com olhos tão inchados que os deixavam praticamente cegos, como outros já viram homens lutarem com dedos quebrados. Não importava; aquele era o Punho De Ferro, e quem quisesse entrar na arena sabia bem o que estava enfrentando.

Curiosamente, contudo, a maioria dos competidores do segundo dia normalmente não chegava até ali tão machucada assim. Já prevendo o segundo dia de luta, vencedores

costumavam se preparar por meses para fazer uma primeira luta rápida, com poucas defesas e golpes curtos e poderosos.

Áxel havia se preparado e feito isso contra o adversário de Brèe. Havia treinado tanto para tal situação, que nocauteara seu adversário mais rápido do que conseguia se lembrar.

Aquele segundo dia, porém, não seria assim.

Era por isso que, enquanto era guiado erguido sobre a mesma base formada por uma carruagem sem teto improvisada do dia anterior, ao longo do trajeto mantinha seus pensamentos já na arena. Distribuía sorrisos, acenava e agradecia à multidão que parava tudo para vê-lo ou que vinha correndo de todos os cantos para tal. Mas eram gestos mecânicos, de quem estava tão acostumado àquilo que já era como respirar. A algazarra naquele dia era maior do que no anterior. Mais soldados faziam a escolta do príncipe e mais aplausos e gritaria acompanhavam seus passos.

O ufanismo daquele Reino continuava a se perpetuar dia após dia, em velocidade e intensidade cada vez mais crescentes.

Bandeiras eram estendidas nas janelas. O número de tatuagens em jovens, contendo referências a Arzallum ou a Áxel Branford, dobrara. No centro de uma praça, uma trupe de bufões (pagos pelo próprio Rei Anísio), com os rostos pintados com pó e rodeados por dezenas de pessoas, simulavam, da forma mais teatral e caricata possível, as lutas do dia anterior no grande torneio. Gonta, o obeso pugilista de

Cálice, era representado por um ator com as roupas repletas de almofadas que saíam pelos cantos. Segundo o bufão que fazia o juiz e apresentador, aliás, o pugilista retratado tratava-se de "um sujeito tão gordo, mas tão gordo, que, quando caía da cama, ele caía pros dois lados". Radamisto, o gigantesco lutador de Minotaurus, era representado por um ator nas costas do outro, e sua careca refletia a luz do sol.

Na divertida simulação da luta do príncipe, o bufão que representava Áxel usava uma peruca loira e desenhos no próprio corpo que simulavam músculos definidos. Já o pobre adversário de Brèe, coitado, era simulado por um bufão vestido de mulher. No momento em que ambos ficavam frente a frente, o ator que interpretava Brèe ficava recitando poesias em vez de entrar em pose de luta. Quando o *juiz* iniciava a luta e Áxel partia para cima dele, "Menoto" jogava os livros para cima e desmaiava de susto.

O povo gargalhava e aplaudia. Estavam felizes, estavam orgulhosos. Estavam confiantes de que eram, ou de que *novamente* eram, a maior nação do mundo. Não importava se bruxas estivessem à espreita, pensando em renascer clãs sombrios quando as pessoas se deitassem para dormir. Não importava se pensavam em desafiar fadas novamente. Não importava se as relações entre Arzallum e Minotaurus estivessem frágeis e que uma guerra fosse capaz de trazer desgraça e fome a uma população não tão privilegiada.

O fato era que, se bruxas ousassem renascer, os cavaleiros de vermelho estavam de volta para cortar-lhes as cabeças ou queimá-las em fogueiras. E, se Minotaurus pensava em querer tomar o lugar de Arzallum, que vissem Áxel Branford naquela arena e relembassem o respeito que o emblema daquele Reino trazia com a exibição.

Pois estávamos falando de Arzallum. E de tudo o que isso significava.

Na Arena de Vidro, Hartas, o pugilista de Mosquete, entrou animado. Gonta já estava sentado, alongando os punhos, sentado em um banco de madeira para três pessoas, mas que ocupava quase todo o espaço com o imenso traseiro daquele pugilista.

- É uma menina? - perguntou Hartas, enquanto passava por Gonta. O pugilista de Cálice olhou para ele sem sorriso e voltou a se alongar.

Em seguida, entrou William Gamewell, do Reino do Forte. William tinha algumas escoriações, mas sabia que era bom não se queixar de nenhuma delas, afinal, era ele quem iria enfrentar Radamisto naquele dia. E estava com medo. Não apenas o medo de não conseguir bem representar seu Reino, mas de sobreviver dentro do ringue com aquele monstro branco.

Do outro lado, Ruggiero, o Dragão Oriental, era o oposto do sentimento. Sentado em posição de lótus, sem demonstrar

direito se estava com os olhos abertos ou fechados, ele era pura concentração. Em situações tensas como aquela daquela sala, observar um homem tão confiante e seguro de si como aquele era capaz de destruir adversários antes mesmo do chamado para a arena. Pois desesperado é o coração em crise que se depara com outro dotado da paz que ele considera inatingível alcançar.

De lá, eles escutavam as pessoas chegando à Arena de Vidro.

Ainda eram sussurros; sussurros que todos sabiam que se transformariam em estrondo em poucas horas, quando emoções tomassem forma e moldassem éter. Era difícil acreditar que um dia havia se passado. A impressão para cada um daqueles pugilistas era de que em nenhum momento haviam saído daquela sala, a não ser para entrar no ringue.

Caradoc, de Albion, o guerreiro de corte militar, entrou na sala e, como quase todos o faziam, não cumprimentou ninguém. Observou seu adversário, Ruggiero, no canto, e não se sentiu bem. Pensou na filha e na esposa que deixara em casa e no que representava a promessa de lhes levar uma medalha, e tal pensamento funcionou apenas como mais uma forma de pressão.

Devlin, o Pugilista Vermelho, entrou com uma espécie de tiara na cabeça, formada de cordas trançadas. Trazia adornos que lembravam sua cultura indígena, seus amuletos sombrios e suas tatuagens estranhas. Os pugilistas presentes não sentiam

exatamente temor daquele guerreiro, na verdade o sentimento seria mais para repulsa. Ele caminhava como um totem humano que ganhasse vida e, de tempos em tempos, passava a língua entre os lábios, como se estivesse sempre faminto.

O ambiente era tenso. Alguns ainda cuidavam de machucados do dia anterior, quando se escutou uma algazarra do lado de fora. Dois homens entraram na sala, um da Confederação Real de Pugilismo e outro da organização do Punho De Ferro.

Todos se viraram na direção deles. E o segundo falou:

- Senhores, dentro de uma hora daremos início ao primeiro combate do dia de hoje. A partir desse início, cada combate seguinte acontecerá com uma hora de intervalo entre as lutas.

Alguma dúvida?

Ninguém respondeu.

- A primeira luta de hoje será entre Gonta, de Cálice, e Hartas, de Mosquete. - E os dois pugilistas se olharam. Hartas mantinha o sorriso debochado. Gonta continuava sério e com a expressão fechada.

Ouviu-se o barulho da porta se abrindo, e mais uma vez ela atraiu as atenções. Por ela entrou Radamisto, o Gigante Branco. Ao contrário de Devlin, com ele sim o sentimento da maioria daqueles pugilistas era de receio.

O representante do torneio continuou:

- A segunda luta se dará entre Radamisto, de Minotaurus, e William, do Forte. - Radamisto nem se preocupou em buscar

William. Já o jovem do Forte sentiu um suor frio descer-lhe pelo canto do rosto, congelando cada centímetro, e rezou a qualquer semideus que estivesse lhe dando vida naquele momento. - Seguem-se Ruggiero, de Ofir, e Caradoc, de Albion. Por último, Devlin, de Uruk, enfrenta... - e o homem ficou procurando alguém pela sala.

- Aqui. - Áxel entrou.

- ... Áxel, de Arzallum.

Os pugilistas começaram a se movimentar lentamente, estalando juntas e alongando músculos. O representante da Confederação tomou a palavra:

- Senhores, gostaria de dizer a vocês que o espetáculo apresentado no dia de ontem foi um dos mais emocionantes na história deste torneio. Por isso, desejo sorte a todos aqui, parabênzo os presentes por terem chegado ao segundo dia e espero que nos deem hoje mais um grande espetáculo, digno do público que irá estremecer esta arena.

Alguns presentes aplaudiram timidamente as palavras, enquanto os dois homens se retiraram. Ruggiero saiu de sua posição meditativa e começou a se movimentar. Radamisto retirou sua camisa e exibiu os músculos exagerados e as cicatrizes de batalha. William riu de algo que Hartas disse e que Gonta como sempre não levou a sério.

Já Áxel nem os escutou. Estava sério e compenetrado e fazia apenas um aceno de cabeça na direção de cada pugilista por

qual passava ou trocava olhar. Com o comando de seu

treinador, começou a se alongar.

- O que viemos fazer aqui hoje?

- Vencer, vencer.

João Hanson entrou na Arena de Vidro, ao lado da multidão.

Albarus Darin estava ao lado dele, e Andreos vinha logo

atrás. Não havia ainda um sorriso no rosto dele, mas ao menos

parecia haver menos tensão ao lado dos amigos. Andreos

acreditava que Hartas, de Mosquete, venceria a primeira luta.

João e Albarus não tinham dúvida de que o obeso lutador de

Cálice iria acabar com ele.

Antes de assistir à luta, contudo, conversou com a irmã. Um

diálogo mais ou menos assim:

- Você tem certeza do que está fazendo? - ela perguntou.

- Não importa.

- Como assim "não importa"?

- Mesmo que eu tenha certeza de alguma coisa, você

provavelmente duvidaria de mim.

Aquilo ferveu Maria.

- João, até quando você vai ficar se fazendo de vítima nesta

história?

João Hanson suspirou.

- Faz o seguinte, Maria: segue seu caminho, tá legal? Mas eu

não preciso mais de você para me dizer o que eu devo ou não

fazer. Você pode ser a mais velha de nós dois, mas eu já tenho

idade suficiente para fazer minhas escolhas sozinho.

- Eu não quero lhe dizer o que você tem de fazer, João - ela disse, com a voz mansa. - Eu só queria que você soubesse que eu... que *nós* nos preocupamos com você.

- Eu acredito nisso. Diga à mãe que eu vou visitá-la todos os dias, quando *ele* tiver ido cortar lenha.

- Não fale assim do papai!

- Não me diga como devo me referir ao meu pai.

- Ele é o *nosso* pai.

- Não, não é não! Sabe porquê, Maria? Porque ele pode parecer a mesma pessoa, mas nós dois vemos ele como duas pessoas bem diferentes.

- João...

- E eu irei respeitar a forma como você enxerga ele. Irei respeitar *por inteiro*. Em troca, gostaria que não criticasse a minha.

Maria chegou a abrir a boca para tentar dizer mais alguma coisa. João continuou:

- E também gostaria que você respeitasse o meu desejo de só querer escutar os seus conselhos quando eu *pedir* por eles...

João Hanson virou as costas e se dirigiu na direção dos amigos.

Maria Hanson continuou sem saber o que dizer.

E Pablo Hartas, de Mosquete, girou uma vez e meia no ar, antes de tombar no chão. A multidão gritou; o tipo de grito de

gente enlouquecida. Hermanno Gonta, o parrudo pugilista de Cálice, batia duas vezes no peito, chamando seu adversário para o confronto. Aquela já era a terceira vez, só naquele *round*, que Hartas beijava a lona.

O mosquetense se ergueu, e muitas mulheres gritaram por ele.

Agitou os braços e rodou os ombros em alongamentos improvisados. Estava com a visão debilitada e sentia apenas gosto de sangue na boca, sabia-se lá por causa de quantos dentes quebrados. Começou a saltar, na intenção de trazer um pouco de leveza àquela luta.

- O cara de Mosquete é mais leve. O gordão é muito pesado!

Vai ver só agora! - disse Andreos.

- Você não tá entendendo - disse João. - O cara de Mosquete é tão leve que o soco dele parece o de uma formiguinha no grandão.

- É... - disse Albarus - ...se o gordão acertar mais um daquele porradão no meio da cara do cara, ele só vai acordar no ano que vem!

Hartas partiu para um ataque menos suicida. Ele batia um *jab* e saía. Batia outro e saía. E outro e outro e outro. E outro. E saía. E saía. Aquilo começou a irritar Gonta. O pugilista de Cálice voltou a bater no peito, chamando o oponente. Hartas batia e saía. Batia e...

De súbito, Gonta partiu para cima dele como um touro, em um movimento muito mais de raiva que de consciência.

Hartas esquivou-se e, então, jogou todas as suas fichas.

Jab e direto, direto, direto, direto, um, dois, três, quatro, cinco, esquivava, e um, dois, três, esquivava, e um, dois, três!

Gonta tentou um golpe com o cotovelo. Hartas se esquivou e socou-lhe com violência na lateral das banhas. Gonta se torceu, sentindo uma pontada.

O mulherio foi à loucura.

- Sabe... - Hartas queria falar mais rápido aquela frase, mas seu fôlego estava se esgotando com aquele estilo de luta intensivo adotado - ...o que... fazemos com homens que nem você em Mosquete?

Gonta avançou buscando arrancar a cabeça do mosquetense, que mais uma vez se esquivou, mas não arrumou forças para bater de volta. O gongo, anunciando o fim do *round*, soou.

Antes de se dirigir para seu *corner*, Hartas concluiu:

- Nós os espetamos com floretes e aproveitamos a banha que sai para fritar batatas!

Gonta sentou-se na cadeira lateral, com expressão fechada.

Sentou-se, porém, com tanta brutalidade, que o banco quebrou. A Arena de Vidro se tornou uma grande algazarra, e as pessoas riram forte. Gonta ergueu-se devagar e escutou seu treinador lhe dizer:

- O que significa um homem com o seu tamanho?

- Um homem que tem tanta força dentro de si que ela transborda pelo corpo para caber dentro dele!

- Então pega essa força, entra lá e tira o sorriso daquele

panaca e de toda essa gente! Agora!

O gongo soou. Gonta voltou bufando. Hartas imaginou que poderia continuar com sua estratégia, mas se perguntou se tinha certeza de que poderia continuar aguentando aquelas sequências sem perder de vez o fôlego. E, quando o pesado e furioso pugilista de Cálice avançou contra ele, ele descobriu a resposta.

Não.

Hartas até escapou do primeiro. E mesmo do segundo e do terceiro. E bateu de volta. Uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Mas na sexta... a partir dali seus socos não tinham mais efeito, seu fôlego estava fraco e cada vez mais ele se percebeu enfrentando um adversário que não sentia seus golpes. Ao menos, não naquele estado de fúria em que ele próprio o havia deixado.

Gonta bateu forte uma, duas, três vezes. Hartas sentiu como se estivesse vomitando as entranhas. Tentou procurar o juiz para pedir-lhe que interrompesse a luta, mas já era tarde demais.

Gonta pegou-lhe pelo braço, puxou para junto de si e deu-lhe um direto que fez os mais próximos escutarem o CRACK! do nariz partido. Depois um segundo no estômago, que lhe fez cuspir sangue no próprio adversário.

Gonta ainda armou um terceiro soco, mas o juiz berrou e acabou o combate antes que houvesse uma morte naquele

torneio. Quando Hartas foi solto, o corpo desabou como um saco de... batatas. Equipes de paramédicos correram para retirá-lo do local e tentar salvar-lhe a vida. O público não gritou nem comemorou, ainda um pouco em choque. E Gonta, banhado pelo sangue cuspidado pelo próprio adversário, ergueu os dois braços e urrou como faria um urso.

Com exceção de seu treinador, ninguém mais naquela arena emitiu uma única risada.

- Uau... - disse William, retornando à sala dos pugilistas e se dirigindo até onde Áxel estava. - Gonta destruiu o Hartas.

Tiraram o rapaz de maca da arena.

- Faz parte.

- Tomara que o rapaz sobreviva.

- Você não deveria estar preocupado com ele neste momento,

William. Não é você o próximo?

William pareceu congelar.

- É... - ele disse, suspirando.

Ao fundo, Radamisto reiniciava alongamentos poderosos.

- O que você acha? - William perguntou a Áxel.

- Sobre...

- Pô, sobre minhas chances! Você acha que tenho alguma chance contra aquele gigante?

- O que você espera que eu diga, William?

- Que sim!

- Então eu tenho certeza de que você tem chances contra ele.

- Isso me soou um pouco falso...

- Você quer que eu mude a opinião?

- Não!

- Pelo Criador! - Áxel sorriu. - Você parece uma mulher!

Os dois riram. As risadas atraíram a atenção de todos,

inclusive de

Radamisto e seu jeito fechado. O gigante branco deu alguns

socos em uma das pilastras da sala e algumas coisas caíram do

teto.

- O que acha que eu devo fazer na luta?

- Você não tem um treinador? - perguntou Áxel, procurando o sujeito que ainda não estava ali, aliás.

- Ele não é tão bom assim. E está mais nervoso do que eu.

Áxel suspirou.

- Bom, repara que Radamisto é destro. Logo, tenta sempre ficar longe do braço direito e inverter a guarda dele. Ele é forte, mas é pesado. Você é mais rápido do que ele e pode bater e sair. Bater e sair.

- Hartas tentou fazer isso com Gonta ainda há pouco e quase foi morto no ringue!

- Hartas não tinha fôlego suficiente para levar uma luta assim.

- E como pode saber disso se não assistiu à luta dele?

- Ele falava demais...

William se calou, pensativo. E nada mais disse até a hora de sua luta.

João Hanson estava rindo de alguma piada envolvendo descobertas da puberdade com seus amigos, quando escutou uma voz que reconheceria de olhos fechados e embaixo d'água:

-João!!!

Era, era Ariane Narin.

- Pô, cara, estava com saudades suas, né?

Ela agarrou o garoto na frente dos amigos, com um abraço forte. João se sentiu meio envergonhado pelos olhares em cima dele e virou de costas para os garotos.

- Eu também estava - disse mais baixo.

- Pois não parece! E por que você tá sussurrando?

Os amigos ao redor começaram a rir. João olhou por cima do ombro, pegou a garota pela mão e a afastou dali.

- João, você está com vergonha de mim, é? Porque, se estiver, fala logo que eu...

- Para, Ariane! E eu lá vou ter vergonha de você? Eu adoro você...

O garoto disse aquilo com uma naturalidade espantosa que nem ele mesmo percebeu. Mas Ariane, sim.

- É só que eu... ainda não me acostumei, sabe? A ter uma namorada, sabe? E, além do mais, eles andam tirando sarro de mim ultimamente...

- Como é que é? - ela disse, botando as mãos na cintura e fazendo cara de invocada. - Por que eles acham que podem

tirar sarro do *meu* namorado?

- Ah, Ariane, eu não vou lhe dizer...

- E por que não? - a voz já subindo o tom.

- Porque eu nunca sei como vai ser a sua reação nesses casos.

Dependendo, pode ainda até sobrar pra mim...

Ariane, de súbito, seguindo seu natural instinto feminino, quando entendeu o conflito da situação, imediatamente trocou aquela postura já quase agressiva por uma dócil, como é típico da fêmea ao perceber que o macho adotou uma postura defensiva diante de algo que ela pretende saber. E disse com uma voz mansa, enquanto alisava o braço do garoto com suas duas mãos:

- João... que isso? Eu sou sua namorada. - Interessante como esse título era usado frequentemente para justificar uma série de ações e até mesmo exigências. - Você pode confiar em mim, assim como eu confio muito em você. Você mesmo não disse que me adora?

Ele balançou a cabeça.

- Então! Eu adoro você também. - E ela o abraçou forte. Ele bem que queria resistir, mas... fazer o quê? Ele adorava aquela menina. - Você é meu *juanzinho* fofo!

João suspirou e fez uma careta.

- Por que todo mundo ainda me chama por esse apelido ridículo, hein?

- Ele não é ridículo. Quer dizer, talvez quando outro menino o

chame assim, possa ser ridículo sim, mas... bom, quando nós meninas chamamos você, aí não é! Aí é fofo! - Uma pausa e uma mudança súbita no tom de voz: - E, aliás, a única menina que pode chamar você assim sou eu, tá me escutando?

- Estou, Ariane, estou... - disse um menino que tentava negar uma atração impossível de ser explicada pelo mais talentoso dos poetas.

E, mais uma vez abraçada forte ao peito dele, dotada de seu natural instinto feminino, ela aproveitou aquele momento para dar o bote que esperava desde o início:

- Mas, então, então me conta por que aqueles bobos estavam rindo de você...

- Nada de mais. É que eles estão me sacaneando que eu sou o único garoto que tem uma namorada e nunca beijou de língua.

Ariane se afastou de súbito. E colocou as mãos na cintura de novo:

- Como é que é? E o que você acha disso?

- Eu acho que eles estão certos!

- Ah, é? Ah é, é? Ah, então se você acha que eles estão certos, vai lá ficar com eles! Porque eu sou uma garota de respeito e pra ficar comigo tem de merecer!

- Ariane...

- Será que você não pode respeitar o meu momento, cara? Eu quero beijar você! Eu só não estou pronta ainda. Nós meninas somos assim, vamos fazer o quê? Não somos *apressadinhas*

que nem vocês...

- Ariane...

- Nós demoramos mais pra nos aprontar, pra ir ao banheiro, pra tomar decisões importantes!

João se irritou de vez, também, como é típico do instinto masculino quando alguma coisa lhe é negada mais de uma vez:

- Tá vendo? Depois você ficava reclamando que ninguém queria namorar você!

A garota ferveu.

- Ah, é? Ah, é? Pois quer saber? Talvez seja porque eu não precise de um namorado! - ela gritou, atraindo olhares para a cena. Olhares que mais uma vez deixavam João desconfortável. E, se afastando, ele a escutou dizer: - E você quer saber por que eu queria esperar para beijar você de língua? - O coração de João parou. A boca abriu. Os olhos se arregalaram. - É porque eu a *beijei* de língua outro antes de você! - E o mundo pareceu girar mais lento. - Só que foi há muito tempo, e eu não gostei! Por isso que eu queria estar preparada, pra que, quando fosse com você, fosse perfeito, tá escutando, seu... *insensível*? Agora quer saber? Eu não quero mais!

E Ariane se virou e saiu caminhando, irritada. Ao redor de João Hanson, diversos olhares o seguiam, rodeados de risadas e piadinhas. Ele, porém, não se importava com nenhum deles.

João não via nem escutava ninguém. No peito, apenas uma pontada que feria o coração e aquecia o estômago de uma forma quase *venenosa*. Ele percebeu Hector Farmer o observando de longe, e, como todos os outros, havia um sorriso extremamente debochado no rosto do garoto.

Normalmente, depois de tal situação, iria pedir conselhos à irmã, ou à mãe, a Ariane, talvez até ao próprio pai. Mas não naquela vez.

Pois foi só ali que, pela primeira vez, João Hanson percebeu o quanto estava começando a se sentir sozinho.

E William recebeu um gancho no estômago que o levou ao chão violentamente. O pior, porém, não era a maldita dor que cada golpe provocava. Eram os gritos. Os berros dos torcedores daquela maldita nação que ele em seu pouco tempo de vida já havia aprendido a odiar. Os gritos de Minotaurus.

Ergueu-se quando o juiz aproximava sua contagem do oito.

Ergueu os braços para mostrar que queria continuar.

Radamisto, no *comer*, retornou ao centro do ringue, e o juiz reiniciou a luta. William se aproximou timidamente. Com a guarda alta.

Bom, repara que Radamisto é destro.

E ele não sabia disso? Ou com o golpe de que punho você acha que ele havia ido ao chão ainda pouco?

Logo, tenta sempre ficar longe do braço direito e inverter a guarda dele.

Inverter a guarda. William trocou de posição e se movimentava em semicírculos, tentando manter-se ao lado esquerdo de Radamisto. O gigante branco sentiu-se desconfortável, mas batia *jabs* com o braço esquerdo à frente, que machucavam ainda assim a guarda de William.

Ele é forte, mas é pesado. Você é mais rápido do que ele e pode bater e sair. Bater e sair.

Bater e sair. Bater e sair. O gigante arriscou um direto de direita, abrindo o lado esquerdo. William saiu e... BAM! O golpe bateu na costela esquerda. Radamisto pareceu se irritar mais do que sentir o golpe.

Ele é forte, mas é pesado.

William comparava seu momento ao de um lenhador que tentava derrubar uma gigantesca árvore bem enraizada. Um lenhador que precisava não apenas de um machado bem afiado e de força, mas também de técnica. Afinal, não era só uma questão de bater em uma árvore. Era uma questão também de...

E foi então que William teve a idéia!

Radamisto avançou contra ele. Mais uma vez, o pugilista do Forte saiu e BAM! O gigante trincou os dentes, e William sorriu. Afinal, por mais que tentasse esconder, ele sabia: o pugilista de Minotaurus havia enfim sentido dor.

Ele é forte, mas é pesado.

William percebeu que a questão, para um lenhador derrubar

uma árvore, não era apenas bater com força e com uma arma bem afiada.

Era bater várias vezes *no mesmo ponto*.

E mais uma vez uma esquivada e um soco. Uma esquivada e um soco. A respiração começou a ficar acelerada; a temperatura corporal, cada vez maior. Radamisto começou a ficar cada vez mais irritado e irritado e irritado. E, afinal, seu motivo era justificável: aquele verme estava fazendo dobrar-se naquela arena, diante de seu Imperador. Quando o quarto soco bateu novamente na altura das costelas do lado esquerdo, Radamisto em um ato reflexo fechou a guarda naquele lado, e obrigou-se a inverter sua guarda, colocando o braço direito à frente.

William Gamewell mal conseguia acreditar que havia conseguido aquilo. E, então, soou o gongo do fim daquele round. De longe, Áxel Branford observava. Aquela era a única luta que havia feito questão de sair da sala de espera para assistir. Sentia vontade de ir até o ringue e dar-lhes mais alguns conselhos, provavelmente melhores do que seu técnico diria a ele, mas obviamente não o fez.

O *round* seguinte começou, e Radamisto estava diferente. A leitura corporal do gigante branco demonstrava que ele já estava bem menos consciente e muito mais instintivo. Não parecia mais um ser humano retornando à arena, mas um bicho. Um urso-branco de mais de dois metros de altura. Um urso repleto de ódio. Um homem sem a noção de limite.

O juiz reiniciou o combate. Radamisto ainda protegia o lado esquerdo e Áxel achava interessante aquela mudança de postura: do guerreiro frio para o guerreiro-bicho. Só que tal estado também era perigoso e tinha um nome entre os pugilistas: estado *berserker*. Um estado em que o oponente não pensa, apenas bate e bate e bate, e se recusa a cair. Ao menos até que seu oponente esteja incapacitado ou morto. E, quando um *berserker* bate, ele não sabe a diferença entre bater para cair ou bater para matar.

William suava frio. Tomou um *jab* no meio do rosto e foi se desequilibrando para trás, enquanto o urso humano partia para cima dele. Tomou mais dois golpes e viu estrelas. Queria se movimentar, mas a respiração pesava.

Ele falava demais...

William aparou alguns golpes, que deixaram marcas roxas nos cotovelos. A dor era tanta, mas tanta, que lágrimas desciam dos olhos e pioravam a visão.

Hartas tentou fazer isso com Gonta ainda há pouco e quase foi morto no ringue!

William não queria morrer naquela arena. Não *naquela* arena.

Tinha ideais, tinha um motivo para estar ali, mas não poderia recuar enquanto não estivesse terminado. E, por mais que visse estrelas piscando luzes em três dimensões diante de seus olhos, ele arriscou todas as suas forças restantes para levar consigo ao menos um pedaço de seu adversário.

Hartas não tinha fôlego suficiente para levar uma luta assim.

William começou a achar que ele próprio também não teria.

Mas ao menos ele estava pronto para fazer um sacrifício.

Radamisto avançou mais uma vez. William esperou, aparou o

golpe violento tirando o rosto da reta. Armou-se. E então

inspirou seu último fôlego, rezou ao seu semideus preferido e

apostou toda a energia que ainda tinha em um único e

poderoso golpe.

O resultado dessa vez não foi um BAM!

Foi um CRACK!

A multidão ao redor do ringue pôde escutar aquele som, e

houve um "oohhh!" da parte do público. Radamisto dobrou-se

ao pugilista do Forte, e Ferrabrás empalideceu do lugar de

honra onde estava. E foi de lá que o Imperador de Minotaurus

ergueu-se sem compostura e berrou:

- Radamisto! Eu quero o sangue dele!

Radamisto arregalou os olhos e fez uma careta bisonha, que

misturava dor, vergonha e ódio profundo. O punho de seu

adversário ainda estava afundado entre suas costelas

quebradas, e o guerreiro branco travou o braço direito do

inimigo, ignorando a dor lacerante que sentia.

E, então, uma cabeçada que abriu um buraco na testa de

William. E um direto que quase lhe afundou a parte frontal do

crânio. William viu o mundo ficar vermelho e começou a

cambaleiar para trás. Radamisto correu até ele, armando o

uppercut.

De onde estava, Áxel Branford começou a gritar desesperado, implorando para que terminassem a luta.

O soco do gigante fez William subir alto e tombar violentamente no chão, sem que ninguém soubesse mais se ele estava vivo ou morto. Houve um silêncio na arena, quebrado logo em seguida pelos gritos de "Honra & Glória" dos minotaurinos.

E, enquanto o médico chefe e seus paramédicos corriam para socorrer o derrotado, o gigante branco seguiu na direção da área onde se localizavam os monarcas, e seria mentira dizer que alguns não sentiram medo naquele momento. Ele então esticou o punho direito fechado na direção de Ferrabrás e mostrou o sangue que manchava a atadura. Em seguida, bateu no peito duas vezes e gritou com longo fôlego:

- Minotaurus!!!

Áxel Branford virou de costas e retornou à sala dos pugilistas.

- Ele está... - Caradoc tentou perguntar quando Áxel retornou à sala.

- Ele vai sobreviver.

- Mas como pode ter certeza, Branford?

- Com fé.

- Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, uma finta, embaixo, direita - ele voltava a dizer, enquanto esperava pelo resultado final. - Esquerda, direita, esquerda...

- Ei, João, cadê a sua namo... - tentou perguntar Andreos.

- Cala a boca.

- Ei, eu só ia perguntar se...

- Faz assim: eu não me meto com a sua vida. Você e todo mundo em troca fazem o mesmo com a minha. - E voltou ao seu mundo, contando mais uma vez: - Esquerda, direita, esquerda, direita...

Nem Andreos nem qualquer outro garoto do grupo ao redor ousou dizer qualquer coisa mais para João Hanson.

- Ariane!!! - disse a entusiasmada mãe, ao lado de Madame Viotti, quando a filha se aproximou das duas.

- QUIÉ?

Nenhuma das duas senhoras abriu a boca para dizer mais nada.

Áxel Branford resolveu não sair mais daquela sala até a hora de seu combate. Melioso deu-lhe um tempo para se concentrar, e ele se sentou, observando o pugilista índio ao fundo bater alguns ramos ao redor dos ombros e ecoar músicas em idioma indígenas desconhecidos. Áxel, sentado em posição de lótus, como antes estava Ruggiero, visualizava sua próxima luta e seu destino.

Ao redor de seus ombros, porém, *algo* o incomodava. Era uma sensação de formigamento, que começava na área logo acima de onde se iniciava a coluna vertebral. Áxel sentia-se cansado, embora esse cansaço não fosse exatamente físico,

mas psicológico. Respiração pesada. Do lado de fora, escutava os gritos e podia montar uma imagem mental da arena. Era óbvio que o povo gostava do carismático guerreiro oriental e que ele deveria estar dando mais uma de suas surras de golpes diferentes em Caradoc, um bom adversário, talvez mesmo o melhor de toda Albion, mas não um dos melhores do Punho De Ferro, como aqueles que sobraram.

Caradoc estava um degrau acima da média, mas ainda um abaixo do topo.

Áxel chegou a escutar até mesmo o *iciai* que precede o golpe final. Escutou o público berrando e o escutou fazendo a contagem junto com o juiz. Escutou o sino e a euforia. Sabia, pois, que, se passasse para a próxima fase, o Dragão Oriental estaria em seu caminho.

Eu irei enfrentar amanhã quem estiver no meu *dharma*. Não me importa quem tenha sido escrito nessas linhas.

Estaria Ruggiero escrito nas Linhas do Destino de Áxel ou seria o príncipe quem estava sendo escrito naquele momento nas linhas do oriental? E qual a diferença dessas respostas?

Enquanto o príncipe buscava uma resposta, seu adversário havia parado de bater galhos em suas costas e agora caminhava em círculos, gíngando uma dança esquisita que parecia a de um bêbado se desequilibrando.

Áxel ergueu-se.

- O que ele está fazendo? - perguntou ao treinador Melioso.

- O que você também deveria estar: se preparando.

- Eu não preciso me preparar.

-Não?

- Não - e Áxel apertou os dois punhos, fazendo-os estalar. - Eu já estou pronto.

Na área dedicada aos monarcas, Rei Anísio conversava com sua prometida Branca Coração-de-Neve, observando Rei Alonso com sua acompanhante.

- Teu pai parece estar cedendo boa parte de tempo à sua nova acompanhante, não, Branca?

- Nem me diga.

- Pelo visto, ela não parece ter tua aprovação.

Branca ficou calada um tempo, analisando. E disse:

- Sabe, Anísio, eu quero que papai seja feliz novamente. Eu realmente quero. E, por isso, sinto-me culpada de não simpatizar com essa nova companhia dele.

- Muito rápido para ocupar o vazio?

- Talvez. Talvez eu esteja com dificuldades em aceitar uma outra mulher frequentando os aposentos onde minha mãe deveria estar.

- Ou talvez tu te recuses a aceitar que teu pai tenha se recuperado tão rápido da partida da esposa.

Branca voltou a ficar em silêncio, ponderando. Anísio falou:

- Branca, ambos perdemos entes queridos, e sei a dor que sentes, embora acredito que deverias pensar em algo: tudo

faria ao meu alcance, e até além, para ter meu pai comigo ao meu lado nos tempos atuais. E, se aqui estivesse, não sei como seria minha reação se o visse com outra mulher que não minha mãe. Mas, pensando pelo ponto de vista delas, tenho certeza de que gostariam que o tempo de nossos pais não fosse gasto com prantos, mas com sorrisos. Gostariam que as linhas a serem escritas nas vidas deles fossem linhas alegres, e não sombrias. E que nosso próprio tempo fosse gasto como suporte, e não como pendências ou impasses. E tal raciocínio me leva a crer que, independentemente do quanto seja difícil para nós, deveríamos dar uma segunda chance ao coração, afinal, o final de tudo é o amor, não é?

Branca sentia o peito arder cada vez que seu futuro marido abria a boca. Apesar de tudo, era uma princesa abençoada, afinal bendita era a princesa prometida que, ainda assim, conhecia o amor.

- E se ela não trazer o amor à vida dele, Anísio?

- Então nós estaremos de olho.

A Arena de Vidro tremeu uma vez mais, causando tremores até do lado de fora, onde o comércio prosseguia. Duas reações completamente diferentes em poucos intervalos: primeiro, as vaias que poderiam constranger manadas. Representando Uruk, com a bandeira erguida, Devlin entrou na arena, gingando suas danças esquisitas. As pessoas reparavam em suas tatuagens e xingavam o pugilista dos piores nomes que

suas mentes pudessem lembrar. Com apenas uma tiara de couro ao redor da cabeça, ele continuou seu caminho sorrindo um riso quase que debochado. Subiu no ringue e cumprimentou a multidão, que voltou a vaiá-lo e a comparar sua mãe com animais de grande porte.

E, então, o êxtase que acompanhava a euforia. Áxel Branford, vestindo seu manto encapuzado, caminhou até a arena, com seus passos cadenciados, balançando os ombros. Ao fundo, novamente a multidão ritmava aquele batuque primitivo que ecoava duas batidas graves, seguidas de uma batida aguda que arrepiava, através das palmas, milhares de corações. As mulheres gritavam, as crianças pulavam, os homens sorriam. O público gritava o nome dele e vez ou outra xingava Minotaurus, Radamisto ou até mesmo o Imperador Ferrabrás, embora o combate fosse contra Uruk.

Áxel subiu ao ringue e, novamente, em um movimento, entregou seu manto ao treinador, revelando a bermuda com as cores de Arzallum.

O juiz os aproximou e gritou:

- Eu já lhes expliquei as regras! Sem golpes baixos, sem golpes sujos, sem covardias! Vocês não estão aqui por suas causas, mas por causa desta multidão que veio ver um show!

E eu quero que esse show seja lembrado!

Áxel olhava Devlin nos olhos. O urukiano também olhava nos dele. Os dois agitados, incapazes de manter uma postura

parada. A tensão subiu então ao nível do...

- Lutem!!!

E, por incrível que pareça, pela primeira vez em sua história como pugilista, Áxel viu um adversário partir para cima dele antes que ele tivesse chance de fazê-lo primeiro.

Jab. Jab. Jab. Os socos batiam na guarda fechada do príncipe.

Uma finta, em que Áxel não caiu. E outros *jab, jab, jab*, direto! O soco bateu no punho da guarda de Áxel e jogou seu próprio punho para trás, batendo em seu próprio rosto. O príncipe rosnou furioso.

Jab. Direto! A cabeça de Devlin foi para trás, com dois socos que ele nem viu. A multidão voltou a fazer um pandemônio. E o príncipe partiu com ela.

Jab. Direto. *Jab.* Direto. Devlin tomou os quatro no meio do rosto. *Jab.* O urukiano abaixou o tronco, esquivando-se da área de ataque e...

BAM! O soco bateu na boca do estômago, tirando o fôlego do príncipe. A tímida (e monstruosa) torcida de Uruk gritou.

Devlin armou um cruzado e jogou o rosto do príncipe em um ângulo violento de noventa graus para trás. Áxel cambaleou, vendo dois adversários. Devlin partiu para cima dele com um *cross*: um soco em que o braço fica flexionado e o cotovelo, em um ângulo acima da altura do punho.

O soco desceu castigando o rosto do príncipe. Áxel por instinto fechou a guarda e começou a sentir a sequência. *Jab*,

jab, jab, direto, *jab, jab, jab*, direto. Devlin emendava uma série atrás da outra tentando de todas as formas abrir a guarda do príncipe e acabar com aquele combate antes que...

O gongo soou, terminando o *round*.

Rei Gilgamesh, na área dos Reis, ergueu-se de forma imponente e berrou uma espécie de rosnado. A multidão o vaiou com gosto e voltou a gritar o nome de Áxel, e a bater suas palmas ritmadas.

No *comer*, Melioso perguntava ansioso e preocupado:

- O que está acontecendo? Por que você não está trocando com ele? Você tem fôlego para isso!

- Eu... eu... não sei o que está havendo...

- Branford... - o treinador deu dois tapas de leve no rosto dele, tentando trazer a atenção e o olhar do príncipe para ele - ... se concentra nesta luta, pelo amor do Criador! Onde é que está a sua cabeça, além de nesta luta?

- Eu não sei, treinador! Eu... eu estou me sentindo destruído!

Como se estivesse lutando há dias...

- Mas você está em plena forma, pelo...

O gongo do reinício soou.

Áxel largou seu treinador e voltou à arena.

Ariane havia deixado de lado um pouco sua expressão emburrada quando Áxel entrou na arena. Sentiu vontade de que João estivesse por perto, simplesmente para que ele a escutasse gritando o nome do príncipe mais uma vez, de

forma emocional e exagerada. Como todos na arena, porém, estava preocupada. Havia visto seu ídolo levar uma surra no primeiro round, como nunca um arzellino já havia assistido antes. E, pior, pelo início do segundo *round*, parecia que a cena iria se repetir ali.

E foi então que ela notou algo *muito* estranho.

- Madame... - ela tentou dizer. Madame Viotti, porém, não a escutou em meio ao barulho da multidão. - MADAME!

Madame Viotti e até mesmo a mãe Anna viraram-se assustadas.

- Que foi, querida? - perguntou a velha senhora.

- Por algum acaso agora é permitido crianças subirem no ringue?

- Não, claro que não, querida. Mas por que você está perguntando isso?

- Porque tem um menino lá!

Anna Narin e Madame Viotti viraram-se assustadas e voltaram a olhar para o ringue.

Não havia nenhuma criança lá.

Áxel tomou dois socos na altura do fígado, que provocaram um abalo em seu plexo solar, logo abaixo das costelas. A dor queimava. Segurou-se em seu adversário, em um *clinch* para interromper a sequência e se detestou por isso. Odiava pugilistas que interrompiam sequências por falta de competência e estava fazendo o mesmo. Quando o juiz fez a

pausa para separá-lo, ele olhou na direção do irmão.

Anísio Branford estava assustado.

E, quando o juiz mandou reiniciar a luta, Áxel Branford descobriu que ele próprio também.

- Ariane... - tornou a dizer Madame Viotti, com seu jeito calmo e professoral. - Diz pra mim: onde tem um menino no ringue?

- Do lado do Áxel - ela respondeu, com firmeza.

As duas mulheres se olharam, preocupadas.

- E o que ele está fazendo?

- Ele está com uma mão se segurando no short do Áxel, como se estivesse querendo chamar a atenção dele.

- E a outra mão?

- Está com o polegar enfiado na boca.

O coração de Madame Viotti acelerou.

O segundo *round* terminou. Áxel estava com o rosto inchado já. O plexo solar, moído. A respiração, entrecortada, como se estivesse lutando em uma altitude absurda.

- Eu não sei quem é você, mas eu preciso do Áxel de verdade de volta! - disse o treinador ao seu treinado. - Está me escutando?

- Treinador, juro a você: não sei o que está acontecendo. Estou me sentindo fraco... fraco... - Áxel já estava fechando os olhos, como se estivesse com sono, quando Melioso deu-lhe um tapa, dessa vez mais forte que os anteriores. Olhou no

fundo dos olhos dele. E disse com firmeza:

- O que viemos fazer aqui?

Áxel parecia querer responder, mas não conseguiu. Outro

tapa. O público que assistia à cena estava ainda mais chocado.

- O que viemos fazer aqui?

- Vencer - ele disse com esforço.

- O que viemos fazer aqui?

- Vencer.

O gongo para o recomeço da luta soou.

- E magia verde - disse Madame Viotti, preocupada.

- Como assim, *magia verde*? Eu nem sabia que magia tinha outra cor! - indignou-se Ariane.

- Filha, magia verde tem a ver com a natureza, ou com os espíritos da natureza - disse Anna.

- Mas quem mais além de bruxas sabe mexer com isso?

- Xamãs indígenas - respondeu Viotti. A senhora estava surpresa, normalmente ela própria também era capaz de ver coisas como aquelas.

- Olha só, o *round* recomeçou, e aquele moleque continua em cima do Áxel. E ele tá apanhando de novo, tadinho!

Anna e Madame Viotti se olharam, pensativas. E, então, Viotti fez um aceno positivo para Anna, que se abaixou na altura da filha para mostrar que iria falar sério:

- Ariane, escuta: você lembra quando falou com Beanshee uma vez?

Ariane gelou. Nem sempre é fácil se lembrar de quando

dialogamos com a enviada da morte.

Ela aquiesceu. A mãe continuou:

- Pois esse menino que você está vendo é uma *entidade*, como era Beanshee, você compreende?

Os pelos de Ariane estavam eriçados. Mas ela disse:

- Compreendo.

- Ele está ali *sugando* a energia do Áxel; ele está ali impedindo que ele dê o melhor de si. Você compreende então, que, se não fizermos alguma coisa *rápido*, Áxel vai ser destruído ali em pouco tempo?

- Para de enrolar, mãe! - afirmou a garota. - Me diz o que a gente tem de fazer, mas ME DIZ LOGO!

- *Chama* ele, filha!

O coração voltou a acelerar.

- Como é?

- Você já sabe como fazer isso. Olha pra ele, fecha os olhos, faz a imagem mental. E *chama*.

Ariane olhou o menino ainda segurando um pedaço do short de Áxel, com o dedo na boca. E, então, ela fechou os olhos.

Visualizou a imagem dele.

E o chamou.

Áxel sentiu o rosto bater forte no chão. Estava sentindo o mundo girar, havia perdido o senso de equilíbrio, e os ossos pareciam areia. Ouviu a contagem em um mundo muito mais

distante do que realmente estava. As próprias vozes do mundo pareciam não entrar mais em sua cabeça, e tudo, tudo parecia conduzi-lo ao breu.

Ainda assim, a imagem de Anísio Branford assustado tomava seus pensamentos. E foi seguindo essa imagem mental que ele pouco a pouco se ergueu orando ao seu Criador por um milagre, se ele mais uma vez fosse digno disso.

- Acho que ele me escutou.

- Por quê? - perguntou a mãe.

- Ele tá vindo pra cá.

Áxel voltou a enxergar o mundo e a escutar seu povo.

Segurou-se como pôde mais alguns momentos na guarda e escutou o *round* terminar.

- Branford, ou você reage neste *round* ou eu vou jogar a toalha branca! - disse Melioso.

- Nem pense nisso, treinador.

Melioso ainda estava temeroso, mas gostou do *tom* de voz de seu pugilista.

- E por que eu *não* deveria fazer isso?

Áxel segurou um sorriso, pois seu peito subia e descia como se fosse vomitar. Ele expirou e inspirou várias vezes pelo nariz, com a boca fechada, e então estabilizou o que quer que estivesse sentindo. Ergueu-se antes mesmo de ouvir o gongo.

E disse entre um sorriso irônico:

- Porque você sabe o que nós viemos fazer aqui hoje,

treinador?

O gongo SOOU!

Áxel voltou ao ringue feito um predador buscando a caça,

enquanto ao fundo seu treinador gritava com uma voz

vibrante:

-VENCER!!!

- O menino tá chegando! Ele tá chegando! Caraça, ele tá

chegando!

- Não fica com medo dele - disse Madame Viotti.

- Medo? Eu vou é arrancar os cabelos dele e...

- Ariane... - continuou Madame Viotti - ...entenda, querida,

que a culpa de ser usado não é dele. Ele é algum espírito

perdido, que não conseguiu encontrar seu caminho e foi usado

pelo pugilista xamã, sem entender exatamente o que estava

fazendo.

- Tipo... agora eu tô confusa. O que eu devo fazer então?

- Conversa com ele. E leva ele pra brincar. Pelo que você me

descreveu, era apenas isso que ele queria com Áxel...

O garoto enfim parou de frente para Ariane. E esticou sua

mão para tocá-la.

Jab. Jab! O primeiro foi de Devlin. O segundo, a resposta

imediate de Áxel. *Jab. Jab!* Devlin se assustou com o sistema

de reflexo do adversário, que já deveria estar acabado. Áxel

armou uma finta, e Devlin recebeu um *jab* seguido de um

cruzado de direita, de cima para baixo. E antes que se desse

conta do que estava acontecendo, o príncipe de rosto inchado saiu batendo na massa disforme que se mexia à sua frente.

Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Cruzado. Cruzado.

Cruzado. Um soco na lateral do estômago forçou Devlin a se dobrar assustado. Quando começou a cambalear para trás, os rosnados continuavam. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Devlin dessa vez era quem mantinha a guarda fechada, e então o urukiano começou a devolver os socos em um espetáculo difícil de ser até mesmo explicado para quem não estava naquela arena.

Um golpe, um contragolpe, um golpe, um contragolpe, uma esquiva, outra, um golpe, outro e outro e outro e outro; eram tantos socos que era até mesmo difícil dizer quem estava levando vantagem.

Anísio Branford ergueu-se e começou a gritar o nome do irmão, enlouquecido como toda a multidão de pé naquela arena diante de um milagre. Ao lado dele, Rei Gilgamesh também gritava por seu guerreiro.

E então, poucos segundos antes de terminar o *round*, houve o golpe decisivo.

- Como é o seu nome? - Ariane perguntou. Para qualquer pessoa, ela parecia falar sozinha.

Madame Viotti e Anna Narin suavam frio, observando a menina e esperando alguma resposta. E, então, escutaram

Ariane perguntar:

- Você quer brincar comigo?

Devlin avançou, jogando sua cartada máxima. Inclinou o tronco para um dos lados e lançou o tronco violentamente para a frente. *Upper-cut*, o temido gancho invertido. O punho subiu girando com o tronco, lançado violentamente para o queixo do oponente. Se aquele soco acertasse o príncipe, o cérebro iria bater na caixa craniana e se apagar por alguns momentos.

Só que o soco não acertou.

Áxel esquivou-se, sabe-se lá como, e armou o contragolpe.

Swing. Um golpe à distância em que o pugilista promove um círculo com o braço, que descreve um longo arco violento trazendo uma concentração de força tão grande que o braço deve manter-se ligeiramente dobrado para evitar luxações.

Um golpe perigoso, pois deixa a guarda aberta na execução.

A potência, porém, quando encontra seu alvo, é avassaladora.

O golpe bateu na lateral do pescoço de Devlin, acertando a artéria carótida, uma região abundantemente enervada e que leva o sangue ao cérebro. A dor provocada era de uma intensidade brutal, tão veemente que ela por si só provocou uma violenta parada das atividades motoras. Devlin, de Uruk, tombou como um saco de arroz, diante de uma multidão que não parava de fazer tremer aquelas estruturas. O médico chefe e seus paramédicos correram para socorrer o pugilista nocauteado, que poderia sofrer uma possível paralisia de um

dos lados do corpo caso houvesse uma lesão na artéria golpeada.

A algazarra, porém, era tão alta, mas tão alta, que ninguém escutou - ou se importou - quando o gongo soou. Ou quando o juiz finalizou o nocaute vascular e ergueu os braços do vencedor. Aquela multidão só gritava um nome. Um único nome. Rei Gilgamesh fez questão de reconhecer o espetáculo e cumprimentou Rei Anísio na frente de todos os Reis. O Rei de Arzallum fez questão de dizer que a participação de Uruk naquele torneio trouxe muito orgulho àquela nação.

Já Melioso entrou naquela arena e colocou o manto sobre seu pugilista machucado, prestes a retirá-lo dali. Sabia que o público tinha o direito de estar eufórico, mas o trabalho deles ainda não havia terminado. De tudo o que haviam feito, e de tudo o que haviam passado por anos a fio, faltavam apenas duas lutas para o grande objetivo final.

E eles sabiam o que estavam para fazer ali.

24

Robert de Locksley continuava sua peregrinação. Dessa vez, porém, não estava mais sozinho, como há pouco tempo. A cada vez que adentrava vilas ou tabernas, estava cada vez menos sozinho. Seu grupo já reunia mais de trinta pessoas, a maioria jovens que ele nem mesmo sabia ainda o nome, mas que sabiam bem o dele. Ainda estavam em Stallia e, em breve, partiriam para Sherwood, onde estava seu povo e aqueles pelos quais ele morreria, e que morreriam por ele.

- Quando iremos a Sherwood? - John Pequeno perguntou, sobre uma fogueira onde aquecia a carne de algum animal abatido.

- Quando for a hora.

- E quando será a hora?

- Quando já tivermos em nossas fileiras todos os outros que ainda não estão.

John Pequeno ficou calado. Comeu um pedaço de carne e achou que ainda estava crua.

- Quantos de nós faltam, Robert?

- No geral?

- Não, dentre os principais. Dentre seus capitães.

- Além de você? Faltam três. E você conhece seus nomes.

- Sim. Um deles estava no Reino do Forte. Os outros dois, em Sherwood.

- Não, o do Forte não está mais lá. Está em Arzallum.

- Você quer ir até Arzallum? - perguntou Marion,

aproximando-se e sentando-se próximo aos dois.

- Sim, eu irei. Mas apenas com vocês. Nosso exército nos esperará aqui.

- E por que ir até Arzallum? - insistiu Marion.

- Porque, quando guerreamos com Stallia pela libertação de

Sherwood, atrairemos para o combate o exército de

Minotaurus. E não poderemos enfrentar os dois. E só há um

exército em todo este continente que pode anular o exército de

Minotaurus.

- E você acha que Rei Branford vai levar seu exército ao

campo de batalha só porque você pretende pedir?

Robert ficou em silêncio. E disse:

- Ele é um homem justo. E que compreenderá nossa luta.

- Acho que você confunde o filho com o pai! - exclamou

Pequeno. - Primo Branford lutou ao nosso lado, Robert. Mas

não sabemos como pensa o filho.

- E é por isso que preciso ir até lá.

Houve outro silêncio entre os três. *Esse* silêncio dessa vez era

incômodo.

- E quanto a Tuck? - perguntou Marion.

- O que tem ele?

- Ele não é um dos que você está contando como seus

capitães?

- E claro. Tuck é um dos nossos.
 - Não mais, Robin.
 - Não compreendo... - Robert, e mesmo Pequeno, se concentraram melhor em Marion.
 - Não o vejo há muito tempo, mas o vi quando saiu daquela prisão - ela disse.
 - E o que foi que viu?
 - Eu vi um homem... diferente.
 - Tuck tem os nossos ideais.
 - Não nego isso. Apenas acho que ele hoje os coloca em prática de maneira diferente.
 - Tuck é um dos nossos!
 - E alguém agir de forma diferente de você não quer dizer que esteja pensando errado, não é verdade? Do contrário, se formos nós a julgar a verdade apenas nos igualaremos a Ferrabrás.
- Pequeno mordeu os lábios. Aquele nome *sempre* soava incômodo.
- Por que você diz que ele hoje age diferente?
 - Não sei explicar porque nunca mais o vi. Mas escuto histórias. Histórias sobre ele, Robin.
 - Mas que tipo de histórias?
 - Sobre *feitos* - disse Pequeno. - Eu também as escutei, como se fossem elas lendas urbanas.
 - Será que algum dos dois poderia ser mais específico? -

perguntou um Robert de Locksley já um tanto impaciente.

- Dizem que Tuck se tornou um santo - disse Marion,
causando arrepios no amante.

- Dizem que é capaz de curar feridas e multiplicar o pão. Que
possui uma fé que expulsa demônios e é capaz de tirar
qualquer culpa que pese nas costas de um homem - concluiu
Pequeno.

- Esse não é Tuck. É o Christo, Merlim Ambrosius!

- Não sabemos o que é verdade e o que não é! Mas de uma
coisa sabemos: Tuck agora é um homem santo, que prega a
não-violência.

- Vou precisar estar frente a frente com ele para acreditar
nisso. Pequeno deu-se por satisfeito com sua carne e
perguntou com a boca cheia:

- E quanto ao exército de Stallia, Locksley?

- Eu não me esqueci deles.

- Da última vez, eles nos massacraram com aquela investida.

Nosso grupo foi exterminado naquele dia.

- Como foi esse dia? Ouvi histórias, mas não acreditei em
nenhuma - disse Marion.

- Stallia... - explicou Locksley - ...possui um exército
diferente. Eles se utilizam de uma estratégia no campo de
batalha que nunca havíamos visto e, por isso, eles nos
superaram naquele dia. Seu exército possui uma forma de
ataque que vai da flecha à espada, compreende?

- Não.

- Seus arqueiros e seus guerreiros são os mesmos - disse

Pequeno. - Eles são treinados para usar as duas armas.

- No campo de batalha, eles erguem seus arcos e atiram suas setas - concluiu Locksley. - E enquanto elas ainda estão no ar,

descendo sobre as nossas cabeças, eles correm em nossa direção bradando urros e sacando lâminas.

- A visão enlouquece os mais fracos.

- Enlouquece até mesmo os fortes. Porque você vê aquelas setas perfurando amigos seus, matando homens ao seu lado, e

você vê aqueles guerreiros de neve correndo como se estivessem em terreno plano, e com lâminas em punho para cortar o que falta daqueles que *ainda* estão vivos.

- Eles passam degolando como galinhas os que ainda cambaleiam, ou que deram a sorte de escapar da chuva de flechas. Você não sabe se chora, se grita, se se rende ou se corre.

- Dentre essas opções, porém... - disse Locksley - ...nós nos limitamos então a chorar ou a gritar.

Marion tentou imaginar a cena descrita e não conseguiu. Na mente, apenas uma dúvida que não queria se calar de jeito nenhum:

- Robin... por favor, me explique uma coisa.

- Diga.

- Você nunca teve um exército de guerreiros, mas antes,

porém, eram jovens acostumados a guerrear em caso de necessidade. Ainda assim, esses jovens sucumbiram diante do *Exército de Neve*. Tombaram, naqueles dias, pessoas tão maravilhosas e diferentes como Stutely e Allan A. Dale.

- Robert concordou, diante do sombrio apelido daquela tropa.

- Isso me leva a perguntar: como unindo um exército de jovens idealistas hoje, sem costume nem mesmo de segurar em armas, você pretende sair vitorioso onde antes não conseguiu?

- Eu e Pequeno já conversamos sobre isso.

-E?

- E dessa vez será diferente. Porque, dessa vez, eles não irão nos surpreender no campo de batalha. Nós já conhecemos a estratégia e sentimos na pele como funciona.

- E o que haverá de diferente no campo de batalha dessa vez que não houve no outro?

John Pequeno respondeu:

- Haverá fé.

Marion continuava achando tudo aquilo uma tremenda loucura.

- E se *fé* não funcionar contra chuvas de flecha?

- Então nós entraremos em Mantaquim, e seremos recompensados pelo Criador por termos vivido vidas que valeram a pena terem sido vividas e seremos eternizados como lendas eternas.

- Além do mais... - concluiu Pequeno - ...teremos, no mínimo, tornado o mundo criado por Ele muito mais interessante aos seus semi-deuses, não é verdade?

Diante daquela fogueira, os dois amigos começaram a rir.

Marion observava ambos e continuava achando tudo aquilo uma loucura grande demais.

Seguindo orientação de Madame Viotti, Ariane seguiu com seu *novo amigo* para fora daquela área de luta, mas ainda dentro da Arena de Vidro. Depois de encerrado o dia, a área onde ficava o ringue era fechada, mas as outras continuavam funcionando com show de artistas e barracas de comida local ou venda de bugigangas para turistas.

De mãos dadas com ela, sem que ninguém mais pudesse ver, caminhava uma entidade que apenas Ariane conseguia enxergar sabe-se lá por que motivo. Segundo ela, era um menino bonito, tinha os cabelos negros cheios, com franjinhas lhe caindo pelos olhos e um olhar expressivo para alguém da sua idade. Na verdade, não parecia ter muita diferença entre sua idade e a que aquele *menino* parecia ter.

"Siga com ele até algum lugar onde você se sinta bem e ligue-se com a natureza. Diga que ali será a nova casa dele, até que ele nos explique sua história e por que está *preso* por aqui."

Era isso que a senhora havia lhe dito, e era isso que ela seguia para fazer naquele momento.

Ariane esbarrou nessa saída com sua amiga Taruga, que esfregou os olhos e franziu a testa:

- Ariane... desculpa perguntar, mas... você está bem?
- Se eu estou bem? É claro que estou, né, Taruga? Que idéia!
- Não, pó! É que... eu acho que você esqueceu o João em

algum lugar e está achando que o seu namorado tá de mãos dadas contigo!

Ariane só então se deu conta de que realmente, para outras pessoas, a cena dela caminhando de mãos dadas com algo que só ela conseguia ver deveria parecer a coisa mais estúpida do mundo.

- Eu não tenho namorado!

- Não?

- Não.

- Pô, mas vocês já terminaram?

- Não, não é bem isso.

Taruga coçou a cabeça, se esforçando ao máximo para tentar entender a cabeça da amiga.

- Pô, cara, depois vocês dizem que eu sou lentinha! Mas, caraca: afinal, você está com o João ou não?

- É que... tipo... a gente *deu um tempo*, tá entendendo?

- Ah...

As duas fizeram uma expressão um pouco triste. Se Taruga pudesse ver o menino ao lado da amiga, teria notado que ele parecia compartilhar o sentimento das duas.

- Que chato, né?

- Ah, deixa pra lá - disse Ariane, com uma voz não muito empolgada.

- Ao menos nós duas sabemos que não vai durar muito esse "tempo", né?

- Como assim, "não vai durar muito"? Como você pode saber disso, cabeça?

- Ora essa, porque ele é o seu beija-flor!

Ariane coçou a cabeça.

- Caraça, acho que quem está lerda hoje sou eu. E por que o João seria o meu *beija-flor*, Taruga?

- Ai... - reclamou a menina, como se fosse extremamente óbvio o que queria dizer. - Presta atenção: os beija-flores são bonitos e muito fortes, sabia? Eles enfrentam pássaros às vezes até cem vezes maiores do que eles! Alguns têm nomes de contos de fada. E todo mundo gosta deles!

- E o que *eu* tenho a ver com isso, Taruga?

- Ora essa, você não percebe como o João se parece com eles?

Ele também é bonitinho, já se envolveu com bruxas e até enfrentou o Hector Farmer que era... tipo... mil vezes maior do que ele, não foi? E os dois andam com o peito estufado, cheios de pompa! Além disso, todo mundo gosta dele também!

- Ah... certo! - Ariane não conseguia chegar à conclusão de que ou ela era estúpida demais para compreender aquele raciocínio ou Taruga estava brilhante demais naquele dia para ela.

- E eles são ágeis e comilões! E são pássaros muito observadores! Eles param no ar e ficam observando as coisas em silêncio, observando as coisas que nem o João faz!

- Taruga, é óbvio que o bicho fica em silêncio! O pássaro não fala!

- Tá, pô! Mas, se ele falasse, tenho certeza de que seria um pássaro que falaria pouco, isso não parece óbvio? E pássaros quando querem fazer barulho *cantam*, sabia? Além do mais, eu já ouvi falar que tem um pássaro que fala sim. Mas não lembro o nome dele...

Ariane suspirou. *Talvez* aquilo tudo fizesse sentido de repente.

- Mas por que ele seria o *meu* beija-flor?

- Porque você é a flor dele!

Quando a parte da conversa chegou nela, Ariane começou a se animar mais.

- Ih, que bonito! Agora gostei...

- Dããã! - exclamou Taruga, balançando a cabeça de Ariane. -

Olha só: o meu tio me explicou uma vez que os beija-flores, sabe... tipo... *beijam* as flores, óbvio, porque querem comer o néctar que está dentro dela!

- Acho que não estou gostando mais desse papo!

- Ei, espera, sua mente suja! - e as duas começaram a rir. - Eu quero dizer é que, com isso, ele acaba levando e espalhando por aí também os pozinhos das flores que fazem nascer outras flores, entendeu?

- Entendi, mas...

- E eu acho que você e o João são iguais! Ele tem as características desse pássaro, mas ele precisa de você, que tem

a beleza da flor, para poder se alimentar! Quando eu digo

"alimentar", digo no sentido de ter sentido na vida, sabe? Você

é o alimento da alma dele, sabe? O que faz ele ter sentido em

existir!

Ariane se calou, surpresa.

- E assim como a flor porta o polenzinho que gera outras

flores, você também tem dentro de você uma... sabe... sei lá...

uma espécie de *energia boa*, que contagia a gente, sabe? E

que um dia, ao se unir com o João, também vai gerar vida e

gerar outras florezinhas! Então, tipo, eu acho que você

alimenta a alma do João, e, em troca, ele espalha uma energia

boa que vem de você, entendeu?

Ariane ainda estava surpresa.

- Porque você é a flor dele. E ele é o seu beija-flor!

Ariane agarrou a amiga como se fosse um ursinho de pelúcia

e começou a apertá-la junto de si.

- Ai, eu amo você, sabia? Só você para me fazer sentir melhor

hoje, depois de tudo!

- Ah, a gente faz o que pode, né? - as duas riram. Ariane então

se ligou de que havia largado a mão de seu novo amigo.

- Ih, caraca! Cadê o Mudinho?

- Que "mudinho", doida?

- O que... ah, bom, ele tá ali!

- Você tá falando de quem, hein? Não vai me dizer que você já

arrumou um outro garoto pra...

- Nem continua, cabeçada! Não é nada disso!

- Tá certo, sua piradona - e a menina começou a se afastar, mandando um beijo com a mão. - Eu vou lá agora, porque senão... tipo... minha mãe vai chamar os Cavaleiros de Helsing pra me procurar, sabe?

As duas riram, e Taruga se foi. Ariane caminhou até onde estava o menino, brincando nos galhos de um pinheiro que ela conhecia bem. A árvore onde João Hanson a havia pedido em namoro.

- Você gostou dessa árvore, né, Mudinho?

O garoto balançou a cabeça, sorrindo.

- Tá. Você pode morar nela, por enquanto. Ela pode ser sua...

O menino balançou a cabeça negativamente, e uma Ariane estupefata o viu apontar para ela própria.

- Não entendi...

O menino apontou para a árvore e, depois, apontou para ela de novo.

- Não entendi, pô!

O menino-espectro bateu na própria coxa e ergueu as duas mãos. Ariane na mesma hora reagiu com um:

- Ih, ó: não fica nervosinho não, tá? Eu, hein! Já tenho de ficar falando sozinha aqui, bancando a maluca! E ainda vou levar esporro de alguém que, além de não falar, nem tá aqui? Fala sério, né?

O garoto foi até Ariane e a puxou pelo braço. Ariane sentiu o

toque. O tato dele era frio. O menino ainda segurando-a apontou para a árvore e depois para si, fazendo sinal negativo com o indicador. Depois, apontou de novo para a árvore e, em seguida, apontou para Ariane, fazendo um sinal positivo com o polegar.

- Peraí... tipo... você está dizendo que essa árvore não é sua?

Que... então, ela é *minha*?

Ele aquiesceu, satisfeito.

- E *como* você consegue saber disso?

O garoto apontou para o outro lado do tronco e a puxou pelo braço mais uma vez com o toque frio. Ariane foi até lá; olhou para o que ele apontava. E começou a chorar.

Porque você é a flor dele.

Ali havia o nome dela. E o nome *dele*, contornados por um coração flechado, gravados com a lâmina de um canivete cego. João Hanson.

E ele é o seu beija-flor!

Ariane tocou o nome dele e acariciou-o como se fosse um rosto. Ainda havia lágrimas em seu rosto.

Então, tipo, eu acho que você alimenta a alma do João, e, em troca, ele espalha uma energia boa que vem de você, entendeu?

Ariane entendia.

A cada vez que pensava nele, a cada vez que sentia a dor que sentia por estar afastada dele e a cada vez que não conseguia

saber como calar a *raiva* interna diante da vida, que vinha de dentro dele, Ariane Narin compreendia.

26

Áxel Branford havia sido levado direto para um centro médico de Andreeanne. Deitado em uma cama maior do que a cama de um plebeu, ele via em um espelho o reflexo de um rosto realmente inchado. Seu treinador estava do lado de fora, descansando, e dizia-se que Anísio Branford iria até o Hospital Real de Andreeanne visitar o irmão. Diziam, ao menos.

- Espero que nunca brigue com trolls. Se com alguns tapas seu rosto ficou assim..

- Juro que se... ai... não estivesse preso nesta maca, eu levantaria daqui e lhe daria umas boas surras - disse um príncipe falando com dificuldades.

Muralha, o guarda-costas troll, sorriu, partindo-se do velho princípio de trolls poderem sorrir.

- Quanto tempo agora até sua próxima luta?

- Dois dias.

O troll balançou a cabeça.

- Em minha antiga terra, guerreávamos todos os dias.

- E olhe aonde isso os levou: a trabalhar para mim, que só guerreio de vez em quando.

Muralha observou a janela e parecia distante dali, com sentimentos que lembravam mais sentimentos humanos do que de outra raça.

- Sente saudade de sua terra, não sente, velho amigo?

- Um pouco. Não muito. Só um pouco.

- Vamos fazer um acordo? Depois que terminar o Punho De

Ferro, colocaremos mochilas nas costas e iremos até lá

relembrar sua origem, está feito?

O troll *pareceu* suspirar.

- Agradeço, Áxel, mas não posso.

Áxel estranhou. *Muito*.

- E mesmo? E, desculpe por perguntar, mas... posso saber por

que acha que estará ocupado?

- Eu tenho um compromisso.

O rosto de estranheza do príncipe não se modificou.

27

Snail Galford entrou no local com mais dezessete jovens que haviam escutado sua história e se *inspirado* para estarem ali.

Ao todo, aquele galpão já havia passado do número de cento e oito meninos de rua, e continuava a crescer.

- Liriel, separe uma parte do grupo que não vai sair em missão de *convocação*. Mande-os cortar toras de madeiras, diversas, do tamanho de um antebraço.

Liriel estava odiando todas aquelas ordens ultimamente.

- Eu tenho cara de sua empregada, por acaso?

- Você quer assumir a liderança e prestar as contas na hora certa?

Liriel engoliu em seco. Snail percebeu e disse:

- Que pena. Eu iria preferir...

Ela voltou a olhar para aquele bando de adolescentes.

- A comida está ficando escassa para esse pessoal - disse

Liriel, preocupada.

- Aumente o grupo responsável pelos *alimentos*. Escolha os mais rápidos, de mãos leves.

- E depois?

- Dê a eles um título. Chame eles de "capitães de areia" ou qualquer coisa do tipo e elogie o trabalho deles, se for bem-feito. Mas elogie pouco.

- Não sabia que gostava de elogios.

- Eu não gosto.

- Você fala como se tudo fosse tão simples! Você já imaginou se pegam algum desses meninos e ele conta o que está acontecendo neste galpão? Seríamos exterminados no dia seguinte.

- Quem quer que seja apanhado não contará.

- Como sabe? Eles são crianças!

- Eles são soldados.

- Eles são seres humanos.

- Não, eles são *órfãos*. Você sabe o que isso significa?

- Não importa se você viu seu pai morrer, como eu vi o meu também, Gabbiani. Esses garotos simplesmente não viram o pai morrer, porque a maioria deles não conheceu os pais! Ou, se conheceram, já passaram tempo demais sozinhos para se lembrar de como eram. Além disso, devido à visita de estrangeiros do mundo todo, Andreanne vai se utilizar da política de *esconder seu lixo* durante o período do Punho De Ferro. Acredite, soldados têm ordens de *desaparecer* com a população de rua e trombadinhas em atividade durante esse período, o que faz deste lugar um local de refúgio perfeito para a própria *segurança* desses meninos. Logo eles mesmos estarão vindo até nós sem que precisemos nem mesmo convocá-los.

- E a dor que fica dentro do coração de pessoas como essas é *poderosa*. Se não for moldada, ela vira ódio, e logo você tem

formado um Coração-de-Crocodilo, que Aramis o tenha! Mas

basta uma centelha, uma única centelha, e você a canaliza

para uma energia poderosa o suficiente para destruir exércitos.

- Ainda assim, Galford! Eles são crianças, que não

conseguirão resistir às torturas.

- Eles *nunca* foram crianças. Eles já nasceram no mundo

adulto. E mais; eles sobreviveram a ele até hoje! E agora, pela

primeira vez, estão ganhando um sentido de unidade. Um

sentido que torturador algum conseguirá tirar deles.

Fazia sentido.

E dois dias se passaram em Nova Ether como se fossem um. É difícil para um ser humano conseguir se concentrar em um dia quando sua mente está em outro tão próximo. Em Andreanne, barracas de comerciantes continuavam triplicando seus lucros com o torneio de pugilismo mais difícil e importante do mundo. As conversas nas tabernas eram exclusivamente sobre os quatro finalistas da edição mais difícil e surpreendente da história da competição. Tais características tinham um motivo: era impossível dizer qual deles se sagraria vencedor. As pessoas torciam por Áxel e sonhavam em vê-lo enfrentar Radamisto, de Minotaurus, em uma final cujas motivações se estenderiam para muito além do ringue.

Entretanto, entre esse sonho e essa realidade estavam dois adversários que tinham tudo para estragar aquela festa.

Ninguém sabia como Radamisto se sairia com alguém tão forte e pesado quanto ele, como o era Gonta, de Cálice. E, apesar do carisma inicial que fez com que o público simpatizasse com o Dragão Oriental, somente agora, na hora em que o caminho do Guerreiro Amarelo e do príncipe de Arzallum se cruzaram, é que o público enfim se dava conta de pensar se Áxel seria *realmente* capaz de passar por Ruggiero. Ainda mais após a última apresentação, em que quase o viram

ser derrubado por Devlin, o pugilista xamã de Uruk.

Mas isso em Andreanne.

Nas grandes cidades dos outros Reinos, pombos-correios, normalmente em número de cinco, percorriam os céus a todo instante, levando textos de escribas reais que detalhavam cada dia para serem não apenas divulgados, mas também encenados por artistas em palcos muito além dos localizados entre as fronteiras da cidade-capital.

Mesmo em Minotaurus, quando os mensageiros dos céus chegavam até lá, os textos eram reescritos, incentivando e ratificando uma auto-proclamada superioridade minotaurina, e lidos em praças públicas lotadas ao som de gritos e brados de ufanistas. Reinos como Mosquete, Albion ou Uruk, que já haviam perdido seus participantes, comentavam exageradamente a participação nas lutas de seus representantes de forma detalhada e emendavam palmas fortes para eles que pareciam ecoar até lá.

Já em Stallia, não.

O Reino dos Coração-de-Neve agia diferente. Talvez por influência de seu regente, os stallianos agiam de forma indiferente ao que acontecia além de suas fronteiras.

Consideravam sua cultura histórica superior à da maioria dos outros Reinos, mas, desde a morte de sua Rainha Rosaléa Coração-de-Neve, *algo* havia se partido no coração do povo daquelas terras frias. Suas ruas quase não viam mais o sol,

assim como seus corações. Suas crianças não tinham tanta energia, seus pais andavam pelas ruas esbar- rando-se, pedindo desculpas e continuando a andar esbarrando em outras pessoas, sem mesmo conversarem mais entre si. As pessoas de Stallia pouco se olhavam; pouco se dirigiam a palavra e, quando o faziam, pareciam conter um certo torpor no tom de voz, oriundo de um mau humor constante diante da vida que não tinha exatamente uma explicação lógica.

O fato era que, assim como seu regente, Stallia era um Reino que não chorava mais.

E até ali nenhum deles sabia disso ainda, mas muito em breve isso seria colocado à prova. Definitivamente.

- Tu torcerás hoje por Ruggiero, senhor Rumpelstichen? -
perguntou Rei Anísio Branford.

- Torcerei pelos melhores deste dia, Vossa Majestade. Não é
porque fazemos negócios com Ofir que passarei a andar
vestido com suas bandeiras.

Foi assim que se iniciou o primeiro diálogo no camarote dos
monarcas no penúltimo dia. Rei Anísio estava animado e
fingia um excesso de confiança não tão concreta por dentro
como demonstrava parecer ter. Justificável; ele também havia
visto Áxel quase cair no dia anterior e sentia um frio na
barriga ao imaginar como o irmão se sairia contra um
guerreiro tão diferente como o oriental que lhe chegara dos
céus.

- Se irás torcer pelos melhores de hoje, então ao menos sei que
Gonta gozará de teu prestígio! - disse Rei Segundo, na
expectativa da entrada de seu pugilista.

Próximo, Imperador Ferrabrás era o oposto do Rei rival.

Possuía um excesso de confiança que perceptivelmente não
demonstrava um único pingo de dúvida de que seu guerreiro
entraria naquela arena e estraçalharia o adversário.

Sentimentos opostos disputando pontos de vista. De vez em
quando, um e outro até se olhavam.

Mas nenhum dos dois dizia nada ao outro.

- Como anda a relação entre teu pai e a condessa, Branca? -

perguntou o Rei, virando-se para a princesa.

- Como se fossem uma única alma. Tanto em pompa quanto em vontade.

- Ele não virá hoje aqui?

- Não. Não tem interesse pelo torneio sem seu pugilista de Stallia. Na realidade, acho que não o teria mesmo com ele...

Anísio ergueu as sobrancelhas.

- Surpreendente, não é?

- Tu perguntas isso justo a mim? Meu pai, neste momento, está colhendo frutas com uma mulher que conheceu há poucos dias. O mesmo Rei incapaz até mesmo de chorar a morte da esposa até hoje!

Anísio balançou a cabeça. Iria até dizer alguma coisa para confortar a noiva.

Mas a multidão começou a gritar.

Gonta entrou na direção do ringue. A maioria esmagadora das pessoas o aplaudiu com vigor na tensa caminhada, não porque Gonta fosse um exemplo de lutador carismático, mas porque era ele quem iria enfrentar o pugilista de Minotaurus. Gonta caminhou sem cumprimentar o público, sob os aplausos de pé de Rei Segundo Branford, que sorria feito criança vendo seu campeão chegar tão longe. Havia torcedores de Cálice ali, mas eram ínfimos comparados com a grande multidão e com os barulhentos e fanáticos minotaurinos.

E foram esses mesmos fanáticos que começaram a berrar e a quebrar coisas e a jogar coisas para o alto, quando Radamisto apareceu na outra ponta da arena e também iniciou sua caminhada ao ringue.

A multidão acabou-se em uma vaia histórica enquanto o gigante branco caminhava como se estivesse só e nada mais existisse ali.

Era possível notar marcas dos combates anteriores, tanto nele quanto em Gonta. Havia olhos um pouco inchados e algumas marcas roxas distribuídas. Havia hematomas e havia escoriações.

Ainda assim eles caminhavam, e milhares de corações caminhavam com eles.

O juiz chamou os dois para o centro do ringue e começou a dizer, esbravejando, coisas que deveriam parecer importantes, envolvendo ética entre pugilistas. O barulho ao redor, porém, era tão grande, que era difícil afirmar se algum dos dois escutou alguma coisa. E mesmo o juiz parecia pequeno entre os dois monstros prestes a se debater ao soar do...

O gongo soou.

Os dois, ao invés de avançarem um sobre o outro, se afastaram. Pareceram aquecer os braços e voltaram à posição de guarda. O povo gritava. Os aquecimentos, porém, eram diferentes. Gonta fazia movimentos amplos. Radamisto, não. Em sua última luta, o gigante branco havia tido uma ou duas

costelas partidas pelo maldito e surpreendente pugilista do Forte. Costelas essas que ainda não estavam curadas em tão pouco tempo e que o obrigavam a refazer suas estratégias no ringue. Radamisto já começou a luta com a guarda invertida, preocupando-se em proteger com os cotovelos o lado esquerdo, onde estava machucado.

Gonta sabia disso.

O robusto pugilista de Cálice bateu primeiro. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis. A multidão vibrou com ele. Radamisto se defendia, e defendia, tomava alguns no rosto, e defendia. Era notável que sua preocupação era defender o lado danificado e sobreviver até o fim da luta.

Sentado, Ferrabrás observava o combate sem expressar reações. Parecia até mesmo tranquilo, como um espectador que desfruta de um show de mímicas.

Gonta partiu e bateu mais duas, quatro, seis, oito! Radamisto defendia, tomava e defendia. E defendia. Preferia visivelmente abrir um pouco a guarda e tomar murros no rosto do que levar golpes baixos na costela partida. E assim se seguiu o ritmo até o final do *round*. Gonta batia e batia e batia, e Radamisto evitava os golpes em sua guarda, ou tinha os punhos do forte adversário chocados violentamente contra seu rosto.

Foi assim também o ritmo do segundo *round*. E assim o foi o do terceiro.

Centenas de pessoas nas arquibancadas começaram a vaiar imensamente o pugilista de Minotaurus, exigindo que fosse desclassificado do combate, ou ao menos que Gonta acabasse com ele de uma vez. E o pugilista de Cálice tentava.

Radamisto, porém, estava em uma espécie de transe; um estado mental em que parecia desprovido de dor, e parecia ter rochas reforçando o esqueleto.

E aquilo incomodava.

Só quem já desperdiçou energia em um ringue se confrontando com alguém sabe como é a sensação que se sente quando se percebe que, apesar de todos os seus esforços, você pareceu não causar dano algum ao outro. A sensação é como se toda aquela energia desperdiçada pelo guerreiro *voltasse* contra si próprio, feito um bumerangue.

E Radamisto andava pela arena, arrastando os pés de forma leve para seu tamanho. Gonta ia atrás dele e seus socos batiam na guarda e, vez ou outra, provocavam marcas roxas, mas que não passavam disso. Gonta tentava fingir umas fintas para ver se Radamisto abria a guarda das costelas, mas o gigante branco não caía em nenhuma delas.

- Vamos, seu maldito! Reaja! Lute que nem homem, cão encoleirado! - berrava o treinador de Gonta, antes que se escutasse o final de mais um *round*.

A multidão voltou a vaiar de forma massiva. Após tantos combates emocionantes, aquela era a pior luta de pugilismo

que haviam visto na vida.

No quarto *round*, a coisa mudou. Não muito, mas mudou.

Dessa vez, ao menos, Radamisto começou a *reagir*, o que não necessariamente queria dizer contra-atacar. Gonta batia e batia e batia, e Radamisto aparava seus golpes, com pequenos e irritantes socos de volta.

Era quase como uma tosca versão de *boxing*.

Gonta socava, e Radamisto batia no punho dele de alguma forma, com a palma aberta ou fechada, mas sempre na região próxima aos punhos, nunca no corpo. E, se aquilo já irritava quem via, imagine o pugilista de Cálice! Gonta começou a bufar, e naquela respiração era possível sentir que ele estava ficando... *cansado* daquilo.

E, então, Radamisto foi tentar aparar mais um golpe poderoso com outro soco de volta.

Mas era uma finta.

Quando Radamisto abriu enfim a guarda um pouco que fosse do lado esquerdo, Gonta inspirou fundo e bateu o golpe de verdade sem dó nas costelas do minotaurino, que fez um barulho alto e derrubou o gigante branco imediatamente no chão.

O juiz abriu contagem.

E a multidão foi à loucura.

- Sete... Seis... Cinco... - Andreos e João contavam junto com o juiz.

- Rá! Agora esse gigante fica no chão depois dessa porrada nas costelas de novo! - exclamou empolgado o irmão gêmeo, Albarus.

- Caraca... - disse um assustado João Hanson. - O cara tá levantando...

E, sentado de onde estava, Imperador Ferrabrás sorriu.

Radamisto ergueu-se devagar. Bem devagar, mas não menos imponente. A dor que deveria estar sentindo provavelmente era lancinante, como se alguém ficasse brincando de apertar e desapertar seus pulmões com a mão. Ainda assim, era impossível dizer isso daquele homem de pé, sem demonstrar um pinga de fraqueza. Lágrimas de dor desciam involuntariamente de vez em quando do rosto impassível, mas essa era a máxima demonstração encontrada.

E então Gonta partiu como um tufão e até ele próprio descobriu nessa hora o quanto estava cansado. Fisicamente e psicologicamente. E entendeu então o que Radamisto havia feito com ele durante todo aquele tempo: diluído a força física de uma maneira de dentro para fora. Já pelo outro lado, por mais que tivesse recebido golpes em guardas fechadas, Radamisto havia conservado sua energia até ali e feito o principal: lutar com a guarda invertida, protegendo o lado das costelas quebradas.

E foi só no momento em que Gonta armou o golpe, um poderoso direto, que ele viu o quanto a estratégia de

Radamisto havia dado certo. Pois foi ali que recebeu do gigante branco um cruzado no meio do rosto, que dobrou sua cara amassada para o lado.

Antes que o obeso pugilista de Cálice se recuperasse, o massacre começou, tudo com a mão direita, que era o único lado que Radamisto conseguia mover entre respirações presas.

Jab, jab, jab, cruzado, cruzado, cruzado, estômago, gancho!

Gonta já ia se afastando, quando seu adversário o puxou de volta e meteu-lhe uma cabeçada que deixou seus sentidos desnorteados. Sem ter noção de espaço, Gonta sentiu Radamisto começar a lhe bater com tanta força, mas tanta força, que as acelerações das rotações condicionadas começaram a gerar lesões crônicas. Gonta tentava reagir, mas só via estrelas, enquanto a torcida de Minotaurus gritava enlouquecida por "honra" e glória.

Os socos da mão direita batiam tão agressivamente que chocavam o público. O treinador de Cálice, com o coração na boca, jogou a toalha branca.

E, pela segunda vez naquele torneio, foi tarde demais.

O fato foi que, no último golpe, houve um violento desajustamento entre o cérebro e a caixa craniana, no momento em que o cérebro ficou atrasado em relação ao movimento por virtude das forças de inércia.

O resultado foi uma ruptura de vasos sanguíneos da cabeça.

Gonta caiu com alguns espasmos ainda, antes de seu corpo

parar de tremer por completo. Seus olhos, porém, já estavam fechados.

E o mais chocante é que ele nunca mais os iria abrir.

Houve silêncio na Arena de Vidro. E milhares de pessoas, unidas como se fossem uma só, fecharam os olhos e oraram juntas, com as mãos unidas, pela alma do pugilista de Cálice.

A torcida de Minotaurus, em quase todo o tempo, mesmo durante a oração pelo vencido, não parou de gritar.

30

- Ele está... - perguntou Áxel ao seu treinador. Havia visto Gonta ser nocauteado há alguns minutos, mas não sabia o resultado disso, ou não *queria* acreditar no estado de gravidade.

- Morto - respondeu Melioso.

Houve silêncio.

- Mas não pense muito tempo em um guerreiro que já não está mais aqui - continuou o treinador. - E nem mesmo no homem que o matou no ringue.

Áxel era silêncio.

- Você tem de pensar primeiro em *sobreviver* para chegar até ele.

Áxel ainda era silêncio.

Ao fundo, o guerreiro Ruggiero abriu os olhos e saiu de sua posição meditativa.

31

Passaram-se duas horas até aquele momento. O tempo de espera foi bom. O povo que assistiu ao confronto anterior ainda estava em choque, e, por mais que ainda falassem constantemente daquele assunto, pouco a pouco ele ia dando lugar a outro. Afinal, Minotaurus estava na final daquele torneio.

E Arzallum iria lutar.

Quando os acordes do corneteiro começaram, a excitação tomou conta da massa, e a voz de quase cento e cinquenta mil pessoas ecoou forte. As pessoas se levantaram e aplaudiram forte. Ruggiero entrou na arena primeiro e dividiu o público. Alguns o vaiaram, mas alguns até mesmo o aplaudiram timidamente. Era uma realidade que as pessoas gostavam de Ruggiero; a única coisa que tinham contra ele o fato de estar no caminho entre Áxel Branford e Radamisto.

No caminho entre Arzallum e Minotaurus.

Rei Anísio Branford e Branca Coração-de-Neve saudaram o pugilista respeitosamente, e ele seguiu até o ringue, onde retirou sua túnica, mais uma vez revelando o fascinante dragão nas costas. Era o único pugilista sem um treinador, e por isso, como regra obrigatória, algum representante do Punho De Ferro era escalado aleatoriamente para, durante os intervalos dos *rounds*, dar-lhe água, limpar seu suor e verificar

a gravidade de seus ferimentos.

Ruggiero começou a alongar os ombros e os braços lá dentro e então, mais uma vez, notou a guerreira de cabelos dourados e encaracolados o observando. Ao fundo, a atual capitã da Guarda Real, Bradamante, observava a luta com seus brilhantes olhos verdes, e o guerreiro oriental sentia-se muito mais intimidado por eles do que pelo olhar que iria ver em Branford.

E, então, a corneta soou de novo. A barulheira infernal recomeçou.

E Áxel Branford entrou.

- O rosto de Áxel parece bem *menos* inchado - disse Branca, tentando superar os gritos. - Como conseguiram tratar dele em tão pouco tempo?

- Ervas moicanas e água fluidificada por fadas - respondeu Anísio Branford.

Áxel caminhava, e o mundo, mesmo o mundo que não estava naquela arena, como sempre, caminhava com ele. As pessoas voltavam a agitar seus braços, e era lindo ver o espetáculo de quase cento e cinquenta mil pares de mãos ritmarem aquele som primitivo de duas batidas graves por uma aguda uma vez mais. O príncipe dançava sobre aquele ritmo, enquanto tochas iam sendo acesas, e a noite *também* caminhava com ele.

Atrás dele, Melioso caminhava concentrado, segurando o velho balde da sorte. As pessoas gritavam e gritavam e

gritavam. As mulheres cochichavam; as crianças tentavam imitar cada movimento. Dentre essas pessoas, estavam João Hanson e Sabino von Fíguro. Dentre essas mulheres, estavam Maria Hanson e Ariane Narin.

Áxel subiu ao ringue e retirou o capuz, revelando mais uma vez o short com as cores de Arzallum. O juiz chamou os dois e berrou:

- Eu espero que vocês dois levem este combate a sério! Eu espero não ter de carregar mais ninguém para um caixão nesta arena e que vocês tenham respeito pelo público que se encontra aqui hoje! Vocês dois se dizem grandes guerreiros para estarem aqui, e eu duvido muito disso! Portanto, tratem de me provar que eu estou errado e façam um grande espetáculo!

Os dois pugilistas bateram seus dois punhos fechados nos punhos do outro, se afastaram e escutaram o gongo do sino, seguido pelo:

- Lutem!

Áxel partiu primeiro. Gingou para um lado, para o outro, para o outro e avançou dois *jabs*. Ruggiero aparou os dois socos, bailando junto com ele. Áxel tentou mais dois.

Ruggiero fez o mesmo.

O oriental tentou uma finta, mas o príncipe não caiu. Tentou de novo. Mas o príncipe não caiu. Áxel então avançou bruscamente, e o povo gritou com ele. Ruggiero esquivou-se e

então um BAM!

Áxel recebeu um violento soco no meio do peito que o jogou para trás e o derrubou no chão. O público gemeu.

O príncipe ergueu-se, constrangido, antes que o juiz abrisse contagem, e colocou a mão no peito. Nunca havia visto aquilo antes: um pugilista socar o peito do outro. Ainda mais com aquele punho torto, com o polegar dobrado na direção superior em vez de na horizontal.

Irritado, inspirou fundo e partiu para uma sequência.

Jab. Jab. Direto. Jab. Jab. Direto. Jab. Gancho no estômago!

O golpe entrou, e o povo gritou quando Ruggiero se dobrou.

Áxel continuou avançando mais um, dois, três, quatro.

Ruggiero tomou o primeiro e aparou e aparou e aparou. E

BAM!

Áxel viu estrelas, sem saber o que havia lhe atingido; sentiu apenas a mandíbula parecer deslocar-se violentamente e retornar ao lugar.

Ainda zonzo, viu Ruggiero buscar sua cabeça berrando mais um de seus malditos *kiais*. No puro reflexo, esquivou-se uma, duas, três vezes. E BAM!

O príncipe bateu de volta. Ruggiero sentiu mais uma vez uma pedrada no estômago e dobrou-se de novo. Outro soco veio de cima para baixo, pegando o alto de sua cabeça baixa, e ele tombou de repente.

Milhares de pessoas começaram a pular, enlouquecidas.

O juiz abriu contagem, mas o oriental levantou-se como se estivesse terminando uma série de flexões. Os dois ficaram frente a frente mais uma vez. E quando o juiz ordenou o recomeço e ambos ameaçaram avançar um sobre o outro...

O sino tocou.

- Este oriental vai dar trabalho - disse Rei Tércio, observando o combate ao lado do irmão Segundo.

- Vossas Majestades nem imaginais o quanto... - disse o barão-gnomo.

Maria Hanson estava branca de medo. Parecia fazer semanas que não falava com Áxel. Havia visto ele quase tombar na última luta, mas não teve acesso ao príncipe nos últimos dois dias. Agora mais uma vez observava a luta ao lado de seu professor, sonhando poder estar presente de uma forma um pouco menos passiva do que a de um espectador.

- Professor! Acho que o Áxel está indo bem nesta luta, não?

Pelo menos perto da última...

- Ainda não dá para saber.

- Por que diz isso?

- Porque o oriental ainda não começou a usar os cotovelos e os contra-ataques simultâneos.

Maria não gostou nem um pouco daquelas informações.

- E o que o senhor acha que ele tem de fazer para...

- Começou!

O gongo soou e tudo recomeçou.

Ruggiero mudou a estratégia e fechou a postura dessa vez, esperando revidar em contragolpes. Áxel sabia que, para enfrentar esse tipo de estratégia, a postura em que um oponente se fecha em uma guarda forte, seria necessário provocá-lo para que ele abrisse alguma parte daquela postura e recebesse o golpe.

Fintas. Áxel recomeçou a bailar e a fingir ataques que interrompia antes da execução. Fingia avançar e recuava.

Fingia e recuava. Ruggiero não caía na dele, não abria sua guarda nem esboçava reação de ataque. Apenas o encarava fundo nos olhos.

E seria mentira afirmar que aquele olhar oriental não incomodava.

Áxel resolveu mudar a provocação quando percebeu que suas fintas não estavam adiantando. Logo, começou a dar socos de leve na guarda de Ruggiero, propositadamente. Imagine-se em uma posição com os braços à frente do rosto, e alguém constantemente dando pancadas leves no mesmo ponto do seu braço, até que essas batidas constantes comecem a *doer*. E, ainda assim, que a outra pessoa não pare.

O resultado será que você irá começar a se *estressar*.

E, quando o estresse tomar conta de você, fará seu humor chegar a um nível tal que terá gerado em você uma reação explosiva quase que involuntária, provavelmente com um excesso de fúria embutido.

Ali, o objetivo também era esse.

Áxel batia e batia e batia na guarda fechada, mirando sempre os mesmos pontos. Ruggiero trincava os dentes, demonstrando que sentia a provocação, mas mantinha uma expressão corporal de quem tinha serenidade suficiente, dentro e fora dali, para evitar que o estresse o fizesse descarregar sua fúria de uma maneira incontrolável.

E então Áxel avançou um soco aberto e amplo para tentar contornar a guarda e...

Ruggiero deu-lhe com o cotovelo uma meia-lua horizontal, que fez o príncipe girar uma vez e tombar com força no chão.

Ninguém conseguiu ver mesmo o golpe, apenas o corpo do campeão de Arzallum girando e tombando feito um peão. O juiz se aproximou e abriu contagem:

- Dez... Nove... Oito...

Áxel ergueu-se espumando de raiva. Tentara provocar o adversário ao longo do *round* inteiro, e não apenas havia sido atingido como a raiva dele o estava tirando do centro. Do outro lado, o Dragão Oriental parecia manter sua sanidade e equilíbrio respirando de uma forma especial. Uma forma diferente.

Que movimentos eram aqueles?

Uma forma controlada. E consciente.

São movimentos de respirar.

O juiz reiniciou, e o príncipe partiu. Socou uma, duas, três,

quatro! Ruggiero aparou todos eles.

E o *round* acabou.

- Branford parece estar *levemente* irritado a cada segundo... -

disse Ferrabrás, com sua irritante voz debochada.

- Espero que nem por isso ele mate alguém no ringue... -

respondeu Rei Tércio, tomando as dores do sobrinho.

- Ora, pelo visto ele teve a quem puxar nesta família...

Reis Segundo e Tércio se olharam e não disseram nada.

Rei Anísio estava tão tenso que não conseguia nem mesmo se concentrar para uma resposta.

- O olho puxado bate forte... - gemeu Áxel, enquanto seu treinador verificava seus ferimentos.

- Até aí, você também.

- É, mas ele é rápido.

- Você também.

- Verda... ai! Não mexe muito por aí não...

- Escuta aqui, donzela. Eu sei por que você está falando essas coisas. Você está dizendo isso porque aquele cara é diferente de tudo o que você já viu antes, e isso assusta! Só que eu vou lembrar uma coisa: para o oriental do lado de lá, você também é diferente de qualquer coisa que ele já tenha visto! Com certeza você também bate mais forte e mais rápido do que qualquer um que ele já tenha enfrentado do outro lado do mundo!

O gongo soou, convocando os dois pugilistas.

- Agora entra lá e mostra a ele o porquê!

Áxel Branford partiu mostrando os dentes como um tigre.

Ruggiero sentiu que o pugilista que enfrentava cada vez voltava ao ringue mais machucado, mas ao mesmo tempo mais fortalecido. O corpo era cada vez mais danificado, mas a energia que emanava dele em cada movimento parecia se expandir em um pulso de pura vibração e consciência.

Ele atacava como faria um animal selvagem em caça, que, mesmo quando é impelido e jogado longe, busca forças para contornar e voltar a atacar com a mesma intensidade. Diante daquela postura agressiva, Ruggiero percebeu que só poderia sobreviver respondendo da mesma forma.

Ataque-resposta.

No pugilismo ocidental de Nova Ether, esse tipo de treinamento reproduz um treinamento de ataque, seguido de uma resposta imediata. No oriental, não.

Áxel atacou e acertou um direto no meio do rosto de Ruggiero. No entanto, recebeu de volta um contragolpe que o deixou surpreso. Porque não fora um contragolpe imediato ao golpe.

Fora um contragolpe recebido ao *mesmo tempo* do ataque.

E assim prosseguiu aquele *round*, para euforia de um público que nunca, nunca havia visto algo parecido com aquilo.

Jab-Jab. Jab-Jab. Jab-Jab. Áxel batia. Ruggiero batia de volta e de volta e de volta. E de volta, simultaneamente. Cada

golpe, uma resposta. Cada golpe.

Os corpos dançavam um atrás do outro pela arena, se
atracando em uma festival de golpes sucessivos. Um golpe,
um contragolpe. Dois, dez, quinze, vinte! A pressão
aumentava; a velocidade e a respiração, também. Mas o que
Áxel Branford cada vez mais percebia era que, quanto mais
aumentava seu ritmo, menos cansado ele parecia ficar.

Artista marcial compreender que ter dentro de si uma energia
maior.

*Jab, jab, direto, jab, direto, jab, direto, jab, direto, gancho,
jab, gancho, jab, direto, jab, direto. Jab, jab, direto, jab,
direto, jab, direto, direto, direto, direto, direto, direto.*

O público berrava e berrava e começava a pular e a tremer e a
gritar, contagiado por aquela energia que se expandia além
daqueles dois pugilistas e tomava tudo ao redor de forma
inteiramente devastadora, pois tocava na parte da alma
humana que transcende o que é humano e toca na energia que
pulsa no seres semi-divinos.

E dos seres semi-divinos.

Uma energia extraordinária.

Dois seres humanos se tornavam complemento de uma
mesma ação. E, dessa forma, se tornavam um.

Éter.

Áxel sentiu *algo* enérgico que nasceu em um ponto do plexo
solar, em uma região localizada três dedos abaixo do umbigo.

Aquilo cresceu e começou a tomar conta de suas entranhas. O que quer que fosse, aquela força começou a se expandir pelos braços e arrepiou-lhe os pelos, purificou-se quando se encontrou com o coração e continuou subindo na direção da cabeça. E, no momento em que lhe passou pela garganta, aquela energia se tornou tão poderosa, mas tão poderosa, que ele precisou externar aquilo para não implodir.

O resultado foi o brado de guerra de um guerreiro ocidental.

- *Kiaaaaaaaaaah!* - Sei lá, mas era mais ou menos isso que pareceu aquele grito. Algo forte, vibrante, energia pura.

O soco bateu no peito de Ruggiero, arremessando o oriental metros para trás. O pugilista caiu com duas cambalhotas, colocando a mão no peito assustado.

O gongo SOOU!

O público começou a aplaudir, a pular e a jogar coisas pro alto, empolgado com a reação de seu herói nacional. Rei Anísio tremia de tanta vibração, e se ergueu e começou a gritar junto com a multidão em uma despreocupada quebra de protocolo.

De onde estava, Ruggiero olhou assustado para o príncipe de Arzallum e pareceu compreender algo que ninguém mais compreendia, e surpreendentemente sorriu. Ergueu-se rapidamente mostrando ao juiz que estava bem e foi para sua área.

Áxel estava tão enérgico que não conseguia nem se sentar.

- Algum comentário enriquecedor, *Imperador Ferrabrás*? -

perguntou Rei Tércio.

Ferrabrás deu mais um de seus sorrisos debochados e ficou observando a multidão enlouquecida.

- Tá escutando isso? - berrou o treinador na cara de Áxel, cuspiendo um pouco sem querer no rosto de seu pugilista. Era difícil até mesmo escutá-lo ainda assim, em meio ao pandemônio ao redor. - Isso é força. Isso é *você!* E é por isso que você vai voltar lá e vai fazer o que nós viemos aqui para fazer!

Áxel tremia. *Precisava* recomeçar. *Precisava!* *Precisava* daquela energia que havia se tornado quando em combate com aquele oriental.

Do outro lado, Ruggiero *compreendia*. Compreendia o motivo de ter cruzado o oceano naquela geringonça. Compreendia porque fora escolhido para lutar naquele torneio e porque sua Linha de Destino havia se cruzado com a de Áxel Branford.

O gongo soou uma vez mais.

E o *round* final se iniciou.

Jab, direto, *jab*, direto, curto, curto, gancho, direto, *jab*, *cross*, *jab*, *jab*, direto, *jab*, gancho, *jab*, *jab*, gancho, *cross*, curto, *jab*, direto, direto, direto, direto. Eram tantos e tantos golpes seguidos que ninguém sabia mais nem mesmo quem os estava desferindo e quem os estava recebendo.

Era como se ambos os pugilistas naquele combate houvessem

se tornado um único.

Você sente a energia naqueles movimentos, não é?

E que, por mais que estivessem movendo uma energia contra a outra, as duas pareciam se complementar.

Eu a sentir em todos os momentos.

As pessoas mais pareciam bárbaros, alimentando-se de sentimentos primitivos que levavam a um êxtase que deveria ser semi-divino.

E talvez o fosse.

E como é essa sensação?

Áxel sabia. Agora ele sabia. Cada vez que aquela força dentro dele implorava para ser liberada, ele entendia e lembrava da resposta.

Plena.

Os dois pugilistas se afastaram. A essa altura, ninguém mais se lembrava do que estava em jogo. Ninguém mais se

lembrava de que ainda havia uma luta com Minotaurus, ou

que existiam fronteiras entre culturas e relações humanas. O

público aplaudia o espetáculo que estava vendo e os homens

que o faziam acreditar que existe uma força no espírito

humano que pode ser moldada.

Uma força capaz de gerar feitos extraordinários e de nos fazer

tocar em dimensões que o mundo material não pode alcançar.

Áxel inspirou e sentiu aquela eletricidade interna tomar conta

do seu corpo. Do outro lado, Ruggiero fez o mesmo. E então,

rodeados por suor e gritos, os dois pugilistas, lembrando touros, inspiraram fundo e partiram na direção um do outro berrando *kiais* que fariam arrepiar semideuses.

KIAAAAAAAAAAH!!! GRÉÉÉÉÉÉÉÉAH!!!

Os golpes explodiram *quase* ao mesmo tempo. Os dois punhos partiram na direção dos rostos adversários com toda a energia concentrada em um único instante.

Havia dois lutadores jogando tudo naquele momento.

Apenas um atingiu seu alvo.

O impacto foi tão devastador, mas tão devastador, que o pugilista acertado ergueu-se com as pernas para cima por quase dois metros, enquanto o outro passou como búfalo por ele. Quando caiu com as costas estateladas no chão, o mundo pareceu momentaneamente sem som.

Mas isso apenas para o derrotado.

Para o vencedor daquele combate, o mundo tinha som. Era um som oriundo de um lugar onde nasce o melhor do ser humano. De onde eclode o fantástico, e onde fadas tomam vida. Era o som do mundo e de tudo o que forma esse mundo, potencializado em sua energia máxima.

Um mundo que tinha um som. E, naquele instante, até mesmo um nome.

O nome do mundo, naquele dia, era Áxel Branford.

Melioso subiu naquele ringue tentando manter a sanidade e, mais uma vez, retirar seu pupilo dali antes que a euforia o

contagiasse. Mas, dessa vez, Áxel se desvencilhou dele e não permitiu. Afinal, naquela vez não era como em todas as outras. Aquela luta, para ele, não fora como nenhuma outra.

Áxel foi até o oriental, que se levantava, e o ajudou a se erguer. Ruggiero estava com a visão um pouco turva, e podia-se jurar que quase havia lágrimas nos olhos do adversário.

- Obrigado. Obrigado por ter me mostrado... - Áxel dizia com uma voz esbaforida e quase berrando por consequência da influência externa do barulho da multidão.

- Você... - Ruggiero disse, esforçando-se para berrar o mais alto que suas forças ainda permitiam - ...me dar motivo.

Áxel começou a sorrir como uma criança. Abraçou seu adversário como se fosse um mestre, e o público continuou a aplaudir e a berrar pelo espetáculo visto. Um público formado por diversas classes e um único sentimento.

- E você *realmente* conseguir... Branford - Ruggiero ainda conseguiu dizer. - Você não quer sentir um pouco da plenitude que a energia trazer?

Áxel aquiesceu duas vezes. E disse:

- Eu sei. *Agora* eu sei.

Áxel pegou o antebraço de Ruggiero.

E, iluminado por dezenas de tochas, diante de cento e cinquenta mil pessoas enlouquecidas, ergueu seu braço junto ao do Dragão Oriental.

É assim.

Robert de Locksley havia *sentido* algo diferente quando passou pelo cercado simples que delimitava o território de Sherwood. Eram apenas algumas passadas, mas cada passo relembrava anos de solidão e confinamento; anos esses em que sua mente livre caminhava até ali para evitar a loucura que assola o homem em cárcere.

Seus seguidores iam com ele e caminhavam a seu lado. Por onde passavam, geravam fascínio. Cada estrada, cada vila em direção a Sherwood era primeiramente tomada de curiosidade quando aquele grupo se aproximava entoando canções de liberdade e poemas antigos. E, então, as pessoas descobriam *quem* eles seguiam. Robert dizia algumas palavras.

E coletava seus espíritos.

Quando o grupo parou diante daquela ferraria, era noite.

Havia poucos trabalhando àquela hora, mas quem quer que estivesse lá dentro daquele local *ainda* estava. Do lado de fora, entre sons de grilos e cheiro de sereno, escutava-se o bater constante e ritmado do martelo no aço, ecoando como um sino que anuncia um fim de combate.

Ou um início.

Robert deixou o grupo do lado de fora e entrou, acompanhado apenas de John Pequeno. Ao fundo, ainda os sons cadenciados e reverberantes do martelo dando forma ao aço. O homem

responsável era baixo e um pouco corcunda, também lá pela casa dos quarenta anos daqueles dois. Tinha os braços fortes e marcados pelos anos de trabalho com metal e fogo. O rosto muito barbudo, assim como os braços. E os cabelos ruivos cheios e desgrenhados para cima.

- Está vendo, Pequeno? Ao menos um de nós ainda mantém suas origens...

O som da batida no metal parou. O homem olhou por cima do ombro, sorriu e voltou a bater. O metal em suas mãos parecia estar dando forma a uma espada.

- Vocês demoraram...

Robert e John se olharam, surpresos. Aproximaram-se. O baixinho corcunda em nenhum momento se levantou para cumprimentá-los. Ao redor do pescoço, preso por um cordão, havia um molho de chaves que vez ou outra tilintava com movimentos mais bruscos.

- Não era esta a recepção que esperava, mas é bom ver que manteve suas origens, Much! Esta ferraria parece nunca ter interrompido seus serviços.

- Não se trata exatamente de uma opção, Locksley. Eu sou o filho de mestre ferreiro. Foi a única coisa que aprendi a fazer...

- Pelo visto, seu pai ficaria muito orgulhoso.

Much parou de bater. E olhou para Pequeno.

- Pelo Criador, você não para de crescer, negro maldito?

- Na verdade, eu já parei. Mas parece que você continua diminuindo...

- Verdade? Não foi o que disse a sua ex-namorada...

Os três começaram a rir sem parar. Locksley puxou um banco de madeira próximo e se sentou, tomando a palavra:

- Quer dizer que manteve as atividades de seu pai?

- Sim. Ele me pediu isso.

- E compreensível. Miller realmente se tornou uma referência em forjas - disse Pequeno.

- Sim. Mas não foi por isso que ele me pediu para continuar o trabalho.

- Como assim? - perguntou Locksley.

- Ele não fez tal pedido por renome ou reputação. Ele o fez porque sabia que estava velho demais para continuar a luta, mas você, não.

Robert parou, buscando compreender. Achou que tinha entendido, mas preferiu pedir:

- Explique.

- A doença já o havia deixado cego e com dores constantes.

Eu sabia que ele ia morrer, ele sabia que ia morrer, todo mundo sabia disso. E minha mãe uma vez disse que era uma pena que você não pudesse estar com ele naqueles últimos momentos. Porque ele gostava de você como se fosse um filho...

- Devo mesmo a seu pai, Much. Meus ideais foram plantados

por ele.

- Ele sabia disso. Tanto que me disse para não interromper os trabalhos. Ele disse que você voltaria. - Os pelos de Locksley se arrepiaram. Os de Pequeno também. - Mais; ele *sabia* que você voltaria. Mesmo cego, ainda gargalhava ao dizer que, se os homens que tiraram tudo de sua família não haviam conseguido matar o que havia de melhor em você, não era uma prisão em um Reino frio como Stallia que o iria fazer.

- Mas... mas eu havia sido condenado à prisão perpétua! A tendência natural seria que eu morresse naquelas celas.

- Não. Antes da morte, meu pai havia recebido a visita de Tuck. E nosso frade está um homem *diferente*. Um homem santo. E a partir da visita dele, meu pai passou a acreditar que você não morreria naquela prisão. Porque ele passou a acreditar em fé. Passou a acreditar que existe um Criador olhando por nós. E que, de vez em quando, quando fazemos por merecer, milagres acontecem. - Os pelos dos dois continuavam arrepiados. - E ele estava certo. Afinal, um *milagre* aconteceu, não foi?

Os três ficaram um pouco em silêncio. E Robert perguntou:

- E, Much, o que aconteceu depois da partida de Miller?

- Desde então tenho trabalhado de dia nos pedidos que me são encomendados, pois preciso comer. Mas, à noite, madrugada adentro, concluía o pedido de meu pai, esperando o dia em que você entraria por aquela porta mais uma vez. - Much se

levantou. - Veja só esse exemplo: estou trabalhando nesta

maldita espada, mas acho que está uma droga! Que horas são?

- Não sei, mas estamos no meio da madrugada - disse

Pequeno.

- Está vendo? Talvez seja por isso. Os anos vão se passando e

nossa visão não é mais a mesma.

Much caminhou com seu jeito natural, que mancava um

pouco, até uma grande porta dupla de madeira, trancada com

dois cadeados gigantes. Ele afastou algumas painéis e coisas

do tipo da frente e abriu os cadeados com chaves do seu

molho ao redor do pescoço.

- Sabe, meu pai dizia que você iria voltar. E que iria enfim

fazer o que nenhum homem teve colhão ainda para fazer neste

lugar. Segundo as palavras dele, ele dizia que você viria dessa

vez para chutar o traseiro daqueles filhos-da-...

Much empurrou uma das portas, erguendo poeira, e pequenas

ferrugens e madeira caíram na cabeça dele.

- Cupins malditos! - esbravejou, limpando a poeira. - Mas

onde eu estava mesmo?

- Nos filhos-da-... - respondeu Pequeno.

- Ah, sim. Bom, o que interessa é que ele sabia que você viria

libertar Sherwood de vez e acabar com essa porcaria de

política de território neutro. Costumava dizer que "era um

absurdo a Igreja ter seu próprio Reino dentro de um Reino, e

Sherwood ser uma terra sem um governante próprio".

Much soltou mais alguma coisa e pôde enfim abrir a segunda porta.

- Ele disse que você iria procurar os outros. E que iria montar um novo exército. E que era através das minhas mãos que ele estaria na sua luta, depois da morte.

E Robert de Locksley e João Pequeno ficaram embasbacados quando viram o que a abertura daquelas portas revelava. Era um recinto grande, do tamanho de um quarto nobre. Mas o seu interior era fruto de um resultado trabalhoso e primoroso, que com certeza havia necessitado de anos de dedicação, paciência e esforço.

Talvez quase vinte anos de esforço.

- Logo, não sei se você já arrumou o seu exército, Locksley...

"Mas o seu arsenal e as suas vestimentas já estão aqui."

Maria Hanson chegou em casa esbaforida naquela noite e descobriu sua mãe nervosa esperando por ela. Por pedido de Erika Hanson, dois meninos haviam corrido até o centro para procurá-la, com ordens de dizer a ela que uma *coisa horrível* estava acontecendo.

Maria entrou na casa com o coração na boca, rezando aos seus semideuses para que a situação não fosse tão ruim quanto estava imaginando ser.

A mãe gritou por ela quando a escutou entrar.

E Maria Hanson descobriu que era.

34

O dia já havia amanhecido. Naquele local, porém, onde sempre era sombra, ninguém parecia saber disso.

- De pé! - ele berrou, caminhando por entre já quase cinco centenas de meninos de rua.

Os garotos ergueram-se sonolentos. Todos perceberam ou esbarraram em *algo* à frente deles. Ao perceberem melhor, descobriram que se tratava de dois pedaços de madeira, do tamanho de um antebraço, para cada um.

- Apanhem as toras de madeiras à frente de vocês.

Liriel observou a cena surpresa, e entendeu qual era a próxima fase daquele plano cada vez mais sem controle.

Snail Galford puxou dois facões bem afiados de seu sobretudo e disse:

- Essas toras de madeira serão suas lâminas. Aprender a usar facas é como tratar de duas dançarinas.

As lâminas roçaram uma na outra e provocaram faíscas.

- E, neste momento, é hora de vocês as ensinarem a bailar.

Rei Anísio Branford permitiu que o anunciado entrasse no Salão Real naquela manhã. O barão-gnomo caminhou com seu jeito austero, ajoelhou-se diante dele e disse:

- Majestade...

- Soube que tens algo a me propor, senhor Rumpelstichen.

Algo *além* de coisas que voam e novas Eras, o que me leva a atçar minha imaginação além dos limites que acreditava serem permitidos.

- Majestade, ninguém melhor do que... - o gnomo olhou pelo salão antes de usar o próximo pronome de tratamento e viu que gnomo e Rei estavam sozinhos - ...tu para compreender a importância do que ocorrerá na final do torneio que se segue, tenho crença.

- Perfeitamente.

- Mas, antes de fazer tal proposta, preciso ter a presença de mais um soberano, que peço desculpas por ter convidado a este Grande Paço.

Rei Anísio pareceu *muito* desconfortável naquela parte.

- Já me foi anunciada também tal presença, com *muita* surpresa, acrescento. Espero realmente que tenhas motivos e saibas por que o fazes.

- Tens minha palavra.

O Rei tocou um sino, e o guarda que havia saído retornou.

Recebeu um aceno, que servia como permissão, e anunciou:

- Vossa Majestade, o autoproclamado Imperador de

Minotaurus, Victon Ferrabrás.

Ferrabrás entrou vestido com uma farda militar acinzentada,

que identificava as insígnias de general no peito e na forma

das ombreiras. Caminhou pelo salão com o peito estufado, um

andar indefinido entre o comum e a marcha militar, e um

olhar debochado na face.

Ao fundo, o guarda real, que, dessa vez, não abandonou o

salão.

- Não pensei que retornaria a este Paço tão cedo - disse o

minotaurino.

- Então compartilhamos da mesma opinião - disse Rei Anísio.

O senhor Rumpelstichen limpou a garganta, constrangido pelo

momento, mas logo se pôs a dizer:

- Vossas Majestades, sei que compartilhais de ideais distintos

e sei também que esta não é a situação ideal para nenhum de

vós neste momento, mas, se tive a audácia de juntar os dois

maiores líderes deste continente neste recinto, é porque tenho

a fazer uma proposta que talvez interesse a ambos.

- Uma proposta que interesse a ambos? - perguntou Ferrabrás,

surpreso. - Está aí algo que gostaria de escutar.

Rei Anísio nada disse. O gnomo virou-se para ele:

- Como dizia antes, Rei Branford, ninguém melhor do que tu

poderias...

- Use o termo "vossa" - disse o Rei, com uma voz fria.

Rumpelsti- chen engoliu em seco.

- Perfeitamente. E como devo me referir à pessoa de nosso Imperador?

- Como disseste: com o título "Imperador" - disse Ferrabrás.

- Por mim, tu usarias o "você" - disse o Rei, ainda com sua voz fria. - Mas, se títulos vazios satisfazem tuas fantasias, o capricho não me incomoda neste dia.

O gnomo ainda parecia pesar cada palavra, tal o desconforto de sua situação. A proposta que tinha em mente, porém, era ambiciosa o suficiente para não impedi-lo de continuar em frente.

- Vossas Majestades, vós sabeis que um combate final entre Arzallum e Minotaurus é algo que ficará na história do mundo e será contado para gerações muito além das que viveremos para ver.

- Se não me engano, até agora só me disseste o que já sei, senhor Rumpelstichen.

- Desculpai por isso, Vossa Majestade.

- Não me incomode. Apenas ratifico minha curiosidade em identificar o que de novo tens a me dizer.

- E, com certeza, te ausentares de minha presença - disse Ferrabrás.

- O *Imperador* mostra sinais de sabedoria quando o quer - comentou Anísio.

- Apenas quando compartilhamos de sentimentos parecidos,

Majestade.

O gnomo tomou mais uma vez a palavra. Rápido.

- Vossa Majestade, por favor, me tireis uma dúvida: quanto tempo levará para ocorrer o próximo combate, que definirá o grande campeão do mundo? Dois dias, como o último intervalo?

- Cinco. Para a última luta se espera uma semana, para que os pugilistas possam dar algo mais no grande espetáculo final.

- Rei Branford se refere apenas ao pugilista de Arzallum. Se dependêssemos apenas de Minotaurus, o combate se daria já no dia de hoje.

- É mesmo? - perguntou Rei Anísio. - Talvez fosse melhor esperarmos meses para ver se as costelas de Radamisto cicatrizam.

- Seu tio, Rei Segundo, deve ter pensado a mesma coisa e viu seu pugilista sair carregado em um pesado caixão.

Rei Anísio inspirou fundo o ar pela boca quase fechada, em um perigoso silvo, prestes a deflagrar a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, quando o senhor Rumpelstichen, que estava com a mente em outro lugar, alheio ao barril de pólvora ao seu redor, disse animado:

- Oh, cinco dias! - o barão-gnomo pareceu muito surpreso. -

Estava preocupado com o prazo de dois, admito, mas com o de cinco dias, então, minha idéia poderia se tornar

perfeitamente viável!

- Uma idéia que, ratifico, simpatizaria muito em tomar conhecimento.

O gnomo notou a impaciência do Rei (também, né?) e, meio desajeitado, se pôs logo a dizer:

- Oh, sim, sim. Vossa Majestade e Imperador Ferrabrás, com certeza vós bem se lembrais da mensagem apresentada pela princesa de Jade em vosso salão.

- E como esquecer a princesa de areia? Temos acesso ao fantástico nestas terras, mas nem sempre em tamanha intensidade.

- E Vossa Majestade lembra sobre o que falei daquele mecanismo?

- Lembro que citaras cristais e outras formas de éter, tanto mais brutas quanto mais sutis.

- Exatamente. Hoje, somos capazes de *gravar energia* em pedras de cristal. E, como semideuses, reviver eternamente momentos de éter.

- Espero que estejas dando sequência ao raciocínio de tua proposta.

- Tenho de concordar que espero o mesmo - disse o Imperador, com uma paciência também não muito extensa.

- Sim. Minha proposta, Vossa Majestade e Imperador Ferrabrás, é eternizarmos e gravarmos para sempre o histórico embate entre Arzallum e Minotaurus que será realizado

naquela arena.

O barão-gnomo pareceu orgulhoso, com um imenso sorriso na face. Os dois monarcas, porém, estavam embasbacados com a proposta.

- Mas... acaso já fizeste algo parecido com isto antes, gnomo?

- Imperador Ferrabrás, nunca o tentamos em tamanha intensidade e amplitude. Mas acho que estamos prontos para o feito; apenas precisávamos de um espetáculo que merecesse o esforço.

Os dois continuavam sem saber o que dizer.

- E como reviveremos tal embate no futuro, senhor

Rumpelstichen? Com dois pugilistas de areia?

- Vossa Majestade, areia é apenas um dos componentes com os quais podemos reviver momentos gravados em energia.

Entretanto, o podemos fazer com muitos outros elementos.

Inclusive, acho que estamos preparados para fazer, enfim, utilizando reflexos de luz de tochas.

- Não compreendo.

- Pensamos em gravar energia em éter e projetar posteriormente, em futuro não muito distante, em luz. O resultado será aquele momento, já passado na nossa frente, tomando forma ali uma vez mais.

- Impressionantes as tuas ambições, gnomo.

- Isso se trata de um elogio, Imperador Ferrabrás?

- Talvez não em Arzallum. Mas o é em Minotaurus.

- Então, obrigado, Imperador Ferrabrás. Voltando ao cerne da questão que coloco, sei que, para o perdedor do embate, tal situação não será de conforto, mas a possibilidade que rodeia o futuro vencedor acho que compensaria o risco.

Rei e Imperador ficaram em silêncio analisando a proposta.

Realmente, para quem perdesse aquele combate, a situação seria trágica. Mas para quem o vencesse...

- Não sei o porquê, mas acredito que tal proposta não nos viria de graça.

- Ah... certamente, Majestade.

- Diga teu preço, gnomo - intimou Ferrabrás.

- Precisaria de voluntários a meu serviço dia e noite ao longo destes cinco dias, e preciso negociar com gênios.

Rei Anísio franziu as sobrancelhas.

- Convocarias gênios para estas terras, senhor Rumpelstichen?

- E que me cobrariam seu preço, Vossa Majestade.

Imperador Ferrabrás sorriu.

- Gosto dos preços cobrados por esses seres. São mais baratos que ouro.

- Só se estiver se referindo às mulheres de Minotaurus. Porque as de Arzallum não se compram.

- Ah, isso se nota pela companhia de seus herdeiros. Um

Reino em que seu príncipe precisa buscar companhia na plebe demonstra bem o pouco valor de suas nobres...

Rei Anísio *odiava* cada vez que tinha de escutar comentários

como aquele por causa do irmão.

- Ah... - voltou a *tentar* dizer o gnomo. - Vossas Majestades, diante de minhas propostas e de minhas necessidades para execução, o que me dizeis?

- Posso ceder servos reais para ajudar-te nos trabalhos e permitir o acesso à Arena de Vidro. Mas não contes comigo neste momento para pagar teus gênios.

- Sem problema - disse Ferrabrás. - Deixe que cuida dessa parte.

- Acaso cederás tuas minotaurinas? - perguntou o Rei, com sua voz fria.

- Não. Não serão minotaurinas.

Rei Anísio Branford voltou a trincar os dentes com a provocação. A escravidão havia sido abolida com um decreto de seu pai, Primo Branford. Aqueles que se recusassem a cumprir o decreto se declarariam inimigos de Arzallum e de seus aliados diretos. Minotaurus, para evitar represálias imediatas por não estarem prontos ainda naquele momento, modificou o termo *escravos* para o curioso nome de *prisioneiros militares*.

- Pois bem. Então acredito que temos um negócio fechado.

"Vossa Majestade e Imperador Ferrabrás, preparai-vos para o maior espetáculo da história do mundo."

36

Ariane entrou no *coven* de Madame Viotti com sua expressão sempre curiosa, de quem está embarcando em um mundo novo. Estava com a mãe e percebia que ela estava particularmente satisfeita naquele dia.

Quando entrou no local, o ambiente já parecia preparado para o que quer que fossem fazer ali.

- O que eu vou começar a aprender hoje? - perguntou à madame.

- A quebrar a casca.

A menina sorriu. Puxou uma cadeira e se sentou animada.

- Ah, que maneiro! Então vamos começar logo...

Madame Viotti sorriu seu riso paciente, como sempre, e disse:

- Querida, antes nós temos algumas coisas a dizer a você - e a menina se calou e mostrou-se concentrada. - Sua mãe e eu andamos ultimamente muito orgulhosas de você. Nos orgulhamos das decisões difíceis que tomou sozinha, da dedicação e firmeza com que demonstra suas atitudes e até mesmo do ser humano mais consciente com o mundo ao seu redor que se mostra a cada dia. Por isso nosso orgulho de você, que acredito que a *Criadora* e nossas semideusas também sintam.

Ariane se mostrou surpresa, apertou os lábios e balançou a cabeça várias vezes, com seu cabelo preso por um rabo-de-

cavalo.

- E é por isso que hoje nós resolvemos lhe dar um presente.

Um presente que você não apenas necessitará, como já o merece.

- Um presente? - ela arregalou os olhos claros e abriu a boca, estupefata. Compreensível; em sua cabeça um *presente* de uma boa bruxa *tinha* de ser uma coisa legal.

Madame Viotti olhou para Anna Narin, que chegava de um canto com um embrulho. Na verdade, era uma bolsa com alguma coisa dentro que Ariane ficou *louca* para saber o que era.

Quando oferecido a ela, tomou a bolsa das mãos da mãe mais rápido do que um ilusionista embaralharia cartas e puxou o que estava lá dentro.

Era um caderno. E a capa era preta.

- O que é isso? - ela perguntou excitada.

- Um Livro das Sombras.

Ariane arregalou os olhos, dessa vez na direção da madame.

- Irado. Mas, tipo... ele serve pra fazer magia?

Madame Viotti balançou a cabeça de um lado para o outro.

- É, também. Na verdade, ele *participa* dos rituais. Mas a principal função dele é outra.

- Então diz logo! - intimou a menina, em sua *eterna* paciência.

- É um livro de compilação. Nessas páginas, você vai escrever todos os detalhes do que aprender, desde cânticos, feitiços,

invocações, estudos sobre a magia e tudo o que mais for e

achar necessário para os trabalhos.

- Uau...

A menina passou os dedos pela capa, fascinada. O livro era

preto, e esse detalhe era particularmente interessante. Em

Nova Ether, ao menos em Andreanne, os cadernos,

principalmente os utilizados nas escolas reais, eram livros

grossos que o Rei mandava preparar sem texto algum. As

crianças os guardavam pelo resto de suas vidas e utilizavam o

mesmo ano após ano, mesmo porque era muito difícil alguém

chegar ao final dele. Aqueles que o conseguiam, costumavam

se tornar poetas.

Ou romancistas.

- Este desenho é um pentagrama, né?

Anna balançou a cabeça, concordando. A capa, na verdade,

não era apenas preta. Havia sido encravado manualmente um

símbolo com cinco pontas na cor vermelha.

- O pentagrama... - explicou Madame Viotti - ...na verdade, é

um símbolo puro. Algumas fadas caídas o inverteram, mas

não foi o símbolo que ficou impuro. Foram elas, compreende?

- Mais ou menos.

- O pentagrama como vê em seu caderno, com a ponta para

cima dentro de um círculo, representa os quatro elementos

regidos pela essência sagrada.

- A que vem dos semi-deuses?

- Sim. A quintessência.

"O éter."

Ariane manteve-se pensativa. E perguntou, curiosa:

- E quando a cruz está para baixo?

- Aí o símbolo representa a matéria comandando o espírito.

- Mas... tipo... se a matéria é feita de éter... então não é meio sem sentido a gente acreditar que a matéria domina ele?

- Perfeitamente.

- E por que tem gente que acredita?

- Talvez porque nunca tenha parado para pensar nisso.

Ariane balançou a cabeça, dando-se por satisfeita.

- E por que ele tem este nome: "Livro das Sombras"?

- Porque escrevemos à sombra da realidade deste mundo.

- E cada bruxa tem o seu livro?

- E só pode consultar o livro de outra bruxa com a permissão dela.

- Então só eu escrevo no meu?

- Sim. Porque você coloca a sua energia nele quando escreve.

- Tá, ó, mas a minha letra é horrível!

As duas mulheres riram. Ariane não entendeu a graça.

- Não importa. A sua energia vai ser colocada nele, e é só isso que importa.

- Mas... caraca, se eu não souber o *que* escrever nele, ou se um dia eu escrever alguma coisa *errada*, vocês vão brigar comigo?

- Não, querida. Porque o essencial da bruxaria branca não pode ser narrado, apenas vivido. O livro é apenas mais um instrumento como os outros.

- Hum...

Ariane mordeu o lábio inferior. Lembrou-se de tempos passados, quando deu início à sua iniciação e sentiu-se temerosa com todo aquele mundo novo. Agora, porém, a cada dia, a impressão que tinha é de que sabia que não haveria mais volta. Não havia mais como ter volta.

Ela estava *adorando* tudo aquilo.

- Vem cá: tem mais presentes por hoje?

- Não, filha! - respondeu a mãe, franzindo a sobrancelha. - Um só não está bom não?

- Não, pó! É que eu não quero parecer mal-educada (que nem você está me fazendo parecer com esse comentário, *ãuff!*). É que... bom, é que, se não tiver mais nada antes, a gente já podia começar a... sabe? *A aprender...*

Madame Viotti abriu seu maior sorriso daquele dia. *Adorava* a espontaneidade daquela menina. E a pureza que existia em cada impulso.

- Está certo, meu bem. Levanta-se e sente comigo aqui neste canto com as pernas cruzadas.

"E hora de você aprender a partir a casca..."

37

E João Hanson saiu do casebre da família Darin, ainda com a expressão fechada e cheia de sono. Do lado de fora, a irmã o esperava com expressões piores.

- Andreos disse que você tinha notícias para me dar...

- Eu tenho... - Maria disse, sem emoção na voz.

- Boas notícias? - ele desejou, sabendo que a resposta não seria aquela.

Maria Hanson apenas balançou a cabeça. Negativamente.

Era uma aldeia. Uma aldeia onde habitavam fiéis e onde habitava um santo. Era um local rústico, próximo a um pequeno rio, de onde as pessoas tiravam seu sustento. Eram lavradores, agricultores, homens do campo. Eram pessoas rústicas que davam nome a um lugar como Sherwood. A chamada Aldeia dos Ventos era um local normal.

Naquele dia, porém, tudo existia ali, menos a normalidade.

Há algum tempo, a pequena aldeia passara a receber pessoas de todos os cantos do mundo. Alguns vinham para curar feridas do corpo. Outros, do espírito. Alguns chegavam ali buscando um sentido para suas vidas; outros, para servirem voluntariamente a tudo o que escutaram e passaram a admirar já à distância. Alguns caminhavam até lá por necessidade; outros, por curiosidade; outros, por intuição.

Não importava, alguém sempre chegava até lá por um motivo.

E, ainda assim, essa situação passou a ser normal. A aldeia começou a se expandir e a gerar locais rústicos, mas, ainda assim, locais específicos para visitantes, dentro das casas das famílias conterrâneas. Homens preparavam doces locais, e mulheres se apresentavam em danças ainda vivas pela cultura nativa aos forasteiros sorridentes. Não fazia diferença, porém, se o forasteiro ali chegava com os bolsos cheios ou na mais pura miséria; a Aldeia dos Ventos recebia todos e os recebia

bem.

Mas, quando Robert de Locksley caminhou por ela, aí seu mundo não foi mais o mesmo. Seu mundo nunca mais poderia ser o mesmo. Porque, quando um homem que coleciona espíritos caminha por um lugar como aquele, dotado de fé em forma pura, tudo o que pulsa no mundo se expande o suficiente para contagiar tudo ao seu redor.

Logo, a questão apenas era esta: o que acontece quando duas forças dotadas da mesma fé, mas caminhando em direções contrárias, colidem?

É possível uma fé inabalável mover outra semelhante?

E qual a diferença entre os caminhos que uma fé inabalável deixa de percorrer?

Guiado por um jovem monge vestido em frangalhos, Locksley caminhava. Passou por enfermos e passou por pessoas com fome de alimento para o corpo e para o espírito. Pessoas pelas quais ele lutava, e pelas quais ele morreria se fosse preciso.

Sabia, porém, que não o conseguiria se faltasse o *último*.

Se faltasse aquele.

E, ao passar por doentes deitados em esteiras de cipó trançado, ao longe ele o avistou, e seu coração bateu trazendo com cada pulsação todos os sentimentos que habitam o âmago humano. O homem que avistava, porém, estava irreconhecível. Vestia uma manta encardida em diagonal, presa pelo ombro, que cobria apenas o traseiro, as partes

íntimas e metade do peito. Mantinha-se apoiado sobre um cajado velho, com os olhos fechados, de pé sobre uma pedreira, sentindo a brisa que dava nome à Aldeia dos Ventos. O corpo mostrava cicatrizes de tortura nas partes expostas. O cabelo, que antes era cheio, agora estava quase totalmente raspado. A barba, que antes era volumosa, agora não existia mais. O corpo, que se orgulhava de ser grande, gordo e curvado, agora se mostrava magro, raquítico e ereto. E a cada passo dado na direção dele, Robert de Locksley passava a acreditar que estava se aproximando de um homem diferente daquele que havia conhecido.

O príncipe dos ladrões parou diante do homem emagrecido. A impressão que tinha era a de que, em breve, iria nevar. A brisa fria se agitou um pouco mais forte. E ele enfim proferiu o nome, que tomou vida parecendo mais um sopro na Aldeia dos Ventos.

- Tuck...

O monge abriu os olhos.

E o coração do mundo começou a bater mais rápido.

ATO III

CORAÇÕES DE NEVE

01

É difícil, muito difícil definir o que foi aquela semana para um arzallino.

Imagine que tudo, tudo o que - e em que - você acredita; toda a força que foi passada à seu povo; toda a confiança que depositasse em seus representantes; toda a superioridade cultural e militar que lhe foi ratificada e deslumbrada por seus antepassados, e mesmo toda a esperança em um futuro passado aos seus descendentes naturais; estivesse prestes a ser posto em prova em um único dia.

Imagine o choque entre uma lança dita indestrutível contra um escudo dito irremovível. Imagine que existisse a possibilidade da sua bandeira tremular no alto de um pódio onde todas as outras não conseguiram se manter assim como a possibilidade de ela estar no chão pisoteada pelo seu pior inimigo. Agora, imagine a angústia da espera para descobrir em que posição ela estará.

Imagine isso, meu amigo, e você irá imaginar Arzallum.

As pessoas trabalharam naquela semana somente porque havia uma programação mental lapidada pela rotina constante, que lhes lembrava o que fazer e como fazer. Seus pensamentos, contudo, estavam sempre muito, muito longe de onde as mãos alcançam. As pessoas trabalhavam, mas não pensavam no comércio. Outras plantavam, e não pensavam

nas colheitas. Crianças estudavam, e seus pensamentos estavam longe dos estudos.

A mente e os pensamentos das pessoas e dos idosos e das crianças estavam sempre longe. Longe delas, mas perto de seus corações. Pois eles estavam em arenas, em quartos, em salas de treinamento, em ringues de diversos tamanhos.

Eles estavam em Áxel Terra Branford.

A cada dia que Áxel acordou naquela semana, sentiu o mundo pulsar diferente com relação a ele. Não podia deixar o Grande Paço; mal conseguia andar pelas ruas da cidade. Sempre fora um ídolo popular; sempre fora adorado pela plebe, tanto pelas crianças que queriam vê-lo quanto pelas mulheres que queriam tê-lo, ou pelos homens que queriam sê-lo. Andava até mesmo pelo Grande Paço e sentia o olhar diferente dos servos reais, que pareciam reverenciá-lo mais do que precisariam, ou tocavam-no como se não fosse ele um homem, mas um semi-deus.

Ou a manifestação dos melhores sentimentos de semi-deuses.

Áxel percebia que nunca, nunca havia se tornado tão próximo de Primo Branford, seu pai. Nunca havia se aproximado tanto da figura do Maior dos Reis; sua figura histórica em relação a seu povo estava em tamanha ascensão, que bardos já cantavam até seu nome como O Maior dos Príncipes. E o medo de decepcionar seu povo e toda a esperança depositada nele poderia fazer com que um homem sentisse congelar seus

pés.

Veza outra, quando estava sozinho e ninguém podia vê-lo, sentia apertos no estômago e enjoava fácil. Amava o pai e tudo o que ele representava, mas não se sentia pronto para substituí-lo na necessidade de uma nação por um herói. E a possibilidade de fracassar e levar consigo os sonhos de milhões de pessoas que viviam sobre aquela bandeira era um fardo que pesava carregar. Entre curativos e banhos em banheiras com águas fluidificadas por fadas, sentia-se solitário em um destino tão incerto, que iria marcá-lo pelo resto da vida.

Melioso, seu treinador, o protegia da melhor maneira que podia. Ele e Muralha evitavam que muitas pessoas tivessem acesso ao príncipe, e evitavam que aquela euforia que corria por todo o Reino, muito além das fronteiras de Andeanne, entrasse naquele palácio. O fato era que Áxel já não representava mais apenas Arzallum naquele torneio; todas as nações que eram contrárias aos pensamentos e à filosofia de Minotaurus adotavam Branford como ídolo e despejavam nele crenças e orações.

Áxel desejava, mais do que qualquer outra pessoa, ver Maria Hanson. Não a via há tanto tempo que mal se lembrava quando fora a última vez. Queria abraçá-la e contar a ela todo o medo que admitia a si quando estava sozinho. Queria ficar deitado identificando estrelas e contar a ela a história de

algumas delas. Não sabia se queria entrar naquela arena com a chance de fracasso tão próxima à da glória. Não sabia, ou ao menos não mais. Sabia, porém, que Melioso tinha razão até mesmo quanto à presença da jovem naquele lugar. Ela realmente tiraria a concentração dele daquele caminho sem volta. Ela não lhe traria força para entrar na arena, mas o faria fraquejar. Pois o faria pensar como seria ter nascido plebeu e vivido uma vida simples, ao invés de um dos nomes mais conhecidos do mundo, prestes a escrever a História.

E, então, Áxel observou o quadro com os bustos dos pais e prometeu aos dois que ao menos faria seu melhor quando chegasse a hora. Sim, ele faria até mais do que seu melhor.

Maria Hanson teria de esperar.

A Escola Real do Saber retornou às atividades daquela semana, mas seus alunos não estavam muito interessados em matemática ou filosofia. A única forma de manter a atenção daquelas turmas era falar sobre política e sobre as divergências de ideias, por exemplo, entre as nações de Gordio e Tagwood, Aragon e Rökk, ou, claro, Arzallum e Minotaurus. Maria Hanson, em seu papel de nova professora, explicava a ideia de eugenia: o mito da raça superior pregado pela família Ferrabrás. Explicava a extinção da monarquia e a auto-proclamação como Império diante de uma imposição militar.

Contou até mesmo como ela e Áxel se conheceram e, sem

perceber que estava falando sobre o príncipe, criticou decisões políticas de Rei Primo Branford, se sentindo uma idiota pelos meses seguintes por aquela gafe. A história atraiu a atenção de toda a turma, e ela teve de recontá-la todos os dias até a final do torneio.

As aulas andavam sempre cheias, com exceção de uma única carteira vazia.

Maria gostava de lecionar. Gostava de ensinar o pouco que sabia, de tentar tocar na essência daquelas crianças e adolescentes de forma profunda e memorável e até mesmo do desafio de fazê-las prestarem atenção no que quer que fosse dizer, buscando fugir do ensino tradicional, para algo que fosse mais próximo à linguagem delas. E as crianças, e os adolescentes, gostavam dela.

Maria era o mito da menina plebéia pobre que conquistou o *sonho*. Era o que todas elas desejavam ser; fosse na vida, fosse no amor.

Entretanto, por mais que gostasse do que fazia, e por mais que se esforçasse para ser a melhor professora que pudesse, durante aquela semana um diálogo não lhe saía da mente a cada vez que havia uma pausa entre uma aula e outra. Afinal, se sorria diante de seus alunos para não lhes passar seus problemas pessoais, por dentro chorava pelo futuro incerto do pai.

- Ele está... morto?

- Não. Mas nem mesmo está conseguindo falar ou se levantar da cama de tão doente.

- Pelo que soube, é um dos preços a ser pago.

- Ainda assim, mesmo sabendo disso, você não quer vê-lo?

- Não.

A outra voz que ecoava em seus pensamentos era a mesma da carteira vazia.

A voz de João Hanson.

No centro de Andreeanne, João Hanson carregava sacolas, engraxava sapatos e pintava paredes. Fazia qualquer trabalho pelo qual lhe pagassem algumas moedas de princês.

Chamaram-no para o crime, mas ele recusou. Chamaram-no para unir-se a um grupo de jovens que pareciam estar se escondendo em sombras e se preparando para uma guerra que mudaria o mundo, comandados por um como eles, que parecia enfim saber o que estava dizendo. E admito que essa proposta o balançou.

Mas ele também a recusou.

O fato era que se sentia crescido, tanto em tamanho quanto em amadurecimento, mas tinha princípios enraizados demais dentro de si para lutar contra. Os meninos ainda debochavam de seus cabelos lisos com aquele maldito apelido de *juanzinho*, mas as meninas alguns anos mais velhas pareciam até gostar dele. Algumas propunham a ele fazer tudo o que sua *namorada* não fazia.

E João então se lembrava das palavras.

As palavras que ardiam no peito como brasas incandescentes.

Ah, é? Ah, é? Pois quer saber? Talvez seja porque eu não preciso de um namorado!

E então ele olhava para aquelas meninas de dois, até três anos mais velhas do que ele. E via seus sorrisos e suas roupas curtas e seus olhares para ele.

E você quer saber por que eu queria esperar para beijar você de língua?

E mais uma vez ele pensava em recusar aquelas propostas, antes que o peito novamente ardesse sem que ele soubesse como fazer aquilo parar.

É porque eu já beijei de língua outro antes de você!

Parar as palavras de Ariane Narin. Parar as malditas palavras de Ariane Narin.

Ariane Narin, dia após dia, aprendia como "abrir sua casca".

Entendia como ir além do que diziam ser possível, ou *acreditavam* ser possível. Aprendia sobre feitiços e rituais e começava a escrever em seu Livro das Sombras o que achava que tinha de ser escrito. Ainda não conseguia deixar conscientemente o corpo físico, com exceção de fazê-lo em seus sonhos, mas entendia tudo o que lhe era passado e, dia após dia, meditava e tentava dar o seu melhor para atingir o próximo passo.

Um dia, porém, percebendo a falta de concentração da

discípula, Madame Viotti havia lhe dito que era melhor que elas não continuassem aquele treinamento enquanto Ariane não resolvesse o que quer que tivesse de resolver, para que sua mente pudesse voltar a se concentrar.

Ariane ficou irritada, mas sabia que a irritação era consigo própria. Pensava em João Hanson, mas ao mesmo tempo pensava em uma forma de *não pensar* nele (o que culminava em pensar nele). E isso a irritava *mais*. O fato era que não o via há alguns dias e, por mais que sentisse a falta dele, o mais estranho era que também não sentia a vontade de vê-lo.

Ariane percebia cada vez mais que estava começando a ficar com *receio* desse encontro. Se estivessem falando do garoto que ela andava de mãos dadas até um ano antes, um garoto doce, cuja voz falhava de vez em quando devido às mudanças da adolescência e que sofria de ciúmes da adoração dela por Áxel Branford, então ela desejaria estar em seus braços mais rápido do que um clarão poderia piscar em um céu escuro.

Mas se estivessem falando do João Hanson irritadiço, de voz cada vez mais grossa, e com uma certa raiva diante da vida, querendo provar algo ao mundo e a si próprio que nem mesmo ele sabia exatamente o que era, então desse João Hanson ela tinha medo. Por não saber o que esperar dele. Por não saber o que significava para ele.

E por não saber o que o futuro reservava aos dois.

E foi assim, entre palavras que não eram ditas ou sentimentos

expostos demais, que Andreanne passou por aquela semana.

E o coração do mundo se preparou.

02

Robert de Locksley cavalgava no dia frio, mas as palavras que haviam sido ditas e gravadas no éter permaneciam em sua mente, chacoalhando como uma mariposa em uma parede, confusa pelo ângulo distorcido da luz de uma vela.

- Você se tornou um ídolo - o monge havia dito, iniciando o diálogo.

- E você, uma divindade... - o arqueiro respondeu.

- Eu nunca pedi por isso.

- Nem eu.

O frei virou-se para ele, e disse suas palavras com uma delicadeza tão grande que contrastava com a dureza do conteúdo:

- Mentira. Você sempre quis se tornar uma celebridade...

- Mas não ao preço pago.

- E o que o fez mudar de ideia?

- A prisão muda a alma de um homem.

- Não quando o corpo já é a prisão da própria alma.

Locksley observou-o, tentando entender o comentário. E sem pesar demais sua própria compreensão, disse após a pausa:

- Hoje sou um homem livre, Tuck.

- Não, você ainda está preso.

-A quê?

- Aos seus ideais.

- E como poderia me desprender deles?

- Desconstruindo.

- Isso me daria paz interna. Mas não traríamos liberdade a estas terras com isso.

- Traríamos, se cada homem seguir o exemplo...

Por mais rápido que cavalgasse, Robert de Locksley não conseguia fugir daquelas palavras.

03

Snail Galford acordou seus soldados adolescentes. Nos últimos quatro dias, suas fileiras haviam aumentado exponencialmente com meninos que haviam sido surrados por soldados, e teoricamente expulsos de Andreanne, em um bruto processo de limpeza social. Snail Galford apenas observava centenas de jovens chegarem até ele sem sequer precisar mais fazer esforço; a maioria deles era de órfãos arremessados em suas mãos pelo mesmo sistema social que pretendia enfrentar.

E o mais interessante era que nenhuma instituição de poder parecia perceber isso. Afinal, a ordem dada a guardas reais era para que Andreanne estivesse *limpa* durante a semana do Punho De Ferro e diante de milhares de turistas que abarrotavam a cidade.

E, nesse ponto, ao menos para quem olhasse de fora, Andreanne estava *brilhando*.

Mesmo que ninguém imaginasse que a *sujeira* ainda permanecia no local, escondida debaixo de tapetes que ninguém pensava em espionar.

- Amanhã se inicia a final do Punho De Ferro. A partir do dia de amanhã as coisas irão avançar diferentemente. Porque as atenções da população e as atenções dos governantes reais não estarão mais concentradas, mas dispersas o suficiente para

termos de modificar algumas determinadas atitudes e mudar algumas de nossas linhas de ação.

Liriel observava, pensativa, para aquele bando de adolescentes sérios, de expressões parecidas e que, dia após dia, mais pareciam lembrar cães treinados do que meninos sem pátria.

Deveria haver uns setecentos já naquele lugar. Talvez mais.

- Mas também a partir de amanhã iremos começar a entender o porquê do renascimento desta sociedade. E colocaremos na vida inútil e perdida de cada um de vocês um objetivo maior do que vocês jamais conseguiriam *sonhar*. Agora esqueçam os pedaços de madeira e peguem suas facas.

"É hora de assistirmos a algumas lâminas de verdade bailarem..."

04

Áxel levantou-se no quinto dia daquela semana, o último, e se olhou no espelho, buscando encontrar no reflexo da prata um campeão ou um derrotado. Viu seu próprio reflexo movimentando-se como ele, e não conseguiu compreender a resposta. Ao menos dentro de si *algo* começou a pulsar próximo às entranhas, implorando pela resposta.

E aquilo era bom.

Tremia naquele dia. Tremia de excitação, de nervoso, de preocupação. Tremia até mesmo de medo. Mas não aquele tipo de medo que paralisa, mas o que faz seguir em frente. Seguir adiante com cautela, com receio até, mas sem jamais olhar para trás. O medo, mas não o medo que aprisiona, e sim o que liberta.

Era esse o tipo de medo que Áxel Branford sentia naquele dia.

Muralha bateu e entrou no quarto, dizendo:

- Áxel, está na hora de começarmos o dia.

Áxel ainda estava de pé, observando-se no espelho e tremendo o punho fechado.

- Eu sei. Não consegui dormir esta noite.

- Nem eu - respondeu o troll.

- Você é um troll, Muralha. Pode ficar acordado por quarenta e oito horas, se dormir vinte e quatro. Eu deveria dormir todos os dias.

- Mas hoje não é um dia como os outros.

- E, talvez hoje seja permitida a exceção.

Muralha se aproximou dele, e Áxel podia jurar que, a cada dia que se passava, aquele troll se parecia mais com um humano.

Não era apenas o jeito de falar e de se expressar, mas também

o jeito de *compreender* o pensamento humano. Humanos e

trolls pensavam a vida de forma muito distinta, mas com

aquele troll isso já não parecia mais tão axiomático.

- Você vai se sair bem.

Áxel olhou para seu guarda-costas imenso e pesado, parado

próximo de si, e reconheceu, detrás de um rosto bestial de

uma raça nascida para a guerra, a mais próxima expressão de

ternura. Era a expressão de um ser bestial que havia

compreendido que humanos, em determinadas situações, não

precisam de alguém que os incentive à guerra, mas alguém

apenas que lhes lembre de que não estão sozinhos e de que

existem apoios ao seu redor.

- Obrigado - o príncipe disse, e ficou em silêncio.

- Não precisa agradecer, *amigo*.

Áxel sentiu algo dentro de si pulsar ainda mais forte. *Amigo*.

Ele próprio, Áxel Branford, havia se utilizado da expressão

diversas vezes para se referir ao troll. Mas aquela era a

primeira vez que Muralha se referia a ele daquela forma. Não

como um protegido, um contratante, um governador ou um

senhor.

Mas como um amigo.

E foi a primeira vez que Áxel percebeu que seu melhor amigo era um ser que nem humano era.

E que, se duas raças completamente diferentes podiam se compreender, respeitar suas culturas e até mesmo mesclá-las de forma que uma *acrescentasse* à outra, e não a sobrepujasse, então haveria ainda muito pelo que lutar naquele mundo.

Minotaurus que estivesse pronta para enfrentar Arzallum.

Em uma taberna no centro de Andreanne, a Guarda Real teve de correr às pressas e iniciar uma baderna desnecessária em confrontos que marcaram alguns inocentes. Torcedores de Minotaurus começaram a cantar seu hino aos berros no lugar, quando o bardo Luiz Dantas pediu que abajassem o tom, pois havia pugilistas como Radamisto que *tinham de dormir*.

A pancadaria entre arzallinos e minotaurinos durou quinze minutos até que os soldados da Guarda Real chegassem ao lugar. A taberna Pescoço de Ouro foi completamente destruída, e seu taberneiro chorou sem saber como consertá-la.

Rei Anísio mandou avisar que Arzallum iria pagar as reformas e cobrá-las de Minotaurus futuramente.

Durante toda aquela semana, as atenções do mercado montado ao redor da Arena de Vidro estavam na quantidade de servos reais trabalhando no local, comandados por... gnomos. Eles carregavam madeira e vidro, e ouvia-se o barulho de

marteladas e marretadas de todos os tipos, e sabe-se lá mais o que fossem os barulhos do que quer que estivessem construindo lá dentro.

Obviamente, essa curiosidade apenas deixava mais em polvorosa aquele barril de pólvora que era Andreanne.

As pessoas compravam e exibiam faixas com o nome de Branford. Meninas pediam a artistas para pintar o rosto de Áxel em suas blusas. Senhores pediam o mesmo com relação à bandeira de Arzallum. Os assuntos nas ruas eram sempre sobre os mesmos temas, envolvendo a velocidade de Áxel em comparação à força de Radamisto, sobre o golpe de direita de cada um, sobre a guarda mais aberta, sobre como a diferença de tamanho poderia interferir na intensidade e na precisão de um golpe decisivo.

Homens de diferentes linhagens e de diferentes linguagens pareciam, como em um passe de mágica, se compreender e, mais do que isso, pareciam gostar disso. Ainda que seus representantes já houvessem sucumbido no torneio, ainda assim eles ali permaneciam dispostos a conhecer o grande campeão e a espalhar em suas nações sua própria versão de como se dera o último combate entre os dois melhores do mundo.

E, a cada vez que escutava comentários como esse, o barão-gnomo Rumpelstichen sorria e pensava consigo satisfeito que, a partir daquele glorioso dia, após eles fazerem história

naquela arena, todas as versões sobre a Grande Final do

Punho De Ferro seriam uma só.

William Gamewell levou um susto quando Áxel Branford entrou em seu quarto no Hospital Real de Andreeanne. Havia escutado murmurinhos que viraram algazarras e corriam na direção de seu quarto, e viu um príncipe entrar protegido por um troll que o livrava das mãos de enfermeiras e até mesmo doentes que, de repente, pareciam ter ficado bons ao simples boato espalhado sobre uma possível presença do príncipe nos corredores.

- Parece que as coisas andam agitadas por aqui... - disse Áxel, suando.

- O que você está fazendo aqui, seu maluco? - perguntou

William, em um leito grande, com uma manta umidificada em água gelada no rosto.

- Vim ver como você está.

- Virou minha namorada agora?

- Você está longe de ser meu tipo. Além do mais, bem que ando com saudades da minha...

- Quer trocar de lugar? Se quiser, eu luto na Grande Final enquanto você a visita.

- É óbvio que não. Nós já vimos o que Radamisto é capaz de fazer com a sua cara no ringue!

Os dois pugilistas começaram a rir sozinhos. Muralha, que os observava da porta calado, não conseguia compreender ainda

por que motivos, muitas vezes, os humanos gargalhavam da própria desgraça.

- Radamisto tem inveja de mim - disse William. - Porque sou mais bonito.

- Grande comparação. Até Muralha é mais bonito que ele.

Os dois voltaram a gargalhar. Muralha continuava com a mesma opinião sobre os humanos.

- Mas, sério, Áxel... me diga: por que real motivo fez questão de vir ver minha cara amassada antes de entrar no ringue hoje?

Áxel nem titubeou:

- Porque quero que você me conte como é a sensação de *perder* para ele. As risadas de William pararam imediatamente, e a expressão ficou séria. Dessa vez, Muralha achou que entendia o porquê.

- Você está me pedindo algo difícil.

- Sim. Mas acredito que a recompensa será valiosa.

- O que eu ganharia em troca?

- Se tudo der certo, eu ainda vou lhe descrever em detalhes como é a sensação de *ganhar*.

William esboçou um sorriso sem mostrar os dentes, no meio-termo entre um riso e uma gargalhada. Muralha não soube o que pensar.

Ariane, naquele dia, não queria saber de magias nem de rituais nem de livros de quaisquer cores que viessem a ter.

Naquele dia, Ariane só queria saber de seu herói. Era por isso que, quando encontrou sua amiga e professora, segurou as mãos dela, começou a pular e a dar gritinhos sem parar:

- Aaaaaah! É hoje, é hoje! É hoje que ele vai enfrentar aquele branquelo-carrancudo-tomara-que-perca-feio!

- É, nem me fala - respondeu uma Maria Hanson sem tanta empolgação.

- Pô, Maria, você tá meio pra baixo hoje! Você ouviu o que eu disse? É a finaaaaaaal! Vou repetir: o Áxel está na finaaaaaaaaaaaaaal do Punho De Ferro! - e Ariane começou a agitar Maria pelos braços, como se tudo o que Maria estivesse precisando fosse um choque elétrico.

- Eu sei, Ariane. E já estou nervosa o suficiente.

Ariane franziu a testa, sem saber se aquilo fora apenas um comentário ou uma reprovação.

- Maria, você está bem?

- Estou. Estou sim. - Ela se esforçou para mentir.

- Mas você vai ver o Áxel lutar, né?

- Não sei.

Ariane ficou em choque.

- MAS COMO você não sabe? Maria: é o seu namorado que vai lutar! Se o meu namorado fosse...

E Ariane se calou. Maria ficou olhando para ela, esperando-a terminar a frase. Na verdade, *desafiando-a* a terminar a frase.

- Maria... está acontecendo *alguma coisa* na família de vocês?

- Como assim, "alguma coisa"? - ela perguntou, desconfiada.

- Alguma coisa *séria*.

Maria parou, pensando se deveria revelar seus problemas pessoais à Ariane Narin ou não. Diante da indecisão, a menina não perdoou:

- Maria, quando eu estava com problemas *sérios* e você me perguntou o que estava acontecendo comigo, eu lhe contei! Eu não queria contar pra ninguém, mas eu contei pra você! E sabe por que eu lhe contei? Porque você disse pra mim que era *minha amiga!* E que também era minha professora. E que, se não confiasse em você, eu iria confiar em quem?

Maria Hanson suspirou. Ariane continuou:

- E agora é a minha vez de fazer a mesma pergunta! Se você está com problemas e não quer me contar para que eu possa entender o que está acontecendo e tentar ajudar, então que tipo de amizade nós temos?

Maria suspirou mais uma vez.

- E se você não confiar em mim, que amo você como minha irmã mais velha, então você vai confiar em quem? Hein?

Responda isso agora, mas me dá uma resposta *por inteiro!*

E Maria balançou a cabeça e se decidiu. Era impressionante o *algo mais* que pulsava naquela menina. Era como se aquela menina tivesse uma *energia* que pudesse ser espalhada pela esfera humana. Era um fato; uma verdade inevitável. Ela não sabia bem explicar o motivo, mas o fato é que era impossível

negar alguma coisa por muito tempo à Ariane Narin.

Branca Coração-de-Neve ainda estava penteando os cabelos em seu quarto quando bateram duas vezes na porta e entraram.

A princesa sorriu, imaginando tratar-se de Anísio Branford. O sorriso imediatamente desapareceu quando ela percebeu que *não* se tratava.

Naquele momento, João Hanson virou-se para o amigo e perguntou sem meias palavras:

- Andreos, você sabe quem foi, não sabe?

- Sei o quê, João?

- Quem *beijou* Ariane. Antes de mim. - Uma pausa. - Você sabe, não é?

- João... - A expressão de Andreos era constrangedora.

- Me responde.

- João...

- Me responde!

Andreas fez umas caretas com os lábios unidos. Coçou a cabeça. E disse:

- Sei, sim.

- O que tu queres? - perguntou a princesa, com a expressão mal-humorada. A imagem da outra pessoa refletia no espelho em que antes penteava seus cabelos.

- Negociar.

A outra voz vinha da condessa Helena Bravaria.

- Me diz quem foi, Andreos - intimou João Hanson. - Pelo

amor do Criador, me diz quem foi, *agora!*

- O que tu esperas de mim, sua oportunista gananciosa?

A condessa sorriu. Arrancou a escova da mão de Branca e começou ela própria a pentear os cabelos da princesa, dizendo com uma sinistra voz:

- Ser tua madrasta.

- Ei, João, espera! - implorou Andreos. - Aonde você vai, cara?

- Partir a cara desse sujeito ao meio.

Branca ainda observava a mulher através do reflexo na prata do espelho.

- E por que pensas que eu vou concordar com isso?

- Porque eu envenenei teu pai.

Andreas estava assustado, com os olhos esbugalhados e o coração na boca, quando viu João Hanson segurar uma respeitável navalha muito bem afiada e... bom...

- João, o que você pensa que está fazendo?

- Fica fora disso, Andreos. Eu quero ver quem é que vai me chamar de *juanzinho* mais uma vez...

- Por que... por que tu estás fazendo isso?

- Porque há mais de quinhentos anos, querida, é isso o que eu faço...

Branca Coração-de-Neve não conseguia esquecer a imagem daquela *maldita* bruxa em seu espelho. Até tentava.

Mas não conseguia.

O menino caminhava bem vestido, com um chapéu caro lhe enfeitando a cabeça, sorrindo acompanhado de um grupo de mais três, depois de arremessarem ovos em algum mendigo no porto. E era enquanto caminhavam gargalhando sobre conversas envolvendo o assunto que ele escutou uma voz grossa dizer:

- Ei, Paulo!

O menino de origem rica sentiu uma mão amassar sua camisa e aquilo o deixou em ira. O problema foi que em seguida escutou um BAM! e sentiu sua mandíbula tremer. Caiu no chão com a boca sangrando, e o sangue manchou a blusa cara.

- Por algum acaso você é maluco, seu...

E Paulo Costard parou boquiaberto. A frente dele estava João Hanson, e, daquele ângulo de baixo para cima, ainda mais imponente. Mas não era um João Hanson como antes; era um adolescente que parecia já duas vezes maior do que no ano anterior, com uma massa muscular mais considerável e, mais, sem os cabelos que lhe davam o apelido maledicente.

Um João Hanson com a cabeça raspada a navalha.

E com uma raiva no olhar que dava medo observá-lo.

- O que você quer, Hanson? - perguntou o garoto. A boca continuou sangrando, mas ele já não parecia se importar tanto assim com a sujeira acumulada na blusa.

- Quebrar a sua cara.

Paulo olhou na direção dos outros três, na esperança de que algum deles tomasse o partido de defendê-lo. Em circunstâncias normais o fariam.

- Alguém quer tentar a mesma sorte que ele? - João Hanson perguntou na direção dos três.

Nenhum deles disse uma palavra.

- Cara, mas qual o seu problema, Hanson? - Paulo disse, levantando-se e se escorando na parede. - Você não se esqueceu daquele dia do torneio, é isso? Cara, aquilo foi só uma brincadeira!

- Então considere isto aqui uma brincadeira também.

E houve outro BAM!

O garoto voltou ao chão.

- Você é mesmo maluco! Meu pai é rico, imbecil! Rico! Ele vai acabar com o seu, antes mesmo que...

BAM! BAM! BAM!

- Você nunca mais vai tocar no nome da minha família ou da minha garota! Entendeu?

Paulo Costard começou a limpar mais sangue da boca. Tocava os dentes, procurando algum quebrado.

- Ah, então é isso? - ele disse, e pode-se dizer que havia um sorriso entre dores e sangue. - Você enfim soube, não é? Que eu meti a língua na boca dela, né?

João pegou o garoto pelo pescoço e o meteu imprensado na parede até que a língua ficasse exposta para fora.

Os três garotos ficaram em choque sem saber como reagir.

Albarus e Andreos Darin chegaram correndo. O garoto enforcado já estava ficando roxo.

- João! João! - gritou Albarus, enquanto Andreos o afastava de Paulo.

Paulo Costard caiu de joelhos, implorando por ar. A posição de quatro na calçada, babando sangue, diante dos amigos e de outros transeuntes que passavam, era algo que nunca, nunca mais ele iria esquecer.

Ergueu-se quando o corpo e o ego permitiram. E disse:

- Você assinou sua sentença, Hanson. Assinou com todas as letras e com todo o vidro de tinta. E pelo quê? Por uma *qualquer*? - Albarus e Andreos tiveram de segurar João Hanson mais uma vez, antes que ele partisse de novo para cima de Paulo. - Ela nem mesmo era *sua garota* quando aconteceu, imbecil!

João Hanson cuspiu no rosto de Paulo Costard. E disse:

- Ela *sempre* foi a minha garota.

Albarus e Andreos conseguiram empurrar o garoto para o outro lado, e João Hanson partiu com eles sem olhar para trás.

Paulo tirou a camisa, limpou com uma parte limpa o rosto e a jogou na lixeira. Seu olhar acompanhava o jovem Hanson partindo no horizonte, e era possível dizer que ele quase *espumava* pela boca, feito um cão com raiva. A cada novo dia, João Hanson parecia colecionar novos inimigos. Ou ao menos

ratificar os antigos. Mas nenhum deles parecia lhe inspirar medo.

O único medo que tinha brotava de dentro dele; era o medo de si próprio.

Porque, a cada novo dia, nem mesmo João Hanson parecia mais capaz de se conhecer.

Maria Hanson, em casa, segurou a mão do pai moribundo e mais uma vez limpou o suor de sua testa com um pano úmido, enquanto ele dizia frases que pareciam sem sentido. Ariane Narin, ao lado dela, tentava ser solidária e ajudá-la na delicada situação. Já Érika Hanson, do lado de fora, implorava a mais semideuses do que podia contar, pedindo por saúde a seu marido. O pedido trazia não apenas o receio de ver o amor de toda uma vida separar-se dela naquele plano, mas também o receio de sustentar uma casa em que seu homem representava o trabalho.

- Mãe, eu posso pedir ao Áxel que nos ajude. Ao menos por um tempo.

A resposta da Érika a abalou um pouco:

- Maria, talvez ele nos ajude, com certeza. Mas o que me preocupa, minha filha, é que já vi muita coisa nesta vida. E aprendi muita coisa nesta vida...

- E o que você aprendeu que lhe preocupa agora?

- Contos de fada nem sempre têm bons finais.

Áxel almoçava um prato leve em uma longa mesa de

refeições, acompanhado pelo irmão. Anísio Branford havia se sentado a uma das cabeceiras e ele em outra, de modo que ambos se mantinham bem afastados. O silêncio imperava no salão e só era quebrado por um eventual tinir, oriundo de prata tocando porcelana.

Em determinado momento, incomodado pelo silêncio, Áxel até tentou dizer um:

- Anísio, eu...

- Depois, Áxel. Depois de hoje - o irmão cortou. E Áxel se calou. - Primeiro você deve se concentrar apenas no que tem de fazer hoje. Depois, e somente depois, nós iremos conversar sobre nossas pendências.

"E colocaremos todas as nossas cartas na mesa..."

E os portões da Arena de Vidro foram abertos, e, ainda que o sol brilhasse com a noite afastada algumas horas daquele momento único, a multidão ansiosa ainda assim começou a entrar, buscando os melhores lugares que pudesse conseguir. E sonhando grandes sonhos em cada respiração.

Ruggiero estava observando a vista do Grande Paço de uma de suas sacadas mais altas. Admirava a arquitetura daquela cidade tão diferente e exótica para ele e observava, curioso, as atividades daquele povo de muitas palavras e olhos abertos demais.

- A vista daqui de cima é incrível, não é?

Ruggiero se virou, seguindo a voz feminina. E seu coração

começou a bater feito o de uma criança quando viu

Bradamante, a bela capitã da Guarda Real.

- Ser muito mais do que isso. Ser... "inspiradora"?

Bradamante balançou a cabeça, confirmando o sentido da palavra que Ruggiero estava em dúvida. Os longos cabelos dourados e cacheados balançaram junto ao vento, e ela começou a prendê-los em uma fita.

- O senhor parece ter se recuperado muito bem nesses dias de sua luta com Branford, senhor Ruggiero.

- Nada de mais. Áxel ser muito rápido, mas bater mais fraco do que poder.

Os dois sorriram. Bradamante utilizava as dragonetes e a capa que denunciava seu posto, mas sem o peitoral da armadura. O elmo estava em suas mãos e fora apoiado na sacada enquanto amarrava a fita, e ela vestia uma saia no lugar da calça que deveria vir por debaixo das placas da armadura.

Ruggiero pensava em cachoeiras a cada vez que seus olhos insistiam em olhar para as pernas expostas da capitã da guarda ou em observar seu reflexo nos olhos verdes como uma esmeralda.

- Como é cruzar um oceano em uma coisa que voa? - ela perguntou, parando ao lado dele e observando também a cidade dali.

- É algo que o ser de bem sente no peito, e o de ruim sente no estômago.

- Não compreendo...

- O ser ruim a sente no ego; o ser de bem a sente no espírito.

- Pois o ser ruim a vê como ambição?

- E o ser de bem a vê como necessidade à evolução.

Ela pareceu gostar do raciocínio. E colocou Ruggiero contra a parede na arapuca que ele mesmo havia armado para si:

- E que tipo de ser é Rumpelstichen, senhor Ruggiero?

- Do tipo gnomo, madame.

Bradamante sorriu de forma larga com a inteligência da esquiva resposta. Ruggiero passou a mão no rosto para limpar o suor do dia quente. Ela reparou o cabelo cheio e liso dele, que de vez em quando lhe caía sobre a testa.

- E o que madame fazer aqui em cima, com metade dos trajes que nos acostumamos a ver?

- Sabe, de vez em quando gosto de vir até as sacadas mais altas e observar as coisas. Gosto de manter algumas partes do uniforme para me lembrar de minhas obrigações, mas gosto de mesclar com roupa que me lembrem de minha feminilidade. Antes de ser uma guerreira, nasci uma mulher. E gosto de me lembrar disso.

- No Oriente, nossas mulheres não costumam ir para a guerra.

- Não acreditam na capacidade delas em tais situações?

- Pelo contrário, as conhecer bem. Mas nossas mulheres funcionam melhor em serviços de espionagem.

- É mesmo? - ela perguntou, surpresa.

- Sim. Em Ofir, nós temos homens e mulheres treinados em artes místicas que ocidental algum já deve ter visto.

- Shinobis?

O olhar de Ruggiero se esbugalhou, e ele ficou nervoso tentando esconder tamanha surpresa. Até tentou, mas não conseguiu.

- Como... como madame saber de...?

Ela sorriu uma vez mais.

- Não sou capitã desta guarda por sorteio, senhor Ruggiero.

Se o sou, sou por competência. Faço questão de conhecer nossos prisioneiros ou visitantes, de ler escritos que poucos têm paciência e de aguentar conversas tolas de homens bêbados em tabernas, apenas para escutar as histórias que frequentam as lendas mais populares das bocas dos bardos.

- Madame ser... inspiradora - e ambos voltaram a sorrir.

- Eu sou Bradamante.

- Eu já saber.

O sorriso dela em nenhum momento diminuiu.

Nas tabernas de toda Andreeanne, mesmo os visitantes estrangeiros que não haviam conseguido ingressos para a Grande Final continuavam a beber e a esperar o fim daquele dia, com o intuito de conhecer o campeão do mundo. Como já foi dito, ao longo daquela semana o assunto girava em torno da Grande Final e do Punho De Ferro.

Entretanto, de vez em quando os assuntos se modificavam.

Alguns arzallinos

jovens pareciam particularmente

interessados em histórias de suas regiões, cidades e Reinos, principalmente as histórias mais sombrias, envolvendo lendas locais, lendas urbanas e lendas rurais, e histórias sombrias eventualmente contadas para crianças não dormirem em acampamentos.

Esses jovens costumavam ser muito simpáticos, pagar bebidas em muitas rodadas e ter os sorrisos mais sinceros do mundo.

Na verdade, a única coisa que os diferenciava de seus próprios filhos mais velhos, ou dos amigos de seus filhos mais velhos, eram os constantes retornos àquele tipo de assunto envolvendo personagens macabros.

Era como se tais jovens fossem estudiosos da História, ou aspirantes a bardos, ou contadores de histórias, ou romancistas.

Ou caçadores de bruxas.

Snail Galford de vez em quando saía e observava a movimentação da cidade. Não estava nem um pouco aí para quem iria ganhar aquele esmurra-esmurra de que tanto falavam, mas sabia que sua cidade estava.

Percebia a intensa atividade local e então retornava para seu galpão, onde seu exército de meninos adolescentes e órfãos cada vez parecia aumentar mais. Havia facas em suas mãos, e

havia dores em seus âmagos se transformando em *alguma coisa* a cada noite mal-dormida. E isso era tudo o que importava para ele.

Robert de Locksley continuava sua cavalgada, perseguido ou não por palavras fortes demais para serem esquecidas. Os homens que havia coletado para sua luta por Sherwood se mantinham no local, fazendo contatos e preparando tudo o que lhes fora instruído. E permaneciam lá.

Porque ali, naquele momento, ao lado dele corriam apenas John Pequeno ao lado direito e Lady Marion ao lado esquerdo.

E o destino dos três, a cada dia mais perto, era o Grande Paço de Arzallum.

Ariane Narin chegou invocada até João Hanson nos arredores da Arena de Vidro. Estava ele, mais uma vez, contando suas estranhas e indecifráveis estratégias de xadrez:

- Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, uma finta, embaixo, direita...

Foi quando a voz de Ariane, bradando em alto e bom som, cortou seus pensamentos:

- João Hanson, o que você pensa que está fazendo?

E então ela percebeu o novo visual do menino, com os cabelos raspados a navalha, e ficou em choque por alguns momentos.

- Eu faço o que quiser com o meu cabelo - ele respondeu,

sem qualquer amenidade na voz. Ela ficou em choque, e juro que quase tentou *tocar* a cabeça dele. E então se recuperou e voltou a dizer em tom invocado:

- Eu não tô falando disso, cabeçudo! Estão dizendo que você encheu o Paulo Costard de porrada no meio da rua!

- E daí? - ele voltou a perguntar com aquele jeito frio, que *arrepiava* Ariane.

- E daí que estão dizendo que foi por minha causa!

- E daí?

- E daí que eu quero saber se é verdade!

João suspirou.

- Olha aqui, Ariane, o que aconteceu foi *papo de homem*, tá legal? Envolve coisas de honra que vocês não entendem!

- O que você quer dizer com isso? Que eu não sou uma dama com honra, é?

- Ah, Ariane! Para de me encher o saco! Ou o seu objetivo é defender aquele pastel?

- Eu... eu... - Ariane ficou embaraçada. - Eu não quero defender ninguém! Eu só acho que você não vai resolver nada na sua vida esmurrando os outros por aí!

- Vem cá: não foi você quem disse que detestava aquele grupo quando eles nos esculacharam nas *performances* lá na Arena de Vidro?

- Pô, foi! Mas, cara, você tem de entender que o pai do Paulo Costard é rico! Uma coisa é o Andreos e o Albarus tirarem

uma onda com a cara deles cantando! Outra é você ir lá e afundar a tal onda na cara dele!

- Ah, é? E o que eu deveria fazer? Dar um beijo de língua nele?

Ariane trincou os dentes, torceu o nariz e começou a ficar vermelha. E vermelha. E então explodiu:

- Seu idiota! Eu quero dizer que o pai dele pode fazer alguma coisa contra a sua família até! Uma família em que você deveria pensar mais, porque, enquanto você fica pra lá e pra cá reclamando da vida feito um moleque mimado, a sua irmã segura as pontas sozinha naquela casa!

- E quem é você pra dizer como eu devo agir com a *minha* família?

- Eu sou uma das mulheres que fica ao lado do seu pai doente na cama porque falta um homem naquela casa!

Foi a vez de João Hanson trincar os dentes e fazer umas caretas parecidas com a de Ariane. Só que, dessa vez, ele não sabia o que dizer; problema pelo qual Ariane parecia nunca passar:

- E, só pra você saber, ele anda muito mal! Não sei nem quanto tempo ele deve aguentar, tadinho, e que o Criador me perdoe por lhe dizer isso, mas se alguém tem de dizer, e se tenho de ser eu, então que seja! - João mantinha uma expressão assustada. Ele era um ano mais velho do que Ariane Narin, mas pela primeira vez ele sentia, por um instante, que

ela parecia bem mais velha do que ele. - O seu pai anda dizendo coisas que ninguém entende, a sua irmã anda chorando quando fica sozinha e nem sei como vai ficar o namoro dela com o Áxel! Ela pensa que eu não sei por que ela anda triste, mas eu não sou tão tapada assim, tá bom? Eu sei que ela está com medo de perder de uma única vez o Seu Hanson, o Áxel e você! Caraça, será que você não percebe que isso seria pra ela perder todos os homens que ela conhece? E, em vez de dar apoio pra ela, você fica por aí batendo na cara de gente que não tem nada a ver com os seus problemas! E se eu já beijei o Paulo Costard de língua alguma vez, isso é problema *meu*, foi burrice *minha*, e que saber mais? Isso só aconteceu porque *você* não foi homem pra chegar pra mim e me pedir em namoro antes! E eu queria saber como era beijar um garoto. O Paulo Costard não é nenhum Áxel, mas é um garoto! *Com esforço*, ele é até bonitinho! E fez o que você não teve coragem de fazer!

Porque bater na cara de alguém é fácil, mas tratar bem uma garota, ou saber o que dizer pra uma garota, só homem de verdade sabe! E nem você nem o Paulo Costard nem o Hector Farmer ou qualquer outro parecem com um de verdade! Vocês parecem só criancinhas brincando de gente que já cresceu, e mando logo: você agindo desse jeito que anda agindo não só se parece cada vez mais com eles, como me faz pensar que vocês se merecem! E eu disse que o seu pai anda dizendo

coisas sem sentido, e tava falando sério, só que o que eu não disse é que uma coisa, dentre todas as maluquices que ele anda dizendo, uma deu pra entender muito bem! Ele ultimamente anda chamando por *você!* E tem um bando de gente que não tem pai e que gostaria de ter, ou um monte de gente que descobre que o pai morreu, e não teve chance de se despedir! E você, que tem essa oportunidade, apenas envergonha aquelas pessoas que criaram você e por quem você deveria ser grato por isso! Afinal, quando você e a Maria se perderam naquela floresta, eu e os meus pais vimos como o Seu Hanson ficou muito louco, e o meu pai disse que ele fez até coisas... *esquisitas* pra ter vocês de volta! E, na hora que ele precisa de você, onde é que você está, João Hanson? Quer saber o que eu acho disso tudo? Eu acho que, com toda essa forma imbecil com que anda agindo, você só prova que a sua mãe e a sua irmã são muito mais homens do que você! Pronto, falei! - e Ariane Narin virou-se e foi embora, deixando João Hanson para trás.

Ela havia dito tudo o que achava que deveria ter dito.

Ele não conseguia dizer uma única palavra.

Rei Alonso Coração-de-Neve estava sentado em sua cama, e tentou beber um copo de água. O copo tremeu em sua mão, caiu e se partiu no chão.

- Eu estou tão feliz porque hoje encontrei meus amigos - o velho Rei continuava a dizer, com a voz sem sentido. - Eles

estão na minha cabeça. Eu sou tão feio, mas tudo bem, porque você também é. Nós quebramos nossos espelhos...

- Pai? - perguntou nervosa a princesa, assustada com as últimas frases.

- Peço desculpas, querida... - o velho Rei disse, como se houvesse temporariamente voltado à lucidez. - Não sei o que está acontecendo. Não, não sei. Ao menos não sei hoje. Não sei nem mesmo que dia é hoje...

- Não tem problema, pai. Só descanse. Por favor, só descanse, mas não feche os olhos por hoje. Faça tudo, me peça qualquer coisa, mas, por favor, só não feche os olhos.

- Oh, fechar os olhos. Sabe, querida, se fecho os olhos, me lembro de Helena. Helena, onde estará Helena? Tu a tens visto, querida? Tens visto a querida Helena?

- Sim, meu pai. Eu a tenho visto...

- Dois passos para a frente, dois para trás, dois para a frente, dois para trás! Isso. Os braços girando em uma velocidade sem igual! Para a frente, para trás! Para a frente... - Snail

Galford, naquele instante, mais parecia um professor de dança. A exceção era que seus alunos dançavam com lâminas de fio diferentes, mas mortais e frias como um beijo da morte.

- Caraça, você disse tudo isso pro João? - perguntou Taruga, boquiaberta.

- Foi sim. Mandeí tudo na cara! - confirmou Ariane.

- Cara... tipo: ele deve ter ficado até tonto! Você não ficou

com peninha dele?

- Pode ser; até fiquei um pouco. Mas não tem problema. O que importa é que eu já sei que ele me ama!

- Peraí! Mas... como, como assim, sua danada? - perguntou Taruga, pegando a amiga pelas mãos, animada. - O que você sabe que eu não sei? Conta *agora!*

- Ai, amiga, acredita que ele *meio que* admitiu que armou aquela confusão toda com o Paulo Costard só por minha causaaaaaaa? - e Ariane fez uma careta em pose de estátua. As duas pararam frente a frente boquiabertas por um mesmo instante. E então:

- Aaaaaahhhhhhh!!! - e as duas começaram a gritar e a dar pulinhos e agitar a cabeça como se Áxel Branford houvesse sido sagrado campeão.

E, se pudesse escutá-las naquele momento, definitivamente João Hanson jogaria a toalha branca e admitiria que jamais, jamais entenderia o funcionamento do pensamento feminino.

A tarde estava chegando ao fim, e já era hora de Áxel Branford se dirigir à Arena de Vidro. Uma comitiva formada pelos melhores da Guarda Real o esperava, mas, ainda assim, o príncipe exigiu antes que o esperassem um pouco. Havia se dirigido à mesma área de extenso jardim do Grande Paço, com a fonte de água constante no centro, onde conversara com o guerreiro oriental pela primeira vez.

- Ficar surpreso quando me chamaram.

Áxel virou-se e viu Ruggiero se aproximar de forma amistosa.

- Acredito nisso.

- Você não dever estar indo para Arena de Vidro?

- Sim. E irei. Mas antes precisava conversar com sua pessoa, Ruggiero.

- Muito me honra então, Alteza. - E o disse com respeito.

- Não sei por que insisto nisso, mas juro que defendo a ideia de que sabe o motivo de tê-lo chamado.

- Eu não fazer menor ideia.

- Tem certeza?

- Prefiro ter a certeza na voz de Vossa Alteza.

Áxel balançou a cabeça. Suspirou pesado, como se fosse difícil para ele fazer a próxima pergunta, e disse:

- Por quê? Explique-me o porquê, Ruggiero.

- Alteza...

- Por que você *travou* o último soco?

Houve uma pausa considerável nesse momento. A impressão era de que até a água corrente da fonte havia parado de correr.

- Alteza...

- Se você quer que eu entre naquela arena com a consciência limpa, eu preciso que você me explique. Ou, do contrário, eu já vou entrar desconcentrado naquele lugar, por não saber se realmente merecia estar ali.

Foi a vez de Ruggiero suspirar.

- Príncipe Branford, dois caminhos conduzem a estrada de

cada ser humano. Ser como dois cavalos. Em uma mão estar a sela do *karma*. Em outra, a sela do *dharma*. O primeiro dizer respeito ao resgate de atos anteriores. O segundo, ao destino para o qual nascemos.

- Certo.

- Eu não compreendi, a princípio, porque estava em meu *dharma* cortar oceano e vir até terras ocidentais. Eu não sabia por que ter sido eu o escolhido para representar meu povo.

Nem compreendi por que ser eu a lhe enfrentar em momento tão importante na história do mundo. Você entender meu conflito? - Ruggiero voltou a usar o tratamento entre ambos desde o primeiro dia.

Áxel aquiesceu duas vezes, extremamente concentrado.

Ruggiero continuou:

- Acontecer, porém, que durante nossa luta, em momento maior, a consciência despertar, e eu não apenas enxergar, como compreender o motivo.

- E em que momento você o compreendeu?

- No momento em que você despertar *energia!*

Áxel se surpreendeu e ergueu as sobrancelhas. E disse, observando as mãos abertas.

- Você diz respeito àquela força que *sobe pelo corpo*, não é?

Que vem lá das entranhas e começa a estressar e estressar, até que a gente tem de liberar em um...

- Kiai.

Áxel fechou os punhos, gritando:

- Isso! A gente precisa colocar a energia para fora, ou acho que a gente explode!

- Na verdade, você poder mantê-la dentro de si e usá-la como cura, mas tudo ser prática e ensinamentos. E bons ensinamentos.

- Compreendo. Mas então, Ruggiero, me explique: o que você entendeu naquele momento a ponto de fazer as escolhas que fez?

- No momento em que você despertar energia, eu compreender que aquela ter sido minha missão. Eu ter cruzado o oceano simplesmente para que você saber que essa energia existe.

- E por que eu precisaria fazer você voar do outro lado do mundo para me ensinar isso?

- Por que você precisará dela para vencer hoje.

Houve outro silêncio. Mais uma vez a água parecia parar de correr. E Áxel se sentiu pequeno diante do que enfim havia compreendido.

Porque exercícios de movimentos rápidos fazer bem ao corpo.

Mas não toca em espírito.

Uma fada já lhe havia ensinado humildade. Um desconhecido lhe ensinava altruísmo.

Pugilismo é corpo.

Um ser que ele mal conhecia havia sacrificado sua própria

glória por causa de um destino que acreditava fazer parte do outro.

Pugilismo é espírito.

Um sacrifício de puro caráter espiritual.

No Ocidente, o pugilismo é uma forma de combate.

Um ato de desapego dentro de uma arena, proporcionado simplesmente por um ato de crença.

No Oriente, um caminho de vida.

Um ato moldado em sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

- Ruggiero... - Áxel chegava a tremer, sem saber o que dizer.

- Você acha então... que o dia de hoje... já estava escrito?

- Sim. É seu o *dharma* de enfrentar Minotaurus, Áxel

Branford.

Áxel balançou a cabeça para si próprio, compreendendo. E já ia se retirar quando se virou novamente e disse:

- E me diga uma última coisa, por favor. Uma última coisa que eu *preciso* saber: em nenhum momento... não bate dentro de você nenhuma... *incerteza*? Não se sente nem mesmo *um pouco* mal de ter recolhido aquele soco e de ter me deixado acertá-lo? Em nenhum lugar no seu peito você não se sentiu furioso por me ver levar uma glória por um feito que não mereci?

- Isso seria duvidar de minha fé, príncipe Branford - o oriental disse com um sorriso sem mostrar os dentes. - Além

do mais, Vossa Alteza saber que *fui eu* quem vencer aquele combate. Isso já me ser suficiente...

Áxel sorriu como uma criança. Fez uma reverência ao outro e se dirigiu para a saída, com o intuito de se encaminhar à Arena de Vidro. O olhar estava confiante. Seu coração estava tranquilo.

Enfim, ele estava pronto.

Branca Coração-de-Neve observava Áxel caminhar na direção de onde ela estava para seguir com a comitiva para a Arena de Vidro. Ela sabia o que tinha de fazer; sabia, por mais que aquilo lhe apertasse o coração com uma intensidade tão forte, que cada segundo de vida parecia *doer*. Mas, ainda assim, ela sabia o que tinha de fazer.

Ela tinha de pedir a Áxel Branford para *perder*.

Áxel sorriu para ela enquanto se aproximava, e ela continuava suando através daquela pele branca como a neve.

Eu estou tão feliz porque hoje encontrei meus amigos.

Seu conflito era fácil de ser compreendido.

Eles estão na minha cabeça. Afinal, como você pede a alguém para se auto-sacrificar e manipular com isso o destino do mundo, em prol da vida do seu pai?

Eu sou tão feio, mas tudo bem..

Até onde o amor se confunde com egoísmo?

... porque você também é.

E como podem sentimentos tão opostos caminhar tão

próximos?

Nós quebramos nossos espelhos...

As instruções eram claras: se Anísio Branford soubesse de algo, Alonso Coração-de-Neve morreria. Se a luta não ocorresse, Alonso Coração-de-Neve morreria. Se Áxel Branford vencesse...

Em todas as hipóteses em que a princesa Branca pensava, Alonso Coração-de-Neve morreria.

- Branca... - disse Áxel já ao lado dela, tirando-a de um mórbido transe.

- Áxel! - ela disse, com os olhos arregalados de susto.

- Vejo que está mais nervosa do que eu - ele disse, tentando parecer calmo, ou menos tenso.

- Oh, não... sim... digo...

- Vai dar tudo certo - ele disse, colocando a mão no ombro dela. Branca sentiu-se bem, como se Áxel estivesse dizendo aquilo *porque* soubesse o que ela estava passando. E a situação só piorou, quando ela lembrou que ele não tinha como saber.

- Áxel... - o coração batendo tão forte que chegava à boca. -

Eu preciso lhe dizer algo...

Áxel fez um sinal para um sargento da Guarda Real. Parou ao lado dela, percebendo a seriedade da situação, e disse:

- Branca, o que foi?

- Eu... - O mundo, e o destino do mundo, estavam em suas

próximas palavras. - Eu gostaria de lhe pedir que... quando entrasse naquela arena hoje...

Áxel balançou a cabeça, estimulando a princesa a continuar a falar. Ela apertou os olhos, colocou a mão no coração, mordeu os lábios, inspirou fundo e disse:

- ... você usasse todas as suas forças e arrebentasse aquele brutamontes.

Áxel se surpreendeu com aquele jeito de falar da princesa. Mas admitiu a si próprio que *gostou*.

- Eu vou fazer por nós todos. - E ela o abraçou forte, enquanto ele dizia: - Eu vou fazer por toda a nossa família.

Ele se afastou, fez uma reverência e seguiu adiante sem olhar para trás. Branca o observou partir, e as últimas frases reverberavam como pólvora explodindo dentro de seu crânio.

Eu vou fazer por nós todos.

A princesa colocou a mão no rosto.

E achou irônico que seu pai tivesse ficado conhecido como o Rei das Lágrimas de Inverno. O Rei Que Não Chora.

Eu vou fazer por toda a nossa família.

A princesa de Stallia não parava de chorar.

- Senhor Rumpelstichen... - Rei Anísio Branford iniciou a frase, meio constrangido com o que tinha a intenção de perguntar.

- Majestade...

- Em relação a tudo o que prometeu para hoje...

- Está tudo pronto, Majestade.

- E... não sei como perguntar isto, mas... e quanto ao *pagamento* dos gênios para...

- Não se preocupe. Os gênios já foram pagos, Majestade.

A princesa de Stallia ainda chorava copiosamente, encostada a um muro coberto de heras, em um local isolado do Grande Paço onde achou que ninguém a escutaria.

E achou errado.

- Princesa...

A princesa tentou limpar as lágrimas e virou-se assustada na direção da voz feminina. Aproximando-se estava a capitã da Guarda Real, Bradamante.

- Pensei que estarias escoltando Áxel, capitã... - a princesa disse, limpando as lágrimas e esforçando-se para não voltar ao choro.

- Tenho homens competentes para tal função, princesa.

Porém, acho que muito poucos para a que estou exercendo agora.

- Tu abandonaste a escolta por minha causa?

- Eu o fiz quando te vi tentares esconder as lágrimas após falar com o príncipe. E se existe algo errado com outra família real dentro do Grande Paço, então talvez isso também seja de minha responsabilidade, não é?

Branca estava surpresa com tamanha *competência* demonstrada. Por mais que acreditasse na capacidade

feminina de competir com homens em qualquer função, ainda assim, para ela que havia sido treinada para ser uma grande princesa, era difícil ver uma mulher se saindo tão bem em uma função daquelas.

- Eu não... deveria contar nada a ninguém, capitã.

- Então finjas que não estou aqui e pensas em voz alta.

Branca chegou *quase* a sorrir com aquela tirada. O reflexo de uma mulher que estava feliz por alguém tê-la notado e ter lhe estendido a mão.

- Não sei. Insisto que não sei como proceder. Pode ser que não me entendas...

- Princesa, eu sou filha, sou mulher e, apesar de jovem, responsável por um cargo de extrema responsabilidade, e que exerço muito bem. Em qual parte achas que não estaria eu capacitada para entender quaisquer nuances do conflito pelo qual estejas passando?

Branca Coração-de-Neve deixou uma lágrima escorrer pelo rosto delicado.

E contou à capitã da Guarda Real o que estava acontecendo.

Maria Hanson não largava a mão do pai doente. Como sempre, mantinha o pano úmido na testa do pai, tentando minimizar a febre que gerava delírios.

- Filha... - disse a mãe, entrando no quarto - ..já é noite.

Daqui a pouco se iniciará a Grande Final.

- Eu não vou assistir, mãe.

- Não?

- Meu pai precisa de mim.

A mãe tomou o pano da mão dela e, como outras em outras épocas, também agradeceu ao Criador por simplesmente ser mãe.

- Filha, deixe que eu assuma essa função um pouco por esta noite.

- Mas você pode precisar de mim!

- Será apenas por algumas horas. Depois você pode correr de volta para casa. Mas você precisa assistir ao que vai acontecer lá dentro hoje.

- Por que diz isso, mãe?

- Porque o que acontecerá lá hoje, querida, é História. O tipo de História que será contada em pergaminhos por escribas reais. E você é uma *professora*, Maria Hanson. E gerações de jovens vão precisar que você descreva a elas o que vai ver hoje...

Maria Hanson ficou surpresa com aqueles argumentos. Não os havia pensado nem notado tal ponto de vista. E enquanto estava pensativa Erika Hanson concluiu:

- Além do mais, não há nada que possa fazer aqui agora. Mas talvez você possa fazer lá.

- Aquela arena vai estar tão lotada que Áxel nem vai me ver.

- Talvez; mas lá de cima ele vai sentir a sua energia vibrando com ele.

Maria continuou pensativa, quase emocionada com aquelas palavras.

- Você tem certeza disso, mãe?

- Se fosse você quem estivesse lá em cima, você não sentiria a dele?

Maria Hanson ergueu-se e partiu para a Arena de Vidro o mais rápido que pôde.

Ariane chegou à Arena de Vidro de mãos dadas com a mãe.

Dessa vez, até o pai Golbez Narin conseguira os ingressos para ver a Grande Final, de forma que ela estava acompanhada dos dois. No entanto, antes de entrar, ela pediu licença a ambos, pedido que o pai logo protestou. Anna Narin, porém, percebendo o que queria a filha, começou a conversar sobre a curiosa arquitetura do lugar, de forma que Golbez se esquecesse de Ariane um pouco.

A menina caminhou até a árvore. A sua árvore. Ou, ao menos, a árvore da qual ela tinha *metade* por direito. Observou os galhos e disse em meio ao barulho de milhares de vozes transeuntes ao redor:

- Você tá por aí?

Uma cabeça de criança apareceu dentre as folhagens e sorriu.

Ariane sorriu de volta. O menino desceu rapidamente da árvore e ficou de frente para ela.

- E aí, Mudinho? Você já consegue falar alguma coisa?

O garoto pareceu *tentar* dizer alguma coisa. Mas a voz...

morria antes de sair.

- Entendo. Tudo bem; era só pra ver se você tava bem. Se você precisar de alguma coisa, é só... se bem que o que alguém na sua condição iria precisar, não é verdade? Não, porque... tipo, só faltava eu ter de trazer um pedaço de torta pra espírito, né?

E Ariane começou a rir, sem perceber as pessoas que passavam e achavam aquela menina esquizofrênica falando sozinha já completamente louca. O interessante era que quase todas as frases envolviam um "coitadinha" ou "ela ficou assim depois daquele incidente com a avó, coitadinha...".

Ariane olhou mais uma vez para o nome dela ao lado do nome *dele*. O espírito do menino sem voz apontou para o nome masculino.

- É, eu sei. Ele vacila mesmo...

O menino insistiu e continuou apontando.

- É, é assim mesmo. Quando você ficar mais velho... quer dizer, você fica mais velho ou fica nessa idade pra sempre? Porque deve ser esquisito ficar sem crescer, né? Já pensou? Como você iria fazer para...?

O menino começou a balançar o dedo, irritado, na direção do nome masculino na árvore.

- Ih, lá vem você de novo com esse seu jeito nervosinho! Porque você não aprende primeiro a falar antes de me dar esporro?

O garoto a pegou pela mão, e mais uma vez ela *sentiu* o toque.

E sentiu esse toque *frio*. O menino sem voz levou a mão dela próximo do nome e apontou para ali com a outra mão.

- Você quer que eu... *toque* no nome dele?

O garoto assentiu.

- Mas eu já fiz isso antes. Você quer dizer que agora vai ser diferente?

O garoto assentiu.

- Mas por que agora vai ser diferente?

O garoto pareceu virar uma espécie de caricatura de si próprio, irritado com aquele excesso de perguntas de Ariane.

- Ih, tá bom, tá bom, eu, heín...

Ariane fez uma expressão séria. Respirou fundo. E tocou o nome com a palma aberta. O menino colocou a mão dele por cima da dela, e Ariane mais uma vez sentiu o frio.

E o frio.

E o súbito calor que se seguiu a um...

FLASH!

- Foi mesmo o Hanson quem lhe fez isso? - perguntou

Hector Farmer.

- Foi... - respondeu um Paulo Costard envergonhado e sedento por vingança.

Ariane sentiu o estômago embrulhar. Sentiu tonturas, sentiu a cabeça latejar e sentiu ânsias de vômito. Algo queria ser expelido de sua garganta, e ela tinha a impressão de ter um

sapo no abdômen, que pulava de vez em quando. Tentou se manter de pé, sem tombar, e controlar a respiração cada vez mais acelerada.

- Upa... upa... upa... - respirava e respirava e respirava e...

FLASH!

Ela sentia *algo*, na velocidade e na intensidade de um clarão.

A cada vez que o mundo piscava, ela via uma imagem. E

sentia algo junto a essa imagem.

FLASH!

Ela chegou a babar um pouco, segurando o vômito na boca.

Queria, mais que tudo, retirar a mão do nome dele, mas era

um fato que a cada vez que havia outro...

FLASH!

... ela começava a *reconhecer* aquela imagem que lhe invadia

a mente.

Pois aquela imagem era de João Hanson. E tudo, tudo o que

pulsava junto com ela também.

FLASH!

Ariane então *sentia*. Sentia a solidão que corria por dentro

dele, sentia a decepção que brotava de um cotão

decepcionado com a figura do antigo herói, sentia a raiva

diante de um mundo com o qual ainda estava aprendendo a

conviver depois de virar uma aberração nas mãos de uma

bruxa canibal.

Ariane Narin, naquele momento, não sentia apenas o mundo

de João Hanson. Ela sentia o que era o mundo *através* de João

Hanson. E se sentia assustada com o que via.

FLASH!

O menino retirou a mão da mão dela, e Ariane vomitou ao redor da árvore, gerando caretas de desgosto nos transeuntes ao redor. Ela então limpou a boca no lenço ainda guardado que o próprio João havia lhe dado e perguntou:

- Então é assim que *ele* se sente?

O menino aquiesceu. Ariane se lembrou de todo aquele conjunto de sentimentos pesados envolvendo dor, raiva e solidão. E, à simples lembrança daquele conjunto de sensações, voltou a vomitar.

Ruggiero estava comendo um prato preparado à base de macarrão e um molho oriental de cheiro forte, preparando-se para ir até a Arena de Vidro assistir à Grande Final, quando a capitã Bradamante entrou em seu quarto sem bater ou pedir licença.

- Senhor Ruggiero, peço desculpas pela entrada brusca, mas...

- Capitã, conhecendo sua educação, eu ter certeza de que ter um forte motivo pra isso...

- Sim, eu tenho.

- Então não perca tempo, pois poder ver em teus olhos que há urgência no motivo.

- Senhor Ruggiero... acaso o senhor é um *shinob*?

Ruggiero se espantou com a pergunta direta como flecha. E sua mente imediatamente ordenou-lhe que negasse aquela informação. Mas seu coração...

- Apenas por uma suposição, senhorita capitã: e se eu o fosse?

- Então eu *diria* que o destino do mundo estaria ligado ao seu.

Ruggiero adorou aquela escolha de palavras.

Já era noite quando eles chegaram. E mais uma vez, mas em intensidade ainda maior do que em todas as outras noites, podia-se saber onde eles estavam através dos gritos.

Chegaram de formas diferentes e despertando reações diferentes no público ao redor da Arena de Vidro, curioso não apenas por conhecer o campeão máximo, mas também entender o que eram aqueles aparatos de tecnologia gnoma para se comunicar com gênios ou coisas assustadoras do tipo. Na frente da Arena de Vidro haviam montado uma espécie de palanque com uma área do exato tamanho do ringue. Ao redor dessa área havia um mecanismo *Sandman*, muito parecido com aquele apresentado no Grande Paço, mas de estrutura maior e formato retangular, do tamanho do ringue. Havia oito encaixes ao redor do retângulo. Quatro em cada uma das pontas, outros quatro no meio, entre cada uma das quatro pontas.

O encaixe no meio do centro superior tinha ainda uma

engenhoca presa a ele, que se prendia a uma espécie de bola de cristal vermelha.

E no centro desse ringue improvisado havia areia.

Radamisto chegou primeiro à Arena de Vidro. Montava um corcel e usava um capuz que lhe cobria o rosto e caía pelo corpo todo. Seu tamanho e sua massa muscular, porém, denunciavam-no de forma clara. Ao redor dele caminhava a comitiva de Minotaurus, com seus comandantes vestidos com fardas militares e ostentando insígnias. Um deles carregava um estandarte com o brasão do Reino: o imenso touro empunhando uma espada cravada na terra e um pergaminho apontado para o céu.

Ao redor da comitiva de Radamisto caminhavam seus fanáticos e violentos compatriotas. Andavam, gritavam e provocavam Arzallum em sua própria casa, feito hienas domando um novo território. Bebiam de grandes garrafas de vinho e cantavam o hino de Minotaurus em brados altos demais para os ouvidos limpos, os quais sufocavam vaias e xingamento sinceros demais, que transeuntes gritavam de volta sem pudor algum.

Ao redor dos torcedores caminhava outro grupamento da Guarda Real. Soldados iam à frente isolando áreas e afastando curiosos e desafetos. Alguns jovens eram temporariamente presos por tentarem arremessar objetos, de formas e composições tão variáveis quanto tomates e garrafas, na

direção de Radamisto. Logo depois, porém, os guardas reais os liberavam com tapinhas nas costas e até mesmo sorrisos complacentes.

Já com Áxel Branford foi diferente. Para *tentar* minimizar a confusão que seria a chegada do príncipe à Arena de Vidro, a opção adotada por Bradamante até que fora eficaz: vestiram seu sósia com um manto e um capuz parecidos com os do príncipe, e soldados reais escoltaram-no em uma carruagem fechada.

O resultado foi um pandemônio.

Sabe-se lá quantas mil pessoas havia ao redor daquela entrada, mas sabe-se que todas elas resolveram se concentrar naquele ponto - ao mesmo tempo - para ver a tal carruagem-isca passar. As pessoas gritavam enlouquecidas, pulavam, aplaudiam, berravam, exibiam faixas, tatuagens, cartazes pintados com a própria caligrafia, cantavam canções inspiradoras, criadas para a ocasião; havia até mesmo mulheres com pressão baixa, que precisaram ser retiradas dali às pressas. Houve um momento em que a carruagem foi cercada, e nem mesmo os soldados reais pareciam mais capazes de afastar a multidão para permitir que o veículo entrasse na Arena de Vidro.

O sósia de vez em quando aparecia na janela e acenava para a multidão, e isso só gerava mais gritos e mais histeria e mais enlouquecimento.

Até mesmo ele, que estava acostumado a representar Áxel em ocasiões importantes, estava assustado com *aquilo* que estava vendo. E foi só ali que entendeu por completo a responsabilidade do verdadeiro Áxel e *por que* Áxel Branford era o príncipe e ele, o sósia.

E pela primeira vez o ator agradeceu ao Criador *por ser* o sósia.

E enquanto toda aquela baderna acontecia na entrada, outra carruagem, muito mais modesta e com menos soldados para chamar a atenção, entrou pelos fundos da Arena de Vidro com o verdadeiro Áxel. Ainda assim, de onde estava, Áxel escutava os gritos. Onde quer que ele andasse, onde quer que estivesse, ele escutava seu povo gritar por ele e chamar o nome dele como se estivessem em um campo de batalha. E, de repente, aqueles gritos começaram a formar uma espécie de... onda que vibrava em suas entranhas. A expressão se fechou, e ele caminhou com aquela *onda* pulsando em seu estômago, como se fosse a energia que o oriental lhe havia ensinado a despertar.

Caminhava gingando pelos corredores e recebia tapas "nas costas e gritos de incentivo de pessoas das mais diferentes categorias: soldados, que deveriam agir como soldados, mas se tornavam humanos na presença dele; faxineiros; convidados especiais; e mesmo de alguns próprios representantes do Punho De Ferro que organizavam o torneio.

E, no estômago, aquela *onda* só aumentava.

Virou-se e entrou na sala dos lutadores. Dessa vez, Radamisto não estava lá; haviam-no separado em outra sala, para que ambos só se encontrassem no ringue. E assim que ele e seu treinador entraram na sala de espera, Áxel já retirou seu capuz e começou a se movimentar de um lado para o outro, na tentativa de dar vazão àquela tensão.

Melioso inspirou, com o intuito de dizer alguma coisa, mas o príncipe se antecipou, dizendo:

- Vencer!

Melioso sorriu, surpreso. Áxel mantinha a expressão séria e fechada.

- Antes que você pergunte, treinador, *nós viemos aqui para vencer!*

Melioso estava adorando aquelas reações.

Estimava-se que caberiam cento e cinquenta mil pessoas dentro da Arena de Vidro em eventos nos quais fossem permitidas pessoas dentro da área de espetáculo propriamente dita, assim como ao redor do ringue de pugilismo.

Naquele dia, os organizadores estavam temerosos de que havia quase duzentas mil.

Gente de todas as partes do mundo se acotovelava e falava diferentes idiomas sobre o mesmo assunto. Tochas já haviam sido acesas, e de vez em quando alguém empurrava alguém mais forte e um indício de briga aparecia, mas não havia mais

espaço nem mesmo para brigar, ao menos fora do ringue armado.

Rumpelstichen sorria orgulhoso ao lado de Reis de todo o mundo, prometendo um espetáculo jamais visto na história do Ocidente, e até mesmo os monarcas estavam excitados.

Ferrabrás observava o gnomo, cauteloso. Havia entrado alguns minutos antes, após a maioria dos Reis, e recebeu uma vaia que ainda deve estar reverberando em algum lugar do mundo em um *efeito borboleta* devastador.

Já Rei Anísio Branford foi o último monarca a entrar, como sempre de braços com Branca Coração-de-Neve. Entrou na área reservada, e toda a Arena de Vidro começou a aplaudir e a assobiar e a bater os pés no chão de forma enlouquecedora, em uma situação que fazia o chão subir e descer. Anísio fez uma reverência e já ia se sentar quando percebeu Ferrabrás observando-o com seu olhar debochado. Ao lado do Imperador sentava-se Helena Bravaria. O sorriso de deboche dela era o mesmo, mas seu olhar não parecia ser na direção dele.

Mas na de Branca Coração-de-Neve.

E então, em uma quebra de protocolo, Rei Anísio se voltou para seu povo e ergueu o braço direito com o punho fechado, gerando mais uma explosão emocional descontrolada de sabe-se lá quantas dezenas de milhares de pessoas que deveria haver naquele lugar. Um símbolo de guerra.

Um símbolo de força, para mostrar a força de sua nação.

- Anísio... - disse Branca em seu ouvido, quando ele se sentou. - Tu não deverias incitar teu povo mais do que já estão incitados. Esta arena parece estar prestes a cair abaixo...

- Branca, querida, pois hoje eu quero mais é que ela caia! Se ela cair, eu a mando reconstruir! Eu quero mais é ver todo este circo pegar fogo! O que eu quero hoje é que este povo jamais se esqueça do que esta bandeira representa! E do legado deixado a ela pelo Maior dos Reis!

- Falas de ti mesmo, amado?

- Não. Falo de meu bendito pai.

O ringue oficial, no centro da Arena de Vidro, havia ganhado uma plataforma *Sandman* idêntica à sua "sósia" do lado de fora. Em cada um dos quatro cantos havia um encaixe com peças metálicas, assim como havia mais quatro no centro, no meio entre dois cantos.

Tanto nos encaixes *Sandman* do ringue de dentro quanto nos de areia do ringue de fora, gnomos estavam prendendo em seus devidos encaixes os cristais brancos como vidro, conhecidos como cristais *yin*.

Os cristais brancos foram presos nos quatro cantos e permaneceram sem quaisquer alterações em suas posições.

E então, ainda entre gritos ensurdecadores da multidão, mais soldados da Guarda Real abriram caminho dos dois cantos na direção do ringue. Corações pararam. Um corneteiro real

anunciou seus acordes, e o mundo ficou em silêncio.

E, então, um bumbo. E trombetas e violinos começaram a ecoar os acordes do hino de Minotaurus, e Radamisto entrou.

A arena mais uma vez começou a xingar palavrões dos mais cabeludos, a tentar cuspir na direção do pugilista que entrava com seu capuz cobrindo a face, e obviamente acertavam apenas outras pessoas que não tinham nada a ver com isso no caminho, as quais voltavam a dizer palavrões cabeludos e a vaiar cada trecho do hino que uma orquestra improvisada tentava tocar.

Com a mão no peito, os minotaurinos presentes e seu Imperador cantavam em altos brados sua letra sagrada, sem se incomodar com o barulho e o escárnio ao redor.

Radamisto caminhou como se estivesse solitário e subiu ao ringue sem dizer nada. Subiu na arena e retirou seu capuz, revelando a cicatriz no rosto e um short com a bandeira de Minotaurus.

Movimentava-se de um lado para outro em meio ao pandemônio provocado. Ao redor, a multidão começava a cadenciar mais uma vez o seu som tribal, diante da Estrela do Príncipe, na ansiedade de vê-lo entrar. Dois sons graves seguidos de um agudo. O som tribal que havia se tornado uma marca. E, dessa vez, no ritmo de quase duzentas mil pessoas.

Radamisto estalou os dedos com vontade quando escutou os acordes seguintes do corneteiro real. E as pessoas colocaram a

mão no peito, sentindo arrepiar cada parte de corpo.

Eram os acordes iniciais do hino de Arzallum.

João Hanson, naquele mar de pessoas, socava seus punhos fechados, um na direção do outro, com os dentes trincados.

- Vamos lá, príncipezinho! Tá na hora de você entrar...

E Áxel Terra Branford entrou.

Imagine mais de cento e cinquenta mil pessoas, quase duzentas mil pessoas gritando pelo mesmo motivo. Agora imagine que esse número seja milhões de vezes maior e que esses milhões de pessoas estejam gritando da mesma forma, mesmo que à distância. Imagine essa egrégora de vozes gritando por *você* e *para você*. Imagine o hino do seu país ao fundo e todas as pessoas mais importantes da sua vida presentes na ocasião. Imagine todos os seus medos e toda a sua coragem dividindo um mesmo espaço indivisível, dentro de tudo o que acredite ser você.

Imagine isso e, como milhões de pessoas naquele momento, você se tornará Áxel Branford.

Sob o som tribal, ele entrou.

Tum... Tum... Tá...

E entrou com ele tudo o que de melhor possa vir do ser humano. Mais uma vez, sob a bênção de Prince, a Estrela do Príncipe, o destino do mundo caminhou em uma Arena de Vidro. Gritos em diversos idiomas pareciam clamar pela mesma coisa, e o barulho que era produzido ali vinha de

locais que as pessoas gostavam de descobrir em si.

A multidão só interrompeu suas batidas quando a orquestra começou a tocar o hino que milhares começaram a cantar, em uma união de vozes que transcendia os limites daquela arena e chegava a muitos, muitos sentimentos e vozes além dali.

Áxel Branford subiu ao ringue e retirou seu manto, com um imenso BRANFORD bordado em fios de ouro nas costas, ficando com sua tradicional bermuda com as cores locais.

E enquanto ele dançava para lá e para cá, diante de um barulho insanamente contagiante, os engenheiros-gnomos trouxeram, em outras maletas de ferro, os cristais *yang*. Os poderosos e impressionantes cristais vermelhos. Quando foram retirados de dentro das maletas, já possuíam um brilho próprio que gerava no ser humano, tanto no bom quanto no ruim, pura fascinação.

Os cristais *yang* foram presos nos suportes de ferro do meio, entre os cantos que prendiam os cristais brancos. Foram presos em todos, menos no do meio do canto superior, onde se prendia também a bola de cristal rubra.

Melioso pegou o crânio do pupilo com as duas mãos e o obrigou a olhar em seus olhos, ainda que ele não conseguisse parar de se movimentar.

- Você sabe quantos torneios destes já existiram, Branford? - ele berrou na cara do príncipe.

- Vinte e um - o príncipe respondeu com os olhos arregalados

de um matador.

- E você se lembra de quantas vezes Arzallum venceu?

- Seis.

- E, dessas seis, quantas vezes diante de sua própria nação?

- Nenhuma.

O velho treinador voltou a berrar como um louco:

- Nenhuma! E hoje você tem a chance de vencer a *melhor* competição já vista na história deste torneio! Você... tem a chance... hoje... de se tornar o melhor do mundo! Você está escutando o que estou dizendo? *O melhor do mundo!* Esta luta será contada em poemas épicos e será cantada por bardos enquanto semi-deuses se lembrarem deste mundo! Antigos ou novos semideuses sempre irão se lembrar do momento em que o mundo parou por causa de uma luta de pugilismo! *A sua* luta! Repete isso!

- A minha luta!

- A sua luta!

- A minha luta!

- E o que é que você veio fazer aqui hoje, Áxel Terra

Branford?

-Eu vim VENCER!

O juiz se aproximou e chamou os dois pugilistas para o centro do ringue.

De longe, Branca Coração-de-Neve rezava por um milagre que salvasse seu pai e, ao mesmo tempo, o destino daquela

nação que a adotaria oficialmente como sua Rainha em breve.

- *E se não der certo?* - Branca perguntara à Bradamante, diante da proposta da capitã da Guarda Real.

- Tem de dar certo...

O juiz berrava. Se quisesse realmente ser ouvido, não poderia fazer diferente.

- Se vocês chegaram até aqui, vocês sabem tudo o que é preciso saber! Então honrem o que vestem embaixo dessas calças e mostrem que são homens de verdade sem golpes baixos, sem golpes sujos e sem pensarem que podem passar por cima da minha autoridade! Quando eu ordenar para parar, parem! Quando eu mandar separar, separem-se! Quando eu abrir contagem, esqueçam de tudo ao redor e tentem voltar de Aramis, ou permanecerão lá! Fora isso, eu quero ver vocês darem um show para ficar na História! Agora toquem os punhos!

Os dois mais pareceram dar um soco na direção do punho um do outro.

O juiz olhou para Rumpelstichen na área isolada, que fez um sinal para seus engenheiros-gnomos. Um deles trouxe o último cristal. Um cristal vermelho e pulsante, que foi colocado no último suporte do aparato *Sandman*, e então finalmente todos eles se acenderam e pulsaram brilhantes como corações.

Todos os outros cristais pareceram ganhar vida, e pulsaram

em um espetáculo de luz e forma difícil de ser descrito. A bola de cristal vermelha se acendeu e passou a refletir em seu centro o que vinha de dentro do ringue na frente dela.

E, pela primeira vez na História da humanidade, o povo do Ocidente teve uma primeira visão do que significava aquela força oriunda da chamada *magia vermelha*.

Do lado de fora outro gnomo fez o mesmo, colocando outro cristal vermelho na base que acendeu a bola rubra. As outras pedras também se acenderam e pulsaram como se vivas, como se os dois *Sandman* fossem um só. O povo, aglomerado ao longo de todos os cantos possíveis e imagináveis daquele lado de fora, gritou em um misto de susto e êxtase. E, com o coração batendo-lhes na língua, rostos se embasbacaram quando partículas de silício dançaram como se estivessem vivas e três *homens de areia* tomaram a forma de Radamisto, do juiz e de Áxel Branford, que naquele momento estavam no ringue dentro da Arena de Vidro.

No ringue *real* da Arena de Vidro, o juiz berrou:

- Se afastem!

E os dois pugilistas se afastaram.

- E LUTEM!

E a batalha entre Arzallum e Minotaurus se iniciou.

Ruggiero havia vestido um uniforme negro, com um grande lenço ao redor da garganta que lhe subia pelo pescoço e que ele podia amarrar na altura da boca e do nariz. Ao lado dele, a

capitã Bradamante havia prendido seu cabelo encaracolado com diversos grampos e colocara uma roupa justa que facilitava seus movimentos, a encobria nas sombras e ainda por cima moldava seu corpo como se ela estivesse nua, o que lhe ajudava em lutas contra oponentes masculinos.

Ele prendia uma espada nas costas. Ela, ao lado da cintura.

- Ainda não entender por que não usar soldados para invadirmos o lugar... - disse Ruggiero.

- A ameaça dizia que se Rei Anísio soubesse de algo *antes* da luta, o vidro com o antídoto seria destruído. E não confio em coronel Athos para tanto; ele gosta de levar méritos demais por trabalhos alheios e de fazer tudo de um jeito inflexível ao extremo, que não cabe neste caso.

- Eu entender. E onde está Rei Alonso?

- Tremendo no quarto sem parar, como um doente com frio.

Dizendo coisas sem sentido feito um amaldiçoado por bruxas.

- E por que não interromper a luta e exigir explicações de Minotaurus para o plano da condessa?

- Porque não há prova da ligação entre os dois.

- E por que não se tentar encontrar alguém que tente curar o veneno?

- Porque venenos de bruxas costumam ser únicos. E não há tempo.

- E por que irmos tentar recuperá-los como espiões, em vez de pela porta da frente?

- Porque pode ser um *blefe*. E não podemos criar um incidente de proporções internacionais por causa de uma falha amadora dessas.

Ruggiero concordou. Não havia mais nada de que ele precisasse saber.

Áxel Branford partiu primeiro em um direto no meio do rosto de Radamisto. O gigante branco tropeçou dois passos para trás, assustado com a velocidade e a ferocidade do movimento, e o público enlouqueceu.

Áxel partiu para cima dele e recebeu um golpe no estômago, que arqueou o corpo dele. Um segundo no estômago. O corpo do príncipe pulou. E, então, ele recebeu um murro no queixo que o jogou para trás, direto para o chão do ringue.

O público ficou com o coração na boca.

E viu seu representante dar duas cambalhotas e se pôr de pé fazendo sinais para o juiz de que estava ótimo, que não precisava nem mesmo da contagem. O juiz conferiu e ordenou que a luta recomeçasse.

Áxel avançou com a guarda fechada e os dentes à mostra.

Radamisto tentou arrancar sua cabeça com um, dois, três, quatro tentativas, parecendo realmente um urso que via seu território invadido. Áxel dançou com o corpo e se esquivou, uma, duas, três, quatro, e então BAM!

Radamisto torceu o corpo em algum local de suas costelas feridas.

E BAM! BAM! BAM!

Áxel o rodeava e batia. Rodeava e batia. Radamisto girava, louco de ódio, buscando o oponente, mas aquele maldito era rápido como um predador.

Em um momento, porém, ele o encontrou, e foram um, dois, três socos no rosto! Áxel cambaleou pelo ringue, tropeçando, tropeçando, mas sem cair. Radamisto correu para cima dele e armou o *uppercut* que finalizaria o combate. O mesmo golpe; o mesmo golpe que o havia levado à final em outras lutas.

As pessoas perderam a voz. E ele jogou todas as fichas naquele movimento.

Áxel Branford torceu o corpo fugindo do soco, segurou o braço do minotaurino e ainda teve tempo de dizer:

- Tá de brincadeira, né?

O braço de Radamisto foi puxado para baixo, fazendo a cabeça abaixar com o movimento. Foi quando Áxel enfiou a ponta do cotovelo de baixo para cima em um movimento de meia-lua que fez o Urso-Branco tombar violentamente para trás, assustado.

O peso dele batendo no chão foi tão forte que parecia o som de um adulto caindo do galho de uma árvore.

O juiz abriu contagem, e o gigante branco permaneceu no chão olhando assustado para Áxel, *tentando* acreditar que aquilo era verdade, que ele estava *realmente* no chão. Ergueu-se furioso, babando e rosnando, quando se escutou o fim do

combate, seguido pela explosão dos presentes gritando o nome de Áxel e parecendo prestes a derrubar a estrutura local.

Do lado de fora, a multidão gritava de forma igualmente absurda quando o avatar de areia, com o tamanho e forma de Áxel Branford, se encaminhou para seu *comer*, gingando e derramando partículas de silício que insistiam em retornar para lhe dar forma, à espera do recomeço da luta.

Bradamante e Ruggiero haviam chegado em corcéis competentes ao local planejado.

- Então ser aqui? - perguntou Ruggiero.

- Sim.

- Como ser mesmo o nome deste lugar?

- A Fazenda de Esqueletos.

Os pelos de Ruggiero se arrepiaram. Os de Bradamante também. Prenderam os cavalos em uma área próxima, com o intuito de avançarem camuflados à noite com suas vestimentas escuras.

- E senhorita parecer ter mesmo certeza de que o antídoto do veneno de Rei Alonso estar lá dentro...

- Eu tenho. Aquilo que deram a Alonso é *lithium*. Em toda Andreeanne, somente conde Edmond o conseguiria produzir.

- Conhece muitos venenos e maldições, senhorita Bradamante?

- Sim. Diversos.

- E isso ter um motivo que possa dizer?

- Já cacei bruxas.

Ruggiero arregalou as sobrancelhas, uma vez mais. Colocou o pano sobre o nariz e a boca, enquanto ela vestia uma touca que lhe cobria todo o rosto e deixava apenas uma parte dos olhos à mostra.

E foi assim, entre sombras e tormentos, que eles partiram na direção da Fazenda de Esqueletos.

Áxel buscava o lado machucado de Radamisto, o lado em que as costelas com certeza não haviam cicatrizado. Era essa a melhor chance de ele acabar rapidamente com aquele combate.

Bom, repara que Radamisto é destro.

O Urso-Branco, porém, se fechava em uma guarda truncada e devolvia golpes poderosos que funcionavam para afastar aquela área.

Logo, tenta sempre ficar longe do braço direito e inverter a guarda dele.

Mais uma vez o gigante branco havia trocado a guarda, como fizera com William, e usava o cotovelo para proteger o lado esquerdo machucado. Áxel batia *jabs e jabs e jabs*, provocando; estressando; forçando uma reação que abrisse aquele lado para receber um golpe poderoso que terminasse o combate.

Ele é forte, mas é pesado. Você é mais rápido do que ele e pode bater e sair. Bater e sair.

Áxel girava e girava, leve como um felino. Mas batia forte. E batia e batia e batia. Radamisto não saltitava, andava fincado no chão, fechado como uma rocha.

Um pugilista era fogo; queimava e crepitava. O outro era terra; fincado e irremovível. O fogo podia desgastar até a rocha, entretanto seria preciso algo mais para removê-lo. E, se não houvesse cuidado, a terra, quando encobria a fogueira, até mesmo apagava o fogo.

Áxel avançou em uma sequência de fôlego, arriscando tudo naquele *round*. Bateu um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e...

Radamisto avançou para cima dele em um salto inesperado e BUM!

O príncipe viu piscos de luzes quando um cotovelo poderoso acertou-lhe o meio do rosto, rachando seu nariz e deixando-o temporariamente cego.

Sem enxergar o que estava acontecendo, Áxel sentiu o próprio lado esquerdo das costelas trincar com um, dois, TRÊS socos poderosos que lhe tiraram o ar. Radamisto então lhe enfiou um gancho no meio das bochechas, que fez o corpo do príncipe girar três vezes no ar antes de cair no chão feito um peão, rodopiando em estrondos.

O público fez um som de "ohhhhhh!"

A barulhenta torcida de Minotaurus começou a jogar coisas para o ar e xingar até mesmo as próprias mães em seu idioma

local.

E o juiz do Punho De Ferro abriu a contagem.

Ruggiero e Bradamante ultrapassaram os limites da fazenda e resolveram entrar pelo telhado. Tudo estava silencioso, e vez ou outra se escutava apenas o som de um cachorro que deveria ter a saúde muito debilitada, pois seu som não poderia nem mesmo ser considerado um latido, mas uma súplica.

Havia uma clarabóia que lhes serviu bem e que Ruggiero abriu de forma tão rápida que mais parecia magia. Elas saltaram para dentro e Bradamante caiu primeiro, quase sem fazer barulho algum. Ruggiero caiu *sem* fazer barulho algum.

Observaram os arredores e só viram sombras em determinados cantos, cortadas por fochos que vinham da luz do lado de fora, e apenas de lá.

De resto, havia móveis desgastados por cupins, que pareciam estar ali há décadas. Era possível sentir o cheiro do mofo e, de vez em quando, ouvir o ranger das dobradiças de janelas velhas como o tempo. Passaram por entre quatro estátuas de demônios com asas e línguas para fora esculpidos em pedras negras para chegar a um segundo cômodo.

Entraram em uma sala sem móveis, com quadros pintados com imagens bizarras e distorcidas, que nem a luminosidade nem a vontade os permitiam apreciar. Não havia um único sinal de movimento de pessoas, ou mesmo de conde Edmond, no lugar.

E foi assim que eles atingiram um terceiro cômodo improvisado como escritório.

Ali havia diversos pergaminhos espalhados, um frasco em cima da mesa, com um bilhete escrito ao lado. Eles caminharam entre passos únicos e Bradamante pegou o recado. Nele estava escrito:

"Aqui está o que vocês procuram."

Ela virou o bilhete e leu:

"Morte."

- Senhorita... - Bradamante não gostou nem um pouco do tom de voz de Ruggiero.

Ao redor dos dois, saindo e nascendo da crosta de sombras, havia seres obscuros em quantidade considerável para nenhum ser humano desejar olhar para trás.

Áxel havia se levantado, mas passara o resto do *round* se defendendo e apanhando como um cachorro que urina onde não deve. Melioso tentava trazê-lo de volta à realidade, afinal seu pugilista estava vendo coisas brilhantes onde não deveria, e com uma dificuldade de foco que lembrava um míope.

- Bater e sair! Bater e sair! - gritava o treinador.

- O problema é conseguir enxergar onde bater! E ver o golpe dele para saber por onde tenho de sair... - respondeu um Áxel já com o olho esquerdo inchado.

- *Não troque* com ele! Ele é muito mais forte!

- Isso eu já aprendi...

O gongo soou.

- Esquiva, foge, mas *não* troque socos com ele!

Áxel voltou ainda meio atordoado. Radamisto percebia isso; e *gostava*. Começou a tomar a iniciativa da luta, lembrando um touro que percebe um toureiro ferido. Andava pesado na direção do arzállino e provocava a guarda em socos que marcavam os antebraços com hematomas. Áxel recebia alguns golpes, se esquivava de outros e, quando devolvia, devolvia fraco.

Áxel ser muito rápido, mas bater mais fraco do que poder.

No meio da multidão, Maria Hanson roía as unhas. E cuspi pedaços de queratina.

- Ai, professor! Aquele monstro está destruindo o Áxel!

Ao lado dela, Sabino von Fígaro apenas coçava o queixo, preocupado. E sem tecer nenhum comentário.

Radamisto começava a tentar socos de ângulos muito abertos e desengonçados, com o intuito de acertar a lateral do crânio do príncipe. Os golpes batiam e batiam e batiam, e, mesmo defendendo-os, eles provocavam barulho. E temor.

De vez em quando Áxel tentava agarrar Radamisto para parar o combate, mas o risco de cabeçadas fazerem no rosto dele o que fizeram no de William Gamewell desencorajava a atitude.

Ao fim do *round*, mais parecia que Áxel estava morto psicologicamente e que o público ao redor estivesse morrendo com ele naquele sonho a cada instante mais fragmentado.

- Você está *fugindo* dele? - perguntou o treinador, em momento de irritação. - Você está fugindo dele?

- Estou.

Melioso pareceu possesso:

- Você está com *medo* dele?

- Um pouco.

O treinador fez uma expressão de desgosto. Áxel percebeu a expressão e comentou para si uma opinião que acabou saindo alto demais:

- Se você acha que é assim tão fácil, vai lá bater naquele monstro...

O jeito possesso do treinador não se modificou:

- Não, eu *não* vou! E sabe por que eu não vou, Branford?

Porque esta luta *não é minha!* E sabe por que ela não é minha? Porque eu *já* venci este torneio e hoje estou velho e cansado, e não posso vencer aquele brutamontes! Mas *você pode!*

- Eu...

- Então para de pensar em qualquer coisa diferente disto, entra lá *agora* e me traz o couro dele!

O gongo de recomeço soou.

A espada longa de duas mãos dela chocou-se uma, duas, três, quatro vezes com lâminas de um aço negro. Dois grandes seres, com crostas de sombra no lugar da pele, atacavam portando armas de lâminas finas e curvas que quase

lembravam uma foice transformada em espada de lâmina grossa. O rosto oval de tais criaturas não tinha nariz ou orelhas, e, no lugar dos olhos, havia apenas uma protuberância cheia de nervuras, como se fossem duas cascas de ovos cheias de nervos ali cicatrizados. Tinham a boca constantemente aberta e apenas um espaço negro representando um breu dentro delas.

A pele de tais criaturas deixava escorrer uma espécie de óleo, que escorregava como suor. O cheiro desse óleo lembrava enxofre e putrefação. E, a cada vez que eram cortadas em algum ponto, não saía sangue propriamente dito; saía mais desse óleo.

O que levava à conclusão de que as criaturas suavam seu próprio sangue.

As duas aberrações se concentravam em atacar Bradamante constantemente, e, ainda que a capitã estivesse acostumada a caçar bruxas, a simples visão daquela situação era de dar nos nervos do soldado mais experiente.

Ruggiero não podia ajudá-la naquele momento. Atrás dos dois seres de crostas de sombra havia *outros*. Eram criaturas deformadas, sem corpos que lhes fossem proporcionais. Eram como espectros aleijados; seres obscuros que não se olhavam em espelhos por não terem reflexo e porque enlouqueceriam com o ato. As criaturas tinham corpos esqueléticos e se apresentavam nuas, sem pelos e sem sexo.

Devia haver quase duas dezenas delas. Usavam armas em apenas uma das mãos, pois a outra precisava segurar um olho que não se prendia no rosto e se pendurava através de um nervo na forma de um longo fio roxo e vermelho. Elas precisavam apontar o próprio olho na direção do atacado para poderem saber o que enxergar. A língua de tais seres ficava presa, perfurada pelos dentes da boca que não abria nem fechava.

O som produzido era de grunhidos perturbadores.

Ruggiero havia retirado sua espada das costas, uma espada leve e longa, que Bradamante nunca vira no Ocidente. A espada tinha detalhes de um dragão oriental ao longo do cabo e runas incrustadas em ambos os lados da lâmina. O estrago que ela provocava era verdadeiramente devastador.

Bradamante cruzou suas lâminas mais duas, quatro, seis vezes, com as grossas lâminas das grandes criaturas de sombra e óleo. Elas usavam placas de armaduras de ferro antigo e, cada vez que o gume da espada de duas mãos dela batia nesse metal, o fio parecia ficar um pouco mais cego.

Ruggiero avançava entre os seres bizarros com saltos acrobáticos e cortes precisos. Girava e cortava braços que seguravam olhos, e dançava em diversos semicírculos a espada oriental para cruzar sua lâmina com golpes que vinham de todos os cantos. Defendia, esquivava, cortava. Defendia, esquivava, cortava. Defendia, esquivava e...

Uma das lâminas negras cortou Bradamante e ela GRITOU de dor.

Ruggiero correu até lá e esticou a lâmina acima da cabeça dela, antes que as outras duas descessem juntas. Manteve uma força excepcional para segurar aquelas duas criaturas forçando a espada oriental para baixo, e então Bradamante se levantou, tropeçando para trás até bater as costas na parede.

Ruggiero caminhou de costas na direção dela, até que ambos ficaram escorados na parede diante de uma horda de seres que não deveriam existir, acuados como bichos em caçada.

- São demônios de Aramis! O maldito conde está conjurando demônios de Aramis! - ela sussurrou em meio à dor.

- Cuida dos esqueléticos. Eles são numerosos, mas enxergam mal. Fica longe do olhar deles.

- Eles seguram os olhos com a mão!

- Então corta a mão deles fora.

Bradamante inspirou e expirou. Os seres nus começaram a apontar os olhos para eles com as mãos, como se fossem objetos de estudo. Já os seres grandes pareciam conferir os próprios ferimentos, e rosnavam furiosos a cada vez que encontravam *mais* um no corpo de sombra.

- Tenta levar os bichos para outra sala - disse Ruggiero.

- A armadura deles - ela buscou ar. - É *ferro antigo*. Acaba com a lâmina comum.

- Isso dá para resolver.

- Mas como...

Ruggiero berrou um *kiai* no momento em que os seres cansaram de procurar ferimentos em si próprios e avançaram com ira. O oriental saltou para cima deles como se fosse um tigre, e o mundo pareceu cada vez mais com sombras.

Já Bradamante inspirou fundo, com a vitalidade que lembrava a de fadas-amazons, e partiu na direção do cômodo anterior, levando com ela seres dos quais ela não se esqueceria tão cedo se sobrevivesse para dormir.

Áxel estava batendo no instinto. Já não sentia mais os golpes; nem os que ele provocava nem os que eram nele provocados.

Quando dois guerreiros poderosos se veem no meio de uma luta incessante, uma luta que equilibra as duas forças, existe um momento em que a sensibilidade vai se perdendo. O corpo começa a não obedecer à mente na mesma velocidade e, quando bate, o faz, na maioria das vezes, por reflexo. É um momento em que ambas as partes continuam a lutar por instinto, sem um raciocínio lógico por trás dos movimentos, e a maior preocupação é a respiração.

Pois existe um momento em que o ar parece cada vez mais rarefeito.

É o momento em que o cansaço, quando vem, vem para derrubar. E é isso; a sobrevivência da mente e do corpo a esse difícil momento é que define o guerreiro vencedor; não os golpes aprendidos ou as técnicas exaustivamente treinadas. É

por isso que o que define o poder de um guerreiro vencedor é seu espírito, e por isso artes marciais são espirituais antes de ser lutas corporais.

Áxel Branford a cada dia compreendia mais o conceito de *arte marcial* acima do conceito de *combate corporal*. Era por isso, e apenas por isso, que ele ainda sobrevivia de pé naquele ringue, enquanto um gigante sabe-se lá quantas vezes mais forte do que ele gerava um carrossel de hematomas em seus braços, seu tronco e seu rosto. Seu corpo implorava para que desistisse. Sua mente mantinha-se neutra. Seu espírito implorava pela vitória.

E, no estômago, aquela energia ainda pulsava como pequenas batidas de coração.

E então aconteceu o momento mais difícil de toda a sua carreira como pugilista.

Radamisto avançou para cima do adversário com um dos olhos também inchado, e Áxel se enfiou pela guarda dele, ficando próximo ao tronco do gigante branco. Foi quando, diante da oportunidade de ficar tão próximo da região das costelas fraturadas no lado esquerdo, inspirou toda a energia possível e explodiu tudo nos movimentos mais fortes que conseguiu.

Os GRITOS de dor de Radamisto foram tão altos, e pareciam tanto com os gritos de prisioneiros torturados, que crianças começaram a chorar.

No puro instinto, demonstrando o espírito de guerreiro que também havia nele, Radamisto travou, por um momento, o braço de Áxel entre as costelas partidas. O punho esquerdo subiu com ódio. E, quando desceu, desceu trazendo toda a raiva contida no corpo de um urso.

Áxel desviou a cabeça para evitar um rombo no alto do crânio. O soco acabou batendo de cima para baixo no ombro esquerdo.

E o mundo escutou um CRECK!

Era um som assustador, porque era seguido de um urro de dor que lembrava quase uma súplica.

Era a dor de um guerreiro que tinha o ombro levemente deslocado do lugar de maneira abrupta.

Áxel se afastou de Radamisto, e os dois tombaram no chão de dor ao mesmo tempo. Radamisto tentando respirar sem que as costelas partidas lhe perfurassem o pulmão, e Áxel tentando sobreviver à dor de um ombro fora do lugar, oriunda de uma luxação em que a extremidade da cabeça do úmero havia se afastado da escápula.

A visão era tão impressionante, mas tão impressionante, que do público aos juízes, do Imperador ao Rei, todo mundo era perplexidade e silêncio.

O juiz central buscou ajuda para saber o que fazer. E ninguém sabia ajudá-lo. Ele não podia abrir contagem para dois pugilistas caídos. E não podia encerrar a luta sem um

vencedor. Os organizadores se reuniram rapidamente e decidiram soar o gongo em um intervalo um pouco maior, para decidir qual dos dois pugilistas voltaria ao ringue. Aquele que se levantasse, e se mostrasse disposto a continuar, seria sagrado vencedor.

Um pedaço de mão rolou quando a guerreira girou a lâmina. Ao menos dessa vez, o gume não ficava cego pelo contato com a pele nua dos seres andróginos. Na verdade, eram eles que ficavam cegos. Eram desengonçados, tentando apontar os olhos nas mãos a todo momento para a mulher que não parava de correr de um lado para o outro feito uma possuída, girando uma espada de duas mãos como se fosse a coisa mais normal do mundo.

No outro cômodo, Ruggiero cruzava suas lâminas de maneira incessante com as duas criaturas, buscando ganhar espaço.

Uma delas pulou e desceu violentamente sobre sua cabeça.

Ele percebeu e saltou. A grande criatura arrancou um pedaço do chão, voando madeira e cupim. E, então, ele aproveitou aquele momento para trazer a lâmina da espada oriental junto ao peito. Colocou a palma da mão esquerda à frente de uma runa e, com a direita para cima, como se buscando algo no ambiente, sussurrou palavras esquecidas em um antigo e místico idioma oriental.

A lâmina da espada oriental se acendeu em uma luz azulada.

E pela primeira vez, até aquele momento, os dois grandes

demônios de Aramis tremeram.

Melioso estava com o coração na boca, ao lado de uma equipe formada de três médicos examinando a gravidade do ferimento de Áxel. Uma segunda equipe estava enfaixando as costelas de Radamisto.

- Coloca no lugar... - SUSSURROU ÁXEL.

- Eu aconselho o pugilista a não continuar - disse o médico chefe do grupo, após examinar a luxação.

Melioso colocou uma das mãos atrás da cabeça, desesperado.

Olhou na direção da área dos monarcas e ficou ainda mais nervoso quando percebeu o olhar de nervosismo de Primo...

ou melhor, de Anísio Branford. Próximo a ele, Ferrabrás também parecia tenso. Mas era um fato que, em condições precárias ou não, Radamisto ao menos voltaria à arena com a bandagem ao redor da área ferida.

- Treinador... - disse o médico na direção do nervoso

Melioso. - Eu preciso que você ou o pugilista desistam oficialmente do combate, para podermos retirá-lo e atendê-lo em melhores condições.

- Coloca no lugar... - Áxel voltou a sussurrar, entre olhos que se apertavam de tempos em tempos por causa da dor lacerante.

Na área dos monarcas, Anísio Branford sabia que precisava fazer alguma coisa. Aquele era o momento em que os liderados buscavam de forma apreensiva a liderança de um

comando firme que soubesse, ou ao menos passasse a impressão de que sabia, o que fazer. Anísio não sabia se tinha consciência do que estava fazendo ou não, mas ao menos tinha a consciência de que era dele a responsabilidade pelo futuro de Arzallum.

Soldados correram até o Rei quando ele apenas esboçou sinalizar. Anísio lhes passou algumas instruções, e eles saíram correndo sem questioná-las. O que pessoas, principalmente soldados, mais agradecem em momentos de caos é alguém lhes dizendo o que fazer.

Anísio Branford então ordenou que dezenas de toras fossem distribuídas para as pessoas ao redor daquele ringue. E rezou à sua mãe Terra, Rainha e fada, por um milagre que fosse digno de merecer.

A lâmina começou a cortar os fios que ligavam os olhos.

Bradamante havia descoberto que isso era algo até mais eficiente do que lhes cortar as mãos, porque os macabros perdiam o senso de direção e começavam a correr desesperados, chocando-se uns com os outros.

Quando terminou com o último, e reparou naquele mar de corpos diante de si, exalando óleo pelos poros no lugar de sangue, Bradamante se sentiu *suja*. E, então, escutou um barulho.

E descobriu que havia mais um.

Ele estava com o frasco que ela e o oriental haviam ido até ali

buscar. O frasco com o antídoto do macabro veneno.

E que, em um único movimento, o maldito quebrou.

- *Treinador!* - berrou um médico diante de um senhor em choque, que não tinha coragem de ordenar a desistência oficial da luta. Não depois de chegarem tão longe. Não depois de chegarem tão perto. - Eu preciso da desistência oficial agora!

- Ele está sussurrando alguma coisa... - disse Melioso.

E foi só então que os paramédicos se deram conta de que Áxel buscava ar para tentar dizer algo em meio à dor. Um dos jovens paramédicos, arzallino por natureza, aproximou uma orelha do rosto do príncipe.

- O que foi, Alteza? - era interessante como, ainda que estivesse diante de um pugilista na condição de profissional, o jovem arzallino não conseguia se desvencilhar do título daquele ídolo.

- Coloca no lugar...

- Não consigo compreender!

Áxel inspirou fundo e buscou forças no infinito para poder gritar:

- *Eu disse:* coloca no lugar!

Eles se olharam assustados, mas no rosto de Melioso havia um sorriso orgulhoso.

A lâmina azulada afundou na coxa de um dos grandes seres de crosta de sombra e *queimou* no toque. Queimou como ferro

aquecido na pele humana; queimou como uma mão afundada em ácido. Queimou como aquela criatura nunca havia sentido igual antes.

Ruggiero retirou a lâmina em um movimento e partiu para cima da segunda criatura. Lâminas bailaram feito dragões em voo, a espada atravessou a placa de ferro antiga e, no momento em que a criatura grunhiu forte, Ruggiero torceu a lâmina no coração.

Quando a espada foi retirada, a criatura tombou sem vida como uma marionete cujas cordas alguém corta.

Ruggiero caminhou até a outra, que ainda estava ajoelhada sem saber como resistir à dor que lhe queimava a coxa, e, com um golpe quase invisível, arrancou-lhe o couro da cabeça deixando exposto o cérebro. A criatura também caiu pesada, feito um saco de estrume.

- Você não me parecia tão mau... - disse Bradamante retornando ao salão.

- Eu pensar o mesmo de madame.

- Temos um problema. O último demônio quebrou o frasco.

- Se, como dizer, aquilo de Rei Alonso ser *lithium*, então basta recolher alguns olhos cortados dos seres sem pele enquanto preparo uma forma de queimar esta fazenda.

- Quer dizer que também entende de maldições e arte de contra-magias escuras?

- Em minhas terras enfrentamos seres diferentes, mas nós

também os sabemos caçar...

O povo se olhava temeroso. Tanto do lado de dentro quanto do de fora. Não importava se seu herói tinha a forma de água e carbono ou se tinha a forma de partículas de dióxido de silício; o *sentimento* que causava vê-lo naquelas condições era o mesmo.

Dois jovens paramédicos colocavam flanelas encharcadas de água fluidificada por fadas na região deslocada. Aquilo iria anestesiá-la temporariamente *uma parcela* da dor e impedir que houvesse um agravamento do ferimento.

- Treinador... - voltou a dizer o médico chefe, sem tanta ênfase na voz dessa vez.

- Você escutou o garoto - disse Melioso.

O médico chefe mordeu os lábios, pensativo. Olhou para um dos paramédicos e fez um sinal com a cabeça em autorização.

O rapaz, com cuidado, pegou o braço de Áxel, e Melioso o interrompeu:

- Esse não. Manda o outro fazer - disse o treinador, apontando para o jovem que segurava o braço de Áxel.

- Mas qual a diferença? - perguntou um médico chefe quase irritado.

- Se um desses dois vai ter a honra de colocar o ombro desse campeão no lugar, que seja um arzallino!

O médico suspirou, como se fosse a coisa mais idiota que já tivesse escutado, e ordenou a troca. O outro rapaz segurou o

rugido que se escutou na arena.

Crianças voltaram a gritar, homens trincaram os dentes, senhores de mais idade tiveram a pressão arterial alterada, mulheres derramaram lágrimas. Maria Hanson virou o rosto e o afundou, aterrorizada, no peito de seu professor. Ariane Narin manteve olhos arregalados, perplexos. João Hanson manteve uma expressão fria e intacta, que denunciava respeito, e até Rei Anísio Branford derramou sangue na língua ao mordê-la sem nem mesmo *perceber* a dor. Como outras mulheres, ao lado dele, a princesa de Stallia também derramava lágrimas.

As de Branca Coração-de-Neve, porém, eram diferentes das outras.

Porque eram as lágrimas de um ser humano que sabia que aquele homem *não merecia* perder aquela luta, ainda que soubesse o que isso significasse para si própria.

E, em silêncio, como deveriam ser todas as preces, Branca Coração-de-Neve foi mais uma voz a pedir a seu Criador por um milagre.

E foi quando aconteceu.

Começou com aquele mesmo som tribal que o povo havia inaugurado sob Prince, a Estrela do Príncipe. Começou com um grupo e se alastrou por milhares de pessoas que aumentaram a intensidade dele. Dois sons graves.

Tum... Tum...

Seguidos de um agudo.

Tá.

Dois sons graves. Seguidos de um agudo. E repetidamente. E repetidamente. E repetidamente. Aos poucos centenas de milhares de pessoas ritmavam aquela cadência tribal, que mexia com os instintos primitivos escondidos dentro do homem. Tanto do lado de dentro, diante dos homens de carne, quanto do lado de fora diante dos homens de areia. O som se tornava uma... *onda*, que invadia sentimentos próximos ao amor de um ser humano por uma nação, pela terra que lhe deu vida e pelo povo pelo qual ele morreria orgulhoso se lhe dessem uma boa razão.

Ainda no chão, Áxel Terra Branford *sentia* aquela onda, porque a onda pulsava dentro dele. E toda a dor, por maior que fosse, se tornava pequena diante daquela manifestação.

Tum... Tum...

A manifestação do mais puro semideus. *Tá*.

Porque é através da fé de suas crias que um Criador manifesta o melhor de sua existência, e o melhor que existe em todo coração de semideuses que brilham com e por luz própria.

Áxel Branford começou a se erguer lentamente, e o mundo começou a se erguer com ele.

Tum... Tum...

Aquele não era mais o som de palmas. Não era mais o som de um ritmo de orquestras.

Tum... Tum...

Era o som de uma única batida de coração de mais de duzentas mil pessoas. *Tá.*

Era o som do coração de mais de seis bilhões de seres humanos conectados a mundos fantásticos por fios de prata que os impedem de se desligar completamente deles.

Tum... Tum... Tá! Tum... Tum... Tá!

Porque metade da vida de um ser humano envolve sobreviver ao mundo. A outra metade envolve descobrir um significado para sua existência.

Para o primeiro, existe o trabalho, o instinto e a evolução natural.

Para o segundo, existe o amor, a fé.

E o sonho.

Áxel ergueu-se sobre aquele sonho tribal e, por um instante, ele foi o sonho do mundo. Tanto o sonho do mortal que caminhava quanto o do semideus que dava vida ao caminho.

No céu, ao lado de Prince, a Estrela do Príncipe, brilhava Queen, a Estrela da Rainha.

Tum... Tum... Tá.

A onda em seu plexo solar começou a se espalhar pelo corpo e a sensação... bom... a sensação era ótima.

A gente precisa colocar a energia para fora, ou acho que a gente explode!

Cada poro emitia luz, cada célula explodia força dentro de

suas ligações. A conexão com a dor foi temporariamente cortada e, se antes existia ali um ser humano, ele por um momento também abdicou dessa condição.

E se tornou uma nação.

Na verdade, você poder mantê-la dentro de si e usá-la como cura.

Foi o momento em que uma segunda energia brilhou no céu, e brilhou forte como nunca, seguida de um *KIAI* fantástico que veio do alto, e se cruzou de maneira magistral com o som tribal que vinha da multidão, e representava o melhor do mundo.

O melhor do que existe no mundo.

Áxel Branford inspirou fundo e BERROU! de volta aos céus um *kiai* extenso que foi escutado do lado de fora da Arena de Vidro, onde pessoas tremiam pelo êxtase de avatares de areia.

Um brado retumbante que anunciava o renascimento de um espírito diante da chegada *dela* naquele céu de muitas estrelas.

E da chegada de todos os sentimentos que vinham com ela naquele céu e naquelas estrelas.

Um rastro incandescente escarlata riscou de maneira soberba os céus estelíferos da Arena de Vidro naquela noite heróica, e o mundo se tornou mais fantástico com aquela presença naquele átimo.

No alto, Tuhanny, a águia-dragão, havia chegado à Arena de Vidro.

Áxel tomou posição para voltar a lutar, diante de um juiz pasmo. Do outro lado, Radamisto o fez com a mesma garra, e a reação pasma do juiz foi a mesma. Afinal, por mais anos de pugilismo que tivesse, aquilo ia muito além de tudo o que já havia visto. Aquele não era um combate entre dois seres humanos. Era um combate de gigantes.

Era um combate *quase* de semi-deuses.

E no momento em que iria autorizar o reinício do combate, escutou-se um grito de comando de Anísio Branford, e todos se viraram para o Rei.

Em um segundo comando, as piras de tochas que iluminavam a arena foram apagadas bruscamente, e o mundo ficou escuro.

E, então, soldados acenderam as toras.

E um dos espetáculos mais bonitos da história de Nova Ether aconteceu.

Foi o momento em que as centenas de toras que haviam sido distribuídas por ordem do Rei foram acesas. Acesas nas mãos do povo ao redor do ringue. Centenas de seres de diferentes cores, credos e raças, que representavam a humanidade que existia em Arzallum, ergueram suas toras acesas e iluminaram para seu campeão máximo o caminho para a vitória e a consagração de sua nação.

Áxel Branford olhou para a arena e, por mais que aquilo lhe desse força, o coração bateu suave. E diante de um rosto de expressão dura, de quem não se esquece da luta, uma lágrima

desceu pelo êxtase que procede no sentimento do humano que se vê diante do semi-divino.

Porque o campeão de Arzallum olhava no rosto daquelas pessoas que o iluminavam naquela noite, que sonhavam os mesmos sonhos que ele e que sonhavam seus sonhos nele, e ele não via seres humanos comuns.

Em cada rosto que segurava uma tocha, Áxel via um olhar diferente. E sentia algo diferente.

No rosto de cada pessoa, naquela noite histórica, Áxel Branford via semideuses.

Porque no olhar de ao menos uma daquelas pessoas ao redor daquele ringue ele via o olhar de um semideus. E via tudo de magnífico que isso representava.

Porque ele via você.

A luta foi reiniciada pelo *kiai* de uma águia-dragão.

Radamisto partiu mais uma vez feito um urso faminto após a hibernação, e Áxel partiu como um tigre libertado do cativeiro. O resultado foi o espetáculo mais violento e poético da história do pugilismo mundial.

Jab. Jab. Direto. Cruzado. Direto. Cross. Gancho. Jab.

Direto. Curto. Curto. Finta. Jab. Hook. Hook. Jab. Direto.

Cruzado. Punch. Esquiva. Swing. Jab. Jab. Jab. Gancho amplo. Direto. Direto. Gancho curto. Esquiva. Esquiva.

Uppercut. Esquiva. Jab. Cross. Gancho. Gancho. Gancho.

Meia-lua. Cabeçada. Esquiva. Cross. Cross. Uppercut!

Eram séries. Séries atrás de séries. Séries que deveriam ser impossíveis de ser realizadas por dois combatentes naquelas condições físicas, mas que não apenas davam vida ao impossível como faziam o possível ganhar um novo conceito. O público extasiado gritava e gritava e gritava, e já não se sabia mais nem *por quem* eles gritavam. Eles gritavam pelo espetáculo a que estavam assistindo, e pelo que uma luta lhes havia ensinado.

Foi quando Radamisto investiu em um direto poderoso, e Áxel Branford, em vez de esquivar o corpo, socou de volta o punho dele. Radamisto então se afastou e insistiu no mesmo golpe, e mais uma vez o campeão de Arzallum socou o punho fechado de volta. O soco bateu na dobra do polegar e causou uma fratura dolorosa.

Radamisto se afastou assustado. E olhou para Áxel Branford sem acreditar que seu adversário estava *realmente* sugerindo aquilo...

Do outro lado, Áxel Branford batia um punho fechado na direção do outro, e em seguida chamava Radamisto com as duas mãos. O Urso-Branco podia jurar que via aquele movimento em uma velocidade muito mais lenta do que a velocidade do mundo.

Quando o imenso minotaurino se aproximou e tomou posição, as pessoas começaram a pular e a berrar umas com as outras, e a chutar qualquer coisa e a fazer movimentos bruscos

involuntários que dessem vazão àquela catarse que não parava de crescer dentro delas, por fazê-las acreditar que seriam testemunhas daquilo, e que *de fato* elas estavam sendo testemunhas *realmente* daquilo.

O tempo daquele *round* deveria ser encerrado naquele momento.

Nenhum juiz teve coragem de tocar o sino.

Áxel Branford se posicionou na posição de guarda diante de Radamisto, e os dois respiraram fundo fazendo os três giros, até que alguma voz solitária na multidão berrou excitada:

- Boxe... boxe... boxing!

O soco dos dois EXPLODIU em um barulho imenso.

O povo que lotava a arena foi ao sétimo céu de Mantaquim com a visão.

Tuhanny berrou seu *kiai* uma vez mais. E quase duzentas mil pessoas do lado de dentro, e sabe-se lá quantas do lado de fora, berraram juntas dessa vez em uma única voz:

- Boxe... boxe... boxing!

O segundo soco dos pugilistas EXPLODIU, e dessa vez o polegar de Radamisto deslocou-se para dentro.

O imenso minotaurino deixou lágrimas de dor lhe escorrerem pela face, mas *não* gritou. Do lado de fora, os golpes reproduzidos pelos avatares de areia eram tão igualmente potentes que os punhos se destroçavam, fazendo areia voar.

E então a multidão gritou mais uma vez, diante de Reis que já

estavam de pé, com os olhos arregalados como crianças no
Majestade.

- Boxe! Boxe! Boxing!

O soco de Áxel ESTOUROU bem no canto do punho direito e
QUEBROU de vez o polegar de Radamisto. O Urso-Branco
tombou sobre uma das pernas, gritando.

Áxel Branford nem escutou o grito.

Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto.

Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto.

Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto.

Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto.

Jab. Direto. Cruzado. Cruzado. Cruzado. Cruzado. Cruzado.

Direto. Direto. Direto. Direto. Direto. Dir...

Tuhanny berrou uma vez mais seu *kiai* e trouxe seu príncipe
de volta à razão, para ele entender que tudo havia terminado.

Mais tarde, tempos depois do fim daquela luta, as pessoas
diriam a Áxel que, quando Radamisto desmaiou e tombou
sem consciência no chão da arena, ele ainda socava o infinito
sem parar, como se ainda houvesse um ser humano ali.

E então Áxel *compreendeu* o que havia acontecido.

E o mundo para ele voltou a ter som.

Era o som de uma nação chorando, pulando, gritando e
colocando para fora sentimentos que valem a pena estar vivo
para ter. Mulheres e crianças eram arremessadas para o alto;
pessoas que não sabiam nem mesmo o nome das outras se

abraçavam forte como irmãs; religiosos se ajoelhavam e rezavam a semideuses por *simplesmente* estarem vivos para ver aquilo.

E quando as tochas da arena foram novamente acesas, Áxel compreendeu o que havia feito.

Áxel Branford compreendeu que naquele momento ele era o *campeão do mundo*.

E sua nação havia chegado ao topo com ele. O sentimento inicial foi de descontrole, uma reação de um ser humano que havia passado momentos de provações duras no mais sujo porão de Aramis, para merecer tocar em estátuas de semideuses em Mantaquim.

O juiz ergueu o braço direito dele, mas ele nem pareceu perceber. As pessoas gritaram o nome dele, mas ele não parecia escutar. Dentro dele, apenas uma energia venenosa que ele precisava botar para fora. Uma catarse. Uma necessidade. Uma provação.

Foi quando Áxel, em puro êxtase e insanidade temporária, correu até o lado do ringue mais próximo da área dos monarcas, em um salto subiu no apoio do canto do ringue, fechou os punhos e, com os músculos contorcidos que se desenhavam no corpo, e ignorando a dor no ombro esquerdo luxado, berrou na direção de Ferrabrás o mais alto que pôde o nome sagrado:

Aaaaaaaaaaaaaar...

zaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa...

lluuuuuuuum!!!

Ele então bateu no peito duas vezes, apontou para Ferrabrás diretamente, mostrando o sangue de Radamisto nas ataduras, e abriu os braços gritando novamente o mantra.

Arzallum.

Naquela noite era esse o nome do mundo.

E, quando as pessoas invadiram o ringue para tentar tocar em seu novo semideus, o sobrenome desse mundo era Branford.

Os gritos corriam pelas ruelas, pelas vilas, pelas casas, pelos corações.

Ariane Narin e Maria Hanson choravam copiosamente. João Hanson admitia o fascínio que o nome daquele príncipe representava para aquela nação e para si próprio. Rei Anísio Branford sorria; a impressão era de que quase todos os outros monarcas presentes também.

Branca Coração-de-Neve não sabia o que sentir.

Imperador Ferrabrás mantinha no rosto a expressão de um homem que via o seu pior pesadelo tomar forma, e se retirou sem cumprimentar uma única pessoa, nem tecer um único comentário.

E, dentro na Arena de Vidro ou fora dela, a multidão sonhou um mesmo sonho em uma mesma noite. O hino de Arzallum foi cantado diversas vezes, o nome de Áxel foi gritado até que

suas gargantas ficassem roucas. O de Rei Anísio, também.

Dezenas haviam invadido o ringue e iogavam o príncipe para o alto, ou o agarravam de uma forma que parecia que nunca mais iriam soltá-lo.

As pessoas deram uma trégua apenas quando, ao lado dos juízes e representantes do Punho De Ferro, Melioso entregou ao príncipe o cinturão que representava o título de melhor do mundo.

E então, antes que as pessoas voltassem a sufocá-lo novamente, Muralha abriu caminho fácil entre elas e entregou a Áxel uma bandeira, na qual o campeão do mundo se enrolou e chorou copiosamente como uma criança.

Na bandeira estava pintada, ao longo de toda ela, a imagem de Primo Branford.

Tuhanny riscou de vermelho o céu da Arena de Vidro. E gritou seu *kiai* que falava com fadas.

No alto daquela noite histórica, a impressão que se tinha era a de que todas as estrelas, ainda que oriundas de astros tão diferentes, brilhavam intensamente em uma única e magnífica luz.

05

Naquela noite, Andreeanne não dormiu.

No dia seguinte, quase ninguém trabalhou, e os que o fizeram foram exercer suas profissões após uma noite sem dormir. E, depois dela, voltaram a comemorar. No centro de Andreeanne, por cinco dias e por cinco noites um *Sandman* fora instalado por ordem do Rei em plena praça pública, e seus avatares de areia repetiram incessantemente a batalha do melhor combate de pugilismo que o mundo já havia visto.

Anísio Branford, aliás, já estava estudando junto aos tesoureiros reais o custo para patrocinar a ida dos engenheiros-gnomo a todas as cidades de Arzallum para a exibição do mesmo show, pelo mesmo período de tempo. As comitivas de outros Reinos e seus monarcas se retiraram de Arzallum de volta aos seus Reinos de origem. A maioria prometeu retornar ou enviar representantes para a cerimônia oficial de casamento entre Anísio Branford e Branca Coração-de-Neve, data esta que já estava agendada antes mesmo do falecimento de Primo Branford e que Anísio preferiu não modificar, ainda que as condições o permitissem.

Já Áxel havia atingido um nível de popularidade e endeusamento que não lhe era mais permitido andar pelas ruas. Seu ombro subluxado e levado além de um limite humano, porém, o manteria de cama por um bom tempo

ainda. Seu rosto mais parecia um mapa fluvial de hematomas, mas, ainda assim, por mais que mesmo um sorriso ainda doesse por um momento longo demais, Áxel Branford sorria. E sorria largo.

Em uma carruagem fechada, que mais lembrava uma caixa de ferro, Imperador Ferrabrás retornara a Minotaurus. Sua expressão estava fechada, e seu olhar ia muito além do que as paisagens lhe mostravam. O coração estava sombrio, e respirava sentimentos que contaminavam órgãos e, em acúmulo, até geravam câncer.

Mas ele os sentia; e, mais, se alimentava deles ali.

Radamisto havia ficado no Hospital Real de Andreanne seguindo ordens dos representantes do Punho De Ferro e de Rei Anísio Branford. Ferrabrás não via tal atitude como uma virtude humanitária, mas como mais uma forma de escárnio e dos Branford manterem mais um troféu diante dele. E da nação que ele representava. Entretanto, tal pensamento não o preocupava por muito tempo.

Pois Arzallum não teria ao menos *aquela* troféu por muito tempo.

Radamisto iria morrer.

06

E João Hanson, com seu cabelo curto quase raspado e sua expressão sempre fechada, retornou à casa de sua família no dia de seu décimo quinto aniversário.

Caminhou como se nada houvesse acontecido e aquela fosse a situação mais normal do mundo, na direção de onde seu pai guardava o machado de trabalho. Olhou a lâmina e viu que ela estava um pouco cega, mas deu de ombros, pois sabia que não havia outra ferramenta em toda a casa.

Cumprimentou a irmã, atônita. Depois deu um beijo na mãe, surpresa. E disse:

- Estou indo trabalhar.

E saiu, sem olhar para trás. Mãe e filha se olharam, sem saber que sentimentos deveriam sentir, embora, fossem quais fossem os sentimentos corretos, elas os sentissem juntas naquele momento.

07

Ruggiero e Bradamante foram até o quarto de Rei Alonso para a última sessão de contra-veneno.

Dessa vez, Branca Coração-de-Neve fizera questão de assistir ao processo, e, pela primeira vez, Anísio Branford fora informado do que acontecera nos bastidores do Punho De Ferro e também se encontrava presente.

Rei Alonso havia parado de falar coisas assombrosas nas duas primeiras sessões.

E agora, na terceira, apenas se mantinha de olhos abertos, mas com a impressão de que, se estivessem fechados, não faria a menor diferença.

Ruggiero retirou o último olho de demônio amputado de dentro de uma pequena caixa de ferro e o entregou a Bradamante. A capitã da guarda o levou até a boca de Rei Alonso. Ruggiero abriu com as mãos a boca do velho senhor e daquele jeito a manteve. Bradamante, em um único movimento, enfiou suas unhas no olho entre seus dedos.

O olho ESTALOU.

Branca teve de correr para vomitar na janela do quarto quando um líquido dividido entre o negro e o vermelho-escuro caiu denso e pesado como gosma na boca de Rei Alonso.

- Isso será suficiente? - perguntou Rei Anísio, com expressão fechada.

- Será, Majestade - respondeu a capitã. - Três sessões desse contra-veneno inibirão por completo a ação do outro.

- Senhor Ruggiero... - disse o Rei virando-se para ele. - Não tenho palavras para agradecer o que fez por estas terras nesses últimos dias. Fez mais por esta nação, e pela de Stallia, do que muitos patriotas, e gostaria que comparecesse ao Salão Real para uma pequena cerimônia de agradecimento esta noite.

- Prazer ser meu, Majestade.

- Confirmam então que os corpos dos seres conjurados foram queimados?

- Todos eles, Majestade - disse Bradamante. - A Fazenda de Esqueletos foi destruída.

Rei Anísio balançou a cabeça.

- Não joguem fora esses olhos perfurados. Vou gostar de esfregar na cara de qualquer opositor meu, que ainda recrimine minha ordem pelo renascimento dos Cavaleiros de Helsing. O fato é que não há como negar que bruxas e demônios de Aramis, infelizmente, voltaram a caminhar por estas terras.

"E está mais do que na hora de nos prepararmos para voltar a caçá-los de verdade."

08

Áxel Branford ouviu o bater, depois a porta de seu quarto sendo aberta e William Gamewell entrar por ela. Era interessante como a situação parecia a perfeita inversão de quando Áxel fora visitá-lo no Hospital Real.

- Ei, você não está com vergonha? A sua cara está parecendo a de um ciclope de ressaca! - disse William.

- Vai sonhando. Até com hematomas as enfermeiras ainda preferem a mim.

- Só porque você é o campeão do mundo.

- É... - Áxel sorriu. - Talvez seja mesmo só por isso.

- Posso me sentar?

- À vontade.

William puxou uma cadeira próxima, sentou-se, cruzou as pernas, colocou as mãos despreocupadamente atrás da cabeça e disse:

- E então? É hora de me contar com detalhes como é a *sensação* de se tornar parte de algo maior...

09

E Robert de Locksley e seus capitães chegaram a Andreanne.

10

Maria Hanson continuava a ministrar aulas na Escola Real, e as pessoas perguntavam por Áxel Branford todos os dias, na esperança de que um dia ele a viesse visitar. Naquela altura, as pessoas comemorariam até mesmo a visita do sócia, ainda que soubessem que *era o sócia*. Como os dias se passavam sem que nenhum encontro amoroso fosse contado e como a cada dia Maria falava menos em Áxel Branford, um dia Kenny Penwood, a mais atirada de todas as meninas de Andreeanne, resolveu mandar na cara de Maria no meio de uma aula lotada:

- Maria, você ainda está namorando *mesmo o Áxel*?

Tudo, tudo o que toda aquela sala estivesse fazendo fora interrompido naquele segundo. Um silêncio sepulcral invadiu o recinto, e toda, mas toda a atenção dos presentes se concentrou naquela resposta.

Maria suspirou.

- Eu não sei como isso pode ser relevante para nossa aula, Kenny.

- Ah, admite. Ele lhe deu um fora, né? Pode dizer, Maria!

Homem é assim mesmo...

Maria trincou os dentes e inspirou fundo, antes de dizer com uma voz *forçosamente* calma.

- Na verdade, quem está dando um fora em alguém hoje sou

eu, Kenny. Por favor, recolha suas coisas e saia!

Kenny ficou em choque. Na verdade, a turma inteira.

Ninguém, ninguém esperaria aquela reação de uma professora tão doce e compreensiva como Maria Hanson sempre se apresentava.

- Mas... mas... eu não fiz nada! Tipo, só por que eu perguntei do seu rolo com o príncipe?

Maria suspirou e fechou os olhos, demonstrando impaciência. Quando os abriu...

- Minha vida pessoal é a *minha* vida. E ela já está atribulada demais para eu ter de me preocupar em dar satisfações dela a quem não vai nem pode nem quer me ajudar. Além disso, eu gostaria de lembrar que eu não sou mais uma de suas colegas de classe, com quem podem falar com esse tom e intimidade!

Eu agora sou uma das *professoras* da Escola Real do Saber, posta aqui pela confiança do professor Sabino von Fígaro.

Kenny continuava em choque e boquiaberta.

- Eu não pergunto a nenhum de vocês qual o nome dos seus namorados da semana nem exijo saber nada que vocês próprios não queiram me dizer sobre as suas próprias vidas. E, a partir de hoje, vou considerar um desrespeito e uma ofensa de todos os presentes que acharem que podem perguntar ou exigir algo sobre a minha.

A sala ainda era silêncio. E somente isso.

- Agora vamos voltar a nos concentrar no pretérito mais-que-

perfeito da língua ativa.

Sob silêncio e um olhar baixo, Kenny Penwood juntou suas coisas e se retirou sem que ninguém a olhasse nos olhos. Ao fundo, apenas o som de pesados cadernos em formas de livros grossos sem letras sendo abertos e folheados.

Ninguém naquela turma nunca mais ousou perguntar algo pessoal à sua professora.

11

Liriel Gabbiani estava sentada em uma cadeira, mais uma vez acorrentada a ela. Dessa vez, porém, ela o havia aceitado por vontade própria.

- Mexe.

A frente dela estava sentado Snail Galford, segurando uma maçã em uma mão e uma faca na outra.

Sentada de onde estava, Liriel *forçou* algo que apertava sua testa de dentro para fora. A fruta veio em sua direção feito um cão no colo de um estranho que de repente avista a chegada do dono e larga o visitante sem dó.

- Mexe a faca.

Liriel tremeu um pouco na ordem. Queria fazê-lo, mas ainda havia um certo temor. Snail percebeu, e gritou:

- Não pensa, Gabbiani! *Mexe!*

Liriel forçou muito mais no instinto do grito do que por um ato voluntário. A lâmina da faca lançou-se perigosamente sobre ela, girando no ar como se houvesse sido arremessada por um atirador profissional. Quando as lâminas chegaram próximas de seu dedo, ela acreditou que eles seriam decepados. Ela *realmente* acreditou que eles seriam.

E eles seriam.

Entretanto, pela primeira vez, *algo* aconteceu.

Pois, pela primeira vez, Liriel não mexeu apenas com a

aproximação da matéria, mas com a velocidade do tempo.

Ninguém nunca iria explicar com complementos técnicos à jovem ladra o que ela era capaz de fazer; mas, na verdade, Liriel Gabbiani possuía uma capacidade de *aproximar moléculas*, se eu entendi bem. Entre a mão de uma pessoa e uma colher em cima de uma mesa não existe o nada ou o vazio simplesmente. Existem ali partículas de gases como hidrogênio, oxigênio e gás carbônico. E existem moléculas que, mais agrupadas, formam a mão, formam a mesa, formam a colher. O espaço entre eles é formado do mesmo tipo de moléculas, só que em composições mais *afastadas* umas das outras e menos densas.

E tais moléculas eram originadas do mesmo éter que dava vida aos seres de Nova Ether.

A vida em Nova Ether, porém, é formada da energia etérea de *milhares* de semi-deuses. E cada um deles tem sua própria visão de cada momento e cada criação. Logo, isso dava base às teorias de dezenas de filósofos e cientistas dos dois continentes de que do universo original gerado pelo Criador derivavam milhares de *universos paralelos* de seus semideuses; milhares de universos de Nova Ether que eram semelhantes, mas nunca idênticos devido à singularidade de cada semideus que lhe dava vida.

E, quando a menina Liriel resolvia *mexer* alguma coisa, era como se ela se conectasse a algumas dessas centenas de

universos paralelos que estavam existindo naquele instante ao *mesmo tempo*, agrupando-os a ponto de ela sentir tocar no objeto próximo.

A ponto de ela *convencer semideuses* de que era capaz daquilo, e por isso o feito passar a existir.

Liriel Gabbiani era capaz de se conectar a essa energia vibratória de éter através de suas ondas mentais e *aproximar* essas moléculas afastadas, agrupando-as. Na teoria, era como se ela comprimisse o Espaço. Como se sua mão estivesse desenhada na ponta de uma folha e uma colher estivesse desenhada na outra ponta. E então alguém viesse e dobrasse o papel, de forma que os dois desenhos se encontrassem. Era assim na teoria.

Na prática, objetos voavam em sua direção.

E, por muitos anos, ela aprendeu a mexer coisas. Entretanto, existia *algo* que ela percebia ser capaz de alterar, mas nunca pensou em fazê-lo ou tentar desenvolvê-lo. Quando se apresentava como acrobata em seu circo, Liriel era capaz de realizar feitos considerados impossíveis até mesmo pelos mais experientes trapezistas, mas ela os realizava com precisão e com a confiança de que os trapézios *sempre* estariam ao alcance de suas mãos quando precisasse.

Só que, quando Liriel saltava nos trapézios, ela percebia o mundo girando diferente. Na verdade, cada vez que ela *forçava e mexia* coisas, ela também em contra-partida

observava o mundo de forma diferente.

Afinal, quando ela alterava o Espaço, seu cérebro alterava com isso o Tempo.

Quando *conheceu* Snail Galford pela primeira vez, Liriel Gabbiani lhe roubou das mãos um colar de jóias no último segundo antes de saltar de uma janela. Snail havia se distraído com a lábia da ladra e, ainda que estivesse caindo de costas, prestes a executar uma acrobacia, ela teve tempo de observar o ladrão, se concentrar na jóia, *mexê-la* e executar sua acrobacia em segurança. Para Snail Galford, tudo havia acontecido em dois ou três segundos.

Para Liriel Gabbiani, pareceram seis ou sete.

E ali, presa naquela cadeira mais uma vez, com uma faca afiada voando na direção de seus dedos, seu instinto de sobrevivência, pela primeira vez, ativou essa consciência de uma forma que nem ela própria compreendia bem antes. De uma forma não mais instintiva, mas realmente consciente.

A faca veio girando e girando e girando, mas a partir de um momento rápido para o mundo ao redor, mas não para o *mundo dela*, girando de forma cada vez mais *lenta*. Liriel começou a se concentrar e se concentrar e se concentrar, e a cada concentração a faca girava de forma mais devagar.

Girava de forma que ela podia ver bem o momento em que o giro estava a favor do cabo e esticar a mão para pegá-la antes que estivesse a favor da lâmina.

E quando a segurou firme e a manteve nas mãos, Liriel parou de *forçar*, e o mundo, aos olhos dela, voltou ao normal.

Do outro lado, Snail Galford estava impressionado. E orgulhoso. E, por mais que jamais fosse admitir, também aliviado por ela não ter se machucado. Havia visto a menina acorrentada mexer a faca em velocidade sobrenatural e, na mesma intensidade, segurá-la. Não sabia nem compreendia como o mundo funcionava para Liriel Gabbiani quando ela executava aquilo para o qual tivesse nascido com o dom de executar. E nem se importava em conhecer esse mecanismo. O que importava para ele era que ela enfim estava pronta.

12

Anísio Branford caminhou até o mesmo Jardim Real onde antes conversara com o barão-gnomo, e, por mais que fosse quem fosse, ainda assim o coração bateu diferente quando ele ficou frente a frente com uma lenda viva e um dos heróis de guerra mais admirados por seu pai.

Anísio Branford estava em frente a Robert de Locksley.

- Peço desculpas por receber-te aqui, senhor Locksley. Tua figura merece muito mais, mas o Salão Principal está sendo preparado para uma pequena cerimônia.

- Rei Branford, tu gastaste um de teus Três Pedidos com minha liberdade, e não há mais nada que possa te exigir em toda esta vida. - Repare que Locksley usava o "tu" como se estivesse em um patamar *também* de Rei. Ou fosse um amigo

de longa data de um Rei Branford para merecer o uso do

pronome e não ser advertido.

- Não fiz nada que meu pai não aprovaria.

- E por isso mereces o sobrenome de Primo. Teu pai foi o maior libertador que já vi caminhar por estas terras.

- Ele dizia o mesmo sobre ti.

- E, para conhecer teu pensamento, precisei vir até aqui hoje perguntar pessoalmente sobre tua ajuda com relação à *causa*.

Anísio olhou para o outro lado e suspirou. Aquilo ia ser difícil.

- Senhor Locksley...

- Rei Branford...

- Tu irás *mesmo* lutar sob quaisquer circunstâncias?

- Eu preciso, Majestade. Preciso fazer pelo meu povo o que Primo fez por este, quando o livrou das ameaças que aqui pairavam.

- Entendo porque fazes com que eu lembre de meu pai. Com certeza acreditas que vossa amizade influenciaria na decisão dele.

- Sim, na dele. Mas já não espero que em tua, Majestade.

Anísio Branford mordeu o lábio inferior e pensou no que seu pai diria se pudesse vê-lo tomar sua decisão. Uma decisão que precisava ser tomada e que modificaria a humanidade com ela.

- Tu tens consciência de que isso, para Arzallum, seria

declarar guerra a Minotaurus?

- E compreendo também que é aí que reside a dificuldade de tua resposta.

- E tens consciência de que Sherwood, por mais homens que juntem, não poderia entrar em uma batalha contra Minotaurus e Stallia juntos?

- E por isso que vim aqui buscar e pedir-te ajuda.

Anísio suspirou uma vez mais, sentindo o peso do mundo sobre os ombros. De novo.

- Desculpe, Locksley. - Repare que dessa vez nem houve o termo *senhor*. - A herdeira de Stallia é minha noiva. Em breve, minha Rainha. Ameaças além de nossa total compreensão voltam a rondar estas terras, e não posso dividir meu exército por uma guerra que não é nossa. Eu te dei a liberdade através da única forma que isso seria possível; eu não posso te dar mais do que isso. Na verdade, eu gastei Três Desejos por tua causa. Arzallum não pode fazer mais e lutar neste momento ao lado de Sherwood.

Robert de Locksley apertou um lábio no outro e balançou a cabeça várias vezes.

- Eu compreendo, Rei Anísio. - E repare que o "Rei Branford", que igualava o nome do filho ao do pai, foi substituído pelo primeiro nome. - Na verdade, até mesmo esperava por tal resposta. Mas eu precisava perguntar...

Locksley já estava se dirigindo à saída quando se virou

novamente:

- Mas... Majestade... afirmastes que gastastes teus Três

Desejos pela minha causa...

- Sim, ou tu te esqueces de que Tagwood, se tivesse interesse

nas terras de Sherwood, ele também poderia reivindicar um

lugar na batalha, ao lado de Stallia e Minotaurus?

O queixo de Locksley caiu.

Era claro; era óbvio. O Primeiro Desejo. Tagwood não

poderia usar a temida pólvora negra por um ano inteiro;

artifício capaz de acabar com um campo de batalha em

minutos.

O que também significava que não teria a opção de confrontar

Sherwood.

Locksley mais uma vez ia se retirar, pensativo, quando...

- Mas, Majestade, onde teu Segundo Desejo se enquadraria?

Tuck não era um prisioneiro e não faria diferença a esta causa

se ele mantivesse sua atividade como frei ou não.

- Engana-se, Locksley. Particularmente, acredito que este

homem seja teu guerreiro mais importante.

- Tuck se aposentou dos campos de batalha. Ele agora é um

pacifista; um homem santo que não participa mais de guerras.

- Pelo contrário, pelas histórias que chegam até mim, ele

enfrenta a mais difícil delas todos os dias.

"E a cada dia, ele se sagra vencedor."

13

O dia fora exaustivo como o de um soldado em uma parede de escudos de uma zona de guerra.

E, à noite, João Hanson voltou para casa completamente esgotado por um dia inteiro substituindo o pai, derrubando árvores para os empregadores do clã De Marco, em meio a lenhadores pelo menos duas vezes mais velhos do que ele. Os lenhadores gostavam do velho Hanson e se sensibilizaram com a atitude do caçula. Trataram-no como um deles, e João gostou daquelas pessoas, embora ainda não sorrisse para nenhuma delas. Até mesmo quando souberam que era aniversário do menino e lhe deram de presente um par de anéis de lenhador, João não se sensibilizou. Apenas agradeceu, colocou um anel no dedo, guardou o outro e voltou a bater na árvore.

Estava escuro quando ele entrou em casa. E ele estava tão cansado, mas tão cansado, que nem escutou uma certa movimentação de pessoas naquela escuridão.

Logo, ficou realmente surpreso quando as escutou cantarem um:

- Parabéns a você... / nesta data honrosa e querida... / que fadas soprem bons sonhos... / e semi-deuses lhe dêem vida. -

Cada trecho era cantado de forma lenta e arrastada, como em toda cerimônia de aniversário em Arzallum. E repetido três

vezes.

João Hanson, o menino que a cada dia se tornava homem, sentiu o coração querer retornar um pouco alguns anos antes, quando seria considerado uma *criança*. Maria Hanson entrou trazendo um pequeno bolo com uma vela acesa; um bolo feito pela mãe. E João Hanson então se lembrou de quanto tempo não comia um bolo preparado por ela. Desde aquela época.

Desde o macabro incidente com a Casa e a sinistra bruxa Babau.

E, por um momento, ele voltou a se lembrar de como tudo era antes. Antes de bruxas, de maldições e de todo o mundo adulto.

Érika Hanson entrou com Maria, e também da escuridão saíram Anna e Golbez Narin, aplaudindo e cantando com todos. Quando o casal acendeu mais algumas velas, trazendo uma melhor iluminação ao recinto, João Hanson viu Ariane.

Ela estava parada, olhando para ele e esperando a *reação* dele.

Ele via no olhar dela que ela estava orgulhosa dele, das atitudes dele e da responsabilidade que ele havia resolvido assumir como homem daquela família.

Nas mãos dela havia um presente, e João percebeu que se tratava de um cordão.

Ele então caminhou devagar na direção dela, e o coração de Ariane começou a bater mais rápido, ainda sem saber como seria a reação dele ao futuro que se propunha a ela. Sem saber

se seria aceita ou rejeitada, e poético é o coração da mulher que está prestes a descobrir algo dessa importância.

João Hanson pegou o cordão das mãos da menina e percebeu que era um cordão simples em que havia um laço ao redor de um pedaço de madeira. Ela usava um idêntico ao redor do próprio pescoço e *tentou* dizer entre palavras tropeçadas em embaraço:

- Tipo... não é nada de mais, mas... é da *nossa* árvore, sabe?

Eu achei... sei lá... que talvez você fosse...

E João Hanson puxou o corpo da menina para o seu e a abraçou forte como se ela fosse para ele a coisa mais importante do mundo.

Talvez porque o fosse.

- ... gostar.

Com a cabeça deitada sobre o peito dele, Ariane Narin derramou uma lágrima. Depois outra. E, nos braços daquele menino, ela se sentiu a menina mais importante do mundo.

Mais uma vez.

Você alimenta a alma do João, e, em troca, ele espalha uma energia boa que vem de você.

Quando os corpos dos dois se separaram, os lábios fechados se tocaram forte, se apertaram e permaneceram unidos de olhos fechados.

Porque você é a flor dele.

E, quando se separaram, o olhar de um se focou no do outro e,

antes que ela dissesse a *frase*, ele disse primeiro:

"Eu amo você."

E ele é o seu beija-flor!

O menino ou o homem João Hanson, como há muito tempo não fazia, sorriu. Um sorriso curto, mas ainda assim um sorriso. E aquela sensação foi boa. Já a menina Ariane Narin começou a chorar copiosamente, e não parecia que iria parar tão cedo.

O choro diante daquelas palavras era justificável.

Porque bater na cara de alguém é fácil, mas tratar bem uma garota, ou saber o que dizer pra uma garota, só homem de verdade sabe!

Ela sabia que era de verdade.

14

E Robert de Locksley saiu do Grande Paço e encontrou o pugilista William Gamewell esperando-o em um cavalo após escutar um empolgante relato de Áxel Branford sobre sua vitória no Punho De Ferro.

O pugilista desceu do cavalo e deu um abraço forte na figura lendária.

- Olá, Will - cumprimentou Locksley. - Só faltava nosso caçula.

- Como foi com Rei Branford? - William perguntou.

- Ele não irá nos ajudar - respondeu Locklesey. - Como foi com príncipe Branford?

- Está plantada dentro dele a *semente*. Vamos esperar que germine e dê frutos a grandes consciências.

- E quanto a você? Soube que foi bem no torneio.

- Fiz meu melhor, mas o maldito Urso-Branco era realmente forte.

- E agora?

- Agora é hora de retomarmos nossa luta. Não pretendo perder pela segunda vez para Minotaurus.

- John e Marion vieram a Andreeanne comigo. É hora de partirmos para o plano dois. Está pronto?

- Sim. A partir deste momento eu sou novamente o *vermelho*.

A partir de agora sou mais um de seus capitães.

E Robert, satisfeito, montou em seu próprio cavalo e disse

com convicção:

- Então vamos trabalhar, Will Scarlet.

15

No Salão Real havia certa movimentação. Alguns servos reais estavam preparando um "pequeno grande jantar" no Salão de Refeições, e ali uma bancada havia sido instaurada próxima ao trono de Rei Anísio. Alguns nobres, todos os Conselheiros Reais, a princesa Branca e o príncipe Áxel estavam presentes, e um servo real anunciou a entrada de Ruggiero.

Acima da bancada havia uma espada.

Quando o oriental entrou, com a capitã Bradamante à frente, a primeira sensação dos presentes foi de surpresa. Havia um imenso tapete vermelho que se estendia de onde estava até os pés do Rei sentado em seu trono, alguns degraus acima. Ao seu lado direito, Branca Coração-de-Neve. Ao esquerdo, Áxel Branford.

E no caminho entre eles, em posição militar, ao lado do tapete vermelho, estavam *eles*. Duas fileiras deles. Os cavaleiros vestidos com suas assustadoras armaduras vermelhas.

Os Cavaleiros de Helsing.

Bradamante caminhou por entre eles, e Ruggiero foi atrás. A cada passo que dava, dois soldados no caminho batiam uma respeitosa continência diante de um olhar militar. Ao fundo, os Oito Conselheiros Reais, com seus capuzes cada um de uma cor, observavam.

O último da fila dos cavaleiros vermelhos era o idoso e gordo

coronel Athos Baxter. Ele não parecia estar nem um pouco contente com a cerimônia.

Ruggiero caminhou e parou ao lado de Bradamante, em frente a Anísio Branford e ao palanque com a espada.

- De joelhos... - disse Anísio, e, por mais que se tratasse de um oriental, Ruggiero tremeu na base com aquele comando, porque entendia o que ele representava.

Rei Anísio retirou a espada da base e disse:

- Senhor Ruggiero, todos aqui estão cientes de que sua pessoa, junto à da capitã Bradamante, eliminou uma horda de demônios que talvez grupos aqui presentes sucumbissem, e o fez por altruísmo à pátria de Stallia e às boas relações com Arzallum. A maneira mais sincera que encontrei de agradecer uma atitude heróica como esta foi desta forma aqui agora manifestada, e meus Conselheiros concordaram comigo.

E não confio em coronel Athos para tanto; ele gosta de levar méritos demais por trabalhos alheios.

Ruggiero pensou que não era à toa que o homem não estava muito contente com tal cerimônia. A lâmina da espada foi apoiada deitada de lado em seu ombro direito.

- Pelo poder em nome do Criador de Nova Ether e de todos os semi-deuses que nos dão vida... - A lâmina foi passada para o ombro esquerdo de Ruggiero. - Pelo poder de Cruz de Merlim de Avalon, o Sagrado Christo de Nova Ether... - A lâmina foi colocada deitada sobre o topo da cabeça baixa. - E

pelo etérico que corre no sangue de fadas e dá vida a este mundo... - A lâmina foi colocada em pé, diante de Ruggiero. - De acordo com o Conselho Real, e com a autoridade a mim atribuída, eu, Anísio Terra Branford, Rei de Arzallum, o consagro, Ruggiero, cavaleiro sob a bênção da bandeira de Arzallum.

Os Cavaleiros de Helsing fizeram uma pisada potente, que estremeceu o ambiente e pareceu um único movimento de força e som retumbantes, ao comando de seu coronel. Rei Anísio pegou a espada com as duas mãos, como se fosse um recém-nascido, e a ofereceu ao estrangeiro.

Seguindo instruções de Bradamante, Ruggiero beijou a lâmina e se pôs de pé.

Recebeu do Rei a espada e também a segurou como se fosse uma criança de colo. E então a apoiou no chão. O monarca disse:

- Senhores, não temos mais dúvidas hoje de que o reinício desta Ordem de caçadores é mais uma vez necessária para a sobrevivência e segurança desta nação e de toda a humanidade. Ando ultimamente pensando apenas qual seria a melhor forma de administrá-la, pois a maioria dos antigos caçadores não está mais hoje entre nós. Durante todo esse tempo de ponderação, assumo, não conseguia encontrar um nome que unisse sabedoria por experiência e vitalidade para liderança em treinamento e missões de campo. Meus

pensamentos, porém, hoje estão mais claros, e o Criador parece ter iluminado minhas necessidades com um Destino inquieto, e sempre surpreendente. Por isso, em vez de me dar uma pessoa com tais características, o Criador me iluminou duas.

Os Conselheiros se olharam surpresos. Há poucos instantes haviam até votado pelo título e honraria ao estrangeiro, como motivo de agradecimento e boa política com o continente oriental. Mas o que Rei Anísio estava dizendo não havia passado por votação e não era de seu conhecimento.

E ninguém poderia descrever então a surpresa de coronel Athos.

- Sei que muitos dirão que a Ordem já possui sua figura de comando na posição de coronel Athos Baxter, Conselheiro Preto da Sala Redonda e herói de guerra de Mosquete, que nos honra com sua experiência, e não coloco aqui em dúvida nem suas qualificações nem suas qualidades. E diante da sociedade de Arzallum, como bem prega a política desta Ordem, será ele a única figura pública conhecida e oficializada pelo governo real. A questão é apenas que gostaria de deixar esta Ordem sob o comando *prático* de um arzallino que tenha visto e sobrevivido à *Caçada de Bruxas* original, e estado ao lado de meu pai naqueles tempos negros.

- O gordo coronel, detrás de suas banhas e cabelos e barbas brancos, começou a ficar vermelho e a suar como um porco,

surpreso. - Logo, sem delongas, anuncio a todos os presentes que Sabino von Fígaro, Conselheiro Branco da Sala Redonda e inquestionável herói de guerra, a partir de hoje ocupará também a função de *General e Comandante da Ordem de Helsing*.

Os Conselheiros Reais explodiram em protestos e murmurinhos. Coronel Athos não conseguia nem mesmo dizer alguma coisa, em choque.

- Mas... Majestade... - tentou dizer o impulsivo Conselheiro Vermelho.

- Isso não está em votação, Conselheiro - disse Anísio com vigor. - E ainda não terminei...

O Conselheiro se ajoelhou.

- Imploro seu perdão, Majestade.

Sabino von Fígaro, vestido com suas vestes claras, estava com uma expressão de puro choque. Aquilo havia sido *realmente* uma surpresa em sua vida.

Mas, passado o choque, veio o êxtase.

- E não estou hoje apenas consagrando o cavaleiro Ruggiero como um cavaleiro de Arzallum. Estou convocando-o para se tornar um Cavaleiro da Ordem de Helsing.

Os cavaleiros vermelhos, mais uma vez, fizeram seu movimento militar de duas pisadas que estremecia o salão. Os Conselheiros continuavam embasbacados. Até mesmo Áxel e Branca estavam surpresos.

- E convoco-o para se tornar o capitão desse grupo renascido.

Se existia mais algum espaço para protestos, aqui é que ele foi usado realmente. Áxel Branford achava o máximo a cara dos Conselheiros e velhos comandantes atônitos por verem decisões importantes serem tomadas sem consulta, como...

bom, como no tempo de *Caçada* de Primo Branford. E, dali de cima, Áxel percebia o quanto, dia após dia, Anísio se parecia com o pai. E o quanto aquilo era fascinante.

E assustador.

- Senhor Ruggiero, o senhor aceita minha convocação?

Ruggiero sentiu o coração bater mais rápido. Era um estrangeiro em uma terra estrangeira e lhe pediam que fizesse parte dela. Tinha uma vida do outro lado do mundo e aceitava que seu *dharma* estava em vivê-la do outro lado do oceano.

Entretanto, em pouco tempo, havia aprendido tanto sobre um mundo fascinante e novo a cada dia, que a sedução por ele se tornava fácil. Mas o que mais martelava em sua cabeça era tentar compreender o que seu Criador esperava dele em sua missão naquele mundo etérico.

Dizem que, se um pedido em pessoa de um Rei não fizer uma pessoa se inclinar por uma ideia, então nada mais o fará. Até aquele dia, isso parecia verdade em Nova Ether. Entretanto, Ruggiero estava diante de um pedido pessoal do Maior dos Reis, e isso nada parecia significar para ele. Nada parecia pesar em sua decisão. E Áxel Branford, de onde estava, pôde

bem observar olhares e perceber que existem valores para um homem mais importantes do que ordens de um Rei.

Porque Áxel percebeu que o que fez Ruggiero se decidir naquele momento não foi o Destino que lhe passava intuição.

Foi o olhar que ele trocou com uma mulher.

- Com prazer, Majestade.

Bradamante *tentou*, mas não escondeu a felicidade que descobriu em si quando o guerreiro oriental aceitou a proposta. Já Áxel só conseguia enxergar o olhar de Maria Hanson, que não estava ali, e a falta que ele não aguentava mais sentir, tão longe dela há tanto tempo.

Com uma chamada, Sabino foi tímido ao centro e se posicionou ao lado de Ruggiero. Coronel Athos foi posicionado ao lado de Sabino, embora fosse visível em sua expressão o ódio daquela posição. Uma coisa era certa: no futuro, as coisas entre ele e Sabino von Fígaro não seriam das mais fáceis.

O Rei os virou de frente para as tropas. E bradou:

- Cavaleiros, de frente ao comando!

E pelo menos setenta homens naquele Salão Real bateram mais duas vezes no chão e giraram para o centro.

- Tenho aqui, de um lado, a experiência que os enriquece. No centro, a sabedoria de que necessitam. E, do outro, a liderança que os levará para a guerra. São esses os três pilares que os levarão à vitória na guerra suja.

Anísio fez um movimento de cabeça para Sabino, e a transformação foi tão imediata, mas tão impactante, que até mesmo entre os Conselheiros que observavam a cena ela assustava. Sabino von Fígaro, acostumado a falar baixo e de forma sábia, de repente bradou com um comando de guerra que pararia um exército, ecoando a voz pelo grande salão:

- Cavaleiros de vermelho, qual é vossa magia?

Setenta guerreiros de vermelho responderam em uma única e assustadora voz:

"É a cruz do meu escudo, minha espada é minha guia!"

- Cavaleiros de vermelho, por que viveis desse jeito?

"Por que honro este dragão de éter vivo no meu peito!"

Eles bateram o pé novamente, e então houve silêncio.

- Tropa, tempo.

A tropa bateu o pé, e todos se posicionaram estáticos com as mãos para trás. Sabino olhou para Anísio Branford e voltou a sorrir com seu jeito educado e tímido:

- Majestade, a tropa está pronta para o jantar.

Rei Anísio Branford acreditou ali que dias muito interessantes ainda estavam por vir.

16

Nem tudo ainda estava bem. Ariane voltou para casa com os pais, e todos estavam bastante satisfeitos com a cerimônia de aniversário surpresa para o jovem Hanson, e principalmente com a *reação* dele a essa surpresa. Haviam visto Hígor Hanson em sua cama, definhando diante de uma doença difícil de ser explicada, e entenderam quando o menino não quis ver o pai.

Ao menos, não ainda.

Quando chegaram em casa, porém, e Golbez Narin se retirou para mudar suas roupas, Ariane chamou a mãe a um canto, com sua típica expressão assustada de quem está falando *realmente* sério.

- Mãe... - e Ariane olhou os arredores, feito uma paranóica, para se certificar de que seu pai realmente não estava por perto. Puxou a mãe para um canto da casa ainda mais afastado. E disse sussurrando: - Mãe, eu vi ela lá, mãe...

Anna Narin, percebendo a seriedade da filha, fechou a expressão e perguntou:

- *Quem* você viu, Ariane?

- Beanshee.

Anna Narin sentiu os pelos se arrepiarem.

- Onde?

- Na casa dos Hanson.

Uma pausa para um pouco de ar. E então:

- Ela estava chorando?

- Ainda *não*.

- E o que ela estava fazendo?

- Esperando.

Anna ficou realmente espantada. Beanshee definitivamente não costumava passar mais de um dia e uma noite esperando por um condenado.

- E onde ela espera?

- Sentada, do lado de fora do quarto do senhor Hanson, abraçada aos joelhos como se fosse uma menina de castigo.

Ela me viu, ficou me olhando, mas não disse nada. Ela não chorou, mas também não sorriu.

- É difícil imaginar Beanshee sorrindo...

- Se ela está ali esperando, por que ela não entra de uma vez no quarto do senhor Hanson, mãe? - a menina perguntou, assustada.

- Eu não sei, Ariane.

"Eu realmente não sei."

Robert de Locksley, naquele fim de noite, havia cavalgado ao lado de seu último capitão. Sabia que seu próximo passo envolveria enfrentar uma parte do exército de Stallia - comandado pelo seu Primeiro-Ministro aliado a um esquadrão de Minotaurus para piorar a situação. Contava com Rei Branford para anular o segundo problema, mas ainda não seria dessa vez que Arzallum iria à guerra contra seu maior inimigo.

Talvez, porém, Minotaurus não fosse à guerra.

Era uma possibilidade remota, mas ele tinha de se agarrar a ela, pois a tudo se agarra o homem que busca a liberdade.

Naquele momento já estava pensando na partida de volta a Sherwood, que aconteceria pela madrugada. Ele e Will, acompanhados de um terceiro, esperavam no local marcado para o encontro com John Pequeno e Lady Marion. Era um local afastado, para não levantar suspeitas, e que lhes serviria bem para passar a noite.

De fato, não haveria melhor lugar para se passar a noite.

Afinal, como já fora escrito, Locksley desejava a ajuda de Arzallum, mas já esperava sua recusa, e por isso possuía desde cedo um Plano B, conseguido através de contatos dentro da prisão, subornos, cobrança de débitos, caçadores de bruxas e outros elementos de uma história que talvez um dia

seja contada.

O fato era que era por isso, por esse inevitável Plano B que precisaria urgentemente pôr em prática, que eles estavam ali, à espera dos outros dois, diante daquele terceiro homem em Arzallum.

Ao fundo, deixando sorrisos em curvas da noite, os cavalos chegaram trazendo seus dois generais. Lady Marion e John Pequeno abraçaram Will Scarlet como se fosse ele um filho há muito tempo isolado da família e que retorna com uma melhor saúde do que toda a família poderia imaginar.

Mas foi quando eles se viraram para o terceiro integrante que acompanhava os dois naquela noite que sorrisos se abriram trazendo a sensação de um parente há muito não visto.

Foi o momento em que o grande negro conhecido pela alcunha de John Pequeno abraçou o terceiro e o ergueu, quase lhe estraçalhando os ossos, enquanto este o escutava dizer:

- Olá, tio.

A voz desse terceiro era de Snail Galford.

E também dele foi a voz que disse aos três lendários:

- Eu fiz o melhor que pude. E acho que até mais do que achava que poderia fazer.

- Ninguém aqui pode duvidar disso, garoto - disse Locksley.

Apenas estar na presença dele deixava as pernas de Galford bambas.

- E seu pai deve estar muito orgulhoso - disse John. -

Conhecendo aquele cabeça-dura chorão, ele, a esta hora, estaria bebendo em tabernas, falando de suas façanhas e tirando dinheiro de incompetentes em mesas de jogos de azar.

- É... - suspirou Snail. - Acho que isso seria *exatamente* o que ele faria mesmo...

A mão de Snail segurou a porta de entrada do galpão atrás dele, onde os três iriam dormir. E ainda disse:

- Pois bem, senhor Locksley. Aí está o melhor que pude fazer. - A porta foi aberta e os três ficaram maravilhados com o que viram. - Aí está o seu Plano B...

Deveria haver ali, pelo menos, quase oito centenas de meninos órfãos; meninos com olhares furiosos e sem identidade, que imploravam por um motivo para viver. Ou para morrer.

Robert de Locksley não sabia que motivo iria dar a eles.

Mas aquela seria uma longa noite para descobrir.

- Que história você contou a eles para convencê-los a lhe seguir até aqui, Galford? - perguntou um Robert de Locksley ainda surpreso.

- A minha própria, senhor.

Definitivamente, havia histórias capazes de mudar o mundo.

18

Aquela noite poderia ter terminado ali. E teria sido uma boa noite no Grande Paço.

- Anísio... - disse Áxel, entrando no quarto dos pais novamente.

Mas não foi assim que ela terminou.

- Veio ver o quarto mais uma vez? - perguntou Anísio observando o quadro do pai, sem olhar para o irmão.

- Não, dessa vez vim ver *você*.

E a atenção do Rei se concentrou no príncipe. Aquele era um embate e um acerto de contas entre irmãos que já estava esperado há tempo; há tempo demais.

- Está pronto para *admitir* hoje, campeão do mundo?

- Para de falar assim comigo.

- E como eu deveria falar com *você*, *irmão*? Como papai falava comigo quando não estávamos diante de terceiros? Ou como *você* falou comigo antes de eu partir?

Áxel trincou os dentes. Aquilo seria duro e extremamente difícil. Aquelas *lembranças* seriam difíceis. Houve um pouco de silêncio, e o tom de voz de Áxel foi sincero quando ele enfim perguntou:

- *Como era*, Anísio? Me conte: como era quando só estavam *você* e ele? Como era seu treinamento?

- Ele nunca lhe contou?

- Ele disse que eu não precisava saber disso. Que eu sabia tudo o que eu precisava saber.

Anísio riu um riso irônico.

- É típico dele. Papai sempre soube o que dizer...

- E o que ele lhe dizia?

Anísio voltou a olhar a pintura do pai.

- Áxel, você nunca, nunca vai fazer ideia do que foi o meu *treinamento*, desde muito novo, para me tornar o futuro Rei de Arzallum. Você não faz idéia de tudo o que eu passei para aprender desde cedo conceitos ditos como primordiais a um líder, nem tem como fazer. - Uma pausa curta. - Acaso se lembra de minhas lições no lago?

- Você aprendeu a nadar com papai e o instrutor...

- Não havia instrutor. Não havia nem papai.

- Como assim?

- Imagine uma criança de seis anos sendo retirada da própria cama, colocada nua com um capuz preto enfiado sobre a cabeça e arremessada em um lago à espera de que sobreviva na água fria...

Áxel arregalou os olhos. Ele queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Diante da reluta, Anísio continuou:

- Você se lembra das aulas de cultura geral? Sobre que talher deveríamos pegar na mesa em determinado momento?

Aquelas mesmas aulas das quais você se orgulhava de enlouquecer seu instrutor e de não dar a mínima em conhecer

com que talher se espetava um javali antes ou depois do meio do dia?

Áxel aquiesceu.

- Você até gostava dessas aulas... - o irmão tentou dizer.

- Meus dedos eram pressionados sobre a mesa com uma tábua de cortar carne cada vez que eu errava o talher em questão.

Áxel sentiu o estômago embrulhar. Aquelas informações eram *surreais* demais para o mundo em que ele havia crescido, e achava que tinha tomado parte.

- Eu pensei que machucasse suas mãos nas aulas de justas...

- Não, nas aulas de justas, cada vez que era derrubado do cavalo, eu tinha de escolher entre o café-da-manhã seguinte, o almoço ou o jantar. Eu tinha de escolher qual das três refeições eu teria de eliminar. Logo, imagine como era o dia seguinte quando eu caía três vezes...

Áxel ainda era choque.

- Na verdade, jamais gostei de justas. Eu *odiava* esse esporte.

Sabe qual era o único esporte que eu tinha vontade de

aprender e competir? Pugilismo. - O rosto do irmão

empalideceu. - Mas nunca me foi permitido. Um primeiro

príncipe deveria aprender justas.

- Eu... não sei o que dizer.

- Enquanto eu escutava você socar sacos de areia, eu era

obrigado a ler livros enfadonhos sobre estratégias militares. E,

se dormisse, era acordado com um banho de água gelada, e tinha de continuar a leitura sem trocar a roupa. Nos dias de frio, eu batia meus dentes incessantemente, enquanto tentava decorar livros das quais me fariam extensas e detalhadas perguntas depois. E, se eu não soubesse respondê-las, eu teria de ir dormir a noite toda com aquelas roupas molhadas, e rezar para que elas secassem sozinhas.

- Eu... eu... eu nunca soube nada disso! *Por que* eu nunca soube nada disso? Por que você nunca me contou nada disso? Eu era... eu sou seu irmão, droga! Por que você...

- Se eu apenas *tentasse* lhe contar como era a minha vida, que já era um pesadelo, teria se tornado um quintal de Aramis.

- Mas... papai sempre falou com orgulho de você, Anísio. Ele sempre...

- Papai *tinha* orgulho de mim. Assim como de você. Na cabeça dele, nós apenas tínhamos *responsabilidades* diferentes, independentemente de termos o direito de escolhê-las ou não. Eu seria o Rei. Você seria o príncipe. Sem escolhas.

Áxel se sentiu tonto. A pressão baixou, mas ele se manteve firme. Balançou um pouco, mas se manteve firme. As lembranças de sua infância, sua *feliz* infância retornavam, e ele juntava as peças. Lembrava de quantas vezes Anísio se machucava brincando *com outros garotos maiores, com quem Áxel não podia brincar*. E, curiosamente, *nem conhecer*.

Quantas vezes ele chamou Anísio para flertar com as filhas dos nobres que visitavam o Grande Paço, e Anísio dizia que tinha *responsabilidades que Áxel não poderia entender*. E ele chamava o irmão de *um pé no saco*. Lembrou-se das vezes em que Anísio parecia mais magro *por causa do excesso de exercícios*. Ou em quantas aparecia com olhos roxos *por ter caído do cavalo*.

E ele se lembrava daquele fatídico dia. Aquele *maldito e fatídico dia*.

- É por isso - ele concluiu embasbacado. - É por isso que você sempre volta a esse quarto...

- Sim - respondeu Anísio, ainda olhando a pintura do pai. -

Para tentar saber se eu o amo ou se eu o odeio.

- E o que descobriu ao longo desse tempo?

- Que eu ainda não sei. - E o Rei, perfeito como o significado do nome "Anísio", enfim demonstrou fraqueza. - Sabe, eu sei o que ele quis fazer. Eu sei que ele tinha noção do fardo que eu iria carregar e de que eu tinha de ser o melhor do mundo em tudo o que tivesse de saber fazer. E talvez eu seja hoje tudo o que ele sonhou que eu seria. Nesse ponto, eu sei que ele fez apenas o que achou que tinha de fazer. Por ele, por mim e por Arzallum. Sei que nesse ponto ele o fez por amor...

- Mas...

Anísio demorou a concluir a frase. E, quando o fez, o tom de voz era trêmulo:

- Mas... não precisava ter sido assim, você não acha? - e ele olhou para o irmão, como que pedindo cumplicidade naquele argumento. - Caramba... - e Áxel se assustou novamente por algo que deveria ser bobo, mas não era naquele caso; era um fato: ele nunca havia visto Anísio dizer uma única gíria. Já era difícil mesmo vê-lo falando fora dos pronomes de tratamento da segunda pessoa. - ...eu era filho dele, Áxel. Você conseguiria fazer coisas... assim... com um filho?

Uma lágrima de dor ou raiva, apenas um dos dois sentimentos, desceu do olho direito de Anísio.

- Então foi por isso. Por isso que você partiu... - disse Áxel, com uma voz baixa.

- Também. Por isso, e por eia...

- Branca? Mas ela era sua prometi...

- Não Branca. *Outra* princesa. Uma princesa que invadia meus sonhos à noite, depois de um certo tempo. Ela vinha quase sempre, me colocava em seu colo e me contava histórias. Conversava sobre destinos e sobre escolhas. E sobre a liberdade de escolhas.

- Que princesa era essa?

- Ela não tinha um nome. Eu a chamava de *Princesa Esquecida*. Era assim que me lembrava dela, ou tentava me lembrar. Era difícil guardar suas memórias depois de acordar, mas a *sensação* permanecia. Era boa.

Boa o suficiente para me manter *humano* naquela vida que me

enlouquecia a cada acordar.

- E você não pensava em Branca?

- Quando estava acordado; não quando estava dormindo.

Acaso você pensa diferente?

- Penso em Maria Hanson acordado ou sonolento.

- É por isso que não a vê há dias? Vamos: admita por que você pensa tanto nessa garota. Porque você sabe o que é preciso ser dito a ela...

Áxel suspirou forte. E disse com expressão menos amistosa:

- E por que *naquele dia* você resolveu explodir e botar para fora tudo o que havia aprendido a guardar dentro de si?

- Porque a *Princesa Esquecida* havia me *chamado*. E eu não consegui resistir mais.

- Então foi isso - o príncipe disse, olhando para baixo. - Ela havia lhe chamado para...

- Para as Sete Montanhas de Arzallum.

Houve mais uma pausa. E mais silêncio. Áxel passou a mão no rosto como se estivesse sujo, e ambos mantinham a expressão séria. Era a hora da pergunta mais difícil.

- E onde Bruja entrou nessa história?

- Ela era a Princesa Esquecida. - Anísio pareceu se sentir mal por contar aquilo. Era a primeira vez que falava de todo aquele pesadelo com alguém. - Durante todo esse tempo, ela havia preparado a volta de um avatar. Um avatar ligado aos *meus* sonhos.

- Faz sentido. O herdeiro Branford...

- E... quando eu estive lá, em frente a ela, ela me disse coisas que acabaram comigo. Ela me disse que eu era fraco e ridículo e patético e que jamais iria merecer uma coroa nem mesmo em uma terra devastada. E me disse que para recrutar almas humanas para o lado dela, ao contrário de outras entidades, ela não tentava *convencer* seus fiéis. Ela mostrava um lado desvantajoso e um lado prazeroso. E lhes dava a opção de *escolher*.

- Anísio...

- Não tente me consolar, pois não mereço consolo, ao menos não nesta situação. Sabe qual o momento mais difícil para mim em tal revelação, Áxel? Lembrar de Branca. E dos sentimentos que tinha por Branca. A pureza, a delicadeza, a *confiança* dela. Eu a havia traído e trocado por todas aquelas opções, sem perceber. Eu não havia compreendido que, ao menos se passasse por tudo que tinha de passar desde criança para me tornar Rei, era talvez porque esse fosse o *preço* para um homem poder ter o amor de uma mulher como Branca Coração-de-Neve.

Outra lágrima desceu do rosto do Rei. Mas essa não era de raiva nem de ódio. Era de *remorso*.

- Eu comecei a me sentir... *sujo*. É assim que se sente um homem de cujo coração escorre culpa. Sabe como é a sensação de remorso percorrendo o seu corpo através do seu

sangue? Era assim que eu me sentia; e a *maldita* sabia. Ela sempre soube que era assim que eu me sentiria. E foi por isso, foi por isso que ela usou todos os sentimentos mais venenosos que eu havia guardado dentro de mim durante todo o meu crescimento e usou toda a culpa que havia dentro de mim por ter *olhado para trás* quando estava prestes a receber meu prêmio; para fazer... *aquilo* comigo.

- Anísio...

Áxel apertou os olhos quando tudo, *tudo* passou a fazer sentido. E Anísio concluiu:

- Ou por que você acha que a única capaz de quebrar a magia foi Branca, através de *sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé*? Que outra pessoa poderia retirar de mim a culpa em que eu mesmo me aprisionava? E que tipos de sentimento senão amor e perdão poderiam anular remorso e culpa?

Áxel aquiesceu concordando. E, mais uma vez, compreendendo. Anísio disse em tom de lamento:

- Sabe, aquilo era uma espécie de... *peste emotiva*. São sentimentos ruins que afetam o corpo, mas nos afetam porque nós mesmos permitimos.

- Você quer dizer que...

- Eu quero dizer que quando Bruja fez eu me sentir *abaixo* de um homem, através dos *meus* próprios sentimentos baixos, eu *permiti* que *aquilo* acontecesse. E eu *quis* que aquilo

acontecesse. Era um *castigo* que eu achava que deveria passar.

E *merecia* passar. - Áxel mais uma vez sentiu a pressão se alterar e uma tontura momentânea diante de tal revelação. -

Foi o momento em que senti minhas entranhas sendo arrancadas e a pele de homem pouco a pouco dando origem à macabra pele de bicho. E o ser humano desprezível se tornar um grotesco homem-sapo.

- Anísio, pelo Criador...

- Soldados de Arzallum enviados por papai atrás de mim chegaram um pouco depois, e eu tive de assisti-los sendo mortos um a um diante dela. Era compreensível. Era difícil acreditar que um avatar naquela forma de tão bela princesa poderia destruir exércitos.

- Imprudência! Pura imprudência! Acaso você tem a *maldita* consciência dos tipos de rituais que ela poderia fazer com um primeiro príncipe em tal condição à sua mercê?

- Não *naquele momento*. Hoje eu tenho, mas não naquele. E tudo poderia ter sido bem diferente, se não fossem eles...

- Os Sete Mestres.

- Os sagrados Mestres Anões. Sorte da humanidade que seus caminhos se cruzaram com o avatar maldito e o destruíram. -

Anísio olhou de novo para a pintura de Primo. - Por isso, precisamos dos *caçadores*, Áxel. A guerra não terminou como pareceu. A *Caçada de Bruxas* nunca termina...

Áxel aquiesceu e começou a se dirigir para a saída do quarto.

- Eu... preciso descansar e absorver um pouco disso tudo,
irmão.

Anísio se virou para ele e disse firme e ressoante como um trovão:

- Não sem antes admitir o que estou esperando até agora...
irmão.

Áxel suspirou e virou-se irritado.

- O que você quer que eu diga? Vamos, me diz: o que você quer que eu diga? - a voz saiu gritante.

- Eu quero que você me diga o maldito porquê! - a voz de Anísio saiu também. - Por que você foi até as Sete Montanhas atrás de mim, depois de me dizer tudo o que me disse?

- Eu não sabia de tudo isso que estou sabendo agora, droga! Quando eu entrei neste quarto naquela noite, eu só vi você dizendo coisas... *horríveis* para o papai! Eu pensei que você estava agindo com... *ingratidão!* Como se fosse um...

- Um moleque mimado como você?

- Talvez! Talvez, caramba! Foi coisa de momento! Foi um ataque de cólera! Foi errado, agora eu vejo, mas eu não via assim naquele momento. Eu não tinha como saber, droga!

- "Não tinha", Áxel? Ou *não queria?* Alguma vez, em toda nossa infância, nós tivemos uma conversa tão sincera quanto a que estamos tendo agora?

- Não faz diferença, Anísio! Você está certo: eu achei que agia de forma correta, mas eu errei. Errei com você. E peço

desculpas. Eu acho que eu só... não estava preparado para aquele soco!

- Eu lembro. Foi o soco que eu afundei na sua cara quando você *tentou* me afastar do papai. E me disse que *eu não era mais seu irmão*. E, *se eu não aguentava a pressão, que fosse embora*. - Áxel não queria ouvir aquilo. - E tudo seguido pelas últimas e inesquecíveis palavras, como eram mesmo?... -

definitivamente, ele *não* queria se *lembrar* daquilo. - "Por mim, eu agora quero mais é que você morra..."

Áxel teve de se segurar em uma cadeira para não cair. Sua respiração corria difícil; na verdade, respirar doía. Aquelas lembranças machucavam mais; muito mais do que um soco de Radamisto.

Havia um espelho próximo à cadeira, e Áxel *odiou* seu reflexo nele.

- Eu... - ele tentou dizer.

- E, no entanto, você junta seu guarda-costas três por quatro e se embrenha *sozinho* em uma jornada *heróica* atrás de mim?

Pois eu *tenho certeza* do porquê! Só que eu quero que você admita! E hoje você vai *admitir!*

- Eu me arrependi das minhas palavras. Eu tinha de... - Áxel só conseguia olhar para Anísio através do espelho.

- Mentira! Você se arrependeu delas muito mais tarde. Não *naquele* momento. Ainda não foi por isso...

- Eu sou seu irmão, Anísio! Era minha obrigação!

- Você mesmo havia abdicado dessa condição...

- Eu vi a tristeza de mamãe! Ela estava enlouquecendo. Eu precisava saber o que havia acontecido com vo...

- *Mentira!* - Anísio explodiu. - Para de me contar mentiras, garoto! Eu sei que você *nunca* agiu por todo esse altruísmo que os bardos tentam passar! Você sempre foi um garoto mimado, e foi por *você* que você foi até lá atrás de mim!

- Eu apenas queria.,.

- Age como homem e admita isso hoje na minha cara!

- Eu apenas...

- Eu quero a verdade, Áxel!

- Eu...

- Hoje...

- ... eu quero...

- ... a droga...

- ... da...

- ... VERDADE!

- ESTÁ BEM! - o espelho ESPATIFOU-SE em diversos pedaços quando o punho real o socou. Áxel virou-se para o irmão e gritou rendido:

- *Eu admito!* Maldição, eu admito! Você quer mesmo *tanto* que eu admita por que eu fui atrás de você nas Sete Montanhas? Eu lhe digo: *porque eu não queria ser Rei!*

Houve o cruel silêncio que precede o esporro. Áxel limpou as lágrimas que insistiam em lhe escorrer no rosto.

- *Você* havia sido treinado para isso - ele disse, ainda entre lágrimas.

- *Você* era o primeiro príncipe. *Você* tinha essa *responsabilidade*. Não eu.

"Maldição... era *você*, não eu..."

A revelação tocou de forma diferente cada um dos dois, mas tocou ambos de forma profunda.

Eu hoje estou tão feliz porque hoje encontrei meus amigos...

No rosto impassível de Anísio Branford, era impossível dizer quais tipos de sentimento corriam por ali. E permaneceriam por ali.

Eles estão na minha cabeça.

E diante daquele cenário de lágrimas e silêncio, os dois irmãos repararam que estavam de pé, à mesma distância da pintura de Primo Branford.

Eu sou tão feio, mas tudo bem...

Os cacos maiores do espelho partido, que jaziam no chão, refletiam a pintura.

Porque *você* também é...

E cada caco devolvia o reflexo de uma parte e de uma forma diferente de toda imagem que refletia.

Nós quebramos nossos espelhos...

Áxel percebeu que a mão sangrava um pouco. E mais uma vez se dirigiu à saída do quarto.

- Não esqueça, está bem? - ecoou a voz de Anísio atrás de si.

- Não esqueça de que você *também* tem responsabilidades que precisam ser cumpridas. E que se aproximam.

- Eu sei - disse Áxel sem se virar. - Eu vou contar a ela. E... - e ele se virou antes de sair -... Anísio... eu queria, mais uma vez, lhe pedir des...

- Esqueça. Afinal, você *conseguiu*. Você é o campeão do mundo. Aos poucos você também está aprendendo a assumir grandes responsabilidades. Eu só realmente preciso que você entenda que hoje você é o primeiro príncipe de Arzallum. E eu vou precisar que você não se esqueça mais... irmão.

Áxel sentiu o peito bater, e bater forte de dentro para fora.

O que você acha, Anísio?

Porque ele havia reconhecido o tom da última palavra. Não havia remorso nem raiva nem ironia naquele termo.

Áxel Branford, quando entrou em seu próprio quarto naquela noite, chorou sem parar por uma roda de sentimentos que ele não sabia se era homem o bastante para assumir. Eram sentimentos intensos e que se contradiziam e assustavam.

Sentimentos que o perseguiriam, e nem ele nem nenhum Branford poderia mais fugir.

Sobre o quê?

Sentimentos que vinham do passado. Sentimentos que rodeavam seu presente.

E o mais assustador: sentimentos que em breve ele sabia que

iriam pertencer ao seu inevitável futuro.

Você acha que... poderemos... recomeçar ainda?

Talvez; talvez entre os dois irmãos aquele fosse o início de um bom recomeço.

19

Muitas coisas aconteceram duas semanas depois daquela noite. Estas foram algumas delas:

Robert de Locksley partiu na madrugada de volta a Sherwood.

Sua comitiva envolvia seus capitães John Pequeno, Lady Marion e William Scarlet, e seus dois mais novos membros Snail Galford e Liriel Gabbiani.

E quase oito centenas de jovens órfãos encantados com seu carisma.

Helena Bravaria foi caçada pela Guarda Real e teve de deixar Arzallum às escondidas, feito uma condenada, antes que os Cavaleiros de Helsing assumissem o caso. Quando perguntado sobre o conhecimento de uma possível aliança entre Ferrabrás e Bravaria, o barão-gnomo Rum- pelstichen respondeu:

- Majestade, por ética não poderia fazer tal revelação antes, mas diante da atual situação, que lamento, acredito ter a liberdade e o dever de instruir que tínhamos informação de que ambos eram aliados, e *até mais do que isso*. E, em troca de tal decisão de nossa parte por não ter feito tão importante revelação, coloco meu auxílio, e o de toda a tecnologia de nossa raça, à disposição do que pudermos ajudar Arzallum em qualquer consequência a tal ato.

- E *quando* soube dessa aliança, senhor Rumpelstichen? - perguntou um Rei perplexo.

- No momento em que tivemos de pagar os gênios,

Majestade.

- O senhor está querendo dizer que...

- Por que Vossa Majestade achou que o Imperador Ferrabrás afirmou que *cuidaria dessa parte*?

E então o Rei se lembrou.

Acaso cederás tuas minotaurinas?

Rei Anísio Branford ainda estava perplexo.

Não. Não serão minotaurinas.

João Hanson continuou trabalhando como lenhador por todos os dias, até mesmo no quinto dia da semana. Seu corpo adolescente começou a apresentar músculos, mas só demonstrava sorrisos sinceros quando na presença de Ariane Narin. Maria tentava convencê-lo a voltar a frequentar as aulas da Escola Real do Saber, mas o garoto se recusava, como se recusava a entrar no quarto do pai.

A irmã foi surpreendida, porém, quando João deu a ela o outro anel que formava o par de seu anel de lenhador.

- Eu... pensei que você o daria para Ariane!

- Eu *quase* o fiz. Mas ela me deu esse cordão, que simboliza nossa ligação. E, além do mais, eu andei pensando e... eu sei que nós tivemos nossas discussões, mas... eu queria lhe pedir desculpas por coisas injustas que tenha dito. Eu queria *mesmo*. Você e Ariane são as duas garotas mais incríveis do mundo... e posso até dizer, sem dúvida alguma, que Ariane é

mesmo a *mulher* da minha vida. Mas é você, Maria... é você que é minha alma gêmea...

Maria Hanson abraçou o irmão, e dois corações frios se aqueceram.

Eu vou sempre apoiá-lo nos seus sonhos, João.

Ela também queria pedir desculpas por muitas coisas ditas, e principalmente pelas não ditas, mas, quando tentou se desculpar, ele simplesmente disse:

- Eu sei. E eu compreendo...

E João Hanson foi para sua rotina de trabalho.

E, a cada vez que mais alguém próximo lhe perguntava se ele não sentia vontade de ver Hígor Hanson, João fechava sua expressão e respondia um lacônico:

"Não."

Branca Coração-de-Neve conversou com Anísio e com o pai Alonso. O Rei de Stallia parecia a cada dia recuperar uma razão há muito perdida, compreendia as coisas de forma mais sadia, e as coisas que dizia já pareciam ter sentido. Ainda era o Rei das Lágrimas de Inverno; o Rei Que Não Chorava, mas ao menos andava sorrindo de vez em quando.

Foi por isso que, aproveitando tal boa fase, Branca Coração-de-Neve anunciou aos dois que em breve voltaria a Stallia, enquanto o pai se recuperava em Arzallum.

- Tu queres então... - tentou dizer Anísio.

- Eu quero, não. Eu *vou* liderar Stallia. Ao menos enquanto

papai não puder.

- E o que pretendes com isso, Branca? - perguntou confuso o pai.

- Pai, Locksley quer a independência de Sherwood. E, se tudo permanecer como está, aquele Primeiro-Ministro hipócrita irá se unir a Minotaurus e executá-lo de uma vez.

- Mas Locksley cometeu crimes contra Stallia...

- Em nome da liberdade daquelas terras. E ele veio até Anísio pedir ajuda. Tu compreendes o que estou dizendo, pai? Não quero meu Reino se unindo ao inimigo da nação de meu futuro marido. Nação que também será minha quando eu me tornar Rainha e a qual eu aprendo a amar todos os dias.

Na última vez em que viu Primo Branford com vida, Rei Alonso havia feito uma pergunta da qual se recordava naquele momento.

Que diferença as princesas de hoje das do nosso tempo, não é, Primo?

Nenhum dos dois, naquele instante, parecia ter noção ou consciência do quanto.

Hei de me tornar uma princesa que estará ao lado de meu marido na Sala Redonda do Grande Paço em momentos de conflito, em vez de chorar por seu retorno após uma batalha incerta.

O comentário seguinte de Primo Branford não lhe saía da cabeça.

Não sei por que não duvido disso, Branca. E nem por que não a repreendo.

Rei Alonso se deu conta de que o maldito sabia; sabia, sim.

Até mesmo depois da morte Primo Branford ainda era um visionário.

Áxel Branford pediu a Muralha que o acompanhasse em uma viagem futura a outro Reino, e o troll surpreendentemente afirmou que seu protegido precisaria ir sem ele.

Pois ele *ainda* tinha um compromisso.

Ariane Narin estava com os cabelos molhados depois de lavá-los em uma bacia, enxugando-os diante de um espelho em seu quarto. Ela se observava no reflexo e gostava do que via.

Gostava de seu cabelo, gostava dos seios que cresciam, em velocidade mais lenta do que ela gostaria, ok, mas ao menos *eles cresciam*, e gostava do corpo adolescente de catorze anos se tornando pouco a pouco o corpo de uma mulher.

Seu coração só parou quando ela viu Beanshee no reflexo.

Havia um pouco de sujeita no vidro, e Ariane passou a toalha molhada, deixando a tela úmida e embaçada. E, quando foi limpá-la, *ela* estava lá.

A mulher de cabelos ruivos desgrehados se aproximou de suas costas, e a menina *não quis se virar* para ficar de frente para ela. E foi através desse mesmo bizarro reflexo que ela viu o dedo de Beanshee passar ao lado de sua cabeça, encostando em seus cabelos. Era frio ao lado dela, e era frio o

que *vinha* dela. O dedo tocou no espelho embaçado, e a mulher chorona escreveu um nome. Quando Ariane piscou, Beanshee não estava mais lá.

Mas o nome permanecia.

"Radamisto."

Maria Hanson havia saído de sua aula particularmente cansada naquele dia. Um bilhete curioso em cima de uma mesa, entretanto, lhe deu instruções que lhe tiraram o ar. Porque traziam lembranças poderosas demais para serem esquecidas.

Você... me surpreenderia?

"Na batida do sétimo dia. Na mesma hora. No mesmo lugar."

Era isso o que dizia o bilhete, e havia um embrulho ao lado. O embrulho trazia o vestido mais bonito nascido nos sonhos de uma garota. Um lindo vestido de linho na cor amarelo-ouro, tingido com o uso de cera de abelha.

E com sapatos. De cristal.

E lá estava ela, naquele momento, vestida como se fosse a estrela de um grande baile, esperando por algo que lhe parecia apenas um intenso *déjà-vu*. Havia o sino ao fundo, que ecoava da Catedral; havia o muro em frente ao teatro do Majestade, onde tudo começou. Detalhes intensos valorizados pela alma feminina, muito mais do que a alma masculina jamais será capaz de compreender.

Hoje, você diz?

E então, ao fundo, se aproximou a carruagem. Pelo Criador, a carruagem. Ele havia trazido *até mesmo* a carruagem.

Um dia.

Dessa vez, porém, não havia burros puxando um barulhento carro coberto de feno. Havia sim uma belíssima carruagem nobre, puxada por dois cavalos. Brancos.

No céu, brilhavam estrelas das quais ela já havia aprendido os nomes.

Nós sonhamos com príncipes e cavalos brancos. Sonhamos em tocar estrelas e, assim como semi-deuses, jamais sermos esquecidas...

Ele vestia um fraque, que o deixava com uma aparência semi-divina. Havia uma máscara em seus olhos. E havia um chapéu nobre em sua cabeça. Mas ela o reconhecia. Ela o reconheceria ainda que lhe tirassem a visão e a deixassem apenas tocar naquele rosto.

Havia uma flor na mão dele, que ele prendeu no cabelo dela.

A cena era a repetição de diversas e diversas metáforas e clichês que já haviam sido utilizadas por outros bardos para narrar *todas* as histórias de amor. Mas era *exatamente* tudo o que Maria Hanson já havia sonhado. Todo lugar-comum; todos os clichês que uma garota gostaria de ter. Ainda que por uma noite.

- Surpresa? - ele perguntou, e a pergunta gerou um sorriso nele. E quase lágrimas nela.

Assim que você estiver preparada.

Tuhanny riscou o céu, mas não gritou nada. Ao redor dela, estrelas cintilavam como fogos de artifício.

Eu não quero estar preparada. Acho que nunca vou estar preparada. Por isso, eu quero que você me surpreenda...

Áxel a pegou no colo e caminhou com ela nos braços até o banco. Colocou-a sentada e beijou-lhe o rosto. Maria Hanson queria dizer *alguma coisa*, nem que fosse para agradecer o que ele estava fazendo, mas estava em choque demais até mesmo para *se lembrar* como se falava a língua ativa.

O príncipe sentou-se ao lado dela, e a carruagem, naquela noite inesquecível, se pôs a andar.

Ariane Narin, ao escutar uma conversa de alguns caçadores no centro de Andreanne, descobriu que o pugilista Radamisto havia falecido no Hospital Real.

Os pelos da menina se arrepiaram imediatamente.

Maria Hanson escutou a valsa ao fundo começar a tocar.

Estava de pé, e seu vestido transbordava beleza. Ela, também.

Naquele momento, bailava com seu príncipe e flutuava em suas mãos. Aquilo não era só um sonho, aquilo era o Reino Prometido de Mantaquim. Aquilo era dividir a essência das fadas. Era ficar diante do Criador e conhecer a Verdade. Ou deitar no colo de semi-deusas e escutar todos os desejos e anseios femininos que elas gostariam de lhe contar.

A orquestra terminou sua música, e os músicos se retiraram do

salão como se não existissem. Áxel deixou que ela retirasse a máscara que lhe cobria os olhos, e ela viu que havia fragilidade, e até mesmo um certo temor, nos olhos dele.

Eu sei que vocês acham que nós costumamos ter o total controle neste tipo de situação, e sei que nós até mesmo gostamos de parecer que temos esse controle, mas nem sempre nós podemos nos mostrar tão seguros quanto parecemos querer demonstrar...

Ele a puxou forte e a beijou de uma forma *diferente*. De uma forma que nunca havia feito antes. E aquilo foi bom.

E depende do quê, essa insegurança?

Maria Hanson se sentia única. E se sentia pronta. Pronta para ele, para se entregar a ele, se entregar à *confiança* dele. Antes, Áxel Branford lhe era um mito inalcançável. Agora, apenas pensar em sua vida sem ele lhe trazia dor.

Do valor da outra pessoa.

E era possível ver que, nos olhos dele, o conflito era o mesmo.

Mas o que começou a assustar Maria era que as lágrimas que começaram a nascer nas expressões dele eram diferentes. Não eram lágrimas de um homem assustado. Nem de um homem emotivo.

Eram lágrimas de um homem em angústia.

Eu sei. É isso que nos dá o receio...

- Áxel... - ela perguntou com a voz trêmula.

Você tem... receio com relação a mim?

Áxel deixou lágrimas caírem, como se já sentisse a dor que suas palavras causariam.

- Eu amo você.

Ele disse, e o coração dela parou.

Muito.

- Maria, eu quero que saiba que, em toda a minha vida, você será a mulher que tomou meu coração por direito e é a primeira que se apossa de meus pensamentos ao acordar, e é a última imagem que vejo antes de dormir, você consegue... compreender... isso? - era difícil completar frases em meio às lágrimas dele. Maria também chorava, mas dessa vez um choro que temia o que seria dito.

Ela aquiesceu.

- Ficar longe de você, e apenas o pensar em tal estado de afastamento, me é uma violência que perfura as entranhas e me faz desejar nunca ter nascido nobre, nem príncipe.

- Áxel...

- Hoje deveria ser o dia mais *feliz* da sua vida. E, por isso, o dia mais feliz da minha. Porque o dia em que eu a fizer a mulher mais feliz do mundo... será o dia mais valioso de minha existência. Porque enfim terei sido... o melhor do mundo... em alguma coisa pela qual realmente vale viver.

Maria Hanson era *apenas* lágrimas.

- Mas eu não posso fugir... da responsabilidade... que meu Destino exige. Não posso falhar *duas vezes* com meu irmão.

Não posso colocar... a minha felicidade... à frente de uma nação... você compreende... *meu amor?*

Ela aquiesceu, *ainda* entre um mar de lágrimas.

- E é por isso que eu não posso continuar a partir daqui. -

Havia um mar também nos olhos dele. - Não seria justo. Não com você. Não com você...

- Áxel... por que você está...

Ele apertou os olhos e espremeu as últimas lágrimas antes de dizer:

- Eu tenho uma *noiva prometida*. E é hora de eu encontrá-la...

Maria Hanson sentiu o mundo girar diferente, girar mais lento. O estômago inteiro quis pular para fora da boca, e o lado de dentro do peito *doeu*. Ela queria falar alguma coisa, mas, diante do que estava sentindo, sabia que só conseguiria gaguejar grunhidos ou vomitar de nervoso. Na escala de estresse, aquela sensação de término amoroso só ficava atrás do choque provocado pela morte de um parente ou de um anúncio de prisão.

Seu reflexo foi então limpar as lágrimas e correr. Correr para longe dele. Correr na direção da carruagem, antes que ela se tornasse uma abóbora. Correr na direção de casa, na direção da vida que sempre tivera. Da *maldita* vida que sempre tivera e que lhe parecia boa, antes de conhecer *aquela*. Correr de volta ao concreto, ao invés do abstrato. À realidade, ao invés

do sonho.

Áxel não correu atrás dela. Sabia que não deveria correr atrás dela. Muralha a levaria para casa, enquanto ele ficaria solitário diante de estrelas que mal se lembrava quais eram. E então, entre lágrimas e frustrações, ele arrancou a própria gravata-borboleta e caminhou com passos pesados na direção da escadaria que dava acesso àquele salão. Percebeu que havia algo no décimo terceiro degrau e foi até lá apanhá-lo.

Era um dos sapatos de cristal de Maria Hanson.

Então... isso quer dizer que... eu tenho valor pra você?

No alto, a Estrela de Blake parecia ter se apagado de vez naquela noite inesquecível.

20

Um sinistro Conselho de Bruxas e Magos Negros se reuniu.

Aquele Conselho costumava se reunir uma única vez por ano, mas, naquele ano, era a segunda vez. Diziam que sacrificavam animais para iniciar suas reuniões e humanos para terminá-las.

Diziam que caminhavam sobre esqueletos e pisavam em crânios com a mesma facilidade com que um homem esmagava baratas por prazer. E que serviam línguas como aperitivo e bebiam sangue como opção ao vinho.

Se tais coisas eram verdade, isso não importava. O que realmente importava era que, quando aquele Conselho se reunia, ele afetava a forma do mundo girar. O nome daquele Conselho era o *Conselho de Sangue*. Mas, entre os que contavam suas histórias, ele tinha outro nome mais popular.

O Conselho do Mal.

- Explique de novo, conde: como um grupo de demônios esconjurados de Aramis não foi capaz de matar uma única mulher? - a voz, surpreendentemente, era de Charles Daveiz, o obeso e soturno Primeiro-Ministro de Stallia.

- Ela não estava sozinha. Havia *outra*.

- Ah, sim, havia *dois*! Agora sim se explica como queimaram uma tropa de demônios e ainda levaram seus olhos como brindes!

Conde Edmond Dantes grunhiu feito um bicho diante da

carapuça sombria. Todos os presentes vestiam sinistras mantas de cores escuras.

- O que quer dizer com isso, comensal nojento? - bradou o conde. - Que a culpa do episódio é minha?

- Não sei de quem é a maldita culpa! - rosnou Daveiz. - Eu sei é que alguns *caçadores* deveriam ter sido atraídos para aquela arapuca e *eliminados!* Se não for cortada a moral desses *renascidos* pela raiz antes que cresça mais do que já cresceu, a tendência será eles se tornarem mais *intensos* do que já eram! É disso que eu sei! - ele suspirou pesado. - Mas, em vez disso, apenas dois deles não apenas destruíram e queimaram *todos* os conjurados como levaram *prêmios* que só aumentarão a moral dos malditos! E Rei Alonso, que deveria estar a essa hora babando e vomitando sangue, já deve estar se preparando para voltar a Stallia e tirar meu poder!

- Não. *Ainda* não - comentou a voz de um quarto mago presente.

- O que quer dizer?

- Comenta-se no Grande Paço que quem irá voltar será a princesa.

A menção ao nome chamou a atenção de uma das mulheres presentes.

- Branca... - disse ela. - Eu a quero...

A voz era de Helena Bravaria. Um dos encapuzados, um mago pernetá, fez uma expressão debochada diante da

requisição da bruxa. Uma outra voz masculina foi quem

comentou, porém:

- Pois eu acho que terá sua chance - a voz fria vinha de Ferrabrás.

- É justo - Helena continuou. - Se não fosse o maldito torneio, não precisaria ter chantageado Branca nem dormido com gênios. Poderia ter me casado com um Alonso dopado em uma cerimônia secreta e o envenenado de uma vez. Teria sido uma opção muito mais eficaz! Mas não, em vez disso tive de fugir de Arzallum como uma banida, e para quê? Para ver seu pugilista imbecil não conseguir vencer Branford!

Ferrabrás olhou para Helena sem alterar a expressão dura. E o fato de ele não alterar a expressão já era assustador o suficiente para a ocasião. Uma terceira voz comentou:

- Como se fosse muito trabalho para você se deitar com alguém...

Helena olhou na direção do mago perneta encapuzado.

- Seria se fosse com você, Oberon.

O mago rosnou, como rosnam os cães quando alguém ameaça-lhes tirar um osso.

- Calem a boca - disse a voz de uma bruxa grande em todos os sentidos, de quase três metros de altura e dentes de aço.

Sua voz era alta feito a voz de matriarcas gordas de famílias grandes. - A questão em que o Conselho deve se concentrar hoje envolve os Coração-de-Neve e Locksley.

- Baba... - disse uma velha sem dentes, deformada por anos maldosos demais. - Eu voto por um poderoso *trabalho* contra a princesa de neve e por uma conjuração de demônios.

- Quem está com Gagula? - perguntou Baba Yaga.

A maioria não concordou nem discordou. O mago Melehan tomou a palavra, com sua voz baixa, cortada pelos resquícios de eterna rouquidão:

- Não adianta eliminar a força de um Coração-de-Neve sem eliminar em contrapartida a de um Branford. A linha que os liga é a mesma.

- Meu irmão tem razão - ratificou Melou, o gêmeo de Melehan. A voz dele, ao invés de rouca como a do irmão, já era fina como a de uma criança. O detalhe era que ambos dividiam o mesmo tronco, grudados em um grotesco corpo siamês de duas cabeças. - Devemos buscar um ponto de fraqueza entre os Branford e equilibrar o processo.

- Branca é o ponto de fraqueza de Branford, cérebros de ameba! - exclamou Oberon.

- Mas existem *dois* Branford, soturno. E o último que menosprezou o segundo viu seu representante ser derrotado diante do mundo...

- Aquele que disser mais alguma palavra sobre isso morrerá afogado no próprio sangue - disse Ferrabrás. - Radamisto foi *envenenado* antes da luta com *downer e*, por isso, perdeu em combate. Por *desonestidade*.

- Essa é a *verdade* que contará a seu povo, Imperador? - disse mais um mago barbudo e experiente, na casa dos cinquenta anos, e, não por menos, *também* um Rei.

- Essa é a *única* verdade, Oronte. E, se duvida dela, dê um passo em minha direção.

- Se alguém quiser dar um passo na direção de alguém, que dê na minha! - bradou Baba Yaga, mais uma vez silenciando todos. Era notável como sua influência era a mais respeitada mesmo entre aqueles homens, que não respeitavam ninguém.

- Não tenho tempo para perder com rinhas de cães vadios! Não tenho mesmo! Logo, vamos terminar com isso, pois tenho fome e sinto o cheiro de recém-nascidos a poucos quilômetros daqui...

- O segundo Branford tem uma fraqueza. Uma professora de Andreanne.

Toda a atenção se concentrou na direção de um nobre, na casa dos quarenta anos. O mais jovem do Conselho.

- Sabe bem de quem fala, Costard? - perguntou Daveiz.

- Meu filho sabe. Ela é filha do mesmo impuro do qual conde Edmond usou o sangue para conjurar demônios imprestáveis.

Houve um murmurinho entre os presentes. Aquilo estava começando a ficar interessante.

- Uma Hanson? - perguntou o conde. - A Hanson que sobreviveu à *casa*?

- Sim. A Hanson que fritou Babau.

Os homens começaram a rir, lembrando-se do trágico destino da velha bruxa que pertencia àquele Conselho, mas não mais. O mais curioso daquela lembrança era que a bruxa queimada receberia as mulheres daquele Conselho em sua casa no fatídico dia em que resolveu sacrificar João Hanson e que, de caçadora, virou caça.

- Então não precisamos mais nos preocupar com *este*

Branford - disse conde Edmond. - Como nobre e como mago, tenho o direito de cobrar dela o pagamento final que cobraria do pai. Afinal, herdeiras *também* herdam dívidas...

O Conselho pareceu satisfeito.

- E quanto à Branca Coração-de-Neve? - perguntou o

Primeiro-Ministro de Stallia.

- Voto pelo *trabalho* sugerido por Gagula - disse Daveiz.

- É claro que vota. Votará em qualquer coisa que o faça parar de tremer com a possibilidade de ela voltar a Stallia - disse Ferrabrás.

- O *Imperador* tem uma ideia melhor? - perguntou o

Primeiro-Ministro. - Porque, do contrário, eu também tenho de pensar em matar de alguma forma exemplar o herói de guerra que o seu exército *também* não foi capaz de prender.

- Locksley é um problema pequeno, senhor Daveiz.

- E que, ainda assim, o senhor não conseguiu resolver.

- Eu também voto pela magia - disse Melehan, para cortar a conversa ranzinza.

- Eu voto o mesmo.

- Nunca sei para que duas cabeças, se as opiniões são sempre as mesmas - resmungou Oberon.

O mago e Rei Oronte tomou a palavra:

- Por que não levantamos os braços e decidimos por isso de uma vez?

Baba Yaga concordou, e todos os presentes levantaram a mão a favor da magia. A imensa bruxa virou-se para Helena

Bravaria:

- Espero que tenha trazido algum *gatilho*...

A condessa sorriu um sorriso largo.

- Um pente, com cabelos da princesa de neve penteados por mim mesma, diante de um espelho...

Gagula começou a dançar, excitada, mostrando seus dentes podres.

- Ah, ah-aha! Que Morgana seja louvada! Há quanto tempo não temos a oportunidade de fazer uma *boneca de vidro*! Isso merece uma comemoração! Deveríamos cortar cabeças de bodes e cozinhar corações de galinhas!

- Há algo que deveríamos resolver ainda - voltou a dizer o barbudo Rei Oronte. - E quem irá buscar a princesa? Ela, com certeza, estará escoltada por grupos de soldados competentes, e é melhor enviar um reforço por garantia para evitar mais uma vez que *caçadores* proporcionem contra-magias.

- Por que não conjuram demônios, dessa vez mais

competentes que os de conde Edmond?

- Acaso está oferecendo seu sangue, ministro? - perguntou o conde.

- Usem este - e Ferrabrás puxou três seringas cheias de sangue das presilhas do cinto. - É de Radamisto.

- Espero que tais demônios não cruzem seus caminhos com os de Áxel Branford - sussurrou Oberon. - Seria uma vergonha vê-los derrotados como...

Ferrabrás enfiou o cotovelo no meio do rosto cicatrizado, fazendo o mago pernetá cair com a mão no nariz sangrando.

Ninguém moveu um único dedo ou fez qualquer comentário sobre a atitude.

- Pois bem... - continuou a imensa Baba Yaga. - Está decidido. Preparem o círculo do pentagrama invertido na roda do centro. É hora de esconjurarmos demônios e transformarmos princesas de neve em vidro...

21

Na fronteira do Reino do Forte havia um grande amontoado próximo a uma praça cuja maior atração era uma rústica igreja, construída em nome do Sagrado Coração de Merlim. A atenção capturada de todas aquelas pessoas, a ponto de transformar cada missa em um evento mais esperado do que uma apresentação de qualquer trupe teatral famosa, era o fato de que, pela primeira vez, depois de muitos anos, as pessoas poderiam ver de perto novamente uma missa comandada por John Tuck. O Frei Libertador.

O Santo.

Enquanto suas instruções eram seguidas em Sherwood, e enquanto órfãos se preparavam como soldados para lutar por uma causa que estavam aprendendo a abraçar, mais uma vez o Herói se encontrou com o Santo.

E o mundo pareceu querer compartilhar daquele instante.

- Quando aconteceu, Tuck? - perguntou Locksley, vestindo um manto com capuz para passar despercebido. Estavam dessa vez os dois nos fundos da igreja, enquanto Tuck conferia tudo o que seria preciso para a missa dali a meia hora, como o cálice que transformaria água em vinho, o incenso e o sino que anunciava o início da celebração em nome de Merlim Ambrosius.

- Meu fígado não estava aguentando mais os barris de vinho

de antigamente, Robin. - *Robin*. Eram poucos, muito poucos

os que sobreviveram para usar o velho apelido. - Além do

mais, me sinto mais saudável com este corpo mais magro.

Evita doenças de coração...

- Pare de me fazer de alienado por hoje. Conte-me de uma

vez: quando mudou seus ideais mundanos e, de pecador, virou

santo?

- Nunca me considerei um homem santo.

- O povo o considera.

- O povo o considera um libertador, digno de um salvador do

mundo. Você também se vê assim, Robin?

- Não sei o que sou, Tuck.

- Foi assim com essa dúvida que tudo começou.

Robert encostou-se em uma mesa de madeira rústica para

escutá-lo melhor. John Tuck se virou para ele:

- Sabe, na prisão, entre o intervalo de cada sessão de tortura,

o sentimento que se acumula inicialmente é o de revolta.

Depois, o de vingança. - Locksley concordou. - Só que tais

sentimentos entram em conflito com a religiosidade que se

espera de um homem dedicado à Palavra do Criador. Não

sabia onde encontrar o amor com o coração tão cercado de

ódio.

- O amor só se encontra na liberdade.

- Mas a liberdade é um ato interno.

- Apenas para o homem que não vive de joelhos.

- Mas e quando esse levantar exige que o outro se ajoelhe?

Qual a diferença entre as situações?

- O conhecimento nos faz responsáveis. Se alguém é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros.

- O que impede que o novo ajoelhado se julgue do lado da justiça do Criador e lute e mate para colocar novamente os que se colocaram de pé de joelhos uma vez mais?

- A justiça estará sempre ao lado do sonho do oprimido. É possível pôr-se de pé na guerra sem colocar o outro lado de joelhos.

- A guerra endurece o coração dos homens.

- A ternura atenua.

- Não há ternura na guerra.

- Pois hei de endurecer, mas sem perder a ternura jamais.

- E é isso que se deve esperar de jovens, Locksley? Que eles cresçam tendo de compreender que não basta a ternura, pois é necessário o embrutecimento?

- Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição.

- Não. Ser humano e não conhecer o amor o é.

Houve silêncio entre os dois. Um silêncio em que as palavras de um absorvem as do outro.

- Quantas guerras serão necessárias para que tenhamos um pouco de paz? - perguntou o monge.

- Eu os vi fazerem coisas horríveis com Marion, Tuck. Na

minha frente. Eles a machucaram. Eles torturaram e mataram meus amigos. Como você pode pensar em paz sem guerra?

- Foram os *nossos* amigos. E é exatamente sobre isso que estou falando.

- Como consegue pensar em *amor* quando seus amigos foram mortos de tal forma covarde e cruel?

- Aprendendo com eles.

- E o que a morte deles tanto lhe ensinou?

- Como viver...

Robert suspirou fundo. John Tuck compreendia o que corria dentro dele. Cada ser humano possuía uma natureza própria, e ele sabia que era dentro do respeito aos limites dessa natureza que as mudanças deveriam ser provocadas.

- Acredita em *devas*, Robin?

- Acredito em sonhos. Mas nem tanto em milagres.

- Diz a Palavra que existe uma ilha a oeste do Ocaso onde devas dormem esperando Aquele Que Irá Acordá-los. E o primeiro passo para isso acontecer se dará com o renascimento de Merlim de Avalon através de uma virgem. E, então, a humanidade caminhará para nova raça, mais evoluída do que a atual.

- Se tudo isso for verdade, sabe o que tais devas farão quando acordarem, Tuck? Lutarão por essa humanidade.

- Com certeza. *Por* ela, com certeza. Mas jamais *contra* a humanidade, e jamais *contra* sua própria raça.

Robert se calou. O frei continuou:

- Quando saí da prisão, a raiva que existia em mim era tanta que minha vontade era de me enterrar na areia simplesmente para ver se conseguia fazer com que parasse. Foi quando resolvi me testar e passar pela *noite negra da alma*. Fiz greve de fome e desafiei o Criador a tomar minha vida no caso de não me deixar falar com um de seus seres semidivinos. - O frei suspirou, como se a lembrança ao mesmo tempo fosse marcante e difícil. - Um mendigo então, certa vez, se aproximou de mim e me pediu um prato de comida. Eu lhe disse para perceber que eu estava em uma situação de privação como ele. Ele então argumentou que a *minha* situação era uma condição optativa, ao contrário da dele, que era forçada. E que, se eu intercedesse por ele, os aldeões lhe dariam comida. Irritado, eu lhe disse para parar de me atormentar de uma vez, porque eu estava tentando falar com seres de planos espirituais superiores.

Os olhos de frei se emocionaram. E a voz trêmula concluiu:

- O mendigo, na minha frente, então se encheu de luz e se transformou em um deva. Um deva, Robin! E me disse, antes de desaparecer: "Que pena. Você quase conseguiu..."

Lágrimas escorreram. E limpavam corações.

- A partir *desse* dia eu me tornei um pacifista. E entendi que só existe o amor na não-violência. E só existe liberdade na mente que não se limita. A ira me afasta do Semi-Divino

porque me impede de enxergar a Verdade...

Robert de Locksley não comentou.

- Entendo que você pense em liberdade como *conquista*. Mas a liberdade não pode ser *tomada*, Robin. Não é possível uma liberdade sem cooperação entre antigo opressor e antigo oprimido. É preciso modificar o opressor e fazê-lo compreender o que você compreende. Do contrário, não há evolução na humanidade.

- A liberdade não nos deveria ser dada, deveria ser nosso direito ao nascer.

- Mas ela *é*. Nós apenas não compreendemos isso. Diga-me: por que você acha que Stallia até hoje mantém Sherwood sob seu poder? É uma província que não lhes dá nada, apenas custo. Mas, ainda assim, eles a mantêm sob seu controle. Será que você nunca parou para pensar no porquê? No *real* porquê?

- Stallia a mantém como uma forma de troféu sobre Minotaurus. Um exemplo de vitória onde o outro falhou.

- Robin, seja sincero: você reservaria uma parte da receita de seu Reino *apenas* para isso? Talvez o fizesse por algum tempo, mas por anos a fio? Não. Não é por isso que Stallia mantém Sherwood sob seu controle. É por *sua* causa, Robin.

E, mais uma vez, Robert de Locksley se calou.

- É pelo mesmo motivo que o mantiveram vivo em uma cela.

Porque *você* é o exemplo do homem que desafiou as leis de

um Rei. O exemplo de um homem que enfrentou tiranos com deboches e sem medo algum da morte. Um homem que sonhou com províncias livres e o enforcamento dos desgraçados. Porque você representa tudo o que um governo teme: um símbolo capaz de influenciar os sonhos de milhões de jovens do mundo inteiro e incitar nesses sonhos idéias de anarquia ou socialismo, que governante algum poderia aceitar. Eles temem o *que vem de você*, Robin, e o que você irá transmitir. É por isso, e é apenas por isso, que Sherwood não é livre. Por sua causa.

John Tuck bateu o sino para testar e se preparou para sair e se pôr diante da igreja lotada.

- Você quer assistir à cerimônia?

- Eu...

- Quando quiser, seja nosso convidado.

John Tuck já estava saindo quando mais uma vez parou, como se algo lhe ordenasse que dissesse mais uma frase. E ele disse:

- Robin, estamos em outros tempos. Perceba que Sherwood e Stallia não têm de ser inimigos. Não mais. Se você quer realmente fazer isso por algo além de você, entenda que para libertar Sherwood hoje não é preciso uma revolução.

Robert de Locksley olhou fundo nos olhos dele. E escutou:

- Basta uma evolução.

E Tuck saiu e tocou seu sino. E a multidão se calou esperando o início da cerimônia que concretizava um sonho.

O povo o considera um libertador, digno de um salvador do mundo. Você também se vê assim, Robin ?

Aquela era uma pergunta para a qual qualquer resposta já era capaz de enlouquecer um ser humano.

22

Maria Hanson escutou soldados reais se aproximarem de sua sala de aula. Naquele fatídico dia ela seria violentamente atacada. Ariane Narin também estava naquela sala de aula.

E, de sua árvore, na Arena de Vidro, o menino-espectro libertado por Ariane Narin *sentiu*.

Tudo começou assim: os alunos estavam do lado de fora da Escola Real do Saber no momento de intervalo em que suas mentes descansam e seus corpos se alimentam. Maria Hanson, em sua sala, estava só. Aquele dia havia sido particularmente interessante: ela havia pedido aos alunos para levarem objetos que lembrassem boas histórias a cada um, e os irmãos Albarus e Andreos Darin haviam levado a réplica da espada de madeira que ganharam no *Concurso de Performances*, nos primeiros dias do Punho De Ferro. A história havia rendido gargalhadas, posto que o mais curioso fora que Hector Farmer e Paulo Costard não pareciam tão abalados com a lembrança quanto se esperaria. E, em se tratando dos dois, isso era *estranho*.

A concentração de Maria só foi quebrada quando Ariane Narin entrou na sala dizendo:

- Que foi, Maria? - perguntou a uma Maria Hanson confusa.
- Que foi "o quê", Ariane?
- O Hector Farmer disse que você queria falar comigo

urgente...

Maria apertou os olhos, desconfiada. Aquilo estava *cada vez* mais estranho.

Quando a hora de retornar às aulas se deu, os alunos começaram a voltar para o local. Entretanto, dessa vez, Hector Farmer estava na porta e afirmou:

- A professora Hanson pediu para avisar que as aulas de hoje estão suspensas. E que vocês podem deixar seus materiais na sala que amanhã recomeçaremos de onde paramos.

O adolescente tinha um sorriso saboroso nos lábios.

Os alunos estranharam, mas ninguém ousou tentar atravessar a porta. Mais ainda porque, ao fundo, se escutou a chegada de soldados reais e aquilo causou medo. Surpreendentemente, também caminhava com eles um sorridente Paulo Costard, ao lado de um soldado com barba por fazer que se destacava dos demais pela capa que o identificava como um cavaleiro. Eles passaram por Hector Farmer sem dizer nada, e ambos os meninos *ainda* sorriam.

O destino de todos eles era a sala de Maria Hanson.

O menino-espectro corria como um louco. Ninguém podia vê-lo, e ele *atravessava* coisas quando corria, mas, de vez em quando, se desviava de pessoas e objetos esquecendo-se de sua condição devido ao *desespero* que acompanhava o ato.

O fato foi que, quando seu dedo *tocou* o nome de Ariane

Narin naquela árvore, houve um FLASH. E ele sentiu tudo o

que a menina sentiria em pouco tempo.

E isso era o maior motivo de seu desespero.

Paulo Costard parou diante da sala e apontou Maria Hanson para os soldados. Eram quatro. Um deles foi até Maria, e outro, até Ariane. O que foi até Maria era o cavaleiro de barba por fazer. Ele parou à frente dela e disse da forma mais respeitosa que conseguiu:

- Senhorita Maria Hanson?

Maria parou assustada. Ariane, nem se fale.

- Pois não?

- A senhorita é Maria Hanson?

- Sim. Sou eu, cavaleiro.

- Posicione-se de pé, por favor.

Maria e Ariane se olharam. E o pesadelo começou.

João Hanson batia e batia e batia em um tronco de árvore.

Suor lhe escorria em gotas, mas, ao contrário do que seria normal, ele não se sentia cansado a cada golpe. Ao contrário do esperado, ele se sentia até mais vivo. E foi com esse sentimento, ao parar para limpar o suor antes de retirar seu machado encravado no tronco, que ele olhou despreocupado para o horizonte e viu.

Era um garoto, poucos anos mais novo do que ele, que corria desesperado em *sua* direção. João deu alguns passos à frente, deixando o machado encravado na árvore para trás.

O garoto parou à frente dele, como se pudesse ficar cansado e

pensasse que *ainda* respirasse, e estendeu a mão na direção de João. O Hanson pensou que ele queria cumprimentá-lo, mas percebeu que a mão do menino estava indo na direção de seu pescoço.

E, no momento em que ia impedi-lo, o menino-aparição agarrou o cordão de João feito com a lasca da árvore e o apertou.

O nariz do garoto explodiu em sangue.

E João Hanson *sentiu*.

Maria Hanson tinha o coração na boca quando viu entrar na sala e se aproximar dela conde Edmond, o Conde de Ódio. Ao redor deles, soldados e seu protetor bigodudo. Nas mãos dele, um pergaminho assinado com tinta vermelha. Ou com o que *parecia* ser tinta vermelha. E no pescoço, preso por um cordão, um anel de lenhador idêntico ao que ela própria possuía no dedo.

- Maria Hanson, filha de Hígor e Érika Hanson, eu, Edmond Dantes, venho aqui hoje exigir meu direito estabelecido em pacto assinado por seu pai e que, de acordo com a lei, posso cobrar de seus herdeiros no caso da impossibilidade de ele cumprir o combinado.

Ariane começou a sentir o estômago embrulhar. Maria perdeu a voz, a ponto de não conseguir mais nem falar.

Papai está envolvido com magia negra.

A voz do irmão não parava de chacoalhar em sua cabeça.

- O que você quer dizer com isso? - ela perguntou assustada.

O fato de aqueles soldados o estarem acompanhando demonstrava que, o que quer que aquele velho sinistro estivesse dizendo, *parecia* estar embasado em lei.

- Eu quero dizer que há sete anos teu pai, Hígor Hanson, estabeleceu comigo um *pacto de servidão*, em troca de serviços que lhe ajudasse a localizar a senhorita e o outro herdeiro.

Você acha que o pai não pode cometer atitudes ruins?

- "Pacto"? - existem palavras difíceis de serem ditas. - Mas... mas que "pacto"? Eu nunca...

O conde estendeu o documento, e Maria o pegou. O rabisco ali escrito com tinta vermelha lembrava o rabisco que seu pai fazia para assinar documentos, mas...

A gente precisa de provas para acusar o papai! A gente não pode chegar e apontar o dedo na cara dele sem poder provar!

O conde tomou o documento de volta e disse:

- Este documento assegura que Hígor Hanson me *serviria* em minhas requisições sempre que eu achasse apropriado, caso eu cumprisse o estabelecido. E eu cumpri.

- Não, você... o *senhor* não pode estar se referindo à...

- E não apenas tu e teu irmão voltaram vivos da macabra *casa* como os soldados a localizaram e puseram fogo sobre sua construção.

Afinal... ele é o nosso pai, né?

Maria arregalou os olhos e, como Áxel em outra ocasião, também quase desmaiou com a alteração de pressão promovida pela tensão. E tudo, tudo de que ela se lembrava naquele momento era do irmão.

"Provas"? Você quer "provas"?

E tudo o que ela desejava naquele momento era seu irmão.

Eu vi, caramba! Você quer mais o quê?

Mas nada seria tão fácil naquele dia.

- Por anos, até hoje exigi de teu pai apenas nobre doação de sangue para... necessidades de cura envolvendo doentes.

- Você acha que nós somos duas lerdas, é? Todo mundo sabe que você faz magia negra! - cuspiu Ariane com seu jeito invocado.

O conde deu-lhe um violento tapa com o dorso da mão, que fez a menina voar até o chão com lágrimas nos olhos. O cavaleiro que comandava a situação segurou no ombro do conde e o apertou de modo forte, forçando o velho a olhar em seus olhos e a ver seu olhar de reprovação. Maria Hanson gritou e correu na direção da menina.

Ariane tinha o nariz sangrando.

O conde se desvencilhou da mão do cavaleiro e continuou com sua voz solitária:

- Como dizia... - E ele limpou a garganta. - Hígor Hanson estabeleceu um pacto documentado nas Leis Antigas e que atualmente não é mais capaz de cumprir, o que me leva a

cobrar a dívida de seus descendentes.

- O senhor está alterado! Eu escapei *sozinha* daquela maldita casa! Meu irmão e eu sofremos por dias até que eu jogasse aquela bruxa dentro de um caldeirão fervendo!

- E de onde a senhorita *achas* que tirou forças para isso? Por que a senhorita achas que Babau vacilou no dia em que decidi sacrificar teu irmão? Graças aos rituais de boa magia que fiz em vosso nome.

- Mas é muita arrogância o senhor afirmar isso! Eu não...

- Se queres culpar alguém, senhorita Hanson, culpe teu pai por ter assinado nosso acordo *vitalício*! A senhorita ou teu irmão devem cumprir de bom grado a *servidão* no lugar dele e honrar um documento reconhecido em tribunais como justo segundo as Leis Antigas.

Os soldados não pareciam muito satisfeitos de cumprir aquelas ordens, mas eram soldados, e soldados cumpriam ordens. Ao fundo daquela sala havia uma espécie de clarabóia para o ar ventilar. A clarabóia havia se mexido, e uma sombra se mexido com ela, mas as atenções ali se concentravam todas novamente na jovem Ariane "Não Sei Ficar Quieta" Narin.

- Tipo... sabe o que eu acho? Que você é só um *sem-noção* tentando se passar de bonzinho pra conseguir ingredientes de gente honesta pros seus rituais de magia negra! E ainda por cima com soldados atrás de você, que deveriam ter vergonha de se prestar a esse *nada a ver*! - Ariane era maluca de dizer

aquilo. Mas era emoção. E emoção explode.

O conde avançou furioso sobre as duas, com sua expressão bizarra e esquelética. O cavaleiro já se preparava para interceder dessa vez quando se escutou uma frase que tomou conta do salão:

- Nem ouse colocar suas mãos nojentas sobre a minha irmã e sobre a minha mulher...

Todos os presentes se viraram na direção da clarabóia e o protetor bigodudo do conde sacou sua espada da bainha.

João Hanson estava ali, de pé, com uma postura desafiadora.

Entre as mãos, a réplica da espada de madeira levada pelos irmãos gêmeos Darin tremia em posição de guarda.

23

Brança Coração-de-Neve estava dentro de uma carruagem que corria veloz, escoltada por vinte bons soldados de Arzallum e mais vinte de Stallia. Passavam em regiões próximas às Sete Montanhas de Arzallum e corriam na direção de seu Reino. A princesa mantinha na mente a conversa que esperava ter com o Primeiro-Ministro Charles Daveiz, e em seguida tomar para si o poder que seu pai havia temporariamente transferido.

Pensava e sentia frio. Ao lado dela, dentro da carruagem, estava uma dama de honra de Stallia chamada Amélie. As duas estavam conversando anteriormente sobre tecidos e as novas tendências de vestimentas entre mulheres da corte.

- Branca, tu me pareces... pálida. - E olha que em se tratando de Branca Coração-de-Neve isso era um comentário muito, mas muito digno de nota.

- Eu... estou apenas sentindo frio...

- Quanto mais nos aproximarmos de Stallia, mais essa tendência vai aumentar.

- Não. É diferente. Não estou sentindo um frio externo. É o contrário, entende?

- Princesa, tu estás com febre?

E a dama de honra tocou a testa da princesa. Estava normal.

- Tu estás bem. Deve ser alguma impressão mais...

E os olhos de Branca começaram a se revirar, sem conseguir

se focar em ponto algum. A princesa começou a respirar mais lentamente, e a cabeça tombou para trás do banco, enquanto a boca começa a espumar entre espasmos esporádicos.

- Branca!!! - Amélie gritou.

A dama de honra segurou as mãos da princesa para tentar balançá-la, mas foi só quando ela tocou nos punhos que *percebeu*. A pele da princesa de Stallia não parecia mais pele humana. Era ríspida. E, pouco a pouco, cada vez mais cristalina. Como se houvesse uma fina cobertura crescendo ao seu redor.

Como se a pele da princesa estivesse se tornando vidro.

Amélie imediatamente colocou o corpo para fora da janela, no desespero para chamar algum soldado. No imediato momento em que o fez, porém, sua cabeça foi arrancada do corpo por um demônio alado de Aramis, que mais lembrava uma maldita fusão entre um lagarto e um morcego.

O golpe foi tão rápido que Amélie nem teve tempo de perceber que outros demônios já estavam fazendo o mesmo com toda a comitiva de soldados.

24

- Solte essa espada... agora - a voz partia do cavaleiro que liderava os soldados.

João Hanson ainda empunhava a réplica da espada de madeira. E ela ainda tremia.

Do outro lado, o protetor de Edmond mantinha uma espada de

aço nas mãos, enquanto outro soldado o impedia de continuar avançando sobre o menino.

- Você não é um soldado. Muito menos um cavaleiro - disse

João Hanson. - Nenhum de vocês é.

- Você não consegue reconhecer um emblema? Nem uma armadura real?

- Cavaleiro de verdade não deixaria um homem como aquele machucar mulheres.

O cavaleiro compreendeu o conflito, abaixou a própria espada em punho e disse com uma voz amistosa e compreensiva:

- Olha, filho, você está certo. O conde exagerou um pouco. E nos pegou de surpresa, mas foi só isso. Entendeu? Apenas isso; uma distração nossa e um ato exaltado da parte dele. Um erro que não vai se repetir, tem a minha palavra. Vamos fazer assim: você fica calmo, nós resolvemos a pendência que existe por lei e ninguém mais sai machucado, ok?

João Hanson abaixou a espada. Maria e Ariane relaxaram um pouco a tensão que estava lhes sufocando a garganta e *tentaram* voltar a respirar. O conde disse:

- Ora, então tu és o famoso herdeiro Hanson? Teu pai parece ter muito orgulho de ti.

- Por favor, não diminua o nome de meu pai colocando-o em sua boca.

O conde cuspiu, irritado com a ousadia.

- Pois então tu irás cumprir a parte que vosso pai não pode

mais.

Ambos irão servir a mim com sangue, e com tudo o mais que eu desejar de acordo com minhas vontades e meu direito consentido.

- E se um de nós se recusar? - perguntou João Hanson.

- Tu queres saber agora ou depois da morte de vosso pai?

Silêncio. O conde continuou:

- Na prática, sereis presos e condenados por não cumprirem

um acordo estabelecido em nome de uma *família*. Isso

falamos de *agora*, mas existem consequências mais

profundas. Ambos sabemos que vosso pai está mal. E

segundo o que fora tratado em outra época, antes que tais

acordos fossem proibidos novamente, a alma dele, quando

partir, irá servir em Aramis como escrava de demônios, até

que outra alma peça para servir em seu lugar. *Se* alguma pedir

para servir em seu lugar.

E Maria Hanson se lembrou das palavras de seu professor

Sabino von Fígaro ditas tempos antes, diante de uma

investigação em uma casa supostamente marcada por uma

bruxa.

Aposto no motivo de um trabalho!

E de sua própria ignorância à época.

"Trabalho"? E como uma bruxa pode trabalhar para alguém?

E da surpreendente resposta.

Através de um pacto, senhorita Hanson. Na época da Caçada

de Bruxas, muitas das pessoas presas e interrogadas haviam contratado bruxas para cumprir determinados rituais.

Maria começou a gritar com os soldados, em choro:

- Como? Como vocês podem permitir uma coisa dessas? Isso é *bruxaria* ! Vocês não deveriam permitir isso!

- Senhorita, não podemos interferir em acordos selados de forma legal entre ambas as partes - disse o cavaleiro, desconfortável. - Além do mais, não gostamos de nos meter em acordos selados com magia.

- Os *caçadores* renasceram - voltou a dizer a menina em choro. - Eles podem *anular* isso. Eles podem até mesmo...

- Antes que digas algo do qual irás se arrepender, senhorita...

- continuou o conde -... acho melhor te informar de que minha vida está ligada ao pacto e à assinatura com sangue de vosso pai. O que quer dizer que qualquer pessoa que me tome a vida estará atestando um pedido para servir no lugar de vosso pai como escravo após a morte.

- Não, isso é mentira...

- Não, Maria - respondeu Ariane. - Se o tio Hanson assinou realmente com o sangue dele aquele documento escrito sob as Leis Antigas, então o velho sem noção tá certo. Quem matar ele vai ter de tomar o lugar do outro, de escravo de bruxas depois da morte.

Maria continuou chorando, tão assustada, que nem mesmo se questionou sobre *como* Ariane poderia entender de bruxaria.

- Como podes ver, tratamos hoje aqui sobre um pacto capaz até mesmo de assustar *caçadores*.

João olhou para a irmã. Maria estava assustada e trêmula. Não sabia que argumento usar, e via-se que estava se culpando de não tê-lo escutado antes. Antes que chegasse àquele ponto, e talvez outros especialistas em Leis Antigas pudessem ter sido consultados.

E então João Hanson viu o sangue no nariz de Ariane Narin. E o mundo dele tomou outra forma.

- Cavaleiro, estamos hoje aqui para tratar de assuntos envolvendo Leis Antigas, todos estão de acordo?

Hector Farmer e Paulo Costard se olharam curiosos, do lado de fora, tentando entender onde João Hanson queria chegar com toda aquela história.

- Sim, perfeitamente.

- E qual o direito de um homem ofendido diante de outro que ofende sua honra?

- De que tipo de ofensa fala, filho?

- Da ofensa à honra e à moral por parte de um estranho que ousa erguer a mão contra a mulher do ofendido.

Os soldados morderam os lábios. Enfim, eles haviam compreendido aonde aquele adolescente queria chegar.

E admitiam para si próprios que um menino tinha de ser muito homem para fazer aquilo.

- O direito a um duelo de vida ou morte em nome da honra

do ofendido.

- E como falamos hoje de um pacto estabelecido sob a base de tais leis, então também me julgo no direito de invocá-las.

O conde soltou uma gargalhada estridente.

- Garoto, compreenda o seguinte: mesmo se tu me matasses em teus mais profundos sonhos, ainda assim eles virariam pesadelos porque isso não inviabilizaria o pacto anterior. De qualquer maneira, tu servirias no lugar de teu pai em Aramis, e tua alma seria torturada e tomada como escrava por bruxas muito piores que Babau.

João Hanson não manifestou surpresa. E só então o conde compreendeu.

- Oh, agora compreendo. Tu sabes disso - concluiu o conde surpreso. - E tu até mesmo *desejas* isso...

Os soldados se olharam surpresos. Até mesmo o protetor de Conde Desmond guardou sua espada, surpreso e respeitoso diante da atitude.

E João Hanson, para embasbacar de vez todos os presentes, concluiu dizendo:

- Conde, você demonstra falta de nobreza, covardia, mentiras e arrogância: tudo, tudo o que mais aprendi com meu pai a menosprezar. Entretanto, por mais antigas que sejam as leis, ainda existem leis semi-divinas que nos protegem de pessoas como você. E que representarão justiça acima das injustiças que beneficiam pessoas da sua laia.

O conde esquelético fechou a expressão, deixando-a dura e muito séria. E foi assim, com essa expressão, que ele escutou João Hanson dizer:

- E é sob essa bênção das Leis Antigas e de leis maiores, e é diante desses soldados que me são testemunhas da ofensa dirigida à minha mulher, que eu convoco a Lei conhecida como o *Tribunal de Arthur*.

Os soldados deixaram os queixos tombarem, com as bocas abertas. Aquilo... aquilo era fantástico demais até mesmo para eles, que nunca haviam visto nada como aquilo.

As crianças de Andreeanne costumam ser fascinadas pela história de Primo Branford.

O Tribunal de Arthur. A Espada na Pedra.

Você era a única que sempre se interessava muito mais pela de Arthur Pendragon...

A Lei da Verdade acima de qualquer magia.

- Moleque atrevido! - disse furioso o conde. - Quem pensas que és, sobrenome impuro? Teu pai servirá acorrentado e será todos os dias torturado por demônios, esperando apenas a hora em que tu irás tomar o lugar dele, e eu vou adorar escutar teus gritos daqui. Pois queres saber? Eu *recuso* o pedido!

O cavaleiro que comandava a situação tomou a palavra:

- Conde Edmond Dantes, como disse o *senhor* Hanson presente, nós todos somos testemunhas da agressão contra a futura *senhora* Hanson da sua parte, o que dá ao ofendido o

direito de requisitar as mesmas Leis Antigas nas quais o senhor se apóia.

- Pare de falar como se ambos fossem casados! Estamos falando de duas crianças!

- Na verdade, eles estão na condição de *noivos*, senhor. Pode reparar que ambos usam o mesmo cordão; um *cordão de compromisso*. E pelas leis de Arzallum, noivos ou casados possuem os mesmos direitos de honra.

O conde chegava a espumar ódio.

- Pois bem, meu *protetor* irá tomar meu lugar na batalha de honra.

- Isso seria permitido em duelos de honra *comuns*, conde Edmond - continuou o cavaleiro, ciente de que estava a cada palavra irritando ainda mais aquele homem. - Mas estamos falando do Tribunal de Arthur, uma lei acima até mesmo de tratados de magia e que exige que ambas as partes se apresentem à meia-noite para sua submissão a sua ofensa, ou para o duelo em nome da honra do ofendido.

O conde continuou espumando raiva. Arregalou os olhos para seu protetor.

E o espadachim bigodudo, sem pensar no que estava fazendo, arrancou sua espada da bainha e avançou furiosamente para matar João Hanson.

Brança Coração-de-Neve ainda sentia enjôos e ataques de tonteira violentos. Tentou sair da carruagem enquanto escutava ao fundo gritos de soldados sendo mortos por criaturas nascidas de pesadelos. Ela não sabia direito o que estava acontecendo; apenas escutava o barulho de aço cortando o ar e ESTRONDOS batendo em escudos, seguidos de gritos brutalmente interrompidos.

Tentou correr, mas caía várias e várias vezes. Algumas delas por causa dos ataques de tonteira, provocados por um ar cada vez mais rarefeito. Ou que para ela *parecia* cada vez mais rarefeito. Outras, por causa das pernas que cada vez pareciam menos sensíveis. Branca começou a se desesperar *de verdade*, muito mais do que com seres fúnebres sobrevoando por sua cabeça e devorando carcaças de soldados feito abutres, quando percebeu que *não sentia mais* a sensibilidade dos dedos dos pés. Na verdade, estava cada vez mais difícil até mesmo seus pés obedecerem a suas ordens mentais, recusando as informações enviadas pelo sistema nervoso.

Ao redor dela havia aproximadamente treze criaturas daquelas. Muito, muito mais do que o suficiente para eliminar um grupo de quarenta soldados, coisa que duas, ou talvez até mesmo uma, já seriam capazes. As asas que lembravam grandes asas de morcego se agitavam e cortavam o ar com um

barulho de ordem macabra, capaz de fazer um homem vomitar seu almoço. Seus rabos grossos se agitavam sem parar como os de uma ratazana recém-engolida em espasmos na boca de um gato. Suas bocarras lembravam a boca de sapos e, quando abertas, eram maiores do que todo o resto do rosto junto. Olhos de lagartos; dentes curtos para o tamanho da boca que sugavam sangue feito bichos-vampiros.

Era isso; era isso que Branca Coração-de-Neve tinha de *aceitar* estar vendo, enquanto *tentava* fazer seu corpo obedecê-la. Só que as pernas já não o faziam mais. E, em breve, parecia que o resto do corpo faria o mesmo.

Foi assim que a princesa resolveu aceitar seu triste destino.

Principalmente se tal aceitação servisse para atenuar o conhecimento da existência de seres que não deveriam existir naquele plano de existência. Não *naquele* plano.

E foi assim, com esse pensamento, que Branca Coração-de-Neve sentiu as garras de um daqueles demônios alados a erguerem alguns metros. E a bocarra de dentes curtos se abrir. E, logo em seguida, se fechar.

26

O cavaleiro com barba malfeita até *pensou* em fazer alguma coisa para evitar aquele ataque súbito, mas já era tarde demais. Quando soldados correram para cima dele, também Hector Farmer e Paulo Costard sentiram o coração acelerar pela situação já fora de controle. Pois uma coisa é você querer ver alguém humilhado, destituído de algo, desonrado, talvez até preso.

Oura coisa é querer ver esse mesmo alguém *morto*.

Ariane Narin gritou em desespero o nome do jovem que aprendera a amar. Maria Hanson gritou o mesmo nome. Mas ninguém, ninguém poderia chegar primeiro à frente do alucinado, antes que a espada se encontrasse com um João Hanson em trêmula posição de guarda, portando uma grossa espada de madeira.

Ariane automaticamente, em puro reflexo involuntário, procurou por Beanshee nos arredores, temendo pela visão da ruiva chorosa.

E descobriu que, ao menos naquela tarde, ela *não* estava ali.

A espada de aço se chocou contra a réplica de madeira, e, por mais que fosse uma réplica, a espada de madeira era grossa e pesada e começou a ser desgastada a cada golpe, mas aguentou a maioria. Aguentou quantos foram precisos.

Aguentou até mais do que o suficiente.

As lâminas se cruzaram em velocidade, uma, duas, três, quatro, cinco, seis.

Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita...

Os soldados travaram por um momento, impressionados e *chocados* com o que estavam vendo. O fato era que, apesar da inexperiência visível e do medo que percorre um primeiro combate real (e em consequência todos os seguintes), a movimentação de João Hanson era a movimentação de um *aprendiz bem treinado*. Um aprendiz em atividade.

Um aprendiz de espadachim.

O que é isso que você está contando de esquerda pra lá e direita pra cá! Tá tendo aulas de dança agora?

Um aprendiz dedicado, que dedica boa parte de seu tempo a aperfeiçoar uma técnica ensinada por alguém competente.

Não, pô! Isso é da aula de... xadrez.

E foi então, e foi só então, que Maria Hanson arregalou os olhos, o coração parou, e ela entendeu.

Esquerda, direita, esquerda, direita...

A contagem. A maldita jogada de xadrez. O passo de dança.

Jogadas de tabuleiro?

O mantra.

Por aí...

Em velocidade, a espada de madeira de João Hanson se chocou uma vez pela esquerda com a do atacante bigodudo.

Esquerda.

E, então, outra pela direita.

Direita.

E, ainda em velocidade impressionante, de novo pela esquerda e direita em mais uma, duas, três, quatro vezes.

Esquerda, direita, esquerda, direita...

João subitamente ergueu a espada acima da cabeça, preparando-se para descer com vontade do topo e rachar o crânio de seu adversário. O bigodudo em reflexo colocou sua espada em um movimento de defesa para cima.

Uma Unta...

Foi quando a grossa espada de madeira desceu como se fosse um machado na direção do joelho direito do inimigo.

A rótula do espadachim saiu do lugar.

Embaixo...

O corpo do bigodudo arqueou no chão, enquanto ele GRITAVA! E quando o tronco ajoelhado ficou mais baixo, e no tamanho de sua altura, João Hanson finalizou sem piedade.

Direita.

A espada de madeira desceu tão violentamente, mas tão violentamente na direção do rosto daquele homem, que, no segundo antes do golpe, o mundo pareceu girar em velocidade mais lenta quando a arma

EXPLODIU em dezenas de fiapos e lascas de madeira para tudo quanto foi lado, enquanto o rosto do protetor de conde Edmond virava cuspidando sangue, em meio a nuvens de grosso

cerne de árvore esculpida.

Ariane Narin correu na direção de João e se jogou em cima dele com lágrimas nos olhos, pelo medo de *quase* tê-lo perdido pela *segunda* vez.

E então, quando o rosto dela se separou do ombro dele, ela enfiou a língua na boca do garoto, e aquele foi o melhor beijo da vida de João Hanson.

Ao fundo, Maria Hanson e os soldados reais presentes ainda estavam em choque diante daquele adolescente que havia colocado para dormir, e se poderia dizer que até mesmo aposentado de vez, um espadachim experiente.

E isso sem comentar as expressões de Hector Farmer e Paulo Costard.

Já conde Edmond, não. O Conde de Ódio não olhava para aquele menino com raiva dessa vez. Nem com desprezo. Nem com deboches.

Eu convoco a Lei conhecida como o Tribunal de Arthur.

Conde Edmond olhava para João Hanson e a única coisa que conseguia sentir daquela vez, naquele inacreditável instante, era medo.

27

O ser alado tombou com a princesa ainda entre suas garras, após subir alguns poucos metros do chão. Branca nada sentiu.

Na verdade, já não estava sentindo mais nada abaixo da cintura. Mas de uma coisa, ao menos, ela podia ter certeza, embora a princípio fosse um raciocínio difícil de acreditar.

O demônio escuro em forma de lagarto-morcego estava morto.

Os outros doze bichos conjurados de Aramis interromperam seus banquetes de corpos de soldados mortos e viraram suas atenções para o companheiro que guinchara anunciando a morte, após ter a vida ceifada e a alma arremessada de volta ao plano de onde não deveria ter saído. E então os bichos subiram aos céus de uma forma reunida para tomar o lugar do irmão derrotado naquela batalha.

E Branca Coração-de-Neve enfim vislumbrou o que havia lhe salvado. E o que seria naquele dia o primeiro milagre de sua salvação.

Pois é um fato, diz a lenda, e a lenda quem diz é o povo, que existe uma montanha para cada anão. Para que nasça um, outro tem de morrer, pois esse número sempre é perfeito. Não se sabe se a lenda é verdadeira ou não, mas naquela região existiam sete montanhas.

E eram sete os seus Mestres Anões.

- São demônios Baktshis - disse Mestre Orgulho, o Mestre dos Mestres Anões, de braços unidos, com uma manta que lhe cobria os dois antebraços como se fossem um só. - Eles são cegos, guiam-se pelo olfato na busca por sangue, cujas terminações nervosas ficam espalhadas nos próprios dentes da bocarra.

E um dos Baktshis avançou furioso sobre o grupo, em um rasante capaz de produzir assobios.

- Por mim, essas terminações nervosas poderiam se espalhar até mesmo pelo...

- Ira...

Mestre Ira, o Mestre Anão Zangado, saltou à frente com seu martelo gigantesco nas mãos. A arma rodopiou uma única vez, e o choque do bater contra os dentes da criatura foi tão violento, mas tão violento, que doze dentes foram quebrados com uma única pancada. A criatura voou mais alguns metros, desnorreada, até tombar com um guincho característico de derrota.

E então os outros se posicionaram. Sabe, eram raras, muito raras as vezes em que os sete se reuniam. Quando isso acontecia, porém, meu amigo, eles eram capazes de desconjurar demônios. De destruir avatares. De modificar a energia de Nova Ether. E, se ali estavam todos juntos mais uma vez, era porque havia um *grande* motivo, algo importante do qual eles tinham de tomar parte, ou para interceder pela

humanidade.

Mestre Gula, o Mestre Feliz, sempre achava graça do jeito irritadiço de Mestre Zangado.

- Ira não perde mesmo a iniciativa, não é? - disse, enquanto mordida um grande pedaço de melancia. - Nem esse jeito destrutivo de agir.

- Não há como ser diferente - disse Mestre Orgulho. - Ira sempre gera destruição.

Mestre Inveja, o Mestre Espirro, tomou a palavra, enquanto os seis assistiam Ira destroçar um demônio atrás do outro.

Sozinho.

- Achas que eu deveria *copiar* algum desses demônios?

- Não - respondeu Mestre Orgulho. - Não é necessário.

Apenas Ira já seria capaz de abater *todos* eles. Mas devemos tirar a princesa do campo de guerra, pois Ira não é capaz de discernir aliados de inimigos quando em fúria de batalha.

Um demônio Baktshi prendeu Mestre Ira entre as garras, no intuito de erguê-lo e soltá-lo de altura suficiente. O Mestre Anão não apenas lhe quebrou uma das patas como escalou por ele e começou a cavalgá-lo, girando o martelo de guerra e derrubando outros pelo caminho.

- Sórdido... - disse Mestre Orgulho.

Mestre Sórdido, chamado entre os homens de Mestre Dunga, como sempre, vestia trapos e tinha uma aparência suja, ao menos perto da aparência mais sábia dos irmãos. Caminhou

com sua bengala, devagar, alguns passos, e então começou a murmurar palavras estranhas em sussurros que apenas os mortos poderiam escutar.

- Gula, tire a princesa de lá agora. E cuidado com as pernas dela.

- O que há com ela?

- Tu saberás.

Em um momento, Mestre Gula estava de pé, terminando sua melancia. Em outro, corria de maneira sobrenatural por aquele campo, esquivando-se de garras de demônios ou corpos de Baktshis que caíam dos céus, na direção do corpo caído da princesa. Agarrou-a em um único movimento, enquanto ao fundo o fúnebre talento de Mestre Sórdido tomava forma.

- Sabes... - disse Mestre Luxúria, conhecido entre os homens, e mais ainda entre as mulheres, pelo *curioso* apelido de Mestre Dengoso. -... a princesa poderia me ser o estímulo para derrubar...

- Esquece - cortou logo Mestre Orgulho. - *Não* será preciso...

- Estraga-prazer...

E nos olhos de Mestre Sórdido brilhou uma luz escurecida e acinzentada.

O Mestre Anão continuou a dizer suas palavras sussurrantes, e então se escutou um contínuo som de ossos sendo *recolocados* no lugar. Era um som medonho que mais lembrava zumbis saindo de catacumbas.

Aliás, era *exatamente* isso que tudo aquilo lembrava.

Mestre Sórdido havia escolhido onze dos abatidos. Os onze corpos que *ainda* possuíam a cabeça. E, pouco a pouco, como se não houvessem aceitado a morte, eles se levantaram, e em seus olhos também brilhava uma luz acinzentada.

Demônios ainda não abatidos se confundiam diante daquele cenário, pois o olfato espalhado nas terminações de seus dentes fazia com que sentissem um cheiro ao mesmo tempo de vida (sangue) e morte (enxofre) em um mesmo corpo. Sem saber como reconhecer aquilo, eles ignoraram os renascidos.

E cada vez que voavam próximos a eles, lâminas e espada e machados cortavam o ar e decepavam asas ou cabeças.

A cauda de um Baktshi ESTALOU, acertando Mestre Zangado no meio do peito, jogando-o a muitos, muitos metros de distância. E ninguém sabe dizer precisamente se isso poderia ser dito, mas... bem... Mestre Ira ficou possesso.

- Tens certeza de que devemos ficar olhando isso? Insisto que se copiasse...

- Penses no que estás dizendo, Inveja. Tu queres mesmo te meter em uma briga iniciada por Ira?

Mestre Espirro ponderou e concordou com Orgulho.

Mestre Gula já havia cruzado em velocidade o campo de batalha, entre corpos e destroços, entre morte e violenta luta, e trazido a princesa para próximos deles.

Ao fundo, havia o som das três últimas criaturas ainda

remanescentes de Aramis. Duas delas pareciam muito com os outros. A terceira, não. Por algum motivo era maior, mais volumosa e três vezes mais assustadora que as outras duas.

Obviamente, fora essa terceira que golpeará Mestre Ira.

Um dos soldados *desmortos* de Mestre Sórdido, com seus olhos acinzentados brilhantes, mirou uma flecha na direção do Baktshi maior. O martelo de Mestre Zangado fez com que o *corpo* subisse aos céus como se fosse um leve espantalho.

- AQUELE É MEU! - Mestre Ira gritou. - Vira teus

brinquedos para quem necessita deles! Ira não precisa de nada. Ira complementa a si próprio. Ira é *forma única*.

O imenso Baktshi avançou sobre o Mestre Anão em cólera.

Os olhos de Zangado se acenderam em vermelho. E o mundo passou a girar mais rápido.

As garras desceram, e o Anão pulou! O martelo girou, e ouviu-se um ESTRONDO quando algum osso do bicho se partiu! A grossa cauda mais uma vez ESTALOU e voou na direção daquele ser brutalizado e destrutivo outra vez.

Novamente Ira saltou e, então, desceu o martelo com as duas mãos na direção daquela *maldita* cauda.

O bicho sentiu terminações nervosas que passavam por ali serem esmagadas. E guinchou, guinchou como um possuído, tamanha a dor provocada pelo estilhaço dos nervos.

Em um ato reflexo, a bocarra se abriu e o tronco se jogou para a frente, na tentativa de abocanhar seu agressor em uma ação

suicida. Surpreendentemente, Mestre Ira saltou *para dentro* da boca que se fechou.

Nenhum Mestre Anão pareceu surpreso ou abalado. Houve silêncio.

E então os dentes do bicho EXPLODIRAM de dentro para fora.

- Para que tamanha brutalidade, não é verdade? - perguntou Mestre Luxúria.

- Ira não sabe fazer as coisas de outra forma - respondeu Mestre Orgulho.

- É porque ele não conhece outras coisas boas da vida, com que ele poderia *desestressar*...

O Mestre Anão saiu da boca do Baktshi abatido, impregnado por uma substância pastosa. Ao redor, soldados *desmortos* terminavam de cortar membros dos dois abatidos que faltavam e voltavam a falecer após cumprirem seus desígnios, se isso fazia algum sentido. Na verdade, não é que exatamente voltassem a falecer. Na realidade, após a liberação de Mestre Sórdido, seus corpos *voltavam* a ser cadáveres.

As atenções de todos os Mestres Anões se voltaram para a princesa Branca Coração-de-Neve.

Mestre Orgulho tocou-lhe as mãos e sentiu a pele mais áspera do que deveria.

- O que é isso? - perguntou Mestre Gula. - Que tipo de magia é essa?

- *Pele de Espelho* - Mestre Orgulho respondeu, e todos os presentes demonstraram surpresa. - Pouco a pouco a pele vai criando uma camada que lembra vidro. Os poros vão sendo fechados, e a pele não respira. Até que isso chegue à boca, que não vai mais se abrir. E, quando ao redor do nariz também se tornar vidro, ela deixará de respirar.

- Quanto tempo ela ainda tem? - perguntou Mestre Luxúria.

- Talvez um dia. Talvez menos que um.

- Existe uma contra-magia?

- Existe - respondeu Ira, se aproximando. - Já fui até mesmo quase testemunha dela. Mas não é nenhum de nós que pode executá-la.

- É verdade - complementou Orgulho. - Mas podemos chamar até nós aquele que possa...

E todas as atenções se viraram para o último Mestre Anão presente. E Orgulho conclamou:

- Sono...

E Maria Hanson chegou ao Grande Paço esbaforida, exigindo a presença de Áxel Branford. O príncipe vacilou para se decidir entre vê-la ou não, achando que a jovem havia se dirigido até lá para tomar satisfações sobre o último encontro dos dois. Satisfações que ele sabia que ela merecia, mas seriam momentos difíceis e desagradáveis.

Mas foi só ver a expressão da garota quando ela adentrou o Salão Real, com os olhos vermelhos de quem passara horas a chorar em desespero solitário, que ele percebeu que o assunto pelo qual ela lhe fora procurar era muito, mas muito mais sério do que poderia parecer.

Áxel então descobriu que haveria um surpreendente *Tribunal de Arthur* à meia-noite daquele dia e que João Hanson lutaria até a morte contra o conde Edmond Dantes pela honra da família Hanson.

Áxel prometeu a ela estar presente e fazer tudo o que lhe fosse possível.

E, verdade seja dita, ele o faria realmente.

29

Em Sherwood, os preparativos para a guerra que definiria o futuro daquela província corriam. Jovens inflamados por discursos inspirados que se uniam à fileira dos revolucionários, apoiados no conhecimento geral de que Robert de Locksley estava de volta, e dessa vez para libertar aquelas terras. Snail Galford continuava treinando meninos órfãos das mais diferentes espécies e nacionalidades, e o mundo girava cada vez mais ufanista e perigoso quando girava por ali.

- Robert, os preparativos estão correndo como pensamos, mas ainda temos um problema *grave* - disse Pequeno.

- Eu sei. Nós *ainda* temos dois exércitos para enfrentar no mesmo campo de batalha.

- E *como* vamos fazer isso, Robert? Como faremos isso sem Arzallum?

Robert expirou pesado. Aquilo estava começando a lhe irritar.

Arzallum deveria ter se unido a ele. Ao menos, à *causa* dele.

Qualquer homem que amasse a justiça o teria feito. Não?

- Robert...

Robert sabia, porém, embora fosse difícil de admitir, que era outra coisa que o incomodava tanto e tirava sua visão sempre clara dos próximos passos.

Diga-me: por que você acha que Stallia até hoje mantém

Sherwood sob seu poder?

Era o monge. O ex-revolucionário. O pacificador.

É por sua causa, Robin.

O Santo.

- Robert!

- O que foi, droga? - ele gritou com John Pequeno. - Não vê que eu estou me matando por essa resposta? - ele começou a

falar alto, embora parecesse estar falando consigo próprio. -

Não vê que eu estou tentando encontrar uma saída para

vencermos esse desafio? Será que é tão difícil as pessoas

entenderem que é por elas que eu... que eu estou... por que eu

tenho de resolver tudo sozinho?

- Você não tem...

- Onde está o milagre prometido? Por que ninguém vai ao

túmulo de Merlim, retira uma flor e a entrega para Ferrabrás?

Talvez o coração dele se purifique, e ele desista de entrar no

campo de batalha e dizimar inocentes ou opositores.

- Você está perdendo o foco... - disse um John Pequeno

irritado.

- Ah, eu estou? Eu estou? - ele voltou a gritar. - Pois então,

vamos testar agora o seu milagre tão procurado!

E Robert apanhou um arco e uma flecha de cima de uma mesa

e saiu do casebre onde estava, se dirigindo a passos

apressados na direção dos jovens que almoçavam frutas. John

Pequeno correu assustado atrás dele. Havia um grupo de

meninos conversando, enquanto mais ao fundo Snail Galford e Liriel Gabbiani faziam o mesmo.

Robert se aproximou dos dois com um olhar nem um pouco amistoso e perguntou:

- É ela?

Snail não gostou daquele *tom*. Mas respondeu.

-É.

Liriel não gostou nem do tom nem da própria tentativa de descobrir o que significava aquelas curtas palavras.

- Então é *ela* o nosso milagre? É ela a *menina especial*? Pois vamos ver logo de uma vez qual será o futuro de Sherwood em suas mãos!

E Robert de Locksley empurrou Liriel na direção de uma árvore, de forma bruta. Snail Galford e John Pequeno ficaram sem saber como reagir, um pouco chocados com a atitude e aquele temperamento explosivo que não era dele. Locksley havia entrado para a história como um idealista, brincalhão justiceiro, pregador de peças mortais.

Aquele homem ali, porém, era diferente.

- Fique aí! - ele ordenou a ela quando a encostou na árvore.

Locksley se afastou aproximadamente uns cem metros. Talvez um pouco mais, mas apenas um pouco.

E então, para choque geral, armou o arco e a flecha na direção do coração de Liriel Gabbiani.

Acaso já viu uma flecha lançada retornar?

Lady Marion viu a cena de longe e correu na direção dele.

- Robert! O que pensa que está fazendo?

- Locksley! Para com isso, Locksley! - gritou John Pequeno em desespero.

Snail Galford tinha o coração batendo tão acelerado, mas tão acelerado, que os batimentos reverberavam até a caixa craniana e tocavam música para o cérebro.

- Vocês não acreditam em um milagre que vai nos salvar em uma Era Nova? Por que não conhecê-lo de uma vez?

Pendure-me numa garrafa feito um gato...

Os dedos começaram a liberar a flecha. E o arco implorou pela liberação da corda.

... e a tire em mim...

- Locksley!

- Robert!

... e aquele que atirar em mim...

- Se ela não conseguir... bom... não iremos todos morrer no campo de batalha do mesmo jeito? Ou então espetados em praça pública como Adam Bell?

... deixem que receba tapinhas nos ombros...

Ele resolveu que aquilo já tinha sido suficiente para servir de catarse a tudo o que andava sentindo ultimamente e se preparou para abaixar o arco.

... e que o chamem...

E foi quando ouviu o último grito.

Adam.

- *Robin!* - Marion gritou, e o *apelido* bateu fundo dentro dele. Porque trazia mais uma vez a lembrança do monge e das palavras do monge. E trazia lembranças de uma parte dele que a cada dia parecia mais distante e difícil de lembrar.

O resultado foi que os dedos vacilaram e a flecha se soltou.

30

Onde está Anísio? - perguntou Áxel em agito a uma das servas do Grande Paço. - Rei Branford estava se sentindo muito cansado e foi tomado por uma repentina ânsia de sono profunda, da qual pediu para não ser acordado...

Aquele inexplicável sono repentino não iria durar muito.

Apenas o suficiente.

31

A flecha voou em linha reta na direção do coração da garota.

Liriel não conseguiu *pensar* no que estava acontecendo. Não havia tempo nem oportunidade para lógica em situação tão mortal. O que aconteceu na visão do mundo dentro de sua mente, naquele instante, deveria ser tratado como um puro *ato reflexo*. Um ato de sobrevivência.

Na testa, mais uma vez veio a dor de dentro para fora, do momento em que tinha de *forçar*. Forçar para *mexer*.

E o Tempo, mais uma vez, correu diferente para ela.

Acaso já viu uma flecha lançada retornar?

A flecha que demoraria *quase* um segundo para percorrer aquela distância, para ela, demorou mais. Pelo menos três vezes mais. Os olhos arregalados, a boca aberta, o coração nervoso. A flecha vinha em sua direção, e ela *achava* que poderia desviá-la. Apesar dos métodos violentos, o maldito negro havia conseguido. Liriel nunca havia compreendido de forma tão plena o mecanismo de tudo aquilo que ela era capaz de fazer, sabia-se lá por que motivo.

E foi assim que ela esticou a mão para mexer a flecha.

E ouviu o barulho da ponta se CRAVANDO na árvore, logo ali ao seu lado, na altura do coração.

- Você está maluco, Robert? - gritou Marion, na cara dele. -

Aliás, você é Robert de Locksley? Você é aquele pelo qual

esses meninos estão aqui esperando para lutar? Porque, sinceramente, eu *não* o conheço! E não é por você que eles querem entrar naquele campo de batalha para morrer, seu maldito!

Pensar sobre isso lhe faz respeitar cada flecha que lança na vida.

Locksley estava assustado.

Adam.

Ao redor dele, os rostos de centenas de jovens também.

Eles temem o que vem de você, Robin, e o que você irá transmitir.

Do outro lado, Liriel Gabbiani estava junto ao corpo de Snail Galford, o salvador que a havia puxado para si em um ato reflexo *milagroso*, que impediu que a flecha lhe atravessasse o coração.

É por isso, e é apenas por isso, que Sherwood não é livre.

E Robert sentiu medo. Medo de si próprio. Medo de tudo o que estava fazendo. O medo de sua causa não ser justa o suficiente para o que ele estava fazendo; medo de ter coletado espíritos que não deveriam morrer por ordens suas.

Por sua causa.

Robert de Locksley olhou para Lady Marion com a mesma expressão de uma criança que sabe que cometeu um erro, diante de um pai severo prestes a reprimi-lo.

Já Marion suspirou um pouco mais leve após tal olhar.

Ao menos, *aquele* Locksley ela reconhecia.

- Senhor Rumpelstichen... - disse um Rei extremamente tenso diante de um barão-gnomo. - Se ainda estiver de pé vosso desejo de auxílio com vossa tecnologia em um momento preciso, diante das consequências de tua decisão em não comunicar a Arzallum o conhecimento da aliança entre Ferrabrás e Bravaria, gostaria de tomar conhecimento agora da ratificação.

- Vossa Majestade, minha palavra anterior ainda é a mesma de agora e de todos os tempos que virão.

- Eu preciso chegar de forma urgente a um lugar distante, e preciso de vós. De todos vós.

- É tão grave a situação, Majestade?

- Sim. Grave a ponto de eu não poder correr nem cavalgar.

"Grave o suficiente a ponto de eu precisar voar..."

33

Muitas horas avançaram, e a tarde deu lugar à noite em Arzallum. O horário de meia-noite estava se aproximando, e era hora de se dirigir ao local. Dois soldados reais já esperavam João Hanson do lado de fora do casebre, e ele naquele momento se despedia de uma mãe em lágrimas, com um terço com a cruz de Merlim nas mãos.

- Meu filho... meu filho, por favor, você não pode... você... não... pode... - a mãe começou a passar mal, e Anna e Golbez Narin a acudiram.

- Eu *tenho*, mãe.

Ele tomou a mão direita da mãe e a beijou.

- Eu peço a sua bênção, mãe.

Ela derramou mais lágrimas e disse entre soluços:

- Que... o Criador o abençoe... meu filho.

Maria Hanson tremia; Ariane Narin, também. A menina observava o corredor à frente do quarto de Hígor Hanson e via Beanshee ainda esperando.

- Você... não quer ver seu pai, João?

- Ainda não posso, mãe.

- Mas... meu filho., e se você não... - e a mãe começou a soluçar e a chorar agarrada ao adolescente, enquanto os pais de Ariane Narin tentavam consolá-la. - Você não pode... eu não vou deixar você ir... eu não vou deixar, meu filho... pela

segunda vez... não pela segunda vez...

- Mãe, soldados me esperam. Eu fiz o desafio. E o fiz *por ele*. Eu vou voltar. Eu juro a você que vou voltar.

A mãe ainda soluçava.

- Eu alguma vez não cumpri uma promessa feita a você?

Os pais de Ariane, aos poucos, a separaram dele, e ele se dirigiu à saída antes que a emoção da mãe piorasse. Afinal, não há como voltar atrás de uma requisição pelo Tribunal de Arthur. Não há mais acordos nem desistências. É um Tribunal que tem de ser executado. Pois é um tribunal de justiça semi-divina, em que acreditavam que o vencedor fosse aquele que o Criador desejasse e, por isso, o lado certo da questão em dúvida.

Com o desespero da mãe e a tocante devoção do filho, ninguém havia percebido Ariane no corredor, em frente a Beanshee. Bom, ninguém, menos a mãe.

- Ariane... é hora de irmos - chamou Maria Hanson. No caminho para a saída Anna Narin interrompeu a filha:

- Você falou com ela? - perguntou a mãe, em sussurros. -

Sobre... o Tribunal...

- Ela *quis* me dizer.

- Mas...

- Mas eu pedi para ela não me mostrar. Não *hoje* - e lágrimas desceram.

Anna compreendeu. Teria feito o mesmo no lugar da filha.

Todos os presentes abraçaram João Hanson forte, forte como se fosse pela última vez. O jovem não se comoveu com choros nem apelos, e sua expressão fria demonstrava que a mente já estava em combate.

E foi assim que, acompanhado de Ariane Narin e Maria Hanson, João Hanson partiu de casa para um combate de vida ou morte.

34

Lady Marion acordou próximo à meia-noite e viu Locksley sentado próximo à cama, com uma vela nas mãos.

- Não está conseguindo dormir? - ela perguntou.

- Eu já sei - ele disse, como se aquilo fizesse sentido.

"Eu já sei como vamos vencer a guerra."

O lugar marcado era uma clareira, não muito afastada.

Quando João Hanson chegou ao local, o rapaz ficou muito, muito surpreso. Afinal, havia ali pelo menos, contando por alto, umas quinhentas pessoas. A história do menino que escapara da morte na casa de uma bruxa para sobreviver e desafiar o Conde de Ódio para um duelo de honra em nome da garota amada e do pai condenado era capaz de arrepiar o mais apático plebeu.

João Hanson chegou de mãos dadas com Ariane Narin, e a reação de todos foi imediata.

As pessoas apontavam para ele e o aplaudiam, como aplaudiram Áxel Branford tempos antes no Punho De Ferro, e erguiam tochas como também o haviam feito antes. Áxel *também* estava ali, no centro da arena armada, o que só aumentava o fascínio daquela população.

Os amigos de João Hanson foram até ele e o abraçaram, e disseram coisas que vinham do coração. E até mesmo Hector Farmer e Paulo Costard se aproximaram e vieram lhe dizer:

- Ei, Hanson. Nós... não esperávamos que *isso tudo* fosse acontecer. E...

- A gente nunca desejou que você *morresse*, Hanson.

- E... ainda que a gente não vá com a sua cara... eu queria... nós queríamos lhe dizer que a gente acha você corajoso *por*

inteiro de pedir o Tribunal e entrar naquela arena.

João Hanson caminhou na direção da arena sem dizer nada.

No centro, a arena armada, delimitada por um círculo de pedras. Havia soldados que reforçavam os limites do ringue.

Bradamante e Ruggiero estavam entre eles. Havia Áxel, ao lado dele, o cavaleiro que testemunhara o desafio, e também um respeitadíssimo magistrado. Um representante máximo das leis de Arzallum, que faria valer as Leis Antigas.

A frente deles, uma pedra com uma pequena rachadura. João Hanson deveria apresentar uma espada de duas mãos. Caso suas posses não o permitissem, um representante do Rei deveria ceder-lhe uma. Áxel tinha um extenso embrulho nas mãos e, ao ver Maria Hanson, dirigiu-se até ela.

A menina o abraçou como se fosse ele o salvador do mundo.

E talvez para ela, naquela noite, ele o fosse.

- Graças ao Criador você está aqui! Eu pensei... eu pensei que não conseguiria...

- Eu lhe disse que viria. E faria o melhor que pudesse. Eu trouxe aqui hoje o magistrado mais respeitado de todo o Reino. Talvez o mais respeitado do mundo.

- Então ele conseguirá impedir isso tudo!

- Não, não se impede um Tribunal de Arthur. E um caminho sem volta.

- Mas... mas... mas... - e Maria Hanson começou a perder a voz e a ficar pálida. - Mas eu pensei que você iria fazer algo

pelo João...

- Eu vou.

Áxel retirou o extenso embrulho que cobria o presente e revelou uma bainha negra adornada com fios de prata cruzados, feita de couro esticado com varas de salgueiro.

Encaixada, havia uma espada de duas mãos que, se não era a mais bonita do mundo, além de não ser muito pesada (e por isso ideal para o tamanho de João Hanson), parecia ter participado de inúmeras batalhas e possuir uma aura poderosa ao redor de si.

- É... é *assim* que você pretende ajudar meu irmão?

Ajudando-o a entrar em um ringue onde ele poderá morrer?

Você... você...

Áxel *tentou* encostar nela.

- Maria, você tem de entender que seu irmão...

- Tire as mãos de mim!!! - ela gritou, histérica.

Desnecessário dizer como aquilo atraiu atenções gerais. - Não encoste em mim, Áxel! Eu estou cansada das suas falsas promessas! Não fale comigo; não olhe pra mim! Se o meu irmão morrer naquela arena, eu não quero ver você *nunca mais*, me escutou? *Nunca... mais!*

Áxel aquiesceu e disse:

- Ele *não* vai morrer naquela arena.

- Como se você pudesse ter certeza disso.

- Eu tenho.

Áxel se afastou, e Ariane consolou Maria, embora estivesse igualmente uma pilha de nervos.

Foi quando se escutou o silêncio e a explosão de vaias assim que conde Edmond chegou ao local. Ninguém gostava dele, e ninguém lamentou quando a Fazenda de Esqueletos fora queimada. As pessoas xingavam, arremessavam coisas, cuspiam, e o conde parecia transpirar mais cólera em cada reação controversa. Protegido por escudos de guardas, ele chegou até a arena armada entre círculos de pedras. E dirigiu-se até o centro.

Áxel levou a espada até João Hanson, retirou-a da bainha e disse:

- Esta espada é *Dharuma*. Não gosto de espadas e, quando as uso, prefiro as espadas mais leves. Entretanto, em jornadas importantes, costumo carregar esta arma como um *talismã*.

Foi com esta espada que meu pai iniciou a *Caçada de Bruxas!*

Foi com esta espada que eu arranquei a perna de Jamil

Coração-de-Crocodilo! E é com esta espada que você vai

matar o Conde de Ódio em um Tribunal de Arthur. Você está

me compreendendo, João Hanson?

João Hanson pegou com firmeza a espada e, com uma

expressão demoníaca que não parecia dele, caminhou para o

centro do círculo de pedras.

O cavaleiro o cumprimentou com um gesto de cabeça, em que

se reconheciam conceitos como *respeito* sem que nada fosse

preciso ser dito. O magistrado se apresentou:

- Senhores, eu sou Lorde Wilfred de Ivanhoé, sagrado magistrado por Rei Primo Branford após a Caçada de *Bruxas*, e representante máximos das Leis Atuais e das Leis Antigas de Arzallum. Estamos hoje diante de um Tribunal de Arthur em nome da honra de João Hanson contra conde Edmond Dantes. A parte ofendida deve ceder sua arma.

E João Hanson entregou a espada ao magistrado. O senhor devia estar na casa dos sessenta anos, com cabelos e barbas brancos que lhe davam um aspecto sábio, de quem adquirira sabedoria na experiência.

Ele pareceu reconhecer *Dharuma* quando a segurou.

- Senhores, com a autoridade a mim atribuída, eu estabeleço oficialmente, diante da permissão do sagrado Criador, o exercício do Tribunal de Arthur!

E a espada foi cravada na pedra.

Houve silêncio. Conde Edmond retirou sua espada da bainha, que lembrava um sabre com a lâmina um pouco mais pesada, e *esperou*. No pescoço, ele *ainda* usava o cordão preso com o anel de lenhador de Hígor Hanson. Todos sabiam que centenas haviam morrido em suas mãos ao longo de sua fascinante trajetória de vingança e que, por mais que a idade o tivesse possuído, ainda assim aquele homem era um espadachim habilidoso e experiente.

Lorde Ivanhoé se afastou, esperando João Hanson dar início

ao duelo quando estivesse pronto. Houve mais uma vez silêncio.

E João Hanson, sem demora e ainda com sua expressão demoníaca, foi até lá e retirou com as duas mãos, em um único movimento, a espada da pedra.

36

A princesa Branca Coração-de-Neve estava deitada dentro de um monumento de vidro, na Aldeia da Mina, aos pés da montanha de Mestre Orgulho. Cada uma das Sete Montanhas possui uma aldeia aos seus pés, e a raça anã presente costuma refletir as principais características do seu Mestre. Na montanha de Mestre Orgulho, onde todos os outros mestres anões gostavam de se reunir quando necessário, a maioria dos anões se dedicava a estudar escrituras e tentar progredir espiritualmente, dedicados como monges na busca por orientações semi-divinas.

A todo momento, o povo anão manifestava sua solidariedade com relação àquela triste história, e depositavam arranjos de flores ou postavam velas acesas sobre os pés daquele monumento de vidro. A princesa dormia como uma falecida, dentro de uma caixa de vidro fechada. A pele do corpo, cada vez mais áspera e refletora, já havia tomado quase todo o corpo, subido pelo tronco e passado pelo pescoço. Naquele momento, aquela crosta que lembrava vidro começava a lhe tomar a área ao redor das orelhas e dos olhos, dirigindo-se à boca e ao nariz.

- Mestre... - disse um monge anão, discípulo de Mestre Orgulho. - O que nós podemos fazer a mais, além de rezar com fé pela princesa de Stallia?

- Se vocês rezam com fé para o Criador por alguém em um desejo de altruísmo, o que sobra a temer?

- Mas, Mestre...

- Se o Criador está com vocês, quem estará contra? Humanos ou anões, somos todos criações amadas por semideuses.

Existem raças preferidas, mas nenhuma das quais se arrependam.

- Mas, além de nossa fé mais profunda, Mestre, ainda assim é preciso um milagre - insistiu o discípulo.

E um barulho ensurdecedor começou a tomar conta das estrelas das Sete Montanhas. Luzes tomaram conta do céu escuro, chamando a atenção de milhares de anões que se amontoaram em cada aldeia para apontar para aquilo que surgia dos céus e se preparava para descer na Montanha de Orgulho.

O discípulo olhou com Orgulho para aquilo que se aproximava. O Mestre Anão era apenas sorriso. - Não, é preciso apenas fé.

As espadas se cruzaram uma, duas, três vezes. Depois quatro, cinco, seis, sete.

Ao contrário de um torneio como o Punho De Ferro, o público dessa vez não gritava eufórico diante do embate entre os dois inimigos. Afinal, dessa vez estavam diante de um duelo de vida ou morte. Um duelo em que eles sabiam que *um dos dois iria morrer naquela noite*. Por isso, as reações que eram despertadas não variavam muito além de um silêncio angustiante que arpejava e fazia unhas se cravarem em peles e que provocava gritos de susto cada vez que uma lâmina passava próximo demais a um rosto.

O que mais impressionava era que João Hanson, o menino de quinze anos, por mais que estivesse nervoso, estava firme. E por mais que estivesse trabalhando como lenhador ultimamente, e ganhando algum porte físico com isso, ainda assim ele parecia saber manejar uma espada como se houvesse sido treinado anteriormente para isso.

Agora, imagine tudo isso junto na cabeça de Maria Hanson.

- Pelo visto, o jovem senhor Hanson a anda surpreendendo, senhorita Hanson.

Maria olhou para o lado em direção ao estranho e voltou a olhar para a luta com os nervos em frangalhos. E, então, o cérebro percebeu que não era um estranho, e ela voltou a

atenção para ele dizendo quase em choro:

- Professor...

Ela abraçou Sabino von Fígaro como abraçaria um avô, ou seu próprio pai, se ele pudesse ali estar. Ariane não conseguiu nem mesmo virar o rosto uma vez, arrancando uma lasca de unha atrás da outra, como se fosse uma águia renovando suas garras.

O povo gritou no momento em que o sabre fez um talo na altura do pescoço de João. Espadas se cruzaram mais uma, duas, três, quatro, João Hanson, mais uma vez, fez uma finta por cima. O Conde se preparou para defender o golpe.

E a lâmina de Dharuma correu em diagonal de baixo para cima, fazendo um rasgo no olho esquerdo do conde.

Edmond GRITOU e se afastou tocando o olho ferido.

- Seu... seu... seu... - o olho direito viu o sangue na mão.

Apenas o olho direito. E foi só então que o conde entendeu que o outro não estava apenas ferido, mas cego. Entendeu que, mesmo que vencesse aquele duelo, sairia dele para sempre com a lembrança eterna de uma visão a menos.

- Hanson! - berrou Áxel. Aquilo não deveria ser permitido, mas... bom... quem iria chamar a atenção do príncipe? - Lua crescente, em contra-ataque!

Na arena, João Hanson não se virou para Áxel Branford, mas, apesar de manter a posição de guarda, modificou *a forma* de segurar a espada, invertendo o punho superior no cabo.

E Maria Hanson *percebeu* isso.

- Professor... como... *como* ele entende esses termos?... - e

Maria pegou Sabino com as duas mãos e começou a agitá-lo, com desespero na voz. - Como João pode conhecer técnicas de espada, professor? Aquilo são movimentos... sei lá... de cavaleiros!

Sabino suspirou. E disse:

- Há tempos o jovem senhor Hanson está surpreendendo-a, Maria. Você apenas se recusou a enxergar...

E foi então, e foi *só então*, que Maria Hanson chegou a uma conclusão que seria difícil até mesmo para semideuses.

FLASH

- Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, uma finta, embaixo, direita.

- O que é isso, João?

- O que foi, garota?

- O que é isso que você está contando de esquerda pra lá e direita pra cá! Tá tendo aulas de dança agora?

- Não, pô! Isso é da aula de... xadrez.

- Jogadas de tabuleiro?

- Por aí...

Maria Hanson se afastou do corpo do seu professor, de forma súbita. Os olhos completamente arregalados.

FLASH

Catedral da Sagrada Criação.

- Ele é meio... fechado de vez em quando, desde... que aconteceu aquilo. Ele sofreu muito naquele episódio, sabe?

Ele ficou preso debaixo de uma escada, no escuro, sendo torturado todo dia por aquela... aquela...

- Eu imagino como deva ter sido traumático pra ele.

- Foi. Foi sim. Mas aos poucos ele tá superando, a gente é muito unido quanto a isso. Quanto a tudo, até. E ele é muito inteligente. Ele vai ser um grande pensador. Sabia que ele é de um clube de xadrez e tudo? Ele treina três vezes por semana.

Só que nunca me deixa ver!

- "Xadrez", né? Está aí algo que nunca pensei...

O coração de Maria Hanson batia acelerado. Mas batia muito acelerado. Suor começou a lhe escorrer pela testa como se fosse um ato de tortura.

"Xadrez", né?

Ela se lembrava da reação de Áxel. Ele havia sorrido diante do termo. Ela imaginou que ele estivesse surpreso *pela descoberta* no que o irmão dedicava seu tempo, mas...

Está aí algo que nunca pensei.

... agora ela se dava conta de que ele estava surpreso, na verdade, pela descoberta do que ela achava no que o irmão dedicava seu tempo.

E essa conclusão fez seus joelhos ficarem bambos, quando sua memória voltou mais uma vez ao inacreditável dia em que ela conheceu e saiu com Áxel Branford pela primeira vez. Dia

em que João Hanson e Ariane

Narin se meteram na carroça com feno para segui-la e descobrir quem era o audacioso rapaz que *ousava sair com uma Hanson sem antes pedir permissão.*

E essa lembrança lhe embrulhou o estômago.

FLASH

- João! Mas o que você está fazendo aqui?

- Eu não sou fã de ninguém! Estou aqui pra saber quem é esse sujeito misterioso que ousa levar você pra sair sem pedir permissão pra mim e pro papai!

- Não! Eu não acredito que você fez isso, garoto!

- Ora, estou fazendo meu papel de homem! Além do mais, você lá sabe se esse cara é de família? Ele pode ser um tarado... ou um aproveitador de donzelas... ou... ou... um príncipe...

O menino havia gelado naquele momento. Congelado.

E Maria, como qualquer outra pessoa sensata no mundo, interpretou aquilo como um choque natural de um menino plebeu que descobre que sua irmã plebeia está saindo com o príncipe de seu Reino. Mas, analisando naquele momento, aquele raciocínio mudava completamente.

A reação de choque de João Hanson não era apenas a de alguém que tinha receio de ter feito uma grande besteira.

Era a de alguém que tinha medo de *ser delatado.*

- Meu Criador... ele sabia... ele sabia... - ela disse em choque

e virou-se para Sabino, intimando: - Áxel sabia, não é

verdade? Áxel sabia a verdade...

Sabino pensou e viu que não tinha mais volta.

- Ele não sabia que vocês eram irmãos. Mas, sempre que pode, ele dá aulas de pugilismo para os *voluntários a aprendiz de cavaleiro*.

Maria Hanson ficou zozza. E observou a arena, onde o irmão ainda esperava conde Edmond se recuperar da perda de um olho.

É assim que você pretende ajudar meu irmão? Ajudando-o a entrar em um ringue onde ele pode morrer?

- Mas... mas... como ele pôde não me dizer nesse tempo to...

- e Maria arregalou os olhos mais uma vez e teve de segurar o estômago quando ele pulsou uma tentativa de vômito. - O senhor... o senhor *também* sabia, não é?

- Maria, para um jovem se candidatar a aprendiz de cavaleiro real, é preciso uma *indicação* - ele disse, sério. - *Quem* você acha que poderia ter indicado João Hanson?

Maria teve outra ânsia de vômito.

Ele não vai morrer naquela arena.

- Por que... por que vocês nunca... nunca...

- Existe um *código*, Maria. Um código de honra e de palavra!

Esses meninos se tornam uma família, e todos eles se protegem. Ou por que você acha que pessoas como ele e os gêmeos Darin se protegem o *tempo inteiro*?

E o conde berrou de ira diante da dor que lhe tomava o corpo e avançou babando ódio na direção de João Hanson. O jovem, com seu olhar compenetrado e os cabelos curtos, raspados a navalha, esperou com a guarda proposta.

Como se você pudesse ter certeza disso.

O conde se aproximou e aproximou e aproximou, e João Hanson lançou seu golpe.

Eu tenho.

A lua crescente fez um desenho com o fio da arma de baixo para cima, na direção das vísceras de conde Edmond. A lâmina perfurou a carne com o impacto, e, com o punho de cima invertido como estava, João Hanson *empurrou* ainda mais a espada para a frente, fazendo o gume penetrar cada vez mais fundo. Fezes e sangue foram expostos no momento em que as vísceras e o intestino de Edmond Dantes saltaram violentamente para fora.

E o Conde de Ódio tombou.

João Hanson permaneceu na posição final ainda por algum tempo, para acreditar nela. Acreditar que estava vivo.

Acreditar que havia sobrevivido. E acreditar que havia vencido.

E acreditar que, pela primeira vez, o menino de quinze anos havia matado.

Quando João Hanson se ergueu, o choque da multidão passou, e as quinhentas pessoas presentes começaram a aplaudir e

aplaudir e assobiar, e a gritar o nome dele. O *sobrenome* dele.

Ariane Narin entrou correndo na arena, sem sequer querer saber se isso já seria permitido, e pulou em cima do garoto.

Quando os corpos se afastaram, entre choro e voz trêmula, antes que ele dissesse a frase, ela a disse primeiro.

Eu amo você.

E um cansado João Hanson, enfim, sorriu um sorriso aberto.

Afinal, ele *sempre* soube que aquilo era verdade.

38

Rei Anísio Branford desceu daquele Vishnu apressado e passou entre anões estupefatos na direção do mausoléu de vidro em que se encontrava o corpo da princesa.

- Então era verdade o que me fora mostrado em sono - disse

Rei Anísio ao se aproximar de Mestre Orgulho.

- Agradeça ao Mestre Anão depois de cumprir sua missão.

Os outros seis estavam presentes. Anísio tocou a pele da princesa e sentiu os pelos se arrepiarem.

- Pelo sagrado Criador, o que é isto, Mestre Anão?

- Pele de vidro. Quando chegar ao nariz e à boca, ela irá parar de respirar.

O coração de Anísio acelerou, e ele tocou o rosto dela. O nariz já estava com a mesma característica de toda a crosta que havia tomado a pele. Os lábios começaram a cicatrizar da mesma forma, e Branca Coração-de-Neve estava a alguns minutos da própria morte.

- O que eu posso fazer? Diga-me! - ele bradou em desespero.

Do rosto, nasceram lágrimas do mesmo sentimento. - O que eu posso fazer?

Mestre Orgulho lhe entregou uma faca. Anísio ainda estava um pouco tonto para compreender o *motivo*.

- O que eu... deveria fazer com... isto?

- Se tu possuis a *marca*, então tu sabes o que tem de ser feito.

Aquilo foi como uma imensa fogueira sendo acesa em uma caverna úmida e escura. O coração de Anísio Branford, apesar da angústia, bateu mais leve, porque o Rei de Arzallum entendeu.

Foi o momento em que os Sete Mestres Anões ergueram os braços e canalizaram éter. Momento em que centenas de anões presentes se ajoelharam e rezaram em nome de um Sagrado Criador a milhares de semi-deuses.

E que as lágrimas, que antes eram desespero, se tornaram alívio.

Sabia que as lágrimas de um príncipe são ingredientes poderosos em rituais mágicos?

As gotas caíram da face de Anísio e tocaram o rosto da princesa de neve.

É mesmo, princesa? E lágrimas de Reis?

E tudo, tudo o que pulsava no mundo, e através do mundo, naquele instante pareceu uma força de teor unicamente bom.

Essas são capazes até de purificar um espírito...

O Maior dos Reis pegou a faca e, antes que a pele de vidro tomasse por completo os lábios dela, ele, com extremo cuidado, os marcou com um símbolo em forma de #.

A marca derramou sangue. O Rei o limpou.

E então Anísio Branford inspirou fundo, o mais fundo que pôde, encostou seus lábios nos de Branca Coração-de-Neve e *assoprou* sua força vital.

Diante do mantra de centenas de anões e da força dos Sete Mestres, a temperatura do corpo de Branca Coração-de-Neve aumentou como se ela estivesse com febre. Escutou-se então um baixo estalar. E outro. E outro. E, então, a pele na altura dos pés se rachou. E rachou-se na altura das coxas e do joelho. E na dos braços e dos seios e da garganta e da testa e dos olhos. Pequenas rachaduras começaram a ESTOURAR de forma sequencial, na mesma velocidade do coração de Anísio Branford. E, então, o corpo adormecido tremeu, e tremeu.

E, em um único som, a pele de vidro se PARTIU em milhares de pedaços como se quebrassem um espelho.

A princesa buscou ar de forma profunda, como um afogado emergindo de volta. E, quando ela enfim abriu os olhos, o mundo voltou a ser bom. Quando ela encontrou o rosto de Anísio Branford, o mundo só poderia ser bom. E fantástico.

Nós quebramos nossos espelhos.

Exatamente como nas histórias que gostava de ler. Como nas narrativas que gostava de escutar. Exatamente como nos contos narrados por bardos. Como nos contos fantásticos.

Como nos contos de fada.

39

- Parabéns pela coragem, filho. Um jovem como você tem de ser muito corajoso para fazer o que fez hoje neste círculo - quem disse aquilo para João Hanson foi Lorde Ivanhoé, um dos Heróis Originais da *Caçada de Bruxas* e um dos cavaleiros mais conhecidos e importantes do mundo.

- O senhor Hanson sempre treinou com muito afinco para se tornar um aprendiz de cavaleiro, Lorde Ivanhoé - disse Áxel. - Sabia que foi ele o menino que havia sobrevivido ao macabro caso da Casa de Doces?

- Ora, mas veja só - o magistrado estava realmente surpreso.

- Você é um menino especial, senhor Hanson.

- Fico muito honrado, Lorde. - João *tremia* ao falar com alguém tão eminente quanto aquele herói de guerra.

- Cavaleiro Grimaldi... - o magistrado chamou o cavaleiro que havia sido a grande testemunha do pedido de João por aquele Tribunal.

- Lorde...

- Acaso acredito que conheças a fama que percorre a coragem desse menino, não é verdade?

- Ainda que não a conhecesse, ao longo do dia de hoje não tive como ignorá-la, senhor.

- Pois há tempos venho pensando em adotar um pupilo. Os anos estão avançando, e temo que devo passar para a frente

um pouco da experiência aprendida, para que ela não se perca, compreendes?

João sentiu as pernas ficarem muito mais bambas até mesmo do que antes de começar seu combate mortal.

- Vossa Excelência tem muito a ensinar a todos nós -

respondeu o cavaleiro Rinaldo Grimaldi.

- Pois parece que nosso senhor Hanson já aprendeu tudo o que poderia do básico da escola de aprendiz. Acho que foi até além do básico, afinal, quantos meninos o senhor conhecia, antes dele, que sobreviveram à arapuca de uma bruxa e mataram um espadachim experiente antes dos dezesseis anos?

- Apenas o senhor, Vossa Excelência.

- Bem, eu nunca estive na arapuca de uma bruxa. Mas, como dizia, acho que está na hora de o senhor Hanson avançar uma etapa. Gostaria de ensinar algumas coisas que aprendi como cavaleiro, mas, antes disso, gostaria que ele saísse do treinamento das escolas e aprendesse na prática a rotina de um escudeiro. E gostaria que aceitasses meu pedido para tomar a tutela desse promissor rapaz pelo tempo que eu achar propício, até que ele esteja pronto para alçar voos maiores. O que me diz, cavaleiro?

Ariane abriu a boca e arregalou os olhos, balançando um ombro de João.

- Será uma grande honra, senhor. - E o cavaleiro se virou para o adolescente. - João Hanson, você gostaria de se tornar

meu escudeiro?

- Com toda a certeza, senhor - ele disse com uma voz trêmula.

- Gostaria de adverti-lo, contudo, que a vida de escudeiro não possui metade da pompa do imaginário popular. E que serei um tutor rigoroso. Logo, se realmente quiser seguir em frente, deve ter a consciência de que posso fazer o próximo ano ser o pior ano de sua vida.

- O senhor terá de se esforçar, senhor.

E Rinaldo e Ivanhoé riram alto com o comentário. Por mais que fossem tornar a vida daquele menino um verdadeiro círculo de Aramis durante o treinamento, os dois já haviam gostado muito do espírito guerreiro que habitava naquele adolescente.

- Então está feito - disse Lorde Ivanhoé. - João Hanson se tornará escudeiro de cavaleiro Rinaldo Grimaldi até que eu requisite sua tutela, e sua família receberá ao longo dos meses todos os benefícios que tal condição impõe, incluindo o auxílio em moedas de Rainhas. Aprova tal atitude e condições, príncipe Áxel Terra Branford?

- Com toda a satisfação que ela traz, Lorde Ivanhoé. João Hanson se pôs de joelhos e começou a chorar.

40

Rei Anísio Branford, atendendo a uma solicitação, conversava naquele momento com Mestre Ira e Mestre Orgulho.

- Vossa Majestade se lembra quando, na época em que vestia a pele de homem-sapo, eu vos ofereci minha ajuda?

- Jamais o esquecerei, Mestre Ira.

- E Vossa Majestade se lembra que aceitei um pedido seu de *tolerância forçada* para não tirar a vida do troll cinzento?

Anísio se surpreendeu. *Aquilo* ele havia esquecido. Mas, naquele momento, ao menos voltava a se recordar bem.

- Sim, agora me recordo. E me recordo que o fez porque te prometi um débito pelo resto da vida, que poderia me ser cobrado em teu nome ou no dos outros Mestres Anões, caso um dia necessitasses.

- Pois nós iremos vos cobrar em breve - disse Mestre Ira, com sua expressão de poucos amigos.

Rei Anísio ficou preocupado. Não gostava do tom daquele velho mestre.

E, em breve, iria gostar ainda menos.

41

Áxel estava se preparando para subir em Bóris, o corcel que o havia levado até o local. Naquele momento, Muralha, o troll cinzento, estava lhe dizendo:

- Áxel... eu queria lhe dizer que... eu vou me ausentar. Eu vou fazer uma viagem.

Áxel até desistiu de subir no corcel.

- Ei, está falando do seu *compromisso*?

- Sim.

- E, pelo visto, você não vai me dizer para onde vai...

- É uma viagem pessoal. Tenho de fazê-la sozinho.

Áxel aquiesceu.

- Está certo. Afinal, você nunca tirou férias, não é verdade? E eu não imagino como deva ser uma praia com *belas trolls* de pouca roupa, mas imagino que deva ser uma bela visão para você, não é?

O troll *pareceu* sorrir.

- Sabe, gostaria de agradecer por tudo. Se não fosse por você, ainda seria escravo nas arenas de Metropolitan e julgado por minha aparência pelos humanos. Você me deu liberdade e dignidade. E, se fosse preciso, eu seria capaz de dar minha vida para provar minha gratidão.

- Amigo, eu que tenho de agradecer cada segundo em que a sua amizade me ensinou como posso mudar o mundo. Pois, se

duas raças podem coexistir em amizade sincera, quem pode deter o amor incondicional cantado por Merlim?

- Apesar de ser seu servo, gosto de pensar em você como *amigo*, Áxel.

- Você nunca foi meu servo, Moonwakrston! E sempre foi meu *melhor* amigo.

O troll apertou com todo o cuidado a mão do príncipe, para não lhe esmagar os dedos. E, ainda assim, o aperto de mão foi forte.

- Ok, me dê logo um abraço antes que eu chore! - disse Áxel, sorridente.

E um troll de dois metros e meio de altura abraçou um ser humano que possuía um espírito do seu tamanho.

- Nos veremos em breve - disse Áxel.

- Assim espero merecer. E o troll Muralha se foi.

Aquela seria a última vez que Áxel Branford veria o troll cinzento Moonwakrston ainda vivo.

42

E Ariane Narin agradeceu ao menino-espectro, o espírito mudo, por tê-la ajudado e guiado João Hanson até ela no momento em que ela mais precisou.

- Aquela árvore não é mais minha nem dele, Mudinho. Ela agora é *sua*. Quer dizer, ela também é nossa, claro. Mas ela *também é sua*. Nós estamos dando ela pra você!

O garoto pareceu sorrir e se foi.

Um pinheiro? Que perfeito...

Ainda que na condição daquela magia verde que o prendia a tamanha condição, ainda assim aquela foi uma grande satisfação.

Eles simbolizam a fé e a esperança, além de servirem como metáfora para a Árvore da Vida.

Naquela noite, ele chegou àquela árvore e passou o dedo sobre o tronco no lado oposto de onde se mantinham gravados os nomes de João e Ariane.

Alguns locais a chamam de pino.

O dedo deixou gravado o sobrenome dele naquela árvore.

Geppetto.

43

O príncipe mais uma vez se preparou para subir em Bóris, quando a voz feminina surgiu:

- Áxel...

Era Maria Hanson. Ela possuía uma expressão temerosa. E ele percebeu.

- Maria...

- Áxel, não há mais volta para nós, não é? - ela disse, ao lado dele, com olhos vermelhos.

- Eu... não sei, Maria.

- Sabe, eu não sei se o adoro ou se o odeio por nunca ter me dito sobre meu irmão. Nem sobre...

- Espero que um dia você descubra - ele disse sério. - Mas também espero que você saiba, pelo resto da sua vida, que me tornou um homem consciente de minhas responsabilidades.

Que você me tornou um homem melhor. Que você lutou ao meu lado naquela Arena de Vidro. E que não importa onde eu esteja, ou *com quem* eu esteja, você será para sempre a mulher da minha vida...

Maria Hanson começou a chorar. Áxel a tocou nos ombros, e ela desabou sobre o peito dele. Eles permaneceram abraçados por um tempo longo demais, mas nunca longo o suficiente.

E, então, o último beijo aconteceu.

- Eu gostaria que você o levasse... - Maria retirou o anel que

trazia no dedo, o mesmo que lenhadores davam às suas *almas gêmeas*, e ofereceu a ele. -... para você se lembrar de mim.

Ele fechou a mão dela sem tocar a jóia rústica.

- Então não posso aceitá-lo.

- Não compreendo - ela disse, surpresa.

- Aceitar algo que possa recordá-la, Maria Hanson, seria admitir a possibilidade de que eu poderia esquecê-la...

O coração de Maria não parava de bater, nem o rosto parava de chorar. A mão dele já estava na sela de Bóris, se preparando para subir no corcel.

- Eu teria amado você - ela disse, com rouquidão.

- Eu sei.

E o príncipe saltou sobre o cavalo, e antes que desistisse, por aquela garota, do que tinha de ser feito, ele se foi, sem olhar para trás. Sem poder olhar para trás. No alto, Tuhanny rasgou os céus estelíferos junto com ele, mas, dessa vez, em solidariedade aos sentimentos diversos que batiam no peito daquele príncipe, ela ficou em silêncio.

Fadas não sorriram nem choraram.

Maria Hanson o observava partir apertando o anel de lenhador recusado envolto na mão direita.

Aceitar algo que possa recordá-la, Maria Hanson, seria admitir a possibilidade de que eu poderia esquecê-la.

No alto daquela noite, brilhava a Estrela de Shakespeare.

E João Hanson entrou em casa, acompanhado da irmã e de Ariane Narin.

A mãe soluçou e teve ataques de nervosismo quando o viu.

Vivo. E tudo naquela casa pareceu bem por um momento, mas

ainda não estava. Maria Hanson havia passado por quase

todas as provações do mundo ao longo daquele dia, mas a

última ainda estava por vir. Foi assim, e tendo a consciência

do estava prestes a acontecer, que ela afastou a mãe de João

de perto dele e a levou para junto dos pais de Ariane para que

fosse acalmada e *preparada*.

Maria Hanson entrou primeiro no quarto do pai. Afagou-lhe a

cabeça e chorou suas últimas lágrimas naquela noite.

Prometeu tudo o que ele sempre soube que ela cumpriria, e

prometeu cuidar daquela mãe que sempre olhou por eles.

Lágrimas que faziam o coração ficar frio como o inverno. E a

respiração, difícil como a neve.

Depois dela, foi a vez de Érika Hanson, mais calma, ser

levada até lá. A mulher foi forte e disse ao seu marido:

- Você conseguiu, seu cabeça-dura. Seus filhos estão aqui...

comigo... vivos. E não importa o que aconteça conosco, eles

já sabem andar com suas próprias pernas e escolher os

próprios caminhos. O seu sangue vive neles, e a sua teimosia,

também. E não importa, não importa para onde você vá, o

meu amor me levará até você...

Ela beijou o marido nos lábios e com dificuldades saiu. Do lado de fora, Ariane olhou para Beanshee, que parecia atenta, e afagou o braço do namorado.

E eu disse que o seu pai anda dizendo coisas sem sentido, e tava falando sério, só que o que eu não disse é que uma coisa, dentre todas as maluquices que ele anda dizendo, uma deu pra entender muito bem!

Por último, entrou João Hanson. O homem João Hanson.

Ele ultimamente anda chamando por você!

Ariane Narin o observou entrar no quarto do corredor e percebeu que, no momento em que ele abriu a porta,

Beanshee enfim se levantou e seguiu com ele para o recinto.

Um dia, você vai descobrir quantos sacrifícios são necessários para se manter uma família.

João suspirou e caminhou até o homem deitado.

Sacrifícios que nos cobram preços altos.

Ele estava decidido a fazer aquilo sem derramar uma única lágrima que demonstrasse fraqueza.

Mas não seria tão fácil.

- Sabe, eu já sobrevivi à morte. Mais de uma vez. Já superei bruxas sanguinárias; já enfrentei garotos duas vezes maiores do que eu. E já matei pela primeira vez. Eu... hoje... não sou mais um menino assustado com um mundo desconhecido e diante de um mundo desconhecido. Eu sou um homem que

assume seu papel diante de uma família que precisa dele. Eu sei que nós tivemos divergências sobre muitos assuntos, e sei que observamos a vida de forma diferente. No início, eu achava que você não me amava como eu merecia, mas... as poucas, mas fortes, experiências de vida que tive até agora já foram suficientes para me mostrar que o amor não tem um limite... e que não importa mais se você soube ou não demonstrar seu amor por mim da forma como eu gostaria. Porque, independentemente da intensidade com que você se dedicou a mim, eu sei que você me amou com tudo o que você pôde. Não há experiência, porém... que prepare um filho para um momento como este. Não há; é um fato. Mas de uma coisa, ao menos, tenho certeza: eu sei que você está orgulhoso de mim. Eu sei que você orou escondido... quando ninguém estava olhando... para que eu me tornasse o cavaleiro que sempre sonhei, embora você não demonstrasse a fé nesse sonho. Sei que você foi capaz de cometer erros terríveis ao longo da vida, mas como posso julgar um erro de um homem que vende a própria alma para tentar salvar seus filhos? Sabe... eu sei que a vida foi dura com você... e sei que você apanhou tanto dela que se esqueceu de como era a capacidade de sonhar e de acreditar em um sonho. Mas gostaria que... hoje... você soubesse que eu *sou* o seu sonho. E tudo, tudo o que você um dia sonhou, existe em mim. E existe no meu coração. O sangue dessa família; o *seu* sangue corre nas

minhas veias e, se eu tiver falhado na sua salvação, e se for preciso que eu sirva como escravo para bruxas no seu lugar em Aramis, eu o farei com prazer pelo resto da eternidade.

Porque você foi o meu herói na infância. E será para sempre o meu *único* herói. Cada passo que eu der, eu darei com você.

Cada respiração que eu respirar, eu respirarei com você. E, não importa onde eu esteja, eu jamais vou me esquecer de cada momento em que você existiu em minha vida. Você é o motivo pelo qual eu respiro... e é o motivo pelo qual eu continuo a sonhar. E, não importa o quão difícil seja a estrada que ainda eu venha a trilhar, eu caminharei de cabeça erguida e sem jamais deixar que outros escutem meus lamentos. E, farei a você a promessa de que, se um dia, se em um único maldito dia, o meu castelo de pedras ruir... ainda assim... eu vou me manter em uma base firme! E assim que todo o estrondo tiver terminado, e assim que o vento parar de soprar e a poeira tiver baixado, eu *ainda* vou estar de pé.

João Hanson pegou a mão do pai, e havia muitas lágrimas em seus olhos. Mas não eram lágrimas de fraqueza; pelo contrário. Eram lágrimas que fortaleciam.

Eram lágrimas que aliviavam corações frios como a neve.

Beanshee chorou por um dos lados do rosto, e aquele choro foi diferente para ela.

E, do bolso, o último Hanson retirou o anel que tomara do cordão do conde morto. Um anel de direito. Um anel de

lenhador.

Sacrifícios que não podem ser julgados nem impedidos.

E o anel foi colocado de volta no dedo do pai.

Sacrifícios que nos modificam para sempre.

Uma lágrima escorreu devagar pela lateral de um dos olhos de

Hígor Hanson.

E o fio de prata enfim foi cortado.

Entre choro, resgate e amor, sobravam no ar apenas as últimas

palavras de João Hanson, que ecoaram por aquele recinto

antes que Beanshee o deixasse.

Palavras que ecoavam como mantras. Como sonhos despertos.

Como orações de um Criador. Palavras que terminavam uma

história como estava escrito que teria de ser.

"Obrigado, pai."

Epílogo

45

Foi chegado o dia da guerra.

Esse dia foi marcado, dessa vez, por *duas* estrelas de dois dos melhores semideuses que já existiram, que brilharam mais forte ao anoitecer. Entretanto, a guerra começou durante a tarde, quando ainda havia luz para iluminar o cenário que verteria sangue para ser absorvido pela terra. É assim que funcionam cenários de guerra; como receptáculos de plantas carnívoras que se alimentam da morte de carcaças sem nomes ou identidades.

Robert de Locksley pensava nisso enquanto ia à frente de seu exército de meninos órfãos, os novos *meninos alegres*, a caminho de uma viagem provavelmente sem volta.

Quantas guerras serão necessárias para que tenhamos um pouco de paz?

O lugar era uma clareira aberta, de onde soprava um vento frio capaz de fazer um homem tremer, localizada entre a divisa do Condado de Sherwood e do Reino de Stallia, onde o sol havia derretido um pouco da neve acumulada pelo inverno.

Eles tinham armas nas mãos. Armas cortantes. Armas capazes de trazer a liberdade através da morte violenta. Tanto do homem que as portava quanto do que iria se debater com ele em prol da crença de conceitos que seriam impostos.

O amor só se encontra na liberdade.

Eles caminhavam devagar, e caminhavam sem medo. Como se soubessem que o mundo estava à seu favor, não importasse o que acontecesse. Como se o mundo fosse justo com o homem livre.

Mas a liberdade é um ato interno.

Como se o correto e a verdade caminhassem de mãos dadas com cada um naquele futuro campo de batalha improvisado. Pois o mundo, para eles, mesmo próximo à morte, podia ser bom.

Apenas para o homem que não vive de joelhos.

Ao fundo, surgiu o exército de Stallia. Os arqueiros-espada-chins. O mesmo exército que havia vencido os antigos *merry men* e colocado de joelhos todo um ideal pregado por um homem capaz de incentivar pessoas a morrer por ele.

O povo o considera um libertador, digno de um salvador do mundo.

Um homem capaz de tocar no dedo do Criador.

Você também se vê assim, Robin?

Um homem capaz de coletar espíritos.

Foi assim com essa dúvida que tudo começou.

Robert de Locksley a cada passo se lembrava do *Robin Hood* adolescente. E percebia, ainda em cada passo, toda a diferença que se estabelecia dia após dia entre eles.

Eu represento um sonho.

Até onde um homem poderia ditar os sonhos de uma humanidade, sem tocar no semi-divino?

As pessoas acreditam nesse ideal por minha causa.

Por que, afinal, um ser humano, ou um ser de qualquer outra raça, precisa sempre de um líder para lhe despertar sentimentos que ele próprio faz adormecer dentro de si, implorando, entretanto, por algo ou alguém que os desperte?

Se eu mesma me conformei com meu destino, por que você não pode?

Por que exercitar a vida atrás de uma busca que dê um significado à existência?

Porque nenhum homem pode admitir a vida sem liberdade.

O que falta a uma pessoa para que ela própria tome as rédeas de seu destino, sem necessitar de nada mais do que a crença em si própria, e a crença de todo o melhor que vem de si própria?

E por que tem de ser você?

Até onde o ego humano é capaz de suportar o fardo oriundo do altruísmo mais puro que poderia servir de canal a forças maiores? Como pode uma energia de vibração tão superior ser transmitida através de um instrumento tão bruto e falho quanto um ser humano imperfeito?

Porque tem de ser alguém.

Tudo isso vinha de Robert de Locksley naquele dia, prestes a dar lugar ao anoitecer de duas estrelas. Ao lado dele, seus

capitães o acompanhavam.

Eles amadureceram!

John Pequeno mantinha a mesma expressão fechada de vinte anos antes, mostrando a face que superava a simpatia fora da guerra. Will Scarlet sorria diante da morte como se aquela fosse a última piada; a piada mortal. O ruivo Much Ferreiro trazia a própria marca em sua armadura, e na de cada uma que caminhava no corpo de um homem ali.

Não, eles estão esperando pelas condições necessárias para isso.

Havia Lady Marion, a mulher que mereceria estar em sua vida naquele plano, e em qualquer outro de Mantaquim, se eles merecessem lugar em um Reino De Fadas após a morte. Uma mulher que seria capaz de lutar por ele mais de uma vez.

O fato é que eu não vou perder você de novo.

E morrer por muito mais que isso.

Não de novo.

E havia seus órfãos. Órfãos como cada um dos *merry men* que enlouqueceram nobres tiranos no Condado de Sherwood.

Existem homens mais jovens que você para fazerem o que você quer fazer...

Meninos cujas vidas lhes tiraram muito cedo os pais, como tiraram de Snail Galford e Liriel Gabbiani.

Não, existem homens mais jovens do que eu esperando que eu os lidere no que eles querem fazer.

O exército de Stallia, formado de soldados de menos de trinta anos, observava aquele bando de meninos, crescidos ou não, caminhando em sua direção, e o sentimento de cada arqueiro não era o melhor sentimento do mundo. Não tocava na pureza que rodeia a crença do soldado nem na solidão que habita o coração de um assassino.

Robert deveria ter levado quase mil e trezentas pessoas com ele até aquele último sonho, contando os jovens armados e as pessoas simples que se reuniram à luta. Stallia deveria ter levado uns setescentos soldados e, ainda assim, estava em vantagem porque eram soldados de elite experientes contra jovens em sua primeira guerra. Homens bem treinados, mas que fariam chover flechas e decepariam cabeças com facilidade. Ainda assim, aquela luta poderia se tratar de uma luta justa.

Entretanto, mil e trezentos idealistas inexperientes poderiam conservar esperança e sonhar com a vitória contra setescentos soldados bem treinados.

O problema foi aquele som.

O fato foi que, mesmo quando eles pararam de marchar, ainda se escutou uma marcha no campo de batalha. E era o som dessa marcha que ainda ecoava, mesmo após a parada dos arqueiros de Stallia em posição, que assustava Locksley e seu exército. Porque eles sabiam de *quem* era aquela marcha. E no momento em que eles apareceram no horizonte e exibiram o

estandarte, a liberdade de um homem, se vinha mesmo de uma guerra, pareceu cada vez mais distante. Muito, muito mais distante.

Porque a marcha que não cessava vinha de Minotaurus.

Os jovens observaram o exército de Ferrabrás se aproximando, e *aquilo* sim lhes deu medo. Eram aproximadamente dois mil homens caminhando bem armados e bem protegidos, e caminhando como se fossem uma única massa de força e energia bruta. Um exército capaz de esmagar pelo menos duas vezes o exército que caminhava na direção oposta, e sem esforço.

O exército de Locksley parou e observou temeroso. O exército de Minotaurus marchava pela lateral daquela clareira, de forma a flanquear o agora pequeno exército de Locksley, que, naquele momento, se tornava uma mera tropa perto do que se observava em volta. Todos respiraram fundo e pediram ajuda ao Criador por um milagre semidivino, ou por uma boa passagem em direção à morte.

Minotaurus tocou sua corneta, demonstrando a iminência do ataque.

Os arqueiros de Stallia armaram seus arcos.

Much Ferreiro lembrou-se do que havia dito a Locksley e John Pequeno havia dias, que pareciam a cada segundo distantes demais.

Antes da morte, meu pai havia recebido a visita de Tuck. E

nosso frade está um homem diferente. Um homem santo.

E, então, a primeira surpresa daquele dia.

E, a partir da visita dele, meu pai passou a acreditar que você não morreria naquela prisão.

Os arqueiros de Stallia perderam a orientação quando, a um comando do líder de Sherwood, aproximadamente mil e trezentos jovens largaram suas armas, como se não suportassem mais carregá-las. E o exército de Locksley se desarmou em plena guerra.

Porque ele passou a acreditar em fé.

Os arqueiros interromperam as flechas prontas para o disparo e olharam para seu comandante.

A ordem foi para que eles se armassem novamente.

Passou a acreditar que existe um Criador olhando por nós.

E, então, o segundo ato. Em um surpreendente segundo comando, ruídos metálicos ecoaram e as armaduras de guerra caíram no chão sobre a neve derretida.

Mais uma vez, os arcos foram desarmados. E ninguém soube direito o que fazer. O motivo era evidente e forte o suficiente para arrepiar os pelos do soldado mais frio.

A guerra endurece o coração dos homens.

Debaixo de cada armadura, pintada em cada camisa, havia a bandeira de Stallia no peito de cada um daqueles meninos.

Inclusive no de Robert de Locksley.

A ternura atenua.

E Stallia entendeu que Sherwood não estava ali para a guerra, mas para uma proposta de paz, difícil de ser recusada.

E que, de vez em quando, quando fazemos por merecer, milagres acontecem.

O exército de Minotaurus presente considerou o momento uma afronta. E seus comandantes tinham certeza de que não perderiam Robert de Locksley duas vezes. Não deixariam de impedir tudo o que vinha daquele homem, daquela vez. Não duas vezes. Não mais.

Uma corneta de guerra soou um eco estridente. E diante dos arcos de Stallia que foram abaixados, e não pareciam que iriam novamente se erguer, as bestas de Minotaurus apontaram para o alto.

E dispararam na direção dos meninos de Sherwood.

O mundo naquele dia girou devagar. E o que aconteceu naquele dia se tornou algo tão extraordinário que foi contado por bardos infinitamente a cada nova geração, muitos anos além desta história. Pois o que pulsou no coração daqueles meninos naquele dia não era apenas um misto de fé, coragem e determinação. Aquele era o desespero de meninos sem pátria, implorando por uma que os adotasse. De seres sem espiritualidade, implorando por um Criador que lhes provasse Sua existência.

E que lhes mostrasse que, realmente, tudo por que vale a pena viver existe na vida.

Locksley e seus capitães viam o mundo correndo daquela forma mais lenta. E, nos ouvidos, eles escutavam uma música lírica, poética, tranquila. Talvez a música perfeita para uma pessoa realizar uma boa passagem, se alguém um dia já houver tido a intenção - ou a pretensão - de criar uma música assim. Um som semidivino capaz de fazer o homem acreditar que, vez ou outra, na história da humanidade, algumas falhas podem, sim, ser analisadas e compreendidas.

E, enquanto houver a esperança, até mesmo corrigidas.

Acredita em devas, Robin?

Diante de uma chuva de flechas que subiam prestes a descer em uma parábola fatal, quase mil e trezentas pessoas se colocaram de joelhos, colocando sua vida nas mãos de *algo* maior do que elas. Um Criador; uma união do sonho de milhares de semi-deuses; uma prece de fadas; ou seja lá o que fosse esse algo que desse vida à humanidade. Afinal, fosse o que isso fosse, eles esperaram por ele naquele dia, de forma a dar suas próprias vidas pela prova dessa existência, no maior auto-sacrifício da História *daquela* humanidade.

Acredito em sonhos. Mas nem tanto em milagres.

Quase mil e trezentas pessoas, incluindo Robert de Locksley, se colocaram de joelhos.

Uma única permaneceu de pé.

Liriel Gabbiani estendeu os braços para cima e os cruzou.

Fechou os olhos. E *forçou*, mas dessa vez a dor que vinha na

testa veio de dentro do peito. E o mundo não correu apenas devagar. O mundo correu em outra velocidade, de dentro dela e para dentro dela.

E através dela.

Então é ela o nosso milagre?

Começou como uma onda. E essa onda gerou reflexos. Liriel sentia cada flecha caminhando na direção de uma vida a seus pés, e sentia a responsabilidade que fluía através de si, coordenada pela fé que movia cada batida de vida. As flechas, pouco a pouco, pareciam se tornar *estrelas*. Estrelas que se estressavam e geravam combustões através da implosão de si próprias. Uma energia ia sendo gerada em cadeia e passando de um ponto para outro em uma velocidade e intensidade infinitas. A cada vez que essa intensidade aumentava, ela achava que seu corpo também parecia que iria implodir e, ainda assim, ela forçava.

Mexe.

E *mexia*. Liriel Gabbiani descruzou as mãos acima da cabeça, abrindo os braços e descendo-os até as coxas em um único movimento, e entregando seu destino também a algo maior que só podia ser tocado por sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

E foi assim; foi assim que os embasbacados exércitos de Stallia e Minotaurus viram uma chuva de setas afiadas e em velocidade crescente se desviar de quase mil e trezentos

corações que batiam vivos e batiam forte, como se não
aceitassem ser algozes de suas mortes, e se cravar feito
bandeiras fincadas ao redor dos ajoelhados.

Sem tocar em nenhum.

Por que você quer tanto reviver essa sociedade secreta, negro?

O que você não está me contando?

Tudo parecia acontecer em uma velocidade muito mais lenta
do que a velocidade em que corre o mundo, e o sol se pôs para
eles. Quando cada uma das mais de mil flechas se cravou no
chão, os homens se levantaram e caminharam na direção da
tropa de Stallia. Com um deles à frente.

Porque ele vai depender de nós.

Liriel, sem forças, caiu para trás esgotada, e Snail Galford a
segurou em seus braços como se fosse ela a mulher mais
importante do mundo. E ali permaneceu de pé, sem se
importar com o resto do mundo.

Havia centenas de pessoas caminhando à sua frente, e outras
milhares armadas ao seu redor.

Snail Galford só conseguia ver uma em seus braços.

Os soldados de Stallia guardaram suas armas e, ao comando
de seus superiores, assumiram a posição de descanso, com as
mãos para trás, esperando a aproximação pacífica de seus
inimigos.

Minotaurus ordenou que espadas fossem desembainhadas,
para preparar um ataque dianteiro.

Locksley e seu exército não olharam para eles. Haviam sido testemunhas de um milagre naquele campo de batalha, e esse milagre reverberaria pelo resto da existência, não importava o que acontecesse, ou o que lhes tomassem; inclusive suas vidas.

Entretanto, milagres não têm limites.

E naquele dia, por mais que eles não esperassem mais nada de seu Criador, um segundo milagre aconteceu.

Foi quando se escutou mais uma vez um marchar. Só que dessa vez Minotaurus estava parada. E Stallia já havia se recusado a lutar.

O som da marcha que se instaurava no campo de batalha dessa vez era muito, muito maior e contundente que os anteriores. Mais vibrante. Mais poderoso. Mais semi-divino.

Centenas de jovens descobriram que não estavam prontos para morrer quando começaram a chorar em pleno campo de combate diante da esperança de sobrevivência daquele embate. E de tudo o que corria com essa esperança.

A justificativa era magnífica.

Arzallum havia chegado ao campo de batalha.

Eram aproximadamente cinco mil homens vestindo armaduras de guerra, trazendo o estandarte da espada que se cruzava com um escudo, abaixo de um dragão.

Hoje sou um homem livre, Tuck.

Cinco mil homens capazes de esmagar o exército que

Minotaurus havia achado que seria suficiente naquela noite e ainda esmagar os arqueiros de Stallia. Juntos.

Não, você ainda está preso. Aos seus ideais.

Um exército que *anulava* o exército de Minotaurus naquele campo de batalha.

E como poderia me desprender deles?

Um exército que trazia o Rei de Arzallum e a princesa de Stallia à frente, dispostos a darem a Sherwood a sua liberdade diante do império de Ferrabrás.

Desconstruindo.

E foi assim. Foi assim que Locksley caminhou com seus meninos até a liberdade e, em seus ouvidos, ele ainda escutava aquela música lírica, que tocava no sonho. O sonho que havia nos olhos dele no momento em que se ajoelhou diante do comandante de Stallia, com humildade.

Perceba que Sherwood e Stallia não têm de ser inimigos.

E seus soldados fizeram o mesmo.

Entenda que para libertar Sherwood hoje não é preciso uma revolução.

E os soldados de Stallia fizeram o mesmo.

Basta uma evolução.

"Basta uma evolução!" - ele havia dito. Aquela frase ecoava pela mente de um Robert de Locksley livre, cujas lágrimas nos olhos diante de corações pisando em neve diziam mais do que qualquer poeta poderia expressar.

E sem disparar uma única flecha, e sem matar um único homem, o sonho do menino que roubava dos ricos para dar aos pobres, buscando uma forma de levar justiça ao seu condado, começou a acontecer.

Isso me daria paz interna. Mas não traríamos liberdade a estas terras com isso.

Em si próprio. Em homens ao seu redor. E em cada espírito coletado por ele.

Traríamos, se cada homem seguir o exemplo.

Naquele dia, Minotaurus se retirou do campo de batalha e teve de aceitar a derrota para Arzallum. Uma derrota que ecoaria no coração de cada minotaurino disposto a voltar ao campo de guerra com um exército que fizesse jus a toda a sua força, e à fama dessa força.

Victon Ferrabrás e Helena Bravaria continuaram amantes, e suas mentes raciocinavam planos prestes a iniciar o que viria a ser ainda a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

E, mais uma vez, mudaria o mundo.

Sherwood foi oficialmente considerada livre de qualquer intervenção por parte de Minotaurus ou Tagwood, e o condado se tornado oficialmente território do Reino de Stallia.

O Primeiro-Ministro Charles Daveiz foi destituído do cargo e preso por suspeitas de conspiração.

E, até que Rei Alonso Coração-de-Neve apresentasse condições, Robert de Locksley fora nomeado por *voto popular* o primeiro-ministro daquela nação e comandaria seus passos de acordo com o Parlamento e as decisões de Branca Coração-de-Neve, mantendo Stallia como a primeira nação de Nova Ether a ser comandada por um sistema de *parlamentarismo*. Rei Alonso tomaria parte das reuniões do Parlamento pouco a pouco e acompanharia o destino de sua nação, mas Locksley seria para sempre seu Conselheiro, e seu

maior representante diante de um povo que o amava simplesmente porque ele existia.

John Tuck fora convidado para celebrar o casamento do Rei e da Rainha de direito de Arzallum, e mandou avisar que o aceitaria. Quem lhe fizera o convite fora um *Robin* de Locksley emocionado, que pedia permissão para estar na primeira fila da primeira missa realizada em uma Sherwood que agora possuía uma identidade, e que merecia essa identidade.

E dizem que Rei Alonso, quando viu o vestido que a filha usaria em seu casamento, e quando a viu provando tal vestido, enxergou na herdeira tudo o que de melhor ele lembrava da mãe.

Já Branca Coração-de-Neve se olhou no espelho que refletia a beleza dela. E refletia a beleza de tudo o que vinha dela, e havia apenas sorrisos em seu rosto. Afinal, abaixo de seu lábio havia um pequeno corte com o símbolo de #. Um símbolo que a ligava eternamente a Anísio Branford. Uma marca que estabelecia muito mais em sua vida do que a vitória sobre a morte.

A princesa se tornaria Rainha.

Afinal, havia morrido a menina e nascido a mulher.

E a princesa branca como a neve estava pronta para renascer da pele de vidro e se tornar um símbolo para o mundo, e trazer um símbolo para o mundo. Arzallum já tinha sua

Rainha, mas tanto aquele Reino quanto Stallia já tinham

muito mais do que isso.

E dizem que, quando ela entrou de braços dados com o pai na

Catedral da Sagrada Criação para dar início ao casamento, e

quando o vestido de noiva mais bonito que o mundo já vira

caminhou com ela, esfregando-se pelo carpete como um leal

súdito, todos os presentes se levantaram e começaram a

aplaudir. O detalhe curioso, porém, era que, por mais

deslumbrante que Branca Coração-de-Neve estivesse, e por

mais corações que ela aquecesse ao simplesmente desfilar por

aquele salão, os aplausos retumbantes daquela Catedral não

eram para ela. Ainda que a noite fosse dela, aqueles aplausos

ainda não eram.

Porque *aqueles* aplausos eram para Rei Alonso Coração-de-

Neve.

No altar, Anísio e Áxel Branford, com os pelos arrepiados e os

corações intranquilos, aplaudiam como todos os Reis, ou

representantes de Reis, presentes. Até mesmo frei John Tuck,

ao lado do clérigo responsável da Catedral, Cecil Thamasa,

também quebrou o protocolo e o fez.

Porque aquela cena o merecia.

E, quando a princesa foi passada dos braços do pai para os do

futuro marido, os aplausos não apenas não cessaram como

ainda aumentaram seu tom. Foi o momento em que um frágil

e emotivo Rei Alonso agradeceu as manifestações com gestos

e afundou o rosto entre as mãos.

Os olhos já haviam caminhado vermelhos ao longo de todo aquele corredor em uma cena inesquecível, capaz de provocar risos e aplausos até mesmo nos corações mais frios.

O motivo era tão simples quanto fantástico.

O Rei das Lágrimas de Inverno não parava de chorar.

Existem vários corações batendo dentro do peito de um ser humano.

Corações de éter, de neve, de inverno, de gelo. Corações frios em busca de sentimentos que os aqueçam baseados em sentimentos muito mais fáceis de ser cantados do que realmente sentidos. De manifestações humanas que extrapolam o conceito científico e promovem sensações e entendimentos que aproximam aquele que é criado de seu Criador.

Essas manifestações nascem primeiro da dúvida promovida pela dor e fazem o mundo parecer menor do que é. E fazem também parecer a vida desse tamanho. Entretanto, nenhuma pessoa deveria acreditar que existe um tamanho para a vida, ou um tamanho para o mundo, ou para a energia que move esse mundo.

Pois o homem sobrevive através do trabalho, mas vive através do sonho.

E o sonho nasce de sentimentos que só podem ser despertados

através de uma busca. São sentimentos que nascem de uma resposta para uma dúvida que assola cada criatura oriunda de uma criação. Uma dúvida pela qual alguns homens poderiam morrer.

E muitos outros poderiam viver.

Mas quem seria capaz de morrer, ou viver, por uma pergunta e uma resposta? A resposta: depende da pergunta.

Mas depende muito mais da própria resposta.

Uma resposta de uma dúvida ansiada por mortais e por semi-deuses. Uma resposta procurada por criaturas e por criadores, em diversos locais onde ela não está.

Uma resposta capaz de mudar o mundo.

Quantas guerras serão necessárias para que tenhamos um pouco de paz?

Uma. No fim de todas as contas, será preciso apenas uma. Em longas trincheiras rodeadas por egos humanos.

Dentro de cada um dos nossos mais diferentes corações.